

ARTIMANHAS DE ARSÈNE LUPIN

MAURICE
LEBLANC



↵ns

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ARTIMANHAS DE ARSÈNE LUPIN

MAURICE
LEBLANC



↵ns

SUMÁRIO

Capa

813

Folha de Rosto

Créditos

Primeira parte. A dupla vida de Arsène Lupin

O massacre

1

2

3

4

5

O senhor Lenormand inicia a operação

1

2

O príncipe Sernine em ação

1

2

3

4

5

O senhor Lenormand em ação

1

2

3

O senhor Lenormand é derrotado

1

2

3

Parbury – Ribeira – Altenheim

1

2

3

A sobrecasaca cor de oliva

1

2

Segunda parte. Os três crimes de Arsène Lupin

Santé-Palace

1

2

3

4

Uma página de história moderna

1

2

O grande plano de Lupin

1

2

3

Carlos Magno

1

2

As cartas do imperador

1

2

3

Os sete bandidos

1

2

3

4

O homem de preto

1

2

3

O mapa da Europa

1

2

3

4

A assassina

1

2

3

Epílogo

O suicídio

1

2

Arsène Lupin contra Herlock Sholmès

Folha de Rosto

Créditos
Primeiro episódio. A mulher loira
Capítulo 1: Número 514 – série 23
Capítulo 2: O diamante azul
Capítulo 3: Herlock Sholmès inaugura as hostilidades
Capítulo 4: Alguma luz nas trevas
Capítulo 5: Um rapto
Capítulo 6: A segunda prisão de Arsène Lupin
Segundo episódio. A luminária judaica
Capítulo 1
Capítulo 2
Arsène Lupin: o ladrão de casaca
Folha de Rosto
Créditos
Nota do transcritor
Epígrafe
Prefácio
A prisão de Arsène Lupin
Arsène Lupin na prisão
A fuga de Arsène Lupin
O viajante misterioso
O colar da rainha
O sete de copas
O cofre de Madame Imbert
A pérola negra
Herlock Sholmès chega tarde demais
Os artifícios de Maurice Leblanc
Sobre o autor
Folha de Rosto
Celso Maduro Coelho
Os artifícios de Maurice Leblanc
Na Je Sais Tout
Entre o plágio e a farsa
Ainda na Je Sais Tout
Na imprensa parisiense: Edições Lafitte, Le Journal e outros
Um nome e várias faces
Tradições e rupturas
Referências
Créditos
Créditos

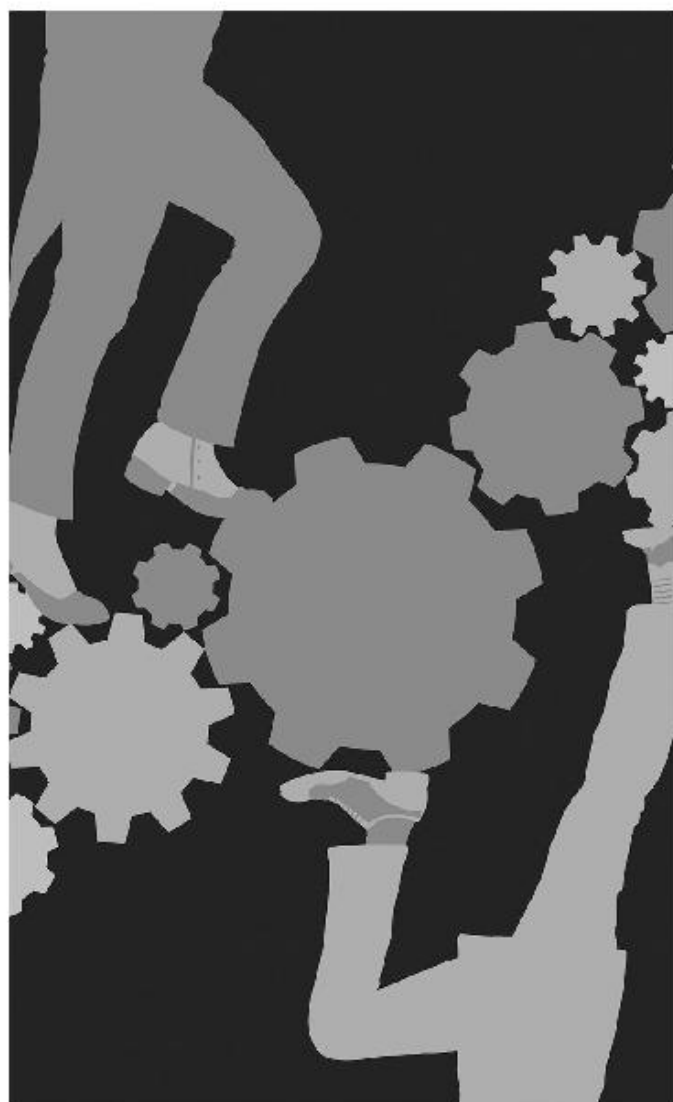
MAURICE
LEBLANC

Arsène Lupin

813

A dupla vida e
Os três crimes de
Arsène Lupin

ns



813
su >

SÃO PAULO, 2021

Maurice
Leblanc

813

813 by Maurice Leblanc

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda.

EDITOR: Luiz Vasconcelos

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Nair Ferraz

TRADUÇÃO: Fernando Paz

PREPARAÇÃO: Equipe Novo Século

REVISÃO: Daniela Georgeto . Ariadne Silva

DIAGRAMAÇÃO: Manu Dourado

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Kash Fire

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Leblanc, Maurice, 1864-1941

813 / Maurice Leblanc; tradução de Fernando Paz. – Barueri, SP: Novo Século Editora, 2021.

Título original: 813

ISBN: 978-65-5561-251-6

1. Ficção francesa I. Título. II. Paz, Fernando

21-1725 CDD 843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção francesa



Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Primeira parte
A DUPLA VIDA DE ARSÈNE
LUPIN

O massacre

O sr. Kesselbach deteve-se na entrada da sala, pegou o secretário pelo braço e murmurou preocupado:

– Chapman, entraram aqui de novo.

– Ora – protestou o secretário –, o senhor mesmo acabou de abrir a porta do vestíbulo, e durante o almoço, no restaurante, a chave não saiu do seu bolso.

– Chapman, entraram aqui de novo – repetiu o sr. Kesselbach. E mostrou uma mala sobre a cornija da lareira. – Aí está a prova. Aquela mala estava fechada. Agora não está.

– O senhor tem certeza de que estava fechada? Além disso, naquela mala não tem nada de valor, só itens de toalete... – Chapman objetou.

– Porque tirei minha carteira antes de sair, por precaução, senão... Não, Chapman, alguém entrou aqui enquanto estávamos almoçando.

Junto à parede, havia um telefone. Ele tirou o fone do gancho.

– Alô! Aqui é o sr. Kesselbach, do apartamento 415. Por favor, senhorita, ligue para a chefatura de polícia, serviço da Sûreté*... precisa do número? Está bem, obrigado... Eu aguardo.

Um minuto depois, volta a falar:

– Alô? Alô? Gostaria de falar com o sr. Lenormand, o chefe da Sûreté. Aqui é o sr. Kesselbach... Alô? Sim, ele sabe do que se trata. Estou ligando com autorização dele... Ah! Ele não está... Com quem estou falando? Com o sr. Gourel, inspetor de polícia... Tenho a impressão de que o senhor estava presente, ontem, quando conversei com o sr. Lenormand... Isso! Aconteceu a mesma coisa hoje. Entraram no meu apartamento. E se vierem aqui agora, quem sabe descobrem alguma coisa, algum indício... daqui a uma ou duas horas? Perfeito. É só perguntar pelo apartamento 415. Mais uma vez, obrigado!

De passagem por Paris, Rudolf Kesselbach, o rei do diamante,

como era conhecido – ou também como o Senhor da Cidade do Cabo – o multimilionário Rudolf Kesselbach (cuja fortuna era estimada em mais de 100 milhões), ocupava há uma semana o apartamento 415, de três cômodos, no quarto andar do Palace-Hôtel. Os dois cômodos maiores – a sala e o quarto principal – ficavam à direita e davam vista para a avenida, e o outro, destinado a Chapman, seu secretário, ficava à esquerda, sobre a rua de Judée.

Ao lado desse quarto, cinco cômodos estavam reservados para a sra. Kesselbach, que deveria sair de Montecarlo, onde estava no momento, para encontrar o marido, ao primeiro sinal deste.

Durante alguns minutos, Rudolf Kesselbach andou de um lado para o outro, com ar preocupado. Era um homem alto, de rosto corado, ainda jovem, a quem olhos sonhadores, de um azul-claro visível por trás dos óculos de ouro, conferiam um aspecto gentil e tímido, que contrastava com a energia da testa quadrada e das mandíbulas proeminentes.

Ele foi até a janela, que estava fechada. Como afinal alguém poderia ter entrado ali? O balcão privativo que rodeava o apartamento terminava à direita. E, à esquerda, uma parede de pedra o separava dos balcões da rua de Judée.

Ele foi ao seu quarto, que não se comunicava com os cômodos vizinhos, e, em seguida, ao quarto de seu secretário: a porta que dava para os cinco cômodos reservados à sra. Kesselbach estava trancada.

– Não entendo, Chapman, não é a primeira vez que vejo coisas por aqui... coisas estranhas, você há de admitir. Ontem, mexeram na minha bengala... Anteontem, com certeza mexeram nos meus papéis... mas, como é possível?

– É impossível – exclamou Chapman, homem tranquilo e bem-educado, que não costumava se perturbar. – O senhor está apenas supondo... não tem nenhuma prova... apenas a impressão... E mais! Só se entra neste apartamento pelo vestíbulo. Ora, o senhor mandou fazer uma chave especial no dia em que chegou, e só o Edwards, seu funcionário, tem uma cópia. Não confia nele?

– Claro que sim! Há dez anos que trabalha comigo... Mas o Edwards almoça no mesmo horário que nós, e isso está errado. De

agora em diante, ele só vai descer depois que tivermos voltado.

Chapman deu de ombros. Definitivamente, o Senhor da Cidade do Cabo andava estranho, com aqueles temores inexplicáveis. Que risco poderiam correr num hotel, se não tinha nadam de valor por perto, nenhuma soma em dinheiro relevante?

Ouviram a porta do vestíbulo se abrir. Era Edwards.

– Você está de libré, Edwards? Ah! Ótimo! Não estou esperando visitas hoje, Edwards, ou antes, sim, uma visita, a do sr. Gourel. Até lá, fique no vestíbulo e vigie a porta. Temos uma empreitada pela frente, o sr. Chapman e eu. – O sr. Kesselbach chamou-o.

A empreitada durou alguns momentos, durante os quais o sr. Kesselbach examinou a correspondência, leu por cima três ou quatro cartas e ditou as respostas necessárias. Mas, de repente, Chapman, que esperava com a caneta suspensa no ar, percebeu que o sr. Kesselbach estava pensando em alguma outra coisa, que não na correspondência. E que segurava entre os dedos um alfinete preto, em forma de anzol, para o qual olhava atentamente.

– Chapman – ele disse –, veja o que encontrei em cima da mesa. É claro que isto significa alguma coisa, este alfinete torto. Isso é um indício, um elemento de prova. E agora você não pode mais alegar que ninguém entrou na minha sala. Porque, oras, esse alfinete não veio parar aqui sozinho.

– Claro que não – respondeu o secretário –, ele veio parar aqui graças a mim.

– Como?

– Sim, era o alfinete que estava prendendo minha gravata no colarinho. Eu o tirei ontem à tarde, enquanto o senhor estava lendo, e, sem perceber, acabei torcendo-o.

O sr. Kesselbach levantou-se muito irritado, deu alguns passos e parou:

– Você deve estar achando graça, Chapman... Tem razão. Não vou negar, tenho andado um pouco... estranho desde que voltei da minha última viagem à Cidade do Cabo. É que, bem... você não sabe das novidades. Tenho um projeto formidável... uma coisa enorme... que ainda não está muito clara, mas que já está tomando forma... e vai ser

um negócio imenso. Ah, Chapman, você nem imagina. Não estou nem aí para o dinheiro, eu tenho... tenho muito... Mas isso, isso é mais, é poder, é força, é autoridade. Se de fato as coisas vierem a acontecer como estou pressentindo, não serei apenas o Senhor da Cidade do Cabo, mas o senhor de outros reinos, também. Rudolf Kesselbach, o filho do caldeireiro de Augsburg, vai estar à altura de muita gente que hoje o olha de cima. Vai estar até mesmo acima deles, Chapman, acima deles, pode ter certeza, e se um dia...

Ele se deteve e olhou para Chapman, como que arrependido por ter falado demais. Mas, levado pelo ímpeto, concluiu:

– Sabe, Chapman, o que está me preocupando... Tenho uma ideia muito valiosa aqui na cabeça, e talvez alguém suspeite disso e esteja me espionando... tenho certeza...

Uma campainha tocou.

– O telefone... – disse Chapman.

– Será que, por acaso, seria... – murmurou o sr. Kesselbach. E pegou o aparelho.

– Alô? Quem gostaria? O coronel?... Ah! Claro, sim, sou eu. Alguma novidade?... Perfeito... Eu aguardo, então... O senhor virá com seus homens? Ótimo... Alô! Não, não incomoda, não... Vou dar as instruções necessárias... É tão grave assim?... Vou dar instruções categóricas... meu secretário e meu funcionário vão vigiar a porta, e ninguém vai entrar. O senhor sabe chegar aqui, não sabe? Então, não perca nem mais um minuto.

Ele desligou o aparelho, e em seguida:

– Chapman, duas pessoas estão a caminho... Isso, duas pessoas. Edwards vai abrir a porta.

– Mas... e o sr. Gourel... o policial...

– Esse vai chegar depois... daqui a uma hora. Mas eles podem se encontrar. Então, diga ao Edwards para avisar agora na recepção do hotel. Não estou para ninguém... só para esses dois senhores, o coronel e o amigo dele, e para o sr. Gourel. Que eles anotem esses nomes.

Chapman cumpriu as ordens. Quando voltou, encontrou o sr. Kesselbach com uma pasta nas mãos, ou antes, com uma pequena

bolsa de marroquim preto, vazia, talvez, a julgar pela aparência. Ele parecia hesitar, como se não soubesse o que fazer com ela. Ia guardá-la no bolso ou colocá-la em outro lugar?

Por fim, aproximou-se da lareira e jogou a bolsa de marroquim dentro da mala.

– Vamos terminar a correspondência, Chapman. Temos dez minutos. Ah! Uma carta da sra. Kesselbach. Por que não me avisou, Chapman? Não reconheceu a letra?

Ele não disfarçava a emoção que sentia ao tocar e contemplar aquele papel que um dia esteve nas mãos de sua mulher, e onde ela depositara parte de seus segredos. Sentiu o perfume e, depois de tirar a carta do envelope, leu lentamente, a meia voz, em fragmentos, que Chapman ouvia:

– *Um pouco cansada, não saio do quarto... estou entediada, quando poderei vê-lo? Seu telegrama será bem recebido...*

– Você enviou o telegrama de manhã, Chapman? Então, a sra. Kesselbach deve chegar amanhã, quarta-feira.

Ele parecia feliz, como que subitamente aliviado do peso dos negócios, e livre de qualquer preocupação. Esfregou as mãos e inspirou fundo, como um homem forte, seguro de seu êxito, um homem satisfeito, que tinha a felicidade nas mãos e capacidade para se defender.

– A campainha, Chapman, tocaram a campainha do vestíbulo. Vá atender.

Mas Edwards entrou e disse:

– Dois homens querem falar com o senhor. São os...

– Eu sei. Eles estão lá, no vestíbulo?

– Sim, senhor.

– Feche a porta de entrada do vestíbulo e só abra para o sr. Gourel, inspetor da Sûreté. Você, Chapman, traga-os aqui e diga que eu gostaria de falar primeiro com o coronel, só com o coronel.

Edwards e Chapman saíram, fechando atrás de si a porta da sala. Rudolf Kesselbach foi até a janela e apoiou a testa contra o vidro.

Lá fora, embaixo dele, coches e automóveis transitavam em linhas paralelas, separados pelo canteiro central. Um sol claro de primavera

fazia reluzir o cobre e o verniz da superfície. O verde das árvores começava a surgir, e dos brotos das castanheiras brotavam pequenas folhas.

– Que diabos o Chapman está fazendo? – murmurou Kesselbach. – Faz tempo que está lá conversando!

Pegou um cigarro sobre a mesa, acendeu e deu umas baforadas. Soltou uma leve exclamação. Ao seu lado, de pé, havia um desconhecido.

Ele recuou.

– Quem é o senhor?

O homem – um sujeito bem-vestido, elegante, de bigode e cabelos pretos, e o olhar duro – zombou:

– Quem sou eu? O coronel...

– Não, não, o homem que chamo de coronel, que me escreve com esse nome... um codinome... não é o senhor.

– Sim, claro... o outro era apenas... mas veja, meu caro, nada disso importa. O essencial é que eu sou... eu. E juro que sou quem eu sou.

– Mas, afinal, qual é o seu nome?

– Coronel... até segunda ordem.

Um medo crescente invadia o sr. Kesselbach. Quem era aquele homem? O que ele queria?

Ele chamou:

– Chapman!

– Que ideia, chamá-lo! Minha companhia não basta?

– Chapman! – repetiu o sr. Kesselbach. – Chapman! Edwards!

– Chapman! Edwards! – disse por sua vez o desconhecido. – O que estão fazendo? Ele está chamando vocês.

– Senhor, por favor. Eu ordeno que me deixe passar.

– Mas, meu caro, quem o está impedindo?

Ele deu passagem, educadamente. O sr. Kesselbach avançou em direção à porta, abriu e subitamente saltou para trás. Diante da porta havia outro homem, de revólver em punho.

Ele balbuciou:

– Edwards... Chap...

Mas não concluiu. Viu, num canto do vestibulo, estendidos lado a lado, amarrados e amordaçados, o secretário e o funcionário.

O sr. Kesselbach, apesar de sua natureza inquieta, impressionável, era corajoso, e o sentimento de um perigo óbvio, em vez de abatê-lo, devolveu-lhe toda a capacidade e energia.

Devagar, simulando medo e torpor, recuou em direção à lareira e apoiou-se na parede. Com o dedo, procurou a campainha. Encontrou e pressionou demoradamente.

– E agora? – disse o desconhecido.

Sem responder, o sr. Kesselbach continuou pressionando.

– E agora? O senhor está esperando que alguém venha, que este hotel fique em alvoroço só porque está apertando esse botão? Meu pobre senhor, vire-se e vai ver que o fio está cortado.

O sr. Kesselbach virou-se rapidamente, como se quisesse verificar, mas com um gesto ágil pegou a mala, enfiou nela a mão, tirou dali um revólver, apontou para o homem e atirou.

– Caramba! – disse ele. – O senhor usa ar e silêncio como munição?

Pela segunda vez, o cão da arma estalou, e uma vez mais. Não se ouviu nenhum disparo.

– Mais três tiros, Majestade. Só vou me dar por satisfeito quando tiver levado seis tiros. Como! Desistiu? Que pena... a coisa estava prometendo.

Ele puxou uma cadeira pelo espaldar, girou-a, sentou-se a cavalo e indicou uma poltrona para o sr. Kesselbach:

– Faça a gentileza de se sentar, meu senhor, e sinta-se em casa. Aceita um cigarro? Eu não. Prefiro um charuto.

Havia uma caixa sobre a mesa. Ele escolheu um Upman claro e bem confeccionado, acendeu e debruçou-se:

– Muito obrigado. Este charuto é maravilhoso. E agora, vamos conversar?

Rudolf Kesselbach ouvia perplexo. Quem era aquele estranho personagem? Mas, ao vê-lo assim tão tranquilo e falante, foi aos poucos ganhando confiança, e já começava a acreditar que a situação poderia se resolver sem violência nem brutalidade. Tirou do bolso

uma carteira, abriu, exibiu um respeitável maço de cédulas e perguntou:

– Quanto?

O outro olhou-o surpreso, como se custasse a compreender. Em seguida, chamou:

– Marco!

O homem com o revólver avançou.

– Marco, este senhor está gentilmente oferecendo uns trocados para a sua mulher. Aceite, Marco.

Apontando com a mão direita o revólver, Marco estendeu a mão esquerda, pegou o dinheiro e se retirou.

– Resolvida a questão conforme o seu desejo – retomou o desconhecido –, vamos à razão da minha visita. Serei breve e objetivo. Quero duas coisas. Primeiro, uma bolsinha de marroquim preto, que em geral o senhor leva consigo. Depois, uma caixa de ébano que, ainda ontem, estava dentro daquela mala. Nessa ordem. A bolsa de marroquim?

– Eu queimei.

O desconhecido franziu o cenho. Deve ter se lembrado dos bons tempos em que havia meios mais persuasivos para fazer falar aqueles que se recusavam.

– Que seja. Já veremos isso. E a caixa de ébano?

– Queimei.

– Ah! – ele grunhiu. – O senhor está zombando de mim, meu caro. E torceu seu braço de um modo implacável.

– Ontem, Rudolf Kesselbach, ontem, o senhor estava no Crédit Lyonnais, no bulevar des Italiens, com um pacote escondido debaixo do sobretudo. E alugou um cofre... Sejam objetivos: o cofre número 16, do vão 9. Depois de assinar e pagar, o senhor desceu até o subsolo e, quando subiu, não estava mais com o pacote. Correto?

– Perfeito.

– Então, a caixa e a bolsa estão no Crédit Lyonnais.

– Não.

– Me dê a chave do cofre.

– Não.

– Marco!

Marco correu.

– Vá em frente, Marco. O nó quadruplo.

Antes mesmo que pudesse se defender, Rudolf Kesselbach foi amarrado de tal modo que as cordas machucavam-lhe o corpo quando tentava se debater. Ficou com os braços imobilizados por trás das costas, o peito encostado na poltrona e as pernas enfaixadas, feito uma múmia.

– Reviste, Marco.

Marco revistou. Dois minutos depois, entregava ao chefe uma pequena chave niquelada, onde estavam escritos os números 16 e 9.

– Ótimo. Nenhuma bolsinha de couro?

– Não, senhor.

– Ela está no cofre. Senhor Kesselbach, me diga por favor o código secreto.

– Não.

– O senhor se recusa?

– Sim.

– Marco?

– Sim?

– Encoste o cano do revólver na cabeça dele.

– Pronto.

– Ponha o dedo no gatilho.

– Pronto.

– Muito bem! Meu caro Kesselbach, resolveu falar?

– Não.

– Você tem dez segundos, nem um a mais. Marco?

– Chefe?

– Daqui a dez segundos, você vai explodir os miolos desse senhor.

– Entendido.

– Kesselbach, vou contar: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Rudolf Kesselbach fez um sinal:

– Vai falar?

– Vou.

– Já era hora. O código, a palavra que abre o cofre?

– *Dolor*.

– *Dolor*... Dor... A sra. Kesselbach não se chama Dolorès? Marco, meu caro, faça o que combinamos. Não vá se enganar, hein? Vou repetir. Você vai se encontrar com Jérôme naquele escritório que você sabe qual é, vai entregar a chave para ele e dizer o código: *Dolor*. Vocês irão juntos ao Crédit Lyonnais. Jérôme vai entrar sozinho, vai assinar o registro de identidade, descer até o subsolo e trazer tudo o que encontrar no cofre. Entendeu?

– Sim, senhor. Mas, e se por acaso o cofre não abrir, se a palavra “*Dolor*”...

– Silêncio, Marco. Ao sair do Crédit Lyonnais, você vai deixar Jérôme, voltar para casa e me ligar, comunicando o resultado da operação. Se por acaso a palavra “*Dolor*” não abrir o cofre, nós teremos, meu amigo Kesselbach e eu, uma última conversinha. Kesselbach, tem certeza de que não se enganou?

– Tenho.

– Assim, evitamos que as buscas deem em nada. E é o que veremos. Vá, Marco.

– E o senhor, chefe?

– Eu fico. Não precisa se preocupar. Nunca estive tão seguro na minha vida. As instruções foram categóricas, certo, Kesselbach?

– Certo.

– Que diabos, você está sendo muito solícito. Será que está tentando ganhar tempo? Nesse caso, eu estaria me encaminhando para uma armadilha, feito um imbecil?

Ele refletiu, olhou para o prisioneiro e concluiu:

– Não, não é possível, acho que não teremos problemas. – Mal havia terminado a frase, quando a campainha do vestíbulo tocou. Bruscamente, cobriu a boca de Rudolf Kesselbach com a mão.

– Ah, sua raposa, você estava esperando alguém!

Os olhos do prisioneiro brilharam de esperança. Ele ria, por baixo da mão que o sufocava. O homem tremeu de raiva.

– Fique quieto, se não o estrangulo. Marco, amordace ele. Depressa... Isso.

Tocaram de novo. Ele gritou como se fosse Rudolf Kesselbach e

Edwards ainda estivesse lá:

– Abra a porta, Edwards.

Depois, foi devagar para o vestíbulo e, em voz baixa, apontando o secretário e o funcionário:

– Marco, me ajude a levá-los até o quarto, onde não poderão ser vistos. – Ele levou o secretário, e Marco, o funcionário. – Isso, agora volte para a sala. – Ele o seguiu, e voltando imediatamente para o vestíbulo, falou alto, como se estivesse surpreso: – Mas seu funcionário não está, sr. Kesselbach... Não, não se incomode... termine a carta. Eu mesmo vou.

E, tranquilamente, abriu a porta de entrada.

– Sr. Kesselbach? – perguntaram.

Ele estava diante de uma espécie de colosso, de rosto largo, alegre e olhos vivos, que balançava de um lado para o outro, torcendo nas mãos a aba de um chapéu. Respondeu:

– Sim, senhor, é aqui. A quem devo anunciar?

– O sr. Kesselbach me ligou... ele está me esperando...

– Ah! É o senhor. Vou avisá-lo... Importa-se de esperar um minuto?... O sr. Kesselbach vai atendê-lo.

Ele teve a ousadia de deixar o visitante na porta do vestíbulo, de onde poderia ver, pela porta aberta, uma parte da sala. Lentamente, sem se voltar, ele entrou, reuniu-se ao cúmplice, ao lado do sr. Kesselbach, e disse:

– Estamos perdidos. É Gourel, da Sûreté...

O outro desembainhou o punhal. Ele o agarrou pelo braço:

– Não faça bobagens! Tive uma ideia. Mas, pelo amor de Deus, veja se me entende, Marco, e fale quando for sua vez... *Fale como se fosse Kesselbach...* Ouviu, Marco, você é Kesselbach.

Ele falou com tanto sangue-frio e autoridade que Marco entendeu, sem mais explicações, que deveria fazer o papel de Kesselbach, e falou de modo a ser ouvido:

– Me perdoe, meu caro. Diga ao sr. Gourel que lamento, mas estou muitíssimo ocupado... Eu o receberei amanhã às nove. Isso, às nove em ponto.

– Isso – sussurrou o outro –, não saia daqui.

Voltou para o vestibulo, onde Gourel estava esperando. E disse:

– O sr. Kesselbach pede desculpas. Está terminando um trabalho importante. O senhor pode voltar amanhã de manhã, às nove?

Houve um silêncio. Gourel parecia surpreso e vagamente inquieto. No fundo do bolso, apertou os punhos. Um gesto em falso, e ele atacaria.

Por fim, Gourel disse:

– Tudo bem. Até amanhã às nove, mas... bom! Sim, às nove, estarei aqui.

E, vestindo o seu chapéu, afastou-se pelo corredor do hotel.

Marco, na sala, deu uma gargalhada.

– Muito bom, chefe. Ah, enganou ele direitinho!

– Depressa, Marco, vá atrás dele. Se ele sair do hotel, deixe-o e procure o Jérôme, conforme combinamos... e me ligue.

Marco saiu rapidamente.

Então, o homem pegou uma jarra sobre a cornija da lareira, encheu um copo com água, que tomou de uma só vez, umedeceu um lenço, passou na testa coberta de suor, depois sentou-se ao lado do prisioneiro e disse, afetando gentileza:

– É uma honra conhecê-lo, senhor Kesselbach, permita-me que me apresente. – E, tirando um cartão do bolso, disse: – Arsène Lupin, o ladrão de casaca.

— 2 —

O nome do célebre aventureiro pareceu causar uma ótima impressão no sr. Kesselbach. Lupin não deixou de notar e exclamou:

– Ah! Ah! Meu caro, agora o senhor voltou a respirar! Arsène Lupin é um ladrão refinado, avesso a sangue, e jamais cometeu outro crime além de apropriar-se dos bens dos outros, um pecadilho! E o senhor deve estar pensando que ele não vai acrescentar um peso à sua consciência com um assassinato inútil. Concordo... Mas seria esse um crime inútil? Aí é que está. Neste momento, juro que não estou brincando. Vamos, meu caro.

Ele aproximou a cadeira da poltrona, afrouxou a mordaça do prisioneiro e foi claro:

– Kesselbach, no dia em que chegou a Paris, você entrou em contato com Barbareux, diretor de uma agência de informações confidenciais, e, como estava agindo sem o conhecimento de seu secretário Chapman, o senhor Barbareux, quando se comunicava com você, por carta ou telefone, usava o codinome “coronel”. Adianto-lhe que Barbareux é o homem mais honesto do mundo. Mas, por sorte, um de seus funcionários é também um dos meus melhores amigos. E foi assim que fiquei conhecendo o motivo do seu contato com Barbareux, foi assim que vim a me ocupar de você e que, graças a uma chave mestra, vim fazer-lhe algumas visitas durante as quais, infelizmente, não encontrei o que queria.

Ele baixou a voz e, olhando nos olhos do prisioneiro, procurando em seu olhar algum pensamento secreto, disse:

– Meu caro Kesselbach, você encarregou Barbareux de encontrar, no submundo de Paris, um homem que atende ou atendia pelo nome de Pierre Leduc, e de quem faço agora uma breve descrição: um metro e setenta e cinco de altura, loiro e usa bigode. Sinais particulares: depois de ferir-se, teve que amputar a ponta do dedinho da mão esquerda. Além disso, tem uma cicatriz quase imperceptível do lado

direito do rosto. Parece que é muito importante para você localizar esse sujeito, como se disso pudesse auferir vantagens consideráveis. Quem é esse homem?

– Não sei.

A resposta foi categórica, absoluta. Ele sabia ou não? Não importa. O essencial é que estava decidido a não falar.

– Que seja – disse o adversário –, mas você tem informações mais detalhadas sobre ele do que aquelas que forneceu a Barbareux?

– Nenhuma.

– Mentira, Kesselbach. Duas vezes, na frente de Barbareux, você consultou papéis que estavam dentro daquela bolsinha de marroquim.

– Verdade.

– E essa bolsa?

– Queimei.

Lupin estremeceu de raiva. Visivelmente, a ideia da tortura e das facilidades que ela oferecia atravessou-lhe de novo o cérebro.

– Queimou? Mas a caixa... você admite... admite que está no Crédit Lyonnais?

– Está.

– O que tem nela?

– Os duzentos diamantes mais bonitos da minha coleção particular.

A afirmação pareceu agradar ao aventureiro.

– Ah! Ah! Os duzentos diamantes mais bonitos! Mas, isso vale uma fortuna... Hum, você está sorrindo... Para você, é uma bagatela. E seu segredo vale mais do que isso... Para você, sim, mas e para mim?

Ele pegou um charuto, acendeu um fósforo que deixou apagar maquinalmente e ficou algum tempo imóvel, pensativo.

Os minutos transcorriam.

Ele começou a rir.

– Você está esperando que minha busca dê em nada e que não consigam abrir o cofre? É possível, meu caro. Mas, nesse caso, vai ter que pagar pelo inconveniente. Não vim aqui para ver a sua cara na poltrona. Os diamantes, uma vez que estão lá... ou a bolsa de

marroquim. Eis o dilema...

Ele consultou o relógio.

– Meia hora... Puxa!... O destino está de má vontade... Mas não ria, senhor Kesselbach. Dou minha palavra, não volto de mãos vazias... Até que enfim!

Era o telefone tocando. Lupin tirou-o rapidamente do gancho e, alterando o timbre da voz, imitou o tom seco de seu prisioneiro:

– Sim, sou eu, Rudolf Kesselbach... Ah! Está bem, senhorita, pode completar... É você, Marco?... Perfeito. Foi tudo bem?... Ótimo. Nenhum contratempo?... Parabéns, rapaz... Então, o que temos? A caixa de ébano... Só isso? Nenhum documento?... Ora, ora! E, na caixa?... São bonitos, os diamantes?... Perfeito, perfeito. Um minuto, Marco, enquanto penso... Temos isso, vamos lá... Se eu disser a você o que estou pensando... Espere, não saia daí. Não desligue...

Voltou-se:

– Meu caro Kesselbach, você faz questão dos diamantes?

– Faça.

– Quer comprá-los de mim?

– Talvez.

– Por quanto? Quinhentos mil?

– Quinhentos mil... sim...

– Só que, eis a questão... Como faríamos o pagamento? Em cheque? Não, você me enganaria... ou eu o enganaria. Ouça, depois de amanhã, de manhã, vá até o Lyonnais, pegue as quinhentas cédulas e vá passear no Bois de Boulogne, perto de Auteuil. Eu estarei com os diamantes... numa sacola, é mais cômodo... a caixa chama muita atenção...

– Não... não... a caixa... quero tudo...

– Ah! – disse Lupin, com uma bela risada. – Você caiu na minha cilada... Você não se importa com os diamantes, isso se repõe... mas com a caixa, que quer como a seus próprios olhos... Muito bem! Você terá sua caixa, palavra de Arsène Lupin... Você a terá, amanhã de manhã, pelo correio!

Ele voltou ao telefone.

– Marco, você está aí com a caixa? Ela tem algo de particular?...

É de ébano, incrustada de marfim... Sim, eu sei como é... estilo japonês, do bairro de Saint-Antoine. Tem alguma marca nela? Ah! Uma etiquetazinha redonda, de borda azul, com um número... sei, uma marca comercial... não, não importa. E o fundo da caixa, é grosso?... Puxa! Nada de fundo falso, então... Olha, Marco, examine bem os engastes de marfim na parte superior... não, isso, na tampa.

Ele exultou de alegria.

– A tampa! É isso, Marco! – Kesselbach piscou um olho. – Estamos quentes!... Ah! Meu velho Kesselbach, você não viu que eu o estava espiando. Coisa de principiante!

E, voltando a falar com Marco:

– Muito bem! Onde estamos? Um vidro no interior da tampa?... Ele abre? Tem alguma ranhura?... Não, muito bem! Quebre... Isso, pode quebrar. Esse vidro não tem nenhuma razão para estar aí... Ele foi posto aí.

E, impaciente:

– Imbecil, não se meta naquilo que não lhe diz respeito. Obedeça... – Ele deve ter ouvido o barulho que Marco fez ao quebrar o vidro, do outro lado da linha, pois gritou, triunfante:

– O que eu estava dizendo, senhor Kesselbach, que a caçada seria boa?... Alô? Conseguiu? E então? Ah, sim?... Uma carta? Vitória! Todos os diamantes do Cabo, mais os segredos deste homem!

Ele tirou o outro fone do gancho, aproximou-o do ouvido e continuou:

– Leia, Marco, leia bem devagar... Primeiro, o envelope... Isso... Agora, repita.

Ele mesmo repetiu:

– *Cópia da carta que estava na bolsa de marroquim.* E depois? Rasgue o envelope, Marco. Me permite, sr. Kesselbach? Sei que não é muito correto, mas enfim... Vá em frente, Marco, o sr. Kesselbach autoriza. Pronto? Muito bem! Leia.

Ele ouviu, e em seguida riu:

– Caramba! Não é assim tão óbvio. Vamos lá, vou resumir. Uma simples folha de papel dobrada em quatro e com as dobras ainda recentes... Sim... No alto e à direita da página, as palavras: *um metro e*

setenta e cinco, dedinho amputado etc. Sim, é a descrição do senhor Pierre Leduc. A letra é do Kesselbach, não é?... Sei... E, no meio da página, a seguinte palavra, impressa em letras maiúsculas:

“APOO”

– Marco, meu caro, esqueça esse papel, não toque na caixa nem nos diamantes. Daqui a dez minutos eu terei terminado com este bom homem. Encontro você em vinte minutos... Ah, a propósito, você providenciou o carro? Perfeito. Até logo.

Ele pôs o fone no gancho, foi até o vestíbulo, depois até o quarto, certificou-se de que o secretário e o funcionário não tinham se soltado, mas que a mordaça não os estava sufocando, e voltou ao seu prisioneiro.

Tinha um ar resoluto, implacável.

– Acabou a brincadeira, Kesselbach. Se não falar, pior para você. Resolveu?

– O quê?

– Chega de graça. Diga o que sabe.

– Não sei de nada.

– Mentira. O que significa essa palavra, Apoo?

– Se eu soubesse, não teria escrito.

– Pode ser, mas a quem, a que ela se refere? De onde você copiou isso? De onde ela vem?

O sr. Kesselbach não respondeu. Lupin retomou, mais nervoso, com a voz entrecortada:

– Ouça, Kesselbach, vou fazer uma proposta. Não importa quão rico e poderoso você seja, não há muita diferença entre nós dois. O filho de um caldeireiro de Augsbourg e Arsène Lupin, o príncipe dos ladrões, podem entrar num acordo sem que isso represente vergonha para ninguém. Eu roubo nas casas e você, na Bolsa. É a mesma coisa. Então, vamos lá, Kesselbach. Vamos fazer uma parceria neste negócio. Eu preciso de você porque ignoro algumas coisas. Você precisa de mim porque, sozinho, não vai conseguir sair dessa. Barbareux é um tolo. Eu sou Lupin. Fechado?

Silêncio. Lupin insistiu, com voz trêmula:

– Responda, Kesselbach, fechado? Se sim, em quarenta e oito

horas, encontro Pierre Leduc para você. Por que a questão é ele, certo? É esse, o negócio? Responda! Quem é esse sujeito? Por que está atrás dele? O que você sabe sobre ele? Quero saber.

Subitamente mais calmo, pôs as mãos no ombro do alemão e, num tom seco, disse:

– Uma palavra, apenas. Sim ou não?

– Não.

Ele tirou do bolsinho de Kesselbach um magnífico relógio de ouro, que pôs no joelho do prisioneiro.

Desabotoou o colete de Kesselbach, abriu a camisa, revelando o peito e, pegando um punhal de aço com cabo incrustado de ouro que estava ali perto, em cima da mesa, encostou a ponta onde as batidas do coração faziam palpitar a carne nua.

– Última chance?

– Não.

– Sr. Kesselbach, são oito para as três. Se daqui a oito minutos você não tiver respondido às minhas perguntas, será um homem morto.

Na manhã do dia seguinte, exatamente no horário combinado, o inspetor Gourel apresentou-se no Palace-Hôtel. Sem parar, e dispensando o elevador, subiu as escadas. No quarto andar, virou à direita, seguiu pelo corredor e tocou a campainha do 415.

Como não ouviu nenhum barulho, repetiu o gesto. Depois de meia dúzia de tentativas frustradas, dirigiu-se para o escritório da administração, naquele andar. Ali havia um funcionário.

– O sr. Kesselbach, por gentileza? Já toquei umas dez vezes.

– O sr. Kesselbach não dormiu aqui. Desde ontem à tarde que não o vemos.

– Mas e o funcionário dele, e o secretário?

– Não vimos também.

– Então, eles também não dormiram no hotel?

– Talvez, não.

– Talvez! O senhor deveria saber disso.

– Por quê? O sr. Kesselbach não está hospedado no hotel, mas num aposento particular. O serviço dele não é feito por nós, mas pelo seu funcionário, e não sabemos de nada que se passa em seu apartamento.

– De fato... estou vendo...

Gourel parecia muito confuso. Viera com ordens expressas, numa missão objetiva, nos limites da qual conseguia exercer suas funções. Fora desses limites, não sabia muito bem como agir.

– Se o chefe estivesse aqui – murmurou. – Se o chefe estivesse aqui...

Apresentou seu cartão e suas credenciais. Depois, perguntou casualmente:

– Então, o senhor não os viu voltarem?

– Não.

– Mas viu quando saíram?

– Também não.

– Nesse caso, como sabe que saíram?

– Por um senhor que, à tarde, foi ao 415.

– Um senhor de bigodes pretos?

– Sim. Eu o vi sair por volta das três. Ele me disse: “Os hóspedes do 415 acabaram de sair. O sr. Kesselbach vai dormir hoje à noite no Réservoirs, em Versalhes, onde vocês podem encaminhar a correspondência dele”.

– Mas quem era esse sujeito? Ele falava em nome de quem?

– Não sei.

Gourel estava preocupado. Tudo aquilo parecia muito esquisito.

– O senhor tem a chave?

– Não. O sr. Kesselbach mandou fazer uma chave especial.

– Vamos ver.

Gourel tocou de novo, furioso. Nada. Estava prestes a partir quando, de repente, abaixou-se e colou o ouvido ao buraco da fechadura.

– Ouça... parece... É, isso mesmo... queixas... gemidos...

Ele bateu forte na porta.

– O senhor não tem o direito...

– Não tenho o direito!

E bateu diversas vezes, mas tão sem resultado que desistiu.

– Depressa, depressa, um chaveiro.

Um rapaz que trabalhava no hotel afastou-se correndo. Gourel andava de um lado para o outro, perturbado e indeciso. Os funcionários dos outros andares reuniam-se em grupos. Veio gente da administração, da direção. Gourel exclamou:

– Mas por que não entramos pelos quartos que ficam ao lado? Eles se comunicam com o apartamento?

– Sim, mas as portas estão sempre trancadas, dos dois lados.

– Então, vou ligar para a Sûreté – disse Gourel, para quem era evidente que apenas seu chefe poderia tirá-los daquela situação.

– E para o comissariado – alguém comentou.

– Se quiser – respondeu, num tom de quem pouco se interessava por aquela formalidade.

Quando voltou da ligação, o chaveiro estava terminando de experimentar as chaves. A última fez a fechadura abrir. Gourel entrou rapidamente.

Correu direto para o lugar de onde vinham as queixas e deu com os corpos do secretário Chapman e de Edwards, o funcionário. Chapman, com muita dificuldade, conseguira afrouxar a mordaca e estava emitindo uns gemidos surdos. O outro parecia estar dormindo.

Soltaram os dois. Gourel estava preocupado.

– E o sr. Kesselbach?

Foi até a sala. O sr. Kesselbach estava sentado, amarrado no espaldar da poltrona, perto da mesa. A cabeça estava inclinada sobre o peito.

– Desmaiou – disse Gourel, aproximando-se. – Deve ter feito tanto esforço, que ficou exausto.

Rapidamente, cortou as cordas que lhe amarravam as costas. Feito um bloco, ele caiu para a frente. Gourel amparou-o com o braço e recuou com um grito de terror:

– Ele está morto! Olhem... as mãos estão geladas, vejam os olhos! Alguém arriscou:

– Um derrame, talvez, ou um aneurisma.

– De fato, não parece haver ferimento, foi uma morte natural.

Estenderam o cadáver sobre o sofá e o despiram. Mas imediatamente surgiram manchas vermelhas na camisa branca, e, assim que a abriram, viram que havia uma pequena ferida no peito, bem no lugar do coração, de onde escorria um filete de sangue.

Sobre a camisa, havia um cartão preso por um alfinete.

Gourel agachou-se. Era o cartão de Arsène Lupin, também coberto de sangue.

Ele então endireitou-se e disse, em tom firme e autoritário:

– Um crime! Arsène Lupin! Saiam... saiam todos... Não quero ninguém nesta sala, nem no quarto. Vamos levar esses senhores daqui e cuidar deles em outro cômodo! Saiam todos... e não toquem em nada... O chefe logo estará aqui!

Arsène Lupin!

Gourel repetia essas palavras fatídicas com uma expressão de terror. Elas ressoavam como um dobre fúnebre. Arsène Lupin! O rei dos bandidos! O aventureiro supremo! Seria possível?

– Não, não – ele murmurava –, não é possível, *pois ele está morto!*

Mas, então, estaria ele mesmo morto?

Arsène Lupin!

De pé, ao lado do cadáver, feito um tolo, desconcertado, ele virava e revirava o cartão com certo temor, como se tivesse sido provocado por um fantasma. Arsène Lupin! O que ele iria fazer? Agir?

Encarar aquela batalha com seus próprios recursos? Não, era melhor não fazer nada... Os erros seriam inevitáveis, se decidisse bancar o desafio com um adversário tal. Além do mais, o chefe não estava a caminho? *O chefe está a caminho!* Toda a psicologia de Gourel resumia-se nessa breve frase. Hábil e perseverante, corajoso e experiente, de uma força hercúlea, era daqueles que só avançavam quando requisitados, e só faziam um bom trabalho quando comandados.

E como sua falta de iniciativa se agravou, desde que o Sr. Lenormand substituíra o sr. Dudouis no serviço da Sûreté! O sr. Lenormand, sim, era um chefe! Com ele, sentia que estava no caminho certo! Tanto era, que Gourel estacava sempre que faltava um empurrãozinho do chefe.

Mas o chefe estava a caminho! Olhando o relógio, Gourel calculava a hora exata de sua chegada. Torcia para que o comissário de polícia não chegasse antes, para que o juiz de instrução, já designado talvez, ou o médico legista não tirassem conclusões inoportunas antes que o chefe tivesse tempo de fixar em seu espírito os pontos fundamentais do caso!

– Então, Gourel, sonhando com o quê?

– O chefe!

O sr. Lenormand era um homem ainda jovem, se levássemos em conta a expressão do rosto e o olhar reluzente por trás dos óculos; mas era quase um velho quando se notavam as costas arqueadas, a pele seca como cera de vela, a barba e os cabelos grisalhos, e seu ar abatido, hesitante, doentio.

Passara uma vida penosa nas colônias, como comissário do governo, nos postos mais perigosos. Lá, contraiu febre, adquiriu uma energia indomável, apesar da fragilidade física, e o costume de viver sozinho, de falar pouco e agir em silêncio. Desenvolveu uma certa misantropia e, de repente, por volta dos cinquenta anos, logo após o famoso caso dos três espanhóis de Biskra, ganhou uma grande e justa notoriedade. Reparavam-lhe assim a injustiça, e imediatamente era nomeado para Bordeaux, em seguida subchefe em Paris e, depois da morte do sr. Dudouis, chefe da Sûreté. Em cada um desses postos, tinha dado provas de imaginação nos procedimentos, e de tais recursos, de qualidades inéditas e tão originais, e sobretudo tinha alcançado resultados tão objetivos na condução dos quatro ou cinco últimos escândalos, que a opinião pública ficou fascinada e agora o comparava com os mais ilustres policiais. Gourel não hesitou. Favorito do chefe, que o estimava pela candura e obediência, ele punha o sr. Lenormand acima de todos. Era seu ídolo, o deus que não erra.

O sr. Lenormand, nesse dia, parecia particularmente cansado. Sentou-se debilitado, afastou as laterais da sobrecasaca, uma velha sobrecasaca célebre pelo corte ultrapassado e pela cor de oliva, afrouxou o lenço do pescoço, um lenço marrom igualmente conhecido, e murmurou:

– Fale.

Gourel contou tudo o que tinha visto e sabia, e o fez de modo breve, conforme o hábito que o chefe lhe impusera.

Mas, quando mostrou o cartão de Lupin, o sr. Lenormand estremeceu.

– Lupin! – exclamou.

– Sim, Lupin, ei-lo que retorna das águas, esse animal.

– Melhor assim – disse o sr. Lenormand, depois de um instante de

reflexão.

– Claro, melhor assim – repetiu Gourel, que gostava de comentar as raras palavras de um superior de quem reprovava apenas a reserva.
– Melhor assim, pois o senhor finalmente vai medir forças com um adversário à altura... e Lupin vai encontrar seu mestre... vai deixar de existir... Lupin...

– Busque – disse o sr. Lenormand, interrompendo-o.

Foi como a ordem de um caçador a seu cão. E, de fato, feito um bom cão, vivo, inteligente, curioso, Gourel vasculhou sob o olhar do mestre. Com a ponta da bengala, o sr. Lenormand apontava um canto, uma poltrona, como quem indica um arbusto ou uma moita, com minucioso escrúpulo.

– Nada – concluiu o inspetor.

– Nada para você – grunhiu o sr. Lenormand.

– Foi o que eu quis dizer... Sei que, para o senhor, as coisas falam como se fossem pessoas, verdadeiras testemunhas. Seja como for, temos aqui um crime que podemos seguramente atribuir a Lupin.

– O primeiro – observou o sr. Lenormand.

– O primeiro, sim... Mas era inevitável. Não dá para levar uma vida assim sem que, um dia ou outro, as circunstâncias obriguem a cometer um crime. O sr. Kesselbach deve ter resistido...

– Não, pois estava amarrado.

– Verdade – reconheceu desconcertado Gourel –, e é muito curioso... Por que matar um adversário que já está dominado?... Se eu o tivesse detido ontem, quando nos vimos frente a frente, na entrada do vestíbulo...

O sr. Lenormand foi até o balcão. Depois, passou para o quarto do sr. Kesselbach, à direita, e verificou se as janelas e portas estavam fechadas.

– As janelas desses dois cômodos estavam fechadas quando entrei – afirmou Gourel.

– Fechadas ou encostadas?

– Ninguém tocou em nada. Elas estão fechadas, chefe...

Um ruído de vozes levou-os até a sala. Lá, encontraram o médico legista examinando o cadáver, e o sr. Formerie, o juiz de instrução.

O sr. Formerie exclamou:

– Arsène Lupin! Finalmente, ainda bem que um feliz acaso me pôs diante desse bandido! O sujeito vai ver com quantos paus se faz uma canoa!... E, dessa vez, trata-se de um assassinato!... Agora é comigo, senhor Lupin!

O sr. Formerie não tinha esquecido a estranha aventura do diadema da princesa de Lamballe, e o modo admirável como Lupin tinha escapado, alguns anos antes. O incidente ficou famoso nos anais do Palácio. Ainda se ria disso, e o sr. Formerie guardava um justo sentimento de rancor e o desejo de uma estrondosa vingança.

– O crime está claro – proclamou com grande convicção –, o motivo será fácil de descobrir. Vamos, está tudo indo bem... Sr. Lenormand, muito prazer... É uma honra...

O sr. Formerie não se sentia absolutamente honrado. A presença do sr. Lenormand, aliás, pouco lhe agradava, uma vez que o chefe da Sûreté não disfarçava muito bem o desprezo que sentia por ele. No entanto, recompôs-se e disse de modo solene:

– Então, doutor, o senhor estima que a morte tenha ocorrido há umas doze horas, mais ou menos, talvez mais?... É o que suponho... estamos perfeitamente de acordo... E a arma do crime?

– Um punhal de lâmina muito fina, senhor juiz – respondeu o médico. – Veja, limparam a lâmina com o próprio lenço do morto...

– É verdade... é verdade... é visível... E agora, vamos interrogar o secretário e o funcionário do sr. Kesselbach. Não tenho a menor dúvida de que irão lançar alguma luz sobre o caso.

Chapman, que tinha sido levado para seu próprio quarto, à esquerda da sala, assim como Edwards, já tinha se recuperado das provas. Ele expôs minuciosamente os acontecimentos da véspera, a preocupação do sr. Kesselbach, a visita anunciada do autoproclamado coronel e, por último, descreveu a agressão da qual tinham sido vítimas.

– Ah! Ah! – exclamou o sr. Formerie. – Temos um cúmplice! E vocês ouviram o nome dele... Marco, vocês disseram... Isso é muito importante. Quando pegarmos o cúmplice, a solução do caso estará bem adiantada...

- Sim, mas não pagamos – arriscou o sr. Lenormand.
- Veremos... cada coisa a seu tempo. Então, senhor Chapman, esse Marco saiu logo depois que o sr. Gourel tocou a campainha?
- Sim, nós o ouvimos sair.
- E depois que ele saiu, vocês não ouviram mais nada?
- Ouvíamos... de vez em quando, mas vagamente... a porta estava fechada.
- Que espécie de ruído?
- De vozes. O sujeito...
- Chame-o pelo nome, Arsène Lupin.
- Arsène Lupin deve ter feito uma ligação.
- Perfeito! Vamos interrogar o encarregado do serviço de comunicações do hotel com a cidade. E depois, vocês o ouviram sair também?
- Ele viu que ainda estávamos bem amarrados e, uns quinze minutos depois, saiu e fechou a porta do vestíbulo.
- Certo, logo depois de cometer o crime. Perfeito... Perfeito... Tudo se encaixa... E depois?...
- Depois, não ouvimos mais nada. A noite passou, o cansaço me fez cochilar... O Edwards também... e foi só hoje de manhã que...
- Sim, eu sei... Hum, a coisa está indo bem... tudo se encaixa...
- E, frisando as etapas do inquérito, num tom de quem assinala vitórias sobre o desconhecido, murmurou, pensativo:
 - O cúmplice... o telefonema... a hora do crime... os ruídos... bom... muito bom... Agora, é só descobrir o motivo do crime. Neste caso, como se trata de Lupin, o motivo é claro. Sr. Lenormand, o senhor notou algum indício de arrombamento?
 - Nenhum.
 - Então, o alvo do roubo deve ter sido a própria vítima. Encontraram a carteira dele?
 - Eu a deixei no bolso do casaco – disse Gourel.
- Eles foram todos para a sala, onde o sr. Formerie constatou que na carteira havia apenas cartões de visita e documentos de identidade.
- É estranho, sr. Chapman, o senhor saberia me dizer se o sr. Kesselbach tinha consigo algum dinheiro?

– Sim. Na véspera, ou seja, anteontem, segunda-feira, nós fomos até o Crédit Lyonnais, onde o sr. Kesselbach alugou um cofre...

– Um cofre no Crédit Lyonnais? Hum... precisamos ver isso.

– E, antes de sair, o sr. Kesselbach abriu uma conta e saiu com cinco ou seis mil francos em espécie.

– Perfeito... está tudo claro.

Chapman retomou:

– Há mais uma questão, senhor juiz de instrução. O sr. Kesselbach, que andava muito preocupado nos últimos dias – e eu lhe contei o motivo... um projeto muitíssimo importante para ele –, o sr. Kesselbach parecia fazer questão de duas coisas, em particular: primeiro, uma caixa de ébano, que guardou em segurança no Crédit Lyonnais, e depois, uma pequena bolsa de marroquim, onde tinha guardado alguns papéis.

– E essa bolsa?

– Antes da chegada de Lupin, ele pôs, na minha frente, dentro daquela mala.

O sr. Formerie pegou a mala e vasculhou. A bolsa não estava lá. Ele esfregou as mãos.

– Bom, tudo se encaixa... Sabemos quem é o culpado, as condições e o motivo do crime. Esse caso não deve se arrastar. Concorde comigo, sr. Lenormand?

– Discordo.

Houve um instante de perplexidade. O comissário de polícia já havia chegado e, atrás dele, apesar dos agentes que guardavam a porta, um grupo de jornalistas e funcionários do hotel tinha forçado a entrada, e estavam agora reunidos no vestíbulo.

Por notório que fosse o rigor daquele homem, acompanhado às vezes de alguma grosseria, e que já lhe tinha valido algumas reprimendas nos altos escalões, a rispidez da resposta foi desconcertante. E o sr. Formerie, especialmente, pareceu surpreso.

– Mas – disse ele – o que vejo aqui é muito simples: Lupin é o ladrão...

– E por que ele matou? – retorquiu o sr. Lenormand.

– Para roubar.

– Perdão, o relato das testemunhas prova que o roubo aconteceu antes do assassinato. O sr. Kesselbach primeiro foi amarrado e amordaçado, e em seguida roubado. Por que Lupin, que até hoje nunca cometeu um crime, teria assassinado um homem incapaz de se defender, e que já tinha sido roubado?

O juiz de instrução alisou suas longas costeletas loiras, do modo que lhe era peculiar, sempre que uma questão parecia insolúvel. Respondeu, pensativo:

– Para isso, temos várias respostas...

– Quais?

– Depende... Depende de uma série de elementos que desconhecemos... Além do mais, a objeção vale apenas para a natureza do motivo. Quanto ao resto, estamos de acordo.

– Não.

Mais uma vez, foi direto, cortante, quase rude, a tal ponto que o juiz, desconcertado, não ousou nem protestar, e ficou calado diante daquele estranho colaborador. Por fim, disse:

– Cada um tem seu método. Estou curioso para conhecer o seu.

– Não tenho.

O chefe da Sûreté levantou-se e deu alguns passos pela sala, apoiando-se na bengala. À sua volta, estavam todos calados, e era muito interessante ver o domínio que aquele senhor frágil e encurvado exercia sobre os demais, por força de uma autoridade a que todos se submetiam, sem ainda aceitar.

Depois de um longo silêncio, ele se manifestou:

– Gostaria de visitar os cômodos que se comunicam com este apartamento.

O diretor mostrou-lhe a planta do hotel. O quarto da direita, do sr. Kesselbach, não tinha outra saída além do próprio vestíbulo do apartamento. Mas o quarto da esquerda, o do secretário, comunicava-se com outro cômodo. Ele disse:

– Vamos lá ver.

O sr. Formerie não se conteve, ergueu os ombros e resmungou:

– Mas a porta de comunicação está trancada, e a janela, fechada.

– Vamos ver – repetiu o sr. Lenormand.

Ele foi levado ao primeiro dos cinco cômodos reservados à sra. Kesselbach. Em seguida, a pedido seu, visitaram os cômodos seguintes. Todas as portas de comunicação estavam trancadas dos dois lados.

Ele perguntou:

– Algum dos cômodos está sendo ocupado agora?

– Nenhum.

– E as chaves?

– Ficam sempre na administração.

– Então, ninguém poderia ter entrado?

– Ninguém, a não ser o funcionário do andar encarregado de varrer e ventilar os aposentos.

– Mandem chamá-lo.

O funcionário, de nome Gustave Beudot, respondeu que, na véspera, cumprindo suas obrigações, tinha fechado as janelas dos cinco cômodos.

– A que horas?

– Às seis da tarde.

– E não notou nada de diferente?

– Não, nada.

– E hoje de manhã?

– Hoje de manhã, abri as janelas às oito em ponto.

– E não encontrou nada?

– Não... nada... Ah! Apenas...

Ele hesitou. Pressionado pelas perguntas, acabou admitindo:

– Bom, perto da lareira do 420, recolhi uma cigarreira que prometi a mim mesmo deixar hoje à tarde na administração.

– Está com ela aí?

– Não, está no meu quarto. É uma cigarreira de aço polido. De um lado, fica o tabaco e o papel, e do outro, os fósforos. Tem duas iniciais gravadas em ouro... Um L e um M.

– Como é que é?

Era Chapman, que deu um passo à frente. Ele parecia surpreso e interpelou o funcionário:

– Uma cigarreira de aço polido, você disse?

– É.

– Com três compartimentos, para tabaco, papel e fósforos... Tinha tabaco russo, não tinha, fino, clarinho?...

– Tinha.

– Vá buscar. Eu gostaria de ver com meus próprios olhos.

A um sinal do chefe da Sûreté, Gustave Beudot afastou-se. O sr. Lenormand estava sentado e, com seu olhar agudo, examinava o tapete, os móveis, as cortinas. Perguntou:

– Estamos no 420, certo?

– Estamos.

O juiz zombou:

– Gostaria de saber qual é a relação que você quer estabelecer entre esse incidente e a história toda. Cinco portas fechadas nos separam do cômodo onde Kesselbach foi assassinado.

O sr. Lenormand não se dignou a responder.

O tempo estava passando. Gustave não voltava.

– Onde ele dorme, senhor diretor? – perguntou o chefe.

– No sexto andar, que dá para a rua de Judée, portanto, acima de nós. É curioso que ainda não tenha voltado.

– Quer fazer a gentileza de mandar alguém até lá? – O próprio diretor do hotel foi, acompanhado de Chapman. Alguns minutos depois, voltava sozinho, correndo e transtornado.

– O que foi?

– Morto...

– Assassinado?

– Sim.

– Ah! Diabos, eles são violentos, esses miseráveis! – exclamou o sr. Lenormand. – Depressa, Gourel, feche as portas do hotel... vigiem as saídas... E o senhor, diretor, leve-nos até o quarto de Gustave Beudot.

O diretor saiu. Mas, no momento em que deixava o quarto, o sr. Lenormand abaixou-se e pegou um pequeno disco de papel sobre o qual já tinha os olhos fixos.

Era uma etiqueta, com uma borda azul. Nela, estava escrito o número 813. Por precaução, guardou-a na carteira e juntou-se aos demais.

Um pequeno ferimento nas costas, entre as duas escápulas. O médico declarou:

– Exatamente o mesmo ferimento do sr. Kesselbach.

– Sim – disse o sr. Lenormand –, feito pela mesma mão, e com a mesma arma.

Pela posição do cadáver, o homem tinha sido surpreendido de joelhos, ao lado da cama, procurando debaixo do colchão a cigarreira que tinha escondido ali. Seu braço ainda estava entre o colchão e a cama, mas a cigarreira não foi encontrada.

– Devia ser algo muito comprometedor – insinuou o sr. Formerie, que não mais ousava emitir uma opinião muito precisa.

– Puxa vida! – disse o chefe da Sûreté.

– Mas sabemos as iniciais, um L e um M... e com isso, mais o que o sr. Chapman parece saber, teremos boas informações.

– O sr. Lenormand teve um sobressalto:

– Chapman! Onde ele está?

Procuraram pelo corredor, no meio do grupo ali reunido... Chapman não estava.

– O sr. Chapman subiu comigo – disse o diretor.

– Sim, sim, eu sei, mas ele não voltou com você.

– Não, quando saí, ele estava ao lado do cadáver.

– Você o deixou lá! Sozinho?

– Eu disse: “Fique aí, não saia”.

– E não havia mais ninguém? Você não viu ninguém?

– No corredor, não.

– E nas mansardas ao lado, não sei, depois dessa reviravolta, ninguém ficou escondido por lá?

O sr. Lenormand parecia muito agitado. Ele ia e vinha, abrindo a porta dos quartos. E de repente saiu correndo, com uma agilidade de que ninguém o suporia capaz.

Ele disparou pelos seis andares, seguido de longe pelo diretor e pelo juiz de instrução. Lá embaixo, encontrou Gourel diante da porta principal.

- Ninguém saiu?
- Ninguém.
- E na outra porta, a da rua Orvieto?
- Eu pus Dieuzy de plantão.
- Com ordens expressas?
- Sim, senhor.

No vasto hall do hotel, a multidão de hóspedes espremia-se inquieta, comentando as versões mais ou menos exatas que chegavam sobre o estranho crime. Os funcionários, convocados por telefone, chegavam um a um. O sr. Lenormand os interrogava imediatamente.

Nenhum deles foi capaz de dar uma informação. Mas uma arrumadeira do quinto andar apresentou-se. Dez minutos antes, talvez, ela tinha cruzado com dois senhores que desciam pela escada de serviço, entre o quinto e o quarto andar.

– Eles desceram muito depressa. O da frente estava puxando o outro pela mão. Fiquei muito surpresa de ver aqueles dois nas escadas de serviço.

- Poderia reconhecê-los?
- O primeiro, não. Ele virou a cabeça. Era magro, loiro. Usava um chapéu mole, preto, e roupas pretas.
- E o outro?
- Ah! O outro era inglês, tinha um rosto largo, sem barba, e usava roupas de um tecido xadrez. Não estava de chapéu.

A descrição coincidia com a de Chapman, conforme a mulher acrescentou.

– Ele estava... meio estranho, parecia fora de si. – A afirmação de Gourel não bastou ao sr. Lenormand. Ele interrogava, um depois do outro, os mensageiros que paravam junto àquelas duas portas.

- Você conhece o sr. Chapman?
- Sim, senhor, todo dia ele conversava com a gente.
- E não viu ele sair?
- Ah, não. Ele não saiu, hoje de manhã.

O sr. Lenormand voltou-se para o comissário de polícia:

– Quantos homens o senhor tem, comissário?

– Quatro.

– Não basta. Peça para o seu secretário mandar todos os homens disponíveis. E cuide pessoalmente de vigiar com o maior rigor todas as saídas. Estado de sítio, comissário...

– Mas, meus hóspedes... – protestou o diretor.

– Não estou nem aí para os seus hóspedes. O dever em primeiro lugar, e é meu dever acabar com isso, custe o que custar...

– O senhor acha? – arriscou o juiz de instrução.

– Não acho nada... tenho certeza de que o autor desse duplo assassinato ainda está aqui no hotel.

– Mas então, Chapman...

– A essa altura, não posso garantir que Chapman esteja vivo. Em todo caso, é questão de minutos, de segundos... Gourel, pegue dois homens e vasculhe os quartos do quarto andar... Senhor diretor, um de seus funcionários irá acompanhá-los. Quanto aos outros andares, eu mesmo irei quando chegarem os reforços. Vamos, Gourel, à caça, e abra bem os olhos... a presa é grande.

Gourel e seus homens se apressaram. O sr. Lenormand ficou no hall, perto da administração do hotel. Agora, ele não pensava em sentar-se, como de costume. Caminhava da entrada principal à entrada da rua Orvieto, e voltava ao ponto de partida.

De vez em quando dava ordens:

– Senhor diretor, que vigiem a cozinha, eles podem escapar por lá... Senhor diretor, diga para a telefonista não completar nenhuma ligação para a cidade. Se ligarem da cidade, ela pode completar a ligação, mas deve anotar o nome das pessoas. Senhor diretor, faça uma lista com os nomes dos hóspedes que começam com a letra L ou M.

Ele dizia tudo isso em voz alta, como um general que dá aos seus tenentes ordens das quais poderia depender o desfecho da batalha.

E era de fato uma batalha implacável, terrível, disputada no cenário elegante de um palácio parisiense, entre o poderoso chefe da Sûreté e aquele indivíduo misterioso, perseguido, acuado, já quase

cativo, mas de uma astúcia e uma selvageria formidáveis.

Os espectadores angustiados agrupavam-se no centro do hall, silenciosos e palpitantes, e tremiam de medo ao menor ruído, obcecados pela imagem diabólica do assassino. Onde estaria escondido? Será que ia aparecer? Estaria entre eles? Seria este, talvez? Ou aquele?

Os nervos estavam tão à flor da pele que, num momento de revolta, teriam forçado as portas e saído às ruas, se o mestre não estivesse lá, e sua presença tinha algo que os tranquilizava, que os acalmava. Sentiam-se seguros, como passageiros de um navio comandado por um bom capitão.

Todos os olhares recaíam sobre aquele senhor de óculos, de sobrecasaca cor de oliva e lenço marrom, que caminhava curvado, com um andar vacilante.

De tempos em tempos, enviado por Gourel, acorria um dos jovens que acompanhavam o inquérito.

– Novidades? – perguntava o sr. Lenormand.

– Nada, não encontramos nada.

Em duas ocasiões, o diretor tentou flexibilizar os procedimentos. A situação era intolerável. Na administração, diversos hóspedes, requisitados por compromissos ou a ponto de partir, protestavam.

– Não quero nem saber – repetia o sr. Lenormand.

– Mas conheço todos eles.

– Que bom.

– O senhor está abusando dos seus direitos.

– Eu sei.

– Alguém vai provar que o senhor está errado.

– Tenho certeza disso.

– O próprio juiz de instrução.

– Ele que me deixe em paz! O sr. Formerie tem apenas que interrogar os funcionários, como está fazendo agora. O resto não tem nada a ver com a instrução do inquérito. É com a polícia. E isso é comigo.

Nesse momento, uma equipe de agentes irrompeu no hotel. O chefe da Sûreté dividiu-os em vários grupos, que encaminhou para o

terceiro andar, e em seguida dirigiu-se ao comissário:

– Meu caro comissário, a vigilância fica com o senhor. Seja firme, por favor. Eu me responsabilizo pelo que venha a acontecer.

E, dirigindo-se ao elevador, foi conduzido ao segundo andar.

Não foi uma tarefa fácil. E demorou, pois tiveram que abrir a porta dos sessenta quartos, examinar todos os banheiros, todas as alcovas, os armários, os menores recantos. Mas resultou em nada. Uma hora depois, ao meio-dia, o sr. Lenormand tinha acabado de inspecionar o segundo andar, os demais agentes não tinham terminado os andares superiores, e nenhuma descoberta havia sido feita.

O sr. Lenormand hesitou: o assassino teria subido em direção às mansardas?

Quando estava decidido a descer, foi informado de que a sra. Kesselbach acabara de chegar com a dama de companhia. Edwards, o velho funcionário de confiança, aceitara a tarefa de dar a notícia da morte do sr. Kesselbach.

O sr. Lenormand encontrou-a em um dos salões, arrasada, mas sem lágrimas, com o rosto convulsionado pela dor, tremendo, e como que agitada por um acesso de febre.

Era uma mulher morena e alta, cujos olhos escuros, de grande beleza, estavam salpicados de ouro, feito lantejoulas que brilham na sombra. Conhecera o marido na Holanda, onde Dolorès nasceu de uma antiga família de origem espanhola: os Amonti.

Ele logo se apaixonou por ela, e a aliança do casal durou quatro anos, todos de ternura e dedicação. O sr. Lenormand apresentou-se. Ela o olhou sem responder e ele se calou, pois em seu estupor ela não parecia compreender o que ele dizia. Depois, de súbito, chorou efusivamente e pediu para ser levada à presença do marido.

No saguão, o sr. Lenormand encontrou Gourel, que estava à sua procura, e que lhe estendeu bruscamente um chapéu.

– Chefe, encontrei isto... Não há dúvidas sobre a procedência, certo?

Era um chapéu mole, de feltro preto. Dentro, não havia identificação nem etiqueta.

– Onde encontrou?

– No patamar da escada de serviço, no segundo andar.

– Nos outros andares, nada?

– Nada. Vasculhamos tudo. Só falta o primeiro. E este chapéu prova que o homem desceu até lá. Estamos quentes, chefe.

– Acredito.

Ao pé da escada, o sr. Lenormand parou.

– Vá até o comissário com as seguintes instruções: dois homens ao pé de cada uma das quatro escadas, de revólver em punho. Para atirar, se for preciso. Entenda isso, Gourel, se Chapman não fugiu e o sujeito estiver à solta, vou ficar louco. Faz duas horas que ando imaginando coisas.

Ele subiu as escadas. No primeiro andar, encontrou dois agentes saindo de um quarto, guiados por um funcionário.

O corredor estava deserto. Os funcionários do hotel não ousavam se aventurar por ali, e alguns hóspedes tinham dado duas voltas na chave dos quartos, de modo que era preciso bater durante um longo tempo e esperar ser reconhecido, até que as portas se abrissem.

À distância, o sr. Lenormand viu um grupo de agentes na sala da administração e, no fim do longo corredor, viu outro grupo aproximar-se da quina, ou seja, dos quartos que ficavam sobre a rua de Judée.

De repente, ouviu o vozerio agitado desse grupo, que desapareceu subitamente. Correu.

Encontrou os agentes parados no meio do corredor. Ao lado deles, barrando a passagem, com o rosto virado para o chão, jazia um corpo.

O sr. Lenormand agachou-se e pegou o rosto inerte nas mãos.

– Chapman – murmurou –, está morto.

E o examinou. Tinha um lenço de seda branco enrolado no pescoço. Puxou-o. Surgiram manchas vermelhas, e ele constatou que aquele lenço estava apertando um maço de algodão ensanguentado contra a nuca.

Mais uma vez, a mesma pequena ferida, precisa, singela, implacável.

Imediatamente avisados, o sr. Formerie e o comissário acudiram.

– Ninguém saiu? – perguntou o chefe. – Não ouvi alerta!

– Nada – disse o comissário. – Há dois homens vigiando embaixo

de cada escada.

– Talvez ele tenha subido? – disse o sr. Formerie.

– Não! Não!

– Nós teríamos visto.

– Não... isto aqui aconteceu faz tempo. As mãos já estão geladas... O crime deve ter sido cometido quase no mesmo momento que o outro, quando os dois chegaram aqui pela escada de serviço.

– Mas teríamos visto o cadáver! Pense que, em duas horas, umas cinquenta pessoas passaram por aqui...

– O cadáver não estava aqui.

– Estava onde, então?

– Ah! E eu é que sei? – respondeu rispidamente o chefe da Sûreté.

– Façam como eu, procurem! Não é com palavras que vamos encontrá-lo.

Com a mão tremendo, martelava com raiva o pomo da bengala, e ficou ali, com os olhos fixos no cadáver, silencioso e pensativo. Por fim, disse:

– Comissário, faça o favor de levar a vítima para um quarto vazio. Vamos chamar o médico. Senhor diretor, abra as portas de todos os quartos deste corredor.

Do lado esquerdo, percorreu um apartamento desocupado, com três quartos e duas salas. Do lado direito, quatro quartos. Dois estavam sendo ocupados pelo sr. Reverdat e por um italiano, o barão Giacomici, e nenhum deles estava presente no momento. No terceiro quarto, encontraram uma solteirona inglesa ainda deitada, e no último, um inglês que lia e fumava tranquilamente, sem que os ruídos do corredor o tivessem distraído. Chamava-se major Parbury.

As buscas e os interrogatórios não deram resultado. A inglesa não tinha ouvido nada antes dos brados dos agentes, nem sons de luta, gritos de agonia ou discussão. O major Parbury também não.

Além disso, não viram indícios suspeitos nem vestígios de sangue, nada que fizesse supor que o desafortunado Chapman tivesse passado por algum daqueles quartos.

– Estranho – murmurou o juiz de instrução. – É tudo muito estranho...

E acrescentou, ingênuo:

– Estou entendendo cada vez menos. Aqui há uma série de circunstâncias que, em parte, me escapam. O que pensa disso, sr. Lenormand?

O sr. Lenormand estava para dar uma de suas respostas cortantes, que era como seu mau humor habitual se manifestava, quando Gourel chegou afobado.

– Chefe, encontraram isto lá embaixo, na administração do hotel, em uma cadeira...

Era um pequeno embrulho, envolto numa sarja preta.

– Abriram? – perguntou o chefe.

– Sim, mas, quando vimos o que tinha dentro, deixamos exatamente como estava... estava bem fechado, pode ver.

– Abra!

Gourel abriu e tirou de lá uma calça e uma jaqueta de algodão preto, que deviam ter sido enfiadas às pressas, pelo aspecto do tecido.

No meio, havia uma pequena toalha manchada de sangue, que alguém mergulhou na água, talvez para apagar as marcas das mãos que nela se enxugaram.

Na toalha, um punhal de aço, com um cabo incrustado de ouro. Estava vermelho de sangue, do sangue de três homens degolados em poucas horas por uma mão invisível, no meio de uma multidão de trezentas pessoas que circulavam naquele vasto hotel. Edwards, o funcionário, reconheceu imediatamente o punhal do sr. Kesselbach. Ainda na véspera, antes da agressão de Lupin, Edwards o tinha visto sobre a mesa.

– Sr. diretor – disse o chefe da Sûreté –, as instruções estão suspensas. Gourel vai dar ordens para abrirem as portas.

– O senhor acha então que esse Lupin pode ter saído? – perguntou o sr. Formerie.

– Não. O autor do triplo assassinato que acabamos de constatar está no hotel, em um dos quartos, ou então entre os hóspedes, no saguão ou nos salões. Para mim, ele estava morando no hotel.

– Impossível! E depois, onde teria trocado de roupa? E como estaria vestido agora?

– Não sei, mas afirmo assim mesmo.

– E agora vai abrir caminho para ele? Assim, ele vai embora tranquilamente, com as mãos no bolso.

– O hóspede que sair assim, sem bagagem, e não voltar, será o culpado. Senhor diretor, queira me acompanhar até a administração. Eu gostaria de estudar de perto a lista dos hóspedes.

No escritório da administração, o sr. Lenormand encontrou algumas cartas endereçadas ao sr. Kesselbach, que entregou ao juiz de instrução.

Havia também uma encomenda recém-chegada dos correios de Paris. Como a embalagem estava rasgada, o sr. Lenormand pôde ver uma caixa de ébano, onde estava gravado o nome de Rudolf Kesselbach.

Ele abriu. Além dos cacos de vidro, cuja posição no interior da tampa ainda se via, havia um cartão de Arsène Lupin.

Mas um detalhe pareceu surpreender o chefe da Sûreté. Do lado de fora, debaixo da caixa, havia uma pequena etiqueta de bordas azuis, semelhante à etiqueta recolhida no apartamento do quarto andar, onde havia sido encontrada a cigarreira, e nessa etiqueta também estava escrito o número 813.

* A Sûreté foi um órgão pioneiro de polícia investigativa criado no início do século XIX, na França, e que, por sua atuação, inspirou a criação de instituições como o FBI e a Scotland Yard. (N. do T.)

O senhor Lenormand inicia a operação

– Auguste, faça entrar o sr. Lenormand.

O contínuo saiu e, em seguida, voltou com o chefe da Sûreté. Havia, no vasto gabinete do ministério da praça Beauvau, três pessoas: o famoso Valenglay, líder do partido radical há mais de trinta anos, atual presidente do Conselho de Ministros e ministro do Interior; o sr. Testard, procurador-geral, e o chefe de polícia Delaume.

O chefe de polícia e o procurador-geral não se levantaram da cadeira onde estiveram sentados durante a longa conversa com o presidente do Conselho, mas este se levantou e, cumprimentando o chefe da Sûreté, disse em tom cordial:

– Imagino, meu caro Lenormand, que o senhor saiba por que solicitei sua presença.

– O caso Kesselbach?

– Isso.

O caso Kesselbach! Não há quem não se lembre, não só do trágico caso Kesselbach, cuja complexa trama procurei apresentar, mas também das menores peripécias do drama que fascinou a todos, dois anos antes da guerra. E não há quem não se lembre da extraordinária comoção que provocou, dentro e fora da França. E, no entanto, mais do que o tríplice assassinato cometido em circunstâncias tão misteriosas, mais do que a abominável atrocidade da carnificina, mais do que tudo, o que perturbou o público foi o reaparecimento, podemos dizer a ressurreição, de Arsène Lupin.

Arsène Lupin! Há quatro anos ninguém mais ouvira falar dele, desde a incrível e assombrosa aventura da Agulha Oca, desde o dia em que, sob os olhos de Herlock Sholmès e Isidore Beautrelet, ele sumiu na escuridão, levando nas costas o cadáver da mulher amada, e seguido por sua velha ama Victoire.

Desde então, de modo geral acreditavam-no morto. A versão da polícia, que não encontrou nenhum indício de seu adversário,

enterrou-o pura e simplesmente.

Alguns, no entanto, supondo que tivesse escapado, atribuíam a ele uma existência pacífica de bom burguês, cultivando o jardim ao lado da esposa e dos filhos. Enquanto outros imaginavam que, vencido pela tristeza e cansado das vaidades deste mundo, ele tivesse se encerrado num convento de monges trapistas.

E eis que ele ressurge! Eis que retoma sua luta implacável contra a sociedade! Arsène Lupin voltava a ser Arsène Lupin, o extravagante, o intocável, o desconcertante, o audacioso, o genial Arsène Lupin.

Mas dessa vez ouviu-se um grito de horror. Arsène Lupin tinha cometido um assassinato! E a brutalidade, a crueldade, o cinismo implacável do crime foi tal que, subitamente, a lenda do herói simpático, do cavalheiro aventureiro e, quando preciso, sentimental, deu lugar à ideia de um monstro desumano, sanguinário e feroz. A opinião pública execrou e temeu seu antigo ídolo com a mesma violência com que outrora o tinha admirado, por sua graça ligeira e bom humor cativante.

E a indignação dessa multidão assustada voltou-se contra a polícia. Em outros tempos, riram. Perdoava-se o comissário derrotado, pelo modo cômico como se deixara derrotar. Mas a piada durou tempo demais e, num impulso de revolta e furor, agora pediam conta às autoridades dos crimes abomináveis que tinham sido incapazes de evitar.

Houve, nos jornais, nos congressos públicos, nas ruas, na própria Assembleia, tal explosão de cólera que o governo, comovido, buscou por todos os meios acalmar a exaltação pública.

Valenglay, o presidente do Conselho de Ministros, tinha muito gosto pelas questões de polícia e comprazia-se em acompanhar determinados casos com o chefe da Sûreté, de quem apreciava as qualidades e o caráter independente. E convocou para seu gabinete o chefe de polícia e o procurador-geral, com quem conversou, e em seguida o sr. Lenormand.

– É, meu caro Lenormand, trata-se do caso Kesselbach. Mas, antes de entrarmos no assunto, quero chamar sua atenção para um ponto... um ponto que preocupa particularmente o sr. chefe de polícia. Senhor

Delaume, quer explicar a questão ao sr. Lenormand?

– Oh! O sr. Lenormand sabe muito bem do que se trata – replicou o chefe de polícia, num tom que indicava pouca boa vontade para com o subordinado. – Já conversamos sobre isso. Eu disse a ele o que pensava a respeito de sua conduta inadequada no Palace-Hôtel. De modo geral, estamos indignados.

O sr. Lenormand levantou-se e tirou do bolso um papel, que pôs sobre a mesa.

– O que é isso? – perguntou Valenglay.

– Meu pedido de demissão, senhor presidente.

Valenglay teve um sobressalto.

– O quê? Demissão? Por causa de uma observação construtiva do sr. chefe de polícia, à qual, além do mais, ele não atribui nenhuma importância, não é, Delaume, nenhuma importância? E o senhor se irrita! O senhor há de admitir, meu bom Lenormand, que tem uma personalidade difícil. Vamos, guarde esse papel e vamos falar a sério.

O chefe da Sûreté sentou-se novamente e Valenglay, impondo silêncio ao chefe de polícia, que não escondia seu descontentamento, disse:

– Em poucas palavras, Lenormand, é o seguinte: a volta de Lupin nos incomoda. Já faz muito tempo que aquele animal está zombando de nós. Era divertido, eu confesso, e quanto a mim, eu era o primeiro a rir. Agora, trata-se de assassinato. Tolerávamos Arsène Lupin, enquanto ele nos divertia. Quando mata, não.

– E o que quer de mim, sr. presidente?

– O que queremos? Oh! Muito simples. Primeiro, que o prenda, e depois, a cabeça dele.

– Prender, posso prometer, mais cedo ou mais tarde. A cabeça, não.

– Como! Se o prendermos, será o Tribunal da Corte, inevitavelmente uma condenação e a forca.

– Não.

– E por que não?

– Porque Lupin não matou.

– Hein? Mas você está louco, Lenormand. E os cadáveres do

Palace-Hôtel, aquilo é uma invenção? Não houve um triplo assassinato?

– Houve, mas não foi Lupin quem cometeu.

O chefe articulou essas palavras muito lentamente, com uma tranquilidade e uma convicção impressionantes.

O procurador e o chefe de polícia protestaram. Mas Valenglay retomou:

– Imagino, Lenormand, que o senhor não esteja apresentando essa hipótese sem ter sérios motivos para isso, não é mesmo?

– Não é uma hipótese.

– E a prova?

– Temos duas, para começar, duas provas de natureza moral, que imediatamente expus ao sr. juiz de instrução, e que os jornais publicaram com destaque. Primeiro, Lupin não mata. Depois, por que ele teria matado, uma vez que o objetivo de sua incursão, o roubo, já tinha sido cumprido, e que ele não tinha por que temer um adversário amarrado e amordaçado?

– Que seja. Mas, e os fatos?

– Os fatos não valem nada contra a razão e a lógica, e depois, os fatos estão a meu favor. Qual é o sentido da presença de Lupin no quarto onde encontraram a cigareira? Por outro lado, as roupas pretas que encontramos, e que sem dúvida eram do assassino, não são absolutamente do tamanho de Arsène Lupin.

– O senhor o conhece, então?

– Eu, não. Mas Edwards o viu, Gourel, também, e o sujeito que viram não é o sujeito que a arrumadeira viu na escadaria de serviço, levando Chapman pela mão.

– E como chegou a essa conclusão?

– O senhor quer dizer “à verdade”, presidente. Ei-la, ou, pelo menos, o que eu sei da verdade. Na quarta-feira, dia 16 de abril, Lupin entrou no quarto do sr. Kesselbach por volta das duas da tarde...

Uma risada interrompeu o sr. Lenormand. Era do chefe de polícia.

– Permita-me dizer, sr. Lenormand, que está afirmando coisas depressa demais. Está provado que, às três horas daquele dia, o sr. Kesselbach entrou no Crédito Lyonnais e que desceu até a sala dos

cofres. A assinatura no livro de registros é prova disso.

O sr. Lenormand esperou respeitosamente que seu superior terminasse de falar. Depois, sem mesmo se dar ao trabalho de responder ao ataque, prosseguiu:

– Por volta das duas da tarde, Lupin, com a ajuda de um cúmplice, chamado Marco, amarrou o sr. Kesselbach, levou todo o dinheiro que ele tinha e o obrigou a revelar a senha do cofre do Crédit Lyonnais. Assim que souberam a senha, Marco saiu. Foi ao encontro de um segundo cúmplice que, aproveitando-se de uma certa semelhança com o sr. Kesselbach – semelhança, aliás, que acentuou naquele dia usando roupas parecidas com as do sr. Kesselbach e óculos de aro de ouro –, entrou no Crédit Lyonnais, imitou a assinatura do sr. Kesselbach, esvaziou o cofre e voltou, acompanhado de Marco. Este imediatamente telefonou para Lupin. Lupin, certo de que o sr. Kesselbach não o havia enganado, e que o objetivo de sua incursão tinha sido cumprido, foi embora.

Valenglay parecia hesitante.

– Bem... sim... vamos admitir isso... mas o que me surpreende é que um homem como Lupin tenha arriscado tanto por tão pouco... algum dinheiro e o conteúdo, ainda hipotético, de um cofre forte.

– Lupin almejava mais. Ele queria a bolsa de marroquim que estava na mala ou a caixa de ébano que estava no cofre forte. A caixa, ele conseguiu, visto que a devolveu vazia. Então hoje ele sabe, ou está em vias de saber, o que é esse célebre projeto do sr. Kesselbach, e sobre o qual este conversava com o secretário, momentos antes de morrer.

– E que projeto é esse?

– Não sei. O diretor da agência de investigação, Barbareux, com quem Kesselbach se abriu, me disse que ele estava atrás de um sujeito, um desclassificado, parece, chamado Pierre Leduc. Por que ele estava sendo procurado? E como podemos ligá-lo ao tal projeto? Eu não sei.

– Que seja – concluiu Valenglay. – Chega de Arsène Lupin. A participação dele terminou. O sr. Kesselbach está amarrado, foi roubado, mas está vivo! O que aconteceu depois disso, até o momento em que o encontramos morto?

– Nada, durante algumas horas. Nada, até anoitecer. Mas durante a noite, alguém entrou.

– Por onde?

– Pelo quarto 420, um dos quartos ocupados pelo sr. Kesselbach. O sujeito obviamente tinha uma chave mestra.

– Mas – exclamou o chefe de polícia –, entre esse quarto e o apartamento, todas as portas estavam trancadas, e são cinco!

– Sobrou o balcão.

– O balcão!

– Sim, é o mesmo balcão para todo o andar, em cima da rua de Judée.

– E o muro que divide o balcão?

– Um homem ágil é capaz de transpor. O nosso homem transpôs. Tenho indícios disso.

– Mas todas as janelas do apartamento estavam fechadas, e constatamos que, depois do crime, ainda estavam.

– Menos uma, a do secretário Chapman, que estava apenas encostada, eu próprio testemunhei.

Dessa vez, o presidente do Conselho pareceu um pouco abalado, de tal modo a versão do sr. Lenormand parecia lógica, coesa e apoiada em fatos concretos.

Ele perguntou com interesse crescente:

– Mas esse homem, o que ele queria?

– Não sei.

– Ah, o senhor não sabe...

– Não, assim como não sei como se chama.

– E por que ele matou?

– Não sei. De qualquer modo, podemos supor que ele não veio com a intenção de matar, mas com a intenção, ele também, de pegar documentos que estavam na bolsa de marroquim e na caixa, e que, vendo-se por acaso diante de um inimigo subjugado, ele o matou.

Valenglay murmurou:

– A rigor, é possível... E, na sua opinião, ele encontrou os documentos?

– Ele não encontrou a caixa, porque não estava lá, mas encontrou,

no fundo da mala, a bolsa de marroquim. De modo que Lupin e o outro sujeito agora estão na mesma página: os dois sabem a mesma coisa sobre o projeto de Kesselbach.

– Quer dizer – observou o presidente – que eles vão iniciar um duelo.

– Exatamente. E esse duelo já começou. O assassino, tendo encontrado um cartão de Arsène Lupin, espetou-o sobre o cadáver. Todas as evidências estariam, assim, contra Arsène Lupin: logo, Arsène Lupin seria o assassino.

– É... de fato – declarou Valenglay –, o cálculo parece justo.

– E a estratégia teria funcionado – prosseguiu o sr. Lenormand –, se depois de outro acaso, este desfavorável, o assassino, na ida ou na volta, não tivesse perdido a cigarreira no quarto 420, e se o jovem mensageiro do hotel, Gustave Beudot, não a tivesse encontrado. Sabendo que tinha sido descoberto, ou que estava a ponto de ser...

– E como ele saberia?

– Como? Pelo próprio juiz de instrução, o sr. Formerie. A coisa aconteceu publicamente! Não há dúvidas de que o assassino estava entre os presentes, os funcionários do hotel e os jornalistas, quando o juiz de instrução mandou Gustave Beudot buscar a cigarreira em seu quarto, na mansarda. Beudot subiu. O sujeito o seguiu e o matou. Segunda vítima.

Ninguém mais protestava. O drama estava sendo reconstituído com um realismo e uma exatidão impactantes.

– E a terceira? – perguntou Valenglay.

– Essa se entregou, ela própria. Ao ver que Beudot não voltava, Chapman, curioso para ver a cigarreira com os próprios olhos, saiu com o diretor do hotel. Surpreendido pelo assassino, foi levado para um dos quartos e assassinado, por sua vez.

– Mas por que ele se deixou ser levado por um homem que sabia ser o assassino do sr. Kesselbach e do Gustave Beudot?

– Não sei, assim como não sei em que quarto o crime foi cometido, nem o modo verdadeiramente milagroso como o assassino escapou.

– Alguém falou de duas etiquetas azuis? – perguntou o sr.

Valenglay.

– Sim, uma estava na caixa que Lupin devolveu, e a outra foi encontrada por mim, e estava talvez na bolsa de marroquim que o assassino tinha roubado.

– E?

– Então! Para mim, elas não querem dizer nada. O que quer dizer alguma coisa é que o número 813 foi escrito pelo sr. Kesselbach: reconhecemos a letra dele.

– E o número 813?

– Mistério.

– E?

– Devo mais uma vez dizer que não sei de nada.

– E não suspeita de nada?

– Não. Dois dos meus homens estão hospedados num dos quartos do Palace-Hôtel, no andar onde encontraram o cadáver de Chapman. Por meio deles, fico informado sobre todo mundo que está no hotel. O culpado não está entre as pessoas que saíram do hotel.

– Ninguém telefonou durante o massacre?

– Sim. Alguém ligou da cidade para o major Parbury, que era uma das quatro pessoas que moravam no corredor do primeiro andar.

– E esse major?

– Está sendo vigiado pelos meus homens. Até agora, não encontramos nada contra ele.

– E para que lado você está levando essa busca?

– Ah! Estou pensando numa direção objetiva. Para mim, o assassino é amigo ou conhecido dos Kesselbach. Alguém que seguia a pista deles, que conhecia seus hábitos, o motivo pelo qual o sr. Kesselbach estava em Paris, e que pelo menos suspeitava da importância dos seus projetos.

– Não seria então um criminoso profissional?

– Não, não! De jeito nenhum. O crime foi cometido com habilidade e audácia jamais vistas, mas foi comandado pelas circunstâncias. Repito, é entre os familiares e conhecidos do senhor e da senhora Kesselbach que temos que buscar. E a prova é que o assassino do sr. Kesselbach só matou Gustave Beudot porque o

mensageiro do hotel estava com a cigarreira, e Chapman, porque o secretário sabia da existência dela. Lembrem como o Chapman ficou surpreso: só de ouvir a descrição da cigarreira, ele intuiu toda a intriga. Se tivesse visto a cigarreira, teríamos boas informações. O desconhecido não pagou para ver, e eliminou Chapman. E nós conhecemos apenas suas iniciais, L e M.

Ele refletiu e disse:

– Mais uma prova que responde a uma de suas perguntas, presidente. O senhor acredita que Chapman teria seguido aquele homem pelos corredores e escadas do hotel, se não o conhecesse? Os fatos estavam vindo à tona. A verdade, ou pelo menos a provável verdade, estava ganhando força. Muitos pontos, os mais interessantes talvez, ainda estavam obscuros. Mas, quanta luz! Tirando os motivos por trás de tudo, estávamos começando a compreender aquela série de atos consumados nessa trágica manhã!

Houve um silêncio. Estavam todos pensando, buscando argumentos e objeções. Finalmente, Valenglay exclamou:

– Meu caro Lenormand, isso tudo é perfeito... o senhor me convenceu. Mas, finalmente, não avançamos muito no caso.

– Como não?

– Mas, claro. O objetivo desta nossa reunião não é de modo algum decifrar esse enigma que, mais cedo ou mais tarde, não tenho dúvidas, o senhor vai decifrar, mas dar uma satisfação, a mais ampla possível, às exigências do público. Ora, que o assassino seja Lupin ou não, que sejam dois os culpados, ou três, ou um só, não sabemos o nome dele, nem ele está na prisão. E o público está com a impressão desastrosa de que a justiça é impotente.

– E o que eu posso fazer?

– Justamente, dar ao público a satisfação que ele está pedindo.

– Mas, a mim, parece que essas explicações já seriam suficientes...

– Palavras! Eles querem ação. Eles só se contentariam com uma coisa: com uma prisão.

– Mas, que diabos! Não podemos prender o primeiro que aparece.

– Seria melhor do que não prender ninguém – disse Valenglay, rindo. – Ora, pense bem... Tem certeza de que não foi o Edwards, o

funcionário de Kesselbach?

– Certeza absoluta... E depois... não, senhor presidente, seria perigoso, ridículo e tenho certeza de que o próprio procurador-geral aqui presente... Só há duas pessoas que temos o direito de prender: o assassino, que não sei quem é, e Arsène Lupin.

– E?

– Não vamos conseguir prender Arsène Lupin, ou vamos precisar de tempo. E de uma série de medidas que ainda não tive tempo de planejar, pois eu achava que Lupin estava recuperado ou estava morto.

Valenglay bateu o pé com a impaciência de um homem acostumado a que seus desejos sejam realizados imediatamente.

– Mas... meu caro Lenormand, precisamos... o senhor, também... Tenho certeza de que o senhor não ignora que tem inimigos poderosos, e que se eu não estivesse aqui... Enfim, é inadmissível tirar o corpo assim... E os cúmplices, o que me diz deles? Não é só Lupin... Tem o Marco... E tem também o bandido que se fez passar pelo sr. Kesselbach, quando desceu ao subsolo do Crédit Lyonnais.

– O senhor ficaria feliz com isso, presidente?

– Se eu ficaria feliz? Como não, dou minha palavra.

– Está bem, então me dê oito dias.

– Oito dias! Mas não é uma questão de dias, meu caro, é uma questão de horas.

– Quanto tempo me dá, senhor presidente?

Valenglay puxou o relógio e riu:

– Dou dez minutos, meu caro.

O chefe da Sûreté puxou seu relógio e, escandindo as sílabas, disse calmamente:

– São quatro a mais do que eu preciso.

— 2 —

Valenglay olhava para ele, estupefato.

– Quatro a mais? Como assim?

– Estou dizendo que não preciso dos seus dez minutos. Preciso de seis, nem um minuto a mais.

– Essa, agora! Não é hora para brincadeiras...

O chefe da Sûreté aproximou-se da janela e fez um sinal para dois homens que conversavam tranquilamente, caminhando no pátio de honra do Ministério. Em seguida, voltou.

– Senhor procurador-geral, queira por gentileza assinar um mandado de prisão em nome de Daileron, Auguste-Maximin-Philippe, de quarenta e sete anos. Deixe a profissão em branco.

Ele abriu a porta de entrada.

– Pode vir, Gourel... você também, Dieuzy.

Gourel se apresentou, acompanhado do inspetor Dieuzy.

– Trouxe as algemas, Gourel?

– Sim, senhor.

O sr. Lenormand avançou na direção de Valenglay.

– Senhor presidente, está tudo pronto. Mas insisto do modo mais veemente que desista deste mandado de prisão. Isso atrapalha todos os meus planos, pode até mesmo abortá-los, e se é apenas para dar uma satisfação, e mínima, digo que isso pode comprometer tudo.

– Senhor Lenormand, gostaria de lembrar que resta apenas um minuto e vinte segundos.

O chefe reprimiu um gesto de irritação, andou de um lado para o outro na sala, apoiado em sua bengala, sentou-se com um ar furioso, como que decidido a não falar, mas subitamente declarou:

– Presidente, a primeira pessoa que entrar aqui neste escritório será aquela de quem o senhor me pede a prisão, contra a minha vontade, faço questão de relembrar.

– Quinze segundos, Lenormand.

– Gourel... Dieuzy... a primeira pessoa, certo? Senhor procurador-geral, já assinou?

– Dez segundos, Lenormand.

– Presidente, quer fazer a gentileza de tocar?

Valenglay tocou. O contínuo apresentou-se à entrada da porta e esperou.

Valenglay virou-se para o chefe da Sûreté.

– Muito bem, Lenormand, estamos esperando suas ordens... Quem devemos mandar entrar?

– Ninguém.

– Mas, e o bandido que prometeu prender? Os seis minutos já se passaram faz tempo.

– Sim, mas o bandido está aqui.

– Como? Não estou entendendo, ninguém entrou.

– Exato.

– Ah! Ora, Lenormand, você está brincando comigo... Vou repetir, ninguém entrou.

Valenglay levantou-se de um salto.

– Hein? Mas isso é loucura! O que você está querendo dizer com isso?

Os dois agentes tinham se posicionado entre a porta e o contínuo. O sr. Lenormand aproximou-se deste, pôs as mãos no seu ombro e disse em voz alta:

– Em nome da lei, Daileron, Auguste-Maximin-Philippe, chefe dos contínuos da presidência do Conselho, você está preso.

Valenglay soltou uma gargalhada:

– Ah! Essa é boa... Essa é boa... Esse Lenormand, ele me apronta cada uma! Bravo, Lenormand, faz tempo que eu não ria assim...

O sr. Lenormand voltou-se para o procurador-geral:

– Senhor procurador-geral, não se esqueça de escrever no mandado a profissão do senhor Daileron, está bem? Chefe dos contínuos da presidência do Conselho de Ministros...

– Claro... claro... chefe dos contínuos da... presidência do Conselho... – disse com dificuldade Valenglay, que não se aguentava de tanto rir. – Ah! Esse Lenormand tem uns achados geniais. O público

queria uma prisão... tchuf, ele pega quem? O chefe dos contínuos, Auguste, meu funcionário modelo... Ótimo! É verdade, Lenormand, eu sabia que o senhor tinha imaginação, mas não a esse ponto, meu caro! Que audácia!

Desde o início dessa cena, Auguste não tinha se mexido e parecia não estar entendendo nada do que acontecia à sua volta. Com sua bela aparência de subalterno leal e fiel, estava agora absolutamente surpreso. Olhava para cada um dos presentes com um esforço visível para captar o sentido daquelas palavras.

O sr. Lenormand disse algumas palavras a Gourel, que saiu. Depois, caminhando em direção a Auguste, esclareceu:

– Não há nada a fazer. Você está preso. O melhor é abrir o jogo, agora que a partida está perdida. O que você fez na terça-feira?

– Eu? Nada. Eu estava aqui.

– Mentira. Era seu dia de folga. Você saiu.

– De fato... eu me lembro. Um amigo veio do interior... e nós demos um passeio pelo bosque.

– Esse amigo chamava-se Marco. E vocês foram passear no porão do Crédit Lyonnais.

– Eu! Que ideia!... Marco? Não conheço ninguém com esse nome.

– E isto, você conhece? – exclamou o chefe, pondo debaixo de seu nariz um par de óculos com hastes de ouro.

– Não... não... Eu não uso óculos...

– Usa, usa quando vai ao Crédit Lyonnais e se faz passar por Kesselbach. Isto estava no quarto que você ocupa, com o nome de sr. Jérôme, na rua du Cotiséé, número 5.

– Eu, um quarto? Eu durmo no Ministério.

– Mas troca de roupa nesse quarto, quando interpreta seus papéis no bando de Lupin.

Ele passou a mão na testa coberta de suor. Estava lívido, e balbuciou:

– Não estou entendendo... vocês estão dizendo coisas... coisas...

– Posso te ajudar a entender melhor? Pronto, encontramos isto no meio dos papéis que você jogou no lixo, embaixo da sua escrivaninha, aqui nesta antessala.

E o sr. Lenormand abriu uma folha timbrada do Ministério, onde se lia diversas vezes, numa caligrafia hesitante, o nome de Rudolph Kesselbach.

– E o que me diz disso, meu funcionário modelo? Andou praticando a assinatura do sr. Kesselbach, isso não basta como prova?

Um soco em pleno peito fez o sr. Lenormand perder o equilíbrio. De um salto, Auguste alcançou a janela aberta, apoiou o pé no batente e pulou para o pátio.

– Diabos! – exclamou Valenglay. – Ah! Bandido! – Ele tocou uma campainha, correu, quis gritar pela janela. O sr. Lenormand disse com toda calma:

– Calma, presidente...

– Mas esse canalha do Auguste...

– Espere, por favor... eu previa esse desfecho... estava esperando por isso... É a melhor confissão que podemos ter.

Dominado por tamanho sangue-frio, Valenglay voltou ao seu lugar. Um pouco depois, Gourel entrava trazendo pela gola o senhor Daileron, Auguste-Maximin-Philippe, conhecido por Jérôme, chefe dos contínuos da presidência do Conselho.

– Traga ele aqui, Gourel – disse o sr. Lenormand, como quem diz “pega!” a um bom cão de caça que volta com a presa na boca. – Ele resistiu?

– Mordeu um pouco, mas eu agarrei firme – respondeu o inspetor, mostrando a mão enorme e nodosa.

– Muito bem, Gourel. Agora, leve-o até o “depósito”**, em um fiacre. Sem despedidas, senhor Jérôme.

Valenglay estava se divertindo. Esfregava as mãos e ria. A ideia de que o chefe dos contínuos era um dos cúmplices de Lupin parecia-lhe a mais deliciosa e irônica das aventuras.

– Parabéns, meu caro Lenormand, isso foi admirável, mas como diabos o senhor descobriu?

– Ah! Muito simples. Eu sabia que o sr. Kesselbach tinha procurado a agência Barbareux, e que Lupin o visitou, dizendo fazer parte dessa agência. Investiguei, e descobri que a indiscrição que prejudicou o sr. Kesselbach e Barbareux só podia ter sido cometida por

um sujeito chamado Jérôme, amigo de um funcionário da agência. Se não tivesse me mandado precipitar as coisas, eu teria vigiado esse contínuo, chegado ao Marco, e depois ao Lupin.

– E vai chegar, Lenormand. E vamos assistir ao espetáculo mais fascinante do mundo, a sua luta contra Lupin. E eu aposto no senhor.

Na manhã do dia seguinte, os jornais publicavam esta carta:

“Carta aberta ao sr. Lenormand, chefe da Sûreté.

“Meus parabéns, caro senhor e amigo, pela prisão do contínuo Jérôme. Foi um bom trabalho, bem-feito e digno do senhor.

“Meus parabéns também pelo modo engenhoso como provou ao presidente do Conselho que não sou eu o assassino do sr. Kesselbach. Sua demonstração foi clara, lógica, irrefutável e sobretudo verdadeira. Como sabe, eu não mato. Obrigado por tê-lo demonstrado, nessa ocasião. A sua estima e a dos meus contemporâneos, meu caro senhor e amigo, são para mim indispensáveis.

“Por outro lado, permita-me ajudá-lo na busca desse monstruoso assassino e dar um empurrãozinho no caso Kesselbach. Um caso muito interessante, acredite, tão interessante e digno da minha atenção, que estou largando a aposentadoria iniciada há quatro anos, entre livros e meu bom cão Sherlock, reunindo meus camaradas e voltando à luta.

“Como a vida dá voltas imprevisíveis! Eis-me aqui, seu colaborador. Tenha certeza, caro senhor e amigo, que isso me traz grande satisfação e que sei apreciar o valor desse favor do destino.

“Assinado: ARSÈNE LUPIN.”

“*Post-scriptum*. – Uma palavrinha mais sobre algo que, não duvido, aprovará. Como não convém a um cavalheiro que teve o glorioso privilégio de combater sob minha bandeira mofar na palha úmida de suas prisões, creio-me no dever leal de avisá-los que, daqui a cinco

semanas, na sexta-feira, dia 31 de maio, libertarei Jérôme, promovido por mim ao cargo de chefe dos contínuos da presidência do Conselho.

Não esqueça esta data: sexta-feira, 31 de maio. – A. L.”

****** No original, “Dépôt”. Nome pelo qual era conhecido o local aonde os réus eram levados, enquanto aguardavam a transferência para a prisão, a pena capital ou os trabalhos forçados. (N. do T.)

O príncipe Sernine em ação

No andar térreo, na esquina do boulevard Haussmann com a rua de Courcelles. É lá que mora o príncipe Sernine, um dos mais brilhantes membros da colônia russa em Paris, e cujo nome é lembrado a todo instante nas colunas sociais dos jornais.

Onze da manhã. O príncipe entra em seu escritório. É um homem entre os trinta e cinco e os trinta e oito anos de idade, de cabelos castanhos, já com alguns fios prateados. Sua tez denota boa saúde, tem bigodes fartos e suíças bem aparadas, como que desenhadas na pele fresca do rosto. Está impecavelmente vestido, com uma sobrecasaca cinza bem modelada e um colete de algodão branco.

Vamos – disse a meia-voz –, acho que o dia vai ser difícil.

Abriu uma porta que dava para um grande aposento, onde algumas pessoas esperavam, e disse:

– Varnier está? Entre, Varnier.

Um homem com aparência de pequeno burguês, atarracado, sólido, de andar firme, veio ao seu encontro. O príncipe fechou a porta.

– Muito bem. Como estamos, Varnier?

– Está tudo pronto para esta noite, chefe.

– Perfeito. Conte-me, em poucas palavras.

– Muito bem. Desde o assassinato do marido, a sra. Kesselbach, influenciada pelo prospecto que o senhor mandou entregar a ela, resolveu morar em uma casa de repouso para senhoras, em Garches. Ela mora no fundo do jardim, no último dos quatro pavilhões que a administração aluga para as mulheres que desejam viver separadas das outras pensionistas, no pavilhão da Imperatriz.

– Ela tem funcionárias?

– Sua dama de companhia, Gertrude, com quem chegou algumas horas depois do crime, e a irmã de Gertrude, Suzanne, que mandou vir de Monte Carlo, e que serve como arrumadeira. As duas são muito

devotadas a ela.

– Edwards, o camareiro?

– Foi dispensado. Voltou para a região dele.

– Ela vê muita gente?

– Ninguém. Passa o tempo todo deitada num divã. Parece muito fraca, doente. Chora muito. Ontem, o juiz de instrução passou duas horas com ela.

– Bom. E a jovem?

– A senhorita Geneviève Ernemont mora do outro lado da estrada, em uma viela que vai dar no campo. Na terceira casa do lado direito. Ela tem uma escola livre e gratuita para crianças com deficiência mental. Sua avó, a sra. Ernemont, mora com ela.

– E, pelo que me escreveu, Geneviève Ernemont e a sra. Kesselbach se conheceram?

– Sim. A jovem foi pedir à sra. Kesselbach uma ajuda para a escola. Parece que se deram bem, pois há quatro dias passeiam juntas pelo parque de Villeneuve, do qual o jardim da casa de repouso é como que uma dependência.

– A que horas elas saem?

– Das cinco às seis. Às seis em ponto, a jovem chega na escola.

– Muito bem, você organizou a coisa?

– Para hoje, às seis horas. Está tudo pronto.

– Vai haver alguém lá?

– Nunca tem ninguém no parque a essa hora.

– Muito bem. Estarei lá. Pode sair.

Indicou a porta do vestíbulo e, voltando para a sala de espera, chamou:

– Os irmãos Doudeville.

Dois jovens entraram, de olhos vivos, simpáticos e vestidos com elegância um pouco exagerada.

– Bom dia, Jean. Bom dia, Jacques. O que há de novo na chefatura de polícia?

– Pouca coisa, chefe.

– O sr. Lenormand ainda confia em vocês?

– Confia. Depois de Gourel, somos seus inspetores favoritos. A

prova é que ele nos alojou no Palace-Hôtel para vigiar as pessoas que moram no corredor do primeiro andar, quando o Chapman foi assassinado. Toda manhã, Gourel vem e fazemos um relato igual ao que fazemos para o senhor.

– Perfeito. É fundamental que eu esteja a par de tudo o que se diz e faz na chefatura de polícia. Enquanto Lenormand acreditar nos homens dele, estarei dono da situação. E no hotel, descobriram alguma coisa?

Jean Doudeville, o mais velho, respondeu:

– A inglesa, aquela que morava num dos quartos, foi embora.

– Isso não me interessa. Tenho lá minhas informações. E o vizinho, o major Parbury?

Eles pareceram constrangidos. Por fim, um deles respondeu:

– Hoje de manhã, o major Parbury mandou levar suas bagagens até a Gare du Nord, para o trem das doze e cinquenta, e pegou um carro. Nós estávamos na estação quando o trem partiu. O major não apareceu.

– E as bagagens?

– Mandou buscar na estação.

– Quem pegou?

– Alguém que ele contratou, foi o que nos disseram.

– De modo que vocês o perderam de vista?

– Perdemos.

– Ótimo! – exclamou contente o príncipe. Os outros olharam para ele, espantados. – Ora – disse ele –, isso é um indício!

– O senhor acha?

– Claro. O assassinato de Chapman só pode ter sido cometido em um dos quartos daquele corredor. Foi para lá, para o quarto de um cúmplice, que o assassino do sr. Kesselbach levou o secretário, foi lá que ele o matou, foi lá que trocou de roupas, e foi o cúmplice dele que deixou o cadáver no corredor, depois que o assassino foi embora. Mas quem é esse cúmplice? O modo como o major Parbury desapareceu parece provar que ele não é totalmente estranho ao caso. Depressa, liguem para o sr. Lenormand ou para o Gourel, dando a boa notícia. Eles precisam estar a par o mais depressa possível, na chefatura de

polícia. Esses senhores e eu trabalhamos lado a lado.

Fez ainda algumas recomendações a respeito do duplo papel daqueles inspetores de polícia a serviço do príncipe Sernine, e em seguida os dispensou.

Na sala de espera, restavam duas pessoas. Fez entrar um deles.

– Peço mil desculpas, doutor – ele disse. – Estou à sua disposição.

Como vai Pierre Leduc?

– Está morto.

– Oh! Oh! – disse Sernine. – Eu já esperava por isso, depois do que me disse hoje de manhã. Seja como for, o pobre rapaz não viveu muito...

– Ele estava exausto. Desmaiou, e pronto.

– Ele não falou?

– Não.

– Tem certeza de que, desde o dia em que o encontramos debaixo da mesa de um café em Belleville, ninguém na sua clínica suspeitou de que se tratava dele, de Pierre Leduc, o sujeito que a polícia está procurando, o misterioso Pierre Leduc que Kesselbach queria encontrar a qualquer custo?

– Ninguém. Ele estava ocupando um quarto separado. Além disso, fiz um curativo na sua mão esquerda, para ninguém ver o ferimento no mindinho. Quanto à cicatriz do rosto, ficou invisível debaixo da barba.

– E você o vigiou pessoalmente?

– Pessoalmente. E, conforme suas instruções, aproveitei para interrogá-lo sempre que ele parecia lúcido. Mas ele só balbuciava coisas incompreensíveis.

O príncipe murmurou pensativo:

– Morto... Pierre Leduc está morto... Todo o caso Kesselbach dependia dele, e eis que... eis que ele se vai sem fazer nenhuma revelação, sem dizer uma única palavra sobre si, sobre o passado... Será que eu preciso embarcar nessa aventura, eu que ainda não estou entendendo nada? É perigoso... Posso naufragar...

Ele refletiu por um instante e exclamou:

– Ah! Paciência! Vou assim mesmo. Não é porque Pierre Leduc

morreu que vou abandonar o jogo. Ao contrário! E a oportunidade é tentadora. Pierre Leduc está morto. Viva Pierre Leduc! Vá, doutor. Volte para casa. Esta noite, eu telefonarei.

O doutor saiu.

– Agora, somos nós, Philippe – disse Sernine ao último sujeito que estava esperando, um homenzinho de cabelos grisalhos, vestido como um funcionário de hotel, mas de terceira categoria.

– Chefe – começou Philippe –, quero lembrar que, na semana passada, o senhor me fez entrar como camareiro no hotel Deux-Empereurs, em Versalhes, para vigiar um jovem.

– É, eu sei... Gérard Baupré. Como ele está?

– Está na miséria.

– E ainda com ideias sombrias?

– Ainda. Ele quer se matar.

– Mesmo?

– Mesmo. Encontrei nos papéis dele este bilhete escrito a lápis.

– Ah! Ah! – disse Sernine, lendo a nota. – Ele está anunciando a própria morte, e para hoje à noite!

– Sim, chefe, ele já comprou a corda e pendurou o gancho no teto. Seguindo suas ordens, fiz amizade com ele, ele me contou seus problemas e eu o aconselhei a procurar o senhor. “O Príncipe Sernine é rico, eu disse, e generoso, talvez possa ajudar”.

– Perfeito. Então, ele vem?

– Ele está aqui.

– Como sabe?

– Eu o segui. Ele pegou o trem em Paris e agora está andando de um lado para o outro no bulevar. A qualquer momento, vai tomar uma decisão.

Nesse instante, um funcionário trouxe um cartão. O príncipe leu e disse:

– Mande entrar o sr. Gérard Baupré. – E, dirigindo-se a Philippe: – Entre aqui nesta salinha, fique ouvindo e não se mexa.

Sozinho, o príncipe murmurou:

– Como eu poderia hesitar? Foi o destino que o trouxe até aqui...

Alguns minutos depois, surgia um jovem alto, loiro, magro, de

aparência abatida, o olhar febril, e que ficou parado diante da porta, constrangido, hesitante, como um mendigo que quer estender a mão, mas não tem coragem.

A conversa foi curta.

– Gérard Baupré?

– Sou... sou... sou eu.

– Não o conheço ainda...

– Então, senhor... então... me disseram...

– Quem disse?

– O funcionário de um hotel que trabalhou para o senhor...

– Enfim, o que é?

– Bem...

O jovem parou, intimidado, confuso pela atitude altiva do príncipe. Este disse:

– Talvez devesse...

– É o seguinte. Me disseram que o senhor era muito rico e generoso... E eu pensei que talvez pudesse...

Interrompeu-se, incapaz de suplicar e humilhar-se.

Sernine aproximou-se dele.

– Gérard Baupré, você não publicou um volume de poesias chamado *O sorriso da primavera*?

– Publiquei – exclamou o jovem, cujo rosto se iluminara. – O senhor leu?

– Li... Muito bonitos seus versos... muito bonitos. Mas, você espera viver disso?

– Espero... mais cedo ou mais tarde...

– Mais cedo ou mais tarde... mais tarde, não é? Enquanto isso, vem me pedir ajuda para viver?

– Para comer, senhor.

Sernine pôs a mão em seu ombro e disse friamente:

– Poetas não comem, meu caro. Eles se alimentam de rimas e sonhos. Faça assim. É melhor do que pedir esmolas.

O jovem estremeceu com o insulto. Sem dizer uma palavra, seguiu depressa em direção à porta.

Sernine o deteve.

– Só mais uma coisa. Você não tem mais nada?

– Nada.

– E não pode contar com ninguém?

– Ainda tenho uma esperança... Escrevi para um dos meus parentes, suplicando que me enviasse alguma coisa. Hoje saberei a resposta. É meu prazo final.

– E se a resposta não chegar, você está decidido, esta noite mesmo, a...

– Sim, senhor.

Aquilo foi dito de modo simples e direto.

Sernine deu uma gargalhada.

– Meu Deus! Você é uma figura, meu jovem! Quanta ingenuidade! Volte a me procurar no ano que vem, está bem? Vamos voltar a falar sobre isso... É tão curioso, tão interessante e, principalmente, tão engraçado! Ah! Ah! Ah!

E, rindo às gargalhadas, com gestos e cumprimentos afetados, ele o acompanhou até a porta.

– Philippe – disse, chamando o funcionário do hotel. – Você ouviu?

– Ouvi, chefe.

– Gérard Baupré está esperando um telegrama hoje à tarde, uma promessa de socorro...

– Sim, sua última esperança.

– Esse telegrama, ele não pode receber. Se chegar, pegue e rasgue.

– Está bem, chefe.

– Você está sozinho no hotel?

– Estou só com a cozinheira, que não dorme no hotel. E o patrão está ausente.

– Ótimo. Estamos donos da situação. Até de noite, por volta das onze. Pode ir.

— 2 —

O príncipe Sernine foi para seu quarto e tocou a campainha, chamando o empregado.

– Meu chapéu, as luvas e a bengala. O carro chegou?

– Sim, senhor.

Ele se vestiu, saiu e acomodou-se em uma enorme e confortável limusine, que o levou ao Bois de Boulogne, à casa do marquês e da marquesa de Gastyne, onde estava sendo esperado para o almoço.

Às duas e meia, despediu-se dos anfitriões, parou na avenida Kléber, pegou dois de seus amigos e um médico, e chegaram às cinco para as três no parque des Princes.

Às três horas, estava disputando sabre com o comandante italiano Spinelle, e já na primeira investida cortou a orelha do adversário. Às três e quinze, estava jogando no clube da rua Cambon, de onde saiu com quarenta e sete mil francos.

Tudo sem pressa, com um ar de indiferença altiva, como se o movimento infernal que parecia fazer de sua vida um turbilhão de atos e acontecimentos fosse a própria regra dos seus dias mais calmos.

– Octave – disse ao chofer –, vamos para Garches.

E, às dez para as seis, ele parava diante dos velhos muros do parque de Villeneuve.

Desmembrada e arruinada, a propriedade de Villeneuve conserva ainda algo do esplendor que conheceu nos tempos em que a imperatriz Eugénie ali ia para descansar. Com suas velhas árvores, o lago, o horizonte de vegetação que se estende até o Bois de Saint-Cloud, a paisagem conserva ainda uma graça melancólica.

Uma boa parte da propriedade foi doada ao Instituto Pasteur. Uma porção menor, separada da primeira por um espaço público, constitui uma propriedade ainda bastante extensa, onde se erguem, ao redor da casa de repouso, quatro pavilhões isolados.

“É lá que mora a sra. Kesselbach”, pensou o príncipe, ao ver de

longe os telhados da casa e dos quatro pavilhões.

Enquanto isso, atravessava o parque e seguia em direção ao lago.

Subitamente, deteve-se atrás de algumas árvores. Vira duas damas encostadas ao parapeito da ponte que atravessa o lago.

“Varnier e seus homens devem estar nas proximidades. Mas, caramba, eles se escondem muito bem. Procurei, mas nada...”

As duas damas passeavam agora pelo gramado, debaixo de enormes e veneráveis árvores. O azul do céu surgia entre os galhos que uma brisa leve agitava, e no ar flutuava o perfume da primavera e da vegetação viçosa.

Na relva que descia em direção ao lago, margaridas, violetas, narcisos, lírios-do-vale, todas as pequenas flores de abril e maio combinavam-se formando, aqui e ali, constelações de todas as cores. O sol debruçava-se no horizonte.

De repente, três homens surgiram de um arbusto e seguiram na direção das mulheres que passeavam.

Eles as abordaram.

Trocaram algumas palavras. As duas damas davam sinais visíveis de medo. Um deles avançou em direção à mais baixa e quis pegar a bolsinha dourada que ela tinha nas mãos.

Elas gritaram e os três lançaram-se sobre elas.

“É agora ou nunca”, pensou o príncipe.

E avançou.

Em dez segundos, estava quase à beira do lago.

Quando se aproximava, os três homens fugiram.

– Fugam, delinquentes – zombou ele –, saiam daqui. Chegou o salvador!

E pôs-se a persegui-los. Mas uma das mulheres suplicou:

– Oh! Senhor, por favor, minha amiga não está bem.

A menor delas tinha de fato caído na grama, desmaiada. Ele voltou, preocupado:

– Ela está ferida? – perguntou. – Será que aqueles miseráveis...?

– Não... não... foi só o medo... a emoção. Além do mais... o senhor há de compreender... esta é a sra. Kesselbach....

– Oh! – disse ele.

E ofereceu um frasco de sais, que a jovem deu para a amiga respirar. E acrescentou:

– Tire a tampa de ametista. Tem uma caixinha, e nela, umas pastilhas. Ela deve tomar uma... não mais que uma, é muito forte...

Ele via a jovem cuidar da amiga. Era loira, de aspecto simples, aparência gentil e grave, e com um sorriso que lhe animava os traços mesmo quando não estava sorrindo.

“É Geneviève”, pensou.

E repetiu para si próprio, emocionado.

“Geneviève... Geneviève...”

Enquanto isso, a sra. Kesselbach recuperava-se aos poucos. Primeiro, espantada, parecia não compreender. Depois, à medida que voltava a si, agradeceu com um gesto de cabeça.

Ele fez uma reverência e disse:

– Permita-me apresentar-me: príncipe Sernine.

Ela disse em voz baixa:

– Não sei como agradecer.

– Não é preciso, madame. Agradeça ao acaso, foi o acaso que me fez andar por estes lados. Posso oferecer meu braço?

Alguns minutos depois, a sra. Kesselbach tocava a campainha da casa de repouso, dizendo ao príncipe:

– Vou pedir-lhe um último favor. Não comente a respeito deste assalto.

– Mas, madame, seria o único modo de saber...

– Para saber, seria preciso fazer uma investigação, muita confusão à minha volta, interrogatórios, seria cansativo, e estou no limite das minhas forças.

O príncipe não insistiu. Ao despedir-se, perguntou:

– Mas me permite que peça notícias suas?

– Claro...

Ela beijou Geneviève e entrou.

Nesse ínterim, a noite começava a cair. Sernine não quis que Geneviève voltasse sozinha. Mas, assim que pegaram a trilha, um vulto destacou-se das sombras e parou diante deles.

– Vói! – exclamou Geneviève.

Ela se jogou nos braços de uma velha senhora, que a cobriu de beijos.

– Ah! Minha querida, minha querida, o que aconteceu? Como você está atrasada! Você, que é tão pontual!

Geneviève apresentou:

– Sra. Ernemont, minha avó. O príncipe Sernine...

Depois, contou o incidente, e a sra. Ernemont repetia:

– Oh! Minha querida, você deve ter sentido tanto medo! Jamais me esquecerei, senhor... juro... Mas você deve ter sentido tanto medo, minha querida!

– Vamos, vovó, fique tranquila, estou bem...

– Sim, mas o susto pode ter feito mal a você... Não sabemos o que pode acontecer... Oh! Que coisa horrível...

Eles caminharam ao longo de uma cerca viva, para além da qual se vislumbrava e um terreno arborizado, algumas moitas, um pátio e uma casa branca.

Atrás da casa, e debaixo de um sabugueiro disposto em caramanchão, havia um pequeno portão.

A velha senhora suplicou que o príncipe Sernine entrasse e levou-o até uma pequena sala de estar.

Geneviève pediu ao príncipe permissão para se retirar por um instante, para ver os alunos, pois era a hora da ceia.

O príncipe e a senhora Ernemont ficaram a sós.

A velha senhora tinha um aspecto pálido e triste, debaixo dos cabelos brancos que terminavam em dois cachinhos. Forte, de andar pesado, ela tinha, apesar da aparência e das vestes distintas, qualquer coisa de vulgar, mas seus olhos eram de uma bondade infinita.

Enquanto ela arrumava a mesa, mencionando sempre sua preocupação, o príncipe Sernine aproximou-se dela, pegou sua cabeça entre as mãos e deu-lhe um beijo nas faces.

– Então, minha ama, como você está?

Ela parou atordoada, o olhar perdido, a boca aberta.

O príncipe beijou-a novamente, rindo.

Ela balbuciou:

– Você! É você! Ah! Jesus, Maria... Jesus, Maria... Não é possível!

Jesus, Maria!

– Minha boa Victoire!

– Não me chame assim – disse ela, agitada. – Victoire morreu. Sua velha ama não existe mais. Agora sou toda de Geneviève...

E acrescentou em voz baixa:

– Ah! Jesus, bem que li seu nome nos jornais... Então é verdade, você voltou a praticar maldades?

– Como pode ver.

– Mas você jurou que tinha parado, que ia embora para sempre, que queria ser honesto.

– Eu tentei. Faz quatro anos que venho tentando... Você não vai mentir dizendo que, durante esses quatro anos, ouviu falar de mim?

– E o que houve?

– É um tédio.

Ela suspirou:

– Sempre o mesmo... você não muda. Ah! É isso, você não vai mudar nunca... Então, você está envolvido no caso dos Kesselbach?

– Ora! Se não estivesse, por que teria me dado ao trabalho de organizar um assalto à sra. Kesselbach, às seis da tarde, para às seis e cinco arrancá-la das garras dos meus homens? Tendo sido salva por mim, vai ser obrigada a me receber. E aqui estou eu, no coração deste lugar, e enquanto protejo a viúva, vigio os arredores. Ah! O que você quer, a vida que levo não me permite passear por aí, entre delicadezas e aperitivos. Tenho que agir de modo espetacular, com vitórias sensacionais.

Ela observava assustada, e balbuciou:

– Entendo... entendo, aquilo foi tudo mentira... Mas, Geneviève...

– Ah! Com uma só arapuca, peguei as duas. Este golpe me fez avançar bastante. Imagine de quanto tempo eu precisaria, de quanto esforço, para entrar na intimidade daquela criança! Quem era eu para ela? O que eu seria, agora? Um estranho, um desconhecido. Agora, sou seu salvador. Daqui a pouco, seremos amigos.

Ela se pôs a tremer.

– Assim, você não vai salvar a Geneviève... vai é nos envolver nas suas histórias... – E, subitamente, num gesto de revolta, agarrou-o

pelos ombros: – Muito bem, não, pra mim chega, ouviu? Um dia, você me trouxe essa menina e disse: “Tome, eu a confio a você, os pais dela morreram, cuide bem dela”. Muito bem, ela está aí, sob a minha guarda, e eu vou defendê-la de você e das suas trapaças.

De pé, bem a prumo, com os punhos crispados e uma expressão firme no rosto, a sra. Ernemont parecia pronta para qualquer coisa.

Lentamente, sem gestos bruscos, o príncipe Sernine soltou, uma depois da outra, as duas mãos que o apertavam, pegou a velha senhora pelos ombros, sentou-a numa poltrona, agachou-se diante dela e, com muita calma, disse:

– Silêncio!

Ela começou a chorar, vencida, e cruzou as mãos diante de Sernine:

– Eu suplico, deixe-nos em paz. Estávamos tão felizes! Achei que você tivesse nos esquecido, e agradecia aos céus cada dia que passava. Mas, sim... eu gosto tanto de você. Mas, Geneviève... olha, não sei o que eu faria por essa menina. Ela tomou o seu lugar no meu coração.

– Estou vendo – disse ele, rindo. – Você me mandaria para o inferno, com vontade. Vamos, chega de bobagens! Não tenho tempo a perder. Tenho que falar com a Geneviève.

– Você vai falar com ela!

– Ora, isso é algum crime?

– E o que é que você vai dizer?

– Um segredo... um segredo muito sério, muito comovente...

A velha senhora alarmou-se:

– E ela vai sofrer? Oh! Tenho medo de tudo... temo por ela...

– Ela está chegando.

– Não, ainda não.

– Sim, se for mesmo ela chegando, enxugue o rosto e fique boazinha...

– Ouça – disse vivamente –, ouça, não sei o que você vai dizer, que segredo você vai contar para essa criança que você não conhece... Mas eu, que a conheço, digo o seguinte: Geneviève é por natureza valente, forte, mas muito sensível. Cuidado com as palavras... Você poderia ferir os sentimentos dela... de um modo que nem imagina...

– E por quê, meu Deus?

– Porque a natureza dela é diferente da sua, ela pertence a outro mundo... outro mundo moral... existem coisas que você não é capaz de compreender agora. Entre vocês dois, há um obstáculo intransponível... Geneviève tem a consciência mais pura e elevada... e você...

– E eu?

– Você, você não é um homem decente.

Geneviève entrou, alegre e encantadora.

– Minhas crianças estão todas no dormitório, tenho dez minutos de sossego... Muito bem, minha vó, o que é que há? Você está com uma aparência esquisita... Ainda aquela história?

– Não, senhorita – disse Sernine –, creio que consegui acalmar sua avó. É que estávamos falando de você, da sua infância, e parece que é um assunto que sua avó não consegue abordar sem certa emoção.

– Da minha infância? – disse Geneviève, corando. – Vó!

– Não se zangue, foi o acaso que levou nossa conversa para esse assunto. Acontece que frequentei muito o vilarejo onde você cresceu.

– Aspremont?

– Aspremont, perto de Nice... Você morava numa casa nova, toda branca...

– Sim – disse ela –, toda branca, com alguns detalhes em azul em volta das janelas... Eu era bem nova, já faz sete anos que saí de Aspremont. Mas me lembro dos menores detalhes dessa época. E não me esqueço do brilho do sol na fachada branca, nem da sombra dos eucaliptos, no canto do jardim...

– Nesse canto do jardim havia um olival e, debaixo de uma das oliveiras, uma mesa onde sua mãe trabalhava nos dias de calor.

– Verdade, é verdade – disse ela, emocionada. – Eu ficava ali brincando...

– E foi lá – disse ele – que vi sua mãe muitas vezes... Quando vi você, agora há pouco, imediatamente lembrei-me dela, nos seus dias mais alegres, mais felizes.

– Minha pobre mãe não foi mesmo muito feliz. Meu pai morreu no dia em que nasci e ela ficou inconsolável. Chorava muito. Dessa época, guardei o lençinho com o qual enxugava as lágrimas dela.

– Um lençinho com desenhos cor-de-rosa.

– O quê? – disse ela, espantada. – Como sabe...

– Eu estava lá, um dia, enquanto você consolava sua mãe... E fazia isso com tanta ternura, que guardei a cena na memória. – Ela o olhou profundamente e murmurou, quase que para si:

– É... É... me parece... seus olhos... sua voz...

Ela baixou as pálpebras por um instante e se recolheu, como se procurasse em vão fixar uma lembrança fugidia. E retomou:

– Então, o senhor conheceu minha mãe?

– Eu tinha amigos perto de Aspremont, e era na casa deles que nos encontrávamos. Da última vez, ela me pareceu ainda mais triste... mais pálida, e quando voltei...

– Ela já tinha ido, não é? – disse Geneviève. – É, ela partiu muito depressa... em poucas semanas... e eu fiquei sozinha com os vizinhos que cuidavam dela... uma manhã, vieram para levá-la... E de noite, enquanto eu dormia, alguém me pegou nos braços, me cobriu...

– Um homem? – disse o príncipe.

– É, um homem. Ele falava baixinho, com muita doçura... A voz dele me fazia bem... e enquanto me levava pela estrada, e depois de carro, durante a noite, ele me ninava e me contava histórias... com uma voz... com uma voz...

Ela parou aos poucos de falar e olhou de novo para ele, com um olhar mais profundo, esforçando-se visivelmente para fixar uma impressão fugidia que aflorava por instantes.

Ele disse:

– E depois? Para onde ele a levou?

– Depois, não me lembro muito bem... É como se eu tivesse dormido durante muitos dias... Quando lembro, já estava em Vendée, onde passei a segunda metade da minha infância, em Montégut, na casa do pai e da mãe Izereau, gente muito boa que me alimentou, me educou, e que eram de uma devoção e de uma ternura inesquecíveis.

– E eles também morreram?

– Também – disse ela. – Uma epidemia de febre tifoide na região... Mas eu só soube disso depois... Assim que eles adoeceram, alguém me levou, como da primeira vez, e nas mesmas condições, durante a noite, alguém que me cobriu do mesmo modo... Só que eu era maior, eu me debati, quis gritar... e ele cobriu minha boca com

um lenço.

– Quantos anos você tinha?

– Catorze... faz quatro anos.

– Você conseguiu reconhecer aquele homem?

– Não, ele se escondia, não me disse uma palavra... Mas sempre achei que fosse a mesma pessoa, porque me lembro da mesma solicitude, dos mesmos gestos atentos, cheios de cuidado.

– E depois?

– Depois, como antes, esqueci, dormi... Dessa vez, fiquei doente, parece, tive febre... E acordei num quarto alegre, iluminado. Uma senhora de cabelos brancos estava debruçada sobre mim, sorrindo. É minha vó... E esse quarto é hoje o meu quarto, aqui em cima.

Sua expressão era de novo de felicidade. Com seu belo rosto iluminado, ela concluiu sorrindo:

– E foi assim que a sra. Ernemont me encontrou uma noite, na porta da casa dela, dormindo, parece, e foi assim que ela me recolheu e se tornou minha avó. E, depois de passar por algumas provas, aquela menina de Aspremont hoje vive as alegrias de uma existência tranquila, e ensina cálculo e gramática para criancinhas rebeldes ou preguiçosas, mas que gostam muito dela.

Ela se exprimia alegremente, como quem pondera e se compraz ao mesmo tempo. Sentia-se nela o equilíbrio de uma natureza sensata.

Sernine ouvia com surpresa crescente, sem procurar disfarçar sua preocupação.

Ele perguntou:

– Você nunca mais ouviu falar daquele homem?

– Nunca.

– E ficaria contente em revê-lo?

– Sim, muito contente.

– Muito bem, senhorita...

Geneviève estremeceu.

– O senhor sabe de alguma coisa... a verdade, talvez...

– Não... não... é que...

Ele se levantou e andou pela sala. De vez em quando, olhava para Geneviève e parecia pronto para responder com palavras mais precisas

às perguntas que ela fazia. Iria ele falar?

A sra. Ernemont esperava angustiada a revelação do segredo, do qual poderia depender a felicidade da jovem.

Ele voltou a sentar-se ao lado de Geneviève, pareceu ainda hesitar, e por fim disse:

– Não... não... é que me veio uma ideia... uma lembrança...

– Uma lembrança? Do quê?

– Eu me enganei. Alguns detalhes, na sua história, me induziram ao erro.

– Tem certeza?

Ele hesitou uma vez mais, depois afirmou:

– Absoluta.

– Ah! – disse ela, desapontada. – Achei que o senhor o conhecia...

Ela não concluiu, esperando uma resposta para a pergunta que fazia, e que não ousava formular por inteiro.

Ele se calou. Então, sem mais insistir, ela se inclinou na direção da sra. Ernemont.

– Boa noite, vó, minhas crianças já devem estar na cama, mas ninguém dorme sem um beijo meu. – Ela estendeu a mão ao príncipe.

– Mais uma vez, obrigada...

– Você vai embora? – disse, prontamente.

– Me desculpe. Minha avó vai acompanhá-lo...

Ele fez uma mesura e beijou sua mão. Ao abrir a porta, ela se voltou e sorriu.

Depois, desapareceu.

O príncipe ouviu o ruído de seus passos, que se afastavam, e não se mexeu, pálido de emoção.

– Bem – disse a velha senhora –, você não falou?

– Não...

– Esse segredo...

– Mais tarde... hoje, é estranho... eu não consegui.

– Foi assim tão difícil? Será que ela não pressentiu... que era você o desconhecido que a levou embora, duas vezes? Bastava uma palavra...

– Depois... depois... – disse ele, novamente mais seguro. – Você

entende, essa criança mal me conhece... Antes, preciso conquistar o direito ao seu afeto, à sua ternura... Quando eu puder dar a vida que ela merece, uma vida maravilhosa, como nos contos de fadas, nesse momento eu vou falar.

A velha senhora balançou a cabeça.

– Receio que você esteja enganado... Geneviève não precisa de uma vida maravilhosa... ela tem um gosto simples.

– Ela é igual a todas as mulheres, e a fortuna, o luxo, o poder proporcionam alegrias que nenhuma delas despreza.

– Não, Geneviève. Seria melhor...

– Veremos. Por enquanto, deixe comigo. E fique tranquila. Não tenho a menor intenção, como você diz, de envolver Geneviève nas minhas tramoias. Ela mal vai me ver... mas eu precisava entrar em contato... Já entrei... Adeus.

Ele saiu da escola e foi em direção ao seu carro.

Estava feliz.

– Ela é graciosa... e tão doce, tão séria! Tem os olhos da mãe, aqueles olhos que me enterneciam até às lágrimas... Meu Deus, como tudo isso está distante! E que bela lembrança... um pouco triste, mas tão bonita!

E completou em alta voz:

– É, eu vou cuidar da felicidade dela. Imediatamente! A partir de agora! Sim, a partir de agora, ela terá um noivo! Não é essa a condição da felicidade para uma jovem?

Aproximou-se do carro na estrada.

– Para casa – disse a Otávio.

Em casa, solicitou uma ligação para Neuilly, deu instruções por telefone ao amigo que chamava de “doutor”, depois vestiu-se.

Jantou no clube da rua Cambon, passou uma hora no Opéra, e voltou de carro.

– Para Neuilly, Octave. Vamos pegar o doutor. Que horas são?

– Dez e meia.

– Caramba! Depressa!

Dez minutos depois, o carro parava no fim do bulevar Inkermann, diante de uma casa isolada. Ao ouvir a buzina, o doutor desceu. O príncipe perguntou:

– Ele está pronto?

– Embrulhado, amarrado e selado.

– Está em bom estado?

– Excelente. Se tudo se passar como me disse ao telefone, a polícia não vai nem perceber.

– Esse é o seu dever. Vamos pegá-lo.

Eles puseram no carro uma espécie de saco comprido que tinha a forma de uma pessoa e parecia bastante pesado. O príncipe disse:

– Para Versalhes, Octave, rua de la Vilaine, na frente do hotel Deux-Empereurs.

– Mas aquilo é um pardieiro – observou o doutor –, eu conheço.

– Para quem você está dizendo isso? E a missão vai ser difícil, pelo menos para mim... Mas, puxa, eu não trocaria de lugar com ninguém, nem por uma fortuna! Quem disse que esta vida seria monótona?

Hotel Deux-Empereurs... um acesso lamacento... dois degraus para baixo e entra-se num corredor iluminado por uma lâmpada.

Sernine bateu em uma pequena porta.

Um funcionário apareceu. Era Philippe, o mesmo a quem, de manhã, Sernine dera ordens a respeito de Gérard Baupré.

– Ele ainda está aqui? – perguntou o príncipe.

– Está.

– A corda?

– O nó está feito.

– Ele recebeu o telegrama que estava esperando?

– Está aqui, eu interceptei.

Sernine pegou o papel azulado e leu.

– Caramba – disse satisfeito –, bem na hora. Estavam prometendo para amanhã uma nota de mil francos. Bom, a sorte me favoreceu. Quinze para a meia-noite. Daqui a quinze minutos, o pobre diabo vai se lançar na eternidade. Me leve até lá, Philippe. Fique aqui, doutor.

O rapaz pegou a vela. Eles subiram até o terceiro andar e seguiram na ponta dos pés por um corredor baixo e malcheiroso, repleto de mansardas, e que dava numa escada de madeira, onde mofavam os vestígios de um tapete.

– Ninguém me ouve daqui? – perguntou Sernine.

– Ninguém. Os dois quartos são isolados. Mas preste atenção, ele está no da esquerda.

– Muito bem. Agora, desça de novo. À meia-noite, você, Octave e o doutor vão trazer aquele sujeito até aqui onde estamos, e vão aguardar.

A escada de madeira tinha dez degraus que o príncipe subiu com infinito cuidado... No alto, um patamar e duas portas. Sernine levou cinco longos minutos para abrir a porta da direita, sem que nem um rangido rompesse o silêncio.

Uma luz quebrava a escuridão do aposento. Tateando, para não tropeçar em uma das cadeiras, ele avançou em direção à luz. Ela vinha de um cômodo vizinho e atravessava uma porta envidraçada, coberta por um trapo.

O príncipe afastou o trapo. Os vidros eram foscos, mas estavam em mau estado, quebrados, de modo que, ao aproximar-se, podia ver tranquilamente tudo o que se passava no outro cômodo.

Havia um homem ali, sentado diante de uma mesa, e que ele via

de frente... Era o poeta Gérard Baupré.

E escrevia à luz de uma vela.

Acima dele, pendia uma corda, presa a um gancho fixado no teto. Na extremidade inferior da corda, um nó de correr e um laço redondo.

Um relógio, na cidade, soou baixinho.

“Cinco para a meia-noite”, pensou Sernine. “Cinco minutos mais.”

O jovem ainda estava escrevendo. Ao fim de um momento, pousou a caneta, organizou as dez ou doze folhas de papel que havia coberto de tinta, e pôs-se a reler.

A leitura não pareceu agradar, pois uma expressão de descontentamento surgiu em seu rosto. Ele rasgou o manuscrito e queimou os pedaços na chama da vela. Em seguida, com uma mão febril, rabiscou algumas palavras numa folha em branco, assinou sem qualquer apuro e se levantou.

Mas, ao ver a corda a vinte centímetros de sua cabeça, voltou a sentar-se com um súbito tremor de medo.

Sernine via nitidamente seu aspecto pálido, o rosto magro, contra o qual pressionava os punhos crispados. Uma lágrima caiu, uma só, lenta e desconsolada. Seus olhos fixaram-se no vazio, olhos de uma tristeza terrível, que já pareciam encarar o tenebroso nada.

E ele era tão jovem! De pele ainda macia, sem sinal de ruga ou cicatriz! E olhos azuis, de um azul de céu oriental.

Meia-noite... As dozes badaladas trágicas da meia-noite, a que tantos e desesperados entregaram o último segundo de sua existência.

Na décima segunda batida, ele se levantou de novo e, destemido, desta vez sem tremer, olhou para a corda sinistra. Tentou até sorrir – um sorriso pobre, o esgar lamentável de um condenado, nas garras da morte.

Rapidamente, subiu na cadeira e pegou a corda com uma mão.

Ficou ali imóvel por um instante, não que hesitasse ou lhe faltasse coragem, mas aquele era o instante supremo, o minuto de graça concedido antes do gesto fatal.

Contemplou o quarto infame onde o mau destino o tinha acuado, o papel de parede repugnante e o leito miserável.

Sobre a mesa, nenhum livro: tudo tinha sido vendido. Nem uma

fotografia, nem um envelope! Ele não tinha mais pai, nem mãe, nem família... O que é que o prendia à existência? Nada, nem ninguém.

Com um movimento brusco, enfiou a cabeça no laço e puxou a corda até que o nó envolvesse firmemente seu pescoço.

E, derrubando com os pés a cadeira, saltou no vazio.

Dez segundos, vinte segundos transcorreram, vintes segundos formidáveis, eternos...

O corpo sofreu duas ou três convulsões. As pernas instintivamente buscaram um ponto de apoio. Nada agora se mexia...

Alguns segundos mais... e a pequena porta de vidro se abriu.

Sernine entrou.

Sem a menor pressa, pegou a folha que o jovem assinara e leu:

“Cansado da vida, doente, sem dinheiro, sem esperança, eu me mato. Que ninguém seja acusado de minha morte.

“30 de abril. – Gérard Baupré.”

Pôs a folha sobre a mesa, bem à vista, e aproximou a cadeira, enfiando-a debaixo dos pés do jovem. Subiu na mesa e, abraçando aquele corpo, ergueu-o, afrouxou o nó e livrou a cabeça.

O corpo dobrou-se em seus braços. Ele o deixou deslizar ao longo da mesa e, saltando para o chão, estendeu-o sobre a cama.

Em seguida, com a mesma fleuma, entreabriu a porta do quarto.

– Vocês estão aí? – murmurou.

Perto dele, ao pé da escada de madeira, alguém respondeu:

– Estamos. Subimos o embrulho?

– Agora!

Ele pegou o castiçal e iluminou a passagem.

Com esforço, os três homens subiram a escada, carregando o saco onde o sujeito estava amarrado.

– Ponham aqui – disse ele –, indicando a mesa.

Com um canivete, cortou o barbante que envolvia o saco. Surgiu então um lençol branco, que ele abriu.

Nesse lençol, havia um cadáver, o cadáver de Pierre Leduc.

– Pobre Pierre Leduc – disse Sernine –, você não saberá jamais o que perdeu morrendo assim tão jovem! Você iria longe ao meu lado,

rapaz. Enfim, vamos ficar sem seus serviços... Vamos, Philippe, suba na mesa, e você, Octave, na cadeira. Levantem a cabeça dele e passem por dentro do laço.

Dez minutos depois, o corpo de Pierre Leduc estava balançando, preso na corda.

– Perfeito, não foi assim tão difícil, uma substituição de cadáveres. Agora, podem sair. Você, doutor, vai voltar aqui amanhã de manhã e descobrir o suicídio do senhor Gérard Baupré, ouviu bem, de Gérard Baupré – aqui está a carta de despedida –, vai mandar chamar o médico legista e o comissário, e dar um jeito para que nem um nem outro percebam que o defunto tem um dedo amputado e uma cicatriz no rosto...

– Fácil.

– E vai fazer com que o atestado de óbito seja emitido imediatamente, e ditado por você.

– Fácil, também.

– Por fim, vamos fazer com que seja logo enterrado, sem passar pela morgue.

– Não tão fácil.

– Tente. Você o examinou?

Apontou para o jovem que jazia inerte na cama.

– Sim – afirmou o doutor. – A respiração está se normalizando. Mas o risco foi grande... A carótida poderia ter...

– Quem não arrisca... Daqui a quanto tempo ele deve recuperar a consciência?

– Daqui a alguns minutos.

– Bom. Ah! Não vá embora ainda, doutor. Fique aqui embaixo. Seu trabalho ainda não acabou.

Sozinho, o príncipe acendeu um cigarro e fumou tranquilo, lançando, na direção do teto, pequenos anéis azuis de fumaça.

Um suspiro tirou-o das divagações. Ele se aproximou da cama. O jovem começava a se agitar, seu peito subia e descia bruscamente, como que em meio a um pesadelo.

Levou as mãos à garganta como quem sente dor, e com esse gesto ergueu-se de um salto, aterrorizado e ofegante.

Em seguida, viu Sernine à sua frente.

– Você! – murmurou, sem entender. – Você!...

Ele o contemplava estarrecido, como se estivesse vendo um fantasma.

Pôs de novo a mão na garganta, apalpou o pescoço, a nuca... De repente, soltou um grito rouco. Assustado, estalou os olhos, seus cabelos se eriçaram e ele estremeceu inteiro, como se fosse uma folha! O príncipe tinha desaparecido, e ele viu, e ainda via, o enforcado suspenso na corda!

Recuou até a parede. Aquele homem, o enforcado, era ele! Era ele mesmo. Estava morto, ele estava se vendo morto! Sonho atroz que se segue à passagem? Alucinação de quem não mais existe, mas cujo cérebro perturbado palpita ainda com um resto de vida?...

Agitou os braços no ar. Por um instante, pareceu defender-se daquela visão ignóbil. Depois, exausto, mais uma vez vencido, desmaiou.

– Que maravilha – zombou o príncipe. – Ele é de natureza sensível... impressionável... Está fora de órbita... Vamos, o momento é propício... Se eu não resolver isso logo, tudo estará perdido...

Abriu a porta que separava as duas mansardas, aproximou-se da cama, ergueu o jovem e levou-o até uma cama, no outro cômodo.

Depois, refrescou-lhe as têmporas com um pouco de água e deu saís para cheirar.

O desmaio, dessa vez, não durou muito tempo.

Timidamente, Gérard entreabriu as pálpebras e ergueu os olhos para o teto. A alucinação tinha terminado.

Mas a disposição dos móveis, a posição da mesa e da chaminé, alguns detalhes, tudo o surpreendia – e depois, a lembrança do próprio ato... a dor que sentia na garganta...

Ele disse ao príncipe:

– Isto é um sonho?

– Não.

– Como, não?

Subitamente, lembrou-se:

– Ah! É verdade, agora lembro... eu quis morrer e até...

E debruçou-se, ansioso:

– Mas, e o resto? A visão?

– Que visão?

– Do homem... a corda... aquilo foi um sonho?...

– Não – afirmou Sernine. – Aquilo também, aquilo foi real.

– Como assim? Como assim? Oh! Não... não... por favor... me acorde, se eu estiver dormindo, ou então que eu morra!... Mas estou morto, não estou? Isto é o pesadelo de um cadáver... Ah! Estou ficando louco... por favor...

Suavemente, Sernine pôs a mão na cabeça do jovem e debruçou-se sobre ele:

– Ouça... ouça bem, e entenda. Você está vivo. Sua substância e seu pensamento são idênticos e vivem. Mas Gérard Baupré está morto. Você entende? O sujeito social que se chamava Gérard Baupré não existe mais. Você acabou com ele. Amanhã, nos registros de estado civil, diante daquilo que um dia foi seu nome, estará escrito: “falecido” – com a data do óbito.

– Mentira! – balbuciou o jovem aterrorizado. – Mentira! Pois se eu estou aqui, eu, Gérard Baupré!...

– Você não é mais Gérard Baupré – declarou Sernine.

E indicando a porta aberta:

– Gérard Baupré está lá, no quarto ao lado. Quer ver? Está suspenso na corda que você pendurou. A carta onde assinou sua sentença de morte está sobre a mesa. Está tudo certo, e é definitivo. Você não deve mais pensar nisso, que é irrevogável e brutal: Gérard Baupré não existe mais!

O jovem escutava, perdido. Agora que os fatos adquiriam um significado menos trágico, e já mais calmo, ele começava a entender.

– E agora?

– Agora, vamos conversar...

– Vamos... vamos conversar...

– Um cigarro? – perguntou o príncipe. – Aceita? Ah! Já vi que já está de novo apegado à vida. Melhor, assim vamos nos entender, e depressa.

Ele acendeu o cigarro do jovem, o seu próprio, e imediatamente,

com poucas palavras e num tom seco, explicou:

– Falecido Gérard Baupré, você estava cansado de viver, doente, sem dinheiro e sem esperanças. Quer ficar rico e poderoso?

– Não estou entendendo.

– É muito simples. O acaso pôs você no meu caminho, você é jovem, bonito, um poeta, inteligente e – seu ato de desespero é prova disso – muito honesto. São qualidades que raramente se encontram reunidas. Admiro isso... e vou cuidar delas.

– Elas não estão à venda.

– Imbecil! Quem está falando em comprar ou vender? Fique tranquilo. Sua consciência é preciosa demais para ficar nas suas mãos.

– Então, o que é que você está me pedindo?

– A vida!

E apontando para a garganta ainda ferida do jovem:

– Sua vida! A vida que você não soube aproveitar! A vida que estragou, perdeu, destruiu, e que pretendo refazer, segundo um ideal de bondade, grandeza e nobreza que lhe daria vertigens, meu caro, se pudesse imaginar o abismo onde agora mergulham meus pensamentos...

Segurou a cabeça de Gérard entre as mãos e continuou, com ironia:

– Você está livre! Não tem obstáculos! Não tem mais que suportar o peso do seu nome! Apagou o número de registro que a sociedade imprimiu a ferro e fogo nas suas costas. Você está livre! Neste mundo de escravos, onde cada um tem sua marca, você pode ir e vir no anonimato, invisível, como se tivesse o anel de Gíges, ou então escolher sua própria marca, o que você quiser! Entende? Percebe o tesouro magnífico que isso representa para um artista, para você, se assim quiser? Uma vida virgem, novinha em folha! Sua vida agora é uma argila que você pode modelar à vontade, segundo os caprichos da imaginação ou os conselhos da razão.

O jovem expressiu um gesto de cansaço.

– Ah! E o que você quer que eu faça com esse tesouro? O que eu fiz até hoje? Nada.

– Dê para mim.

– O que você poderia fazer?

– Tudo. Se você não é um artista, eu sou! E entusiasmado, inesgotável, indomável, transbordante. Se você não tem o fogo sagrado, eu tenho! Onde você fracassou, eu vencerei! Me dê sua vida.

– Palavras, promessas! – exclamou o jovem, com o olhar mais animado. – Sonhos vazios! Sei bem o meu valor!... Conheço minha fraqueza, minha covardia, meus esforços abortados, minha miséria. Para recomençar a vida, eu precisaria de uma vontade que não tenho...

– Temos a minha...

– Amigos...

– Você vai ter!

– Recursos...

– Eu darei, e que recursos! Você só vai ter que colher, como quem tira de um baú mágico.

– Mas quem é você, afinal? – exclamou o jovem, delirando.

– Para os outros, o príncipe Sernine... Para você... não importa! Sou mais que um príncipe, mais que um rei, mais que um imperador.

– Quem é você?... Quem é você? – balbuciou Baupré.

– O mestre... aquele que pode e quer... aquele que age... Não há limites para a minha vontade, nem para o meu poder. Sou mais rico que o mais rico, pois a fortuna dele me pertence... Sou mais poderoso que os mais fortes, pois a força deles está a meu serviço.

Ele agarrou de novo a cabeça do jovem, e com um olhar penetrante:

– Seja rico, também... seja forte... é a felicidade, o que estou oferecendo... o gosto pela vida... a paz para sua mente de poeta... e a glória, também. Você aceita?

– Aceito... aceito... – murmurou Gérard, fascinado e dominado. – O que eu preciso fazer?

– Nada.

– Mas...

– Nada, estou dizendo. Você é a base dos meus projetos, mas você mesmo não importa. Você não tem que fazer nada. Você agora é só um figurante... nem isso! É um peão que eu movo.

– E o que eu faço?

– Nada... versos! Você vai viver à vontade. Vai ter dinheiro. Vai gozar a vida. Não vou nem mesmo me ocupar de você. Repito, você não tem papel nenhum na minha aventura.

– E quem eu serei?

Sernine estendeu os braços e mostrou o quarto ao lado:

– Você vai tomar o lugar dele. *Você é ele.* – Gérard estremeceu de revolta e desgosto.

– Ah, não! Ele está morto... e depois, isso é um crime... Não, eu quero uma vida nova, só para mim... imaginada para mim... um nome desconhecido...

– Ele – exclamou Sernine, com energia e autoridade irresistíveis. – Você será ele, e não outro! Ele, porque o destino dele é magnífico, porque o nome dele é ilustre e porque ele vai transmitir a você uma herança milenar, de nobreza e orgulho.

– Isso é um crime – gemeu Baupré.

– Você será ele – proferiu Sernine, com violência inaudita. – Ele! Se não, voltará a ser Baupré, e, sobre Baupré, tenho direito de vida e morte. Escolha.

Ele puxou o revólver, armou e apontou para o jovem.

– Escolha! – repetiu.

A expressão em seu rosto era implacável. Gérard sentiu medo e tombou na cama, soluçando.

– Eu quero viver!

– Você quer mesmo, firmemente, irrevogavelmente?

– Quero, e muito, muito! Depois dessa coisa terrível que tentei, a morte me apavora... Tudo... tudo, menos a morte! Qualquer coisa! Sofrimento... fome... doença... qualquer tortura, qualquer infâmia... o crime, até, se for preciso... mas a morte, não.

Ele tremia de febre e angústia, como se a grande inimiga o rondasse ainda, e ele se sentisse impotente para escapar de suas garras.

O príncipe redobrou os esforços, e com uma voz ardente, subjugando-o como a uma presa:

– Não estou lhe pedindo nada impossível, nada de mau... Se alguma coisa acontecer, eu serei o responsável. Não, nada de crimes...

um pouco de sofrimento, no máximo... um pouco do seu sangue. Mas o que é isso, comparado ao seu pavor pela morte?

– Não ligo para o sofrimento.

– Então, imediatamente! – clamou Sernine. – Imediatamente! Dez segundos de sofrimento, e pronto... dez segundos, e a vida de outra pessoa será sua...

Ele o agarrou pelo tronco e, debruçando-se na cadeira, segurou a mão esquerda do jovem sobre a mesa, com os cinco dedos afastados. Rapidamente, tirou do bolso uma faca, apoiou a lâmina sobre o mindinho, entre a primeira e a segunda falange e ordenou:

– Bata! Bata você mesmo! Só um golpe, e pronto! – Ele agarrou a mão direita do jovem e, com ela, tentou bater sobre a outra, como um martelo. Gérard se torcia, crispado de horror. Ele entendera.

– Nunca! – gaguejou ele. – Nunca!

– Bata! Só um golpe e pronto, um golpe só, e você será como esse homem, ninguém vai reconhecer você.

– O nome dele...

– Bata, primeiro...

– Nunca! Ah! Que suplício... Depois, por favor...

– Agora... eu quero... é preciso...

– Não... não... eu não consigo...

– Bata, imbecil, você vai ter fortuna, glória, amor.

Gérard ergueu o punho e, num impulso...

– O amor... – ele disse. – Sim... por isso, sim...

– Você vai amar e ser amado – proferiu Sernine. – Sua noiva está à sua espera. Eu a escolhi. Ela é a mais pura entre as puras, a mais bela entre as belas. Mas vai precisar conquistá-la. Bata!

O braço contraiu-se para o movimento fatal, mas o instinto foi mais forte.

Uma energia sobre-humana acometeu o jovem. Bruscamente, livrou-se do abraço de Sernine e escapou.

E correu feito um louco na direção do outro cômodo. Lançou um grito de terror à vista daquele espetáculo abominável e voltou, caindo ao lado da mesa, de joelhos diante de Sernine.

– Bata! – disse este, abrindo de novo os cinco dedos e

posicionando a lâmina da faca.

Foi um gesto mecânico. Feito um autômato, com o olhar perdido e o rosto lívido, o jovem ergueu o punho e bateu.

– Ah! – disse ele, com um gemido de dor. O pequeno pedaço de carne saltou. O sangue corria. Pela terceira vez, ele desmaiou.

Sernine olhou-o durante alguns segundos e disse, gentil:

– Pobre menino!... Eu o compensarei por isso, e cem vezes. Pago sempre regamente.

Ele desceu e encontrou o médico lá embaixo:

– Acabou. Agora, é com você... Suba e faça uma incisão no lado esquerdo do rosto, igual à do Pierre Leduc. As duas cicatrizes têm que ser idênticas. Daqui a uma hora, eu virei buscá-lo.

– Aonde você vai?

– Tomar ar. Estou revirado por dentro.

Lá fora, respirou fundo, depois acendeu outro cigarro.

– Foi um belo dia – murmurou. – Um pouco pesado, um pouco cansativo, mas produtivo, muito produtivo. Sou amigo de Dolorès Kesselbach. Amigo de Geneviève. Fabriquei um novo Pierre Leduc bastante apresentável e inteiramente devoto a mim. E, por fim, encontrei um marido para Geneviève como não se encontra por aí. Minha tarefa chegou ao fim. Agora, é só colher os frutos dos meus esforços. O trabalho agora é seu, sr. Lenormand. Eu terminei.

E acrescentou, pensando no infeliz mutilado que cobrira de promessas:

– Mas há um porém. Ignoro por completo a identidade desse Pierre Leduc, e que tão generosamente outorguei àquele bom rapaz. E isso está me incomodando... Porque, afinal, nada me garante que Pierre Leduc não seja o filho de um charcuteiro***!

*** Salsicheiro. (N. do T.)

O senhor Lenormand em ação

No dia 31 de maio, de manhã, todos os jornais lembravam que Lupin, em carta escrita ao sr. Lenormand, anunciara para aquela data a fuga do contínuo Jérôme.

E um deles resumia muito bem a situação, naquele dia:

“A terrível carnificina do Palace-Hôtel aconteceu no dia 17 de abril. O que descobriram desde então? Nada.

“Havia três indícios: a cigarreira, as letras L e M e o embrulho com as roupas, esquecido na administração do hotel. Que proveito tiraram disso? Nenhum.

“Parece que estão investigando um dos hóspedes que moravam no primeiro andar, e que desapareceu de um modo suspeito. Ele foi encontrado? Descobriram sua identidade? Não.

“Portanto, o drama permanece tão misterioso como no primeiro momento, e a névoa, igualmente espessa.

“Para completar o quadro, afirmam que houve um desentendimento entre o chefe de polícia e seu subordinado, o sr. Lenormand, e que este, apoiado com menos vigor pelo presidente do Conselho, teria virtualmente pedido demissão há vários dias. O caso Kesselbach estaria sendo investigado pelo subchefe da Sûreté, o sr. Weber, inimigo pessoal do sr. Lenormand.

“Em suma, é a desordem, a anarquia.

“Do outro lado, Lupin, o método, o vigor, o espírito de perseverança.

“Nossa conclusão? A coisa será breve. Lupin libertará o cúmplice hoje, dia 31 de maio, conforme anunciou.”

Essa conclusão, que estava em todos os demais periódicos, era igualmente compartilhada pelo público. E é lícito supor que a ameaça

tenha chegado aos altos escalões, pois o chefe de polícia e, na falta do sr. Lenormand, que se declara doente, o subchefe da Sûreté, o sr. Weber, tomaram as medidas mais rigorosas, tanto no Palácio de Justiça como na prisão da Santé****, onde se encontrava o réu.

Por pudor, não ousaram suspender, nesse dia, os interrogatórios diários do sr. Formerie, mas havia uma verdadeira mobilização de forças policiais vigiando o trajeto entre a prisão e o bulevar du Palais.

Para o grande espanto de todos, o dia 31 de maio passou e a fuga não aconteceu.

Houve alguma coisa, um início de execução que se traduziu na obstrução de bondes, ônibus e caminhões, no momento em que o carro da polícia passou, e a quebra inexplicável de uma das rodas desse carro. Mas a tentativa não foi adiante.

Tinha sido, portanto, um fracasso. A opinião pública ficou quase decepcionada, e a polícia triunfou ruidosamente.

Ora, no dia seguinte, no sábado, um rumor inacreditável percorreu o Palácio e chegou aos escritórios de redação: o contínuo Jérôme tinha desaparecido.

Seria possível?

Ainda que as edições especiais tenham confirmado a notícia, recusavam-se a admitir. Mas, às seis horas, uma nota publicada pelo jornal *Dépêche du Soir* tornou a coisa oficial:

Recebemos o seguinte comunicado, assinado por Arsène Lupin. O timbre especial, semelhante ao usado por ele nas comunicações recentes à imprensa, atesta a autenticidade do documento.

“Senhor Diretor,

“Queira me desculpar junto à opinião pública por não ter cumprido minha palavra, ontem. No último momento, percebi que o dia 31 de maio caía numa sexta-feira! Poderia eu, numa sexta-feira, libertar meu amigo? Não quis assumir tal responsabilidade.

“Peço desculpas também por não dar aqui, com a franqueza habitual, explicações sobre como se deu esse breve episódio.

Meu procedimento foi tão engenhoso e simples que temo, ao desvendá-lo, que os malfeitores nele se inspirem. Qual não será a surpresa, o dia em que me for permitido falar! Então foi assim? – dirão. Sim, foi assim, mas foi preciso pensar nisso.

“Receba meus votos sinceros, senhor Diretor...”

“Assinado: ARSÈNE LUPIN.”

Uma hora depois, o sr. Lenormand recebia um telefonema: Valenglay, o presidente do Conselho, o estava convocando para uma reunião no Ministério do Interior.

– Está com uma boa aparência, meu caro Lenormand! Achei que estivesse doente, não ousei incomodá-lo!

– Não estou doente, senhor presidente.

– Estava ausente, então, porque estava aborrecido! Sempre o mesmo temperamento difícil.

– Que meu temperamento seja difícil, presidente, eu admito... mas não que estava aborrecido.

– Mas o senhor ficou em casa! E Lupin aproveitou para libertar os amigos...

– E eu lá podia impedir?

– Como? A estratégia de Lupin foi rudimentar. Como sempre, anunciou a data da fuga, todos acreditaram, ele esboçou uma tentativa, a fuga não aconteceu e, no dia seguinte, quando ninguém mais estava esperando, puf, o passarinho voou.

– Senhor presidente – falou sério o chefe da Sûreté –, Lupin dispõe de tantos recursos, que é impossível impedir aquilo que decidiu. A fuga era certa, matemática. Eu preferi passar adiante... e deixar o ridículo para os outros.

Valenglay zombou:

– É verdade que o sr. chefe de polícia e o sr. Weber, a essa hora, não devem estar achando graça... Mas, enfim, pode me explicar, Lenormand?...

– Tudo o que sabemos, presidente, é que a fuga aconteceu no Palácio de Justiça. O réu foi levado em um carro de polícia e conduzido ao gabinete do sr. Formerie... Mas não saiu do Palácio de

Justiça. Entretanto, não sabemos o que foi feito dele.

– É desconcertante.

– Desconcertante.

– E descobriram alguma coisa?

– Sim. O corredor, ao longo dos gabinetes de instrução, estava lotado por uma multidão absolutamente incomum de réus, guardas, advogados, contínuos, e descobriram que toda essa gente tinha recebido falsas convocações para comparecer àquela mesma hora. Por outro lado, nenhum dos juízes de instrução que os teria convocado compareceu nesse dia em seu gabinete, devido a uma falsa convocação do Tribunal, que os mandou todos para os quatro cantos de Paris e arredores.

– Só isso?

– Não. Viram dois guardas municipais e um réu atravessando um pátio. Do lado de fora, um fiacre estava à espera deles, onde subiram os três.

– E qual é sua hipótese, Lenormand? Sua opinião?

– Minha hipótese, senhor presidente, é que os dois guardas municipais eram cúmplices que, aproveitando-se da desordem no corredor, substituíram os guardas verdadeiros. E minha opinião é que essa fuga só pôde acontecer graças a circunstâncias tão especiais, a um conjunto tão estranho de fatos, que é preciso admitir como certa a cumplicidade mais inadmissível. No Palácio de Justiça, e em toda parte, Lupin tem ligações que nem imaginamos. Tem na chefatura de polícia, tem à minha volta. É uma organização formidável, um serviço de segurança mil vezes mais hábil, audacioso, diverso e flexível do que este que eu dirijo.

– E o senhor aceita isso, Lenormand!

– Não.

– Então, por que tanta inércia, desde o início do caso? O que fez contra Lupin?

– Preparei o campo de batalha.

– Ah! Perfeito. E, enquanto preparava, ele agia.

– Eu também.

– E o senhor sabe de alguma coisa?

– Muita.

– O quê? Fale, então.

O sr. Lenormand, apoiado na bengala, deu uma pequena volta naquele vasto cômodo, enquanto refletia. Depois, sentou-se diante de Valenglay, esfregou com a ponta dos dedos os debruns da sobrecasaca cor de oliva, ajeitou os óculos de hastes de prata, e disse com clareza:

– Senhor presidente, tenho três trunfos na mão. Primeiro, sei o nome sob o qual Arsène Lupin está se escondendo neste momento, nome que adotou enquanto morava no bulevar Haussmann, recebendo todos os dias seus colaboradores, organizando e dirigindo seu bando.

– Mas então por que diabos não o prendeu?

– Só consegui essa informação depois da fuga. Depois disso, o príncipe, vamos chamá-lo de príncipe das Três Estrelas, desapareceu. Ele está no exterior, cuidando de outros negócios.

– E se ele não voltar a aparecer?

– A situação dele, a maneira como se envolveu no caso Kesselbach, exige que reapareça, e sob o mesmo nome.

– Mas...

– Presidente, agora o meu segundo trunfo. Descobri o paradeiro de Pierre Leduc.

– Ora, ora!

– Ou melhor, foi Lupin quem descobriu, e foi Lupin que, antes de sumir, instalou-o numa casa nos arredores de Paris.

– Caramba! Mas como ficou sabendo?

– Ah! Foi fácil. Lupin botou dois dos seus cúmplices para vigiar e proteger Pierre Leduc. Esses cúmplices são meus agentes, dois irmãos que emprego em segredo e que vão me trazer Leduc, na primeira oportunidade.

– Ótimo! Ótimo! De modo que...

– Como Pierre Leduc é, digamos, o ponto central para onde convergem todos os esforços daqueles que estão atrás do famoso segredo de Kesselbach, por meio de Leduc, mais cedo ou mais tarde eu terei: primeiro, o autor do triplo assassinato, porque esse miserável quer realizar o projeto grandioso de Kesselbach, que ainda desconhecemos, e Kesselbach precisava de Pierre Leduc para realizar o

tal projeto; segundo, terei Arsène Lupin, pois Arsène Lupin está atrás desse mesmo objetivo.

– Perfeito. E Pierre Leduc é a isca que o senhor está oferecendo ao inimigo.

– E o peixe vai morder, presidente. Acabei de ficar sabendo que um sujeito suspeito foi visto agora há pouco rondando a casa onde se encontra Pierre Leduc, sob a proteção dos meus dois agentes secretos. Daqui a quatro horas, estarei no local.

– E o terceiro trunfo, Lenormand?

– Ontem, chegou ao endereço do sr. Rudolf Kesselbach uma carta, interceptada por mim.

– Muito bem.

– Eu a abri e guardei. Está aqui. Foi encaminhada há dois meses. Tem o carimbo da Cidade do Cabo e diz o seguinte:

“Meu bom Rudolf, estarei em Paris no dia primeiro de junho, e tão pobre como quando me socorreu. Mas deposito grandes esperanças no caso Pierre Leduc, que apresentei a você. Que história bizarra! Encontrou Leduc? Como está essa história? Quero logo saber.

“Assinado: seu fiel STEINWEG.”

– Hoje é dia primeiro de junho – continuou o sr. Lenormand. – Encarreguei um dos meus inspetores de localizar esse tal de Steinweg. Acredito que ele consiga.

– Acredito também – exclamou Valenglay ao se levantar –, e peço mil desculpas, meu caro Lenormand. Confesso: estava a ponto de dispensá-lo! Amanhã, faria uma reunião com o chefe de polícia e o sr. Weber.

– Eu sei, presidente.

– Não é possível.

– Se não soubesse, teria me dado a este trabalho? Hoje, o senhor conheceu meu plano de batalha. Por um lado, estou preparando uma armadilha onde o assassino vai acabar caindo: Pierre Leduc ou Steinweg vão me levar a ele. Por outro, estou rondando Lupin. Dois de seus agentes são pagos por mim, e ele os considera seus mais devotos

colaboradores. Além disso, Lupin está trabalhando para mim, porque, assim como eu, está atrás do autor do triplo assassinato. Mas ele pensa que está me enganando, enquanto quem o está enganando sou eu. Portanto, vou vencer, mas com uma condição.

– Qual?

– Que eu possa agir em liberdade e conforme as necessidades do momento, sem me preocupar com a impaciência da opinião pública, nem com a intriga dos meus superiores.

– Está combinado.

– Nesse caso, senhor presidente, daqui a alguns dias eu terei vencido ou estarei morto.

— 2 —

Em Saint-Cloud. Uma pequena casa situada em um dos pontos mais elevados da colina, ao longo de uma estrada pouco frequentada. São onze da noite. O sr. Lenormand deixou o carro em Saint-Cloud e, seguindo atento pela estrada, ele se aproxima.

Surge um vulto.

– É você, Gourel?

– Sou eu, chefe.

– Avisou os irmãos Doudeville que eu ia chegar?

– Avisei, sua cama está pronta, o senhor já pode deitar e dormir...

A menos que tentem levar Pierre Leduc esta noite, o que não me surpreenderia, pelo modo como andam as coisas, segundo os Doudeville.

Eles atravessaram o jardim, entraram devagar e subiram ao primeiro andar. Os dois irmãos, Jean e Jacques Doudeville, estavam lá.

– Alguma notícia do príncipe Sernine? – perguntou.

– Nenhuma, chefe.

– E Pierre Leduc?

– Passa o dia todo deitado em seu quarto no térreo, ou no jardim.

Nunca sobe para nos ver.

– Está melhor?

– Bem melhor. O repouso o está transformando a olhos vistos.

– Ele anda colaborando com Lupin?

– Com o príncipe Sernine, digamos, porque nem imagina que os dois sejam a mesma pessoa. Pelo menos, é o que acho, com ele não temos certeza de nada. Ele nunca fala. Ah! É um tipo esquisito. Só há uma pessoa capaz de fazê-lo se animar, conversar e até rir. É uma jovem de Garches, que o príncipe Sernine apresentou a ele, Geneviève Ernemont. Ela já veio três vezes... Só hoje...

E acrescentou, brincando:

– Eu acho que estão flertando... Assim como Sua Alteza, o príncipe Sernine, e a sra. Kesselbach... parece que ele anda dando em cima dela! Ah, esse Lupin!

O sr. Lenormand não respondeu. Era como se aqueles detalhes, que ele parecia relevar, estivessem sendo registrados no fundo de sua memória, para o momento em que fosse preciso extrair deles as conclusões lógicas.

Ele acendeu um charuto, mordeu sem fumar, acendeu de novo e o deixou de lado.

Fez mais duas ou três perguntas e em seguida, vestido, atirou-se na cama.

– Se acontecer qualquer coisa, me acordem... Se não, vou dormir. Vamos, cada um para o seu posto.

Eles saíram. Uma hora se passou, duas horas... Subitamente, o sr. Lenormand sentiu um toque, e Gourel disse:

– Acorda, chefe, abriram o portão.

– Um homem, dois?

– Só vi um... A lua apareceu... e ele se escondeu numa moita.

– E os irmãos Doudeville?

– Mandei saírem por trás. Para interceptar a fuga, quando o momento chegar.

Gourel estendeu a mão para o sr. Lenormand, levou-o até o andar de baixo, e em seguida para um lugar escuro.

– Não se mexa, chefe, estamos no banheiro de Pierre Leduc. Vou abrir a porta do quatinho onde ele está dormindo... não se preocupe... ele tomou um sedativo, como todas as noites... não acorda por nada... Venha... Que tal este esconderijo, hein? Aquelas são as cortinas da cama... Daqui, dá para ver a janela e uma parte do quarto, da cama até a janela.

Ela estava aberta e deixava entrar uma luz baça, nítida apenas quando a lua surgia por trás de um véu de nuvens.

Os dois homens não tiravam os olhos do vão da janela, certos de que o evento que estavam esperando aconteceria por ali.

Um leve ruído... um estalido...

– Ele está subindo pela treliça – murmurou Gourel.

– É alta?

– Dois metros... dois metros e meio...

Os estalidos ficaram mais nítidos.

– Saia, Gourel – murmurou Lenormand –, junte-se aos Doudeville... Vá com eles até o muro e barrem a saída de quem tentar descer por aqui.

Gourel saiu.

Nesse mesmo instante, surgiu uma cabeça à janela, e em seguida um vulto saltou para dentro da sacada. O sr. Lenormand discerniu um homem magro, de estatura abaixo da média, vestindo uma roupa escura e sem chapéu.

O homem girou o corpo e, debruçado na sacada, olhou durante alguns segundos para o vazio da noite, como que para se certificar de que nenhum perigo o ameaçava. Depois, agachou-se junto às tábuas do chão. Parecia imóvel. Mas, em seguida, o sr. Lenormand percebeu que o vulto avançava na escuridão, aproximando-se.

Alcançou a cama.

Teve a impressão de ouvir a respiração do indivíduo, e mesmo de adivinhar seus olhos, olhos brilhantes, perspicazes, que perfuravam as trevas como faíscas, e que *viam* na escuridão.

Pierre Leduc suspirou fundo e virou-se.

De novo, silêncio.

O sujeito tinha se esgueirado para cima da cama em movimentos imperceptíveis, e o vulto se destacava da alvura dos lençóis que pendiam do leito.

Se o sr. Lenormand esticasse os braços, poderia tocá-lo. Dessa vez, sentiu nitidamente que essa nova respiração se alternava com a do homem que dormia, e teve a impressão de sentir também as batidas de um coração.

Subitamente, um fecho de luz... o homem acendeu uma lanterna, e Pierre Leduc estava agora com o rosto todo iluminado. Mas o homem permanecia na penumbra, e o sr. Lenormand não pôde ver sua fisionomia.

Viu apenas que algo luzia na área de claridade, e estremeceu. Era a lâmina de uma faca, e essa faca, afiada, pequena, mais um estilete

do que um punhal, pareceu-lhe idêntica à lâmina que recolhera ao lado do cadáver de Chapman, o secretário do sr. Kesselbach.

Com todas as forças, segurou-se para não saltar sobre o homem. Antes, queria saber o que ele tinha vindo fazer...

A mão ergueu-se. Iria ele atacar? O sr. Lenormand calculou a distância para deter o golpe. Mas não, não era um gesto de ataque, mas de precaução.

Se Pierre Leduc se mexesse ou tentasse gritar, a mão desceria sobre ele. E o sujeito se debruçou na direção do homem que dormia, como se examinasse alguma coisa.

“O lado direito do rosto...”, pensou o sr. Lenormand, “a cicatriz do lado direito... ele quer se certificar de que é de fato Pierre Leduc”.

O homem tinha se virado um pouco, de modo que só se viam suas costas. Mas as roupas, o sobretudo, estavam tão próximos que roçavam a cortina atrás da qual o sr. Lenormand se escondia.

“Um movimento dele”, pensou, “o menor gesto, e eu o agarro”.

Mas o homem não se mexeu, entregue ao exame. Por fim, depois de ter passado a lâmina para a mão que segurava a lanterna, ergueu o lençol, primeiro um pouco, depois um pouco mais, e mais ainda, até que o braço esquerdo do homem que dormia ficou descoberto, e também sua mão.

O facho da lanterna iluminou a mão. Viam-se quatro dedos. O quinto estava amputado na altura da segunda falange.

Pela segunda vez, Pierre Leduc se mexeu. Em seguida, a luz se apagou, e por um instante o homem permaneceu ao lado da cama, imóvel, rígido. Iria atacar? O sr. Lenormand sentia-se angustiado pelo crime que poderia impedir com tanta facilidade, mas que não queria evitar, antes do instante fatal.

Fez-se um longo silêncio. De repente, viu, de modo um pouco confuso, um braço levantar-se. Instintivamente, ele se mexeu, estendendo a mão acima do homem que dormia. Nesse gesto, acabou tocando no indivíduo.

Um grito surdo. O sujeito golpeou o vazio, defendendo-se ao acaso, depois fugiu em direção à janela. Mas o sr. Lenormand saltou sobre ele, abraçando-o na altura dos ombros.

Imediatamente, sentiu que o sujeito cedia e que, mais fraco, impotente, furtava-se à luta, enquanto tentava livrar-se do abraço. Com toda a força, ele o puxou contra si, dominando-o e estendendo-o de peito contra o chão.

– Ah! Peguei... Peguei você – murmurou, triunfante.

E sentiu uma euforia única ao agarrar com força irresistível aquele temível criminoso, aquele monstro inominável. Sentia-se vivo e pulsante, colérico e desesperado, diante daquelas duas vidas implicadas, de fôlegos embaralhados.

– Quem é você? Diga... quem é você?... Melhor falar...

Ele apertava o inimigo com energia crescente, pois tinha a impressão de que aquele corpo diminuía nos seus braços, que o sujeito desmaiava. E apertou mais... e mais...

De repente, tremeu da cabeça aos pés. Tinha sentido, estava sentindo uma pequena picada na garganta... Exasperado, apertou ainda mais: a dor aumentou. E ele se deu conta de que o homem tinha conseguido torcer o braço, deslizar a mão até a altura do seu peito e posicionar a lâmina. O braço, sim, estava imobilizado, mas, à medida que o sr. Lenormand estreitava o nó de seu abraço, a ponta da lâmina penetrava na carne ali exposta.

Ele virou um pouco a cabeça para tentar se esquivar da ponta: a ponta seguiu esse movimento e a ferida aumentou.

Então, parou de se mexer, surpreendido pela lembrança dos três crimes e por tudo o que representava de assustador, atroz e fatídico aquela pequena agulha de aço que perfurava sua pele e penetrava implacavelmente...

De um só gesto, soltou o sujeito e saltou para trás. Em seguida, tentou retomar a ofensiva. Tarde demais.

O homem alcançou a janela e saltou.

– Cuidado, Gourel! – gritou, sabendo que Gourel estava lá, pronto para receber o fugitivo.

Debruçou-se na sacada.

Um ruído de seixos... uma sombra entre duas árvores... uma batida do portão... E nenhum outro ruído... Nenhuma intervenção...

Sem se preocupar com Pierre Leduc, ele gritou:

– Gourel!... Doudeville!

Nenhuma resposta. O imenso silêncio noturno do campo.

Apesar da dor, pensava ainda no triplo assassinato, na lâmina de aço. Mas não, não era possível, o homem não tinha tido tempo de atacar, nem mesmo necessidade, tendo encontrado o caminho livre.

Ele saltou, por sua vez, e, apontando a lanterna, reconheceu Gourel deitado no chão.

– Por Deus! – disse. – Se ele estiver morto, isso vai me custar caro.

– Mas Gourel estava vivo, aturdido apenas, e alguns minutos depois, voltando a si, ele grunhia:

– Uma facada, chefe, foi só uma facada bem no meio do peito. Mas, que atrevido!

– Eram dois, então?

– Sim, um baixinho, que subiu, e outro que me surpreendeu enquanto eu vigiava.

– E os Doudeville?

– Não vi.

Encontraram um deles, Jacques, perto do portão, sangrando, a mandíbula arrebentada, e o outro um pouco mais distante, ofegante, com o peito ferido.

– O quê? O que ele tem? – perguntou o sr. Lenormand.

Jacques contou que ele e o irmão tinham se batido com um indivíduo que os tirou de combate antes que tivessem tido tempo para se defender.

– Ele estava sozinho?

– Não, quando passou por nós, estava acompanhado de um sujeito mais baixo que ele.

– Você reconheceu o sujeito que te atacou?

– Pelo tamanho, me pareceu o inglês do Palace-Hôtel, aquele que saiu do hotel e que perdemos de vista.

– O major?

– É, o major Parbury.

Depois de refletir um pouco, o sr. Lenormand declarou:

– Não há mais dúvidas. Eram dois, no caso Kesselbach: o homem do punhal, que matou, e o cúmplice dele, o major.

– É como pensa o príncipe Sernine – murmurou Jacques Doudeville.

– Esta noite – continuou o chefe da Sûreté –, foram eles também... os mesmos dois.

E acrescentou:

– Melhor. Temos mil vezes mais chances de pegar dois culpados do que um só.

O sr. Lenormand cuidou de seus homens, mandou-os para a cama e verificou se os invasores não teriam perdido algum objeto ou deixado algum indício. Não encontrou nada e foi dormir.

De manhã, vendo que Gourel e os Doudeville estavam suportando os ferimentos, mandou os irmãos darem uma busca nos arredores e foi com Gourel a Paris, cuidar de negócios e dar ordens.

Almoçou no escritório. Às duas horas, recebeu uma boa notícia. Um de seus melhores agentes, Dieuzy, tinha capturado o alemão Steinweg, o correspondente de Rudolf Kesselbach, descendo de um trem que vinha de Marselha.

– Dieuzy está aqui? – disse ele.

– Sim, chefe – respondeu Gourel –, está aqui com o alemão.

– Traga-os aqui.

Nesse momento, recebeu um telefonema. Era Jean Doudeville, que queria falar com ele, do escritório de Garches. A conversa foi rápida.

– É você, Jean? Novidades?

– Sim, chefe, o major Parbury...

– Sim?

– Nós os encontramos. Virou espanhol e escureceu a pele.

Acabamos de vê-lo. Estava entrando na escola livre de Garches. Foi recebido por aquela moça... o senhor sabe, a jovem que conhece o príncipe Sernine, Geneviève Ernemont.

– Droga!

O sr. Lenormand largou o aparelho, saltou para o seu chapéu, correu pelo corredor, encontrou Dieuzy e o alemão e exclamou:

– Às seis horas... reunião aqui...

Disparou pela escada, seguido por Gourel e mais três inspetores que pegou pelo caminho, e se enfiou num carro.

– Para Garches... dez francos de gorjeta.

Um pouco antes do parque de Villeneuve, na curva da viela que leva até a escola, mandou parar. Jean Doudeville, que estava à sua espera, gritou imediatamente:

– O infame saiu pelo outro lado da viela, há uns dez minutos.

– Sozinho?

– Não, com a moça.

O sr. Lenormand pegou Doudeville pelo colarinho:

– Miserável! Você o deixou escapar! Tinha que...

– Meu irmão foi atrás dele.

– Bela coisa! Ele vai despistar seu irmão. Vocês estão preparados?

Seguiu em direção ao carro e meteu-se decidido pela viela, sem se preocupar com os buracos nem com os canteiros. Logo deram em um acesso vicinal, que os levou a um cruzamento de cinco estradas. Sem hesitar, o sr. Lenormand escolheu a da esquerda, a de Saint-Cucufa. De fato, no alto da encosta que desce em direção ao lago, ultrapassaram o outro irmão Doudeville, que gritou:

– Estão num cabriolé... a um quilômetro daqui.

O chefe não parou. Enfiou o carro pela descida, disparando nas curvas, contornou o lago e subitamente lançou um grito de triunfo.

No alto de uma pequena elevação à sua frente, viu a capota de um cabriolé.

Infelizmente, tinha tomado a estrada errada. Deu marcha à ré.

De volta à encruzilhada, o cabriolé ainda estava lá, parado. Assim que fez a curva, viu uma mulher saltando do carro. O homem descia os degraus. A mulher estendeu o braço. Soaram dois tiros.

Ela talvez tenha errado a mira, pois uma cabeça surgiu do outro lado da capota, e o homem, avistando o automóvel, chicoteou com força o cavalo, que partiu a galope. Em seguida, sumiu em uma curva.

Em poucos segundos, o sr. Lenormand manobrou, subiu a colina, passou sem parar pela jovem e fez uma curva ousada.

Era um caminho que descia pela floresta, abrupto e rochoso, em meio à vegetação fechada, e que só podia ser percorrido lentamente, com muita precaução. Mas que importava! Vinte metros à sua frente, o cabriolé de duas rodas chacoalhava sobre as pedras, puxado, ou dominado talvez, por um cavalo que seguia prudente e a passos medidos. Não havia mais nada a temer, a fuga era impossível.

E os dois veículos desceram aos trancos, sacudidos. Em um dado momento, estavam tão próximos que o sr. Lenormand pensou em descer e correr com seus homens. Mas sentiu o perigo que seria frear em ladeira tão íngreme, e seguiu, acuando o inimigo de perto, feito uma presa que se tem ao alcance da vista e das mãos.

– Quase... chefe... quase!... – murmuravam os inspetores, apreensivos com o imprevisto da caça.

Ao fim da descida, abria-se um caminho que levava para o Sena, para Bougival. Num trecho plano, o cavalo partiu trotando, sem pressa, ocupando o meio da via.

Um esforço violento sacudiu o carro. Mais do que rodar, ele parecia saltar feito um animal em disparada, e, resvalando no talude, pronto para romper qualquer obstáculo, alcançou o cabriolé, emparelhou ao lado dele e o ultrapassou...

O sr. Lenormand praguejou... gritos de raiva... estava vazio!

O cabriolé estava vazio. O cavalo seguia tranquilamente, com as rédeas caídas no lombo, retornando talvez à estrebaria de alguma estalagem próxima, onde teria sido alugado para o dia.

Reprimindo a cólera, o chefe da Sûreté disse apenas:

– O major deve ter saltado no momento em que o perdemos de vista, no início da descida.

– É só bater o bosque, chefe, tenho certeza de que...

– Vamos voltar de mãos vazias. O tratante deve estar longe, não é do tipo que se deixa pegar duas vezes no mesmo dia. Ah! Merda,

merda!

E alcançaram a jovem, que estava acompanhada de Jacques Doudeville, e que não parecia, de modo algum, assustada com a aventura.

O sr. Lenormand, tendo-se apresentado, ofereceu-se para levá-la para casa e, em seguida, perguntou pelo major inglês Parbury. Ela ficou surpresa:

– Ele não é major nem inglês, e não se chama Parbury.

– Como se chama, então?

– Juan Ribeira. Ele é espanhol, e foi encarregado pelo governo de estudar o funcionamento das escolas francesas.

– Que seja. O nome e a nacionalidade não importam. É ele que estamos procurando. Faz tempo que você o conhece?

– Uns quinze dias. Ele ouviu falar da escola que abri em Garches e se interessou pelo meu projeto, tanto que me propôs uma subvenção anual, com a única condição de que ele pudesse acompanhar, de tempos em tempos, o progresso dos meus alunos. Eu não tinha o direito de recusar.

– Não, é claro, mas tinha que consultar alguém à sua volta... Não tem falado com o príncipe Sernine? É um sujeito sensato.

– Oh! Confio plenamente nele, mas agora ele está viajando.

– Você não teria o endereço dele?

– Não. E depois, o que eu iria dizer? Ele sempre se comportou muito bem. Só hoje que... Mas, não sei...

– Por favor, senhorita, fale com franqueza... Pode confiar em mim, também.

– Bom, o sr. Ribeira chegou ao meio-dia. Ele me disse que tinha conversado com uma francesa, de passagem por Bougival, e que essa senhora tinha uma filha e queria confiar sua educação a alguém, e pediu para me ver imediatamente. A coisa toda me pareceu normal. Como hoje é dia de folga, e o sr. Ribeira tinha alugado um carro que estava esperando por ele em um determinado trecho da estrada, não vi problemas em subir.

– Mas, enfim, o que ele queria?

Ela corou e disse:

– Me levar, simplesmente. Depois de uma meia hora, ele admitiu.
– Você não sabia nada sobre ele?
– Não.
– Ele mora em Paris?
– Imagino que sim.
– E ele não lhe escreveu? Você não teria algumas linhas escritas por ele, algum objeto esquecido, algum indício que pudesse nos servir?

– Nada... Ah! Mas... isso não deve ter importância...
– Fale!... Fale!... por favor.
– Bom, faz uns dois dias, ele pediu permissão para usar minha máquina de escrever, e escreveu – com alguma dificuldade, pois não parecia ter prática – uma carta, e por acaso eu li o nome do destinatário.

– E esse destinatário?
– Ele estava escrevendo para o *Journal*, e pôs uns vinte selos no envelope.

– Ah, um anúncio talvez – disse Lenormand.
– Tenho o exemplar de hoje, chefe – falou Gourel.

O sr. Lenormand abriu o jornal e consultou a página oito. Em seguida, teve um sobressalto. Tinha lido a seguinte frase, redigida com as abreviaturas de costume:

“Informamos a todos que conhecem o sr. Steinweg que gostaríamos de saber se ele está em Paris, e em que endereço. Respondam a este mesmo jornal.”

– Steinweg – exclamou Gourel –, mas é exatamente o sujeito que Dieuzy está nos trazendo.

“É”, pensou o sr. Lenormand, “é o sujeito que escreveu a carta para Kesselbach, e que interceptei, é o mesmo que pôs Kesselbach na pista de Pierre Leduc: portanto, eles também estão querendo informações sobre Pierre Leduc e o passado dele... Eles também estão Tateando...”

E esfregou as mãos: Steinweg estava à sua disposição. Em menos de uma hora, Steinweg estaria falando. Em menos de uma hora, o véu

de mistério que encobria tudo e tornava o caso Kesselbach o mais inquietante e impenetrável que já havia buscado solucionar seria levantado.

*** Estabelecimento penitenciário francês, inaugurado em 1867. (N. do T.)

O senhor Lenormand é derrotado

Às seis da tarde, o sr. Lenormand voltava ao seu gabinete na chefatura de polícia. Imediatamente, recebeu Dieuzy.

– O sujeito está aqui?

– Está.

– E como foi sua conversa com ele?

– Não muito bem. Ele não fala. Eu disse que havia uma nova lei que obrigava os estrangeiros a preencher uma declaração de permanência na chefatura, e o levei para o escritório do seu secretário.

– Eu vou interrogá-lo.

Mas, nesse momento, chegou um rapaz.

– É uma mulher, chefe, que deseja falar com o senhor imediatamente.

– O cartão dela?

– Aqui está.

– A sra. Kesselbach! Mande-a entrar.

Ele foi ao encontro da jovem senhora e pediu que se sentasse. Ela tinha um olhar desamparado, um jeito adoentado e uma aparência de extremo cansaço, onde se lia todo o seu sofrimento.

Ela apresentou um exemplar do *Journal*, apontando na seção de anúncios a pergunta a respeito do senhor Steinweg.

– O velho Steinweg era amigo do meu marido – ela disse –, e não duvido de que saiba de muita coisa.

– Dieuzy – disse Lenormand –, traga a pessoa que está esperando... Sua visita, madame, não terá sido em vão. Só peço, quando essa pessoa entrar, que não diga nada.

A porta se abriu. Surgiu um homem, um velho de barbas brancas, de rosto marcado por rugas profundas e pobremente vestido, com o jeito acuado dos miseráveis que andam pelo mundo em busca do pão de cada dia.

Ele permaneceu à porta, piscou os olhos, olhou para o sr.

Lenormand, pareceu incomodado com o silêncio que o acolheu, e girou o chapéu entre as mãos, constrangido. Mas, de repente, pareceu surpreso, abriu os olhos e gaguejou:

– Senhora... Kesselbach.

Ele tinha visto a jovem senhora.

Mais sereno, sorridente, menos tímido, aproximou-se dela e disse, com um sotaque carregado:

– Ah! Que felicidade... até que enfim!... Eu achei que nunca... estava surpreso... sem nenhuma notícia por lá... nenhum telegrama... e como vai o bom Rudolf Kesselbach?

A jovem recuou, como se tivesse recebido um tapa, e despencou no ato sobre uma cadeira, pondo-se a soluçar.

– Quê? O que foi? – disse Steinweg.

O sr. Lenormand intercedeu imediatamente.

– Vejo que o senhor ignora alguns acontecimentos recentes. Faz tempo que está viajando?

– Faz, três meses... Fui para as minas. Depois, voltei para a Cidade do Cabo, onde escrevi para o Rudolf. Mas, no caminho, acabei pegando um trabalho em Port-Said. Imagino que o Rudolf tenha recebido minha carta?

– Ele está ausente. Depois explico a razão da sua ausência. Mas, antes, há uma questão sobre a qual gostaríamos de algumas informações. Trata-se de uma pessoa que o senhor conheceu, e que tratava, nas conversas com o sr. Kesselbach, pelo nome de Pierre Leduc.

– Pierre Leduc? O quê? Quem contou? – O velho ficou abalado. E balbuciou de novo: – Quem contou? Quem disse?

– O sr. Kesselbach.

– Nunca! Era um segredo que revelei a ele, e Rudolf sabia guardar segredos... Principalmente esse...

– Mas é indispensável que o senhor nos responda. No momento, estamos investigando Pierre Leduc e essa investigação tem que terminar o quanto antes, e só o senhor pode nos esclarecer, uma vez que o sr. Kesselbach não está aqui agora.

– Enfim – exclamou Steinweg, parecendo decidir-se –, do que

vocês precisam?

– O senhor conhece Pierre Leduc?

– Nunca vi, mas faz muito tempo que guardo um segredo que diz respeito a ele. Depois de uns incidentes que não vale a pena mencionar, e graças a uma porção de acasos, acabei sabendo que a pessoa que eu estava procurando vivia em Paris em grande penúria, e que se chamava Pierre Leduc, e que esse não era o verdadeiro nome dele.

– E o verdadeiro nome dele, ele sabe?

– Imagino que sim.

– E o senhor?

– Eu sei.

– Então diga.

Ele hesitou, e depois, bruscamente:

– Não posso... não posso...

– Mas, por quê?

– Não tenho o direito. Esse é o segredo. E esse segredo, quando contei para o Rudolf, ele achou tão valioso que comprou meu silêncio com uma soma enorme de dinheiro, e me prometeu uma fortuna, uma verdadeira fortuna, no dia em que ele conseguisse, primeiro encontrar o Pierre Leduc, e depois tirar partido do segredo.

Ele sorriu com amargor:

– A soma enorme que eu recebi já era. Vim saber da minha fortuna.

– O sr. Kesselbach morreu – disse o chefe da Sûreté.

Steinweg estremeceu.

– Morreu! Não é possível! Não, isso é uma armadilha. Senhora Kesselbach, é verdade?

Ela baixou a cabeça.

Ele parecia arrasado com aquela revelação inesperada que, ao mesmo tempo, devia ser muito dolorosa, pois em seguida começou a chorar.

– Pobre Rudolf. Quando o conheci, era uma criança... ele vinha brincar comigo em Augsburg... Eu gostava dele.

E invocando o testemunho da sra. Kesselbach:

– Ele também gostava de mim, não é, madame? Ele deve ter dito à senhora... O velho Steinweg, como ele me chamava.

O sr. Lenormand aproximou-se dele, e disse do modo mais claro possível:

– Escute. O sr. Kesselbach foi morto, assassinado. Calma, calma, gritar assim não adianta. Ele foi assassinado, e as circunstâncias do crime provam que o culpado deveria estar a par desse tão falado projeto. Existe alguma coisa na natureza desse projeto que sugira alguma pista para o senhor?...

Steinweg permanecia imóvel. E murmurou:

– A culpa foi minha... Se eu não o tivesse posto nesse caminho.

A sra. Kesselbach se adiantou, suplicante:

– O senhor tem alguma ideia... sabe de alguma coisa? Oh! Por favor, Steinweg...

– Eu não sei... não pensei ainda – murmurou –, eu precisaria pensar...

– Pense nos conhecidos do sr. Kesselbach – disse Lenormand. – Ninguém mais se envolveu nessas conversas? Ele mesmo não teria conversado com alguém?

– Com ninguém.

– Pense bem.

Os dois, Dolorès e o sr. Lenormand, debruçados sobre ele, aguardavam ansiosamente uma resposta.

– Não – ele disse –, não imagino quem.

– Pense bem – repetiu o chefe da Sûreté –, o nome e o sobrenome do assassino começam com um L e um M.

– Um L – repetiu. – Não sei... um L e um M.

– Sim, as letras estavam gravadas em ouro numa cigarreira que pertencia ao assassino.

– Uma cigarreira? – disse Steinweg, fazendo um esforço para lembrar-se.

– De aço polido... e um dos compartimentos internos é dividido em duas partes, a menor, para o papel, a outra, para o tabaco...

– Em duas partes, em duas partes – repetia Steinweg, cuja memória parecia despertar à menção desse detalhe. – O senhor não

poderia me mostrar essa cigarreira?

– Aqui está, ou melhor, aqui está uma reprodução fiel – disse Lenormand, entregando-lhe o objeto.

– Hein? O quê?... – disse Steinweg, ao pegar a cigarreira.

Ele a contemplava estupefato, examinava, revirava para todos os lados, e subitamente lançou um grito, o grito de um homem surpreendido por uma ideia terrível. E ficou ali, lívido, com as mãos trêmulas e o olhar perdido.

– Fale, fale – ordenou o sr. Lenormand.

– Oh! – disse ele, como que cegado por um raio de luz. – Agora tudo está explicado.

– Fale, fale, homem...

Ele afastou os dois, caminhou até a janela titubeante, depois voltou, e avançando na direção do chefe da Sûreté:

– Senhor, quem assassinou o Rudolf foi... quem...

Ele se deteve.

– Quem? – disseram os outros.

Um minuto de silêncio... Na paz daquele escritório, entre aquelas paredes que tantas confissões já tinham ouvido, tantas acusações, será que iria ressoar o nome do abominável criminoso? O sr. Lenormand sentia-se como que à beira de um abismo insondável, de onde uma voz se aproximava, chegando até ele... mais alguns segundos e ele iria saber...

– Não – murmurou Steinweg –, não, eu não posso...

– Como assim? – exclamou o chefe da Sûreté, furioso.

– Eu disse que não posso.

– Mas o senhor não tem o direito de se calar! A justiça exige.

– Amanhã eu falo, amanhã, preciso pensar... amanhã, vou dizer tudo o que sei sobre Pierre Leduc... Tudo o que acho que sei a respeito dessa cigarreira... Amanhã, eu prometo...

Sentia-se nele aquela espécie de obstinação que resiste aos esforços mais enérgicos. O sr. Lenormand cedeu.

– Tudo bem. Dou até amanhã, mas se amanhã o senhor não falar, serei obrigado a comunicar ao juiz de instrução.

Ele tocou uma campainha e chamou o inspetor Dieuzy à parte:

– Acompanhe-o até o hotel... e fique por lá. Vou mandar mais dois colegas... E, principalmente, fique de olhos bem abertos. Alguém poderia tentar levá-lo.

O inspetor acompanhou Steinweg, e o sr. Lenormand, aproximando-se da sra. Kesselbach, em quem a cena tinha provocado uma violenta comoção, desculpou-se:

– Saiba que lamento muito, madame... entendo como isso deve tê-la comovido...

E interrogou-a sobre a época em que o sr. Kesselbach voltou a entrar em contato com o velho Steinweg, e quanto tempo aquilo durou. Mas ela estava tão cansada, que ele não insistiu.

– Tenho que voltar amanhã? – ela perguntou.

– Não, não. Vou mantê-la informada a respeito de tudo o que Steinweg disser. Permita-me acompanhá-la até o carro... Esses três andares são difíceis de descer...

Ele abriu a porta e deu passagem a ela. Nesse momento, ouviram-se gritos no corredor, e muita gente acudiu, inspetores de plantão, funcionários de escritório...

– Chefe! Chefe!

– O que houve?

– Dieuzy!

– Ele acabou de sair daqui...

– Encontramos ele na escadaria.

– Morto?...

– Não, ele foi atacado, desmaiou...

– Mas, e o sujeito?... O sujeito que estava com ele?... O velho Steinweg?...

– Desapareceu...

– Inferno!...

Ele disparou pelo corredor, desceu correndo as escadas e, no meio de um grupo de pessoas que cuidavam dele, encontrou Dieuzy, estendido no patamar do primeiro andar.

Viu Gourel subindo.

– Ah! Gourel, você veio lá de baixo? Viu alguém?

– Não, chefe...

Mas Dieuzy estava voltando a si e, imediatamente, de olhos semiabertos, sussurrou:

– Aqui, no patamar, a portinha...

– Ah! Caramba, a porta da sétima câmara! – gritou o chefe da Sûreté. – Eu tinha pedido para trancar... Eu sabia que algum dia...

Ele voou em direção à fechadura.

– Droga! Está trancada por dentro.

A porta era em parte envidraçada. Com a coronha do revólver, ele quebrou um vidro, puxou o ferrolho e disse para Gourel:

– Corra, vá por ali até a saída da praça Dauphine...

E voltando-se para Dieuzy:

– Vamos, Dieuzy, fale. Como é que você ficou nesse estado?

– Um soco, chefe.

– Um soco daquele velho? Mas ele mal para em pé!

– Não do velho, chefe, do outro que ficava andando pelo corredor, enquanto Steinweg estava com vocês, e que nos seguiu como se estivesse saindo, também... Chegando aqui, perguntou se eu tinha fogo... procurei a caixa de fósforos... Então, ele aproveitou para me dar um soco no estômago. Eu caí e, ao cair, tive a impressão de que ele abriu aquela porta e levou com ele o velho...

– Você seria capaz de reconhecê-lo?

– Ah! Sim, chefe... era um sujeito forte, de pele morena... um tipo mediterrâneo, com certeza...

– Ribeira – rosnou o sr. Lenormand –, sempre ele! Ribeira, aliás,

Parbury. Ah! Bandido, que ousadia! Ele estava com medo do velho Steinweg... Veio buscar ele aqui, aqui, debaixo do meu nariz!

E batendo o pé, com raiva:

– Mas como é que o bandido soube que o Steinweg estava aqui? Não faz quatro horas, eu estava correndo atrás dele no Bois de Saint-Cucufa, e agora, ele está aqui! Como é que ele soube? Ele vive colado em mim?

Ele entrou então num estado de divagação, em que parecia não ouvir nem ver mais nada. A sra. Kesselbach, que passava por ali naquele momento, cumprimentou-o, sem que ele respondesse. Mas um ruído de passos no corredor o tirou do seu torpor.

– É você, Gourel?

– Isso, chefe – disse Gourel, ofegante. – Eram dois. Eles foram por ali e saíram na praça Dauphine. Um carro estava esperando por eles. Havia duas pessoas lá dentro, um homem vestido de preto, com um chapéu mole rebatido sobre os olhos...

– É ele – murmurou o sr. Lenormand –, é o assassino, o cúmplice de Ribeira-Parbury. E o outro?

– Uma mulher, uma mulher sem chapéu, eu diria que bonita, e ruiva, me pareceu.

– Hein? O quê? Você disse ruiva?

– É.

O sr. Lenormand girou o corpo num impulso, desceu a escadaria saltando os degraus, atravessou o pátio e chegou no cais dos Orfèvres.

– Pare! – gritou.

Uma carruagem do tipo vitória, puxada por dois cavalos, estava se afastando. Era o carro da sra. Kesselbach... O cocheiro ouviu e parou. O sr. Lenormand saltou para os degraus do carro:

– Mil perdões, madame, mas sua ajuda é indispensável. Peço permissão para acompanhá-la. Mas temos que agir rapidamente. Gourel, meu carro... Você já dispensou?... Outro, então, não importa qual...

Cada um correu para um lado. Mas passaram-se uns dez minutos até que trouxessem um carro de aluguel. O sr. Lenormand ardia de impaciência. A sra. Kesselbach, de pé na calçada, cambaleava, com um

frasco de sais nas mãos.

Por fim, entraram no carro.

– Gourel, suba ao lado do motorista e vamos para Garches.

– Para a minha casa! – disse Dolorès, surpresa.

Ele não respondeu. Debruçado na porta, agitando as credenciais, ele se identificava para os agentes do tráfego. Quando estavam no Cours-la Reine, sentou-se novamente e disse:

– Por favor, madame, responda sem rodeios às minhas perguntas.

A senhora viu a senhorita Geneviève Ernemont hoje, por volta das quatro horas?

– Geneviève... vi... eu estava me vestindo para sair.

– Foi ela quem mencionou o anúncio no *Journal*, aquele sobre Steinweg?

– Foi.

– E foi por isso que veio me ver?

– Foi.

– A senhora estava sozinha quando viu a senhorita Ernemont?

– Meu Deus... não sei... por quê?

– Tente se lembrar. Alguma de suas funcionárias estava lá?

– Talvez... como eu estava me vestindo...

– Como elas se chamam?

– Suzanne... e Gertrude.

– Uma delas é ruiva, não é?

– Sim, a Gertrude.

– A senhora a conhece faz tempo?

– A irmã dela sempre trabalhou para mim e Gertrude está comigo há anos... É a devoção em pessoa, muito honesta...

– Em suma, a senhora confia nela?

– Oh! Totalmente.

– Ótimo, ótimo.

Eram sete e meia, e o dia começava a escurecer quando o carro chegou à casa de repouso. Sem se ocupar da sua companheira, o chefe da Sûreté correu até a recepção.

– A empregada da sra. Kesselbach acabou de entrar, não é?

– A empregada?

- Sim, a Gertrude, uma das irmãs.
- Mas a Gertrude não deve ter saído, nós não a vimos sair.
- Mas alguém acabou de entrar.
- Não, senhor, a última vez que abrimos a porta para alguém foi... às seis da tarde.
- Existe outra saída, além desta porta?
- Nenhuma. A propriedade é murada por todos os lados, e os muros são altos...
- Senhora Kesselbach – disse o sr. Lenormand à sua companheira –, vamos até o seu pavilhão.

Foram os três. A sra. Kesselbach, que não tinha as chaves, tocou. Foi Suzanne, a outra irmã, quem apareceu.

- A Gertrude está? – perguntou a sra. Kesselbach.
- Sim, senhora, ela está no quarto.
- Mande-a chamar – ordenou o chefe da Sûreté.

Logo em seguida, Gertrude desceu, amável e graciosa, vestindo um avental branco bordado. Tinha um rosto muito bonito, emoldurado por cabelos ruivos. O sr. Lenormand olhou-a por um longo tempo sem dizer nada, como se tentasse perscrutar para além daqueles olhos inocentes. Não a interrogou. Ao cabo de um minuto, disse apenas:

- Tudo bem, senhorita, muito obrigado. Você vem, Gourel?

Ele saiu com o inspetor e, imediatamente, enquanto caminhavam pelas aleias escuras do jardim, disse:

- É ela.
- O senhor acha, chefe? Ela me pareceu tão tranquila!

– Tranquila demais. Qualquer outra estaria assustada e teria me perguntado por que eu havia chamado. Ela, nada. Só me apareceu com um sorriso estampado no rosto. Mas eu vi uma gota de suor escorrendo pela sua orelha.

- E?

– Agora está tudo claro. Gertrude é cúmplice dos dois bandidos que agem em torno do caso Kesselbach, ou para descobrir e executar esse tão falado projeto, ou de olho nos milhões da viúva. Talvez a outra irmã esteja também participando desse complô. Por volta das

quatro da tarde, Gertrude, sabendo que eu tinha conhecimento do anúncio do *Journal*, e que, além disso, eu tinha um encontro marcado com Steinweg, aproveitou a saída da patroa, correu até Paris, encontrou Ribeira e o homem do chapéu mole, e levou os dois até o Palácio de Justiça, onde Ribeira sequestrou o senhor Steinweg, para proveito próprio.

Ele refletiu e concluiu:

– Tudo isso nos prova: primeiro, que Steinweg é importante para eles, e que eles têm medo de suas revelações; segundo, que uma verdadeira conspiração está sendo tramada ao redor da sra. Kesselbach; e terceiro, que eu não tenho tempo a perder, porque a conspiração já está madura.

– Que seja – disse Gourel –, mas tem uma coisa difícil de explicar. Como Gertrude conseguiu sair deste jardim e voltar, sem o conhecimento da recepção?

– Por uma passagem secreta que os bandidos devem ter aberto recentemente.

– E que dê, talvez, no pavilhão da sra. Kesselbach? – disse Gourel.

– Talvez – disse o sr. Lenormand –, talvez... mas tive uma ideia...

E caminharam ao longo do muro. A noite estava clara, e se não era possível discernir muito bem aqueles dois vultos, eles enxergavam o suficiente para examinar as pedras da muralha e verificar se nenhuma brecha havia sido aberta, mesmo que habilmente.

– Uma escada, talvez? – insinuou Gourel.

– Não, pois a Gertrude atravessa em plena luz do dia. Uma passagem assim não pode terminar do lado de fora. A saída tem que estar escondida por alguma construção já existente.

– Só há quatro pavilhões – objetou Gourel –, e estão todos habitados.

– Desculpe, o terceiro pavilhão, o pavilhão Hortênsia, não é habitado.

– Quem disse?

– O porteiro. A sra. Kesselbach alugou aquele pavilhão, que fica perto do dela, com receio de barulho. Quem sabe não fez isso por influência da Gertrude?

Ele deu a volta na casa. As janelas estavam fechadas. Por uma eventualidade, testou a maçaneta: a porta se abriu.

– Ah! Gourel, acho que é por aqui. Vamos ver. Acenda a lanterna. Hum! Vestíbulo, sala, copa, nada disso importa. Deve haver um subsolo, já que a cozinha não fica neste andar.

– Por aqui, chefe, olhe a escada de serviço.

Desceram e, de fato, chegaram a uma cozinha bastante vasta e entulhada de bancos de jardim e pedaços de junco. Ao lado, havia uma lavanderia, que servia também como despensa, cheia de objetos em desordem, uns por cima dos outros.

– O que é aquilo ali brilhando, chefe?

Gourel, tendo se abaixado, pegou um alfinete de cobre ornado com uma pérola falsa.

– A pérola ainda está brilhando – disse Lenormand –, o que não aconteceria se estivesse aqui há muito tempo. Gertrude passou por aqui, Gourel.

Gourel pôs-se a derrubar uma pilha de barris vazios, armários e velhas mesas capengas.

– Está perdendo seu tempo, Gourel. Se a passagem for aqui, como teriam tempo para afastar todos esses objetos e, depois de passar, colocá-los de volta? Olhe, ali tem uma portinhola que não tem razão nenhuma para estar naquela parede. Afaste-a.

Gourel obedeceu.

Atrás da portinhola, a parede estava cavada. À luz da lanterna, viram uma passagem subterrânea.

– Eu estava certo – disse o sr. Lenormand –, esta passagem é recente. Veja, foi um trabalho feito às pressas e, além do mais, para durar pouco tempo... Não há nada de alvenaria. Aqui e ali, dois caibros em cruz e uma viga servindo de teto, e só. Isso não vai durar muito, mas talvez o suficiente para o que desejam, ou seja...

– Ou seja, chefe?

– Bem, primeiro, para viabilizar as idas e vindas de Gertrude e dos cúmplices... depois, num futuro próximo, para o sequestro ou o desaparecimento milagroso e incompreensível da sra. Kesselbach.

Eles avançaram com cuidado para não tropeçar nas vigas que não pareciam firmes. À primeira vista, o túnel era muito mais longo do que os cinquenta metros, no máximo, que separam o pavilhão dos muros do jardim. Devia dar bem longe do muro, depois ainda de uma estrada que contornava a propriedade.

– Não estamos indo para os lados de Villeneuve e do lago, por aqui? – perguntou Gourel.

– De jeito nenhum, justamente o contrário – afirmou o sr. Lenormand. A galeria descia suavemente. Passaram por um degrau, depois por outro, e viraram para a direita. Nesse momento, deram com uma porta encastrada em um batente de pedras cimentado com esmero. O sr. Lenormand empurrou, e ela abriu.

– Espere, Gourel – disse ele, parando. – Vamos pensar... talvez seja melhor voltarmos.

– Por quê?

– Ribeiro pode ter previsto o perigo e talvez tenha tomado precauções, para o caso de a passagem ser descoberta. Ora, ele sabe que estávamos vasculhando o jardim. Talvez tenha nos visto entrar neste pavilhão. Quem nos garante que ele não está preparando uma armadilha?

– Somos dois, chefe.

– E eles, vinte.

Ele olhou. A passagem subterrânea subia em direção a outra porta, a cinco ou seis metros dali.

– Vamos até ali – ele disse –, e vamos ver.

Atravessou, seguido de Gourel, a quem recomendou deixar a porta aberta, e caminhou em direção à outra porta, prometendo a si mesmo não passar dali. Mas ela estava fechada e, embora a fechadura parecesse funcionar, não conseguiu abrir.

– Está trancada – disse ele. – Vamos voltar em silêncio. E quando estivermos lá fora, vamos traçar uma linha, seguindo esta mesma orientação, para saber onde procurar a outra saída desta galeria.

E voltaram em direção à primeira porta, quando Gourel, que andava à frente, exclamou surpreso:

– Veja, está fechada...

– Mas eu disse pra você deixar aberta.

– Eu deixei, chefe, mas a trava deve ter caído sozinha.

– Impossível! Teríamos ouvido.

– E agora?...

– Agora... agora, não sei... – Ele se aproximou.

– Vejamos... tem uma chave... Ela gira. Mas, do outro lado, deve haver uma trava...

– Quem teria fechado?

– Eles,oras! Atrás de nós. Talvez haja uma galeria paralela a esta, ou então eles estavam no pavilhão desabitado... Enfim, caímos na armadilha.

Ele teimou contra a fechadura, enfiou sua faca na fenda, tentou de todos os modos, mas, por fim, cansado, declarou:

– Nada a fazer!

– Como assim, chefe, nada a fazer? Então, estamos perdidos?

– Ah, meu Deus... – disse.

E voltaram para a outra porta, e retornaram à primeira. Ambas eram maciças, de madeira de lei, reforçadas por travessas. Indestrutíveis, enfim.

– Precisaríamos de um machado – disse o chefe da Sûreté –, ou no mínimo de uma ferramenta de verdade... uma faca maior, para tentar

serrar a trava... mas não temos nada.

Ele teve um acesso súbito de raiva e se lançou contra o obstáculo, como se esperasse derrubá-lo. Em seguida, impotente, vencido, disse a Gourel:

– Ouça, vamos cuidar disso daqui a uma ou duas horas... Estou exausto, vou dormir... Enquanto isso, vigie... Caso alguém venha nos atacar...

– Ah! Se alguém vier, estamos salvos, chefe... – exclamou Gourel, como quem teria preferido uma luta, por desigual que fosse.

O sr. Lenormand deitou-se no chão. Um minuto depois, estava dormindo.

Quando acordou, ficou confuso por alguns instantes, sem compreender, e perguntando a si próprio o que o estaria atormentando.

– Gourel, chamou... Ei! Gourel?

Como não obtinha resposta, acendeu a lanterna e viu Gourel dormindo profundamente ao seu lado.

“O que é que está me incomodando assim?”, pensava ele. “Parece câimbra... Ah, não! Estou com fome! É isso, estou morrendo de fome! Que horas seriam, então?”

Seu relógio marcava sete e vinte, mas lembrou que não havia dado corda. O relógio de Gourel não estava mais funcionando.

Mas, como Gourel acordou com a mesma sensação no estômago, calcularam que a hora do almoço já devia ter passado há muito tempo, e que tinham dormido durante boa parte do dia.

– Minhas pernas estão dormentes – confessou Gourel. – E meus pés, parece que estão no gelo... Que estranho!

Ele se esfregou e prosseguiu:

– Olha, meus pés não estão no gelo, não, estão na água... Olhe, chefe... Ali, perto da primeira porta, tem um verdadeiro lago...

– Infiltração – respondeu o sr. Lenormand. – Vamos subir em direção à outra porta, você vai se secar...

– Mas o que você está fazendo, chefe?

– Você acha que vou ser enterrado vivo nesta tumba?... Ah! Não, não tenho idade para isso... Se as duas portas estão fechadas, vamos

tentar atravessar pela parede.

Uma a uma, ele retirava as pedras que encontrava à altura da mão, na esperança de cavar uma galeria que subisse até o nível do chão. Mas o trabalho era longo e difícil porque, naquele trecho, as pedras estavam cimentadas.

– Chefe, chefe – balbuciou Gourel, com a voz estrangulada...

– O que foi?

– Seus pés estão na água.

– Não é possível! Hum, é verdade... Fazer o quê?... Vamos secar quando estivermos ao sol.

– O senhor não está vendo?

– O quê?

– Que está subindo, chefe, está subindo...

– O que é que está subindo?

– A água...

O sr. Lenormand sentiu um calafrio percorrer o corpo. E compreendeu tudo num instante. Não era uma infiltração fortuita, mas uma inundação astuciosamente planejada, produzida de modo mecânico e implacável, graças a algum sistema diabólico.

– Ah! Desgraçado – ele rosnou... – Se um dia eu puser as mãos nele!

– É, chefe, é, mas primeiro temos que sair daqui, e por mim...

Gourel estava abatido, sem a menor condição de ter uma ideia ou de propor um plano.

O sr. Lenormand estava ajoelhado no chão, medindo a velocidade com a qual a água subia. Mais ou menos um quarto da primeira porta estava coberto, e a água chegava a meia distância da segunda porta.

– O progresso é lento, mas constante – disse ele. – Daqui a algumas horas, estaremos cobertos até a cabeça.

– Mas isso é aterrorizante, chefe, é horrível – gemeu Gourel.

– Ah, não! Você não vai ficar me aborrecendo com suas lamentações, vai? Se quiser, chore, mas eu não quero ouvir.

– Estou fraco por causa da fome, chefe, meu cérebro está girando.

– Coma a própria língua.

Como dizia Gourel, a situação era aterrorizante, e se o sr.

Lenormand tivesse menos energia, teria abandonado uma luta vã como aquela. O que fazer? Não podiam contar com a caridade de Ribeira para saírem dali. Não podiam mais esperar que os irmãos Doudeville viessem em seu socorro, uma vez que os inspetores ignoravam a existência daquele túnel.

Logo, não havia esperança... nenhuma esperança, além de um milagre impossível...

– Ora, ora – repetia o sr. Lenormand –, isso é uma idiotice, não vamos morrer aqui! Que diabos! Deve haver algum jeito... Me ajude, Gourel.

Encostado na segunda porta, ele a examinava de alto a baixo, por todos os cantos. Do lado de cá, como do outro, provavelmente, havia um ferrolho, um ferrolho enorme. Com a lâmina da faca ele desaparafusou o ferrolho, que se soltou.

– E agora? – perguntou Gourel.

– Agora – disse ele –, bem, este ferrolho é de ferro, é bastante longo, meio pontudo, não é bem uma picareta, mas, mesmo assim, é melhor do que nada... e...

Sem terminar a frase, enfiou o ferrolho na parede da galeria, um pouco antes do pilar de alvenaria que segurava as dobradiças da porta. Conforme esperado, uma vez que atravessou a primeira camada de cimento e pedra, encontrou terra mole.

– Mãos à obra! – ele gritou.

– Bem que eu queria, chefe, mas me explique...

– É simples, vamos cavar em volta deste pilar um corredor de três ou quatro metros de comprimento, que vai dar de novo no túnel, do outro lado da porta, e vamos sair.

– Mas isso vai levar horas, e a água está subindo.

– Me ajude, Gourel.

A ideia do sr. Lenormand estava correta, e com um pouco de esforço, cavando e jogando no túnel a terra que atacava e tirava com a ferramenta, não tardou a cavar um buraco grande o suficiente para entrar.

– Minha vez, chefe! – disse Gourel.

– Ah! Ah! Você ressuscitou? Bom, trabalhe... É só cavar em volta

deste pilar.

Nesse momento, a água estava chegando nos calcanhares. Teriam tempo para completar a obra começada? À medida que avançavam, ela se tornava mais difícil, pois a terra retirada os estava soterrando, e, deitados de bruços no corredor, eram obrigados a tirar a todo instante os escombros que os cobriam.

Ao fim de duas horas, tinham concluído mais ou menos três quartos do trabalho, mas a água já cobria suas pernas. Uma hora mais e ela alcançaria o buraco que estavam cavando.

E então, seria o fim.

Gourel, exausto de fome, e largo demais para passar por aquele corredor cada vez mais estreito, teve que renunciar. Ele não se mexia mais, tremendo de aflição, enquanto sentia o corpo submergir debaixo da água gelada.

O sr. Lenormand trabalhava com ardor incansável. Missão terrível, trabalho de formiga, cumprido numa escuridão sufocante. Suas mãos sangravam. Estava desmaiando de fome. Respirava mal o ar insuficiente, e de tempos em tempos os suspiros de Gourel lembravam o tremendo perigo que estava correndo no fundo daquela toca.

Mas nada era capaz de desencorajá-lo, pois estava de novo diante das pedras cimentadas que arrematavam a parede da galeria. Era o mais difícil, mas o objetivo estava próximo.

– Está subindo – exclamou Gourel, com a voz estrangulada –, está subindo.

O sr. Lenormand redobrou os esforços. De repente, a haste do ferrolho mergulhou no vazio. A passagem estava aberta. Bastava alargá-la, o que era muito mais fácil, agora que podia jogar a terra para o outro lado. Gourel, aterrorizado, gritava como um animal agonizante. Ele não se comovia mais. A saída estava ao seu alcance.

Provou um momento de ansiedade ao constatar, pelo som da terra que caía, que o outro lado do túnel também estava cheio de água – o que era natural, uma vez que a porta não constituía um dique suficientemente hermético. Mas que importava? A saída estava livre, e com um último esforço.... ele atravessou.

– Vem, Gourel – gritou ele, voltando para buscar o companheiro.

Ele o puxou, semimorto, pelos punhos.

– Vá! Mexa-se, imbecil, estamos salvos.

– O senhor acha, chefe?... Acha?... Estamos com água até o peito...

– Venha... enquanto não tivermos água pela boca... E a lanterna?

– Não acende mais.

– Paciência.

E exclamou de alegria:

– Um degrau... dois degraus!... Uma escada... Até que enfim!

Estavam saindo da água, daquela maldita água que quase os engolira, e a sensação era deliciosa, uma libertação que os deixava eufóricos.

– Pare! – murmurou o sr. Lenormand.

Tinha batido a cabeça em alguma coisa. Com os braços erguidos, lançou-se contra o obstáculo, que cedeu de imediato. Era um alçapão que, uma vez aberto, dava em um porão que o luar de uma noite clara iluminava pelas frestas de um respiradouro.

Empurrou a tampa e subiu os últimos degraus.

A escuridão se abateu sobre ele. Braços o agarraram. Foi coberto por uma espécie de saco, e em seguida amarrado.

– O outro – disse uma voz.

Fizeram o mesmo com Gourel, e a mesma voz disse:

– Se gritarem, mate-os imediatamente. Você está com o punhal?

– Estou.

– Vamos. Vocês dois, peguem este aqui... e vocês dois, aquele... Sem luz, nem barulho... Seria grave, pois tem gente vasculhando o jardim ao lado desde cedo... são dez ou quinze trabalhando. Volte para o pavilhão, Gertrude, e se acontecer alguma coisa, ligue para mim em Paris.

O sr. Lenormand teve a impressão de estar sendo carregado, e em seguida, de estar a céu aberto.

– Aproxime a charrete – disse a voz.

O sr. Lenormand ouviu ruídos de um veículo e de um cavalo. Deitaram-no sobre tábuas. Gourel foi também içado e deitado ao seu lado. O cavalo partiu trotando.

O trajeto durou por volta de meia hora.

– Parem! – ordenou a voz. – Desçam eles. Ei! Rapaz, vire a charrete de modo que a parte de trás encoste no parapeito da ponte... isso... tem algum barco no Sena? Não? Então, não vamos perder tempo... Ah! Amarraram as pedras?

– Sim, uns paralelepípedos.

– Então, vamos. Recomende a alma a Deus, Lenormand, e reze por mim, Parbury-Ribeira, mais conhecido pelo nome de barão Altenheim. Estamos? Tudo pronto? Muito bem, boa viagem, sr. Lenormand!

Puseram Lenormand sobre o parapeito. Empurraram. Sentiu que caía no vazio, e ouviu ainda uma voz que zombava:

– Boa viagem!

Dez segundos depois, foi a vez do inspetor Gourel.

Parbury – Ribeira – Altenheim

As meninas estavam brincando no jardim sob a supervisão da srta. Charlotte, nova colaboradora de Geneviève. A sra. Ernemont distribuiu bolos, depois voltou para o cômodo que servia de sala e recepção, e acomodou-se diante de uma escrivaninha, onde organizou papéis e registros.

Subitamente, sentiu uma presença estranha na sala. Inquieta, ela se voltou.

– Você! – exclamou. – De onde você veio?... Por onde?

– Silêncio – disse o príncipe Sernine. – Ouça, não vamos perder tempo. Geneviève?

– Está na casa da sra. Kesselbach.

– Ele virá aqui?

– Não antes de uma hora.

– Então, vou deixar os irmãos Doudeville entrarem. Tenho uma reunião com eles. Como vai Geneviève?

– Muito bem.

– Quantas vezes ela viu Pierre Leduc desde que fui embora, há dez dias?

– Três vezes, e eles devem se encontrar hoje na casa da sra. Kesselbach, a quem ela o apresentou, seguindo suas ordens. Mas, na minha opinião, esse Pierre Leduc não é grande coisa. Geneviève bem que poderia conhecer um belo rapaz da posição dela. O professor, por exemplo.

– Você está louca! Geneviève, casada com um professor!

– Ah! Se você pusesse a felicidade de Geneviève em primeiro lugar...

– Ora, Victoire. Você me enche com suas bobagens. E eu lá tenho tempo de pensar em sentimentos? Eu jogo xadrez, eu movo minhas peças sem me preocupar com o que elas pensam. Quando esta partida estiver ganha, só então vou me preocupar em saber se o rei Pierre

Leduc e a rainha Geneviève têm ou não coração.

Ela o interrompeu.

– Você ouviu? Um assobio...

– São os Doudeville. Vá atrás deles, e deixe-nos a sós.

Assim que os irmãos entraram, ele perguntou com a precisão habitual:

– Eu sei o que os jornais disseram sobre o desaparecimento de Lenormand e de Gourel. Vocês sabem de mais alguma coisa?

– Não. O subchefe, sr. Weber, ficou com o caso. Faz oito dias que estamos vasculhando o jardim da casa de repouso e não conseguimos entender como eles puderam desaparecer. A equipe inteira está a serviço... Nunca vimos isso... um chefe da Sûreté que desaparece sem deixar vestígios!

– E as duas empregadas?

– Gertrude partiu. Estamos atrás dela.

– E a irmã dela, a Suzanne?

– O sr. Weber e o sr. Formerie a interrogaram. Não há nada contra ela.

– É só isso que vocês têm a me dizer?

– Ah! Não, tem mais, tudo o que não dissemos para os jornalistas.

Relataram então os acontecimentos que marcaram os dois últimos dias do sr. Lenormand, a visita noturna dos dois bandidos à casa de Pierre Leduc, depois, no dia seguinte, a tentativa de sequestro cometida por Ribeira, seguida da perseguição no Bois de Saint-Cucufa, e, por fim, a chegada do velho Steinweg, o interrogatório na Sûreté, na presença da sra. Kesselbach, e a fuga do palácio.

– E ninguém, além de vocês, conhece esses detalhes?

– Dieuzy sabe do incidente com Steinweg, foi ele quem nos contou.

– E ainda confiam em vocês, na chefatura?

– Confiam tanto que nos empregam abertamente. O sr. Weber só confia em nós.

– Então – disse o príncipe –, nem tudo está perdido. Se o sr. Lenormand cometeu alguma imprudência que lhe custou a vida, como eu acho, ele tinha feito um bom trabalho, que é só levar adiante. O

inimigo está um passo à nossa frente, mas vamos alcançá-lo.

– Talvez seja difícil, chefe.

– Por quê? É só encontrar o velho Steinweg, pois é ele que tem a chave do enigma.

– Sim, mas onde o Ribeira escondeu o Steinweg?

– Na casa dele, oras.

– Então, precisamos saber onde Ribeira mora.

– Oras!

Depois de dispensar os irmãos, foi até a casa de repouso. Havia automóveis parados à porta, e dois homens iam e vinham, como se estivessem montando guarda.

No jardim, perto do pavilhão da sra. Kesselbach, ele viu, em um banco, Geneviève, Pierre Leduc e um senhor de costas largas, usando um monóculo. Os três estavam conversando. Nenhum deles o viu.

Mas muita gente saiu do pavilhão. O sr. Formerie, o sr. Weber, um escrivo e dois inspetores. Geneviève entrou, o senhor de monóculo dirigiu a palavra ao juiz e ao subchefe da Sûreté, e afastou-se lentamente com eles. Sernine aproximou-se do banco onde Pierre Leduc estava sentado e murmurou:

– Não se vire, Pierre Leduc, sou eu.

– Você!... Você!...

Era a terceira vez que o jovem via Sernine, desde aquela terrível noite em Versalhes, e isso sempre o perturbava.

– Responda... Quem é o sujeito de monóculo?

Pierre Leduc balbuciava, pálido. Sernine o agarrou pelo braço.

– Responda, diabos! Quem é?

– O barão Altenheim.

– De onde ele vem?

– Era amigo do sr. Kesselbach. Chegou da Áustria há seis dias e pôs-se à disposição da sra. Kesselbach.

Os magistrados, nesse ínterim, tinham saído do jardim, assim como o barão Altenheim.

– O barão veio conversar com você?

– Muito. Ficou interessado pelo meu caso. Quer me ajudar a encontrar minha família, e anda me perguntando o que lembro da

infância.

– E você, disse o quê?

– Nada, porque não sei de nada. E eu lá tenho lembranças? Você me botou no lugar de outro, e eu nem mesmo sei quem esse outro é.

– Nem eu! – zombou o príncipe. – E é justamente aí que está a bizarrice do seu caso.

– Ah! Você ri... sempre ri... Mas eu já estou começando a me encher... Estou metido num monte de sujeiras, sem falar no perigo que estou correndo, fazendo o papel de alguém que não sou.

– Como... que não é? Você é tão duque quanto eu sou príncipe... Talvez até mais... E depois, se não é, torne-se, caramba! A Geneviève só pode se casar com um duque. Olhe para ela... Os belos olhos de Geneviève não valem sua alma?

Ele nem olhava para o jovem, indiferente ao que este pensava. Todos tinham entrado e, nos primeiros degraus da escada, surgia Geneviève, graciosa e sorridente.

– O senhor voltou? – disse ela para o príncipe. – Ah! Que bom! Fico contente... quer ver Dolorès?

Em seguida, ela o acompanhou até o quarto da sra. Kesselbach. O príncipe teve um choque. Dolorès estava ainda mais pálida, mais magra do que no último dia em que a havia visto. Deitada num divã, coberta por lençóis brancos, tinha a aparência dos doentes que renunciavam à batalha. Era contra a vida que ele não lutava mais, contra o destino que a derrotava, com seus golpes.

Sernine olhava-a com piedade profunda, e com uma emoção que não buscava disfarçar. Ela agradeceu a simpatia que ele tinha por ela. Falou também do barão Altenheim, em termos amigáveis.

– A senhora já o conhecia? – perguntou ele.

– De nome, sim, e por meu marido, a quem era muito ligado.

– Conheci um Altenheim que morava na rua Daru. Acha que pode ser ele?

– Oh, não! Ele mora... na verdade, não sei muito bem, ele me deu o endereço dele, mas não posso dizer...

Depois de alguns minutos de conversa, Sernine despediu-se. No vestíbulo, Geneviève estava à sua espera.

– Precisamos conversar – ela disse, agitada. – O assunto é sério...
o senhor o viu?

– Quem?

– O barão Altenheim... mas não é esse o nome dele... ou ele tem outro, pelo menos... eu o reconheci... ele não desconfia...

Ela o levou para fora, e andava depressa.

– Calma, Geneviève...

– É aquele homem que quis me levar... Se não fosse o pobre do sr. Lenormand, eu estaria perdida... Ora, o senhor deve saber, já que sabe de tudo.

– O nome verdadeiro dele?

– Ribeira.

– Tem certeza?

– Ele bem que tentou mudar a aparência, o sotaque, as maneiras, mas eu adivinhei imediatamente, tamanho é o horror que ele me inspira. Mas eu não disse nada, esperando o senhor voltar.

– Você disse alguma coisa à sra. Kesselbach?

– Nada. Ela parecia tão contente por ter encontrado um amigo de seu marido. Mas o senhor vai falar com ela, não vai? Vai defendê-la... Não sei o que ele está aprontando contra ela, contra mim... Agora que o sr. Lenormand não está mais aqui, ele não tem mais nada a temer, está agindo como se estivesse dono da situação. Quem poderia desmascará-lo?

– Eu. Eu cuido disso. Mas não diga nada a ninguém.

Eles tinham chegado à portaria. A porta abriu-se. O príncipe disse:

– Adeus, Geneviève, e sobretudo fique tranquila. Eu estou aqui.

Ele fechou a porta, virou-se, e imediatamente recuou.

Diante dele, de cabeça erguida, costas largas e poderosas, estava o homem de monóculo, o barão Altenheim.

Eles se olharam durante dois ou três segundos, em silêncio. O barão sorria.

Disse:

– Estava à sua espera, Lupin.

Por mais seguro que fosse, Sernine estremeceu. Vinha para

desmascarar o adversário, e era o adversário quem o desmascarava, de primeira. Oferecendo-se, ao mesmo tempo, para a luta, de um modo ousado, desafiador, como se estivesse seguro da vitória. O gesto era atrevido e dava provas de grande coragem.

Os dois mediram-se com o olhar, subitamente hostis.

– E? – disse Sernine.

– E? Não acha que precisamos nos ver?

– Por quê?

– Precisamos conversar.

– Que dia?

– Amanhã. Vamos almoçar em um restaurante.

– Por que não na sua casa?

– Porque você não sabe onde moro.

– Sei.

O príncipe arrancou rapidamente um jornal do bolso de Altenheim, onde constava o endereço de entrega, e disse:

– Vila Dupont, 29.

– Um belo truque – disse o outro. – Então, até amanhã, na minha casa.

– Até amanhã, na sua casa. A hora?

– À uma.

– Estarei lá. Foi um prazer.

Iam partir. Altenheim o deteve.

– Ah! Uma coisinha, príncipe. Leve suas armas.

– Por quê?

– Tenho quatro empregados, você estará sozinho.

– Tenho meus punhos – disse Sernine –, a luta será justa.

Virou as costas para o barão e em seguida disse:

– Ah! Uma coisinha, barão. Providencie mais quatro.

– Por quê?

– Andei pensando. Vou levar meu chicote.

À uma em ponto, um cavaleiro cruzava o portão da vila Dupont, uma rua pacata de subúrbio, cuja única saída dava para a rua Pergolèse, a dois passos da avenida du Bois.

A rua é ladeada por jardins e belas mansões. E termina numa espécie de pequeno parque, ao lado de uma velha mansão, diante da qual passa a estrada de ferro de Ceinture.

Era ali, no número 29, que morava o barão Altenheim.

Sernine atirou as rédeas do cavalo para um criado que mandara na frente, e disse:

– Traga-o de volta às duas e meia.

Tocou. Uma vez aberta a porta do jardim, caminhou em direção à escadaria, onde o aguardavam dois enormes empregados de libré que o acompanharam até um imenso vestíbulo de pedra, frio e sem qualquer ornamento. A porta fechou-se às suas costas com um ruído surdo e, apesar de sua inquebrantável coragem, ele não pôde deixar de sentir a desagradável impressão de estar sozinho, cercado de inimigos, naquela prisão isolada.

– Anuncie o príncipe Sernine.

O salão ficava ali perto. Fizeram-no entrar imediatamente.

– Ah! Aí está o senhor, meu caro príncipe – disse o barão, chegando à sua frente. – Muito bem! Imagine... Dominique, sirva o almoço daqui a vinte minutos... Até lá, peço que nos deixe sozinhos. Imagine, meu caro príncipe, que eu não estava muito certo de sua visita.

– Ah! Por quê?

– Ora, sua declaração de guerra, hoje de manhã, foi tão explícita que chega a ser inútil qualquer conversa.

– Minha declaração de guerra?

O barão abriu um exemplar do *Grand Journal* e indicou um artigo onde se lia: *Comunicado*.

“O desaparecimento do sr. Lenormand não deixou de comover Arsène Lupin. Depois de uma investigação sumária, e dando prosseguimento ao seu projeto de elucidar o caso Kesselbach, Arsène Lupin decidiu que encontraria o sr. Lenormand vivo ou morto, e entregaria à justiça o ou os autores dessa abominável série de crimes.”

- É seu, este comunicado, meu caro príncipe?
- É meu, de fato.
- Logo, eu tinha razão, isto é uma guerra.
- É.

Altenheim indicou uma cadeira a Sernine, sentou-se e disse em tom conciliatório:

– Bem, não, não posso admitir isso. É impossível que dois homens como nós lutem entre si e se prejudiquem. Bastam algumas explicações e chegaremos a uma solução: fomos feitos para o entendimento.

– Ao contrário, creio que homens como nós não foram feitos para o entendimento.

O outro reprimiu um gesto de impaciência e retomou:

- Ouça, Lupin... A propósito, posso te chamar de Lupin?
- Como quer que eu te chame? Altenheim, Rivera ou Parbury?
- Oh! Oh! Vejo que tem mais informações do que eu imaginava! Peste, você está na ofensiva... Mais uma razão para buscarmos um acordo.

E debruçando-se em sua direção:

– Ouça, Lupin, reflita sobre minhas palavras, não há uma só que eu não tenha pesado bastante. É o seguinte... Somos fortes, nós dois... Você sorri? Não deveria... Pode ser que você tenha recursos que não tenho, mas eu tenho alguns que você ignora. Além do mais, como sabe, não tenho muitos escrúpulos... tenho habilidades... e um talento para mudar de personalidade que um mestre como você deve saber apreciar. Em suma, os dois adversários se equivalem. Mas resta uma questão: por que somos adversários? Estamos atrás do mesmo objetivo, você vai dizer? E daí? Sabe no que vai dar nossa rivalidade?

Vamos paralisar nossos esforços e destruir a obra um do outro, e os dois vão fracassar! Quem ganha com isso? Um Lenormand qualquer, um terceiro ladrão... É uma bobagem enorme.

– É bobagem, de fato – confessou Sernine –, mas há um jeito.

– Qual?

– Desista.

– Não brinque. Estou falando sério. A proposta que vou fazer é do tipo que não se recusa, antes de ser examinada. Em duas palavras, é o seguinte: uma parceria.

– Oh! Oh!

– Vamos continuar livres, bem entendido, cada um do seu lado, para fazer tudo o que lhe diz respeito. Mas, para o caso em questão, vamos somar nossos esforços. Que tal? Fechamos um acordo e dividimos por dois.

– E você vai entrar com o quê?

– Eu?

– Sim. Você conhece o meu valor, já dei provas disso. Na sociedade que está me propondo, você conhece, por assim dizer, o meu dote... Qual é o seu?

– Steinweg.

– É pouco.

– É muito. Por meio de Steinweg, vamos saber a verdade sobre Pierre Leduc. Vamos saber o que é esse famoso projeto de Kesselbach.

Sernine desatou num riso.

– E você precisa de mim para isso?

– Como?

– Ora, meu caro, sua proposta chega a ser pueril. Se você tem Steinweg nas mãos e quer minha colaboração, é porque não conseguiu fazê-lo falar. Se não, não precisaria dos meus serviços.

– E então?

– Então, que eu recuso!

Os dois homens se levantaram de novo, bruscos e implacáveis.

– Eu recuso – disse Sernine. – Lupin não precisa de ninguém para agir. Sou do tipo que anda sozinho. Se você estivesse à minha altura, como pretende, essa ideia de associação nunca teria passado pela sua

cabeça. Quando temos a estatura de um chefe, comandamos. *Unir-se seria obedecer*. Eu não recebo ordens!

– Você se recusa? Se recusa? – repetiu Altenheim, pálido diante do ultraje.

– Tudo o que posso fazer por você, meu caro, é oferecer um lugar no meu bando. Como um mero soldado, para começar. Sob as minhas ordens, você vai ver como um general ganha uma batalha e como embolsa o butim, dele apenas e só para ele. Interessa, soldado?

Altenheim rangia os dentes, fora de si. E mastigou as palavras:

– Você está enganado, Lupin... está enganado. Eu também não preciso de ninguém, e este caso não é mais difícil do que tantos outros que levei até o fim... A união que propus era para chegarmos mais depressa a uma solução, sem aborrecer ninguém.

– Você não me aborrece – disse Lupin, desdenhoso.

– Muito bem! Se não nos associarmos, só um de nós dois vai chegar a algum lugar.

– Isso para mim basta.

– E só vai chegar lá por cima do cadáver do outro. Você está preparado para esse duelo, Lupin?... Um duelo até a morte, entendeu? Uma facada é um recurso que você despreza, mas e se levar uma, Lupin, em plena garganta?...

– Ah! Ah! Aonde você quer chegar, afinal?

– Não, eu não gosto muito de sangue... Veja meus punhos... eu bato e o sujeito cai... tenho cá meus golpes... Mas o *outro* mata... lembre-se daquele ferimentozinho na garganta... Ah! Aquele. Lupin, cuidado com ele... Ele é terrível, é implacável... Nada pode detê-lo – pronunciou essas palavras em voz baixa, e com tal emoção, que Sernine estremeceu à lembrança abominável do desconhecido.

– Barão – zombou ele –, parece até que você teme seu cúmplice!

– Eu temo pelos outros, por quem atravessa nosso caminho, por você, Lupin. Aceite, ou estará perdido. Eu mesmo, se preciso, agiria. O objetivo está perto demais... quase posso tocar nele... Vá embora, Lupin! – disse isso com tanta energia e vontade, e de um modo tão brutal, que parecia prestes a derrubar o inimigo ali mesmo.

Sernine deu de ombros.

– Deus! Que fome! – disse ele, bocejando. – Como se come tarde nesta casa!

A porta se abriu.

– Está servido, senhor – anunciou o mordomo.

– Ah! Finalmente, uma boa notícia!

Na soleira da porta, Altenheim agarrou-o pelo braço, sem se importar com a presença do empregado:

– Um bom conselho... aceite. O momento é crítico... E será melhor, eu juro, será melhor... aceite...

– Caviar! – exclamou Sernine. – Ah! É muita gentileza... Você lembrou que estava recebendo um príncipe russo.

Sentaram-se um diante do outro, e o galgo do barão, um animal enorme, de pelos claros e compridos, sentou-se entre eles.

– Este é Sirius, meu amigo mais fiel.

– Um compatriota – disse Sernine. – Jamais me esquecerei do cão que o czar me ofereceu, quando tive a honra de salvar-lhe a vida.

– Ah! O senhor teve essa honra... um complô terrorista, imagino?

– Sim, um complô que eu mesmo organizei. Imagine que aquele cão, que se chamava Sébastopol...

O almoço transcorreu alegremente, Altenheim estava de novo de bom humor, e os dois mostraram-se espirituosos e corteses. Sernine contou histórias que o barão respondeu com outras histórias, e eram relatos de caça, de esporte, de viagem, que aludiam a todo instante às famílias mais antigas da Europa, os grandes da Espanha, lordes ingleses, magiares húngaros, arquiduques austríacos.

– Ah! – disse Sernine. – Que belo ofício, o nosso! Ele nos põe em contato com tudo o que há de bom neste mundo. Tome aqui, Sirius, um pedaço desta ave trufada.

O cachorro não tirava os olhos dele, abocanhando de uma só vez tudo o que Sernine oferecia.

– Aceita uma taça de Chambertin, príncipe?

– Com prazer, barão.

– Recomendo, vem da adega do rei Léopold.

– Foi um presente?

– Sim, um presente que dei a mim mesmo.

– Delicioso... Que buquê!... Com este patê de fígado, é um achado. Meus parabéns, barão, seu *chef* é realmente de primeira.

– Trata-se de uma *chef*, príncipe. Levei-a a preço de ouro de Levraud, o deputado socialista. Tome, prove este *chaud-froid* de sorvete de chocolate, e preste atenção nestes bolinhos secos que o acompanham. Uma invenção prodigiosa, estes bolos.

– Estão com um aspecto ótimo – disse Sernine. – Se o gosto corresponder à aparência... Tome, Sirius, você vai adorar isto aqui. Locusta não teria feito melhor.

Rapidamente, pegou um dos bolinhos e ofereceu ao cão. Este o engoliu de uma vez, ficou dois ou três segundos imóvel, como que abobado, depois girou sobre o corpo e caiu, fulminado.

Sernine saltou para trás, para não ser pego de surpresa por um dos empregados, e desatou a rir:

– Ora, barão, quando quiser envenenar os amigos, cuidado para não gaguejar nem tremer as mãos... senão, podemos desconfiar... Mas achei que fosse avesso a assassinatos!

– A uma punhalada, sim – disse Altenheim, sem se perturbar. – Mas sempre quis envenenar alguém. Queria conhecer o gostinho.

– Puxa! Meu caro, você escolhe bem as vítimas. Um príncipe russo!

Ele se aproximou de Altenheim e disse, em tom confidencial:

– Sabe o que teria acontecido se você tivesse conseguido, quer dizer, se meus amigos não me vissem retornar até no máximo as três horas? Bom, às três e meia, o chefe de polícia estaria muito bem-informado sobre aquele que diz ser o barão Altenheim, e que, antes do anoitecer, estaria preso e seria mandado para o “depósito”.

– Hum! – disse Altenheim. – Da prisão se escapa... mas ninguém volta do lugar aonde eu ia mandar você.

– Claro, mas primeiro teria que me mandar, e isso não é fácil.

– Bastaria uma mordida num desses bolos.

– Tem certeza?

– Experimente.

– Decididamente, meu caro, você ainda não tem a estatura de um mestre da aventura, e talvez não tenha jamais, uma vez que me

prepara esse tipo de armadilha. Quem se crê digno de levar a vida que temos a honra de levar, tem também que ser capaz, e, para isso, deve estar pronto para qualquer eventualidade... e isso inclui não morrer, quando um celerado qualquer tenta nos envenenar... Uma alma destemida num corpo invulnerável, eis o ideal que devemos nos propor... e alcançar. Trabalho, meu caro. Eu sou destemido e invulnerável. Lembre-se do rei Mitrídates.

E voltando a sentar-se:

– Agora, à mesa! Mas como, por um lado, gosto de demonstrar as virtudes que me atribuo e, por outro, não quero dar nenhum desgosto à sua cozinheira, por favor, me passe esse prato de bolinhos.

Ele pegou um, que partiu em dois, e ofereceu a metade ao barão:

– Coma!

O outro recuou.

– Medroso! – disse Sernine.

E, sob o olhar pasmado do barão e dos seus acólitos, pôs-se a comer a primeira, e depois a segunda metade do bolo, tranquilamente, conscienciosamente, como quem come uma iguaria da qual não gostaria de perder a menor migalha.

E voltaram a ver-se.

Nessa mesma noite, o príncipe Sernine convidou o barão Altenheim para ir ao Cabaré Vatel, onde comeram ao lado de um poeta, um músico, um banqueiro e duas belas atrizes, societárias do Théâtre-Français.

No dia seguinte, almoçaram juntos no Bois, e de noite se encontraram no Opéra.

E todos os dias, durante uma semana, eles se viram.

Parecia até que não podiam viver um sem o outro, e que uma grande amizade os unia, feita de confiança, estima e simpatia.

Eles se divertiam muito, bebiam bons vinhos, fumavam excelentes charutos e riam feito loucos.

Na realidade, espionavam-se ferozmente. Inimigos mortais, separados por um ódio selvagem, cada um deles, certo de que iria vencer e desejando essa vitória com vontade implacável, aguardava o minuto propício, Altenheim para eliminar Sernine, e Sernine para lançar Altenheim no abismo que estava cavando diante dele. Os dois sabiam que o desfecho não poderia tardar. Um ou outro perderia a pele, e seria uma questão de horas, de dias, no máximo.

Um drama fascinante, do qual um homem como Sernine tinha que provar o sabor, estranho e poderoso. Conhecer o adversário e conviver com ele, saber que, um passo em falso, qualquer desatenção, e a morte estaria à sua espreita, que volúpia!

Um dia, no jardim do clube da rua Cambon, do qual Altenheim também fazia parte, estavam a sós, àquela hora do crepúsculo em que, no mês de junho, já se começa a jantar, e quando os jogadores da noite ainda não chegaram. Passeavam em volta de um jardim, ao longo do qual havia um muro coberto de arbustos, e onde se via uma pequena porta. De repente, enquanto Altenheim falava, Sernine teve a impressão de que sua voz se tornava menos firme, quase trêmula. Do

canto do olho, ele o observou. A mão de Altenheim estava dentro do bolso do casaco, e Sernine viu, através do tecido, essa mão se crispar, agarrando o cabo de um punhal, hesitante, indecisa, entre resoluta e impotente.

Que momento delicioso! Será que ia atacar? Quem levaria a melhor, o instinto tímido e covarde, ou a vontade consciente, inclinada ao ato de matar?

Com o torso ereto e o braço atrás das costas, Sernine esperava, com arrepios de aflição e prazer. O barão calou-se, e em silêncio caminharam lado a lado.

– Ataque! – gritou o príncipe.

Ele parou e virou-se para o companheiro:

– Ataque, ele dizia, é agora ou nunca! Ninguém está vendo. Você foge por aquela portinha, a chave está providencialmente pendurada na parede, e adeus, barão... ninguém viu... Tudo isso deve ter sido proposital... Foi você quem me trouxe aqui... e agora hesita? Ataque!

E olhava no fundo dos seus olhos. O outro estava lívido, vibrando de energia, mas impotente.

– Frangote! – zombou Sernine. – Eu nunca conseguiria fazer nada de você. Quer que eu diga a verdade? Muito bem, você tem medo de mim. É, você nunca tem certeza do que vai acontecer com você quando está comigo. É você quem quer agir, mas são meus atos, meus possíveis atos, que dominam a situação. Não, definitivamente, não é você quem vai apagar a minha estrela.

Ele não tinha terminado essas palavras quando foi agarrado pelo pescoço e puxado para trás. Alguém que estava escondido atrás de um arbusto, perto da portinha, segurava seu rosto. Viu um braço se levantar, armado de um punhal, com uma lâmina brilhante. O braço desceu e a ponta do punhal o atingiu em plena garganta.

Nesse instante, Altenheim saltou por cima dele para liquidá-lo, e eles rolaram pelo canteiro. Foi coisa de vinte a trinta segundos, no máximo. Forte como era, e treinado para a luta, Altenheim cedeu quase imediatamente, gritando de dor. Sernine levantou-se e correu em direção à portinha, que acabara de se fechar atrás de um vulto. Tarde demais! Ouviu o ruído da chave na fechadura. E não conseguiu

abrir.

– Ah! Bandido! – praguejou. – O dia em que eu te pegar será o dia em que vou cometer meu primeiro crime! Mas, que diabos!...

Ele voltou, abaixou-se e recolheu os pedaços do punhal que se quebrara ao atingi-lo.

Altenheim começou a se mexer. Ele disse:

– E então, barão, está melhor? Você não conhecia esse golpe, não é? É o que eu chamo de golpe direto no plexo solar, ou seja, ele apaga sua luz vital, como se fosse uma vela. É limpo, rápido, indolor... e infalível. Já uma punhalada?... Hmm! É só usar uma pequena malha de aço no pescoço, como eu uso, e não preciso me preocupar com nada, nem com seu amiguinho raivoso, que ataca sempre na garganta, o monstro, imbecil! Olha, olha aqui o brinquedinho favorito dele... em migalhas!

E estendeu-lhe a mão.

– Venha, levante-se, barão. Eu o convido para jantar. E lembre-se do segredo da minha superioridade: uma alma destemida, num corpo invulnerável.

Ele entrou no clube, pediu uma mesa para dois, sentou-se em um divã e esperou a hora do jantar, pensando:

“Esse jogo é divertido, é claro, mas está começando a ficar perigoso. Preciso acabar com isso... Senão, aqueles animais vão acabar me mandando para o céu mais cedo do que eu gostaria... O desagradável é que não posso fazer nada contra eles, antes de encontrar o velho Steinweg... Porque, no fundo, é só isso que me interessa, o velho Steinweg, e se eu não deixo o barão em paz, é porque estou sempre esperando um sinal qualquer... Que diabos fizeram com ele? Tenho certeza de que o Altenheim fala com ele todo dia, tenho certeza de que está fazendo o impossível para arrancar dele informações sobre o projeto Kesselbach. Mas onde é que eles se encontram? Onde é que ele meteu o sujeito? Na casa de algum amigo? Na casa dele, no número 29 da vila Dupont?”

Ficou ali pensando, depois acendeu um cigarro, bafou três vezes e o atirou fora. Devia ser um sinal, pois vieram sentar-se ao seu lado dois jovens, que ele não demonstrou conhecer, e com quem comunicou-

se furtivamente.

Eram os irmãos Doudeville, fazendo-se passar, naquele dia, por cavalheiros.

– O que foi, chefe?

– Peguem seis homens, vão até o 29 da vila Dupont e entrem na casa.

– Caramba! Como?

– Em nome da lei. Vocês não são inspetores da Sûreté? Uma investigação.

– Mas não temos direito...

– Consigam.

– E os empregados? Se resistirem?

– São só quatro.

– E se gritarem?

– Não vão gritar.

– E se o Altenheim voltar?

– Ele não vai voltar antes das dez. Eu cuido disso. Isso dá a vocês duas horas e meia. É mais do que precisam para vasculhar a casa de alto a baixo. Se encontrarem o velho Steinweg, venham me avisar.

O barão Altenheim aproximou-se e parou diante dele.

– Vamos jantar? Aquele incidentezinho no jardim me abriu um rombo no estômago. Aliás, sobre isso, meu caro barão, gostaria de dar uns conselhos...

E sentaram-se à mesa.

Depois da refeição, Sernine propôs uma partida de bilhar, que o barão aceitou. Terminada a partida, foram para a mesa de bacará, no momento em que o crupiê dizia:

– Cinquenta luíses a banca, alguém se habilita?

– Cem luíses – disse Altenheim.

Sernine consultou o relógio. Dez horas. Os Doudeville não tinham voltado. Portanto, as buscas tinham dado em nada.

– Banca – ele disse.

Altenheim sentou-se e distribuiu as cartas.

– Eu dou.

– Não.

- Sete.
- Seis.
- Perdi – disse Sernine. – Vamos dobrar a aposta?
- Vamos – disse o barão.

Ele deu as cartas.

- Oito – disse Sernine.
- Nove – disse o barão, mostrando as cartas.

Sernine virou-se de costas, pensando:

“Isto vai me custar trezentos luíses, mas tudo bem, pelo menos ele está plantado no lugar.”

Pouco depois, um carro o deixava na frente do número 29 da vila Dupont. Em seguida, encontrou os Doudeville e seus homens reunidos no vestíbulo.

- Encontraram o velho?
- Não.

– Que diabos! Mas ele deve estar em algum lugar! Onde estão os empregados?

- No escritório, amarrados.

– Bom. Eu preferia não ser visto. Podem ir. Jean, fique lá embaixo, vigiando. Jacques, me mostre a casa.

Rapidamente, percorreu o porão, o sótão. Mal parou nos lugares, sabendo que não encontraria em poucos minutos o que seus homens não tinham sido capazes de descobrir em três horas. Mas registrou fielmente a forma e a disposição dos cômodos.

Quando terminou, foi para um quarto que Doudeville tinha indicado como sendo o de Altenheim, e o examinou com atenção.

– Isto vai me servir – disse ele, erguendo uma cortina que escondia um cômodo escuro, cheio de roupas. – Daqui, vejo todo o quarto.

- E se o barão vasculhar a casa?
- Por quê?

– Ele vai saber que viemos, pelos empregados.

– Sim, mas não vai imaginar que um de nós veio se instalar aqui.

Vai pensar que a coisa não deu em nada. Portanto, eu fico.

- E como vai sair?

– Ah! Está querendo saber demais. O importante é entrar. Vá, Doudeville, feche as portas. Encontre seu irmão e saiam daqui... Até amanhã, ou...

– Ou...

– Não se preocupem. No momento adequado, vou dar sinal de vida.

Ele se sentou em uma pequena caixa, no fundo do cômodo. Uma fileira com quatro trajes pendurados o protegia. Salvo no caso de uma busca minuciosa, ele estava em perfeita segurança.

Dez minutos se passaram. Ele ouviu o trote surdo de um cavalo, ao lado da propriedade, e um som de guizos. Uma carruagem parou, a porta de baixo bateu, e em seguida ouviu vozes, exclamações e um rumor que se acentuava, provavelmente, à medida que cada um dos homens era desamordado.

“Estão explicando a situação”, pensou. “O barão deve estar furioso... Agora, está entendendo minha conduta esta noite, no clube, e vendo que o enganei direitinho... Enganei em termos, porque ainda não sei onde está Steinweg... Essa vai ser a primeira preocupação dele: alguém pegou o Steinweg? Para saber, ele vai correr até o esconderijo. Se ele subir, é porque o esconderijo fica em cima. Se descer, é porque fica no subsolo”.

Ficou ouvindo. O vozerio prosseguia nos cômodos do térreo, mas ninguém parecia se mexer. Altenheim devia estar interpelando os acólitos. Só meia hora depois, Sernine ouviu passos subindo as escadas.

“Deve ser lá em cima”, pensou, “mas por que demoraram tanto?”

– Vão todos dormir – ouviu Altenheim dizer.

O barão entrou no quarto com um dos homens e fechou a porta.

– Também vou dormir, Dominique. Não adianta ficar discutindo a noite inteira, não vamos avançar assim.

– Na minha opinião – disse o outro –, ele veio aqui atrás do Steinweg.

– Também acho, e é por isso que no fundo estou achando graça, porque o Steinweg não está aqui.

– Mas onde ele está, afinal? O que o senhor fez com ele?

– Isto é segredo meu, e você sabe, meus segredos, eu guardo para mim. Só posso dizer que a prisão é boa e que ele só vai sair de lá depois de falar.

– O príncipe, então, nada?

– Acho que sim. E ainda por cima perdeu uma nota para chegar a esse resultado. Ah, que engraçado!... Pobre príncipe!...

– Seja como for – continuou o outro –, precisamos nos livrar dele.

– Fique tranquilo, meu velho, isso não vai demorar. Em menos de oito dias, vou dar uma carteira especial para você, feita do couro da pele do Lupin. Me deixe dormir, estou morrendo de sono.

Um ruído de porta fechando. Depois, Sernine ouviu o barão trancar a porta, esvaziar os bolsos, dar a corda no relógio e despir-se.

Ele estava feliz, assobiava e cantava, e falava em voz alta.

– Sim, a pele do Lupin... em menos de oito dias... em menos de quatro! Se não, é ele quem nos engole, o canalha!... Tudo bem, esta noite, o golpe dele falhou... Os cálculos estavam certos, mas... o Steinweg só poderia estar aqui... só que...

Deitou-se na cama e em seguida apagou a luz. Sernine avançou para perto da cortina, ergueu-a de leve e viu que o luar mal entrava pela janela, deixando a cama numa escuridão profunda.

“Definitivamente, o trouxe fui eu”, pensou. “Me deixei enganar direitinho. Assim que ele começar a roncar, eu saio daqui...”

Mas foi surpreendido por um ruído abafado, cuja natureza ele não era capaz de precisar, e que vinha da cama. Era uma espécie de rangido, bem pouco perceptível, aliás.

– E aí, Steinweg, como estamos?

Era o barão falando! Sem dúvida era ele, mas como podia estar falando com o Steinweg, se o Steinweg não estava no quarto? E Altenheim continuou:

– Ainda está intratável?... É?... Imbecil! Mas você vai ter que falar o que sabe... Não?... Então, boa noite e até amanhã...

“Estou sonhando, estou sonhando”, pensou Sernine. “Ou então é ele quem está sonhando em voz alta. Vejamos, o Steinweg não está ao lado dele, não está no quarto ao lado, não está nem mesmo na casa. O próprio Altenheim disse... Então, que história esquisita é essa?”

Hesitou. Ia saltar sobre ele, pegar o barão pelo pescoço e conseguir, por força e ameaça, o que não tinha conseguido por astúcia? Absurdo! Altenheim jamais se deixaria intimidar.

“Chega, vou sair daqui”, pensou, “foi só uma noite perdida”.

Mas não saiu. Sentiu que era impossível sair, que tinha que esperar, que o acaso ainda poderia favorecê-lo.

Com precaução infinita, tirou quatro ou cinco casacos e paletós do cabide, estendeu no chão, deitou-se de costas para a parede e dormiu o sono mais tranquilo do mundo.

O barão não se levantou cedo. Um relógio, em algum lugar, deu nove horas, ele saltou da cama e chamou um empregado.

Leu a correspondência que este trazia, vestiu-se sem dizer uma palavra e pôs-se a escrever cartas, enquanto o funcionário cuidadosamente arrumava no armário as roupas da véspera, e Sernine, de punhos cerrados, pensava:

“Ora, ora, será que vou ter que afundar o plexo solar desse sujeito?”

Às dez horas, o barão ordenou:

– Saia!

– Só mais este colete, e pronto...

– Saia, estou mandando. Volte quando eu chamar, não antes. – Fechou a porta em cima do empregado, esperou, como quem não confia muito nos outros e, aproximando-se de uma mesa onde havia um telefone, tirou o aparelho do gancho.

– Alô!... Senhorita, por favor, complete uma ligação para Garches... Isso, e me retorne...

E ficou ao lado do aparelho.

Sernine vibrava de impaciência. Será que o barão ia se comunicar com seu misterioso companheiro de crime?

A campainha tocou.

– Alô – disse Altenheim... – Ah! É de Garches... perfeito. Senhorita, eu gostaria de falar com o número 38... Isso, oito, duas vezes quatro...

Alguns segundos depois, com voz mais baixa, o mais baixa e clara possível, disse:

– Número 38?... Sou eu... vamos direto ao assunto... Ontem?... Eu sei, você não o pegou no jardim... Mais uma vez, claro... mas temos pressa... Ontem, ele mandou vasculhar minha casa... depois eu conto... Não encontrou nada, que isso fique claro... O quê?... Alô... Não, o velho Steinweg se recusa a falar... Ameaças, promessas, nada funcionou... Alô... É, difícil, ele sabe que não podemos fazer nada... só sabemos uma parte do projeto Kesselbach e da história do Pierre Leduc... e só ele conhece a chave do enigma... Ah! Ele vai falar, eu cuido disso... e hoje à noite... senão... Ah! Fazer o quê, tudo, menos deixar ele escapar! Senão, o príncipe o pega! É! Em três dias, ele tem que estar em outra... Você teve uma ideia?... Sei... boa ideia. Ah! Ah! Excelente... eu cuido disso... Quando vamos nos ver? Na terça, você pode? Está bem. Terça, então... às duas...

Ele pôs o aparelho no gancho e saiu. Sernine ouviu-o dar ordens.

– Agora cuidado, hein? Não vão cair de novo que nem ontem, eu só volto tarde da noite.

A pesada porta do vestíbulo se fechou, depois ouviu-se a batida do portão, no jardim, e os guizos de um cavalo, que se afastava.

Vinte minutos depois, vieram dois empregados, que abriram as janelas e arrumaram o quarto.

Depois que saíram, Sernine ainda esperou por um bom tempo, até o momento em que imaginou que estariam almoçando. Depois, supondo que estivessem na cozinha, sentados à mesa, saiu com cuidado de seu cubículo e passou a examinar a cama e a parede onde esta estava encostada.

“Estranho”, pensou, “muito estranho... Não tem nada de particular aqui. A cama não tem fundo falso... Embaixo, nenhum alçapão. Vamos ver o quarto ao lado”.

Devagar, passou para aquele quarto. O cômodo estava vazio, sem nenhum móvel.

“Não é aqui que o velho está... Numa parede dessa grossura? Impossível, isso aqui está mais para um tabique, é muito fino. Caramba! Não estou entendendo nada.”

Centímetro por centímetro, examinou as tábuas do chão, a parede, a cama, perdendo tempo em experimentos inúteis.

Definitivamente, havia alguma coisa ali, talvez muito simples, mas que, naquele momento, ele não conseguia entender.

“A menos que”, pensou ele, “Altenheim estivesse mesmo delirando... É a única suposição aceitável. E para saber, só tem um jeito, tenho que ficar. E vou ficar. Aconteça o que acontecer”.

Com receio de ser surpreendido, voltou para o seu esconderijo e não saiu mais, divagando e cochilando, atormentado, além do mais, por uma fome violenta.

E a noite chegou. E, com ela, a escuridão.

Altenheim só voltou depois da meia-noite. Subiu para o quarto, dessa vez sozinho, despiu-se, deitou-se e, imediatamente, como na noite anterior, apagou a luz.

A mesma espera ansiosa. O mesmo ruído inexplicável. E com a mesma voz zombeteira, Altenheim dizia:

– E aí, meu amigo, como vai?... Me insulta?... Não, não, meu caro, não é nada disso que espero de você! Você entendeu errado. O que eu preciso é dos seus segredos, todos, bem detalhados, tudo o que você revelou a Kesselbach... a história de Pierre Leduc etc. Ficou claro?...

Sernine ouvia estupefato. Agora, não havia como se enganar: o barão estava *realmente* falando com o velho Steinweg. Um diálogo impressionante! Era como se estivesse presenciando o misterioso diálogo entre um vivo e um morto, uma conversa com um ser inominável, vivendo em outro mundo, um ser invisível, impalpável, inexistente.

O barão retomou, irônico e cruel:

– Você está com fome? Coma, então, meu caro. Mas não se esqueça de que eu te dei toda a sua provisão de pão, e que se comer apenas algumas migalhas por dia, vai ter no máximo para uma semana... Digamos, dez dias! Daqui a dez dias, puf, acabou-se o velho Steinweg. A menos que, daqui até lá, você concorde em falar. Não? Amanhã, veremos... Durma, meu caro.

No dia seguinte, à uma hora, depois de uma noite e uma manhã sem incidentes, o príncipe Sernine saía tranquilamente da vila Dupont e, com o cérebro lento, as pernas moles, enquanto seguia na direção

do restaurante mais próximo, ele resumia a situação:

“Então, na próxima terça, Altenheim e o assassino do Palace-Hôtel vão se encontrar em Garches, numa casa cujo número de telefone é 38. Portanto, na terça-feira é que vou entregar os dois culpados *e libertar o sr. Lenormand*. Nessa mesma noite, vai ser a vez do velho Steinweg, e finalmente ficarei sabendo se Pierre Leduc é ou não o filho de um charcuteiro, e se é digno de se casar com Geneviève. Assim seja!”

Na terça de manhã, por volta das onze horas, Valenglay, presidente do Conselho, convocava o chefe de polícia e o subchefe da Sûreté, sr. Weber, e mostrava a eles uma correspondência recebida pelo correio pneumático, assinada pelo príncipe Sernine, e que acabara de chegar.

“Senhor presidente do Conselho,

“Sabendo do seu interesse pelo sr. Lenormand, venho trazer ao seu conhecimento alguns fatos que o acaso me revelou.

“O sr. Lenormand está preso no porão da vila de Glycines, em Garches, ao lado da casa de repouso.

“Os bandidos do Palace-Hôtel resolveram assassiná-lo hoje às duas horas.

“Se a polícia precisar de meu auxílio, estarei à uma e meia no jardim da casa de repouso, ou na casa da sra. Kesselbach, de quem tenho a honra de ser amigo.

“Com toda minha estima, sr. presidente do Conselho etc.

“Assinado: príncipe Sernine.”

– Isso é muito sério, meu caro sr. Weber – disse Valenglay. – E acrescento que podemos confiar nas afirmações do príncipe Paul Sernine. Jantei com ele muitas vezes. É um homem sério, inteligente...

– Me permite, sr. presidente – disse o subchefe da Sûreté –, ler outra carta que recebi hoje de manhã?

– Sobre o mesmo assunto?

– Sim.

– Vejamos.

Ele pegou a carta e leu:

“Senhor,

“Saiba que o príncipe Paul Sernine, que se diz amigo da sra. Kesselbach, não é outro senão Arsène Lupin.

“Uma prova será o suficiente: Paul Sernine é anagrama de Arsène Lupin. São as mesmas letras. Nem uma a mais, nem uma a menos.

“Assinado: L. M.”

E o sr. Weber acrescentou, enquanto Valenglay parecia confuso:

– Desta vez, nosso amigo Lupin encontrou um adversário à altura.

Enquanto ele o denuncia, o outro o entrega. E a raposa cai na armadilha.

– E agora? – disse Valenglay.

– Agora, senhor presidente, vamos fazer com que se entendam...

E, para isso, vou precisar de duzentos homens.

A sobrecasaca cor de oliva

Meio-dia e quinze. Um restaurante perto da Madeleine. O príncipe almoça. Na mesa ao lado, sentam-se dois jovens. Ele os cumprimenta e conversam como se fossem amigos.

– Vocês estão nessa expedição?

– Estamos.

– Quantos homens, no total?

– Seis, parece. Cada um vai por um lado. Vamos nos encontrar às quinze para as duas com o sr. Weber, perto da casa de repouso.

– Bom, eu estarei lá.

– O quê?

– Não sou eu quem vai comandar a expedição? E não tenho que encontrar o sr. Lenormand, já que anunciei isso publicamente?

– Acha mesmo, chefe, que Lenormand está vivo?

– Tenho certeza. Ontem fiquei sabendo que Altenheim e seu bando levaram Lenormand e Gourel até a ponte de Bougival e que os jogaram de lá. Gourel afundou, mas Lenormand se salvou. Vou apresentar todas as provas necessárias quando chegar o momento.

– Mas, se ele está vivo, por que então não aparece?

– Porque não está solto.

– Então, é verdade o que senhor disse? Que ele está no porão da vila de Glycines?

– Tenho todas as razões para acreditar.

– Mas, como sabe?... Com que indícios?

– Isso é segredo meu. O que posso dizer é que o desfecho vai ser... digamos... espetacular. Terminaram?

– Sim.

– Meu carro está atrás da Madeleine. Venham comigo.

Em Garches, Sernine devolveu o carro, e andaram até o caminho que leva à escola de Geneviève. Lá, ele parou.

– Ouçam bem, rapazes. Isto é da maior importância. Vocês vão

tocar a campanha da casa de repouso. Como inspetores, vocês estão com suas credenciais, certo? Vão se dirigir ao pavilhão Hortênsia, que está desocupado. Chegando lá, vão descer ao subsolo, onde vão encontrar uma portinhola que é só levantar, e vocês terão acesso à entrada de um túnel que descobri esses dias, e que se comunica diretamente com a vila de Glycines. É ali que Gertrude e o barão Altenheim se encontram. E foi por lá que o sr. Lenormand entrou antes de cair nas mãos dos inimigos.

– O senhor acha, chefe?

– Acho. E agora, vejam o que vão fazer. Vocês vão verificar se o túnel está exatamente do jeito que deixei ontem à noite, se as duas portas estão abertas e se, dentro de um buraco, perto da segunda porta, tem um embrulho de sarja preta, que eu mesmo deixei lá.

– Temos que abrir o embrulho?

– Não precisa, são roupas sobressalentes. Vão, e sejam discretos. Estarei aqui esperando.

Dez minutos depois, eles estavam de volta.

– As duas portas estão abertas – disse Doudeville.

– E o embrulho de sarja preta?

– Está no lugar, perto da segunda porta.

– Perfeito! Agora é uma e vinte e cinco. Weber vai chegar com os rapazes. A vila está sendo vigiada. Está cercada desde o momento em que Altenheim entrou. Combinei com o Weber que vou tocar. Depois, tenho meus planos. Vamos, tenho a impressão de que vamos nos divertir.

Depois de se despedir, Sernine afastou-se pelo caminho da escola, falando sozinho.

“Está tudo correndo bem. A batalha vai acontecer no terreno que eu escolhi. Fatalmente, eu vou ganhar, vou me livrar dos meus dois adversários e ficar sozinho no caso Kesselbach... sozinho, e com dois belos trunfos: Pierre Leduc e Steinweg... Além do rei... quero dizer, Bibi. Só tem um problema... O que é que Altenheim vai fazer? Naturalmente, ele deve ter um plano de ataque. Por onde será que vai me atacar? E como admitir que ainda não tenha me atacado? É preocupante. Será que ele me denunciou para a polícia?”

Ele atravessou o pequeno pátio da escola, cujos alunos ainda estavam em sala de aula, e bateu na porta de entrada.

– Pronto, chegou! – disse a sra. Ernemont, abrindo. – Geneviève ficou em Paris?

– Para isso, era preciso que ela tivesse ido a Paris – ele respondeu.

– Mas ela foi, você mesmo que mandou chamar.

– Como é que é? – exclamou ele, agarrando-a pelo braço.

– Como assim? Você sabe melhor do que eu!

– Eu não sei de nada... nada... Fale!...

– Você não escreveu pedindo para a Geneviève encontrar você na estação Saint-Lazare?

– E ela foi?

– Claro... Vocês iam almoçar no hotel Ritz...

– A carta... deixe-me ver a carta.

Ela subiu para procurar e entregou a ele.

– Ah, infeliz, você não viu que era falsa? A imitação da letra é boa... mas é falsa... salta aos olhos.

Ele bateu os punhos na testa, com raiva:

– Foi isso, então, que ele me aprontou. Ah! Miserável! É através dela que ele está me atacando... Mas, como ele sabe? Ah! Não, ele não sabe... É a segunda vez que tenta... e é por causa da Geneviève, porque se apaixonou por ela... Ah, não! Isso, nunca! Ouça, Victoire... Você tem certeza de que ela não gosta dele?... Ah, não! Assim, eu fico nervoso! Vejamos... vejamos... preciso pensar... não é hora para isso...

Ele consultou o relógio.

– Uma e trinta e cinco... tenho tempo... imbecil! Tempo para quê? E eu lá sei onde ela está? – Ele ia e vinha, como um louco, e a velha ama parecia surpresa por vê-lo tão agitado, tão fora de si.

– Mas veja – ela disse –, nada prova que ela não tenha farejado a armadilha, no último instante...

– Onde será que ela está?

– Não sei... talvez na casa da sra. Kesselbach...

– Verdade... verdade... você tem razão – exclamou ele, subitamente esperançoso.

E ele saiu correndo em direção à casa de repouso.

No caminho, perto da porta, encontrou os irmãos Doudeville entrando pela portaria, de onde podiam ver a estrada, o que lhes permitia vigiar os arredores de Glycines. Sem parar, seguiu direto na direção do pavilhão da Imperatriz e chamou Suzanne, que o levou à presença da sra. Kesselbach.

– E Geneviève? – ele perguntou.

– Geneviève?

– Sim, ela não veio?

– Não, e faz muitos dias, aliás.

– Mas ela deve vir, não?

– O senhor acha?

– Tenho certeza. Onde será que ela está? A senhora não lembra?

– Andei procurando, mas nada. Ela e eu não nos vemos há algum tempo.

E, subitamente assustada:

– Mas o senhor está preocupado? Aconteceu alguma coisa com ela?

– Não, nada.

E partiu. Uma ideia lhe ocorrera. E se o barão Altenheim estivesse na vila de Glycines? E se a hora do encontro tivesse mudado?

“Preciso vê-lo...”, pensava, “preciso, a qualquer custo.”

E correu, desarrumado e indiferente a tudo. Mas, chegando na portaria, recuperou imediatamente o sangue frio: tinha visto o subchefe da Sûreté conversando no jardim com os irmãos Doudeville. Se tivesse tido a clarividência habitual, teria reparado que o sr. Weber estremeceu de leve à sua chegada, mas não reparou.

– Senhor Weber, não? – disse ele.

– Sim... Com quem tenho a honra?...

– Com o príncipe Sernine.

– Ah! Muito bem, o chefe de polícia me falou dos serviços consideráveis que o senhor tem nos prestado.

– O serviço só estará completo quando eu tiver entregue os bandidos.

– Isso não deve demorar. Creio que um deles acaba de entrar...

um homem bastante forte, de monóculo.

– Isto, é o barão Altenheim. Seus homens estão aqui, senhor Weber?

– Estão, escondidos na estrada, a duzentos metros de distância.

– Bem, senhor Weber, me parece que o senhor poderia reunir seus homens e trazê-los até aqui, na frente da portaria. Daqui, vamos até à vila. Eu vou tocar. Como o barão Altenheim me conhece, imagino que deva abrir, e eu entrarei com o senhor.

– Excelente plano – disse o sr. Weber. – Eu já volto.

E saiu do jardim, seguindo pela estrada, em direção oposta a Glycines. Rapidamente, Sernine pegou um dos irmãos Doudeville pelo braço.

– Corra atrás dele, Jacques. Mantenha-o ocupado, enquanto entro em Glycines... Depois, adie o ataque o máximo possível, invente algum pretexto... preciso de dez minutos. Podem cercar a vila... mas entrar, não. E você, Jean, fique no pavilhão Hortênsia, na saída do subterrâneo. Se o barão quiser sair por lá, quebre a cabeça dele.

Os Doudeville se afastaram. O príncipe saiu discretamente e correu até um portão alto, blindado de ferro, que era a entrada de Glycines.

Iria tocar?

À sua volta, ninguém. De um salto, subiu no portão, apoiando o pé na borda da fechadura e segurando-se nas grades. Deu um impulso com as pernas e, erguendo-se pelo punho, arriscando-se a cair nas pontas afiadas das grades, conseguiu saltar e transpor o portão.

Atravessou depressa um pátio pavimentado e subiu os degraus de uma galeria rodeada de colunas, para a qual davam janelas, fechadas até o alto por persianas.

Enquanto pensava num jeito de entrar na casa, a porta foi entreaberta com um rangido de ferros que lembrou a entrada da vila Dupont, e Altenheim apareceu.

– Então, príncipe, é assim que o senhor entra numa propriedade privada? Serei obrigado a recorrer à polícia, meu caro.

Sernine agarrou-o pelo pescoço e, empurrando-o contra um banco:

– Geneviève... Onde está Geneviève? Se não me disser o que fez com ela, miserável!...

– Repare, por favor – gaguejou o barão –, que assim não consigo falar.

Sernine o soltou.

– Fale!... E depressa!... Responda... Geneviève?...

– Tem uma coisa – respondeu o barão –, que é muito mais urgente, sobretudo quando se trata de gente como nós, que é estar em segurança...

E, cuidadosamente, empurrou a porta, que trancou com ferrolhos. Depois, conduzindo Sernine ao salão ao lado, um salão sem móveis nem cortinas, disse:

– Agora, sou seu. Como posso servi-lo, príncipe?

– Geneviève?

– Está se comportando muito bem.

– Ah! Então, admite?...

– Por Deus! Eu diria até que sua imprudência a esse respeito me causou espanto. Como é que você não tomou nenhuma precaução? Era inevitável...

– Chega! Onde ela está?

– Você não está sendo educado.

– Onde ela está?

– Entre quatro paredes, livre...

– Livre?...

– Sim, livre para circular entre as paredes.

– Na vila Dupont, talvez? Na prisão que imaginou para o Steinweg?

– Ah! Você sabe... Não, ela não está lá.

– Onde ela está, então? Fale, senão...

– Ora, meu príncipe, você acha que eu seria tolo a ponto de revelar o segredo que o põe aqui, nas minhas mãos? Você ama aquela mocinha...

– Cale a boca! – exclamou Sernine, fora de si. – Eu o proíbo de...

– E daí? Seria uma desonra? Eu gosto dela, e corri o risco de...

Mas não terminou a frase, intimidado pela fúria assustadora de

Sernine, fúria contida, silenciosa, que lhe deformava a fisionomia.

Eles se olharam por um longo tempo, cada um procurando o ponto fraco do adversário. Por fim, Sernine avançou e, com voz clara, como quem ameaça, mais do que propõe um pacto:

– Ouça. Lembra da proposta que me fez? O caso Kesselbach para nós dois... agir juntos... dividir os benefícios... Eu recusei... Agora aceito...

– Tarde demais.

– Espere. Aceito mais do que isso: eu abandono o caso... não me meto mais em nada... você fica com tudo... E se precisar, eu ajudo.

– E a condição?

– Dizer onde está Geneviève.

O outro deu de ombros.

– Você está delirando, Lupin. Isso me dá pena... na sua idade...

Uma nova pausa entre os dois inimigos, terrível. O barão zombou:

– Assim mesmo, é muito prazeroso ver você choramingando e mendigando assim. Olha só, parece até que um mero soldado está agora dando uma surra no seu general.

– Imbecil – murmurou Sernine.

– Príncipe, esta noite, se ainda estiver vivo, eu o desafio para um duelo.

– Imbecil! – repetiu Sernine, com um desprezo infinito.

– Você acha melhor acabar de uma vez com isso? Você decide, meu príncipe, chegou sua hora. Posso recomendar sua alma a Deus. Você sorri? Não deveria. Levo uma vantagem imensa sobre você: se precisar, eu mato...

– Imbecil! – disse mais uma vez Sernine.

Ele sacou o relógio.

– Duas horas, barão. Você só tem mais alguns minutos. Às duas e cinco, duas e dez, o mais tardar, o sr. Weber, mais uma meia dúzia de homens fortes, sem escrúpulos, vão forçar a entrada do seu refúgio e pôr as mãos em você... Não ria, você também. A saída com a qual você está contando foi descoberta, eu a conheço e está bem guardada. Portanto, seu destino está selado. É a pena de morte, meu caro.

Altenheim estava lívido. E murmurou:

– Você fez isso? Fez essa infâmia?

– A casa está cercada. A invasão é iminente. Fale, e eu salvo você.

– Como?

– Os homens que estão guardando a saída do pavilhão são meus.

Eu digo o que você deve falar para eles, e você estará salvo.

Altenheim refletiu alguns instantes, pareceu hesitar, mas subitamente decidido, afirmou:

– É um blefe. Você não seria tão ingênuo a ponto de se enfiar assim na boca do lobo.

– Você está esquecendo Geneviève. Sem ela, acha que eu estaria aqui? Fale.

– Não.

– Muito bem. Vamos esperar – disse Sernine. – Aceita um cigarro?

– Com prazer.

– Está ouvindo? – disse Sernine, depois de alguns instantes.

– Estou... estou... – disse Altenheim, levantando-se.

Ouviam-se golpes no portão. Sernine disse:

– Nem mesmo as intimações de costume... nenhum aviso... Você tem certeza?

– Mais do que nunca.

– Sabia que, com os instrumentos que eles têm, não vão levar muito tempo?

– Mesmo que já estivessem aqui, eu me recusaria.

O portão cedeu. Ouviram o ranger das dobradiças.

– Ser preso, eu admito – retomou Sernine –, mas estender os próprios punhos para ser algemado é muita idiotice. Não seja teimoso. Fale, e dê o fora.

– E você?

– Eu fico. O que eu tenho a temer?

– Olhe.

O barão apontou para uma fenda na janela. Sernine olhou por ela e recuou num sobressalto.

– Ah! Bandido, você também me denunciou! Não são dez homens, são cinquenta, cem, duzentos homens, que Weber está trazendo...

O barão ria com gosto:

– E se trouxe tantos, é porque está atrás de Lupin. Para mim, meia dúzia bastaria.

– Você avisou a polícia?

– Sim.

– E que provas você deu?

– Seu nome, Paul Sernine, ou seja, Arsène Lupin.

– E descobriu isso sozinho? Coisa em que ninguém mais pensou? Sei! Admita, não foi você.

Ele olhava pela fenda. Um enxame de agentes espalhava-se ao redor da vila, e agora estavam golpeando as portas.

Entretanto, era preciso pensar na fuga ou na execução do plano que ele tinha imaginado. Mas, afastar-se, mesmo que por um instante, seria deixar Altenheim, e quem podia garantir que o barão não tinha à sua disposição outra saída para escapar? A ideia perturbou Sernine. O barão, livre! O barão, livre para voltar para Geneviève, torturá-la e subjugar-la ao seu odioso amor!

Bloqueado, sem saber o que fazer, forçado a improvisar um novo plano naquele instante e subordinando tudo ao perigo que Geneviève corria, Sernine viveu um momento de indecisão atroz. Com os olhos fixos nos olhos do barão, quis arrancar o segredo dele e partir, mas não tentou nem mesmo convencê-lo, tanto lhe pareciam inúteis as palavras. E, enquanto refletia, perguntava-se no que estaria pensando o barão, quais seriam suas armas, sua esperança de salvação. A porta do vestibulo, ainda que muito bem trancada, ainda que blindada, e de ferro, já começava a ceder. Os dois estavam imóveis diante dessa porta. O ruído das vozes, o sentido das palavras, chegavam até eles.

– Você parece bem seguro de si – disse Sernine.

– Dane-se! – exclamou o barão, dando uma rasteira que fez o outro cair, e arrancou em fuga.

Sernine levantou-se imediatamente, atravessou uma pequena porta debaixo da escada, por onde Altenheim tinha sumido e, precipitando-se sobre os degraus de pedra, desceu até o porão...

Um corredor, uma sala vasta e baixa, quase na escuridão, onde o barão, de joelhos, estava erguendo a tampa de um alçapão.

– Imbecil – exclamou Sernine, atirando-se sobre ele –, você sabe

muito bem que meus homens estarão do outro lado desse túnel, e que eles têm ordens para matar você, como quem mata um cão... A menos que... a menos que você conheça outra saída para esse túnel... Ah! É isso, droga! Descobri... e você acha que...

A luta foi árdua. Altenheim, um verdadeiro colosso dotado de uma musculatura excepcional, agarrou o adversário pela cintura e imobilizou seus braços, procurando sufocá-lo.

– Claro... claro... – dizia com dificuldade –, foi tudo bem calculado... enquanto eu não puder usar as mãos para arrebentar você, você tem a vantagem... mas, você aguenta?

Ele estremeceu. O alçapão, que estava fechado, e sobre o qual os dois estavam apoiados, com todo o peso do corpo, parecia estar se mexendo debaixo deles. Ele podia sentir o esforço que *alguém* estava fazendo para erguê-lo, e o barão devia sentir também, pois tentava desesperadamente mudar o campo de batalha para que o alçapão pudesse ser aberto.

“É o *outro*!”, pensou Sernine, com uma espécie de terror irracional que aquele ser misterioso provocava nele... “É o outro... Se ele entrar, estou perdido.”

Com gestos mínimos, Altenheim conseguia deslocar-se, e tentava arrastar consigo o adversário. Mas este apertava com as pernas as pernas do barão, ao mesmo tempo que, aos poucos, tentava liberar uma das mãos.

Acima deles, os golpes ressoavam forte, como os golpes de um aríete...

“Tenho cinco minutos”, pensou Sernine. “Daqui a um minuto, este sujeito tem que...”

E, em voz alta:

– Agora, meu caro. Aguenta firme.

E apertou os joelhos um contra o outro, com uma força inacreditável. O barão gritou, com uma das coxas esmagada.

Sernine, aproveitando-se do sofrimento do adversário, fez um esforço, soltou a mão direita e agarrou-o pela garganta.

– Perfeito! Assim, ficamos bem mais à vontade... Não, não vale a pena procurar o punhal... se não, estrangulo você como se fosse um

frango. Veja, estou sendo delicado... Não estou apertando muito, só o suficiente para você não querer nem mesmo se mexer.

Enquanto dizia isso, tirava do bolso um cordão muito fino e, com uma mão só, e muita habilidade, amarrava os punhos do adversário. Sufocado, o barão não opunha resistência. Com alguns gestos precisos, Sernine o amarrou com firmeza.

– Você é muito obediente! Isso mesmo! Mal o reconheço. Bem, se ainda estiver pensando em escapar, este rolo de arame vai arrematar minha obra... Primeiro, os punhos... Agora, os tornozelos... Pronto... Caramba! Como você é gentil!

O barão recuperou-se aos poucos. Gaguejou:

– Se me entregar, Geneviève vai morrer.

– Sério?... E por quê?... Explique...

– Ela está presa. Ninguém sabe onde. Se eu morrer, ela morre de fome... Assim como Steinweg...

Sernine estremeceu. E respondeu:

– Sim, mas você vai falar.

– Nunca.

– Vai, vai falar. Não agora, porque já é tarde, mas esta noite.

Ele se debruçou na direção dele e, bem baixinho, disse em sua orelha:

– Ouça, Altenheim, e preste atenção. Daqui a pouco, você será preso. Esta noite, vai dormir no “depósito”. Isso é certo, inevitável. Eu mesmo já não posso fazer nada. Amanhã, vão te levar para a prisão da Santé, e depois, sabe para onde?... Bem, eu vou dar mais uma chance para você escapar. Esta noite, está ouvindo, esta noite, vou entrar na sua cela, no “depósito”, e você vai me contar onde está a Geneviève. Duas horas depois, se tiver falado a verdade, ficará livre. Se não... é porque não tem amor à própria vida.

O outro não respondeu. Sernine levantou-se e escutou. Lá em cima, um estrondo. A porta de entrada cedia. Passos martelavam as pedras do vestibulo e as tábuas da sala. O sr. Weber e seus homens estavam dando busca.

– Adeus, barão, você tem até a noite para pensar. A prisão é boa conselheira.

Ele empurrou o prisioneiro, de modo a liberar a entrada do alçapão, e abriu-o. Como imaginava, não havia mais ninguém embaixo, nos degraus da escada.

E desceu, tomando a precaução de deixar o alçapão aberto atrás de si, como se tivesse a intenção de voltar.

Eram vinte degraus, e em seguida começava o corredor que Lenormand e Gourel tinham percorrido em sentido inverso.

Entrou no corredor e soltou um grito. Parecia pressentir a presença de alguém.

Acendeu a lanterna de bolso. O corredor estava vazio.

Então, armou o revólver e disse em voz alta:

– O problema é seu... Vou abrir fogo.

Nenhuma resposta. Nenhum ruído.

“Deve ter sido impressão”, pensou. “Esse sujeito é uma obsessão. Vamos, se eu quiser chegar até aquela porta, tenho que me apressar... O buraco onde enfiei o embrulho com as roupas não está longe daqui. Eu pego o embrulho... e o truque está feito... E que truque! Um dos melhores de Lupin...”

Ele encontrou uma porta, que estava aberta, e imediatamente parou. À direita, havia uma escavação, a que o sr. Lenormand tinha feito para escapar da inundação.

Ele se abaixou e iluminou o buraco.

“Ah!”, pensou, tremendo. “Não, não é possível... Doudeville deve ter colocado o embrulho mais à frente.”

Mas foi em vão que procurou, vasculhando na escuridão. O embrulho não estava mais lá, e ele não tinha dúvidas de que fora o sujeito misterioso quem o roubara.

“Pena! A coisa estava tão bem arranjada! A aventura estava retomando seu curso natural, eu estava mais seguro de chegar ao fim... Agora, é sair daqui o mais depressa possível... Doudeville está no pavilhão... Minha fuga está garantida... Chega de brincadeira... preciso me apressar e, se possível, pôr as coisas no lugar... Depois, vamos nos ocupar *dele*... Ah! *Ele* que se cuide, se não quiser cair nas minhas garras.”

Mas deixou escapar um grito de estupor. Estava chegando à outra

porta, e aquela porta, a última antes do pavilhão, estava fechada. Ele se atirou sobre ela. Para quê? O que ele podia fazer?

“Desta vez, murmurou, estou perdido.”

Tomado por uma espécie de cansaço, ele se sentou. Tinha a impressão de ser fraco diante daquele sujeito misterioso. Altenheim quase não contava. Mas o outro, aquele personagem das sombras e do silêncio, esse o dominava, dificultava seus planos e o deixava exausto com seus ataques traiçoeiros e diabólicos.

Estava derrotado.

Weber o encontraria ali, feito um animal acuado, no fundo daquela caverna.

“Ah! Não, não!” Pensou, levantando-se de um salto. “Se fosse apenas por mim!... Mas tem a Geneviève, a Geneviève, que preciso salvar esta noite... Afinal, nada está perdido... Se o *outro* sumiu agora há pouco, é porque tem outra saída por aqui. Vamos, vamos, Weber e seu bando ainda não me pegaram.”

Agora, ele estava explorando o túnel e, de lanterna na mão, examinava os tijolos nas paredes, quando um grito o alcançou, um grito terrível, abominável, que o fez tremer de aflição.

Vinha dos lados do alçapão. E lembrou de repente que tinha deixado o alçapão aberto, pois tinha a intenção de retornar para a vila de Glycines. Voltou correndo, atravessou a primeira porta. No caminho, sua lanterna se apagou, e ele sentiu alguma coisa, como alguém roçando seus joelhos, subindo pelas paredes. Imediatamente, teve a impressão de que aquele sujeito desaparecia, evaporava, ele não sabia para onde. Nesse instante, topou com um degrau.

“É a saída”, pensou, “a outra saída, por onde *ele* sai”.

Lá em cima, o grito soou de novo, mais fraco, seguido de gemidos, de estertores... Ele subiu os degraus correndo, surgiu no porão e atirou-se sobre o barão. Altenheim agonizava, a garganta ensanguentada. Os fios tinham sido cortados, mas o arame que lhe atava os punhos e tornozelos estava intacto. *Sem poder libertá-lo, o cúmplice o havia degolado.*

Sernine contemplava aquele espetáculo, horrorizado. Gelado de suor. Pensava em Geneviève aprisionada, perdida, porque só o barão sabia onde ela estava escondida.

Ouviu nitidamente quando os agentes abriram a pequena e discreta porta do vestíbulo. Ouviu nitidamente quando desceram pela escada de serviço.

Agora, apenas uma porta os separava, a do porão onde ele estava. Trancou-a no exato momento em que os invasores punham a mão na

maçaneta. Ao seu lado, o alçapão estava aberto... Era a fuga possível, uma vez que havia uma segunda saída.

“Não”, ele pensou. “Geneviève em primeiro lugar. Depois, se der tempo, penso em mim...”

E, ajoelhando-se, pôs a mão no peito do barão. O coração ainda palpitava. Debruçou-se ainda mais:

– Você está me ouvindo, não está?

As pálpebras piscaram de leve.

Havia um sopro de vida no moribundo. Daquele vestígio de existência, podia tirar alguma coisa?

A porta, seu último resguardo, começou a ser forçada pelos agentes. Sernine sussurrou:

– Vou salvar você... conheço uns remédios infalíveis... Uma palavra, apenas... Geneviève?...

Aquela palavra de esperança parecia suscitar alguma força. Altenheim tentava articular algo.

– Responda – exigia Sernine –, responda e eu salvo você... Hoje, a vida... a liberdade amanhã... Responda!

A porta tremia debaixo dos golpes.

O barão esboçou sons ininteligíveis. Debruçado sobre ele, aterrorizado, aflito, crispado de vigor e determinação, Sernine ofegava. Os agentes, sua captura inevitável, a prisão, ele nem pensava nisso... Mas Geneviève... Geneviève morrendo de fome, e uma palavra daquela miserável poderia libertá-la!...

– Responda... você precisa...

Ele ordenou, suplicou. Altenheim gaguejava, como que hipnotizado, dominado por aquela autoridade inabalável:

– Ri... Rivoli...

– Rua de Rivoli, não é? Você a prendeu numa casa naquela rua... Que número?

Um estrondo... gritos de triunfo... a porta tinha sido derrubada.

– Para cima dele – gritou o sr. Weber –, peguem ele!... peguem os dois!

– O número... responda... se você a ama, responda... por que vai se calar agora?

– Vinte... vinte e sete... – soprou o barão.

As mãos já tocavam em Sernine. Dez revólveres o ameaçavam. Ele encarou os agentes, que recuaram com um medo instintivo.

– Se se mexer, Lupin – exclamou o sr. Weber, apontando a arma –, eu arrebento você.

– Não atire – disse um Sernine sério –, não é preciso, eu me rendo.

– Mentira! É mais um truque seu...

– Não – prosseguiu Sernine –, a batalha está perdida. Você não tem o direito de atirar. Estou indefeso.

Ele mostrou dois revólveres, que atirou no chão.

– Mentira! – retomou o sr. Weber, implacável. – Apontem para o coração, rapazes! Qualquer gesto, atirem! Qualquer palavra, atirem!

Dez homens estavam ali. Logo, eram quinze. Fez os quinze braços apontarem para o alvo. E, furioso, vibrando de alegria e terror, ele rosnava:

– No coração! Na cabeça! Sem dó! Se ele se mexer, se falar... à queima roupa, atirem!

Com as mãos nos bolsos, impassível, Sernine sorria. A cinco centímetros da sua cabeça, a morte o espiava. Dedos se crispavam nos gatilhos.

– Ah! – zombou o sr. Weber –, isso é muito bom de ver... Desta vez acho que acertamos na mosca, a coisa ficou feia para você, Lupin...

Mandou abrir as persianas de um grande respiradouro, por onde a claridade do dia entrou bruscamente, e voltou-se na direção de Altenheim. Para o seu grande espanto, o barão, que ele acreditava morto, abriu os olhos, olhos ternos, assustadores, próximos do fim. Ele olhou para o sr. Weber. Depois, procurou e, ao ver Sernine, encheu-se de cólera. Parecia que despertava do torpor, que a raiva subitamente reavivada devolvia-lhe parte das forças.

Ele se apoiou nas mãos e tentou falar.

– Você o reconhece, não é? – disse o sr. Weber.

– Sim.

– É Lupin, não é?

– É... Lupin...

Sernine, ainda sorrindo, ouvia.

– Deus, que divertido! – declarou.

– Você tem algo mais a dizer? – perguntou o sr. Weber, que via os lábios do barão agitados, em desespero.

– Sim.

– Sobre o sr. Lenormand, talvez?

– Sim.

– Você o prendeu? Onde? Responda...

Tentando erguer-se com todas as forças, apertando os olhos, Altenheim indicou um armário no canto da sala.

– Ali... ali... – ele disse.

– Ah! Ah! Estamos quentes – zombou Lupin.

O sr. Weber abriu. Em uma das prateleiras, havia um embrulho de sarja preta. Ele abriu e encontrou um chapéu, uma caixinha e roupas... Estremeceu. Reconhecera a sobrecasaca cor de oliva do sr. Lenormand.

– Ah! Miseráveis! – exclamou. – Mataram ele.

– Não – disse Altenheim com um gesto.

– Como?

– É ele... ele...

– Como, ele?... foi Lupin quem matou o chefe?

– Não.

Com uma obstinação selvagem, Altenheim agarrava-se à existência, ávido para falar e acusar... O segredo que queria revelar estava na ponta dos lábios, e ele não conseguia, não sabia traduzir em palavras.

– Vamos lá – insistiu o subchefe –, o sr. Lenormand está morto, não está?

– Não.

– Está vivo?

– Não.

– Não estou entendendo... E então, essas roupas? Essa sobrecasaca?...

Altenheim olhou para Sernine. Um pensamento acudiu o sr.

Weber.

– Ah! Entendi! Lupin roubou as roupas do sr. Lenormand e estava contando com isso para escapar.

– Sim... sim...

– Nada mal – exclamou o subchefe. – É típico dele. Aqui neste porão, iríamos encontrar Lupin disfarçado de sr. Lenormand, e amarrado, talvez. Era como ele ia escapar... Mas não deu tempo. É isso, não é?

– É... É...

Mas, no olhar do moribundo, o sr. Weber sentiu que havia outra coisa, e que não era exatamente aquele o segredo. Qual era, então? Qual era o estranho e indecifrável enigma que o moribundo queria revelar antes de morrer? Ele perguntou:

– E o sr. Lenormand, onde está?

– Lá...

– Como, lá?

– Lá.

– Mas só estamos nós, aqui!

– E... e...

– Mas, fale...

– E... Ser... Sernine...

– Sernine! Hein! O quê?

– Sernine... Lenormand...

O sr. Weber teve um sobressalto, iluminado por um clarão.

– Não, não, não é possível – murmurou ele –, isso é loucura. Ele olhava para o prisioneiro. Sernine parecia estar gostando daquilo, e assistia à cena como um espectador ávido para conhecer o desfecho.

Exausto, Altenheim estava de novo prostrado no chão. Iria ele morrer antes de dar a chave do enigma insinuado por suas palavras obscuras? O sr. Weber, abalado por uma hipótese absurda e inverossímil, em que não queria acreditar, mas que não o abandonava, aproximou-se mais uma vez.

– Explique. O que é que há por trás disso? Que mistério?

O outro parecia não ouvir, inerte, o olhar cravado. O sr. Weber deitou-se ao lado dele e disse lenta e claramente, de modo que cada

sílaba penetrasse no fundo daquela alma já mergulhada nas sombras:

– Ouça, eu entendi bem, não é? Lupin e o sr. Lenormand...

Precisou de um esforço para prosseguir, de tal modo lhe parecia monstruosa a frase. Mas os olhos ternos do barão o contemplavam, aflitos. Ele concluiu, palpitando de emoção, como se estivesse dizendo uma blasfêmia:

– É isso, não é? Tem certeza? Os dois... são a mesma pessoa?

Os olhos não se mexiam mais. Um fio de sangue corria pelo canto da boca... dois ou três espasmos... uma convulsão final. Foi tudo. No porão, lotado de gente, houve um longo silêncio. Quase todos os agentes que antes olhavam para Sernine agora desviavam o olhar, e estupefatos, sem compreender ou recusando-se a compreender, *continuavam escutando* a inacreditável acusação que o bandido não conseguira formular.

O sr. Weber pegou a caixa encontrada no embrulho de sarja preta e abriu. Ela continha uma peruca grisalha, óculos com hastes de prata, um lenço marrom e, num fundo falso, potes de maquiagem e um compartimento com cachos de cabelo grisalho – enfim, tudo o que era preciso para o disfarce perfeito do sr. Lenormand.

Ele se aproximou de Sernine, e depois de olhá-lo em silêncio por alguns instantes, pensativo, reconstituindo todas as fases daquela aventura, sussurrou:

– Então, é verdade?

Sernine, que em momento algum abandonara um calmo sorriso no rosto, respondeu:

– A hipótese não carece de elegância, nem de ousadia. Mas, antes de mais nada, peça aos seus homens para me deixarem em paz com seus brinquedos.

– Tudo bem – cedeu o sr. Weber, fazendo um sinal para seus homens. – E, agora, responda:

– O quê?

– Você é o sr. Lenormand?

– Sou.

Os homens exclamaram. Jean Doudeville, que estava ali enquanto o irmão vigiava a saída secreta, Jean Doudeville, o cúmplice de

Sernine, olhava estupefato. O sr. Weber, estarrecido, permanecia indeciso.

– Isso o surpreende? – disse Sernine. – Admito que é engraçado... Deus, como eu ria, às vezes, quando trabalhávamos, você e eu, o chefe e o subchefe!... E o mais engraçado é que você achou que ele estava morto, o valente sr. Lenormand... morto como o pobre do Gourel. Mas não, não, meu caro, o homenzinho ainda vivia...

Ele apontou para o cadáver de Altenheim.

– Veja, foi este bandido quem me jogou na água, em um saco, com uma pedra amarrada na cintura. Só que esqueceu de tirar minha faca. E, com uma faca, rasguei o saco e cortei a corda. Foi o que aconteceu, meu pobre Altenheim... Se tivesse pensado nisso, não estaria agora onde está... Mas, já falamos demais... Paz aos seus restos mortais!

O sr. Weber escutava, sem saber o que pensar. Por fim, fez um gesto de desespero, como quem desiste de formar uma opinião razoável.

– As algemas – disse ele, subitamente alarmado.

– É só nisso que você pensa? – disse Sernine. – Que falta de imaginação... Enfim, se é o que deseja.

E, vendo Doudeville na primeira fila de seus agressores, estendeu-lhe as mãos:

– Tome, amigo, a honra é toda sua, e não precisa se preocupar... Estou sendo sincero... não há outro jeito...

Disse isso num tom que fez Doudeville entender que a batalha estava terminada, e que agora só lhe restava submeter-se. Doudeville algemou-o. Sem mexer os lábios, sem contrair o rosto, Sernine sussurrou:

– Rua de Rivoli, 27... Geneviève.

O sr. Weber não foi capaz de reprimir um gesto de satisfação, à vista de tal espetáculo.

– A caminho! – disse ele. – Para a Sûreté!

– Isso, para a Sûreté – exclamou Sernine. – O sr. Lenormand vai prender Arsène Lupin, que por sua vez vai prender o príncipe Sernine.

– Você é espirituoso demais, Lupin.

– Verdade, Weber, e é por isso que não conseguimos nos entender.

Durante o trajeto, no carro escoltado por três outros carros lotados de agentes, ele não disse uma palavra. Foram direto para a Sûreté. O sr. Weber, lembrando-se das fugas organizadas por Lupin, levou-o imediatamente para a antropometria, e depois para o “depósito”, de onde foi encaminhado para a prisão da Santé. Avisado por telefone, o diretor estava esperando. As formalidades de admissão e os procedimentos de revista foram rápidos.

Às sete horas da noite, o príncipe Paul Sernine transpunha a soleira da cela 14, da segunda divisão.

– Nada mau, este apartamento... nada mau... – afirmou. – Luz elétrica, aquecimento central, banheiro... Enfim, todo o conforto da modernidade... Perfeito, está tudo certo... Senhor diretor, fico com este apartamento, com muito prazer.

Ele se jogou vestido na cama.

– Ah! Senhor diretor, tenho um pequeno pedido a lhe fazer.

– O que é?

– Não me tragam chocolate amanhã de manhã, antes das dez horas... estou morrendo de sono.

E virou-se para a parede.

Cinco minutos depois, estava dormindo profundamente.

Segunda parte
OS TRÊS CRIMES DE ARSÈNE
LUPIN

Santé-Palace

O mundo inteiro explodiu em risos. Sim, a captura de Arsène Lupin causou enorme sensação, e o público não poupou elogios merecidos à polícia por aquela vingança tão esperada e plenamente cumprida. O grande aventureiro estava preso. O extraordinário, o genial, o herói invisível estava mofando, como um qualquer, entre as quatro paredes de uma cela, esmagado por aquela potência formidável que se chama Justiça e que, cedo ou tarde, fatalmente vence os obstáculos que se opõem e destrói a obra de seus adversários.

Tudo isso foi dito, impresso, repetido, comentado, repisado. O chefe de polícia recebeu a Cruz de Comandante, o sr. Weber, a Cruz de Oficial. Exaltaram a destreza e a coragem dos seus mais modestos colaboradores. Aplaudiram. Celebraram a vitória. Publicaram artigos e discursos.

Sim! Mas algo se impôs a esse maravilhoso repertório de elogios, a essa euforia ruidosa, e foi um imenso acesso de riso, espontâneo, implacável e ruidoso.

Arsène Lupin foi, durante quatro anos, chefe da Sûreté!

Quatro anos! E foi de fato, legalmente, com todos os direitos que o título confere, com a estima dos chefes, a boa vontade do governo e a admiração de todos.

Durante quatro anos, o sossego da população e a defesa da propriedade foram confiados a Arsène Lupin. Ele velava pelo cumprimento da lei. Protegia os inocentes e perseguia os culpados.

E que serviços havia prestado! Nunca a ordem fora menos perturbada, nunca o crime fora descoberto com tanta convicção e velocidade! Bastava lembrar o caso Denizou, o roubo do Crédit Lyonnais, o assalto ao trem expresso de Orléans, o assassinato do barão Dorf... Tantos triunfos imprevisíveis e fulminantes, tantas proezas magníficas, que podíamos comparar às mais célebres vitórias dos mais ilustres policiais.

Um dia, em um de seus discursos, por ocasião do incêndio do Louvre e da prisão dos culpados, o presidente do conselho, Valenglay, para defender o modo arbitrário como agira o sr. Lenormand, exclamou:

“Com sua clarividência e energia, com suas qualidades de decisão e execução, com seu procedimento inesperado, seus recursos inesgotáveis, o sr. Lenormand lembra-nos o único homem que poderia, se ainda estivesse vivo, fazer-lhe frente, e estou falando de Arsène Lupin. O sr. Lenormand é um Arsène Lupin a serviço da sociedade”.

E eis que o sr. Lenormand não era outro senão Arsène Lupin!

Que fosse um príncipe russo, ninguém se importava! Lupin era reincidente em suas metamorfoses. Mas chefe da Sûreté! Que ironia deliciosa! Quanta imaginação regia aquela vida extraordinária!

O sr. Lenormand! Arsène Lupin!

Agora explicavam-se as façanhas, aparentemente milagrosas, que ainda em tempos recentes haviam desorientado a população e desconcertado a polícia. Agora compreendia-se o desaparecimento de seu cúmplice em pleno Palácio de Justiça, em pleno dia, com data marcada. Ele mesmo tinha dito: “Quando souberem como foi simples o procedimento que empreguei nessa fuga, ficarão surpresos. Então foi assim? – dirão. Sim, foi assim, mas foi preciso pensar nisso”.

Foi de fato de uma simplicidade infantil: bastava ser o chefe da Sûreté.

Ora, Lupin era o chefe da Sûreté, e todos os agentes, quando obedeciam às suas ordens, tornavam-se cúmplices involuntários e inconscientes de Lupin.

Que bela comédia! Que blefe admirável! Uma farsa monumental e estimulante, nesta nossa época de apatia! Ainda que preso, ainda que irremediavelmente vencido, Lupin, apesar de tudo, era o grande vencedor. De sua cela, ele resplandecia sobre Paris. Mais do que nunca, era o ídolo, mais do que nunca, o mestre!

Ao acordar, no dia seguinte, em seu apartamento na “Santé-Palace”, como passou a chamá-lo, Arsène Lupin viu com clareza o ruído formidável que sua prisão iria produzir, sob a dupla identidade de Sernine e Lenormand, e sob o duplo título de príncipe e chefe da

Sûreté.

Ele esfregou as mãos e disse:

– Nada melhor para fazer companhia a um homem solitário do que a aprovação dos seus contemporâneos. Ó, glória! Sol dos que vivem!...

À luz do dia, a cela o agradou ainda mais. Pela janela, lá no alto, percebiam-se os galhos de uma árvore, por trás da qual via-se o azul do céu. As paredes eram brancas. Havia apenas uma mesa e uma cadeira, pregadas no chão. Mas era tudo limpo e simpático.

– Ora – disse ele –, uma breve temporada de repouso aqui não deixa de ter seu charme... Mas, vamos a toailete... Será que tenho tudo que preciso?... Não... Neste caso, melhor chamar a arrumadeira.

Acionou, ao lado da porta, um mecanismo que disparou um sinal no corredor.

Em seguida, ferrolhos e barras de ferro foram puxados do lado de fora, a fechadura foi acionada e surgiu um guarda.

– Água quente, meu amigo – disse Lupin.

O outro olhou-o, ao mesmo tempo surpreso e furioso.

– Ah! – exclamou Lupin. – E uma toalha de rosto macia! Puxa! Não tem toalha de rosto!

O homem resmungou:

– Me deixe em paz, ouviu? Não faça mais isso.

Ele ia se retirando, quando Lupin agarrou seu braço, com força.

– Cem francos, se me levar uma carta ao correio.

E tirou do bolso uma nota de cem francos, que escondera durante a revista, e ofereceu a ele.

– A carta – disse o guarda, pegando o dinheiro.

– Já vai!... É só o tempo de escrever.

Sentou-se à mesa, rabiscou algumas palavras a lápis em uma folha que enfiou num envelope, onde escreveu:

“Senhor S. B. 42. Posta restante, Paris.”

O guarda pegou a carta e saiu.

“Esta é uma carta”, pensou Lupin, “que vai chegar ao destinatário como se eu mesmo a tivesse levado. Daqui a uma hora no máximo,

terei a resposta. É o tempo de que preciso para refletir sobre minha situação.”

Ele se instalou na cadeira e, a meia voz, resumiu:

“Em suma, no momento tenho dois adversários para combater: primeiro, a sociedade, que me tem em seu poder, e que pouco me importa; segundo, um sujeito desconhecido, que não me tem em seu poder, mas que me preocupa. Foi ele quem disse à polícia que eu era Sernine. Foi ele quem adivinhou que eu era o sr. Lenormand. Foi ele quem fechou a porta da galeria, e foi ele quem me fez parar na prisão.”

Arsène Lupin refletiu por um instante, depois continuou:

“Portanto, no fim das contas, a batalha é entre ele e eu. E, para levar adiante essa luta, ou seja, para descobrir e executar o projeto Kesselbach, estou aqui preso, enquanto ele está livre e inacessível, é desconhecido e ainda tem dois trunfos que eu pensei ter, Pierre Leduc e o velho Steinweg... Em resumo, ele está mais perto do objetivo, agora que me afastou definitivamente.”

Nova pausa meditativa, e em seguida um novo monólogo:

“A situação não é das melhores. De um lado, tudo, do outro, nada. Diante de mim, um homem poderoso como eu, ou mais até, pois não tem um escrúpulo que me atrapalha. E, para atacá-lo, não tenho armas.”

E repetiu diversas vezes essas últimas palavras com voz maquinal, depois calou-se, e apoiando a cabeça nas mãos, ficou pensativo durante um longo tempo.

– Entre, senhor diretor – disse ele, ao ver a porta abrir-se.

– Estava esperando por mim?

– E não escrevi, pedindo que viesse? Ora, não duvidei nem por um segundo que aquele guarda lhe entregaria minha carta. Tanto é que anotei no envelope suas iniciais: S. B., e sua idade: 42.

O diretor, de fato, chamava-se Stanislas Borély e tinha quarenta e dois anos. Era um sujeito bem apessoado, de personalidade gentil, e que tratava os detentos com toda a indulgência possível. Ele disse a Lupin:

– Você estava certo com relação à honestidade do meu

subordinado. Aqui está seu dinheiro. Será devolvido quando você for solto... Agora, vai passar por mais uma revista.

Lupin entrou com o sr. Borély numa pequena sala reservada a esse fim, despiu-se e, enquanto sua roupa era vasculhada com uma desconfiança justificada, ele próprio foi alvo de um exame dos mais meticolosos.

Em seguida, foi levado de volta à sua cela, onde o sr. Borély declarou:

– Fico mais tranquilo. A coisa está feita.

– E bem-feita, senhor diretor. Seus funcionários são tão gentis no cumprimento de suas funções, que faço questão de agradecer com esta prova de minha satisfação.

E estendeu uma nota de cem francos ao sr. Borély, que reagiu com um gesto de surpresa.

– Ora! Mas... de onde vem isso?

– Não vale a pena quebrar a cabeça. Um homem como eu, que leva a vida que levo, está sempre pronto para uma eventualidade, e nenhum revés, por pior que seja, deve pegá-lo desprevenido, nem mesmo a prisão.

Com o polegar e o indicador da mão direita, segurou o dedo médio da mão esquerda, arrancou-o com um golpe seco e apresentou-o tranquilamente ao sr. Borély.

– Não se assuste, senhor diretor. Não é meu dedo, mas um simples tubo de tripa muito bem maquiado, que cabe direitinho no meu dedo médio e dá a ilusão de ser meu dedo de verdade.

E acrescentou, rindo:

– E, claro, onde posso esconder uma terceira nota de cem francos... Fazer o quê? Cada um tem a carteira que pode, e usa como precisa...

E parou, diante de um espantado sr. Borély.

– Por favor, não pense que quero impressioná-lo com meus talentozinhos mundanos. Queria apenas mostrar que o senhor está lidando com um... cliente um pouco... especial... e dizer que não deveria se surpreender se eu acabar cometendo algumas infrações às regras mais básicas do seu estabelecimento.

O diretor se recompôs. E disse com calma:

– Prefiro acreditar que vai obedecer às regras e não vai me obrigar a tomar medidas rigorosas...

– Que seriam penosas, não é? É disso mesmo que gostaria de poupar o senhor, provando antecipadamente que elas não me impediriam de agir conforme minha vontade, de me corresponder com os amigos, de defender lá fora os graves interesses que me são confiados, de escrever aos jornais de acordo com minha inspiração, de seguir realizando meus projetos e, por fim, de preparar minha fuga.

– Sua fuga!

Lupin riu com gosto.

– Pense, senhor diretor, a única desculpa que tenho para estar na prisão é sair dela.

O argumento não pareceu suficiente para o sr. Borély, que se esforçou para rir também.

– Um homem prevenido vale por dois.

– É exatamente o que eu queria. Tome todas as precauções, não descuide de nada, para que mais tarde ninguém possa censurá-lo. Eu, do meu lado, cuidarei para que, quaisquer que sejam os aborrecimentos que o senhor tenha que suportar em razão de minha fuga, sua carreira não seja prejudicada por isso. Era isso que eu tinha a dizer, senhor diretor. Agora, pode se retirar.

E, enquanto o sr. Borély saía, profundamente perturbado por aquele detento singular, e muito preocupado com o que viria pela frente, o prisioneiro atirava-se na cama, murmurando:

“Muito bem! Meu velho Lupin, que ousadia! Parece até que você já sabe como vai sair daqui!”

A prisão da “Santé” foi construída a partir de um sistema concêntrico. No centro da parte principal, há uma rotunda para onde convergem todos os corredores, de modo que um detento não pode sair de sua cela sem ser imediatamente visto pelos vigias posicionados na cabine envidraçada que ocupa o centro dessa rotunda.

O que surpreende o visitante que percorre a prisão é ver, a todo momento, prisioneiros sem escolta, e que parecem circular como se estivessem livres. Na verdade, para ir de um ponto a outro, por exemplo, da cela para a viatura penitenciária, posicionada no pátio para levá-los até o Palácio de Justiça, durante os procedimentos de instrução, eles cruzam linhas retas que terminam, cada uma, em uma porta que é aberta por um guarda encarregado apenas de abrir aquela porta e de vigiar as duas linhas retas que nela terminam.

E assim, os prisioneiros, aparentemente livres, são encaminhados de porta em porta, de vigia em vigia, como uma correspondência que passa de mão em mão.

La fora, os guardas municipais recebem o objeto e o depositam em um dos compartimentos do carro penitenciário.

Esse é o procedimento.

Com Lupin, ele não foi levado em consideração.

Desconfiavam daquela caminhada pelos corredores. Desconfiavam dos carros de polícia. Desconfiavam de tudo.

O sr. Weber, acompanhado de doze agentes – os melhores, homens escolhidos e armados até os dentes – veio em pessoa receber o temível prisioneiro na porta da cela, e conduziu-o num fiacre, tocado por um cocheiro que era um de seus homens. À direita e à esquerda, à frente e atrás, trotavam guardas municipais.

– Bravo! – exclamou Lupin –, vocês têm por mim um respeito que me comove. Uma guarda de honra. Caramba, Weber, você tem mesmo senso de hierarquia! Não esqueceu tudo o que deve ao seu chefe

imediato.

E batendo-lhe nas costas:

– Weber, estou pensando em pedir demissão. Vou indicar você como meu sucessor.

– Isso já está quase feito – disse Weber.

– Que boa notícia! Eu estava preocupado com minha fuga. Agora, estou tranquilo. Quando Weber for chefe da Sûreté...

O sr. Weber não acusou o ataque. No fundo, nutria pelo adversário um sentimento estranho e complexo, feito do temor que lhe inspirava Lupin, da deferência que tinha pelo príncipe Sernine e da admiração respeitosa que sempre manifestou pelo sr. Lenormand. Tudo isso misturado com rancor, inveja e ódio satisfeito.

Chegaram ao Palácio de Justiça. Na sala de espera dos presos, eram aguardados por agentes da Sûreté, entre os quais o sr. Weber teve a satisfação de reconhecer seus dois melhores oficiais, os irmãos Doudeville.

– O sr. Formerie está aqui? – perguntou.

– Sim, chefe, o juiz de instrução está no gabinete dele. – O sr. Weber subiu as escadas, seguido por Lupin, que os Doudeville vigiavam.

– Geneviève? – sussurrou o prisioneiro.

– Segura...

– Onde?

– Na casa da avó.

– E a sra. Kesselbach?

– Em Paris, no hotel Bristol.

– Suzanne?

– Sumiu.

– Steinweg?

– Não sabemos.

– A vila Dupont está sendo vigiada?

– Sim.

– O jornal de hoje está bom?

– Excelente.

– Bom. Para me escrever, as instruções estão aqui.

Chegaram ao corredor interno do primeiro andar. Lupin pôs discretamente na mão de um dos irmãos uma bolinha de papel.

O sr. Formerie formulou uma frase deliciosa, assim que Lupin entrou em seu gabinete, acompanhado pelo subchefe.

– Ah! Aí está! Tinha certeza de que algum dia poríamos as mãos em você.

– Eu também, senhor juiz – disse Lupin –, e fico contente que o destino tenha escolhido o senhor para fazer justiça à minha honestidade.

“Ele não está nem aí para mim”, pensou o sr. Formerie.

E, no mesmo tom sério e irônico, respondeu:

– E com toda sua honestidade, você vai ter que explicar, até o momento, trezentos e quarenta e quatro casos de roubo, furto, fraude, falsidade, chantagem, receptação etc. Trezentos e quarenta e quatro!

– Como! Só isso? – espantou-se Lupin. – Fico envergonhado.

– E com toda honestidade, vai ter ainda que explicar o assassinato do sr. Altenheim.

– Olha, isso é novidade. A ideia é sua, senhor juiz de instrução?

– Exatamente.

– Muito bem! O senhor está fazendo progressos, sr. Formerie.

– A posição em que você foi surpreendido não nos deixa nenhuma dúvida.

– Nenhuma, claro, mas eu gostaria de saber o seguinte: como Altenheim morreu?

– Ele foi ferido na garganta por um punhal.

– E onde está esse punhal?

– Não encontramos.

– Como não encontraram, se eu seria o assassino, uma vez que fui surpreendido bem ao lado do homem que eu teria matado?

– E, na sua opinião, o assassino?...

– Foi o mesmo que matou o sr. Kesselbach, Chapman etc. A natureza do ferimento é prova suficiente.

– E por onde ele teria escapado?

– Por um alçapão que vocês vão encontrar no mesmo porão onde o drama aconteceu. – O sr. Formerie ficou com cara de tolo.

– E por que você não seguiu esse mesmo exemplo salutar?

– Eu tentei segui-lo. Mas a saída estava barrada por uma porta que não consegui abrir. Foi durante essa tentativa que *o outro* voltou para o porão e matou o cúmplice, com medo das revelações que ele poderia fazer. Ao mesmo tempo, escondeu no fundo do armário, onde depois encontramos, o embrulho com as roupas que eu havia preparado.

– E para que eram as roupas?

– Para me disfarçar. Chegando a Glycines, meu intuito era o seguinte: entregar Altenheim para a justiça, sumir com o príncipe Sernine e reaparecer como...

– O sr. Lenormand, talvez?

– Exatamente.

– Não.

– Como?

O sr. Formerie sorria de um jeito malicioso e mexia o dedo indicador da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita.

– Não – ele repetiu.

– Como, não?

– Essa história do sr. Lenormand... É boa para o público, meu amigo. Mas não vai querer que o sr. Formerie aqui acredite que Lupin e Lenormand eram a mesma pessoa.

E desatou a rir.

– Lupin, chefe da Sûreté! Não! Tudo, menos isso! Há limites... Talvez eu seja ingênuo... mas, mesmo assim... Cá entre nós, para que essa bobagem? Admito que não vejo muito bem...

Lupin olhava-o estupefato. Apesar de tudo o que sabia a respeito do sr. Formerie, não imaginava tal grau de presunção e cegueira. Não havia, naquele momento, ninguém que não acreditasse na dupla personalidade do príncipe Sernine. Só o sr. Formerie...

Lupin voltou-se pasmo na direção do subchefe, que escutava.

– Meu caro Weber, seus progressos agora parece que estão comprometidos. Afinal, se eu não sou o sr. Lenormand, então ele existe... e, se existe, não duvido que o sr. Formerie, com o faro que tem, acabe por encontrá-lo... nesse caso...

– Nós vamos encontrá-lo, sr. Lupin – exclamou o juiz de instrução.
– Vou cuidar disso e garanto que o confronto de vocês não será nada banal.

Ele ria, tamborilando os dedos na mesa.

– Ah, que divertido! Eu sempre me divirto com você. Então, você seria o sr. Lenormand, e você mesmo teria mandado prender seu cúmplice Marco!

– Exatamente! Não tínhamos que dar uma satisfação ao presidente do Conselho e salvar o gabinete? Isso já faz parte da história.

O sr. Formerie ria às gargalhadas.

– Ah! Essa é de doer! Meu Deus, como é engraçado! Essa resposta vai correr o mundo. Então, de acordo com essa sua versão, foi com você que eu fiz todo o inquérito inicial no hotel, depois do assassinato do sr. Kesselbach?...

– E foi comigo também que o senhor acompanhou o caso do diadema, quando eu era o duque de Charmerace – respondeu Lupin, com sarcasmo na voz.

O sr. Formerie teve um sobressalto e parou de rir, lembrando daquele caso odioso. Subitamente sério, perguntou:

– Então, você insiste nessa história absurda?

– Sou obrigado, uma vez que se trata da verdade. E, se pegar um navio para a Cochinchina, vai encontrar, em Saigon, a prova da morte do verdadeiro sr. Lenormand, o valente homem de quem tomei o lugar e cujo atestado de óbito posso apresentar.

– Piada!

– Juro, senhor juiz de instrução, mas confesso que para mim tanto faz. Se se incomoda com o fato de que eu seja o sr. Lenormand, assunto encerrado. Se quer que eu tenha matado o Altenheim, fique à vontade. Vai se divertir procurando as provas. E repito, nada disso tem a menor importância para mim. Considero todas as suas perguntas e todas as minhas respostas nulas, como se não tivessem acontecido. Sua instrução do caso não faz a menor diferença, pela simples razão de que estarei onde Judas perdeu as botas quando estiver tudo terminado. Mas...

Sem qualquer embaraço, pegou uma cadeira e sentou-se diante do sr. Formerie, do outro lado da escrivaninha. E num tom seco:

– Há um porém, e é o seguinte: apesar das aparências e apesar das suas intenções, eu não tenho a menor intenção de perder meu tempo. O senhor tem suas obrigações... eu tenho as minhas. O senhor é pago para fazer as suas. Eu faço as minhas... e pago a mim mesmo. Bem, neste momento estou cuidando de um caso que não me permite um minuto de distração, nem um segundo de pausa, tanto nos preparativos como nas providências que tenho que tomar. Portanto, estou trabalhando, mas como vocês estão me obrigando provisoriamente a suportar o ócio entre as quatro paredes de uma cela, vou encarregar vocês dois de cumprirem aquilo que é do meu interesse. Entenderam?

Agora estava de pé, numa atitude insolente e com olhar de desdém, e era tal o domínio que exercia, que seus dois interlocutores não tinham ousado interrompê-lo.

O sr. Formerie então pôs-se a rir, como um observador que se diverte.

– Que graça! Isso é muito engraçado!

– Engraçado ou não, meu senhor, assim será. Meu processo, o fato de saberem se matei ou não, a busca pelos meus antecedentes, delitos ou crimes do passado, todas essas bobagens, façam o que quiserem, desde que não percam de vista, nem por um minuto, o objetivo de sua missão.

– Que é? – perguntou o sr. Formerie, sempre zombeteiro.

– Que é dar continuidade, no meu lugar, às investigações do projeto Kesselbach, e sobretudo descobrir onde está o sr. Steinweg, o alemão sequestrado pelo falecido barão Altenheim.

– Que história é essa?

– É o que eu estava guardando para mim quando era... quando achava que era o sr. Lenormand. Acompanhei parte dessa história no meu gabinete, aqui perto, e o Weber não deve ignorar completamente. Em poucas palavras, o sr. Steinweg conhece a verdade sobre o misterioso projeto que o sr. Kesselbach estava desenvolvendo, e Altenheim, que também estava seguindo essa pista, sumiu com o sr.

Steinweg.

– As pessoas não somem assim. Esse Steinweg está em algum lugar.

– Com certeza.

– Sabe onde?

– Sei.

– Estou curioso para saber...

– Ele está no número 29 da vila Dupont.

O sr. Weber deu de ombros.

– Na casa do Altenheim, então? Na casa onde ele morava?

– Sim.

– Veja o crédito que podemos dar para essas bobagens! No bolso do barão, encontrei o endereço dele. Uma hora depois, entrei na casa com meus homens!

Lupin respirou aliviado.

– Mas que boa notícia! E eu que temia uma intervenção do cúmplice, o que não consegui pegar, e um segundo sequestro de Steinweg. E os empregados?

– Foram embora!

– É, devem ter sido avisados pelo outro, por telefone. Mas Steinweg está lá.

O sr. Weber ficou impaciente:

– Não tem ninguém lá, eu já disse, meus homens não arredaram o pé daquela casa.

– Senhor subchefe da Sûreté, eu ordeno que vasculhe pessoalmente a mansão da vila Dupont... E que amanhã me preste contas do resultado das buscas.

O sr. Weber deu de ombros mais uma vez, sem comentar a impertinência:

– Tenho coisas mais urgentes a fazer...

– Senhor subchefe da Sûreté, não há nada mais urgente. Se demorar, todos os meus planos vão por água abaixo. O velho Steinweg nunca mais vai falar.

– E por quê?

– Porque vai morrer de fome se, em um ou dois dias, no máximo,

vocês não levarem alguma coisa para ele comer.

– Isso é grave... muito grave – murmurou o sr. Formerie, depois de um instante de reflexão. – Infelizmente...

Ele sorriu.

– Infelizmente, sua revelação padece de um grave defeito.

– Ah, é? E qual?

– É que tudo isso, sr. Lupin, não passa de uma cortina de fumaça... O que é que você quer? Estou começando a conhecer seus truques, e quanto mais obscuros me parecem, mais eu desconfio.

“Imbecil”, murmurou Lupin.

O sr. Formerie levantou-se.

– Chega. Como viu, tudo isso não passou de um interrogatório protocolar, o confronto de dois duelistas. Agora que as armas foram apresentadas, falta apenas a testemunha imprescindível deste embate, seu advogado.

– Ah! Isso é indispensável?

– Indispensável.

– Envolver um figurão da advocacia numa história assim tão... complicada?

– É preciso.

– Nesse caso, escolho o sr. Quimbel.

– O presidente da Ordem. Muito bem, o senhor será bem defendido.

Aquela primeira sessão estava encerrada. Ao descer as escadas até a sala de espera, acompanhado pelos dois Doudeville, o detento ordenou, em frases curtas e imperativas:

– Vigiem a casa de Geneviève... quatro homens na casa... a sra. Kesselbach, também... elas correm perigo. Vão fazer uma busca na vila Dupont... estejam lá. Se encontrarem Steinweg, deem um jeito para que ele não fale... usem alguma droga, se for preciso.

– Quando o senhor ficará livre, chefe?

– Não há nada a fazer, por enquanto... Além do mais, não tenho pressa... estou descansando.

Lá embaixo, juntou-se aos guardas municipais que cercavam o carro.

– Para casa, rapazes – exclamou ele –, e depressa. Tenho uma reunião comigo mesmo às duas em ponto.

O traslado transcorreu sem incidentes.

De volta à cela, Lupin escreveu uma longa carta com instruções detalhadas para os irmãos Doudeville, e mais duas cartas.

Uma, era para Geneviève:

“Geneviève, agora você sabe quem eu sou, e vai entender por que não revelei o nome daquele que, duas vezes, carregou você nos braços, ainda pequena.

Geneviève, eu era amigo de sua mãe, um amigo distante cuja vida dupla ela ignorava, mas com quem ela sabia que podia contar. E foi por isso que, antes de morrer, ela me escreveu suplicando que cuidasse de você.

Indigno que sou de sua estima, Geneviève, permanecerei fiel a esse voto. Não me tire completamente do seu coração.

“Arsène Lupin.”

A outra carta foi endereçada a Dolorès Kesselbach.

“Apenas o interesse próprio levou o príncipe Sernine a aproximar-se da sra. Kesselbach. Mas o que o seguiu ali foi uma necessidade imensa de devotar-se a ela.

Agora que o príncipe Sernine não é outro senão Arsène Lupin, ele pede que a sra. Kesselbach não tire seu direito de protegê-la, de longe, como se protege alguém que não voltaremos a ver.”

Havia envelopes sobre a mesa. Ele pegou um, depois outro, mas, quando ia pegar o terceiro, notou uma folha em branco cuja presença o surpreendeu, e onde haviam colado as letras visivelmente recortadas de um jornal. Ele leu:

“A luta contra Altenheim foi em vão. Abandone o projeto, e eu não me oporei à sua fuga.

Assinado: L. M.”

Mais uma vez, Lupin sentiu a repulsa e o terror que lhe inspiravam aquele sujeito inominável e fabuloso – o sentimento de desgosto que sentimos quando tocamos num animal peçonhento, uma serpente.

– Ele de novo – disse –, e até aqui!

Era isto que o aterrorizava, a visão súbita que tinha, por vezes, daquela potência inimiga, uma potência tão forte como a sua, e que dispunha de meios formidáveis de que nem mesmo ele se dava conta.

Imediatamente, suspeitou do guarda. Mas como poderiam ter corrompido aquele sujeito de olhar duro, de expressão severa?

– Bem! Afinal, é melhor assim! – exclamou ele. – Até hoje, só enfrentei pangs... Para combater a mim mesmo, tive que me fazer chefe da Sûreté... Agora, estou bem servido!... Eis um homem que me põe no bolso... com grande habilidade, pode-se dizer... Se eu conseguir, daqui da prisão, desviar dos seus golpes e destruí-lo, reaver o velho Steinweg e tirar dele uma confissão, descobrir o projeto Kesselbach e realizá-lo por completo, defender a sra. Kesselbach e conquistar a felicidade e a fortuna de Geneviève... Então, é que Lupin... será sempre Lupin... e, para isso, vamos começar por dormir...

E se deitou na cama, murmurando:

– Steinweg, não morra até amanhã à noite, eu juro que...

Ele dormiu durante todo o fim de tarde, à noite e de manhã. Por volta das onze horas, vieram avisar que o sr. Quimbel o estava aguardando na sala dos advogados, ao que ele respondeu:

– Digam ao sr. Quimbel que se ele precisar de informações sobre tudo o que fiz, basta consultar os jornais dos últimos dez anos. Meu passado pertence à história.

Ao meio-dia, repetiu-se o mesmo cerimonial e as mesmas precauções da véspera para conduzi-lo ao Palácio de Justiça. Ele reviu o mais velho dos Doudeville, com quem trocou algumas palavras e a quem entregou as três cartas que havia escrito, e foi levado à presença

do sr. Formerie.

O sr. Quimbel estava lá, com uma pasta cheia de documentos.

Lupin desculpou-se imediatamente.

– Sinto muito, meu caro mestre, não pude recebê-lo antes, e sinto também pelo trabalho que está tendo, trabalho inútil, porque...

– Sim, sim, nós sabemos – interrompeu o sr. Formerie – que o senhor estará viajando. Está tudo certo. Mas, até lá, vamos fazer o que for necessário. Arsène Lupin, apesar de todas as nossas investigações, não temos nenhuma informação confiável sobre seu verdadeiro nome.

– Estranho! Eu também não.

– Não podemos nem mesmo afirmar que o senhor é o mesmo Arsène Lupin que foi preso na Santé em mil novecentos e alguma coisa... e que fugiu de lá, pela primeira vez.

– “Pela primeira vez” é o termo justo.

– Acontece – prosseguiu o sr. Formerie –, que a ficha de Arsène Lupin encontrada no serviço de antropometria registra características de Arsène Lupin completamente diferentes das suas características atuais.

– Mais estranho ainda.

– Indicações diferentes, medidas diferentes, impressões digitais diferentes... mesmo as fotografias não guardam nenhuma relação. Portanto, peço que nos forneça as informações corretas sobre sua verdadeira identidade.

– Era exatamente isso que eu ia pedir a vocês. Já tive tantos nomes que acabei esquecendo o meu. Já não me reconheço mais.

– Portanto, recusa-se a responder.

– Sim.

– E por quê?

– Porque sim.

– Tem certeza?

– Tenho. E já disse, a investigação de vocês não me interessa. Ontem, dei a vocês uma missão que é do meu interesse. Estou esperando o resultado.

– E eu – exclamou o sr. Formerie –, disse ontem que não acreditava em nem uma vírgula daquela história do Steinweg, e que

não me ocuparia disso.

– Então, por que ontem, depois da nossa conversa, o senhor foi até a vila Dupont e, junto com o sr. Weber, vasculhou minuciosamente o número 29?

– Como você sabe?... – perguntou o juiz de instrução, irritado.

– Pelos jornais...

– Ah, você lê os jornais!

– Preciso ficar bem-informado.

– Por desencargo de consciência, visitei a casa rapidamente e sem dar muita importância...

– Ao contrário, o senhor deu tanta importância e cumpriu minha missão de um modo tão formidável que, neste exato momento, o subchefe da Sûreté está investigando as coisas por lá.

O sr. Formerie pareceu assombrado. E balbuciou:

– Que ideia! O sr. Weber e eu temos muito mais o que fazer.

Nesse momento, entrou um contínuo e disse algo no ouvido do sr. Formerie.

– Mande entrar! – exclamou. – Mande entrar!...

E, precipitando-se...

– Muito bem! Sr. Weber, o que há de novo? Você encontrou aquele homem...

Ele nem mesmo se dava ao trabalho de disfarçar, tamanha era a pressa em saber.

O subchefe da Sûreté respondeu:

– Nada.

– Ah! Tem certeza?

– Não há ninguém naquela casa, nem vivo nem morto.

– Mas...

– Assim é, senhor juiz.

Eles pareciam ambos decepcionados, como se a convicção de Lupin os tivesse contagiado.

– Viu só, Lupin... – lamentou o sr. Formerie.

E acrescentou:

– Só podemos então supor que o velho Steinweg ficou preso lá, mas não está mais.

Lupin declarou:

– Anteontem de manhã ele ainda estava.

– E, às cinco da tarde, meus homens estavam entrando no local – notou o sr. Weber.

– Temos que admitir, então – concluiu o sr. Formerie –, que ele foi levado durante a tarde.

– Não – disse Lupin.

– Você acha?

Foi uma homenagem ingênua à clarividência de Lupin, aquela pergunta instintiva do juiz de instrução, aquela espécie de submissão antecipada a tudo o que o adversário afirmava.

– Não acho apenas – afirmou Lupin, de modo categórico. – É fisicamente impossível que o sr. Steinweg tenha sido libertado durante a tarde. Steinweg está no número 29 da vila Dupont.

O sr. Weber ergueu os braços para o teto.

– Mas isso é loucura! Eu acabei de sair de lá! Vasculhei cada um dos quartos!... Um homem não pode ficar escondido como se fosse uma moeda de dez centavos.

– Então, o que fazemos? – gemeu o sr. Formerie...

– O que fazemos, senhor juiz de instrução? – respondeu Lupin. – Muito simples. Vamos entrar num carro para me levar com toda a precaução que achar necessária até o número 29 da vila Dupont. Agora é uma hora. Às três, eu terei descoberto o Steinweg.

A proposta era clara, imperiosa, premente. Os dois magistrados sentiram o peso daquela vontade formidável. O sr. Formerie olhou para o sr. Weber. Afinal, por que não? O que havia contra aquela experiência?

– O que acha, sr. Weber?

– Hum!... Não sei muito bem.

– Sim, mas... trata-se da vida de um homem...

– Claro – disse o subchefe, que começava a refletir.

A porta se abriu. Um contínuo trouxe uma carta que o sr. Formerie tirou do envelope, e onde leu as seguintes palavras:

“Desconfie. Se Lupin entrar na casa da vila Dupont, sairá livre de lá. Sua fuga está sendo preparada. – L. M.”

O sr. Formerie ficou pálido. Arrepiou-se com o perigo do qual acabava de escapar. Mais uma vez, Lupin estava zombando dele. Steinweg não existia.

Em voz baixa, o sr. Formerie cumpria seus rituais de agradecimento. Não fosse por aquela milagrosa carta anônima, ele estaria perdido, desonrado.

– Chega por hoje – ele disse. – Vamos retomar o interrogatório amanhã. Guardas, levem-no de volta para a Santé.

Lupin não protestou. Pensou apenas que o golpe viera do *outro*. Imaginou que havia vinte chances contra uma de que o resgate de Steinweg não pudesse acontecer naquele momento mas que, tudo somado, havia aquela única chance, e que ele, Lupin, não tinha nenhum motivo para se desesperar.

Então, disse simplesmente:

– Senhor juiz de instrução, nos vemos amanhã às dez da manhã, no número 29 da vila Dupont.

– Você está louco! Mas, se eu não quero!...

– Mas eu quero, e isso basta. Até amanhã, às dez. Seja pontual.

Como das outras vezes, assim que entrou na cela, Lupin deitou-se e, bocejando, pensou:

“No fundo, não há nada mais prático para conduzir meus negócios do que esta vida. Todo dia, dou um empurrãozinho que põe em marcha toda a máquina, e só preciso ter paciência para esperar o dia seguinte. As coisas acontecem por si sós. É um sossego, para um homem sobrecarregado!”

E, virando-se para a parede:

“Steinweg, se estiver vivo, não morra ainda! Peço só um pouco de boa vontade. Faça como eu: durma.”

Exceto na hora da refeição, ele dormiu de novo até de manhã. Não fora pelo barulho da fechadura e dos ferrolhos, e seguiria dormindo.

– De pé – disse o guarda. – Vista-se... estamos com pressa.

O sr. Weber e seus homens o receberam no corredor e o levaram até o fiacre.

– Cocheiro, vila Dupont, 29 – disse Lupin ao subir... –, e depressa.

– Ah! Você sabe então que estamos indo para lá? – disse o subchefe.

– Claro que sei, marquei um encontro com o sr. Formerie ontem, no número 29 da vila Dupont, às dez em ponto. Quando Lupin fala, a coisa acontece. A prova...

Quando alcançaram a rua Pergolèse, as múltiplas precauções da polícia avivaram a alegria do prisioneiro. Um bando de agentes obstruía a rua. Quanto à vila Dupont, estava pura e simplesmente proibida à circulação.

– Estado de sítio – zombou Lupin. – Weber, você vai dar uma moeda de ouro em meu nome para cada um desses pobres coitados que incomodou sem a menor razão. Mas que medo você devia estar sentindo! Por pouco, não me algemou.

– Estava apenas esperando que me pedisse – disse o sr. Weber.

– Vá em frente, meu caro. Esta partida precisa ser justa! Imagine, hoje vocês não são mais do que trezentos!

Algemado, desceu do carro diante da escadaria, e em seguida foi levado para uma sala onde o sr. Formerie estava. Os agentes saíram. O sr. Weber ficou sozinho.

– Me desculpe, senhor juiz de instrução – disse Lupin –, estou um ou dois minutos atrasado. Fique tranquilo que, da próxima vez, resolverei isso...

O sr. Formerie estava pálido. Um acesso de nervosismo fazia-o tremer. Ele gaguejou:

– A sra. Formerie...

Ele se calou, ofegante, com a garganta apertada.

– Como vai a sra. Formerie? – perguntou Lupin, interessado. – Tive o prazer de dançar com ela, no último inverno, no baile da prefeitura, e essa lembrança...

– Meu caro, retomou o juiz de instrução, meu caro, a sra. Formerie recebeu ontem à noite um telefonema da mãe pedindo que viesse com urgência. E saiu imediatamente, sem mim, por infelicidade, pois eu estava estudando seu dossiê.

– O senhor, estudando meu dossiê? Mas que erro grosseiro – observou Lupin.

– Então, à meia-noite – continuou o juiz –, vendo que a sra. Formerie não voltava, corri até a casa da mãe dela, preocupado. A sra. Formerie não estava lá. A mãe dela não tinha telefonado. Tudo não passou de uma abominável emboscada. A esta hora, a sra. Formerie ainda não voltou.

– Ah! – disse Lupin, indignado.

E, depois de refletir:

– Até onde me lembro, a sra. Formerie é muito bonita, não é?

O juiz pareceu não compreender. Ele avançou na direção de Lupin e, com ansiedade na voz e uma atitude quase teatral, disse:

– Recebi uma carta hoje de manhã dizendo que minha mulher seria libertada assim que o sr. Steinweg fosse descoberto. Aqui está a carta. Está assinada por Lupin. Ela é sua?

Lupin examinou a carta e concluiu, solene:

– É minha.

– Isso quer dizer que está querendo me obrigar a ceder o comando da busca por Steinweg?

– Estou exigindo.

– E que minha mulher será libertada em seguida?

– Ela será libertada.

– Mesmo se as buscas derem em nada?

– Isso é inadmissível.

– E se eu me recusar? – exclamou o sr. Formerie, num acesso imprevisível de revolta.

Lupin murmurou:

– Uma recusa poderia ter consequências graves... a sra. Formerie é bonita...

– Tudo bem. Procure... está nas suas mãos – rosnou o sr. Formerie. E cruzou os braços, como quem sabe, no momento certo, resignar-se diante da força maior dos acontecimentos.

O sr. Weber não tinha dito uma palavra, mas mordida nervosamente o bigode, e notava-se a raiva que deveria estar sentindo por ceder mais uma vez aos caprichos daquele inimigo, vencido e ainda assim vitorioso.

– Vamos subir – disse Lupin.

Subiram.

– Abram a porta deste quarto.

Abriram.

– Tirem minhas algemas.

Houve um minuto de hesitação. O sr. Formerie e o sr. Weber consultaram-se com um olhar.

– Tirem minhas algemas – repetiu Lupin.

– Eu me responsabilizo – garantiu o subchefe.

E, fazendo um sinal para os oito homens que o acompanhavam, disse:

– Armas em punho! Ao primeiro comando, fogo!

Os homens sacaram seus revólveres.

– Abaixem as armas – ordenou Lupin –, e ponham as mãos no

bolso.

Diante da hesitação dos agentes, declarou com veemência:

– Juro por minha honra que estou aqui para salvar a vida de um homem que está agonizando, e que não vou tentar fugir.

– A honra de Lupin... – murmurou um dos agentes.

Um chute seco na perna fez o agente soltar um grito de dor. Os agentes todos protestaram, de raiva.

– Chega! – gritou o sr. Weber, intervindo. – Vá, Lupin... você tem uma hora... Se daqui a uma hora...

– Nada de condições – objetou Lupin, intratável.

– Hum! Então, faça do seu jeito, animal! – rosnou o subchefe, exasperado.

E recuou, levando os homens consigo.

– Ótimo – disse Lupin. Assim, podemos trabalhar tranquilamente.

– Ele sentou-se em uma poltrona confortável, pediu um cigarro, acendeu, e pôs-se a lançar anéis de fumaça em direção ao teto, enquanto todos aguardavam com uma curiosidade que não tentavam dissimular. Em seguida:

– Weber, mande afastar a cama. – E afastaram a cama.

– Tirem todas as cortinas deste quarto.

Tiraram as cortinas.

Fez-se um longo silêncio. Dir-se-ia uma daquelas sessões de hipnose a que se assiste com ironia mesclada de angústia, com um secreto medo das coisas misteriosas que podem acontecer. Quem sabe não veriam um moribundo surgir do nada, evocado pelo sortilégio irresistível do mágico. Quem sabe não veriam...

– E então? – gritou o sr. Formerie.

– Aí está – disse Lupin. – Acha, senhor juiz de instrução, que não fico pensando em nada na minha cela, e que pedi para vir aqui sem ter nenhuma ideia precisa sobre a questão?

– E agora? – disse o sr. Weber.

– Mande um dos seus homens ir até o quadro de distribuição das campainhas. Deve ficar para os lados da cozinha. – Um dos agentes se afastou.

– Agora, aperte o botão da campainha, aqui mesmo neste quarto,

na altura da cama... Isso... aperte forte... não solte... assim está bom... Agora, chame o sujeito que mandamos lá para baixo.

No minuto seguinte, o agente estava de volta.

– Muito bem! E então, artista, você ouviu a campanha?

– Não.

– Algum dos números do quadro se acendeu?

– Não.

– Perfeito. Então, não me enganei – disse Lupin. – Weber, queira por favor desparafusar essa campanha, que é falsa, como está vendo... Essa... comece girando essa calotinha de cerâmica que fica em volta do botão... perfeito... e agora, o que é que você está vendo?

– Uma espécie de funil – respondeu o sr. Weber –, parece a extremidade de um tubo.

– Chegue mais perto... aproxime a boca do tubo, como se fosse um microfone...

– Pronto.

– Chame... chame: “Steinweg!... Alô! Steinweg!...” Não precisa gritar... fale, simplesmente... E aí?

– Ninguém responde.

– Tem certeza? Ouça... Ninguém responde?

– Não.

– Paciência, ou ele morreu... ou não está em condições de responder. – O sr. Formerie exclamou.

– Nesse caso, está tudo perdido.

– Nada está perdido – disse Lupin –, mas vai demorar mais. Esse tubo tem duas pontas, como qualquer tubo. Temos que segui-lo até a outra ponta.

– Mas vamos ter que demolir toda a casa.

– Não... não... você vai ver.

Ele mesmo pôs-se a trabalhar, rodeado pelos agentes muito mais preocupados, aliás, em ver o que ele estava fazendo do que em vigiá-lo.

Ele foi até o outro quarto e, imediatamente, conforme tinha previsto, viu um tubo de chumbo na quina de uma parede, que subia até o teto, como um cano de água.

– Ah! Ah! – disse Lupin –, ele sobe!... Nada mau... Normalmente, procuramos no porão...

O caminho tinha sido descoberto, agora era só se deixar guiar. Eles subiram então ao segundo andar, depois ao terceiro, depois às mansardas. E assim viram que no teto de uma das mansardas havia um buraco, e que o tubo atravessava um sótão muito baixo, em cujo teto também havia um buraco.

Ora, lá em cima, ficava o telhado.

Posicionaram uma escada e atravessaram uma trapeira. O telhado era todo feito de placas de metal.

– Você só não viu que era uma pista falsa – afirmou o sr. Formerie.

Lupin deu de ombros.

– De jeito nenhum.

– Mas se o cano termina nas placas de metal...

– Isso prova apenas que, entre essas placas e a parte de cima do sótão, existe um vão livre onde vamos encontrar... o que estamos procurando.

– Impossível!

– É o que vamos ver. Levantem essas placas... Não, aí não... Aí é onde o cano deve desembocar.

Três agentes executaram a ordem. Um deles exclamou:

– Ah! Conseguimos!

Debruçaram-se. Lupin tinha razão. Embaixo das placas sustentadas por uma treliça de madeira meio apodrecida, havia um vão de um metro de altura, no máximo, no lugar mais elevado.

O primeiro agente que desceu estourou a treliça e caiu no sótão.

Foi preciso caminhar no telhado com cuidado, sempre erguendo as chapas.

Um pouco adiante, havia uma chaminé. Lupin, que estava andando na frente, acompanhando o trabalho dos agentes, parou e disse:

– Chegamos.

Um homem – um corpo, para ser mais exato – jazia ali, e sob a luz forte do dia viram seu rosto lívido e convulsionado de dor. Estava

acorrentado a anéis de ferro engastados no corpo da chaminé. Havia duas vasilhas ao lado dele.

– Ele está morto – disse o juiz de instrução.

– O que você sabe disso? – respondeu Lupin.

Ele se enfiou ali, tateou com o pé o piso, que parecia mais sólido naquele lugar, e aproximou-se do corpo. O sr. Formerie e o subchefe seguiram seu exemplo.

Depois de um exame rápido, Lupin afirmou:

– Ainda está respirando.

– É – disse o sr. Formerie –, o coração está batendo de leve, mas está. Você acha que conseguimos salvá-lo?

– Mas, claro! Ele não está morto – declarou Lupin, com muita segurança.

E ordenou:

– Leite, agora! Leite, com água de Vichy. Depressa! Eu me responsabilizo.

Vinte minutos depois, o velho Steinweg abriu os olhos. Lupin, que estava ajoelhado ao seu lado, murmurou lentamente, de modo muito claro, para que suas palavras ficassem gravadas no cérebro do doente:

– Ouça, Steinweg, não revele a ninguém o segredo de Pierre Leduc. Eu, Arsène Lupin, compro esse segredo pelo preço que quiser. Deixe comigo.

O juiz de instrução pegou Lupin pelo braço e disse, muito sério:

– E a sra. Formerie?

– A sra. Formerie está livre. E ansiosa, esperando por você.

– Como assim?

– Ora, eu sabia que o senhor concordaria com esta expedição. Uma recusa seria impensável...

– Por quê?

– Porque a sra. Formerie é bonita demais.

Uma página de história moderna

Lupin lançou dois golpes violentos de direita e de esquerda, depois, aproximou os punhos do peito, deu mais dois golpes e recolheu os punhos novamente.

Executou esse movimento trinta vezes seguidas, depois inclinou o busto para frente e para trás, em seguida elevou uma e outra perna e golpeou alternadamente à sua frente com os dois braços.

Isso durou quinze minutos, os quinze minutos que toda manhã dedicava a desferrujar os músculos, com exercícios de ginástica sueca.

Em seguida, sentou-se à mesa, pegou algumas folhas em branco de uma das pilhas numeradas que havia ali e, dobrando uma delas, fez um envelope – gesto que repetiu com uma série de outras folhas.

Era o trabalho que tinha aceitado fazer e ao qual se sujeitava todos os dias, uma vez que os detentos tinham o direito de escolher o trabalho que queriam fazer: colagem de envelopes, confecção de leques de papel, de bolsas de metal etc.

E assim, mantendo as mãos ocupadas com um exercício maquinal, relaxando os músculos com gestos mecânicos, Lupin não parava de pensar nos seus negócios.

Ouviu o ranger dos ferrolhos, o ruído da fechadura...

– Ah! É o senhor, um excelente guarda. Está na hora do último banho, do derradeiro corte de cabelos que precede a degola?

– Não – disse o homem.

– Hora da instrução, então? Do passeio ao Palácio? Eu ficaria surpreso, porque aquele bom sr. Formerie me avisou esses dias que, de agora em diante, por precaução, os interrogatórios aconteceriam na minha própria cela, o que admito, contraria meus planos.

– O senhor tem uma visita – disse o homem, em tom lacônico.

“Pronto”, pensou Lupin.

E, a caminho do parlatório, pensava:

“Puxa, se for quem estou achando, eu sou o cara! Em quatro dias, e de dentro da cela, ter levantado esse negócio, que golpe de mestre!”

De posse de uma autorização legal, assinada pelo diretor da primeira divisão da chefatura de polícia, os visitantes entram em pequenas celas que servem de parlatório. Essas celas, divididas ao meio por duas grades, distantes cinquenta centímetros uma da outra, têm duas portas, que dão para dois corredores diferentes. O detento entra por uma porta, o visitante por outra. Eles não podem, portanto, nem se tocar, nem falar baixo, nem trocar qualquer objeto que seja. Além disso, em alguns casos, um guarda pode presenciar a conversa.

Neste caso, a honra coube ao chefe da guarda.

– Quem diabos conseguiu autorização para me visitar? – exclamou Lupin, ao entrar. – Hoje não é meu dia de visitas.

Enquanto o guarda fechava a porta, ele se aproximou das grades e examinou o sujeito que estava atrás da outra grade, cujos traços mal se viam na penumbra.

– Ah! – disse ele, contente –, é o sr. Stripani! Mas que feliz acaso!

– Sim, sou eu, meu caro príncipe.

– Não, nada de títulos, meu caro, por favor. Aqui, renunciei a todos os penduricalhos da vaidade humana. Pode me chamar de Lupin, é mais adequado à situação.

– Eu gostaria, mas a pessoa que conheci foi o príncipe Sernine, e foi o príncipe Sernine quem me salvou da miséria e me proporcionou felicidade e riqueza. O senhor compreende portanto que, para mim, você será sempre o príncipe Sernine.

– Vamos lá, sr. Stripani... vamos lá! O tempo do chefe de guarda é precioso, e não temos direito de abusar. Em poucas palavras, o que o traz aqui?

– O que me traz aqui? Oh! Meu Deus, é muito simples. Entendi que você ficaria descontente comigo se eu procurasse outra pessoa, que não você, para completar o trabalho que começou. E depois, sozinho, você conseguiu reunir todos os elementos que permitiram, na época, reconstituir a verdade e contribuir para a minha libertação. Portanto, sozinho, você poderia evitar mais um golpe que está me ameaçando. Foi o que o chefe de polícia entendeu, depois que expus a

ele a situação...

– Eu estava mesmo surpreso que tivessem autorizado sua...

– Não poderiam recusar, meu caro príncipe. Um caso como este requer sua intervenção, um caso em que há tantos interesses em jogo, e não só meus, mas também de alguns figurões que você conhece...

Lupin observava o guarda com o canto do olho. Ele ouvia com muita atenção, inclinado para a frente, ávido para compreender o significado secreto daquelas palavras.

– De modo que...? – perguntou Lupin.

– De modo, meu caro príncipe, que peço que faça um esforço para se lembrar de tudo o que sabe a respeito daquele documento escrito em quatro línguas, e que começava mais ou menos assim...

Um soco bem no maxilar, um pouco abaixo da orelha. O chefe da guarda cambaleou durante três ou quatro segundos e, feito uma estátua, sem nenhum gemido, caiu nos braços de Lupin.

– Muito bom, Lupin – disse o próprio. – Belo trabalho. Você trouxe o clorofórmio, Steinweg?

– Tem certeza de que ele desmaiou?

– Imagina! Por uns três ou quatro minutos... mas só isso não vai ser suficiente.

O alemão tirou do bolso um tubo de couro, que esticou feito um telescópio, e em cuja ponta havia um pequeno frasco.

Lupin pegou o frasco e derramou algumas gotas num lenço, que aplicou bem debaixo do nariz do chefe da guarda.

– Perfeito!... O sujeito está sob controle... Vou pegar por isso uma ou duas semanas de solitária... mas, são ossos do ofício.

– E eu?

– Você? O que é que tem?

– Caramba! Esse soco...

– Você não tem nada a ver com isso.

– E a autorização para te ver? É falsa, simplesmente.

– Você não tem nada a ver com isso.

– Mas fizeram para mim.

– Desculpe! Ontem, você fez uma solicitação perfeitamente legal em nome de Stripani. Hoje de manhã, recebeu uma resposta oficial. O

resto é com eles. Meus amigos que forjaram essa autorização, e só eles, têm que ficar preocupados. Veja se vem vindo alguém!...

– E se nos interromperem?

– Por quê?

– Ficaram meio cabreiros, quando apresentei a autorização para ver Lupin. O diretor me chamou e me examinou de alto a baixo. Não duvido que liguem para a chefatura de polícia.

– Eu tenho certeza.

– E agora?

– Está tudo previsto, meu caro. Não se preocupe, vamos conversar. Imagino que, se veio até aqui, é porque sabe do que se trata?

– Sei. Seus amigos me explicaram...

– E você aceita?

– O homem que salvou minha vida pode dispor de mim como bem entender. Não importa como eu puder ajudar, ainda ficarei em dívida.

– Antes de contar seu segredo, pense na posição em que me encontro... estou preso, sem poder fazer nada...

Steinweg pôs-se a rir:

– Por favor, não brinque. Conteí meu segredo para o Kesselbach porque ele era rico e podia, mais do que ninguém, tirar proveito dele. Mas, mesmo preso, mesmo sem poder fazer nada, considero você cem vezes mais poderoso do que Kesselbach, com seus cem milhões.

– Oh! Oh!

– E você sabe disso! Cem milhões não teriam sido suficientes para encontrar o buraco onde eu estava agonizando, nem para me botar aqui, durante uma hora, na frente do prisioneiro impotente que é você. Para isso, precisa de outra coisa. E isso você tem.

– Nesse caso, fale. E vamos por ordem. O nome do assassino?

– Impossível.

– Como, impossível? Se você sabe, tem que me revelar tudo.

– Tudo, menos isso.

– Mas...

– Depois.

- Você está louco! Mas por quê?
- Não tenho provas. Depois, quando você estiver solto, vamos investigar isso juntos. E, para quê! Sério, eu não posso.
- Você tem medo dele?
- Tenho.
- Que seja – disse Lupin. – Afinal, isso não é o mais urgente. Mas, e o resto, você está decidido a falar?
- Tudo.
- Muito bem! Responda. Como se chama Pierre Leduc?
- Hermann IV, grão-duque de Deux-Ponts-Veldenz, príncipe de Berncastel, conde de Fistingen, senhor de Wiesbaden e de outros lugares.

Lupin sentiu um arrepio de contentamento ao saber que, definitivamente, seu protegido não era o filho de um charcuteiro.

– Caramba! – murmurou ele –, isso é que é título! Até onde sei, o grão-ducado de Deux-Ponts-Veldenz fica na Prússia?

– Fica, na Moselle. A casa dos Veldenz é um ramo da casa palatina de Deux-Ponts. O grão-ducado foi ocupado pelos franceses depois do tratado de paz de Lunéville, e fez parte do departamento de Mont-Tonnerre. Em 1814, foi restabelecido em proveito de Hermann I, bisavô do nosso Pierre Leduc. O filho, Hermann II, viveu uma juventude tempestuosa, arruinou-se, dilapidou as finanças da casa e tornou-se insuportável para os súditos, que acabaram queimando parte do velho castelo de Veldenz e expulsando o senhor dos seus próprios domínios. O grão-ducado foi então administrado e governado por três regentes, em nome de Hermann II, que – e esta é uma anomalia bastante curiosa – não abdicou e manteve o título de grão-duque regente. Ele viveu muito pobre em Berlim, depois fez campanha na França, ao lado de Bismarck, de quem era amigo, e morreu quando um obus explodiu durante o cerco de Paris, e, ao morrer, confiou a Bismarck seu filho Hermann... Hermann III.

– O pai, portanto, do nosso Leduc – disse Lupin.

– Isso. Hermann III tornou-se um protegido do chanceler, que, por diversas vezes, serviu-se dele como enviado secreto junto a personalidades estrangeiras. Quando seu protetor caiu, Hermann III

deixou Berlim, viajou e se fixou em Dresden. Quando Bismarck morreu, Hermann III estava presente. Ele mesmo morreria dois anos mais tarde. Esses são fatos públicos, conhecidos por todos na Alemanha, essa é a história dos três Hermann, grão-duques de Deux-Ponts-Veldenz, no século XIX.

– Mas e o quarto, Hermann IV, o que nos interessa?

– Não vamos falar dele agora. Vamos aos fatos desconhecidos.

– Que só você conhece – disse Lupin.

– Eu, e pouca gente.

– Como, pouca gente? Não era segredo, não guardaram o segredo?

– Sim, guardaram, o segredo está bem guardado por quem o conhece. Não se preocupe, essa gente tem todo o interesse em não divulgar, eu respondo por isso.

– Muito bem! E como você ficou sabendo?

– Por um velho empregado e secretário íntimo do grão-duque Hermann, o último da casa. Esse empregado, que morreu nos meus braços na Cidade do Cabo, me confidenciou primeiro que seu patrão tinha se casado clandestinamente e que tinha deixado um filho. Depois, me revelou o famoso segredo.

– O mesmo que você revelou mais tarde para o Kesselbach?

– Sim.

– Fale.

No exato momento em que disse essa palavra, ouviram um ruído de chaves na fechadura.

— 2 —

– Não fale mais nada – murmurou Lupin.

E encostou-se na parede, ao lado da porta. A porta se abriu. Lupin fechou-a bruscamente, atingindo um homem, um carcereiro, que soltou um grito.

Lupin pegou-o pelo pescoço.

– Cale a boca, meu caro. Se reclamar, está perdido. – E deitou-o no chão.

– Sabe se comportar?... Entendeu a situação? Sim? Perfeito... Cadê seu lenço? Dá aqui seus punhos... Muito bem, agora fico mais tranquilo. Escuta... mandaram você aqui por precaução, não é? Para ajudar o chefe da guarda, em caso de necessidade?... Uma excelente medida, mas um pouco tarde. Veja, o chefe da guarda está morto!... Se você se mexer, se gritar, vai morrer também.

Ele pegou as chaves do homem e enfiou uma delas na fechadura.

– Assim, ficamos tranquilos.

– Você... mas, e eu? – observou o velho Steinweg.

– Por que alguém viria?

– E se alguém ouviu o grito?

– Acho que não. Em todo caso, meus amigos te deram a chave mestra?

– Deram.

– Então, bloqueie com ela a fechadura... Pronto? Muito bem! Agora, temos pelo menos uns dez minutos só para nós. Viu, meu caro, como as coisas aparentemente mais difíceis na realidade são simples? Basta um pouco de sangue-frio e saber se adaptar às circunstâncias. Vamos, não fique nervoso, fale. Prefere em alemão? Esse cara não precisa ficar sabendo dos segredos de Estado de que estamos tratando. Vá, meu caro, e devagar. Estamos em casa.

Steinweg retomou:

– Na mesma noite em que Bismarck morreu, o grão-duque

Hermann III e seu fiel empregado – meu amigo da Cidade do Cabo – pegaram um trem que os levou até Munique... e a tempo de pegar o expresso para Viena. De Viena, foram para Constantinopla, depois para o Cairo, para Nápoles, Tunes, depois para a Espanha, em seguida para Paris, Londres, São Petersburgo, Varsóvia... E em nenhuma dessas cidades eles pararam. Pegavam um fiacre, mandavam levar as duas malas, iam a cavalo pelas ruas, até uma estação vizinha ou para um cais, e pegavam de novo o trem ou um navio.

– Em suma, queriam despistar alguém – concluiu Arsène Lupin.

– Uma noite, saíram da cidade de Trêves, com roupas e chapéu de trabalhadores, um bastão nas costas e uma trouxa na ponta do bastão. Fizeram a pé os 305 quilômetros até Veldenz, onde fica o velho castelo de Deux-Ponts, ou melhor, as ruínas do velho castelo.

– Pule as descrições.

– Ficaram o dia todo escondidos em uma floresta vizinha. Na noite seguinte, aproximaram-se dos velhos muros do castelo. Lá, Hermann mandou o empregado esperar e escalou o muro onde havia uma brecha chamada brecha do lobo. Uma hora depois, voltou. Na semana seguinte, depois de mais uma peregrinação, ele voltou para casa, em Dresden. Fim da expedição.

– E o objetivo dela?

– O grão-duque não revelou nem uma palavra ao empregado. Mas este, a partir de alguns detalhes, pela coincidência de alguns fatos, conseguiu reconstituir a verdade, pelo menos em parte.

– Depressa, Steinweg, agora o tempo urge, estou ávido para saber.

– Quinze dias depois da expedição, o conde de Waldemar, oficial da guarda do imperador e um dos seus amigos pessoais, apresentou-se ao grão-duque, acompanhado por seis homens. Ficou lá o dia todo, fechado no escritório do grão-duque. Mais de uma vez, ouviram gritos, discussões violentas. Esta frase, exatamente assim, foi ouvida pelo empregado, quando este passeava pelo jardim, debaixo de uma janela:

“Esses papéis foram devolvidos ao senhor, Sua Majestade tem certeza. Se não me devolver por bem...” O resto da frase, o sentido da ameaça e de toda a cena, aliás, dá para adivinhar pelo que aconteceu em seguida: a casa dos Hermann foi vasculhada de alto a baixo.

- Mas isso foi ilegal.
- Teria sido ilegal, se o grão-duque tivesse se oposto, mas ele mesmo acompanhou o conde durante a busca.
- E o que é que estavam procurando? As memórias do chanceler?
- Melhor. Estavam procurando uma pilha de documentos secretos, que sabiam que existiam porque alguém cometeu uma indiscrição, e que sabiam, tinham certeza, que tinham sido confiados ao grão-duque Hermann.

Lupin estava com os dois braços apoiados nas grades e seus dedos estavam agarrados às malhas de ferro. Ele murmurou, com a voz trêmula:

- Documentos secretos... muito importantes, talvez?
- Da mais alta importância. A publicação desses documentos teria resultados imprevisíveis, não só do ponto de vista da política interna, mas também das relações estrangeiras.

– Opa! – repetia Lupin, com o coração disparado. – Opa! Será possível! Que provas você tem?

– Que provas? O testemunho da própria mulher do grão-duque, o que ela confidenciou ao empregado, depois da morte do marido.

– Claro... claro... – murmurou Lupin. – É o testemunho do próprio grão-duque, o que temos.

– Melhor ainda! – exclamou Steinweg.

– O quê?

– Um documento! Um documento escrito de seu próprio punho, assinado por ele e que contém...

– Que contém?

– A lista dos documentos secretos que foram confiados a ele.

– Em resumo?...

– É impossível resumir. O documento é longo, cheio de anotações, de observações às vezes incompreensíveis. Vou citar só dois títulos que correspondem a duas pilhas de papéis secretos: “Cartas originais do príncipe herdeiro a Bismarck”. As datas mostram que essas cartas foram escritas durante os três meses de reinado de Frederico III. Para imaginar o que pode haver nelas, basta lembrar da doença de Frederico III, das questões legais com o filho dele...

– Sim... sim... eu sei... e o outro título?

– “Fotografias das cartas de Frederico III e da imperatriz Vitória para a rainha Vitória da Inglaterra”.

– Tem isso? Tem isso? – disse Lupin, com a garganta apertada.

– Ouça as anotações do grão-duque: “Texto do tratado da Inglaterra com a França”. E essas palavras um pouco obscuras: “Alsácia-Lorena... colônias... limitação naval...”

– E mais isso – murmurou Lupin. – Obscuras, você disse? Ao contrário, isso é belíssimo!... Ah! Não é possível!

Ruídos à porta. Alguém bateu.

– Não entrem – disse –, estou ocupado...

Bateram na outra porta, do lado de Steinweg. Lupin gritou:

– Calma, termino em cinco minutos.

Ele disse ao velho, num tom imperioso:

– Fique tranquilo, e prossiga... Então, na sua opinião, a expedição do grão-duque e do empregado ao castelo de Veldenz não tinha outro objetivo senão esconder esses documentos?

– Sem dúvida.

– Está bem. Mas, depois disso, o grão-duque pode ter tirado tudo de lá.

– Não, ele não saiu de Dresden, até morrer.

– Mas os inimigos do grão-duque, que tinham interesse em reaver e destruir esses papéis, podem ter ido buscar esses documentos?

– As investigações que fizeram de fato os levaram até lá.

– Como você sabe?

– Você precisa entender que eu fiz minha parte, que minha primeira providência, quando eu soube das revelações, foi ir até Veldenz e me informar pessoalmente nos vilarejos vizinhos. Nesse momento, fiquei sabendo que o castelo tinha sido invadido duas vezes por uma dúzia de homens vindos de Berlim, bancados pelos regentes.

– Ah, é?

– Sim! Mas não encontraram nada, pois desde então proibiram qualquer visita ao castelo.

– Mas o que nos impede de entrar lá?

– Uma guarnição de cinquenta soldados, de guarda dia e noite.

– Soldados do grão-ducado?

– Não, soldados da guarda pessoal do imperador.

Ouviram vozes no corredor, e de novo bateram, chamando o chefe da guarda.

– Ele está dormindo, senhor diretor – disse Lupin, que reconheceu a voz do sr. Borély.

– Abram! Isto é uma ordem.

– Impossível, a fechadura está bloqueada. Se posso dar um conselho, serrem em volta da fechadura.

– Abram!

– E o destino da Europa, que estamos aqui discutindo, como é que fica?

Ele se voltou para o velho:

– Então, você não conseguiu entrar no castelo?

– Não.

– Mas tem certeza de que esses benditos documentos estão escondidos lá.

– Ora! Não dei todas as provas? Você não está convencido?

– Estou, estou – murmurou Lupin –, é lá que eles estão escondidos... sem dúvida... é lá que estão escondidos.

Ele parecia estar vendo o castelo. Parecia estar evocando o misterioso esconderijo. E a visão de um tesouro inesgotável, a evocação de cofres cheios de pedras preciosas e de riquezas não o teria emocionado mais do que a ideia daqueles pedaços de papel protegidos pela guarda do imperador. Que busca maravilhosa a ser empreendida! E tão digna dele! E como, mais uma vez, dava provas de clarividência e intuição, ao se lançar tão ao acaso naquela pista desconhecida!

Lá fora, “trabalhavam” na fechadura.

Ele perguntou ao velho Steinweg:

– Do que morreu o grão-duque?

– De pleurite, em poucos dias. Ele perdeu a consciência e creio que mal a recuperou, e o pior é que dava para ver o esforço que fazia, entre dois acessos de delírio, para juntar duas ideias e dizer alguma coisa. De vez em quando, chamava a esposa, olhava para ela com um ar desesperado e tremia os lábios em vão.

– Enfim, ele falou? – disse bruscamente Lupin, que começava a se inquietar com o “trabalho” em torno da fechadura.

– Não, ele não falou. Mas num momento de maior lucidez, com muito esforço, conseguiu fazer uns esboços numa folha de papel que a esposa deu para ele.

– Ah, sim! Uns esboços?...

– Indecifráveis, na maioria...

– Na maioria... mas, e os outros? – disse Lupin, impaciente. – E os outros?

– Primeiro, três números bem claros: um 8, um 1 e um 3...

– 813... sim, eu sei... e o que mais?

– Depois, umas letras... Muitas letras, das quais só é possível reconhecer com certeza um par de letras e, em seguida, mais um par.

– “Apoo”, não é?

– Ah! Você sabe...

A fechadura trepidou, quase todos os parafusos tinham sido retirados. Lupin perguntou, subitamente ansioso diante da ideia de ser interrompido:

– De modo que essa palavra incompleta, “Apoo”, e esse número 813 foram as fórmulas que o grão-duque deixou para a esposa e o filho encontrarem os papéis secretos?

– Isso.

Lupin segurou com as duas mãos a fechadura, para impedi-la de cair.

– Senhor diretor, assim vai acordar o chefe da guarda. Isso não se faz, um minutinho mais, pode ser? Steinweg, o que aconteceu com a esposa do grão-duque?

– Morreu depois do marido, de tristeza, pode-se dizer.

– E a criança, foi recolhida pela família?

– Que família? O grão-duque não tinha irmãos nem irmãs. Além disso, era casado com uma mulher socialmente inferior a dele, e em segredo. Não, a criança foi levada pelo velho empregado de Hermann, que a criou com o nome de Pierre Leduc. Era um jovem bem difícil, independente, caprichoso, complicado de conviver. Um dia, ele partiu. E não foi mais visto.

- Ele sabia do próprio segredo de nascimento?
- Sabia, e viu a folha onde Hermann havia escrito as letras e os números, 813 etc.
- Depois disso, essa revelação só foi feita a você?
- Só.
- E você só contou para o sr. Kesselbach?
- Só para ele. Mas, por prudência, quando mostrei a folha com os números e as letras, assim como a lista de que falei, guardei esses dois documentos. Tudo o que aconteceu prova que eu tinha razão.
- Você está com esses documentos?
- Estou.
- E eles estão em segurança?
- Totalmente.
- Em Paris?
- Não.
- Melhor. Não se esqueça de que sua vida está em perigo, e que estão atrás de você.
- Eu sei. Ao menor passo, estou perdido.
- Exato. Portanto, tome suas precauções, despiste o inimigo, vá buscar esses papéis e aguarde minhas instruções. A coisa é certa. Daqui a um mês, o mais tardar, vamos juntos até o castelo de Veldenz.
- E se eu estiver preso?
- Eu tiro você de lá.
- Será possível?
- Um dia depois que eu sair. Não, espere... na mesma noite, uma hora depois.
- Então, você sabe como?
- Faz dez minutos que sei, sim, e não tem como falhar. Você tem mais alguma coisa a me dizer?
- Não.
- Então, vou abrir.

Abriu a porta, e fazendo uma mesura diante do sr. Borély:

– Senhor diretor, não sei como me desculpar...

Ele não concluiu. A entrada brusca do diretor, com três homens, não lhe deu tempo. O sr. Borély estava pálido de raiva e indignação. A

visão dos dois guardas estendidos no chão deixou-o perturbado.

– Mortos! – exclamou ele.

– Não, não – zombou Lupin. – Veja, este aqui está se mexendo. Fale, animal.

– Mas, e o outro? – retomou o sr. Borély, debruçando-se sobre o chefe da guarda.

– Dormindo apenas, senhor diretor. Estava muito cansado, então dei alguns minutos de descanso. E quero interceder em favor dele. Eu ficaria desolado se este pobre homem...

– Chega de brincadeira – disse o sr. Borély bruscamente.

E, dirigindo-se aos guardas:

– Levem ele de volta para a cela... por enquanto. Quanto ao visitante...

Lupin não soube das intenções do sr. Borély com relação ao velho Steinweg. Mas essa era para ele uma questão absolutamente insignificante. Ele cuidava, em sua solidão, de assuntos mais importantes do que a sorte daquele sujeito. Ele estava de posse do segredo do sr. Kesselbach.

O grande plano de Lupin

Para seu grande espanto, foi poupado da solitária. O sr. Borély veio em pessoa dizer, algumas horas mais tarde, que julgava inútil aquela punição.

– Mais do que inútil, senhor diretor, perigosa – respondeu Lupin.
– Perigosa, impertinente e subversiva.

– Por quê? – pergunto o sr. Borély, cada vez mais preocupado com seu detento.

– Pelo seguinte, senhor diretor. O senhor acaba de chegar da chefatura de polícia, onde relatou a quem de direito a insubmissão do detento Lupin e mostrou a permissão de visita que alguém concedeu ao sr. Stripani. Sua defesa era simples, pois quando Stripani mostrou a permissão, o senhor tomou o cuidado de ligar para a chefatura e manifestar sua surpresa, mas na chefatura responderam que a autorização era perfeitamente válida.

– Ah! Você já está sabendo...

– Sei, inclusive porque foi um dos meus agentes quem o atendeu na chefatura. Então, a pedido seu, fizeram uma investigação e descobriram que a autorização era falsa, pronto, e agora querem saber quem a emitiu. Mas fique tranquilo, pois não vão descobrir nada...

O sr. Borély sorriu, em protesto.

– Então – continuou Lupin –, interrogam meu amigo Stripani, que não oferece resistência e revela seu verdadeiro nome, Steinweg! Mas, será possível? Nesse caso, Lupin teria conseguido colocar alguém para dentro prisão da Santé, para conversar com ele durante uma hora! Que escândalo! Melhor abafar, não é? Soltam o sr. Steinweg e mandam o sr. Borély em missão diplomática junto a Lupin, com plenos poderes para comprar o silêncio dele. Confere, senhor diretor?

– Perfeitamente! – diz o sr. Borély, que prefere tomar parte na brincadeira, escondendo seu constrangimento. – Parece até que o senhor tem o dom da clarividência. E então, aceita nossas condições?

Lupin riu.

– Digamos que atendo às suas preces! Sim, senhor diretor, tranquilize o pessoal da chefatura. Eu vou me calar. Afinal, tenho vitórias o suficiente na minha conta para conceder o favor do meu silêncio. Não farei nenhum comunicado à imprensa, pelo menos não a esse respeito.

Com isso, reservava-se a liberdade de comunicar-se sobre outros assuntos. A atividade toda de Lupin, de fato, iria convergir para esse duplo objetivo: corresponder-se com os amigos e, por meio deles, tocar uma daquelas campanhas de imprensa, o que fazia com excelência.

Desde que fora preso, aliás, dera as instruções necessárias aos irmãos Doudeville, e calculava que os preparativos estivessem para terminar.

Todos os dias, sujeitava-se conscienciosamente a confeccionar envelopes, e para isso recebia, toda manhã, o material necessário, em pacotes numerados, que ao fim do dia eram levados embora, dobrados e colados.

Ora, como a distribuição dos pacotes era feita, todos os dias do mesmo jeito, entre os detentos que tinham escolhido aquele tipo de trabalho, o pacote de Lupin chegava sempre identificado com o mesmo número de ordem.

Por experiência, seu cálculo era justo. Bastava subornar um dos funcionários da empresa privada encarregada de fornecer e expedir os envelopes.

Foi fácil.

Lupin, certo do êxito, aguardava tranquilo o sinal combinado entre seus amigos e ele, na primeira folha do pacote.

O tempo, além do mais, transcorria depressa. Por volta do meio-dia, recebia a visita diária do sr. Formerie, e na presença do sr. Quimbel, seu advogado, testemunha taciturna, Lupin submetia-se a um interrogatório rigoroso.

Era sua glória. Tendo finalmente convencido o sr. Formerie de que não participara do assassinato do barão Altenheim, confessara ao juiz de instrução crimes absolutamente imaginários, e as investigações

iniciadas de pronto pelo sr. Formerie davam em resultados desconcertantes, em enganos escandalosos, nos quais o público reconhecia a marca pessoal do grande mestre da ironia que era Lupin.

Pequenos jogos inocentes, como ele dizia. Não era preciso divertir-se?

Mas era chegado o momento de cuidar de assuntos mais graves. No quinto dia, Arsène Lupin notou no pacote que lhe traziam o sinal combinado, uma marca de unha na diagonal da folha.

– Finalmente – disse –, chegou a hora.

Tirou de um esconderijo um frasco minúsculo, desenvolveu, umedeceu a ponta do indicador naquele líquido e passou o dedo sobre a terceira folha do pacote.

No instante seguinte, surgiram esboços de letras, depois letras, e em seguida palavras e frases.

Ele leu:

“Tudo bem. Steinweg livre. Escondido no interior. Geneviève Ernemont saudável. Vai com frequência ao Bristol ver sra. Kesselbach doente. Vê ali sempre Pierre Leduc. Responda mesmo modo. Nenhum perigo.”

Assim, dava-se a comunicação com o mundo exterior. Os esforços de Lupin eram uma vez mais coroados de sucesso. Agora, era só executar seu plano, fazer valer as confidências do velho Steinweg e conquistar a liberdade por meio de um dos mais extraordinários e geniais planos já concebidos em seu cérebro.

Três dias depois, lia-se no *Grand Journal* as seguintes linhas:

“Além das memórias de Bismarck que, segundo gente bem-informada, contêm apenas a história oficial dos acontecimentos envolvendo o grande chanceler, há uma série de cartas confidenciais de interesse considerável. Essas cartas foram encontradas. Sabemos de fonte segura que serão publicadas sem cessar.”

Impossível esquecer os rumores que essa nota enigmática causou no mundo inteiro, os comentários que suscitou, as suposições, e em

particular as polêmicas da imprensa alemã. Quem teria inspirado aquelas linhas? De que cartas se tratava? Quem havia escrito ao chanceler, ou quem havia recebido as cartas? Tratava-se de uma vingança póstuma? Ou de uma indiscrição cometida por algum correspondente de Bismarck?

Uma segunda nota emitia opinião sobre determinadas questões, provocando porém uma estranha polêmica.

Ela dizia assim:

“Santé-Palace, cela 14, segunda divisão.

“Senhor diretor do *Grand Journal*.

“O senhor publicou na edição de terça-feira passada um pequeno artigo redigido a partir de algumas palavras que me escaparam outra noite, durante uma conferência que dei na Santé, sobre política internacional. Esse artigo, em essência verídico, requer no entanto uma pequena retificação. As cartas existem, e ninguém pode contestar sua importância excepcional, uma vez que, há dez anos, têm sido objeto de investigações ininterruptas por parte do governo interessado. Mas ninguém sabe onde estão, nem uma só palavra que contêm.

“O público, tenho certeza, não vai me recriminar por fazê-lo esperar, até ver satisfeita sua legítima curiosidade. Pois, além de não ter em mãos todos os elementos necessários à busca da verdade, minha ocupação atual não me permite consagrar ao caso o tempo que gostaria de dedicar a ele.

“Tudo o que posso dizer neste momento é que as cartas foram confiadas pelo moribundo a um de seus amigos mais fiéis, e que esse amigo sofreu, em seguida, as pesadas consequências de sua devoção. Espionagem, buscas domiciliares, nada lhe foi poupado.

“Ordenei que dois dos meus melhores agentes de polícia retomassem as pistas desde o início, e creio que, em menos de dois dias, estarei em condições de revelar esse fascinante mistério.

“Assinado: Arsène Lupin.”

Então, era Arsène Lupin quem estava conduzindo o caso! Era ele quem, de dentro da prisão, estava encenando a comédia ou a tragédia anunciada na primeira nota. Que aventura! O público se comprazia. Com um artista como ele, não faltariam elementos pitorescos e imprevistos ao espetáculo.

Três dias depois, lia-se no *Grand Journal*:

“O nome do devotado amigo que mencionei no artigo me foi informado. Trata-se do grão-duque Hermann III, príncipe regente (ainda que destituído) do grão-ducado de Deux-Ponts-Veldenz, e confidente de Bismarck, de quem era grande amigo.

“O conde de W. realizou buscas em sua casa, acompanhado de doze homens. O resultado das buscas foi negativo, mas nem por isso deixou de ficar provado que o grão-duque estava em posse dos documentos.

“Onde os teria escondido? Essa é uma pergunta que provavelmente ninguém neste mundo saberia responder agora.

“Peço vinte e quatro horas para respondê-la.

“Assinado: Arsène Lupin.”

De fato, 24 horas depois, a nota prometida apareceu:

“As famosas cartas estão escondidas no castelo feudal de Veldenz, capital do grão-ducado de Deux-Ponts, castelo esse que foi em parte destruído durante o século XIX.

“Em que lugar, precisamente? E o que são exatamente essas cartas? Esses são os dois enigmas que me ocupo em decifrar, e cujas soluções apresentarei daqui a quatro dias.

“Assinado: Arsène Lupin.”

No dia anunciado, todos correram para ler o *Grand Journal*. Para decepção geral, as informações prometidas não se encontravam lá. No

dia seguinte, o mesmo silêncio, assim como no outro dia.

O que havia acontecido?

Soube-se por uma indiscrição cometida na chefatura de polícia. O diretor da Santé teria sido advertido de que Lupin estava se comunicando com seus cúmplices graças aos pacotes de envelopes que confeccionava. Ninguém descobriu nada, mas, por precaução, proibiram toda espécie de trabalho ao insuportável detento.

Ao que o insuportável detento respondeu:

– Já que não tenho mais nada a fazer, vou cuidar do meu processo. Avisem meu advogado, o presidente da Ordem, sr. Quimbel.

Era verdade. Lupin, que até então tinha-se recusado a conversar com o sr. Quimbel, consentia em recebê-lo e preparar sua defesa.

Logo no dia seguinte, o sr. Quimbel, muito contente, chamava Lupin à sala dos advogados.

Era um homem de idade e usava óculos de lentes grossas que deixavam seus olhos enormes. Ele pôs o chapéu sobre a mesa, exibiu sua pasta e fez em seguida uma série de perguntas preparadas com cuidado.

Lupin respondeu com extrema boa-vontade, perdendo-se inclusive em uma infinidade de detalhes que o sr. Quimbel anotava imediatamente em fichas que ajeitava uma sobre a outra.

– Então – retomava o advogado, com a cabeça voltada na direção dos papéis –, você está me dizendo que nessa época...

– Que nessa época, respondia Lupin...

Sem que se notasse, com pequenos gestos, todos naturais, Lupin apoiou os cotovelos na mesa. Baixou o braço pouco a pouco, enfiou discretamente a mão debaixo do chapéu do sr. Quimbel, pôs o dedo no interior de couro e pegou um daqueles pedaços de papel dobrado que inserimos entre o couro e o forro, quando o chapéu é grande demais.

E desdobrou o papel. Era uma mensagem de Doudeville, escrita no código convencionado.

“Estou trabalhando como camareiro na casa do sr. Quimbel.

Pode responder sem medo por este mesmo procedimento.

“Foi L. M., o assassino, quem denunciou o truque dos envelopes. Ainda bem que você tinha previsto!”

Seguia-se uma minuciosa prestação de contas de todos os fatos e comentários suscitados pelas revelações de Lupin.

Lupin tirou do bolso um pedaço de papel semelhante, contendo suas instruções, que substituiu discretamente ao outro, e trouxe a mão para junto do corpo. O truque estava feito.

E a correspondência de Lupin com o *Grand Journal* foi

imediatamente retomada.

“Peço desculpas aos leitores por ter faltado com minha promessa. O serviço postal da Santé-Palace é deplorável.

“Além do mais, estamos chegando ao fim. Tenho em mãos todos os documentos que restabelecem a verdade, em bases indiscutíveis. Vou esperar para publicá-los. Saibam ao menos isto: entre as cartas, algumas foram escritas ao chanceler por aquele que se declarava na época seu aluno e admirador, e que, muitos anos depois, deveria livrar-se daquele incômodo tutor e governar por si próprio.

“Fui suficientemente claro?”

E, no dia seguinte:

“Aquelas cartas foram escritas durante o período de enfermidade do último imperador. Isso basta para afirmar sua importância?”

Quatro dias de silêncio, e em seguida esta última nota, de repercussão inesquecível:

“Terminei minhas investigações. Agora, sei de tudo. Refletindo, adivinhei o segredo do esconderijo.

“Meus amigos irão até Veldenz e, apesar de todos os obstáculos, entrarão no castelo por um lugar por mim indicado.

“Os jornais, então, publicarão uma cópia das cartas, cujo conteúdo já conheço, mas que desejo reproduzir integralmente.

“A publicação, certa e inevitável, acontecerá daqui a duas semanas, dia após dia, a partir do dia 22 de agosto próximo.

“Até lá, eu me calo e espero.”

A comunicação com o *Grand Journal* foi de fato interrompida, mas Lupin não parou de se comunicar com os amigos por meio “do

chapéu”, como diziam entre si. Tão simples! Nenhum perigo. Quem jamais poderia imaginar que o chapéu do sr. Quimbel servisse a Lupin como caixa de correspondência?

A cada duas ou três manhãs, segundo as visitas, o célebre advogado trazia fielmente a correspondência de seu cliente: cartas de Paris, cartas do interior, cartas da Alemanha, tudo isso reduzido, condensado por Doudeville, em fórmulas breves e linguagem cifrada.

E, uma hora depois, o sr. Quimbel levava de volta as ordens de Lupin.

Um dia, o diretor da Santé recebeu um telegrama assinado L. M., avisando que o sr. Quimbel, muito possivelmente, estaria servindo de carteiro involuntário a Lupin, e que seria do interesse da polícia vigiar as visitas desse senhor.

O diretor advertiu o sr. Quimbel, que resolveu então ir acompanhado de seu secretário.

Assim, uma vez mais, apesar de todos os esforços de Lupin, de sua imaginação fértil, dos milagres de criatividade que renovava após cada derrota, uma vez mais ele via-se separado do mundo exterior pelo gênio diabólico de seu formidável adversário.

E via-se separado no momento mais crítico, no instante solene em que, do fundo da cela, apresentava seu último trunfo contra as forças de coalisão que o esmagavam tão terrivelmente.

No dia 13 de agosto, quando estava sentado diante de dois advogados, um jornal que servia de envelope a alguns papéis do sr. Quimbel chamou sua atenção. A manchete, em grandes caracteres: “813”.

E, como subtítulo da matéria: Novo assassinato. A Alemanha em ebulição. Seria descoberto o segredo do Apoo?

Lupin empalideceu de aflição. Embaixo, leu as seguintes palavras:

“Duas notícias sensacionais chegaram à redação na última hora.

“Encontraram perto de Augsbourg o cadáver de um idoso, degolado por um punhal. Foi possível reconhecê-lo: trata-se do sr. Steinweg, envolvido no caso Kesselbach.

“Por outro lado, recebemos um telegrama dizendo que o famoso detetive inglês, Herlock Sholmès, foi convocado com urgência, em Colônia. Ele irá se encontrar com o imperador e, de lá, devem seguir para o castelo de Veldenz.

“Herlock Sholmès teria se comprometido a descobrir o segredo de Apoo.

“Se conseguir, será o fim implacável da incompreensível campanha que Arsène Lupin vem conduzindo há um mês, de maneira tão estranha.”

Nada talvez tenha atiçado mais a curiosidade do público do que o duelo anunciado entre Sholmès e Lupin, duelo invisível neste caso, anônimo, poderíamos dizer, mas impressionante pelo alvoroço que produzia em torno da aventura, e pelas apostas que se faziam entre os dois inimigos irreconciliáveis, uma vez mais em lados opostos. E não se tratava de pequenos interesses particulares, de roubos insignificantes, de miseráveis paixões individuais, mas de um negócio realmente mundial, envolvendo a política de três grandes nações do Ocidente, e que podia perturbar a paz universal.

Não vamos esquecer de que, naquela época, a crise do Marrocos já tinha se iniciado. Uma fagulha, e seria a conflagração.

Esperava-se ansiosamente, portanto, e não se sabia muito bem o que se esperava. Porque, afinal, se o detetive saísse vencedor do duelo, se encontrasse as cartas, quem ficaria sabendo? Que provas teríamos desse triunfo?

No fundo, as esperanças estavam todas em Lupin, com seu conhecido hábito de fazer do público uma testemunha de seus atos. O que ele iria fazer? Como poderia conjurar o terrível perigo que o ameaçava? Ele tinha conhecimento disso?

Entre as quatro paredes da cela, o detento de número 14 fazia-se mais ou menos as mesmas perguntas, e o que o estimulava não era uma curiosidade vã, mas uma preocupação real, uma angústia de todos os momentos.

Ele se sentia irrevogavelmente só, de mãos atadas, a vontade e a mente amarradas. Que fosse hábil, engenhoso, intrépido, heroico, aquilo não servia para nada. A luta acontecia fora dele. Agora, seu papel tinha terminado. Ele tinha reunido as peças e explorado todos os recursos da grande máquina que deveria produzir ou de algum modo fabricar sua liberdade, e era impossível fazer qualquer gesto para aperfeiçoar e vigiar sua obra. Na data determinada, tudo iria

acontecer. Até lá, mil incidentes contrários poderiam ocorrer, mil obstáculos poderiam se erguer, sem que ele tivesse como impedir esses incidentes, nem derrubar esses obstáculos.

Lupin viveu então os momentos mais dolorosos de sua vida. Ele duvidava de si. Perguntava-se se sua existência transcorreria no horror de uma prisão.

Ele não teria errado os cálculos? Não teria sido infantil acreditar que, na data determinada, o acontecimento libertador se produziria?

– Loucura! – ele gritava –, meu raciocínio está errado... Como admitir um tal concurso de circunstâncias? Um detalhe pode arruinar tudo... um grão de areia...

A morte de Steinweg e o sumiço dos documentos que o velho deveria entregar não o preocupavam. Dos documentos, a rigor, ele poderia prescindir, e com o que Steinweg havia lhe contado ele poderia, com sua intuição e gênio, reconstituir o conteúdo das cartas do imperador e pôr de pé o plano de batalha que lhe daria a vitória. Mas pensava em Herlock Sholmès que estava lá, ele, no centro mesmo do campo de batalha, e que estava procurando, e que encontraria as cartas, destruindo assim o edifício tão pacientemente erguido.

E pensava no *outro*, no inimigo implacável, atocaiado em volta da prisão, escondido talvez dentro da prisão, e que adivinhava seus planos mais secretos antes mesmo que eclodissem no mistério de sua mente.

Dia 17 de agosto... dia 18 de agosto... dia 19... Dois dias mais... Ou dois séculos! Oh! Minutos intermináveis! Tão calmo, de hábito, tão mestre de si, tão engenhoso quando se divertia, Lupin estava febril, ora exuberante, ora deprimido, impotente contra o inimigo, desconfiado de tudo, sombrio.

Dia 20 de agosto...

Ele quis agir e não podia. Fizesse o que fizesse, era impossível adiantar o momento do desenlace. Esse desenlace poderia ou não acontecer, mas Lupin não teria certeza antes que a última hora do último dia transcorresse, até o último minuto. Só então ele conheceria o fracasso definitivo de seu plano.

– O fracasso é inevitável – ele não parava de repetir –, o sucesso

depende de circunstâncias sutis demais, só poderia acontecer por meios psicológicos demais... Estou me iludindo com relação ao valor e ao alcance das minhas armas, tenho certeza... Mas...

E a esperança voltava. Ele pesava suas chances. Subitamente, pareciam reais e formidáveis. As coisas iam acontecer do modo previsto, e pelas razões previstas. Era inevitável...

Era inevitável. A menos que Sholmès encontrasse o esconderijo...

E de novo ele pensava em Sholmès, e de novo era invadido por um imenso desânimo.

O último dia.

Ele acordou tarde, depois de uma noite de pesadelos.

Não viu ninguém, naquele dia, nem o juiz de instrução, nem seu advogado.

A tarde transcorreu, lenta e triste, veio a noite, a noite tenebrosa das prisões... Ele sentiu febre. Seu coração dançava no peito, como um animal assustado.

E os minutos decorriam, irreversíveis...

Às nove horas, nada. Às dez, nada.

Com os nervos tensos feito as cordas de um arco, ouvia os ruídos indistintos da prisão, tentava captar através das paredes inclementes tudo o que podia da vida exterior.

E como quis deter a marcha do tempo, tornar o destino um pouco mais leve!

Mas, para quê! Não estava tudo terminado?

– Ah! – exclamava ele –, estou ficando louco. Quero que isso acabe! É melhor. Vou recomeçar de outro modo, tentar outra coisa, mas não aguento mais, não aguento mais.

Ele punha as mãos na cabeça, apertando com toda a força, fechava-se em si próprio e concentrava-se num único pensamento, como se quisesse criar o evento formidável, assombroso, inadmissível, ao qual tinha subordinado sua independência e fortuna.

– Tem que acontecer – murmurava ele –, tem que acontecer, tem que, não porque eu quero, mas porque é lógico. E assim será... assim será...

Ele batia com os punhos na cabeça, e dizia palavras delirantes...

A fechadura rangeu. Em sua raiva, não ouviu o ruído dos passos no corredor, e eis que de repente um raio de luz invadia a cela e a porta se abria.

Três homens entraram.

Lupin não teve um instante de surpresa.

O milagre acontecia, e aquilo pareceu imediatamente natural, normal, em perfeito acordo com a verdade e a justiça.

Mas uma onda de orgulho o invadiu. Naquele instante preciso, teve a sensação clara de toda sua força e inteligência.

– Acendo a luz? – perguntou um dos três homens, o qual Lupin reconheceu; era o diretor da prisão.

– Não – respondeu o mais alto dos companheiros, com sotaque estrangeiro. – Basta esta lanterna.

– Devo sair?

– Faça como tiver que fazer – declarou o mesmo sujeito.

– Pelas instruções que recebi do chefe de polícia, devo agir conforme seu desejo.

– Nesse caso, senhor, é melhor que se retire.

O sr. Borély saiu, deixando a porta entreaberta, e ficou do lado de fora, ao alcance da voz.

O visitante dizia algo para aquele que ainda não havia falado, e Lupin tentava em vão distinguir na sombra a aparência deles. Via apenas vultos, com casacos largos de automobilismo e quepes com as abas para baixo.

– Você é mesmo Arsène Lupin? – perguntou o homem, projetando em pleno rosto de Lupin a luz da lanterna.

Ele sorriu.

– Sim, eu sou esse tal de Arsène Lupin, atualmente detido na Santé, cela 14, segunda divisão.

– Foi você, então – continuou o visitante –, quem publicou, no *Grand Journal*, uma série de notas mais ou menos fantasiosas, que tratam das supostas cartas...

Lupin interrompeu:

– Perdão, senhor, mas antes de continuarmos com esta conversa, cujo objetivo, cá entre nós, não me parece muito claro, eu ficaria

muito grato em saber com quem tenho a honra de falar.

– Isso é absolutamente impensável – respondeu o estrangeiro.

– Isso é absolutamente indispensável – afirmou Lupin.

– Por quê?

– Por uma questão de educação. Você sabe meu nome, eu não sei o seu. Existe aí um problema que não podemos deixar de corrigir.

O estrangeiro ficou impaciente.

– O simples fato de que o diretor desta prisão tenha nos acompanhado até aqui prova...

– Que o sr. Borély ignora as convenções – disse Lupin. – O sr. Borély deveria ter nos apresentado um ao outro. Estamos falando de igual para igual. Não há superior nem subalterno, não há um prisioneiro e um visitante que consente em vê-lo. Há dois homens, e um desses homens está usando um chapéu que não deveria estar usando.

– Ah! Se o problema é esse...

– Receba a lição como preferir, senhor – disse Lupin.

O estrangeiro aproximou-se e quis falar.

– Primeiro o chapéu – retomou Lupin –, o chapéu...

– Ouça!

– Não.

– Sim.

– Não.

As coisas agravavam-se inutilmente. O estrangeiro que ficara calado pôs a mão no ombro do seu companheiro e disse em alemão:

– Deixe comigo.

– Mas! Ficou combinado que...

– Fique quieto e saia.

– E deixar vocês sozinhos?

– Sim.

– E a porta?

– Feche, e afaste-se daqui...

– Mas, este homem... o senhor sabe quem é... Arsène Lupin...

– Saia.

O outro saiu, de má vontade.

– Feche a porta – gritou o segundo visitante. – Mais...
totalmente... isso.

Então, voltou-se, pegou a lanterna e levantou-a aos poucos.

– Preciso dizer quem sou? – perguntou.

– Não – respondeu Lupin.

– E por quê?

– Porque eu sei.

– Ah!

– O senhor é quem eu estava esperando.

– Eu!

– Sim, Sire.

Carlos Magno

– Silêncio – disse rapidamente o estrangeiro. – Não diga essa palavra.

– Como devo chamar Vossa...?

– Por nome nenhum.

Ambos se calaram, e esse momento de trégua não era como o que precede a luta entre dois adversários prontos para o combate. O estrangeiro ia e vinha, como quem tem o costume de comandar e ser obedecido. Lupin, imóvel, abandonara a atitude ordinária de provocação e o sorriso de ironia. Ele esperava, com o semblante sério. Mas, no fundo, com todo ardor e intensidade, comprazia-se com a prodigiosa situação em que se encontrava, ali, naquela cela de prisão, ele, o detento, ele, o aventureiro, ele, o escroque e o ladrão, ele, Arsène Lupin... E, diante dele, aquele semideus do mundo moderno, aquela entidade formidável, o herdeiro de César e de Carlos Magno.

Ficou inebriado com o próprio poder, por um instante. Seus olhos encheram-se de lágrimas, quando pensou em seu triunfo.

O estrangeiro parou.

Imediatamente, desde a primeira frase, foram ao cerne da questão.

– Amanhã é dia 22 de agosto. As cartas serão publicadas amanhã, certo?

– Esta noite. Daqui a duas horas, meus amigos devem deixar no *Grand-Journal*, não ainda as cartas, mas a lista das cartas, feita pelo grão-duque Hermann.

– Essa lista não será entregue.

– Ela não será.

– Você vai entregá-la para mim.

– Vou entregá-la nas mãos de Vossa... nas suas mãos.

– Assim como todas as cartas.

– Assim como todas as cartas.

– E nenhuma será fotografada.

– E nenhuma será fotografada.

O estrangeiro falava com voz calma, sem o menor tom de súplica, sem a menor inflexão de autoridade. Não ordenava nem questionava: enunciava os atos inevitáveis de Arsène Lupin. A coisa seria assim. E assim seria quaisquer que fossem as exigências de Arsène Lupin, qualquer que fosse o preço estipulado para a realização desses atos. Antecipadamente, as condições estavam aceitas.

“Caramba”, pensou Lupin, “estou lidando com um adversário formidável. Se ele apelar para a minha generosidade, estou perdido...”

O modo como a conversa foi iniciada, a sinceridade nas palavras, a voz e os modos sedutores, tudo lhe agradava imensamente.

Ele endireitou-se para não amolecer nem abandonar as vantagens que havia conquistado a duras penas.

O estrangeiro retomou:

– Você leu as cartas?

– Não.

– Mas algum dos seus deve ter lido?

– Não.

– E?

– E, que tenho a lista e as anotações do grão-duque. Além disso, sei onde ele escondeu todos os documentos.

– E por que ainda não foi buscar?

– Porque só fiquei sabendo depois que fui preso. Agora mesmo, meus amigos estão a caminho.

– O castelo está bem guardado: duzentos dos meus melhores homens estão lá.

– Dez mil não bastariam.

Depois de um minuto de reflexão, o visitante perguntou:

– Como ficou sabendo do segredo?

– Adivinhei.

– Mas você tinha outras informações, coisas que os jornais não publicaram.

– Nada.

– Mas, durante quatro dias, mandei vasculhar todo o castelo.

– Herlock Sholmès procurou mal.

– Ah! – disse o estrangeiro para si mesmo. – É estranho... é estranho... E você tem certeza de que sua hipótese está correta?

– Não é uma hipótese, é uma certeza.

– Melhor, melhor – murmurou ele. – Só ficaremos tranquilos quando esses papéis não existirem mais.

E, pondo-se bruscamente diante de Arsène Lupin:

– Quanto?

– O quê? – disse Lupin, desconcertado.

– Quanto, pelos papéis? Quanto, para revelar o segredo?

Ele esperava um número. E ele mesmo propôs:

– Cinquenta mil... cem mil?...

E, como Lupin não respondia, disse, hesitando um pouco:

– Mais? Duzentos mil? Que seja! Eu aceito.

Lupin sorriu e disse em voz baixa:

– A cifra é bonita. Mas não seria provável que algum monarca, digamos, o rei da Inglaterra, chegasse a um milhão? Sinceramente?

– Acredito.

– E que as cartas, para o imperador, não tenham preço, que valham tanto dois milhões como duzentos mil francos, tanto três como dois milhões?

– É possível.

– E que, *se fosse preciso*, o imperador daria esses três milhões?

– Sim.

– Então, será fácil chegar a um acordo.

– Nessas bases? – exclamou o estrangeiro, não sem alguma preocupação.

– Nessas bases, não... Não estou pensando em dinheiro. É outra coisa que quero, algo que vale muito mais para mim do que esses milhões.

– O quê

– A liberdade.

O estrangeiro teve um sobressalto:

– Hein! Sua liberdade... Mas eu não posso fazer nada... Isso é com seu país... com a justiça... não posso nada com relação a isso.

Lupin aproximou-se e, baixando ainda mais a voz, disse:

– Pode, sim, Sire... Minha liberdade não é algo assim tão excepcional que alguém vá se opor a um pedido seu.

– Eu teria então que solicitar a alguém?

– Sim.

– A quem?

– A Valenglay, presidente do Conselho dos Ministros.

– Mas o próprio sr. Valenglay não pode mais do que eu...

– Ele pode abrir as portas desta prisão para mim.

– Seria um escândalo.

– Quando digo abrir... entreabrir me bastaria... Simularíamos uma fuga... o público quer tanto isso que não exigiria nenhuma explicação.

– Que seja... Mas o sr. Valenglay nunca iria consentir...

– Ele vai consentir.

– Por quê?

– Porque o senhor vai manifestar esse desejo a ele.

– Para ele, meus desejos não são uma ordem.

– Não, mas entre governos, são coisas que se fazem. E Valenglay é bastante político...

– Vamos, você acha que o governo francês cometeria um ato assim tão arbitrário pelo simples prazer de me agradar?

– Esse prazer não seria o único.

– Qual seria o outro?

– O prazer de servir a França, aceitando a proposta que deve acompanhar esse pedido de libertação.

– Eu faria uma proposta?

– Sim, Sire.

– Qual?

– Não sei, mas me parece que ainda há espaço para o entendimento... existem possibilidades de acordo...

O estrangeiro olhava para ele, sem compreender. Lupin inclinou-se e, como se procurasse as palavras, como se imaginasse uma hipótese, continuou:

– Digamos que dois países estejam divididos por uma questão insignificante... que tenham um ponto de vista diferente sobre uma

questão secundária... uma questão colonial, por exemplo, onde o orgulho deles esteja em jogo, mais do que os interesses... O chefe de um desses países não poderia talvez abordar essa questão com um novo espírito de conciliação?... E dar as instruções necessárias para...

– Para eu deixar o Marrocos para a França – disse o estrangeiro, estourando em riso.

A ideia sugerida por Lupin parecia-lhe a coisa mais cômica do mundo, e ele ria com gosto. Havia uma tal desproporção entre o objetivo a ser alcançado e os meios oferecidos!

– Claro... Claro... – retomou o estrangeiro, esforçando-se em vão para ficar sério – claro que a ideia é original... Toda a política moderna abalada para que Arsène Lupin seja libertado! Os desígnios do império arruinados para que Arsène Lupin possa seguir com suas façanhas... Não, por que não me pede a região da Alsácia-Lorena?

– Pensei nisso, Sire – disse Lupin.

O estrangeiro achou ainda mais graça.

– Admirável! E me poupou dessa sugestão?

– Por enquanto, sim.

Lupin tinha cruzado os braços. Para ele também era divertido exagerar seu papel, e prosseguiu com seriedade afetada:

– Pode ser que, um dia, uma série de circunstâncias faça com que eu tenha nas mãos o poder de *solicitar* e *conseguir* essa restituição. Nesse dia, certamente não hei de falhar. Por enquanto, as armas de que disponho me obrigam a ser mais modesto. A paz do Marrocos me basta.

– Só isso?

– Só isso.

– O Marrocos, em troca da sua liberdade?

– Não mais do que isso... ou melhor, pois não podemos de jeito nenhum perder de vista o motivo desta conversa: com um pouco de boa vontade por parte de um dos dois grandes países em questão... eu abro mão das cartas que estão em meu poder.

– As cartas!... Essas cartas!... – murmurou o estrangeiro, irritado.

– Afinal, talvez não sejam tão valiosas assim...

– A decisão é sua, Sire. Foi Vossa Majestade quem atribuiu tanto

valor a elas, que veio até aqui, à minha cela.

– Bom! E daí?

– Mas há outras cartas, cuja procedência o senhor ignora, e sobre as quais posso dar algumas informações.

– Ah! – respondeu o estrangeiro, preocupado.

Lupin hesitou.

– Fale, fale sem rodeios – ordenou o estrangeiro. – Seja claro.

No silêncio profundo, Lupin declarou com certa solenidade:

– Há vinte anos, elaboraram um esboço de tratado entre a Alemanha, a Inglaterra e a França.

– Mentira! Impossível! Quem teria feito isso?

– O pai do imperador atual e a rainha da Inglaterra, avó dele, ambos sob a influência da imperatriz.

– Impossível! Repito que isso é impossível!

– A carta está no esconderijo do castelo de Veldenz, e só eu sei onde ele fica.

O estrangeiro ia e vinha, agitado. Ele parou e disse:

– O texto do tratado está nessa correspondência?

– Está, Sire. E foi redigido pelas mãos de seu pai.

– E o que diz lá?

– Por esse tratado, a Inglaterra e a França concedem e prometem à Alemanha um império colonial imenso, o império que ela não tem, e que hoje é indispensável para sua grandeza, um império grande o suficiente para que ela abandone seus sonhos de hegemonia, e para que se resigne a ser... o que ela é.

– E, em troca desse império, a Inglaterra exigia o quê?

– A limitação da frota alemã.

– E a França?

– A Alsácia e a Lorena.

O imperador calou-se, apoiado na mesa, pensativo. Lupin prosseguiu:

– Estava tudo pronto. Os gabinetes de Paris e de Londres, de sobreaviso, concordaram. Era coisa feita. O grande tratado de aliança ia ser concluído, fundando a paz universal e definitiva. A morte de seu pai acabou com esse belo sonho. Mas pergunto a Vossa Majestade o

que pensará o povo, o que pensará o mundo, quando souber que Frederico III, um dos heróis de 1870, um alemão, um alemão puro-sangue, respeitado por todos os concidadãos e até pelos inimigos, aceitava, e consequentemente considerava justa a devolução da Alsácia-Lorena?

Ele se calou por um instante, deixando o problema estabelecer-se de um modo claro na consciência do imperador, na sua consciência de homem, filho e soberano.

Depois, concluiu:

– Cabe a Vossa Majestade saber se quer ou não que a história registre esse tratado. Quanto a mim, Sire, veja que minha humilde pessoa não tem muito lugar nesse debate.

Um longo silêncio seguiu-se às palavras de Lupin. Ele esperou, com a alma aflita. Era seu destino que estava em jogo naquele minuto que ele tinha concebido e trazido ao mundo com tanto esforço e obstinação... Um minuto histórico nascido de seu cérebro, e onde sua “humilde pessoa”, como ele dissera, pesava no destino dos impérios e da paz mundial.

Diante dele, na penumbra, César meditava.

O que ele iria dizer? Que solução daria ao problema?

Ficou andando pela cela durante alguns instantes que pareceram intermináveis a Lupin.

Depois, parou e disse:

– Há outras condições?

– Sim, Sire, mas são insignificantes.

– Quais?

– Encontrei o filho do grão-duque de Deux-Ponts-Veldenz. O grão-ducado será devolvido a ele.

– O que mais?

– Ele ama uma jovem, que o ama também, a mais bela e virtuosa das mulheres. Ele se casará com essa jovem.

– E?

– Só isso.

– Mais nada?

– Não. Basta que Vossa Majestade mande levar esta carta ao

diretor do *Grand Journal* para que ele destruía, sem ler, o artigo que está para receber a qualquer momento.

Lupin estendeu a carta com o coração apertado, a mão trêmula. Se o imperador a pegasse, seria um sinal de que aceitava.

O imperador hesitou, mas com um gesto furioso pegou a carta, pôs o chapéu, vestiu seu casaco e saiu sem dizer uma palavra.

Lupin ficou alguns segundos hesitante, como que aturdido...

Depois, subitamente, caiu sobre a cadeira, gritando de alegria e orgulho...

— 2 —

– Senhor juiz de instrução, é hoje que anuncio, com pesar, meu adeus.

– Como, sr. Lupin, então você pretende nos deixar?

– A contragosto, senhor juiz, pode ter certeza, pois nossa relação era de uma cordialidade encantadora. Mas não há prazer que dure para sempre. Meu tempo na Santé-Palace terminou. Outros deveres me chamam. Tenho que sair daqui esta noite.

– Boa sorte, então, sr. Lupin.

– Obrigado, senhor juiz de instrução.

Arsène Lupin esperou então pacientemente o momento de sua fuga, não sem se perguntar como ela aconteceria, e de que modo França e Alemanha, unidas por essa causa nobre, conseguiriam realizá-la sem provocar um escândalo.

No meio da tarde, o guarda ordenou que ele se apresentasse no pátio de entrada. Ele foi de imediato e encontrou o diretor, que o pôs nas mãos do sr. Weber, que o fez subir num carro, onde já havia alguém.

Imediatamente, Lupin teve um acesso de riso.

– Como! É você, meu pobre Weber, é você quem paga este pato! Será você o responsável pela minha fuga? Pode admitir que não fazia questão! Ah, meu caro, que pepino! Famoso por minha prisão, eis que agora você se imortaliza pela minha fuga.

Ele olhou para aquele personagem.

– Ora, senhor chefe de polícia, o senhor também está envolvido nesse negócio? Que belo presente jogaram no seu colo, hein? Se posso dar um conselho, fique nos bastidores. Deixe a honra toda para o Weber! É dele, de direito. Ele aguenta, o sujeito!...

Seguiam depressa, ao longo do Sena e por Boulogne. Atravessaram o rio em Saint-Cloud.

– Perfeito – gritou Lupin –, vamos direto para Garches! Vocês precisam de mim para reconstituir a morte de Altenheim. Vamos

descer nos subterrâneos, eu vou desaparecer e vocês dirão que sumi por uma saída que só eu conhecia. Deus! Que tolice!

Ele parecia desolado.

– Tolice, tolice rematada! Estou morrendo de vergonha... E são vocês que nos governam!... Que época! Que infelicidade, vocês deveriam ter me consultado. Eu teria bolado uma fugazinha melhor, feito um milagre. Seria típico meu! O público ficaria exultante com esse prodígio e louco de contente. Em vez disso... Enfim, verdade que vocês foram pegos um pouco de surpresa... Ainda assim...

O programa foi como Lupin havia previsto. Entraram pela casa de repouso e foram até o pavilhão Hortênsia. Lupin e seus dois companheiros desceram e atravessaram a galeria. Do outro lado, o subchefe disse:

– Está livre.

– Pronto! – disse Lupin –, até que foi tranquilo! Muito obrigado, meu caro Weber, e me desculpe o incômodo. Senhor chefe, recomendações à sua senhora.

Ele subiu a escada que levava à vila de Glycines, levantou a tampa do alçapão e saltou para o cômodo.

Uma mão caiu sobre seu ombro. Diante dele, estava o primeiro visitante da véspera, aquele que acompanhava o imperador. Havia mais quatro homens, à direita e à esquerda.

– Ah! – disse Lupin. – Mas que brincadeira é essa? Então, não estou livre?

– Sim, está – rosnou o alemão com uma voz grossa –, você está livre... livre para viajar com nós cinco, se quiser.

Lupin olhou por um segundo, com uma vontade louca de mostrar quanto valia um soco no nariz.

Mas os cinco homens pareciam decididos. O chefe não o estava tratando com muita gentileza, e ele imaginou que o sujeito ficaria feliz se pudesse empregar meios extremos. Afinal, depois de tudo, que diferença fazia?

Ele zombou:

– Se quero! Mas era meu sonho! – No pátio, uma enorme limusine estava à sua espera. Dois homens subiram na frente e outros dois

entraram na cabine. Lupin e o estrangeiro acomodaram-se na banquetta de trás.

– A caminho – exclamou Lupin, em alemão –, vamos para Veldenz.

O conde disse:

– Silêncio! Ninguém pode saber de nada. E fale em francês. Eles não entendem. Mas, para que falar?

– De fato – disse Lupin –, para que falar?

Durante toda a noite e a madrugada, viajaram sem qualquer incidente. Abasteceram duas vezes em vilarejos adormecidos.

Os alemães revezavam-se para vigiar o prisioneiro que, este sim, só abriu os olhos de manhã.

Pararam para a primeira refeição em um albergue no alto de uma colina, perto do qual havia uma placa. Lupin viu que estavam a meio caminho entre Metz e Luxemburgo. De lá, pegaram uma estrada que subia em direção nordeste, para os lados de Trêves.

Lupin disse ao companheiro de viagem:

– É com o conde de Waldemar que tenho a honra de falar, o confidente do imperador, que vasculhou a casa de Hermann III, em Dresden?

O estrangeiro permaneceu calado.

“Não fui com sua cara”, pensou Lupin. “Mas um dia resolveremos isso. Você é feio, grande, troncudo. Enfim, não gostei.”

E acrescentou, em voz alta:

– O senhor conde se engana em não responder. Eu estava falando em seu próprio interesse: vi, quando subimos, um carro atrás de nós, no horizonte. O senhor viu?

– Não, por quê?

– Por nada.

– Mas...

– Nada, não, era só uma observação... Além do mais, estamos uns dez minutos à frente e nosso carro tem pelo menos uns quarenta cavalos.

– Sessenta – disse o alemão –, que observava preocupado, com o canto do olho.

– Opa! Então, estamos tranquilos.

Subiram uma pequena ladeira. Lá em cima, o conde debruçou-se sobre a porta.

– Droga! – praguejou.

– O que foi? – perguntou Lupin.

O conde voltou-se para ele, e, com uma voz ameaçadora, disse:

– Tome cuidado... Se acontecer alguma coisa, azar o seu.

– Epa! Epa! Parece que o outro está se aproximando... Mas, está com medo de quê, meu caro conde? Talvez seja um turista... talvez alguém em nosso socorro.

– Eu não preciso de ajuda – grunhiu o alemão.

Ele se debruçou de novo. O carro estava a menos de duzentos ou trezentos metros. Apontando para Lupin, disse para seus homens:

– Amarrem ele! E se ele resistir... – E puxou o revólver.

– E por que eu resistiria, gentil teutão? – zombou Lupin.

E acrescentou, enquanto amarravam-lhe as mãos:

– É curioso ver como as pessoas tomam precauções nas horas mais inúteis, e não tomam quando precisam. Quem diabos pode estar naquele carro? Um cúmplice meu? Que ideia!

Sem responder, o alemão dava ordens ao motorista:

– Para a direita! Diminua... Deixe-os passarem... Se ralentarem, pare!

Mas, para seu grande espanto, o carro pareceu, ao contrário, dobrar a velocidade. Como um raio, ultrapassou-os, deixando-os numa nuvem de poeira.

De pé, atrás do carro parcialmente encoberto, via-se o vulto de um homem vestido de preto.

Ele ergueu o braço.

Soaram dois tiros.

O conde, que estava à porta da esquerda, sentou-se no banco.

Antes de cuidar dele, os dois companheiros saltaram sobre Lupin e terminaram de amarrá-lo.

– Estúpidos! Animais! – exclamou Lupin, tremendo de raiva. – Me soltem! Vamos, isso, parem! Mas, que imbecis, corram atrás dele... Peguem ele!... É o homem de preto... é o assassino! Ah! Imbecis...

E foi amordaçado. Depois, cuidaram do conde. O ferimento não parecia grave, e rapidamente fizeram um curativo. Mas o sujeito ferido, muito agitado, teve um acesso de febre e pôs-se a delirar.

Eram oito da manhã. Estavam em pleno campo, longe de qualquer vilarejo. Os homens não tinham nenhuma pista sobre o objetivo exato da viagem. Para onde iam? Tinham que avisar alguém?

Pararam o carro ao lado de um bosque e esperaram.

O dia transcorreu assim. Só de noite um pelotão de cavalaria chegou, enviado de Trêves, à procura do carro. Duas horas depois, Lupin descia da limusine e, sempre escoltado pelos dois alemães, subiu, à luz de uma lanterna, os degraus de uma escada que levava a um quatinho com barras de ferro nas janelas.

Ele passou a noite ali.

Na manhã seguinte, um oficial o levou, através de um pátio abarrotado de soldados, até o centro de uma série de prédios dispostos em círculo ao pé de um promontório, onde se viam ruínas monumentais.

Puseram Lupin num vasto cômodo, pouco mobiliado. Sentado diante de uma escrivaninha, o visitante da véspera lia jornais e relatórios que sublinhava com um lápis vermelho.

– Deixem-nos em paz – disse ao oficial.

E aproximou-se de Lupin:

– Os documentos.

O tom já não era o mesmo. Era agora o tom imperioso e seco de um senhor, na própria casa, dirigindo-se a um inferior – e que inferior! Um escroque, um aventureiro da pior espécie, diante do qual ele fora obrigado a se humilhar!

– Os documentos – repetiu.

Lupin não se deixou perturbar. Disse com calma:

– Estão no castelo de Veldenz.

– Estamos nas dependências do castelo de Veldenz.

– Os documentos estão nessas ruínas.

– Vamos. Me leve.

Lupin não se mexeu.

– Então?

– Ora! Sire, não é assim tão simples como pensa. É preciso um certo tempo para organizar os elementos necessários à abertura do esconderijo.

– De quanto tempo você precisa?

– De vinte e quatro horas.

Um gesto de cólera, logo reprimido.

– Ah! Isso não tinha sido combinado entre nós.

– Nada foi combinado, exatamente, Sire... Nem isso, nem a viagemzinha que Vossa Majestade me proporcionou, cercado por seis guardas. Eu tenho que entregar os documentos, só isso.

– E eu só tenho que libertar você mediante a entrega desses documentos.

– Questão de confiança, Sire. Eu teria me sentido igualmente comprometido a entregar esses papéis se tivesse sido libertado quando saí da prisão, e Vossa Majestade pode ter certeza de que eu não teria fugido com eles debaixo do braço. A única diferença é que eles já estariam em seu poder, Sire. Pois perdemos um dia. E um dia, neste caso... é muita coisa. Mas, precisava ter confiado.

O imperador olhava com certo estupor para aquele desclassificado, para aquele bandido que parecia irritado com a desconfiança em sua palavra.

Sem responder, ele tocou.

– O oficial de serviço – ordenou.

O conde de Waldemar apareceu, muito pálido.

– Ah! É você, Waldemar? Está melhor?

– Às suas ordens, Sire.

– Leve cinco homens com você... os mesmos, já que confia neles. Você não vai sair do lado deste... senhor, até amanhã de manhã. – E consultou o relógio.

– Até amanhã de manhã, às dez horas... Não, você tem até o meio-dia. Você irá aonde ele quiser e fará o que ele quiser. Enfim, ficará à disposição dele. Ao meio-dia, encontro vocês. Se, assim que soar o meio-dia, ele não me entregar o maço com as cartas, você vai pôr ele de novo no carro, e, sem perder um segundo, vai levá-lo de volta à prisão de Santé.

– Se ele tentar fugir...

– Se vire.

E saiu.

Lupin pegou um charuto sobre a mesa e atirou-se em uma poltrona.

– Finalmente! Prefiro assim. Franco e categórico.

O conde tinha mandado seus homens entrarem. Disse a Lupin:

– Vamos!

Lupin acendeu o charuto e não se mexeu.

– Amarrem as mãos dele! – disse o conde.

E, assim que a ordem foi executada, repetiu:

– Vamos... em marcha!

– Não.

– Como, não?

– Estou pensando.

– Em quê?

– Onde poderia ficar esse esconderijo.

O conde teve um sobressalto.

– Como! Você não sabe?

– Caramba! – zombou Lupin. – Isso é o mais divertido de toda essa aventura, eu não tenho a menor ideia de onde fica esse esconderijo, nem como vou descobrir. O que me diz, meu caro Waldemar? Não é divertido?... Eu não tenho a menor ideia...

As cartas do imperador

As ruínas de Veldenz, bem conhecidas de todos que visitam as margens do Reno e do Moselle, compreendem os vestígios do antigo castelo feudal, construído em 1277 pelo arcebispo de Fisingen e, ao lado, a enorme torre aberta pelas tropas de Turenne, os muros intactos de um vasto palácio da Renascença onde os grão-duques de Deux-Ponts moravam, nos últimos três séculos.

Esse foi o palácio saqueado pelos súditos revoltados de Hermann II. As janelas, nuas, abrem duzentas bocas sobre as quatro fachadas. Todo o madeiramento, a tapeçaria, a maior parte dos móveis, foram queimados. Caminhando pelas vigas calcinadas do piso, o céu surge ocasionalmente através do telhado demolido.

Ao fim de duas horas, Lupin, seguido por sua escolta, tinha percorrido tudo.

– Fico muito contente com o senhor, meu caro conde. Jamais pensei em encontrar um cicerone tão ilustre e, o que é raro, tão taciturno. Agora, se me permite, vamos jantar.

No fundo, Lupin não sabia nada mais do que quando chegara, e sua confusão apenas aumentava. Para sair da prisão e impressionar a imaginação do visitante, ele havia blefado, fingindo saber de tudo, e agora ainda estava tentando saber por onde começaria a procurar.

“A coisa vai mal”, dizia-se às vezes, “não poderia ir pior”.

Além do mais, ele não estava em sua lucidez habitual. Estava obcecado por uma ideia, a do desconhecido, do assassino, do monstro que sabia ainda estar em seu encalço.

Como aquele misterioso personagem seguia seus passos? Como ficara sabendo de sua saída da prisão e da viagem em direção a Luxemburgo e à Alemanha? Seria uma intuição milagrosa? Ou o resultado de informações precisas? Mas, então, a que preço, com que promessas ou ameaças tinha sido capaz de obtê-las?

Todas essas perguntas assombravam o espírito de Lupin.

Por volta das quatro horas, no entanto, depois de uma nova caminhada pelas ruínas, ao longo da qual ele tinha em vão examinado as pedras, medido a espessura das muralhas, perscrutado a forma e a aparência das coisas, perguntou ao conde:

– Não sobrou nenhum criado do último grão-duque que tenha morado neste castelo?

– Todos os criados daquela época foram dispensados. Só um ainda vivia na região.

– E?

– Morreu há dois anos.

– Sem filhos?

– Ele tinha um filho que se casou e foi expulso, assim como a mulher, por conduta escandalosa. Eles deixaram a filha mais jovem, uma moça chamada Isilda.

– Onde ela mora?

– Ela mora aqui, no fundo das dependências de serviço. Seu velho avô trabalhava como guia dos visitantes, na época em que se podia visitar o castelo. A pequena Isilda, desde então, sempre viveu nestas ruínas, onde era tolerada por piedade: é uma pobre inocente que mal fala e que não sabe o que diz.

– Ela sempre foi assim?

– Parece que não. Quando tinha uns dez anos, foi perdendo a razão aos poucos.

– Depois de algum trauma ou de uma crise de pânico?

– Não, sem motivo, segundo me disseram. O pai era alcoólatra e a mãe se matou em um acesso de loucura.

Lupin refletiu e concluiu:

– Eu gostaria de vê-la.

O conde sorriu de um modo estranho.

– Pode ver, claro.

Ela estava justamente num dos cômodos abandonados para o uso dela.

Lupin surpreendeu-se ao ver uma criatura pequena, muito magra, muito pálida, mas quase bonita, com seus cabelos loiros e figura delicada. Seus olhos, de um verde-água, tinham uma expressão vaga,

sonhadora, olhos de cega.

Ele fez algumas perguntas a que Isilda não respondeu, e outras a que respondeu com frases incoerentes, como se não compreendesse o sentido das palavras que lhe eram dirigidas nem o das que ela mesma pronunciava.

Ele insistiu, pegando em sua mão com muita doçura e perguntando, com voz afetuosa, sobre a época em que ainda era lúcida, sobre seu avô, sobre as lembranças que tinha de sua vida de criança, em liberdade no meio das ruínas majestosas do castelo.

Ela se calava, de olhos fixos, impassível, emocionada talvez, mas de uma emoção que não despertava sua inteligência adormecida.

Lupin pediu lápis e papel. Com o lápis, escreveu sobre a folha branca “813”.

O conde sorriu mais uma vez.

– Ah! Do que é que você está rindo? – perguntou Lupin, irritado.

– Nada... nada... estou interessado... muito interessado... – A jovem olhava para a folha à sua frente e virava a cabeça, distraída.

– Não colou – zombou o conde.

Lupin escreveu as letras “Apoo”.

A mesma desatenção de Isilda.

Ele não desistiu da prova e escreveu diversas vezes as mesmas letras, deixando cada vez um intervalo diferente entre elas. E olhava sempre para o rosto da moça.

Ela não se mexia, com os olhos fixos no papel e uma indiferença que nada parecia perturbar.

Mas de repente pegou o lápis, arrancou a última folha das mãos de Lupin e, como se estivesse tomada por uma inspiração repentina, escreveu um “I” no meio do intervalo deixado por Lupin.

Ele estremeceu.

Uma palavra surgiu ali: *Apolo*.

Mas não largou o lápis nem a folha e, com os dedos crispados, com traços tensos, esforçava-se para submeter a mão à ordem hesitante de seu pobre cérebro.

Lupin esperava, febril.

Ela escreveu rapidamente, como que alucinada, uma palavra, a

palavra:

Diana.

– Outra palavra!... Outra palavra! – exclamou, bruscamente.

Ela torceu os dedos em volta do lápis, quebrou a ponta, riscou no papel um grande J e largou o lápis, esgotada.

– Outra palavra! Eu quero! – ordenou Lupin, agarrando-a pelo braço.

Mas viu nos olhos dela, de novo indiferentes, que aquele brilho fugaz de sensibilidade não luzia mais.

– Vamos – disse ele.

Ele já estava se afastando, quando ela correu e barrou sua passagem. Ele parou.

– O que você quer?

Ela estendeu a mão aberta.

– O quê! Dinheiro? Então ela tem o hábito de mendigar? – perguntou, dirigindo-se ao conde.

– Não – disse este –, e não estou entendendo nada...

Isilda tirou do bolso duas moedas de ouro que fez tinir uma contra a outra, alegremente.

Lupin as examinou.

Eram moedas francesas, novas, recém-cunhadas.

– Onde você conseguiu isso? – exclamou Lupin, agitado. – Moedas francesas! Quem te deu isso?... E quando?... Foi hoje? Fale!... Responda!

Ele deu de ombros.

– Imbecil que sou! Como se ela pudesse responder! Meu caro conde, queira me emprestar quarenta marcos... Obrigado... Tome Isilda, é para você...

Ela pegou as duas moedas, fez tinir com as duas outras na palma da mão e depois, estendendo o braço, mostrou as ruínas do palácio da Renascença, com um gesto que parecia indicar particularmente a ala da esquerda e a parte superior dessa ala.

Seria um gesto automático? Ou deveria ser considerado um agradecimento pelas duas moedas de ouro?

Ele observou o conde. Este não parava de sorrir.

– Do que é que ele está rindo, esse animal? – perguntou Lupin. – Parece até que está zombando de mim.

Pelo sim, pelo não, seguiu na direção do palácio, acompanhado de sua escolta.

No térreo, havia imensas salas que se comunicavam umas com as outras, e onde tinham reunido alguns móveis que escaparam do incêndio.

No primeiro andar, do lado norte, havia uma longa galeria para a qual se abriam doze belas salas perfeitamente idênticas.

A mesma galeria repetia-se no segundo andar, mas com 24 quartos, também semelhantes uns aos outros. Tudo isso vazio, em ruínas, num estado lamentável.

Em cima, nada. As mansardas tinham sido queimadas.

Durante uma hora, Lupin andou, correu, galopou, incansável, com os olhos atentos.

Quando a noite caiu, correu na direção de uma das doze salas do primeiro andar, como se a tivesse escolhido por razões particulares, que só ele conhecia.

Ficou surpreso ao encontrar o imperador fumando, sentado numa poltrona que mandara trazer.

Sem se incomodar com sua presença, Lupin começou a examinar a sala, segundo os procedimentos que tinha o costume de empregar nesses casos, dividindo a sala em setores, que inspecionava um depois do outro. Ao fim de vinte minutos, disse:

– Gostaria de pedir que se afastasse, Sire. Aqui há uma chaminé...

O imperador balançou a cabeça.

– Preciso mesmo me afastar?

– Sim, Sire, essa chaminé...

– Essa é uma chaminé como outra qualquer, esta sala não difere em nada das salas vizinhas.

Lupin olhou o imperador sem compreender. Este então se levantou e disse, rindo:

– Creio – sr. Lupin –, que o senhor estava zombando de mim.

– Como, Sire?

– Oh! Meu Deus, nada demais! Você ganhou a liberdade sob a

condição de me entregar os papéis que me interessavam, mas não tem a menor ideia de onde eles estão. Fui... como é que vocês dizem? Enrolado?

– Acha, Sire?

– Oras! O que sabemos onde está, não precisamos procurar, e lá se vão bem umas dez horas que você está procurando. Não acha que cabe aqui um retorno imediato à prisão?

Lupin pareceu estupefato:

– Vossa Majestade não marcou para amanhã, ao meio-dia, o prazo final?

– Por que esperar?

– Por quê? Para que eu possa concluir minha obra.

– Sua obra? Mas ela nem mesmo começou, sr. Lupin.

– Nisso, Vossa Majestade está enganada.

– Prove, e eu esperarei até amanhã, ao meio-dia.

Lupin refletiu e declarou, sério:

– Se Vossa Majestade precisa de provas para poder confiar em mim, ei-las. As doze salas que dão para esta galeria receberam cada uma um nome diferente, cuja inicial está marcada na entrada. Uma dessas inscrições, menos apagada do que as outras pelas chamas, me chamou a atenção quando eu estava atravessando a galeria. Examinei as outras salas e descobri, já um pouco apagadas, outras iniciais gravadas na galeria, acima dos frontões.

“Ora, uma dessas iniciais era um D, a primeira letra de Diana. A outra era um A, a primeira letra de Apolo. E esses são dois nomes de divindades mitológicas. As outras iniciais seriam da mesma natureza? Reconheci um J, inicial de Júpiter. Um V, inicial de Vênus, um M, inicial de Mercúrio. Um S, inicial de Saturno etc. Essa parte do problema estava resolvida: cada uma das doze salas leva o nome de uma divindade do Olimpo, e a combinação Apoo, completada por Isilda, designa a sala de Apolo.

“É aqui, portanto, nesta sala, que estão escondidas as cartas. Agora basta alguns minutos para descobri-las.”

– Alguns minutos ou anos... ou mais! – disse o imperador, rindo.

Ele parecia estar se divertindo muito, e o conde também

demonstrava muita alegria.

Lupin perguntou:

– Vossa Majestade quer me explicar?

– Sr. Lupin, a fascinante investigação que está realizando hoje, e da qual nos traz brilhantes resultados, eu já fiz. Sim, há duas semanas, na companhia de seu amigo Herlock Sholmès. Juntos, interrogamos a pequena Isilda. Juntos, empregamos com ela o seu mesmo método, e juntos descobrimos as iniciais da galeria e chegamos até aqui, à sala de Apolo.

Lupin estava lívido. E balbuciou:

– Ah! Sholmès... chegou... até aqui?...

– Sim, depois de quatro dias de buscas. É verdade que isso não nos ajudou, pois não descobrimos nada. Apesar disso, sei que as cartas não estão aqui.

Tremendo de raiva, atingido no fundo de seu orgulho, Lupin protegia-se com a ironia, como se tivesse levado uma chicotada. Jamais se sentira tão humilhado. Em seu furor, teria estrangulado o enorme Waldemar, cujo riso o exasperava.

Contendo-se, ele disse:

– Sholmès precisou de quatro dias, Sire. Eu precisei de algumas horas. E teria levado ainda menos tempo, se minhas buscas não tivessem sido interrompidas.

– Por quem, meu Deus? Por meu fiel conde? Espero que ele não tenha...

– Não, Sire, pelo meu mais terrível e poderoso inimigo, por aquele ser diabólico que matou o próprio cúmplice, Altenheim.

– Ele está aqui? Você acha? – exclamou o imperador, numa agitação que demonstrava que nenhum detalhe daquela história dramática lhe era estranho.

– Ele está em todo lugar onde estou. Ele me ameaça com seu ódio constante. Foi ele quem me descobriu debaixo do sr. Lenormand, chefe da Sûreté, foi ele quem me pôs na prisão, e foi ele também quem me perseguiu, no dia em que fui libertado. Ontem, tentando me atingir no carro, ele feriu o conde de Waldemar.

– Mas quem garante, quem diz que ele está em Veldenz?

– Isilda ganhou duas moedas de ouro, duas moedas francesas!
– E por que ele viria até aqui? Para quê?
– Não sei, Sire, mas ele é o próprio espírito do mal. Cuidado, Majestade! Ele é capaz de qualquer coisa.

– Impossível! Tenho cem homens nestas ruínas. Ele não pode ter entrado. Teríamos visto.

– Alguém certamente o viu.

– Quem?

– Isilda.

– Vamos interrogá-la! Waldemar, leve o prisioneiro à presença da jovem.

Lupin mostrou suas mãos amarradas.

– A batalha vai ser dura. Consigo me defender assim?

O imperador disse ao conde:

– Solte-o... E mantenha-me informado...

E assim, mencionando de modo repentino, com alguma ousadia e sem nenhuma prova, a figura abominável do assassino, Arsène ganhava tempo e voltava ao controle da investigação.

“Ainda tenho dezesseis horas”, pensava. “É mais do que preciso.”

Ele chegou ao local ocupado por Isilda, no lugar mais afastado das dependências de serviço, os prédios que serviam de caserna aos duzentos guardas das ruínas, cuja ala esquerda, onde estavam, era reservada aos oficiais.

Isilda não estava lá.

O conde enviou dois de seus homens. Eles voltaram. Ninguém tinha visto a jovem.

Mas ela não podia ter saído pelas muralhas das ruínas. Quanto ao palácio da Renascença, ele estava, por assim dizer, ocupado por metade das tropas, e ninguém poderia entrar ali.

Por fim, a esposa de um oficial que morava no alojamento ao lado afirmou que, estando o tempo todo à janela, não viu a moça sair.

– Se não saiu – exclamou Waldemar –, deveria estar aqui, mas não está.

Lupin observou:

– Existe um andar aqui em cima?

– Existe, mas deste aposento até esse andar, não há nenhuma escada.

– Há, sim.

Ele indicou uma pequena porta aberta, num canto escuro. Na penumbra, viam-se os primeiros degraus de uma escada, íngreme como uma escada portátil.

– Por favor, meu caro conde – disse a Waldemar que queria subir –, me dê a honra.

– Por quê?

– É perigoso.

Ele avançou e, imediatamente, saltou para dentro de um ático estreito e baixo.

Soltou um grito:

– Opa!

– O que houve? – disse o conde, chegando por sua vez.

– Aqui... neste piso... Isilda...

Ele se ajoelhou, mas imediatamente, ao primeiro exame, notou que a jovem estava apenas aturdida, e que não havia nenhum indício de ferimento, exceto alguns arranhões nos punhos e nas mãos.

Em sua boca, servindo de mordaca, havia um lenço.

– Foi isso – disse ele. – O assassino esteve aqui com ela. Quando chegamos, ele a derrubou com um soco e a amordaçou para que não ouvíssemos os seus gemidos.

– Mas por onde ele fugiu?

– Por ali... veja... há um corredor que se comunica com todas as mansardas do primeiro andar.

– E de lá?

– De lá, desceu pela escada de um dos alojamentos.

– Mas teríamos visto!

– Pff! Como vamos saber? Esse sujeito é invisível. Tanto faz! Mande avisar seus homens. Que eles procurem em todas as mansardas e alojamentos do térreo!

Ele hesitou. Iria também atrás do assassino? Mas um ruído o trouxe de volta à jovem. Ela tinha se levantado, e uma dúzia de moedas de ouro rolaram de suas mãos. Ele examinou. Eram todas

francesas.

– Olha só – disse –, eu não estava enganado. Mas, por que tanto ouro? Em troca de quê?

De repente, notou um livro no chão e abaixou-se para pegá-lo. Mas, com um movimento rápido, a jovem avançou, agarrou o livro e o apertou contra o peito com uma energia selvagem, como que prestes a defendê-lo de qualquer investida.

– É isso, as moedas tinham sido oferecidas em troca do livro, mas ela se recusou a se desfazer dele. Daí os arranhões em sua mão. O interessante seria saber por que o assassino queria esse livro. Será que conseguiu ler?

E disse a Waldemar:

– Meu caro conde, dê a ordem, por favor...

Waldemar fez um sinal. Três homens avançaram sobre a jovem e, depois de uma luta obstinada, em que a infeliz se torcia, tremendo de raiva e gritando, arrancaram-lhe o livro.

– Calma, criança – dizia Lupin –, calma... É por uma boa causa... Vigiem ela! Enquanto isso, vou examinar o objeto da disputa.

Era, numa velha capa que datava de pelo menos um século, um volume avulso de Montesquieu, intitulado *O Templo de Gnide*. Assim que abriu, Lupin exclamou:

– Olha, que interessante. Do lado direito de cada página, colaram uma folha de pergaminho e, sobre essas folhas, escreveram algo em letras muito pequenas e amontoadas.

Ele leu, logo no início:

“Diário do cavaleiro Gilles de Mairèche, criado francês de sua Alteza Real, o príncipe de Deux-Ponts-Veldenz, iniciado no ano da graça de 1794.”

– Como assim? – disse o conde...

– O que há de estranho nisso?

– O avô de Isilda, o velho que morreu há dois anos, chamava-se Malreich, ou seja, é o mesmo nome germanizado.

– Ótimo! O avô de Isilda deve ser filho ou neto do criado francês que escreveu seu diário num tomo avulso de Montesquieu. E foi assim que este diário passou para as mãos de Isilda.

Ele folheou ao acaso:

“15 de setembro de 1796 – Sua Alteza caçou.

“20 de setembro de 1796 – Sua alteza saiu a cavalo. Montou no Cupido.”

– É – murmurou Lupin –, até aqui, nada de muito interessante. – Ele leu mais adiante:

“12 de março de 1803. Mande dez escudos para Hermann. Ele é cozinheiro em Londres.”

Lupin começou a rir.

– Ah! Ah! Hermann foi destronado. O respeito está degradingolando.

– O grão-duque regente – observou Waldemar –, de fato foi expulso do reino pelas tropas francesas.

Lupin continuou:

“1809 – Hoje, terça-feira, Napoleão dormiu em Veldenz. Fiz a cama de Sua Majestade e, no dia seguinte, esvaziei seu penico.”

– Ah! – disse Lupin. – Napoleão então dormiu em Veldenz?

– Sim, sim, quando se reuniu com a tropa, durante a campanha da Áustria, que deveria terminar em Wagram. Foi uma honra para a família do duque, que ficou muito orgulhosa, depois disso.

Lupin retomou:

“28 de outubro de 1814 – Sua Alteza Real voltou para o reino.

“29 de outubro – Esta noite, levei Sua Alteza até o esconderijo, e fiquei feliz em mostrar que ninguém soube de sua existência. Além disso, como imaginar que um esconderijo pudesse ter sido feito em...”

Uma pausa brusca... um grito de Lupin... Isilda subitamente escapara dos homens que a vigiavam, lançara-se sobre ele e fugira, levando o livro.

– Ah! Menina! Corram... Deem a volta por baixo. Eu vou atrás dela pelo corredor.

Mas ela fechou a porta atrás de si e passou o ferrolho. Ele teve que descer e percorrer o corredor dos alojamentos, assim como os outros, procurando uma escada para subir de novo ao primeiro andar.

Sozinho, e estando o quarto alojamento aberto, ele pôde subir. Mas o corredor estava vazio, e ele precisou bater em portas, forçar fechaduras e entrar em quartos vazios, enquanto Waldemar,

empenhado como ele na perseguição, rasgava as cortinas e a tapeçaria com a ponta do sabre.

Ouviram-se gritos que vinham do térreo, da ala direita. Eles acorreram. Era uma das mulheres dos oficiais acenando do fundo do corredor, dizendo que a jovem estava na sua casa.

– Como você sabe? – perguntou Lupin.

– Eu a vi entrar no meu quarto. A porta estava fechada, e eu ouvi o barulho.

Lupin, de fato, não conseguiu abrir.

– A janela, gritou, deve haver uma janela.

Foi levado para fora e, imediatamente, usando o sabre do conde, quebrou os vidros com um golpe.

Depois, apoiado em dois homens, subiu na parede, enfiou o braço, girou a trava e caiu dentro do quarto.

Agachada junto à chaminé, viu Isilda em frente às chamas.

– Ah! Miserável! – gritou Lupin. – Ela atirou no fogo! – Ele a afastou bruscamente, tentou pegar o livro, mas queimou as mãos. Então, com uma pinça da lareira, puxou o livro e cobriu-o com a passadeira da mesa, para abafar as chamas.

Mas era tarde demais. As páginas do velho manuscrito, consumidas, desfizeram-se em cinzas.

— 2 —

Lupin olhou durante um longo tempo para ela. O conde disse:

– Parece até que ela sabe o que está fazendo.

– Não, não, ela não sabe. Mas seu avô deve ter confiado o livro a ela como a um tesouro, um tesouro que ninguém deveria olhar, e, em seu instinto um pouco estúpido, ela achou melhor lançar no fogo do que ficar sem ele.

– E agora?

– Agora, o quê?

– Você não vai encontrar o esconderijo?

– Ah! Ah! Meu caro conde, ao menos por um instante você considerou possível meu sucesso? E Lupin não lhe parece mais um completo charlatão? Fique tranquilo, Waldemar, Lupin tem outros trunfos no bolso. Eu vou conseguir.

– Antes do meio-dia, amanhã?

– Antes da meia-noite, hoje. Mas estou morrendo de fome. E se puder me fazer essa gentileza...

Ele foi levado a uma dependência de serviço reservada à alimentação dos suboficiais, onde serviram uma refeição substancial, enquanto o conde fazia o relatório para o imperador.

Vinte minutos depois, Waldemar voltava. Sentaram-se um diante do outro, em silêncio e pensativos.

– Waldemar, um bom charuto seria bem-vindo... Obrigado. Este estala como convém a um cubano de respeito.

Ele acendeu o charuto e, ao cabo de um ou dois minutos, disse:

– Pode fumar, conde, isso não me incomoda. – Uma hora se passou. Waldemar estava com sono e, de tempos em tempos, para manter-se acordado, tomava uma taça de fina champanhe. Soldados iam e vinham, a serviço.

– Café – pediu Lupin.

Trouxeram-lhe café.

– Está péssimo – resmungou. – Se é deste que bebe o César! Mais uma xícara, mesmo assim, Waldemar. A noite talvez seja longa. Nossa! Que horror de café!

Ele acendeu outro charuto e não disse mais nenhuma palavra.

Minutos se passaram. Ele não se mexia nem falava.

Subitamente, Waldemar levantou-se com um ar indignado e disse a Lupin:

– Ei! De pé!

Nesse momento, Lupin estava assobiando. E continuou a assobiar tranquilo.

– De pé – estou dizendo.

Lupin voltou-se. Sua Majestade acabava de entrar. Ele se levantou.

– Como estamos? – disse o imperador.

– Acredito, Sire, que daqui a pouco poderei dar uma satisfação a Vossa Majestade.

– O quê? Você sabe...

– O esconderijo? Mais ou menos, Sire... Ainda me escapam alguns detalhes... mas, quando estiver no local, tudo vai se esclarecer, não tenho dúvidas.

– Devemos ficar aqui?

– Não, Sire, eu pediria que me acompanhasse até o palácio da Renascença. Mas temos tempo e, se Vossa Majestade me autoriza, eu gostaria agora de refletir sobre dois ou três pontos.

Sem esperar a resposta, ele se sentou, para a grande indignação de Waldemar.

Em seguida, o imperador, que havia se afastado e estava conversando com o conde, voltou a se aproximar.

– O sr. Lupin está pronto?

Lupin ficou em silêncio. Mais uma pergunta, e ele baixou a cabeça.

– Mas, ele está dormindo, parece que está dormindo.

Furioso, Waldemar sacudiu-o bruscamente pelos ombros. Lupin caiu da cadeira, rolou pelo chão, teve duas ou três convulsões e não se mexeu mais.

– O que é que houve? – exclamou o imperador. – Espero que não esteja morto!

Pegou uma vela e se agachou.

– Ele está pálido! Como cera!... Olhe, Waldemar... Ponha a mão no coração dele... Ele está vivo, não está?

– Sim, Sire – disse o conde, depois de um instante –, o coração está batendo normalmente.

– Então, o que houve? Não estou entendendo... O que aconteceu?

– E se eu for buscar um médico?

– Vá, corra.

O médico encontrou Lupin no mesmo estado, inerte e sereno. Pediu que o estendessem sobre uma cama, examinou-o por um longo tempo e perguntou como o doente havia se alimentado.

– Receia que ele possa ter sido envenenado, doutor?

– Não, Sire, não há vestígios de envenenamento. Mas, acho que... O que este prato e esta xícara estão fazendo aqui?

– Café – disse o conde.

– Para o senhor?

– Não, para ele. Eu não bebi.

O médico pegou o café, provou e concluiu:

– Eu tinha razão: o enfermo aqui dormiu com a ajuda de um narcótico.

– Mas, quem...? – exclamou o imperador, irritado. – Ora, Waldemar, isso tudo é irritante!

– Sire...

– É! Sim, para mim, chega! Estou começando a acreditar que este homem tem razão, e que há alguém aqui no castelo... As moedas de ouro, o narcótico...

– Se alguém tivesse entrado por aqueles muros, saberíamos, Sire... Faz três horas que estamos buscando por toda parte.

– Mas, não fui eu quem preparou o café, isso eu garanto... E se não foi você...

– Oh! Sire!

– Muito bem! Busque... investigue... Você tem duzentos homens à disposição, e o lugar não é tão grande assim! O bandido deve estar por

aqui, atrás desses prédios... na cozinha... sei lá! Vá! Mexa-se!

Durante toda a noite, o enorme Waldemar trabalhou conscienciosamente, seguindo as ordens do seu superior, mas sem convicção, pois era impossível que houvesse um estranho escondido no meio de ruínas tão bem vigiadas. E de fato os acontecimentos lhe deram razão: as buscas foram inúteis, e ninguém foi capaz de descobrir a mão misteriosa que preparara a bebida soporífera.

Lupin passou a noite toda deitado em sua cama, inerte. De manhã, o médico, que não havia deixado o local, disse a um enviado do imperador que o doente ainda estava dormindo.

Às nove horas, no entanto, ele fez um primeiro gesto, uma espécie de esforço para se levantar.

Um pouco mais tarde, balbuciou:

– Que horas são?

– Nove e trinta e cinco.

Ele fez um novo esforço, e sentia-se que lutava, em seu torpor, para recobrar a consciência. Um relógio bateu dez horas.

Ele estremeceu e disse:

– Me levem... me levem até o palácio.

Com a aprovação do médico, Waldemar chamou seus homens e mandou avisar o imperador.

Deitaram Lupin em uma maca e seguiram em direção ao palácio.

– Para o primeiro andar – murmurou.

E subiram.

– No fim do corredor – disse –, o último quarto à esquerda.

Levaram-no até o último quarto, de número doze, e deram-lhe uma cadeira onde se sentou, exausto.

O imperador chegou: Lupin não se mexeu, parecendo inconsciente, com um olhar inexpressivo.

Alguns minutos depois, pareceu acordar, olhou as paredes à sua volta, o teto, as pessoas, e disse:

– Narcótico, não foi?

– Sim – declarou o médico.

– Encontraram... o homem?

– Não.

Ele pareceu meditar e, por diversas vezes, balançou a cabeça com um ar pensativo, mas logo perceberam que estava dormindo.

O imperador aproximou-se de Waldemar.

– Mande preparar seu carro.

– Ah! Mas, Sire?...

– O quê! Estou começando a achar que ele está zombando de nós, e que tudo isso não passa de uma comédia para ganhar tempo.

– Talvez... pode ser... – concordou Waldemar.

– Mas é claro! Ele está tirando proveito de algumas coincidências curiosas, mas não sabe de nada, e essa história das moedas de ouro, do narcótico, é tudo invenção! Se continuarmos aceitando esse jogo ele vai acabar escapando pelas nossas mãos. O carro, Waldemar.

O conde deu as ordens e voltou. Lupin ainda não tinha acordado. O imperador, que estava examinando a sala, disse para Waldemar:

– Esta é a sala de Minerva, não é?

– Sim, Sire.

– Mas, então, por que esse N, em dois lugares?

Havia de fato dois N, um sobre a chaminé, o outro sobre um velho relógio encastrado na parede, em mau estado, com um complicado mecanismo à mostra, e pesos inertes, na ponta das correntes.

– Esses dois N – disse Waldemar...

O imperador não ouviu a resposta. Lupin tinha se agitado outra vez, abrindo os olhos e articulando sílabas incompreensíveis. Ele se levantou, caminhou pela sala e caiu de novo, esgotado.

Seguiu-se então uma luta, a luta feroz de seu cérebro, dos seus nervos, de toda sua vontade contra aquele torpor terrível que o paralisava, a luta de um moribundo contra a morte, a luta da vida contra o nada.

E foi um espetáculo imensamente doloroso.

– Ele está sofrendo – murmurou Waldemar.

– Ou fingindo que está sofrendo – disse o imperador –, mas finge que é uma maravilha. Que ator!

Lupin balbuciou:

– Um pouco, doutor, um pouquinho de cafeína... agora...

– Me permite, Sire? – perguntou o médico.

– Claro... Até o meio-dia, faremos tudo o que ele quiser. Ele tem minha palavra.

– Quantos minutos... até o meio-dia? – retomou Lupin.

– Quarenta, disseram.

– Quarenta?... Eu consigo... eu sei que eu consigo... Preciso...

Ele pôs as mãos na cabeça.

– Ah! Se meu cérebro estivesse aqui, o verdadeiro, meu cérebro bom, o que pensa! Seria coisa de um segundo! Tem só um ponto obscuro... Mas não consigo... o raciocínio foge... não consigo segurar... é horrível...

Suas costas estremeciam. Estaria chorando?

Ele repetia:

– 813... 813...

E, mais baixo:

– 813... um 8, um 1... um 3... é, é claro... mas, por quê?... Não basta.

O imperador murmurou:

– Estou impressionado. Custo a crer que um homem possa interpretar um papel assim...

Onze e meia... onze e quarenta e cinco...

Lupin continuava imóvel, os punhos colados contra a testa.

O imperador esperava, com os olhos fixos no relógio que estava nas mãos de Waldemar.

– Mais dez minutos... mais cinco...

– Waldemar, o carro está aí? Seus homens estão prontos?

– Sim, Sire.

– Seu relógio bate as horas?

– Sim, Sire.

– Quando soar o último toque do meio-dia...

– Mas...

– Quando soar o último, Waldemar.

A cena tinha qualquer coisa de trágico, aquela espécie de grandeza e solenidade que as horas adquirem quando estamos próximos de um possível milagre. É como se a própria voz do destino

estivesse a ponto de soar.

O imperador não escondia sua aflição. Aquele aventureiro bizarro chamado Arsène Lupin, cuja vida prodigiosa ele conhecia, aquele homem o perturbava, e ainda que decidido a encerrar com todo o equívoco que era aquela história, ele era incapaz de não esperar.

Mais dois minutos... um minuto. Em seguida, contaram os segundos.

Lupin parecia estar dormindo.

– Vamos, prepare-se – disse o imperador ao conde.

Este avançou em direção a Lupin e pôs a mão em seu ombro.

O toque cristalino do relógio de bolso soou... um, dois, três, quatro, cinco...

– Waldemar, suspenda os pesos do velho relógio.

Um momento de estupor. Foi Lupin quem falou, com toda calma.

Waldemar deu de ombros, indignado com tamanha intimidade.

– Obedeça, Waldemar – disse o imperador.

– Obedeça, meu caro conde – insistiu Lupin, que voltava com sua ironia –, está nas suas mãos, é só puxar as cordas do relógio... Uma depois da outra... um, dois... Maravilha... Assim é que se dava corda, antigamente.

De fato, o pêndulo foi acionado, e ouviram o tique-taque esperado.

– Agora, os ponteiros – disse Lupin. – Posicione-os um pouco antes do meio-dia... Não se mexa... deixe que eu faça...

Ele se levantou e avançou em direção ao mostrador, a um passo de distância no máximo, com os olhos fixos, perfeitamente atento.

Soaram as doze batidas, doze batidas pesadas, profundas.

Um longo silêncio. Nada aconteceu. Mas o imperador esperava, como se tivesse certeza de que algo iria acontecer. E Waldemar não se mexia, com os olhos escancarados.

Lupin, que estava muito próximo do mostrador, afastou-se e murmurou:

– Perfeito... estou chegando...

Ele voltou em direção à cadeira e ordenou:

– Waldemar, ponha os ponteiros em dois para o meio-dia. Ah!

Não, meu caro, no sentido anti-horário, não... no sentido deles... É! Demora mais, mas... fazer o quê?

Todas as horas e todas as meias horas soaram, até as onze e meia.

– Ouça, Waldemar – disse Lupin.

E ele falava sério, sem zombaria, como que emocionado e ansioso.

– Ouça, Waldemar, está vendo um pontinho redondo no mostrador, marcando a primeira hora? Esse pontinho mexe, não mexe? Encontre o indicador da mão esquerda nele e aperte. Isso. Faça o mesmo com o polegar, no ponto que marca as três horas. Isso... Com a mão direita, aperte o ponto que marca as oito horas. Isso. Obrigado. Agora sente-se, meu caro.

Um instante, e em seguida o ponteiro maior se movimentou, chegando nas doze horas... E soou de novo o meio-dia.

Lupin estava quieto, muito pálido. No silêncio, soaram as doze batidas.

Ao soar a última, ouviu-se um ruído, algo que se punha em marcha. O relógio parou. O pêndulo ficou imóvel.

Subitamente, o motivo em bronze que estampava o mostrador, uma cabeça de carneiro, abriu-se para baixo, revelando uma espécie de nicho talhado em plena pedra.

Nesse nicho, havia uma caixa de prata cinzelada.

– Ah! – disse o imperador. – Você tinha razão.

– Ainda duvidava, Sire? – disse Lupin.

Ele pegou a caixa, que entregou ao imperador.

– Queira Vossa Majestade abrir. As cartas que me incumbiu de encontrar estão aqui.

O imperador abriu a tampa e pareceu surpreso...

A caixa estava vazia.

A caixa estava vazia!

Foi um golpe de cena, imenso, imprevisto. Depois do êxito dos cálculos de Lupin, depois da descoberta tão engenhosa do segredo do relógio, o imperador, para quem o triunfo final era certo, parecia confuso.

Diante dele, Lupin, pálido, com as mandíbulas contraídas, o olhar injetado de sangue, rangia de raiva e ódio impotentes. Ele enxugou a testa coberta de suor, pegou rapidamente a caixa, virou-a, examinou-a, como se esperasse encontrar um fundo falso. Por fim, para que não restasse dúvida, num acesso de fúria, arrebentou-a com um aperto irresistível.

Aquilo o aliviou. Ele respirou mais tranquilo.

O imperador disse:

– Quem fez isso?

– A mesma pessoa. Sire, o sujeito que está na mesma pista que eu, e atrás do mesmo objetivo, o assassino do sr. Kesselbach.

– Quando?

– Esta noite. Ah! Sire, se me tivessem deixado livre, quando saí da prisão! Livre, eu teria chegado aqui sem perda de tempo. Eu teria chegado antes dele! Antes dele, eu teria dado aquelas moedas para a Isilda!... Antes dele, eu teria lido o diário de Malreich, o velho criado francês!

– Você acha então que ele se guiou pelas revelações daquele diário?...

– Ah! Sim, Sire, ele teve tempo de ler. E nas sombras, não sei onde, seguindo nossos movimentos, não sei como nem por quem, ele me pôs para dormir, para se livrar de mim durante esta noite.

– Mas o palácio estava sendo vigiado.

– Vigiado pelos seus soldados, Sire. E isso faz alguma diferença para um homem como ele? Não duvido que Waldemar tenha

concentrado suas buscas nas dependências de serviço, deixando livres as portas do palácio.

– Mas e o ruído do relógio? As badaladas durante a noite?

– Um jogo de criança, Sire! É um jogo de criança impedir um relógio de soar!

– Isso tudo está me parecendo bem inverossímil.

– Isso tudo está me parecendo muito claro, Sire. Se fosse possível dar uma busca agora no bolso de todos os seus homens, saber tudo o que vão comprar nos próximos anos, encontraríamos dois ou três que, a esta hora, estão de posse de algum dinheiro, dinheiro francês, que fique bem claro.

– Ora! – protestou Waldemar.

– Claro, meu caro conde, é uma questão de preço, e *para ele*, isso não é nada. Se ele quisesse, tenho certeza que você mesmo...

O imperador não estava escutando, absorto em suas reflexões. Ele caminhou da direita para a esquerda pelo quarto, depois fez um sinal para um dos oficiais que estava na galeria.

– Meu carro... e depressa... vamos embora.

Ele parou, observou Lupin por um instante e, aproximando-se do conde, disse:

– Você também, Waldemar, vamos... direto para Paris, sem parar...

Lupin aguçou o ouvido. Ouviu Waldemar responder:

– Quero mais uma dúzia de guardas, com o diabo desse homem!...

– Pode levar. E depressa, você precisa chegar ainda esta noite.

Lupin deu de ombros e murmurou:

– Que absurdo!

O imperador voltou-se na sua direção, e Lupin continuou:

– É! Sim, Sire, pois Waldemar é incapaz de me vigiar. Minha fuga seria certa, e acha...

Ele bateu um pé com violência.

– Acha, Sire, que mais uma vez eu vou perder tempo? Se vocês estão abandonando a luta, eu não estou. Comecei e vou terminar.

O imperador objetou:

– Eu não abandonei, mas minha polícia agora vai entrar em ação.
Lupin estourou num riso.

– Desculpe, Majestade! Que graça! A polícia de Vossa Majestade! Ela vale o mesmo que qualquer outra polícia deste mundo, ou seja, nada, absolutamente nada! Não, Sire, eu não vou voltar para a Santé. Para a prisão, não estou nem aí. Mas preciso da minha liberdade contra esse homem, e eu a terei.

O imperador impacientou-se.

– Você nem sabe quem esse homem é.

– Mas vou saber, Sire. E só eu posso descobrir. E ele sabe que só eu posso descobrir. Sou seu único inimigo. É só a mim que ele ataca. Fui eu que ele tentou atingir, outro dia, com uma bala de revólver. Fui eu que ele pôs para dormir, esta noite, para ficar livre para agir à vontade. O duelo é entre nós. O mundo não tem nada a ver com isso. Ninguém pode me ajudar, e ninguém pode ajudá-lo. Somos só nós dois, e pronto. Até aqui, a sorte o favoreceu. Mas, no fim das contas, é inevitável, é fatal que eu leve a melhor.

– Por quê?

– Porque eu sou mais forte.

– E se ele te matar?

– Ele não vai me matar. Eu vou arrancar as garras dele, eu vou reduzi-lo a nada. E vou ficar com as cartas. Não tem força humana capaz de me impedir de recuperá-las.

Ele falava com uma convicção e uma certeza que conferiam ao que estava prevendo a aparência real das coisas já acontecidas.

O imperador, a contragosto, sentia algo confuso, inexplicável, uma espécie de admiração e muito daquela confiança que Lupin exigia de um modo tão categórico. No fundo, era apenas por escrúpulo que ele hesitava em empregar aquele homem e fazer dele, por assim dizer, seu aliado. E, preocupado, sem saber que partido tomar, ele andava da galeria até as janelas, sem pronunciar uma palavra.

Por fim, disse:

– E quem garante que essas cartas foram roubadas esta noite?

– A data está escrita, Sire.

– O que você está dizendo?

– Olhe na parte interna do frontão que cobria o esconderijo. A data está escrita em giz branco: meia-noite, 24 de agosto.

– É mesmo... é mesmo... – murmurou o imperador, desconcertado. – Como foi que não vi?

E acrescentou, revelando sua curiosidade:

– Como aqueles dois N escritos no muro... não entendo. Este é o salão da Minerva.

– Este é o salão onde dormiu Napoleão, imperador da França – declarou Lupin.

– Como você sabe?

– Pergunte ao Waldemar, Sire. Quando li o jornal do velho criado, tive uma revelação. Entendi que Sholmès e eu havíamos seguido uma pista falsa. *Apoo*, a palavra incompleta que o grão-duque Hermann escreveu em seu leito de morte, não é abreviação da palavra *Apolo*, mas de *Napoleão*.

– Verdade... você tem razão... – disse o imperador. – São as mesmas letras nas duas palavras, e na mesma ordem. É claro que o grão-duque quis escrever *Napoleão*. Mas, e o número 813?...

– Ah! Esse foi o ponto que me deu mais trabalho para esclarecer. Sempre achei que era preciso somar os três números 8, 1 e 3, e o número 12 assim obtido imediatamente me remeteu a esta sala, que é a décima segunda da galeria. Mas isso não era o suficiente. Deveria haver outra coisa, outra coisa que meu cérebro, então enfraquecido, não conseguia formular. Quando vi o relógio, este relógio, justamente na sala Napoleão, tive uma revelação. O número 12, é claro, referia-se à décima segunda hora. Meio-dia! Meia-noite! Não é o horário mais solene, o que escolhemos com mais frequência? Mas por que esses três números 8, 1 e 3, e não outros, que dariam o mesmo resultado?

“Foi então que pensei em fazer soar o relógio uma vez, a título de preparação. E foi fazendo soar que vi que os indicadores da primeira, da terceira e da oitava hora eram móveis. Eu então tinha três números, 1, 3 e 8 que, postos numa sequência fatídica, davam o número 813. Waldemar apertou os três pontos. Que iniciou todo aquele processo. O resultado, Vossa Majestade já sabe...”

“Eis, Sire, a explicação dessa palavra misteriosa e dos três

números 813 que o grão-duque escreveu enquanto agonizava, e graças aos quais ele tinha a esperança de que seu filho descobrisse um dia o segredo de Veldenz e se apoderasse das famosas cartas que ele tinha escondido ali.”

O imperador escutara fascinado e atento, cada vez mais surpreso com o engenho, a elegância, a clarividência e a inteligência daquele homem.

– Waldemar? – disse ele.

– Sire?

Mas no momento em que ia falar, ouviu brados na galeria. Waldemar saiu e voltou.

– É aquela louca, Sire, estão tentando impedir ela de entrar.

– Deixem-na entrar – gritou Lupin rapidamente –, ela precisa vir, Sire.

A um gesto do imperador, Waldemar foi buscar Isilda. Quando a jovem entrou, foi um estupor. Seu rosto pálido estava coberto de manchas escuras. Seu rosto convulsionado revelava o mais vivo sofrimento. Ela estava ofegante, com as duas mãos crispadas contra o peito.

– Ah! – disse Lupin, espantado.

– O que houve? – perguntou o imperador.

– Seu médico, Sire! Imediatamente!

E avançando:

– Fale, Isilda... Você viu alguma coisa? Você tem alguma coisa para dizer?

A jovem parou, com os olhos vagos, como que iluminados pela dor. Ela articulou sons... nenhuma palavra.

– Ouça – disse Lupin. – Responda sim ou não... com um movimento de cabeça... Você o viu? Sabe onde ele está?... Sabe quem ele é?... Ouça, se você não responder...

Ele reprimiu um gesto de cólera. Mas, de repente, lembrando-se dos acontecimentos da véspera, e que ela parecia ter guardado alguma memória visual do tempo em que era lúcida, escreveu na parede branca um L e um M maiúsculos.

Ela estendeu o braço em direção às letras e sacudiu a cabeça,

como se concordasse.

– Que mais? – disse Lupin. – Que mais?... Escreva.

Mas ela soltou um grito terrível e se jogou no chão, aos berros.

Depois, subitamente, silêncio e imobilidade. E mais uma convulsão. Ela não se mexeu mais.

– Morreu? – perguntou o imperador.

– Envenenada, Sire.

– Ah! Infeliz... mas quem?

– *Ele*, Sire. Ela o conhecia, sem dúvida. Ele deve ter receado que ela pudesse revelar algo.

O médico chegou. O imperador mostrou Isilda. Depois, dirigindo-se a Waldemar, falou:

– Todos os homens atentos... Vasculhem a casa... Mandem um telegrama para os postos da fronteira...

Ele se aproximou de Lupin:

– De quanto tempo você precisa para recuperar as cartas?

– De um mês, Sire...

– Bem, Waldemar vai esperar você aqui. Ele vai receber minhas ordens e terá plenos poderes para providenciar o que você quiser.

– O que eu quero, Sire, é liberdade.

– Você está livre...

Lupin viu-o afastar-se e disse, entredentes:

– Primeiro, a liberdade... Depois, quando eu tiver devolvido suas cartas, Majestade, um simples aperto de mãos, exatamente, um aperto de mãos, de imperador a ladrão de casaca... Como prova de que está enganado, quando banca o difícil comigo. Ora, é inacreditável! Por ele, saí do meu apartamento no Santé-Palace, estou aqui prestando serviços e ele se permite essa arrogância... Se eu volto a pegar esse cliente!

Os sete bandidos

– A madame pode receber?

Dolorès Kesselbach pegou o cartão que o empregado estendeu e leu: *André Beauny*.

– Não – disse ela –, não o conheço.

– Este senhor insiste, madame. Disse que madame está aguardando a visita dele.

– Ah!... talvez... pode ser... Traga-o aqui.

Desde que aqueles acontecimentos abalaram sua vida, atingindo-a com uma obstinação implacável, Dolorès, após uma estada no hotel Bristol, veio se instalar em uma casa tranquila na rua des Vignes, em Passy.

Um belo jardim estendia-se nos fundos, cercado por outros jardins frondosos. Quando crises mais dolorosas não a mantinham dias inteiros no quarto, de janelas fechadas, invisível a todos, ela passeava debaixo das árvores e ficava lá, deitada, melancólica, incapaz de reagir contra o mau destino. A areia da vereda estalou de novo e, acompanhado pelo empregado, vinha um jovem elegante, vestido com simplicidade, no estilo antiquado de certos pintores, o colarinho rebatido e a gravata à Lavallière com bolinhas brancas, sobre um fundo azul-marinho.

O empregado afastou-se.

– André Beauny, não é? – disse Dolorès.

– Sim, madame.

– Não nos conhecemos...

– Sim, madame. Sabendo que eu era amigo da sra. d'Ernemont, avó de Geneviève, a senhora escreveu a ela, em Garches, dizendo que queria conversar comigo. Eis-me aqui.

Dolorès levantou-se, muito emocionada.

– Ah! O senhor é...

– Sou.

Ela balbuciou:

– Mesmo? É o senhor? Não estou reconhecendo.

– Não reconhece em mim o príncipe Paul Sernine?

– Não... nada é parecido... Nem a testa, nem os olhos... E também não foi assim que...

– Que os jornais descreveram o detento da Santé – disse ele, sorrindo. – Mas sou eu mesmo.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual ambos permaneceram constrangidos e pouco à vontade.

Por fim, ele disse:

– Posso saber a razão?

– Geneviève não lhe disse?

– Eu não a vi... Mas a avó dela pareceu entender que a senhora precisava dos meus serviços.

– Isso... Isso.

– E para quê? Fico honrado em...

Ela hesitou um instante, depois murmurou:

– Tenho medo.

– Medo! – exclamou ele.

– Sim – disse ela à meia voz –, tenho medo, medo de tudo, medo do dia de hoje e de amanhã, e de depois de amanhã... tenho medo da vida. Sofri tanto... Não aguento mais.

Ele a olhava com grande piedade. O sentimento confuso que sempre o ligara àquela mulher adquiria uma natureza mais precisa, agora que ela pedia proteção. Era uma necessidade ardente de dedicar-se a ela por inteiro, sem esperança de recompensa.

Ela prosseguiu:

– Agora estou só, completamente só, com empregados que contratei ao acaso, e estou sentindo medo... sinto muita agitação à minha volta.

– Em que sentido?

– Não sei. Sinto que o inimigo está me rodeando e se aproximando de mim.

– A senhora o viu? Reparou em alguma coisa?

– Sim, na rua, esses dias, passaram dois homens diversas vezes e

pararam diante da minha casa.

– Como eram?

– Teve um que vi melhor. Era alto, forte, barbeado e usava um casaco preto, curto.

– Como um garçom?

– Sim, ou um mordomo, talvez. Pedi para um dos meus empregados segui-lo. Ele pegou a rua de la Pompe e entrou em uma casa com aparência estranha, com um comércio de vinhos no térreo, a primeira casa à esquerda. Enfim, outra noite...

– Outra noite?

– Vi, da janela do meu quarto, um vulto no jardim.

– Só isso?

– Só.

Ele refletiu e propôs:

– Permite que dois de meus homens durmam aqui embaixo, em um dos quartos do térreo?

– Dois homens seus?

– Não! Não tenha medo... São dois homens valentes, o pai, Charolais, e o filho... que não são absolutamente o que parecem... Com eles, pode ficar tranquila. Quanto a mim...

Ele hesitou. Esperava que ela implorasse por sua volta. Como ela não dizia nada, ele disse:

– Quanto a mim, é melhor que não me vejam por aqui... É, é melhor... para a senhora. Meus homens vão me manter informado.

Ele quis falar mais e ficar, e sentar-se ao lado dela, e reconfortá-la. Mas tinha a impressão de que tudo estava dito, e que qualquer palavra a mais seria uma ofensa.

Então, despediu-se em voz baixa e se retirou.

Ele atravessou o jardim, caminhando depressa, ansioso por sair dali e dominar sua emoção. O empregado estava esperando por ele no vestíbulo. Quando atravessou a porta de entrada, na rua, alguém tocou a campainha, era uma jovem.

Ele estremeceu:

– Geneviève!

Ela fixou nele seus olhos assustados e, imediatamente, ainda que

desconcertada pela extrema juventude daquele olhar, ela o reconheceu, e aquilo causou nele uma tal perturbação que ela vacilou e teve que se apoiar na porta.

Ele havia tirado o chapéu e olhava para ela sem ousar estender a mão. Será que ela estenderia? Não era mais o príncipe Sernine... era Arsène Lupin. E ela sabia que ele era Arsène Lupin, e que estava saindo da prisão.

Lá fora, chovia. Ela deu o guarda-chuva para o empregado, murmurando:

– Abra a porta, por favor, e ponha ali do lado...

E passou direto.

“Meu pobre velho”, pensou Lupin de partida, “é muita emoção para um sujeito sensível como você. Cuide desse coração, senão... Bom, vamos, você está se molhando! Mau sinal, Lupin, você está ficando velho”.

Ele bateu no ombro de um jovem que estava atravessando a rua de la Murette, em direção à rua des Vignes. O jovem parou e, depois de um instante, disse:

– Desculpe, senhor, mas creio que não o conheço...

– Está enganado, meu caro sr. Leduc. Ou então, perdendo a memória. Lembre-se de Versalhes... do quartinho no hotel Trois-Empereurs...

– Você!

O jovem recuou, assustado.

– Meu Deus, eu mesmo, o príncipe Sernine. Ou melhor, Lupin, você sabe meu verdadeiro nome! Achou que Lupin estivesse morto? Ah! Sim, eu entendo, a prisão... você achou que... Ora, meu rapaz!

E bateu gentilmente em seu ombro.

– Vamos, meu jovem, calma, ainda temos alguns dias de sossego para fazer versos. A hora ainda não chegou. Faça versos, poeta!

E agarrou bruscamente em seu braço e disse, encarando-o:

– Mas a hora está chegando, poeta. Não se esqueça de que você me pertence, de corpo e alma. E prepare-se para cumprir seu papel. Ele será brutal e magnífico. E, meu Deus, você não me parece a pessoa adequada para o papel!

Ele desatou a rir, girou o próprio corpo e deixou o jovem Leduc estupefato.

Mais ao longe, na esquina da rua de la Pompe, ficava a casa de vinhos mencionada pela sra. Kesselbach. Ele entrou e conversou durante um longo tempo com o dono. Depois, entrou num carro que o levou até o Grand-Hôtel, onde morava sob o nome de André Beauny.

Os irmãos Doudeville estavam à sua espera.

Ainda que indiferente àquela espécie de prazer, Lupin apreciou o testemunho de admiração e devoção de seus amigos.

– Mas, chefe, explique... O que aconteceu? Estamos acostumados com suas proezas... mas, há limites... Então, o senhor está livre? E está aqui, em plena Paris, disfarçado.

– Aceita um charuto? – ofereceu Lupin.

– Não, obrigado.

– Mas deveria, Doudeville. Este é muito bom. Ganhei de um fino conhecedor, que se orgulha de minha amizade.

– Ah! Podemos saber?

– O Kaiser... Ei, não fiquem aí com essas caras de bobos, ponham-me a par de tudo, não tenho lido os jornais. Minha fuga, que efeito ela provocou no público?

– Fulminante, chefe!

– E a versão da polícia?

– Sua fuga teria acontecido em Garches, durante a reconstituição do assassinato de Altenheim. Infelizmente, os jornalistas provaram que aquilo teria sido impossível.

– E?

– E, que a surpresa foi geral. Procuraram, riram e se divertiram muito.

– E Weber?

– Weber está numa situação difícil.

– Fora isso, nada de novo no serviço da Sûreté? Descobriram alguma coisa sobre o assassino? Algum indício que nos permita estabelecer a identidade de Altenheim?

– Não.

– Incrível! E pensar que pagamos uma fortuna todo ano para

alimentar esse tipo de gente. Se continuar assim, vou me recusar a pagar impostos. Sente-se e pegue uma caneta. Você vai levar uma carta esta noite para o *Grand Journal*. Faz tempo que o mundo não tem notícias minhas. Devem estar impacientes. Escreva:

“Senhor diretor,

“Peço desculpas ao público, que com sua legítima impaciência vai ficar decepcionado.

“Fugi da prisão, mas não posso revelar como fugi. Seja como for, depois disso, descobri o famoso segredo, mas não posso revelar qual é, nem como o descobri.

“Mais dia menos dia, tudo isso será matéria de um livro, excêntrico talvez, que a partir de minhas notas contará minha biografia. Essa será uma página da história da França que nossos netos lerão com algum interesse.

“Mas, por enquanto, tenho mais o que fazer. Revoltado por ver nas mãos de quem foram parar as funções que eu exercia, cansado de constatar que o projeto Kesselbach-Altenheim ainda se encontra no mesmo estágio, destituo o sr. Weber e retomo o lugar de honra que ocupava, com tanto brilho, e para satisfação geral, sob o nome de Sr. Lenormand.

“Arsène Lupin, chefe da Sûreté.”

— 2 —

Às oito da noite, Arsène Lupin e Doudeville entravam no Caillard, o restaurante da moda. Lupin, de fraque, mas com calças largas de artista e gravata um pouco folgada. Doudeville, de sobrecasaca, com o aspecto e os modos sérios de um magistrado.

Escolheram um recesso do restaurante, separado do salão principal por duas colunas.

Um maître, correto e indiferente, aguardava as ordens com um caderno à mão. Lupin fez os pedidos com a minúcia e o refinamento de um apreciador de boa gastronomia.

– Bem – disse ele –, a prisão como um todo era aceitável, mas uma refeição bem cuidada faz falta.

E comeu com apetite e em silêncio, contentando-se às vezes com pronunciar uma frase curta, por meio da qual indicava suas preocupações.

– Claro, cuidaremos disso... mas vai ser difícil... E que adversário!... O que me espanta é que, depois de seis meses de luta, não sei nem mesmo o que ele quer!... Seu principal cúmplice está morto, chegamos ao fim da batalha, e no entanto não vejo com clareza qual é o seu jogo... O que ele quer, esse miserável?... Meu plano é claro: pôr a mão no grão-ducado, entronar um grão-duque de minha escolha, casá-lo com Geneviève... e reinar. Isso é claro, honesto e leal. Mas ele, esse personagem ignóbil, essa larva das profundezas, qual é o objetivo ele?

E chamou:

– Garçom!

O maître se aproximou.

– O senhor deseja?

– Charutos.

O maître voltou e abriu diversas caixas.

– Qual me aconselha? – perguntou Lupin.

– Aqui tem uns Upman excelentes.

Lupin ofereceu um Upman a Doudeville, pegou um para si e cortou-o. O maître acendeu o fogo e ofereceu a ele. Rapidamente, Lupin o agarrou pelo punho.

– Nem uma palavra... eu conheço você... seu verdadeiro nome é Dominique Lecas...

O homem, que era alto e forte, quis soltar-se. Abafou um grito de dor. Lupin havia torcido seu punho.

– Seu nome é Dominique... você mora na rua de la Pompe, no quarto andar, onde se aposentou com uma pequena fortuna adquirida a serviço – escute, imbecil, senão quebro seus ossos –, adquirida a serviço do barão Altenheim, em cuja casa trabalhava como mordomo.

O outro ficou imóvel, o rosto pálido de medo.

Em volta deles, o pequeno salão estava vazio. Ao lado, no restaurante, três senhores fumavam e dois casais conversavam, bebendo licor.

– Viu, estamos tranquilos... podemos conversar.

– Quem é você? Quem é você?

– Não está me reconhecendo? É só lembrar daquele famoso jantar na vila Dupont... Foi você mesmo, velho criado, quem me ofereceu o prato com os bolinhos... e que bolinhos!...

– O príncipe... o príncipe... – balbuciou o outro.

– Sim, o príncipe Arsène, o príncipe Lupin em pessoa... Ah! Ah! Você voltou a respirar... Acha que não tem nada a temer, em se tratando de Lupin, não é? Está enganado, meu caro, você tem sim o que temer.

Ele tirou do bolso uma carta e mostrou:

– Olhe aqui, agora sou da polícia... Fazer o quê, é sempre assim que terminamos... nós, os grandes mestres do roubo, os reis do crime.

– E agora? – retomou o maître, ainda inquieto.

– Agora, vá atender aquele cliente que está te chamando, faça seu serviço e volte. Sobretudo, nada de brincadeiras, não queira aprontar. Tenho dez agentes lá fora que estão de olho em você. Vá.

O maître obedeceu. Cinco minutos depois, voltava e, de pé diante da mesa, de costas para o restaurante, como se estivesse comentando a

qualidade dos charutos com os clientes, ele dizia:

– E então? Do que se trata?

Lupin enfileirou sobre a mesa algumas notas de cem francos.

– Uma nota para cada resposta correta às minhas perguntas.

– Está bem.

– Começo. Quantos vocês eram, ao lado do barão Altenheim?

– Sete, sem contar comigo.

– Não mais que isso.

– Não. Uma vez só, chamamos uns operários italianos para construir as galeras da vila de Glycines, em Garches.

– Havia duas galerias?

– Sim, uma dava no pavilhão Hortênsia, a outra começava na primeira e dava no pavilhão da sra. Kesselbach.

– O que vocês queriam?

– Levar a sra. Kesselbach.

– As duas empregadas, Suzanne e Gertrude, eram cúmplices?

– Eram.

– Onde elas estão?

– No exterior.

– E os sete companheiros do bando de Altenheim?

– Eu saí de lá. Eles continuam.

– Onde posso encontrá-los?

Dominique hesitou. Lupin mostrou dois bilhetes de mil francos e disse:

– Seus escrúpulos são louváveis, Dominique. Agora, esqueça-os e responda.

Dominique respondeu:

– Na estrada de la Révolte, número 3, em Neuilly. Um deles se chama Antiquário.

– Perfeito. E, agora, o nome, o nome verdadeiro de Altenheim? Você sabe?

– Sim. Ribeira.

– Dominique, isso não vai terminar bem. Ribeira é só um nome de guerra. Quero saber o nome verdadeiro.

– Parbury.

– Outro nome de guerra.

O maître hesitou. Lupin mostrou mais três notas de cem francos.

– Pff! – exclamou o homem. – Ele está morto mesmo, não está?

Bem morto.

– O nome dele? – disse Lupin.

– O nome? Cavaleiro de Malreich.

Lupin teve um sobressalto.

– O quê? O que é que você disse? Cavaleiro?... Repita... cavaleiro?

– Raoul de Malreich.

Um longo silêncio. Lupin, de olhos fixos, pensava na louca de Veldenz, morta envenenada. Isilda tinha o mesmo nome: Malreich. E era o nome do fidalgo francês que chegou à corte de Veldenz, no século XVII.

Ele prosseguiu:

– De que país era esse Malreich?

– De origem francesa, mas nascido na Alemanha... Vi os documentos dele, uma vez... Foi assim que fiquei sabendo o seu nome. Ah! Se ele soubesse, acho que me estrangularia.

Lupin refletiu e disse:

– Era ele quem comandava vocês?

– Era.

– Mas ele tinha um cúmplice, um sócio?

– Não! Não vamos falar sobre isso... sobre isso, não...

Uma enorme ansiedade estampava agora o rosto do maître. Lupin identificou a mesma espécie de medo, de repulsa, que ele próprio sentia ao pensar no assassino.

– Quem é? Você o viu?

– Não vamos falar dele, não devemos falar dele.

– Quem é, estou perguntando.

– É o mestre... o chefe... ninguém o conhece.

– Mas você o viu. Responda. Você o viu?

– Na penumbra, uma vez ou outra... de noite. De dia, nunca. As ordens chegavam por escrito nuns pedacinhos de papel... ou por telefone.

- O nome dele?
- Não sei. Nunca falamos nele. Dá azar.
- Ele se veste de preto, não?
- É, de preto. Ele é pequeno e magro... loiro...
- E mata, não é?
- É, mata... mata como quem rouba um pedaço de pão.

A voz dele tremia. Ele suplicou:

- Vamos mudar de assunto... Melhor não falar disso... Acredite... dá azar.

Lupin se calou, impressionado com a angústia daquele homem. Ficou pensativo durante um longo tempo, depois se levantou e disse ao maître:

- Tome, aqui está seu dinheiro, mas se quer viver em paz, não fale com ninguém sobre esta nossa conversa.

Ele saiu do restaurante com Doudeville e andou até à porta Saint-Denis, sem dizer nada, preocupado com o que tinha acabado de saber.

Por fim, pegou o braço do companheiro e disse:

- Ouça bem, Doudeville. Você vai até a estação, a Gare du Nord, e vai chegar a tempo para pegar o expresso de Luxemburgo. Você irá até Veldenz, a capital do grão-ducado de Deux-Ponts-Veldenz. Na prefeitura, vai obter facilmente a certidão de nascimento do cavaleiro de Malreich e informações sobre sua família. Depois de amanhã, no sábado, você vai voltar.

- Devo avisar a Sûreté?

- Eu me encarrego disso. Vou avisar por telefone que você está doente. Ah! Mais uma coisa. Vamos nos encontrar ao meio-dia em um pequeno restaurante na estrada de la Révolte, chamado Buffalo. Vá vestido como um operário.

No dia seguinte, Lupin, vestindo uma jaqueta de lona e quepe, foi até Neuilly e começou a investigação pelo número 3 da estrada de la Révolte. Uma porta dupla abria para um primeiro pátio, e aquilo era uma verdadeira cidade, com uma sequência de galerias e lojas lotadas de artesãos, mulheres e crianças. Em alguns minutos, ele conquistou a simpatia da zeladora, com quem conversou durante uma hora sobre os assuntos mais diversos. Durante essa hora, viu passar, um após o

outro, três sujeitos cuja aparência chamaram sua atenção.

“Isso”, pensou, “é cheiro de presa... e forte... Parece gente honesta, mas nem me diga, pelo faro sei que o inimigo está por aqui, e que cada arbusto, cada moita pode esconder uma emboscada”.

De tarde e na manhã do sábado, ele continuou investigando e teve a certeza de que os sete cúmplices de Altenheim moravam todos naquelas casas. Quatro deles exerciam abertamente a profissão de “comerciantes de roupas”. Outros dois vendiam jornais, o sétimo se dizia antiquário e assim, aliás, era conhecido.

Passavam uns pelos outros sem dar na vista que se conheciam. Mas, de noite, Lupin constatou que se reuniam em uma espécie de galpão situado no fundo do último pátio, onde o Antiquário guardava suas mercadorias, ferramentas velhas, fornalhas desmontados, tubos enferrujados e possivelmente também a maior parte dos objetos roubados.

“Vamos”, pensou, “a missão está avançando. Pedi um mês para o meu primo alemão, mas creio que quinze dias serão suficientes. E, o que me deixa mais satisfeito, é começar a operação por esses sujeitos que me fizeram dar um mergulho no Sena. Meu pobre amigo Gourel, finalmente vou vingar você. Já era hora!”

Ao meio-dia, ele estava entrando no Buffalo, num salão pequeno e baixo, onde pedreiros e cocheiros vinham consumir o prato do dia. Alguém veio sentar-se ao lado dele.

– Feito, chefe.

– Ah, é você, Doudeville. Bom. Estou ansioso por saber. Tem as informações? A certidão de nascimento? Depressa, conte.

– Muito bem! Aqui está. O pai e a mãe de Altenheim morreram no exterior.

– Pule isto.

– Deixaram três filhos.

– Três?

– Sim, o mais velho teria hoje trinta anos. Chamava-se Raoul de Malreich.

– É o nosso homem, Altenheim. Que mais?

– A mais jovem era uma mulher, Isilda. O registro menciona, a

tinta fresca, “falecida”.

– Isilda... Isilda, disse de novo Lupin, foi o que pensei, Isilda era irmã de Altenheim... Bem que eu vi que tinha uma fisionomia conhecida... Era isso o que os ligava... Mas o outro, o terceiro filho, ou melhor, o homem mais jovem?

– O homem. Teria hoje vinte e seis anos.

– E o nome?

– Louis de Malreich.

Lupin teve um choque.

– É isto! Louis de Malreich... As iniciais L. M. A assinatura terrível, medonha... O assassino se chama Louis de Malreich... Era o irmão de Altenheim e de Isilda. Matou um e outro com medo de suas revelações...

Lupin ficou taciturno e sombrio durante um longo tempo, obcecado talvez por aquele sujeito misterioso. Doudeville objetou:

– Por que ele temeria a irmã Isilda? Me disseram que estava louca.

– Louca, sim, mas capaz de se lembrar de alguns detalhes da infância. Ela deve ter reconhecido o irmão com quem foi criada... e essa lembrança lhe custou a vida.

E acrescentou:

– Louca! Mas eram todos loucos... A mãe, louca... O pai, alcoólatra... Altenheim, um verdadeiro bruto... Isilda, uma pobre demente... Quanto ao outro, o assassino, é um monstro, um maníaco imbecil...

– Imbecil, o senhor acha, chefe?

– Imbecil, claro! Com alguns lampejos de genialidade, com alguma estratégia e uma intuição infernal, mas maluco, louco como toda a família Malreich. Só loucos matam, sobretudo loucos como ele. Porque...

Ele parou, e seu rosto se contraiu tão profundamente que Doudeville ficou impressionado.

– O que foi, chefe?

– Olhe.

Um homem acabava de entrar, e pendurou num gancho o seu chapéu – um chapéu preto, de feltro mole – sentou-se a uma mesinha, examinou o cardápio que um garçom trouxera, pediu e esperou, imóvel, empertigado, com os braços cruzados sobre a toalha da mesa.

E Lupin o viu bem de frente.

Tinha o rosto magro e seco, imberbe, com órbitas profundas no fundo das quais viam-se olhos acinzentados, cor de ferro. A pele parecia esticada de um osso a outro, feito um pergaminho, tão rígida e grossa que nenhum pelo seria capaz de transpassar.

Seu rosto era sombrio. Nenhuma expressão o animava. Nenhum pensamento parecia viver debaixo daquela fronte de mármore. E as pálpebras, sem cílios, não se moviam, o que dava ao olhar a fixidez de uma estátua.

Lupin fez sinal para um dos rapazes do estabelecimento.

– Quem é aquele senhor?

– Aquele que está comendo?

– Sim.

– É um cliente. Vem aqui duas ou três vezes por semana.

– Você sabe o nome dele?

– Mas claro! Léon Massier.

– Ah! – murmurou Lupin, emocionado. L. M., as duas letras, seria Louis de Malreich?

Ele o contemplou avidamente. Na verdade, o aspecto do homem correspondia às suas previsões, ao que sabia dele e de sua existência monstruosa. Mas o que o perturbava era o olhar moribundo. Onde esperava ver vida e chama, ele era impassível; onde supunha tormento e desordem, havia o esgar poderoso dos grandes malditos.

Ele disse ao rapaz:

– O que esse senhor faz?

– Juro que não sei dizer. É um sujeito esquisito... Está sempre

sozinho... Nunca fala com ninguém. Aqui, nunca ouvimos sua voz. Ele aponta com o dedo o que quer comer, no cardápio... Em vinte minutos, já era... Paga... e sai.

– E volta?

– A cada quatro ou cinco dias. Não tem muita regularidade.

– É ele, só pode ser ele – repetia para si mesmo Lupin –, é Malreich, é ele... Está respirando a quatro passos de mim. Essas são as mãos que matam. Esse é o cérebro que fica embriagado com o cheiro de sangue... Esse é o monstro, o vampiro...

Mas, seria possível? Lupin via-o como um ser tão fantástico, que estava desconcertado agora que o via como um ser vivo, que ia, vinha e agia. Não entendia como podia comer, como os demais, pão e carne, ou beber cerveja como uma pessoa qualquer, ele que Lupin imaginara como uma besta selvagem que se alimenta de carne viva e bebe o sangue de suas vítimas.

– Vamos, Doudeville.

– O que é que houve, chefe? O senhor está pálido.

– Estou precisando de ar. Vamos sair.

Fora, ele respirou fundo, enxugou a testa coberta de suor e murmurou:

– Estou melhor. Estava sufocado.

E, dominando-se, retomou:

– Doudeville, o desfecho está próximo. Há semanas que luto Tateando contra o inimigo invisível. E eis que de repente o acaso o põe em meu caminho! Agora, a partida será justa.

– E se nos separássemos, chefe? Ele nos viu juntos. Vamos chamar menos atenção, um sem o outro.

– Ele nos viu? – perguntou Lupin, pensativo. – Parece que ele não vê, não ouve nem olha para nada. Que sujeito desconcertante!

E, de fato, dez minutos depois, Léon Massier surgiu e afastou-se, sem nem observar se estava sendo seguido. Acendeu um cigarro e estava fumando com uma mão atrás das costas, caminhando como quem curte o sol e o ar fresco, passeando sem suspeitar que poderia estar sendo observado.

Ele atravessou a barreira aduaneira, caminhou ao longo das

fortificações, saiu de novo pela porta Champerret e voltou pela estrada de la Révolte.

Iria entrar na casa de número 3? Lupin desejava que sim, pois teria sido a prova certa de sua cumplicidade com o bando de Altenheim. Mas o homem voltou-se e entrou na rua Delaizement, que seguiu até ultrapassar o velódromo do Buffalo.

À esquerda, na frente do velódromo, entre as quadras de tênis e as barracas da rua Delaizement, havia um pequeno pavilhão isolado, cercado por um modesto jardim.

Léon Massier parou, pegou um molho de chaves, abriu primeiro o portão do jardim, e em seguida a porta da casa, e sumiu lá dentro.

Lupin avançou com cuidado. Imediatamente, notou que os imóveis da estrada de la Révolte prolongavam-se para trás, até o muro do jardim.

Tendo-se aproximado mais, viu que esse muro era bastante alto, e que havia um galpão, no fundo do jardim, encostado nele.

Pela disposição do todo, concluiu que aquele galpão ficava encostado no galpão que se erguia no pátio dos fundos do número 3, e que servia de depósito ao Antiquário.

Portanto, Léon Massier morava em uma casa contígua ao lugar onde se reuniam os sete cúmplices do bando de Altenheim. Logo, Léon Massier era o chefe supremo do bando, e era evidente que se comunicava com seus acólitos por uma passagem aberta entre aqueles dois galpões.

– Eu estava certo – disse Lupin –, Léon Massier e Louis de Malreich são a mesma pessoa. A situação assim fica mais simples.

– Muito mais – aprovou Doudeville –, e daqui a alguns dias estará tudo resolvido.

– Isso quer dizer que minha garganta terá sido rasgada por um punhal.

– Que é isso, chefe? Que ideia!

– Hmm! Quem sabe? Sempre tive o pressentimento de que aquele monstro me traria azar.

De agora em diante, tratava-se, por assim dizer, de acompanhar a vida de Malreich, de modo que nenhum dos seus gestos fosse

ignorado.

Aquela vida, a crer nos moradores do bairro que Doudeville interrogava, era das mais bizarras. O sujeito do pavilhão, como o chamavam, vivia lá havia alguns meses apenas. Ele não via nem recebia ninguém. Não se sabia se tinha empregados. E as janelas, sempre abertas, mesmo de noite, ficavam sempre às escuras, sem que a claridade de uma vela ou de uma lâmpada jamais as iluminasse.

Além disso, na maior parte do tempo, Léon Massier saía ao entardecer e só voltava muito tarde – ao amanhecer, diziam aqueles que o haviam visto ao nascer do sol.

– E alguém sabe o que ele faz? – perguntou Lupin ao companheiro, quando se reuniram.

– Não. Os hábitos dele são completamente irregulares, ele some durante alguns dias ou então fica trancado. Enfim, ninguém sabe de nada.

– Muito bem! Nós saberemos, e logo mais.

Ele estava enganado. Depois de oito dias de investigação e esforços contínuos, não tinha nenhuma informação a mais sobre aquele estranho indivíduo. Uma coisa extraordinária acontecia. Quando Lupin o seguia, o homem, que andava a passos curtos pelas ruas e sem jamais parar, de repente desaparecia, como que por milagre. Às vezes, usava casas com duas saídas. Outras vezes, parecia desaparecer no meio da multidão, como um fantasma. E Lupin ficava lá, paralisado, surpreso, confuso e com raiva.

Ele corria então para a rua Delaizement e montava guarda. Minutos e mais minutos se passavam, horas e horas. Uma parte da noite transcorria. E então, o homem misterioso ressurgia. O que poderia ter feito?

– Correspondência para o senhor, chefe – disse Doudeville uma noite, por volta das oito horas, ao se encontrarem na rua Delaizement.

Lupin abriu. A sra. Kesselbach suplicava que ele fosse ao seu socorro. No fim da tarde, dois homens pararam debaixo de suas janelas e um deles disse: “Que sorte, não viram nada... Então, tudo certo, vamos dar o golpe esta noite”. Ela desceu e constatou que a janela do escritório não fechava mais ou que, pelo menos, podia ser aberta por fora.

– Finalmente – disse Lupin –, é o próprio inimigo nos chamando para a luta. Ainda bem! Estou cansado de ficar plantado debaixo da janela de Malreich.

– Ele está aqui, agora?

– Não, me aprontou de novo, em Paris. Eu já ia aprontar com ele. Mas, primeiro, preste atenção, Doudeville. Você vai reunir uns dez homens dos mais fortes... Olhe, chame o Marco e o contínuo Jérôme. Desde aquela história no Palace-Hôtel, que eles estão de férias... Que venham agora. Depois de reunir os homens, leve-os até a rua des Vignes. O pai Charolais e o filho devem ficar de guarda imediatamente. Se entenda com eles e, às onze e meia, me encontre na esquina da rua des Vignes com a Raynouard. De lá, vamos vigiar a casa.

Doudeville afastou-se. Lupin esperou mais uma hora até que a tranquila rua Delaizement estivesse completamente deserta, depois, vendo que Léon Massier não voltava, resolveu aproximar-se do pavilhão.

Ninguém em volta dele... Tomou impulso e saltou o muro de pedra, ao lado do portão do jardim. Um pouco depois, estava no local.

Seu plano consistia em forçar a porta da casa e vasculhar os quartos, a fim de encontrar as famosas cartas do imperador, roubadas por Malreich em Veldenz. Mas pensou que uma visita ao galpão seria

mais urgente.

Ficou muito surpreso ao ver que não estava fechado e constatar, em seguida, com a luz da lanterna, que estava vazio e que não havia nenhuma porta no muro dos fundos.

Procurou demoradamente, sem sucesso. Mas, do lado de fora, avistou uma escada apoiada no galpão, e que servia para subir a uma espécie de vão que havia debaixo do telhado de ardósia.

Caixas velhas, fardos de palha e madeiras de estufa obstruíam esse vão, ou pareciam obstruir, pois encontrou com facilidade uma passagem que terminava no muro.

Lá, ele se deparou com uma janela, que tentou abrir.

Não tendo conseguido, examinou de perto e reparou, primeiro, que estava bem presa ao muro, e, depois, que um dos vidros estava faltando.

Ele enfiou o braço, que caiu no vazio. Rapidamente, apontou a lanterna e viu: era uma espécie de hangar, um galpão ainda maior do que o do pavilhão, e repleto de ferragens e objetos de todo tipo.

“É aqui”, pensou Lupin, “esta trapeira foi aberta no galpão do Antiquário, bem no alto, e é daqui que Louis de Malreich vê, ouve e vigia os cúmplices, sem ser visto nem ouvido por eles. Agora entendo por que eles não conhecem o chefe”.

Sabendo disso, apagou a luz e dispôs-se a partir, quando uma porta se abriu à sua frente, lá embaixo. Alguém entrou. Acenderam uma lâmpada. Ele reconheceu o Antiquário.

Ele decidiu então ficar, pois a expedição não poderia acontecer enquanto aquele homem estivesse por lá.

O Antiquário tirou dois revólveres do bolso.

Verificou o funcionamento deles e trocou as balas, assobiando um refrão de café-concerto.

Uma hora se passou assim. Lupin estava começando a se inquietar, mas não se resolvia a partir.

Passaram-se mais dez minutos, meia hora, uma hora...

Por fim, o homem disse em voz alta:

– Entre.

Um dos bandidos entrou furtivamente no galpão e, um após o

outro, chegou o terceiro, o quarto...

– Estamos todos – disse o Antiquário. – Dieudonné e Joufflu vão se encontrar com a gente lá. Vamos, não temos tempo a perder... Estão todos armados?

– Bem armados.

– Melhor assim. A coisa vai ser quente.

– Como você sabe, Antiquário?

– Eu vi o chefe... Vi, modo de dizer...Não... Enfim, falei com ele...

– É – disse um dos homens –, como sempre, numa esquina e na sombra. Ah! Eu preferia o jeito do Altenheim trabalhar. Pelo menos, a gente sabia o que estava fazendo.

– Você não sabe? – perguntou o Antiquário. – Vamos roubar a casa da Kesselbach.

– E os dois guardas? Os dois sujeitos que Lupin colocou lá?

– Azar o deles. Somos sete. Eles vão ter que ficar quietinhos.

– E a Kesselbach?

– Primeiro, a gente amordaça, depois amarra, depois traz ela aqui... Aqui, nessa velha poltrona... Depois, vamos aguardar as ordens.

– Pagam bem?

– Primeiro, as joias da Kesselbach.

– Sim, se der certo, mas estou falando do garantido.

– Trezentos francos adiantados, para cada um de nós. Depois, o dobro.

– Você está com o dinheiro?

– Estou.

– Que bom. Falem o que quiserem, mas em matéria de grana, não tem como esses dois. – E, em voz baixa, que Lupin mal pôde ouvir, um deles disse:

– Escuta, Antiquário, e se tivermos que usar o punhal, tem prêmio?

– O de sempre. Dois mil.

– E se for Lupin?

– Três mil.

– Ah, se a gente pega esse cara.

Um depois do outro, saíram do galpão.

Lupin ainda ouviu essas palavras do Antiquário:

– Este é o plano de ataque. Vamos nos separar em três grupos. Um assobio, e todos avançam...

Depressa, Lupin saiu do esconderijo, desceu a escada, contornou o pavilhão sem entrar e saltou de novo o portão.

– O Antiquário tem razão, a coisa vai ser quente... Ah! Então é minha pele que eles querem! Um prêmio por Lupin! Canalhas! – Ele atravessou a barreira aduaneira e entrou num táxi.

– Rua Raynouard.

Mandou parar a cem metros da rua des Vignes e caminhou até a esquina das duas ruas.

Para seu grande estupor, Doudeville não estava lá.

“Estranho”, pensou Lupin, “já passa da meia-noite... Isso está esquisito.”

Ele esperou pacientemente dez, vinte minutos. À meia-noite e meia, ninguém. Um atraso poderia ser perigoso. Mas, se Doudeville e seus amigos não tinham podido vir, Charolais, o filho e Lupin bastariam para impedir o ataque, sem falar na ajuda dos empregados.

Ele avançou, mas viu dois homens tentando se esconder na sombra de um recuo.

“Merda, são os primeiros caras do bando, Dieudonné e Joufflu. Eu não devia ter me atrasado.”

E perdeu ainda mais tempo. Iria ele avançar na direção deles, para tirá-los de combate e em seguida entrar pela janela do escritório, que sabia estar aberta? Seria o mais prudente, e permitiria ainda levar a sra. Kesselbach imediatamente, livrando-a do perigo.

Sim, mas seria também o fracasso do seu plano, e ele ainda perderia aquela ocasião única de pegar o bando todo na armadilha, e, sem dúvida, Louis de Malreich também.

De repente, ouviu um assobio, vindo de algum lugar do outro lado da casa.

Seriam já os outros? E iriam contra-atacar pelo jardim?

Mas, a um sinal, os dois homens entraram pela janela. E

desapareceram.

Lupin saltou, escalou o balcão e entrou no escritório. Pelo ruído dos passos, julgou que os assaltantes tinham ido para o jardim, e o ruído foi tão claro que ele ficou tranquilo. Charolais e seu filho teriam ouvido.

Ele subiu. O quarto da sra. Kesselbach ficava logo no patamar da escada. Rapidamente, ele entrou.

À luz fraca de uma lâmpada, viu Dolorès desmaiada em um divã. Aproximou-se dela, ergueu-a e, num tom imperioso, obrigando-a a responder, perguntou:

– Ouça... E Charolais? E o filho?... Onde estão?

Ela balbuciou:

– Como?... Mas... saíram...

– O quê? Saíram!

– Recebi um telegrama seu há uma hora... Ele pegou ao lado dela um papel azul e leu:

“Mande os dois vigias voltarem imediatamente... e todos os homens... espero no Grand-Hôtel. Não há perigo”.

– Droga! E você acreditou! E seus empregados?

– Saíram.

Ele se aproximou da janela. Lá fora, três homens vinham da extremidade do jardim.

Pela janela do quarto ao lado, que dava para a rua, viu mais dois homens fora da casa.

Lembrou de Dieudonné, de Joufflu, e sobretudo de Louis de Malreich, que devia estar rodeando, invisível e formidável.

– Merda – murmurou –, estou começando a achar que estou perdido.

O homem de preto

Nesse instante, Lupin teve a impressão, a certeza, de que caíra numa armadilha, preparada de um modo que não saberia explicar, mas com uma habilidade e uma destreza prodigiosas.

Estava tudo arranjado, tudo previsto: o afastamento de seus homens, o desaparecimento ou a traição dos empregados e a presença dele na casa da sra. Kesselbach.

Era evidente, tudo aquilo tinha acontecido conforme a vontade do inimigo, graças a circunstâncias milagrosamente favoráveis – pois ele poderia ter chegado antes que a falsa mensagem fizesse seus amigos partirem. Então, seria a batalha de seu bando contra o bando de Altenheim. E Lupin, lembrando-se da conduta de Malreich, do assassinato de Altenheim, do envenenamento da louca de Veldenz, perguntou-se se a armadilha teria sido dirigida apenas contra ele, e se Malreich não teria entrevisto a possibilidade de uma confusão geral e da supressão de cúmplices que agora o incomodavam.

Era uma intuição, uma ideia que aflorava. Mas era hora de agir. Tinha que defender Dolorès, cujo sequestro, com toda probabilidade, era a razão mesma do ataque.

Ele entreabriu a janela da rua e apontou o revólver. Um tiro, um alarme disparado no bairro, e os bandidos fugiriam.

“Hum! Não”, murmurou ele, “não. Ninguém dirá que fugi da luta. A ocasião é boa demais... E, depois, quem sabe se fugiriam mesmo? Eles estão em maior número e não estão nem aí para os vizinhos”.

Ele voltou a entrar no quarto de Dolorès. Embaixo, um ruído. Ele ouviu e, como o ruído vinha da escada, fechou a porta com duas voltas da chave.

Dolorès chorava, debatendo-se no divã.

Ele suplicou:

– Você tem forças? Estamos no primeiro andar. Eu poderia ajudar você a descer... com um lençol pela janela...

– Não, não, não me deixe sozinha... Eles vão me matar... Me defenda.

Ele a pegou nos braços e a levou para o quarto ao lado. E, debruçando-se sobre ela, disse:

– Não se mexa, fique calma. Juro que, se eu estiver vivo, nenhum daqueles homens vai tocar em você.

A porta do primeiro quarto trepidou. Dolorès gritou, agarrando-se a ele:

– Ah! São eles... são eles... Eles vão te matar... você está sozinho...

Ele disse com fervor:

– Não estou sozinho: você está aqui... você está aqui ao meu lado.

Ele quis se soltar. Ela agarrou sua cabeça com ambas as mãos, olhou profundamente nos seus olhos e murmurou:

– Aonde você vai? O que você vai fazer? Não, não morra, eu não quero, temos que viver... temos...

Ela murmurou palavras incompreensíveis, e que parecia abafar nos lábios para que ele não entendesse, e, já sem forças, extenuada, desmaiou.

Ele se debruçou sobre ela, contemplando-a por um instante. Gentilmente, beijou de leve seus cabelos.

Depois, voltou para o primeiro quarto, fechou com cuidado a porta que separava os dois cômodos e acendeu a luz.

– Um minuto, meninos! – gritou ele. – Estão ansiosos para derrubar tudo?... Vocês sabem que Lupin está aqui? Prestem atenção na valsa!

Enquanto falava, abria um biombo para esconder de vista o sofá onde há pouco repousava a sra. Kesselbach, e jogou sobre ele roupas e cobertas.

A porta estava cedendo sob os golpes dos invasores.

– Pronto! Estou indo! Estão prontos? Bom! Vamos ao primeiro!

Rapidamente, girou a chave e abriu o ferrolho.

Gritos, ameaças, uma confusão de homens brutos e raivosos do outro lado da porta aberta.

Mas ninguém ousava avançar. Antes de se lançarem sobre Lupin,

hesitavam, tomados de medo e preocupação...

Foi o que ele tinha previsto.

De pé, no meio do cômodo bem-iluminado, e de braços estendidos, tinha nas mãos uma pilha de cédulas que contava, e com as quais fazia sete maços iguais. E tranquilamente, anunciou:

– Três mil francos de prêmio para cada um se Lupin for enviado *ad patres*? Foi isso que prometeram a vocês, não? Aqui tem o dobro.

Ele pôs os maços sobre a mesa, ao alcance dos bandidos.

O Antiquário gritou:

– Conversa! Ele está querendo ganhar tempo. Pra cima dele!

Ele ergueu o braço. Os companheiros o detiveram. E Lupin prosseguiu:

– Ouçam, isso não muda em nada o plano de vocês. Vocês estão aqui: primeiro, para levar a sra. Kesselbach; segundo, e se possível, para pôr as mãos nas joias dela. Eu seria o último dos miseráveis se me opusesse a essa dupla vontade.

– Ah! Aonde você quer chegar? – rosnou o Antiquário, que ouvia a contragosto.

– Ah! Ah! Antiquário, você está começando a se interessar. Entre, meu caro... Entrem todos... Bate uma corrente de ar no alto dessa escada, e gente delicada como vocês poderia se resfriar... O quê? Estão com medo? Mas estou sozinho... Vamos, coragem, minhas ovelhinhas.

Eles entraram no quarto, intrigados e desconfiados.

– Feche a porta, Antiquário, vamos ficar mais à vontade. Obrigado, meu caro. Ah! Estou vendo que as notas de mil sumiram. Portanto, estamos de acordo. Assim é que gente honesta se entende!

– E?

– E? Ora! Já que somos sócios...

– Sócios!

– Como! Vocês não aceitaram meu dinheiro? Vamos trabalhar juntos, meu caro, e juntos vamos: primeiro, levar a jovem; segundo, levar as joias.

O Antiquário zombou:

– Não precisamos de você.

– Precisa, sim, meu caro.
– Para quê?
– Porque vocês não sabem onde as joias estão escondidas, e eu sei.

– Vamos encontrar.
– Amanhã. Não, esta noite.
– Então, fale. O que é que você quer?
– Dividir as joias.
– Por que não ficou com tudo, já que sabe onde fica o esconderijo?

– Porque é impossível abrir sozinho. Existe um segredo, mas eu desconheço. Vocês estão aqui, vou usar vocês.

O Antiquário hesitou.

– Dividir... dividir... Umas pedrinhas e uns pedaços de couro...
– Imbecil! Aqui tem mais de um milhão.

Os homens tremeram, impressionados.

– Pode ser – disse o Antiquário –, mas e se a Kesselbach der o fora? Ela está no outro quarto, não está?

– Não, ela está aqui.

Lupin empurrou uma das folhas do biombo e deixou, por um instante, que entressem a pilha de roupas e cobertas que tinha preparado no sofá.

– Ela está aqui, desmaiada. Mas eu só a entrego depois da partilha.

– Mas...

– É pegar ou lagar. Não adianta tentar sozinhos. Vocês sabem meu valor. Então...

Os homens se consultaram e o Antiquário falou:

– Onde as joias estão escondidas?

– Debaixo da lareira. Mas, sem o segredo, temos que levantar toda a chaminé, o vidro, o mármore, e parece que tudo de uma vez. É trabalho pesado.

– Pff! Somos fortes. Você vai ver. Em cinco minutos...

Ele deu as ordens e imediatamente seus companheiros se puseram a trabalhar com uma força e uma disciplina admiráveis. Dois deles

subiram numa cadeira e estavam tentando levantar o vidro. Os outros quatro cuidavam da chaminé. O Antiquário, de joelhos, vigiava a sala e dava ordens:

– Força, rapazes! Juntos, vamos lá. Atenção! Um, dois, ah! Opa, está se mexendo.

Imóvel, atrás deles, com as mãos no bolso, Lupin olhava com compaixão e, ao mesmo tempo, saboreava com orgulho de artista e mestre aquela prova tão poderosa de autoridade, de força, e do impressionante domínio que exercia sobre os demais. Como é que aqueles bandidos puderam acreditar por um segundo que fosse naquela história inverossímil, perdendo completamente a noção das coisas e entregando a ele todas as chances de vencer aquela batalha?

Ele tirou do bolso dois sólidos e formidáveis revólveres, estendeu os braços e, com tranquilidade, escolhendo os dois primeiros homens que abateria e os outros dois que cairiam em seguida, apontou, como se mirasse em dois alvos num estande. Dois tiros de uma vez, e mais dois tiros...

Gritos... Quatro homens caíram, um depois do outro, feito bonecos num parque de diversões.

– Sete menos quatro, três – disse Lupin. – Preciso continuar?

Continuava de braços estendidos, com os dois revólveres apontados para o grupo formado pelo Antiquário e seus dois companheiros.

– Canalha! – rosnou o Antiquário, procurando uma arma.

– Patas para cima! – exclamou Lupin. – Ou eu atiro... Perfeito! Agora, desarmem ele, senão...

Os dois bandidos, tremendo de medo, imobilizaram o chefe, obrigando-o a obedecer.

– Amarrem ele! Amarrem, diabos! O que há demais nisso? Quando eu sair, vocês estarão todos livres... Vamos? Primeiro, os punhos, com o cinto... e os tornozelos. Mais depressa...

Desamparado, vencido, o Antiquário não mais resistia. Enquanto os companheiros o amarravam, Lupin agachou e deu duas coronhadas na cabeça. Eles se sentaram.

– Bom trabalho – disse ele, respirando. – Pena que não tem mais

uns cinquenta... Eu cuidaria de todos... E tranquilamente, com um sorriso nos lábios... O que acha disso, Antiquário?

O bandido resmungou. Ele disse:

– Não fique triste, meu caro. Console-se pensando que está cooperando por uma boa causa, a saúde da sra. Kesselbach. Ela virá pessoalmente agradecer a gentileza.

Ele foi em direção ao segundo quarto e abriu a porta.

– Ah! – disse, parando junto à soleira, confuso, estupefato.

O quarto estava vazio. Ele se aproximou da janela e viu uma escada apoiada no balcão, uma escada de metal, portátil.

– Levaram... levaram ela... – murmurou. – Louis de Malreich. Ah! Bandido...

Ele refletiu por um instante, tentando dominar sua aflição, e pensou que, afinal, como a sra. Kesselbach não parecia estar correndo perigo imediato, ele não tinha motivos para se alarmar. Mas foi invadido por uma raiva súbita e se precipitou sobre os bandidos, distribuiu chutes nos feridos que se agitavam, procurou e recuperou o dinheiro, depois amordaçou-os, amarrou-lhe as mãos com tudo o que encontrou, cordões de cortina, fitas, cobertas e lençóis rasgados em tiras, e por fim alinhou sobre o tapete, na frente do sofá, sete pacotes humanos, apertados uns contra os outros e amarrados, como se fossem encomendas.

– Pastéis de múmia – zombou. Que prato suculento, para um apreciador! Bando de idiotas, como foi que caíram nessa? Estão prontinhos para a morgue... Mas então querem atacar Lupin, Lupin, o defensor das viúvas e dos órfãos! Estão tremendo? Não é preciso, minhas ovelhinhas! Lupin nunca fez mal a uma mosca... Mas é um cavalheiro que não gosta de gente desonesta, e Lupin sabe o seu dever. Ora, vocês acham que é possível viver com gente reles, como vocês? Hein? Sem respeito pelos outros? Sem respeito pelos bens dos outros? Sem leis? Sem sociedade? Sem consciência? Sem nada? Onde iríamos parar, meus senhores, onde?

Sem nem tomar a precaução de fechar a porta, saiu do quarto, ganhou a rua e andou até encontrar seu táxi. Mandou o motorista procurar outro carro e levou os dois carros para a frente da casa da sra. Kesselbach.

Uma boa gorjeta, paga adiantado, evitou explicações inúteis. Com a ajuda dos dois homens, desceu os sete prisioneiros, que pôs nos carros, de qualquer jeito, um em cima do outro. Os feridos gritavam, gemiam. Ele fechou as portas.

– Cuidado com as mãos – disse.

E acomodou-se no carro da frente.

– Vamos!

– Para onde? – perguntou o motorista.

– Cais de Orfèvres, número 35. Para a Sûreté.

Os motores roncaram, pondo-se em marcha, e o estranho cortejo desembestou pelas ladeiras do Trocadéro.

Nas ruas, ultrapassaram algumas carroças de legumes. Carregados de percas, os pescadores apagavam os lampiões.

O céu estava estrelado. Uma brisa fresca soprava no espaço.

Lupin cantava.

Praça da Concórdia, Louvre... Ao longe, o vulto sombrio da Notre-Dame...

Ele se virou e entreabriu a porta:

– Tudo certo aí, meus caros? Eu também, obrigado. A noite está deliciosa, e o ar está fresco!

Saltavam sobre o piso irregular do cais. Logo, viram o Palácio de Justiça e a porta da Sûreté.

– Fiquem aqui – disse Lupin aos motoristas –, e, principalmente, cuidem bem destes sete clientes.

Ele atravessou o primeiro pátio e seguiu pelo corredor da direita, que terminava no serviço central. Havia inspetores ali o tempo todo.

– Temos presas, senhores – disse ao entrar –, e das boas. O sr. Weber está aí? Eu sou o novo comissário de polícia de Auteuil.

– O sr. Weber está em casa. Devo avisá-lo?

– Um minuto. Estou com pressa. Vou deixar um bilhete. Sentou-se diante de uma mesa e escreveu:

“Meu caro Weber,

“Trago aqui os sete bandidos do bando de Altenheim, os que mataram Gourel e tantos outros, e que também me mataram, sob o nome de Sr. Lenormand.

“Agora, só falta o chefe. Vou proceder à sua prisão imediata. Venha comigo. Ele mora em Neuilly, na rua Delaizement, sob o nome de Léon Massier.

“Saudações cordiais.

“Arsène Lupin

“Chefe da Sûreté.”

E pôs num envelope.

– Aqui está, para o sr. Weber. É urgente. Agora, preciso de sete homens para pegar a mercadoria. Ela está no cais.

Diante dos carros, um inspetor-chefe juntou-se a ele.

– Ah! É o sr., Leboeuf. Foi uma bela pescaria... Todo o bando de Altenheim... Estão dentro dos carros.

– Onde os pegou?

– Eles iam sequestrar a sra. Kesselbach e roubar a casa dela. Mas, no momento oportuno, explicarei tudo.

O inspetor chamou-o à parte, e com ar surpreso:

– Me desculpe, disseram que o senhor era o comissário de Auteuil. Mas, não me parece... Com quem tenho a honra de falar?...

– Com o sujeito que lhe trouxe este belo presente, sete bandidos da melhor qualidade.

– Mas, posso saber?

– Meu nome?

– Sim.

– Arsène Lupin.

E passou uma rápida rasteira em seu interlocutor, correu até à rua de Rivoli, saltou para dentro de um carro que estava passando e seguiu até a porta de Ternes.

As casas da estrada de la Révolte estavam próximas. Ele foi até o número 3.

Apesar de todo o seu sangue-frio e do domínio que tinha sobre si próprio, Arsène Lupin não conseguia dominar a emoção que o invadia. Conseguiria encontrar Dolorès Kesselbach? Louis de Malreich tinha levado a jovem para a casa dele ou para o galpão do Antiquário?

Lupin pegara no bolso do Antiquário a chave do galpão, de modo que foi fácil abrir a porta e entrar na loja de quinquilharias, depois de tocar a campainha e atravessar todos os pátios.

Ele acendeu a lanterna e se orientou. Um pouco à direita, ficava o espaço onde tinha visto os cúmplices em seu último conluio.

No sofá indicado pelo Antiquário, viu um vulto.

Encoberta e amordaçada, Dolorès jazia ali...

Ele a socorreu.

– Ah! Você... você – murmurou ela. – Não fizeram nada com você?

E, imediatamente, ajeitando-se e mostrando o fundo da loja:

– Lá, *ele* foi por ali... eu ouvi... tenho certeza... temos que ir... por favor...

– Primeiro você – disse ele.

– Não, ele... pegue ele... por favor... pegue ele.

O medo, dessa vez, em vez de abatê-lo, parecia dar-lhe forças inusitadas, e ela repetia, com imenso desejo de entregar o inimigo assustador que a torturava:

– Ele, primeiro... Não consigo mais viver, você precisa me salvar dele... precisa... não consigo mais viver...

Ele a desamarrou, estendeu-a cuidadosamente sobre o sofá e disse:

– Você tem razão... Além do mais, aqui você está segura... Espere, que eu já volto...

Quando ia se afastar, ela segurou com força em sua mão:

– Mas, e você?

– O quê?

– E se aquele homem...

Ela parecia apreensiva por Lupin, por expô-lo a um supremo combate, mas, no último instante, parecia feliz por impedi-lo.

Ele murmurou:

– Obrigado, fique tranquila. O que eu posso temer? Ele está sozinho.

E, deixando-a, seguiu em direção ao fundo. Conforme esperava, encontrou uma escada apoiada contra o muro, e que o levou até a pequena trapeira por onde assistira à reunião dos bandidos. O mesmo caminho que Malreich tinha feito para chegar até sua casa, na rua Delaizement.

Ele refez esse caminho, como fizera algumas horas antes, passou para o outro galpão e desceu até o jardim. Estava atrás do pavilhão onde vivia Malreich.

Estranhamente, não duvidou nem por um segundo que Malreich estivesse lá.

Era inevitável que o encontrasse, e aquele duelo formidável estava chegando ao fim. Mais alguns minutos e estaria tudo terminado.

Ele ficou confuso! Tendo agarrado a maçaneta de uma porta, ela girou e a porta cedeu, sem esforço. O galpão não estava fechado.

Atravessou a cozinha, um vestíbulo, subiu uma escada, e avançou deliberadamente, sem procurar abafar o ruído de seus passos.

No patamar, parou. O suor escorria pela testa, e as têmporas latejavam sob o afluxo do sangue.

Mas ele estava calmo, senhor de si e consciente de seus menores pensamentos.

Deixou os dois revólveres sobre um degrau.

– Nada de armas – disse ele –, apenas as mãos, basta a força das minhas mãos... é melhor assim.

Diante dele, três portas. Escolheu a do meio e tentou a maçaneta. Nenhum obstáculo. Ele entrou.

Não havia luz no quarto, mas o luar entrava pela janela aberta e, na penumbra, ele via os lençóis e as cortinas brancas da cama.

E alguém ali, que estava se vestindo.

Rapidamente, jogou o facho da lanterna sobre o vulto.

– Malreich!

O rosto pálido de Malreich, os olhos sombrios, a face cadavérica, o pescoço esquelético...

E estava imóvel, a cinco passos dele, e ele não saberia dizer se aquele rosto inerte, aquela face da morte, exprimia o menor terror ou alguma inquietude.

Lupin deu um passo, deu o segundo e o terceiro.

O homem não se mexeu.

Ele estaria vendo? Estaria compreendendo? Seus olhos pareciam fixar o vazio, e ele parecia estar sendo assombrado por uma alucinação, mais do que visitado por uma imagem real.

Mais um passo...

“Ele vai se defender”, pensou Lupin, “ele tem que se defender”.

E Lupin estendeu o braço em sua direção.

O homem não fez um gesto, não recuou, não piscou. O contato

tinha sido feito.

E foi Lupin quem, abalado, assustado, perdeu a cabeça. Derrubou o homem, deitou-o sobre a cama, enrolou-o nos lençóis, amarrou-o com as cobertas, e ajoelhou-se sobre ele como a uma presa, mas o homem não esboçou o menor gesto de resistência.

– Ah! – exclamou Lupin, louco de contente, com a raiva saciada. – Finalmente eu te peguei, seu animal odioso! Finalmente, eu venci!

Ele ouviu um barulho do lado de fora, na rua Delaizement, golpes contra portão. Avançou até a janela e gritou:

– É você, Weber! Puxa! Até que enfim! Você é um funcionário modelo! Force o portão, meu caro, e venha, você será bem-vindo. – Em minutos, vasculhou a roupa do prisioneiro e apoderou-se de sua carteira, remexeu nos papéis que encontrou nas gavetas da escrivaninha e do escritório, jogou-os sobre a mesa e examinou.

Deu um grito de alegria: o maço de cartas estava lá, o famoso maço que tinha prometido entregar ao imperador.

Pôs os papéis de volta no lugar e correu para a janela.

– Consegui, Weber! Pode entrar! Você vai encontrar o assassino de Kesselbach na cama, prontinho, todo amarrado... Adeus, Weber...

E Lupin, voando escada abaixo, correu até o galpão, e enquanto Weber entrava na casa, ele se encontrava com Dolorès Kesselbach.

Sozinho, ele tinha prendido os sete homens de Altenheim! E tinha entregue à justiça o misterioso chefe do bando, o monstro infame, Louis de Malreich!

Sobre um balcão largo de madeira, sentado diante de uma mesa, um jovem escrevia.

Às vezes, erguia a cabeça e contemplava com o olhar vago o horizonte das colinas onde as árvores, despojadas pelo outono, soltavam suas últimas folhas sobre os telhados vermelhos das casas e a grama dos jardins. Depois, voltava a escrever.

Num dado momento, pegou a folha e leu em voz alta:

*Os dias vão-se à deriva
levados pela corrente
a um rio que a gente viva
Aborda desvanecente*

– Nada mal – disse uma voz atrás dele –, Amable Tastu não teria feito melhor. Enfim, nem todos podem ser Lamartine.

– Você! Você! – murmurou o jovem, fora de si.

– Claro, meu poeta, eu mesmo, Arsène Lupin, em visita a seu caro amigo Pierre Leduc.

Pierre Leduc pôs-se a tremer, como num acesso de febre. E disse em voz baixa:

– Chegou a hora?

– Sim, meu grande Pierre Leduc, chegou a hora de deixar, ou melhor, de interromper a vida mole de poeta que você vem levando há vários meses ao lado de Geneviève Ernemont e da sra. Kesselbach, e de interpretar o papel que reservei para você no meu espetáculo... Um belo espetáculo, posso garantir, um pequeno drama bem urdido, segundo as regras da arte, com rufos, risos e ranger de dentes. Chegamos ao quinto ato, o desfecho se aproxima, e o herói é você, Pierre Leduc. Que glória!

O jovem se levantou:

– E se eu me recusar?

– Tonto!

– Sim, e se eu me recusar? Afinal, quem me obriga a me submeter à sua vontade? Quem me obriga a aceitar um papel que não conheço ainda, mas que já me repugna, e do qual me envergonho?

– Tonto! – repetiu Lupin.

E, forçando Pierre Leduc a sentar-se, posicionou-se ao lado dele e, com sua voz mais ce, falou:

– Você esquece, meu jovem, que não se chama Pierre Leduc, mas Gérard Baupré. E se leva o nome admirável de Pierre Leduc, é porque você, Gérard Baupré, assassinou Pierre Leduc e roubou a personalidade dele.

O jovem saltou de indignação:

– Você está louco! Você sabe muito bem que foi você quem arranhou tudo...

– Calma, eu sei muito bem, mas e a justiça, quando eu provar que o verdadeiro Pierre Leduc foi morto por morte violenta e que você pegou o lugar dele?

Aflito, o jovem gaguejou:

– Ninguém vai acreditar... Por que eu faria isso? Com que objetivo?

– Tolo! O objetivo é tão claro que até mesmo Weber percebeu. Você mente quando diz que não quer aceitar um papel que ignora. Esse papel, você conhece. É o que teria interpretado Pierre Leduc, se não estivesse morto.

– Mas Pierre Leduc, para mim, para todo mundo, não passa de um nome. Quem era ele? Quem sou eu?

– Que diferença isso faz para você?

– Quero saber. Quero saber aonde eu vou.

– Se souber, vai seguir nessa direção?

– Vou, se o objetivo de que você tanto fala valer a pena.

– Se não fosse assim, você acha que eu me daria a todo esse trabalho?

– Quem sou eu? E não importa qual seja o meu destino, pode ter certeza de que eu serei digno dele. Mas quero saber. Quem sou eu?

Arsène Lupin tirou o chapéu, inclinou-se e disse:

– Hermann IV, grão-duque de Deux-Ponts-Veldenz, príncipe de Berncastel, príncipe de Trêves e senhor de outros lugares.

Três dias depois, Lupin levava a sra. Kesselbach de carro até a fronteira. A viagem transcorreu em silêncio.

Lupin lembrava com emoção o gesto assustado de Dolorès e as palavras dela na casa da rua des Vignes, no momento em que ele ia defendê-la dos cúmplices de Altenheim. E ela devia se lembrar também, pois estava incomodada com sua presença, e visivelmente perturbada.

De noite, chegaram a um pequeno castelo coberto de folhas e flores, coroado por um telhado de ardósia e cercado por um belo jardim de árvores seculares.

Encontraram Geneviève já instalada, voltando da cidade vizinha, onde havia escolhido empregados da região.

– Eis sua morada, madame – disse Lupin. – O castelo de Bruggen. É aqui que vai aguardar em total segurança o desfecho dos acontecimentos. Amanhã, Pierre Leduc, que já está avisado, será seu convidado.

Ele partiu imediatamente, dirigiu-se a Veldenz e enviou ao conde de Waldemar o maço com as famosas cartas que havia recuperado.

– Você se lembra das minhas condições, meu caro Waldemar – disse Lupin. – Trata-se, antes de mais nada, de reerguer a casa de Deux-Ponts-Veldenz e de entregar o grão-ducado ao grão-duque Hermann IV.

– A partir de hoje, vou começar as negociações com o Conselho da Regência. Segundo me informei, a coisa vai ser fácil. Mas esse grão-duque Hermann...

– Sua Alteza hoje mora no castelo de Bruggen, sob o nome de Pierre Leduc. Darei todas as informações necessárias sobre a identidade dele.

Nessa mesma noite, Lupin seguiu de volta para Paris, com a intenção de tocar ativamente o processo de Malreich e dos sete bandidos.

Seria cansativo falar sobre esse caso, o modo como foi conduzido e como progrediu, de tal modo os fatos, até os menores detalhes, estão

presentes na memória de todos. É um daqueles acontecimentos sensacionais que os camponeses mais simples dos vilarejos mais distantes contam e comentam entre si.

Mas o que eu gostaria de lembrar é o importante papel de Arsène Lupin na condução do caso e durante a fase de instrução.

De fato, a instrução foi comandada por ele. Desde o início, substituiu o poder público, ordenando investigações, indicando medidas a serem tomadas, redigindo perguntas a serem feitas aos réus, e tendo respostas para tudo...

Quem não se lembra da estupefação geral, de manhã, quando se liam nos jornais aquelas cartas de lógica e autoridade irresistíveis, e assinadas sucessivamente:

Arsène Lupin, juiz de instrução.

Arsène Lupin, procurador-geral.

Arsène Lupin, ministro da Justiça.

Arsène Lupin, inspetor.

Ele conduzia a missão com entusiasmo, ardor e ímpeto surpreendentes, ele, que de hábito era sempre tão irônico e, por temperamento, tão inclinado a uma indulgência de caráter profissional.

Não, dessa vez, ele odiava.

Ele odiava aquele Louis de Malreich, bandido sanguinário, animal imundo, de quem sempre tivera medo e que, mesmo preso, mesmo vencido, inspirava ainda o mesmo horror e repugnância que temos à visão de um réptil.

Além disso, não tivera Malreich a audácia de perseguir Dolorès?

“Ele jogou, perdeu”, pensava Lupin, “e sua cabeça vai rolar”.

Era o que queria para seu terrível inimigo: o cadafalso, a pálida manhã em que a lâmina da guilhotina desliza e mata.

Estranho réu, aquele que o juiz de instrução interrogava durante meses entre as paredes de seu gabinete! Estranho personagem, aquele homem ossudo, de aparência esquelética e olhos mortos!

Ele parecia ausente. Ele não estava lá, mas em outro lugar. E tão pouco preocupado em responder!

– Meu nome é Léon Massier.

Essa foi a única frase em que se refugiou.

E Lupin respondia:

– Mentira. Léon Massier, natural de Périgueux, órfão aos dez anos de idade morreu há sete anos. Você teve acesso a esses documentos. Mas esqueceu-se da certidão de óbito. Aqui está.

E Lupin enviava ao Ministério Público uma cópia da certidão.

– Eu sou Léon Massier – afirmava de novo o réu.

– Mentira – respondia Lupin –, você é Louis de Malreich, o último descendente de uma modesto nobre que se estabeleceu na Alemanha no século XVIII. Você tinha um irmão que alternadamente apresentava-se como Parbury, Ribeira ou Altenheim: esse irmão, você o matou. Você tinha uma irmã, Isilda de Malreich: essa irmã, você a matou.

– Eu sou Léon Massier.

– Mentira. Você é Malreich. Aqui está sua certidão de nascimento. Aqui está a do seu irmão, a da sua irmã.

E Lupin encaminhou as três certidões.

Além disso, salvo no que dizia respeito a sua identidade, Malreich não se defendia, vencido talvez por um acúmulo de provas que levantavam contra ele. O que poderia dizer? Havia quarenta bilhetes escritos por ele – a comparação da letra demonstrava –, escritos por ele para o seu bando de cúmplices, e que ele não se preocupou em rasgar, depois de tê-los recuperado.

E todos aqueles bilhetes eram ordens sobre o caso Kesselbach, o sequestro do sr. Lenormand e de Gourel, a perseguição do velho Steinweg, a construção das galerias de Garches etc. Seria possível negar?

Uma coisa bastante estranha desconcertou a justiça. Confrontados com o chefe, os sete bandidos afirmaram não o conhecer. Eles nunca o tinham visto. Recebiam instruções por telefone ou na penumbra, justamente por meio daqueles bilhetinhos que Malreich entregava de modo rápido, sem dizer uma palavra.

Mas, além disso, a comunicação entre o pavilhão da rua Delaizement e o galpão do Antiquário não era prova suficiente de

cumplicidade? De lá, Malreich via e ouvia. De lá, o chefe vigiava seus homens.

As contradições? Os fatos aparentemente inconciliáveis? Lupin explicou tudo. Num artigo célebre, publicado na manhã do processo, ele retomou o caso desde o princípio, revelou o que havia por trás, deslindou a trama, mostrou que Malreich morava, sem ninguém saber, no quarto de seu irmão, o falso major Parbury, indo e vindo, invisível, pelos corredores do Palace-Hôtel, e tendo assassinado Kesselbach, o funcionário do hotel e o secretário Chapman.

Todos se lembram dos debates. Eles foram ao mesmo tempo terríveis e tristes. Terríveis pela atmosfera de angústia que pesava sobre todos e pelas lembranças do crime e do sangue que assombrava a memória de todos. Tristes, pesados, obscuros, sufocantes, pelo silêncio formidável que o acusado guardou em seguida.

Nenhuma revolta. Nenhum movimento. Nenhuma palavra.

Estátua de cera, que não via nem ouvia! Visão pavorosa de calma e impassibilidade. Na sala, estremeciam. Quando atçada, a imaginação evocava, mais do que um homem, uma espécie de ser sobrenatural, um gênio das lendas orientais, um daqueles deuses da Índia que são o símbolo de tudo o que é feroz, cruel, sanguinário e destrutivo.

Quanto aos outros bandidos, ninguém nem mesmo olhava para eles, comparsas insignificantes que se perdiam nas sombras daquele chefe desmedido.

O depoimento mais emocionante foi o da sra. Kesselbach. Para espanto geral e surpresa do próprio Lupin, Dolorès, que não havia respondido a nenhuma das convocações do juiz, e cujo retiro ignoravam também, Dolorès apareceu, viúva dolorosa, para fazer um testemunho irrecusável contra o assassino de seu marido.

Ela disse simplesmente, depois de ficar olhando para ele durante um longo tempo:

– Foi ele quem entrou na minha casa na rua des Vignes, foi ele quem me levou, e foi ele quem me trancou no galpão do Antiquário. Eu o reconheço.

– A senhora tem certeza?

– Juro perante Deus e perante os homens.

Dois dias depois, Louis de Malreich, que se dizia Léon Massier, era condenado à morte. E sua personalidade absorvia de tal modo a de seus cúmplices, que esses se beneficiaram de circunstâncias atenuantes.

– Louis de Malreich, você não tem nada a dizer? – perguntou o presidente do júri.

Ele não respondeu.

Uma questão apenas permanecia obscura aos olhos de Lupin. Por que Malreich tinha cometido todos aqueles crimes? O que ele queria? Qual era o seu objetivo?

Lupin não tardaria em saber, e estava próximo o dia em que, ofegante de horror, abalado de desespero, mortalmente atingido, conheceria a assustadora verdade.

Naquele momento, sem que no entanto a ideia deixasse de lhe ocorrer, ele não se ocupou mais do caso Malreich. Decidido a dar uma guinada na vida, como ele dizia, tranquilo com relação ao destino da sra. Kesselbach e de Geneviève, cuja existência sossegada ele acompanhava de longe, e, por fim, informado por Jean Doudeville, que tinha enviado a Veldenz, sobre as negociações entre a corte da Alemanha e a regência de Deux-Ponts-Veldenz, Lupin empregava seu tempo em liquidar o passado e preparar o futuro.

A ideia de uma vida diferente que queria levar sob os olhos da sra. Kesselbach suscitava nele novas ambições e sentimentos imprevisíveis, misturados à imagem de Dolorès, sem que ele se desse conta.

Em algumas semanas, destruiu todas as provas que um dia o pudessem comprometer, todos os indícios que pudessem levar até ele. Deu a cada um de seus antigos companheiros dinheiro suficiente para que ficassem ao abrigo de qualquer necessidade, e despediu-se anunciando que estava de partida para América do Sul.

Uma manhã, depois de uma noite de minuciosa reflexão e de um exame aprofundado da situação, exclamou:

– Acabou. Não tenho mais nada a temer. O velho Lupin morreu. Vamos dar lugar ao novo.

Trouxeram-lhe uma correspondência da Alemanha. Era o desfecho esperado. O Conselho da Regência, fortemente influenciado pela Corte de Berlim, tinha submetido a questão aos príncipes eleitores do grão-ducado, e os eleitores, influenciados pelo Conselho da Regência, reafirmaram seus laços inabaláveis à antiga dinastia de Veldenz. O conde de Waldemar foi encarregado, assim como três delegados da nobreza, do exército e da magistratura, de ir ao castelo de Bruggen, confirmar rigorosamente a identidade do grão-duque Hermann IV e organizar com Sua Alteza todas as medidas relativas à sua entrada triunfal no principado de seus pais, o que aconteceria por volta do início do mês seguinte.

– Agora está feito – disse Lupin –, o grande projeto do sr. Kesselbach está se realizando. Só falta fazer Waldemar engolir essa história do Pierre Leduc. Brincadeira de criança! Amanhã, será publicado o anúncio do casamento de Geneviève e de Pierre. E a noiva do grão-duque será apresentada a Waldemar!

E, feliz, partiu de automóvel até o castelo de Bruggen. Cantava no carro, assobiava e conversava com o chofer.

– Octave, sabe quem você está tendo a honra de conduzir? O senhor do mundo... É, meu caro, impressionado, hein? Exatamente, essa é a verdade. Eu sou o senhor do mundo.

Ele esfregava as mãos e seguia com seu monólogo:

– Foi uma longa história. Já faz um ano que essa luta começou. A verdade é que foi a luta mais formidável de que já participei... Caramba, guerra de gigantes!...

E repetiu:

– Mas agora está feito. Os inimigos estão na lona. Não há mais obstáculos entre o objetivo e eu. O terreno está livre, vamos construir! O material está todo à mão, tenho os operários, vamos construir, Lupin! E que seja um palácio digno de você!

Ele mandou parar a algumas centenas de metros do castelo para que sua chegada fosse mais discreta, e disse a Octave:

– Você vai entrar daqui a vinte minutos, às quatro horas, e vai deixar minhas malas no chalezinho que fica no fundo do parque. É lá que vou morar.

Na primeira curva do caminho, o castelo surgiu, no fim de uma alameda sombreada de tílias. De longe, na galeria onde terminava a escadaria, viu Geneviève caminhando.

Seu coração se enterneceu.

– Geneviève, Geneviève – disse com ternura. – Geneviève, a promessa que fiz à sua mãe, que morria, está se realizando... Geneviève, grã-duquesa... E eu, na sombra, ao lado dela, velando por sua felicidade e realizando os grandes planos de Lupin.

Ele desatou num riso, saltou para trás das árvores, do lado esquerdo da alameda, e caminhou ao longo dos arbustos frondosos. Chegava assim ao castelo, sem ser visto das janelas do salão nem dos quartos principais.

Seu desejo era ver Dolorès antes que ela o visse, e como havia feito com Geneviève, pronunciou seu nome várias vezes, mas com uma emoção que surpreendeu a si próprio:

– Dolorès... Dolorès...

Furtivamente, seguiu pelos corredores e chegou à sala de refeições. Daquele cômodo, através de um vidro, podia ver metade do salão sem ser visto.

Ele se aproximou.

Dolorès estava deitada numa espreguiçadeira, e Pierre Leduc, ajoelhado diante dela, olhava-a extasiado.

O mapa da Europa

Pierre Leduc amava Dolorès!

Lupin sentiu uma dor profunda, aguda, como se tivesse sido ferido no princípio mesmo de sua vida, uma dor tão forte que – pela primeira vez – viu com clareza o que Dolorès tinha se tornado para ele, pouco a pouco, sem que ele se conscientizasse disso.

Pierre Leduc amava Dolorès e olhava para ela como quem olha para alguém que ama.

Lupin sentiu, cego e furioso, um instinto homicida. Aquele olhar, aquele olhar amoroso pousado na jovem, aquilo era enlouquecedor. Sentia o grande silêncio que os envolvia, e naquele silêncio, na inércia das atitudes, nada era mais vivo do que aquele olhar amoroso, aquele hino feito de silêncio e volúpia, pelo qual os olhos revelavam toda a paixão, todo o desejo, todo o entusiasmo, todo o furor de um pelo outro.

E via a sra. Kesselbach também. Os olhos de Dolorès escondiam-se atrás das pálpebras fechadas, pálpebras delicadas, de longos cílios negros. Mas como ela sentia o olhar amoroso que buscava o seu olhar! Como estremecia debaixo daquela carícia impalpável!

“Ela o ama... ela o ama”, pensou Lupin, ardendo de ciúmes.

E, a um gesto de Pierre: “Oh! Miserável, se ele ousar tocar nela, eu o mato”.

E pensava, constatando a perda da própria razão, e esforçando-se para combatê-la:

“Tolo, que eu sou! Como você, Lupin, se deixa embarcar! Ora, é natural que ela o ame... Bom, verdade que você acreditou que ela sentia uma certa emoção quando você estava por perto, uma perturbação qualquer... Três vezes tolo, você não passa de um bandido, de um ladrão, enquanto ele é um duque, ele é jovem”.

Pierre não tinha se mexido. Mas seus lábios sim, e parecia que Dolorès despertava. Doce e lentamente, ela abriu as pálpebras, virou

um pouco a cabeça e entregou seus olhos aos olhos daquele jovem, olhos que se oferecem, que se rendem, numa troca de olhares mais profunda que o mais profundo dos beijos.

E foi de repente, rápido como um trovão. Em três saltos, Lupin entrou no salão, avançou sobre o jovem, derrubou-o no chão e, ajoelhado no peito do rival, fora de si, olhando para a sra. Kesselbach, gritou:

– Então, você não sabe? Ele não disse, o espertinho aqui? E você o ama? Ele parece um grão-duque? Ah! Que graça!

Ele zombava com ódio, enquanto Dolorès o olhava, estupefata:

– Grão-duque, ele! Herman IV, duque de Deux-Ponts-Veldenz! Príncipe regente! Grande príncipe! É de morrer de rir. Ele! O nome dele é Baupré, Gérard Baupré, é o último dos vagabundos... um mendigo que catei na lama. Grão-duque? Eu que fiz dele um grão-duque! Ah! Ah! Que graça!... Se tivesse visto ele cortando o próprio dedinho... desmaiou três vezes... o frangote... Ah! E você se acha digno de olhar nos olhos de uma dama... e se rebelar contra o mestre. Espere só, grão-duque de Deux-Ponts-Veldenz.

E pegou-o nos braços, feito um embrulho, deu um impulso e atirou o rapaz pela janela aberta.

– Cuidado com as rosas, grão-duque, elas têm espinhos.

Quando se voltou, Dolorès estava à sua frente, olhando-o com olhos desconhecidos, olhos de mulher que odeia, exasperada de cólera. Seria possível que aquela fosse Dolorès, a frágil e adoentada Dolorès?

Ela murmurou:

– O que você está fazendo?... Como ousa?... E ele?... Então, é verdade?... Ele mentiu para mim?

– Se mentiu? – exclamou Lupin, compreendendo a humilhação da mulher. – Se mentiu? Ele, grão-duque! É um fantoche, um instrumento que afinei para tocar uma fantasia! Ah! Imbecil! Imbecil!

Novamente com raiva, ele batia o pé e erguia o punho contra a janela aberta. E pôs-se a andar de um lado para o outro da sala, disparando frases que denunciavam a violência secreta dos seus pensamentos.

– Imbecil! Ele então não viu o que eu esperava dele? Não pressentiu a grandiosidade do seu papel? Ah! Eu seria capaz de enfiar esse papel à força no crânio dele. Levante a cabeça, cretino! Você vai ser grão-duque por minha vontade! E príncipe regente! Com renda e súditos para espoliar! E um palácio digno de Carlos Magno! E um mestre que serei eu, Lupin! Entende isso, estúpido? Levante a cabeça, diabos, mais alto! Olhe para o céu, lembre-se que um Deux-Ponts foi enforcado por roubo antes que existissem os Hohenzollern. E você é um Deux-Ponts, porcaria, nada menos, e eu estou aqui, eu, eu. Lupin! E você vai ser grão-duque, estou dizendo, grão-duque de fachada? Que seja, mas grão-duque mesmo assim, animado pelo meu sopro, ardendo com a minha febre. Fantoche? Que seja. Mas um fantoche das *minhas* palavras, dos *meus* gestos e das *minhas* vontades, um fantoche que realizará os meus sonhos... isso... os meus sonhos.

Agora ele não se mexia, como que fascinado pela grandiosidade do seu sonho.

Depois, aproximou-se de Dolorès e, com a voz abafada, numa espécie de exaltação mística, proferiu:

– À minha esquerda, a Alsácia-Lorena... à minha direita, Baden, Wurtemberg, a Baviera... A Alemanha do Sul, todos aqueles Estados mal cosidos, descontentes, esmagados pela bota do Carlos Magno da Prússia, mas inquietos, prestes a se libertar... Entende o que um homem como eu pode fazer com tudo isso, as aspirações que pode despertar, o ódio que pode insuflar, a revolta e a cólera que pode suscitar?

Mais baixo ainda, ele repetiu:

– E, à esquerda, a Alsácia-Lorena!... Entende? Isso, sonhos, vamos! Isso vai ser realidade depois de amanhã, amanhã. Sim... eu quero... eu quero... Tudo o que quero e tudo o que farei, ninguém nunca viu!... Imagine, a dois passos da fronteira da Alsácia! Em plena Alemanha! Ao lado do velho Reno! Basta um pouco de intriga, um toque de gênio, para abalar este mundo. O gênio, eu tenho... para dar e vender... E eu serei o mestre! Serei aquele que comanda. Já o outro, o fantoche, deixo para ele os títulos e as honras... Para mim, o poder! Eu ficarei na sombra. Sem cargos: nem ministro, nem mesmo

camareiro! Nada. Serei um dos funcionários do palácio, o jardineiro, talvez... Isso, o jardineiro... Ah! Que vida formidável! Cultivar flores e mudar o mapa da Europa!

Ela o contemplava avidamente, dominada, submetida à força daquele homem. E seus olhos exprimiam uma admiração que ela não buscava dissimular. Ele pôs as mãos nos ombros da jovem e disse:

– Esse é meu sonho. Por maior que seja, ficará pequeno diante da realidade, eu juro. O Kaiser já viu meu valor. Um dia, vai me ver diante dele, firme, face a face. Tenho todos os trunfos nas mãos. Valenglay virá comigo!... A Inglaterra também... Os dados já foram lançados... Esse é meu sonho... Há mais um...

Ele se calou de repente. Dolorès não tirava os olhos dele, e seu rosto revelava uma emoção infinita.

Sentia uma imensa alegria ao constatar, uma vez mais, e com clareza, que a proximidade daquela mulher o perturbava. Ele não tinha mais a impressão de ser, para ela, o que era, um ladrão, um bandido, mas um homem, um homem que ama, e cujo amor revolvía, no fundo de uma alma amiga, sentimentos não declarados.

Então, ele não falou, mas disse em silêncio todas as palavras de ternura e adoração, e sonhou com a vida que poderiam levar em algum lugar, não longe de Veldenz, incógnitos e poderosos.

Um longo silêncio os uniu. Em seguida, ela se levantou e ordenou com delicadeza:

– Vá embora, por favor, saia daqui... Pierre vai se casar com Geneviève, eu prometo, mas é melhor você sair... não fique aqui... Vá embora, Pierre vai se casar com Geneviève...

Ele esperou um instante. Talvez desejasse palavras mais claras, mas não ousava pedir nada. E saiu, fascinado, em êxtase, e tão feliz em obedecer e submeter seu próprio destino ao dela!

A caminho da porta, deparou com um banco, que teve que afastar. Mas seu pé tocou em alguma coisa. Ele baixou a cabeça. Era um espelhinho de bolso, de ébano, com uma inscrição gravada em ouro.

Subitamente, teve um sobressalto, e recolheu depressa o objeto.

A inscrição eram duas letras entrelaçadas, um L e um M.

Um L e um M!

– Louis de Malreich – disse ele, estremecendo.

Ele se voltou para Dolorès.

– De onde vem este espelho? De quem é? Isto é muito importante...

Ela pegou o objeto e o examinou:

– Não sei, nunca vi... de um empregado, talvez.

– Um empregado, sim – ele disse –, mas é muito estranho... uma coincidência...

Nesse momento, Geneviève entrou pela porta do salão e, sem ver Lupin, que estava atrás de um biombo, imediatamente exclamou:

– Olha! Seu espelho, Dolorès... encontrou? Faz tempo que você me pediu para procurar! Onde estava?

E a jovem saiu, dizendo:

– Ah! Que bom! Você estava preocupada! Vou avisar agora mesmo para pararem de procurar...

Lupin não se mexeu, confuso e tentando em vão compreender. Por que Dolorès não tinha dito a verdade? Por que não se explicou imediatamente, a respeito do espelho?

Uma ideia lhe ocorreu e ele disse, um pouco ao acaso:

– Você conhece Louis de Malreich?

– Conheço – ela disse, observando-o como se fizesse um esforço para adivinhar seus pensamentos.

Ele avançou na direção dela, muito agitado.

– Conhece? Quem é? Quem é? Quem é? E por que não disse nada? Onde você o conheceu? Fale... Responda... Por favor...

– Não – disse ela.

– Mas você tem... tem... Imagine! Louis de Malreich, o assassino! O monstro! Por que não disse nada?

Ela, por sua vez, pôs a mão nos ombros de Lupin, e disse com uma voz muito firme:

– Ouça, nunca me pergunte isso, porque eu nunca direi... É um segredo que vai morrer comigo... Aconteça o que acontecer, ninguém saberá, ninguém no mundo, eu juro...

Durante alguns minutos, ficou diante dela, ansioso, o cérebro em desordem.

E se lembrou do silêncio de Steinweg, do terror do velho quando pediu a ele a revelação do terrível segredo. Dolorès também sabia, e se calava.

Sem dizer nada, ele saiu.

O céu aberto, o espaço, fizeram-lhe bem. Ele saiu dos muros do parque, e durante um bom tempo andou a esmo pelo campo. E falava em voz alta:

– O que há aqui? O que está acontecendo? Faz meses que estou lutando, agindo, mexendo as cordinhas para fazer esses personagens executarem comigo os meus projetos. E, durante esse tempo todo, esqueci completamente de me debruçar sobre eles e olhar o que se passa nos seus corações e mentes. Eu não conheço Pierre Leduc, não conheço Geneviève, não conheço Dolorès... E tenho os tratado como fantoches, mas são personagens vivos. E agora, tenho me deparado com obstáculos...

Ele bateu o pé e exclamou:

– Com obstáculos que não existem! O estado de alma de Geneviève e de Pierre, dane-se... estudo isso mais tarde, em Veldenz, quando estiverem felizes. Mas Dolorès... Ela conhece Malreich e não disse nada!... Por quê? Qual é relação entre os dois? Ela tem medo dele? Tem medo de que ele fuja e venha se vingar de uma indiscrição?

De noite, ele chegou ao chalé reservado a ele no fundo do parque e jantou muito mal-humorado, criticando Octave, que servia rápido ou lento demais.

– Estou satisfeito, me deixe em paz... Você só fez besteira hoje... E esse café?... Está horrível.

Jogou fora a xícara, cheia pela metade, e durante duas horas passeou pelo parque, remoendo as mesmas ideias. Por fim, uma

hipótese ganhou corpo:

“Malreich fugiu da prisão, está ameaçando a sra. Kesselbach, e já sabe por ela do incidente do espelho...”

Lupin deu de ombros:

“E, hoje à noite, ele virá puxar os pés dela. Não, estou delirando. É melhor dormir”.

Ele voltou para o quarto e se deitou na cama. Imediatamente, cochilou, um sono pesado, agitado por pesadelos. Acordou duas vezes e quis acender as velas, mas duas vezes voltou a dormir, exausto.

Ouvia o relógio da cidade bater as horas, ou pensava que ouvia, pois estava mergulhado numa espécie de torpor, onde parecia estar lúcido.

E foi assombrado por pesadelos aflitivos e assustadores. Claramente, ouviu ruídos na janela, que se abria. Nitidamente, pelas pálpebras fechadas, na escuridão cerrada, viu um vulto que avançava.

E esse vulto debruçou-se sobre ele.

Com grande esforço, abriu as pálpebras e olhou, ou pelo menos imaginou. Estaria sonhando? Estaria acordado? Ele se perguntava em desespero.

Mais um ruído... Alguém pegava uma caixa de fósforos ao seu lado.

“Vou lá ver”, pensou ele com grande alegria.

Um fósforo estalou. A vela foi acesa.

Dos pés à cabeça, Lupin sentiu o suor correr pela pele, ao mesmo tempo em que sentia seu coração parar, as batidas suspensas pelo pavor. *O homem estava lá.*

Seria possível? Não, não... E, no entanto, *ele via...* Que espetáculo terrível!... O homem, o monstro estava lá.

– Não quero... Não quero... – murmurava Lupin, aterrorizado.

O homem, o monstro estava lá, vestido de preto, com uma máscara no rosto, o chapéu de feltro mole rebatido sobre os cabelos loiros.

– Oh! Estou sonhando... estou sonhando – disse Lupin, rindo. – Isto é um pesadelo...

Com toda as forças, com toda vontade, quis fazer um gesto, um

só, para afugentar o fantasma.

Não conseguiu.

E, de repente, lembrou: a xícara de café! O gosto da bebida... igual ao gosto do café que bebera em Veldenz... Ele gritou, fez um último esforço e desfaleceu, exausto.

Mas, em seu delírio, ele sentia que o homem abria os primeiros botões da sua camisa, revelando sua garganta, erguia o braço, e viu que agarrava o cabo de um punhal, um pequeno punhal de aço, semelhante àquele que rasgou o sr. Kesselbach, Chapman, Altenheim e tantos outros...

Algumas horas depois, Lupin acordou, moído de cansaço e com a boca amarga.

Ficou tentando juntar as ideias durante alguns minutos, e subitamente, lembrando-se, fez um movimento instintivo de defesa, como se estivesse sendo atacado.

– Que imbecil que sou – gritou, saltando da cama. – Tive um pesadelo, uma alucinação. É só pensar. Se ele, se *realmente* um homem de carne e osso, aqui, esta noite, tivesse erguido um braço, teria me degolado como se eu fosse um frango. *Aquele sujeito* não hesita. Sejamos lógicos. Por que teria me poupado? Pelos meus belos olhos? Não, eu sonhei, foi isso...

Pôs-se a assobiar e vestiu-se, aparentando grande calma, mas seu espírito não parava de trabalhar, e seus olhos procuravam...

No chão, no batente da janela, nenhum indício. Como seu quarto ficava no térreo e ele dormia de janelas abertas, era evidente que o agressor tinha entrado por lá.

Mas não descobriu nada, e nem do lado de fora da parede, nem no chão de areia da vereda que contornava o chalé.

– Mas... mas... – repetia, entredentes.

Ele chamou Octave.

– Onde você preparou o café que me serviu ontem à noite?

– No castelo, patrão, como tudo o mais. Não temos fogão aqui.

– Você tomou aquele café?

– Não.

– E jogou fora o que ficou na cafeteira?

– Sim, patrão, claro. O senhor achou tão ruim. Só bebeu uns goles.

– Está bem. Apronte meu carro. Vamos sair.

Lupin não era homem de conviver com a dúvida. Queria uma explicação decisiva sobre Dolorès. Mas, para isso, precisava antes

esclarecer alguns pontos que lhe pareciam obscuros, e ver Doudeville, que trazia de Veldenz algumas informações bastante bizarras. Sem parar no caminho, foi até o grão-ducado, aonde chegou por volta das duas horas. Conversou com o conde de Waldemar, a quem pediu, sob um pretexto qualquer, para atrasar a visita da delegação da regência a Bruggen. Depois, encontrou-se com Jean Doudeville em uma taverna de Veldenz.

Doudeville levou-o então para outra taverna, onde apresentou um senhor pobremente vestido: Herr Stockli, empregado nos arquivos do Registro Civil.

A conversa foi longa. Saíram juntos, e os três passaram discretamente pela prefeitura. Às sete horas, Lupin jantou e saiu. Às dez, chegava ao castelo de Bruggen, onde perguntou por Geneviève, para entrar com ela no quarto da sra. Kesselbach.

Responderam que a srta. Ernemont tinha sido chamada a Paris por sua avó, por telegrama.

– Sei – disse –, mas a sra. Kesselbach está por aqui?

– Madame retirou-se logo depois do jantar. Deve estar dormindo.

– Não, eu vi uma luz ao lado do quarto dela. Ela vai me receber.

E não esperou a resposta da sra. Kesselbach. Entrou na antecâmara depois da criada, dispensou-a e disse a Dolorès:

– Preciso falar com você, é urgente... Desculpe... Admito que meu comportamento pode parecer inoportuno... Mas tenho certeza de que vai compreender...

Ele estava muito agitado e não parecia disposto a dar explicações, ainda mais porque, antes de entrar, acreditou ter ouvido um barulho.

Mas Dolorès estava sozinha, deitada. E ela disse, com voz cansada:

– Podíamos deixar isso para amanhã.

Ele não respondeu, surpreso com aquele odor no quarto da mulher, um cheiro de tabaco. Imediatamente, intuiu, teve a certeza de que havia um homem lá, no momento mesmo em que chegou, e que ele ainda estava lá, escondido em algum lugar...

Pierre Leduc? Não, Pierre Leduc não fumava. Então?

Dolorès murmurou:

– Vamos acabar logo com isso, por favor.

– Sim, sim, mas antes, poderia me dizer...? – Ele parou. De que serviria interrogá-la? Se de fato houvesse um homem ali escondido, ela o denunciaria? Então, decidido, e procurando domar aquela espécie de medo que o fazia sentir uma presença estranha no local, falou baixo, para que apenas Dolorès ouvisse:

– Escute, soube de uma coisa que não estou entendendo, e isso está me perturbando profundamente. Você precisa me responder, não é, Dolorès?

E pronunciou seu nome com muita delicadeza, como se quisesse conquistá-la pela amizade e pela ternura na voz.

– Que coisa? – disse ela.

– No registro civil de Veldenz constam três nomes, que seriam os últimos descendentes da família Malreich, que foi para a Alemanha...

– Sim, você já me disse isso...

– Você se lembra, primeiro Raoul de Malreich, mais conhecido pelo nome de guerra, Altenheim, o bandido, o criminoso da alta sociedade; hoje morto, assassinado.

– Sim.

– Em seguida, Louis de Malreich, o monstro, aquele, o assassino terrível que daqui a alguns dias vai ser decapitado.

– Sim.

– Depois, por fim, Isilda, a louca...

– Sim.

– Tudo isso está bem provado, certo?

– Certo.

– Muito bem! – disse Lupin, aproximando-se ainda mais dela. – Uma investigação que fiz há pouco tempo mostrou que o segundo dos três nomes, Louis, ou melhor, que onde está escrito esse nome algo foi adulterado. A letra é outra, mais grossa, a escrita é mais recente, mas não cobriu tudo o que estava embaixo. Então...

– Então? – perguntou a sra. Kesselbach, em voz baixa.

– Então, com uma boa lupa, mas principalmente por meio de um procedimento especial, consegui fazer com que algumas das sílabas apagadas aparecessem e, sem erro, com toda certeza, reconstituí a

escrita original. E não é Louis de Malreich o que está escrito lá, mas...

– Oh! Não fale, não fale...

Subitamente vencida, apesar de um longo esforço de resistência, ela se curvou com a cabeça entre as mãos, e tremendo, em convulsões, chorou.

Lupin ficou olhando para aquela criatura lânguida e fraca, tão digna de compaixão, e desamparada. Quis calar-se e suspender o torturante interrogatório que impunha a ela.

Mas não era para salvá-la que ele agia assim? E, para salvá-la, ela não precisava saber a verdade, por dolorosa que fosse?

Ele continuou:

– Por que falsificaram?

– Foi meu marido – murmurou ela –, foi ele quem fez aquilo. Com a fortuna que tinha, ele podia tudo e, antes do nosso casamento, conseguiu que um empregado subalterno alterasse no registro o nome do segundo filho.

– O nome e o gênero – disse Lupin.

– Sim – disse ela.

– Então – prosseguiu ele –, eu não estava enganado: o antigo nome, o verdadeiro, era Dolorès? Mas, por que seu marido?

Ela murmurou, com o rosto banhado de lágrimas, muito envergonhada:

– Você não entende?

– Não.

– Pense – disse ela, tremendo –, eu era a irmã de Isilda, a louca, a irmã do bandido Altenheim. Meu marido, ou antes, meu noivo, não queria me ver assim. Ele me amava. Eu também o amava, e consenti. Ele apagou nos registros Dolorès de Malreich, comprou outros documentos para mim, outra identidade, outra certidão de nascimento, e eu me casei na Holanda com outro nome de solteira, Dolorès Amonti.

Lupin refletiu por um instante e disse, pensativo:

– Sim, sim, eu compreendo... Mas então Louis de Malreich não existe, e o assassino do seu marido, o assassino da sua irmã e do seu irmão, não se chama assim... O nome dele...

Ela se recompôs, e rapidamente:

– O nome dele! Sim, esse é o nome dele... é esse mesmo o nome dele... Louis de Malreich... L e M... Você sabe... Ah! Não tente... é um segredo horrível... Mas, que importa!... O culpado está lá... Ele é o culpado... estou dizendo... Ele se defendeu, quando eu o acusei na frente dele? Ele poderia se defender, com esse ou com outro nome? Foi ele... foi ele... ele matou... ele enfiou... o punhal... o punhal de aço... Ah! Se eu pudesse contar tudo!... Louis de Malreich... Se eu pudesse...

Ela se contorceu na espreguiçadeira numa crise nervosa, apertando a mão de Lupin, e ele ouviu sua voz gaguejando palavras indistintas:

– Me proteja... me proteja... Só você pode... Ah! Não me abandone... Sou tão infeliz... Ah! Que tortura... que tortura! É um inferno.

Com a mão livre, ele acariciava seus cabelos e sua testa com infinita doçura, e ela, sentindo seu carinho, pouco a pouco relaxava e se acalmava.

Então, ele a olhou de novo, e durante muito, muito tempo, ficou se perguntando o que poderia haver por trás daquele rosto puro e belo, que segredo devastava aquela alma misteriosa. Ela também sentia medo? Mas do quê? Contra quem ela suplicava que ele a protegesse?

Uma vez mais, ficou obcecado pela imagem do homem de preto, aquele Louis de Malreich, inimigo tenebroso e incompreensível, cujos ataques ele deveria conter, sem saber de onde vinham, nem mesmo se viriam.

Que estivesse na prisão, sendo vigiado noite e dia, grande coisa! Lupin não sabia por experiência própria que há pessoas para quem a prisão não existe, e que se livram de suas correntes no instante fatal? E Louis de Malreich era esse tipo de sujeito.

Sim, havia alguém na prisão de Santé, na cela dos condenados à morte. Mas poderia ser um cúmplice ou uma vítima de Malreich, enquanto ele, Malreich, rodeava o castelo de Bruggen, entrava furtivamente protegido pelas sombras, como um fantasma invisível,

penetrava no chalé do parque e, de noite, erguia seu punhal sobre Lupin, adormecido e paralisado.

E era Louis de Malreich quem aterrorizava Dolorès, que a enlouquecia com suas ameaças, que a mantinha em seu poder com algum segredo terrível e que a obrigava ao silêncio e à submissão.

E Lupin imaginava o plano do inimigo: jogar Dolorès, assustada e temerosa, nos braços de Pierre Leduc, acabar com Lupin e reinar no seu lugar, ali, com o poder do grão-duque e os milhões de Dolorès.

Hipótese provável, hipótese certa, que se ajustava aos acontecimentos e solucionava todas as questões.

“Todas?”, objetava Lupin. “Sim... Mas então, porque ele não me matou aquela noite no chalé? Era só querer, e ele não quis. Um gesto, e eu estaria morto. Esse gesto, ele não fez. Por quê?”

Dolorès abriu os olhos, viu-o e sorriu, um sorriso pálido.

– Me deixe – disse ela.

Ele se levantou, hesitante. Iria ver se o inimigo estava atrás daquela cortina ou escondido atrás das roupas, naquele armário? Ela repetiu, gentil:

– Vá, eu vou dormir...

E ele saiu.

Mas, lá fora, parou debaixo das árvores que cobriam de sombras a fachada do castelo. Viu que havia luz na antecâmara de Dolorès. Depois, a luz passou para o quarto. Alguns minutos depois, a escuridão.

Ele esperou. Se o inimigo estivesse lá, talvez saísse do castelo?

Uma hora se passou, duas horas... Nenhum ruído.

“Nada a fazer”, pensou Lupin. “Ou ele está escondido em algum canto do castelo, ou então saiu por uma porta que não consigo ver daqui... A menos que tudo isso não passe de uma hipótese absurda de minha parte.”

Ele acendeu um cigarro e caminhou na direção do chalé.

Ao aproximar-se, percebeu, de longe ainda, uma sombra que parecia se afastar.

Ele não se mexeu, com medo de dar o alarme.

A sombra atravessou uma vereda. Sob a luz, pareceu reconhecer o

vulto de Malreich.

Ele avançou.

O vulto fugiu e desapareceu.

– Vamos – disse ele –, fica para amanhã. E dessa vez...

Lupin entrou no quarto de Octave, seu chofer, acordou-o e ordenou:

– Pegue o carro. Você vai chegar em Paris às seis da manhã. Vai ver Jacques Doudeville e dizer: primeiro, para me dar notícias do condenado à morte. Segundo, para me enviar um telegrama, assim que abrirem os correios, dizendo o seguinte...

E redigiu o telegrama num pedaço de papel, e acrescentou:

– Assim que terminar, volte, mas por aqui, seguindo o muro do parque. Vá, ninguém deve desconfiar da sua ausência.

Lupin entrou no quarto, acendeu a lanterna e fez uma inspeção minuciosa.

– É isso – disse depois de um instante –, esta noite vieram aqui enquanto eu estava de guarda embaixo da janela. E, se vieram, me pergunto com que intenções. Definitivamente, estou certo, a coisa está ficando quente. Desta vez, posso estar seguro da minha apunhalada.

Por prudência, pegou um cobertor, escolheu um lugar do parque bem isolado e dormiu a céu aberto.

Por volta das onze horas da manhã, Octave o procurou.

– Feito, patrão. O telegrama foi enviado.

– Muito bem. E Louis de Malreich, ainda está na prisão?

– Ainda. Doudeville passou na frente da cela dele ontem à noite, na Santé. O guarda estava saindo. Eles conversaram. Malreich continua daquele jeito, ao que parece, mudo feito uma porta. Ele está esperando.

– Esperando o quê?

– A hora fatal, oras! Na chefatura, dizem que a execução vai acontecer depois de amanhã.

– Ótimo, ótimo – disse Lupin. – Está claro, então, que ele não fugiu.

Ele desistia de entender e até de procurar a chave do enigma, porque sentia que a verdade toda seria revelada. Agora era só

preparar o plano e esperar o inimigo cair na armadilha.

“Se eu mesmo não cair”, pensou, rindo.

Ele estava muito feliz, sentia-se livre, e jamais uma batalha se anunciara com melhores chances para ele.

Do castelo, um empregado trouxe o telegrama que pedira para Doudeville enviar, e que o carteiro tinha acabado de entregar. Ele o abriu e guardou no bolso.

Pouco antes do meio-dia, encontrou Pierre Leduc pelo caminho e disse, sem preliminares:

– Estava procurando você, aconteceram umas coisas sérias... Você precisa me responder com franqueza. Desde que chegou aqui ao castelo, você já viu algum outro homem, além dos empregados alemães que contratei?

– Não.

– Pense bem. Não se trata de um visitante qualquer. Estou falando de um homem que estaria se escondendo, estou perguntando se você percebeu, aliás, se suspeita da presença de alguém, se teve algum indício ou impressão?

– Não... você está suspeitando de alguma coisa?

– Estou. Alguém está se escondendo por aqui, rondando... Onde? E quem? Com que objetivo? Não sei, mas vou saber. Já tenho uma suposição. Você, abra o olho, vigie e sobretudo não comente nada com a sra. Kesselbach... Ela não precisa se preocupar...

E se foi.

Pierre Leduc, desconcertado, confuso, tomou a direção do castelo.

No caminho, na grama, encontrou um papel azul. Pegou. Era um telegrama, mas não estava amassado, como se tivesse sido jogado fora. Estava dobrado com cuidado – e fora visivelmente perdido.

Estava endereçado ao sr. Meauny, nome que Lupin adotava em Bruggen. E continha as seguintes palavras:

“Sabemos toda verdade. Revelações impossíveis por carta. Pegu trem esta noite. Encontro amanhã de manhã oito horas estação Bruggen”.

“Perfeito!”, pensou Lupin, que de um bosque próximo vigiava o comportamento de Pierre Leduc. “Perfeito! Daqui a dez minutos, esse

tolerância terá mostrado o telegrama a Dolorès, e revelado a ela minhas apreensões. Vão conversar sobre isso durante o dia, o outro vai ouvir, vai ficar sabendo, porque ele sabe de tudo, porque vive à sombra de Dolorès, e Dolorès está nas mãos dele, feito uma presa... E esta noite ele vai agir, temendo que o segredo me seja revelado.”

E afastou-se, cantarolando.

– Esta noite... esta noite... vamos dançar... esta noite... Que valsa, meu amigo! A valsa do sangue, sob a melodia do pequeno punhal prateado... Finalmente! Vamos nos divertir.

Na porta do chalé, chamou Octave, subiu ao seu quarto, jogou-se na cama e disse para o chofer:

– Sente-se aqui, Octave, e não durma. Seu patrão vai descansar. Vele por ele, fiel servidor.

E dormiu um sono tranquilo.

– Como Napoleão, na manhã de Austerlitz – disse ao acordar.

Era a hora do jantar. Ele comeu bem, depois, fumando um cigarro, verificou as armas e trocou a munição de seus dois revólveres.

– “A pólvora seca e a espada afiada”, como diz meu colega, o Kaiser... Octave!

Octave acorreu.

– Vá jantar no castelo com os empregados. Avise que esta noite você vai a Paris, de carro.

– Com o senhor, patrão?

– Não, sozinho. E assim que terminar a refeição, você vai de fato partir, e com alarde.

– Mas vou para Paris?

– Não, você vai esperar do lado de fora do parque, na estrada, a um quilômetro de distância... até eu voltar. Vou demorar.

Ele fumou outro cigarro, caminhou, passou diante do castelo, viu a luz nos aposentos de Dolorès, depois voltou para o pavilhão.

Lá, pegou um livro. Era *As vidas dos homens ilustres*.

– Está faltando uma, a mais ilustre – disse ele. – Mas o futuro está logo aí, e vai pôr as coisas no devido lugar. Cedo ou tarde, terei o meu Plutarco.

Leu a *Vida de César*, e anotou algumas reflexões nas margens.

Às onze e meia, subiu.

Pela janela aberta, debruçou-se na vasta noite, clara e sonora, com seus ruídos indistintos. Lembranças vieram-lhe aos lábios, lembranças de frases de amor por ele lidas ou pronunciadas, e repetiu várias vezes o nome de Dolorès, com um fervor de adolescente que ousa confiar apenas ao silêncio o nome de sua amada.

– Vamos – disse –, vamos nos preparar.

Ele deixou a janela entreaberta, afastou uma mesinha que barrava a passagem e pôs as armas debaixo do travesseiro. Depois, tranquilamente, sem a menor emoção, deitou-se, todo vestido, e soprou a vela.

E o medo começou.

Foi imediato. Assim que a escuridão o encobriu, o medo começou!

– Ah, meu D...! – exclamou ele.

Saltou da cama, pegou as armas e jogou-as no corredor.

– Com as mãos, só com as mãos! Nada vale mais do que o aperto das minhas mãos!

Ele se deitou. A escuridão e o silêncio, de novo. E, de novo, o medo, o medo pérfido, lancinante, inoportuno...

No relógio da cidade, doze badaladas...

Lupin pensava no ser imundo que, a cem metros dali, a cinquenta metros, se preparava, afiando a ponta aguda de seu punhal...

– Que venha! Que venha! – murmurou, tremendo. – E os fantasmas se dissiparão...

Uma hora, na cidade.

E minutos, minutos intermináveis, minutos de febre e angústia... Da raiz dos seus cabelos brotavam gotas que escorriam pela testa, e ele se sentia como que banhado de sangue pelo corpo inteiro...

Duas horas...

E eis que, em algum lugar perto dali, um ruído quase imperceptível, um ruído de folhas, diferente do ruído das folhas que a brisa da noite arrasta...

Como Lupin havia previsto, sentiu de imediato uma imensa calma. Em sua natureza de grande aventureiro, vibrou de alegria. Finalmente, a luta!

Outro ruído, mais claro, debaixo da janela, mas ainda tão leve que foi preciso o ouvido treinado de Lupin para perceber.

Minutos, minutos aterrorizantes... A escuridão era impenetrável. E nem a luz das estrelas nem o luar aliviavam.

E, de repente, sem que tivesse ouvido nada, soube que o homem estava em seu quarto.

E andava em direção à sua cama. Andava como um fantasma, sem mover o ar do quarto, e sem deslocar os objetos que tocava.

Mas, com todo seu instinto, com toda sua sensibilidade, Lupin via os gestos do inimigo e adivinhava a sucessão de suas ideias.

Ele mesmo não se mexia, apoiado na parede, e quase de joelhos, prestes a saltar.

Sentiu que a sombra roçava, apalpava os lençóis, para entender onde deveria atingir. Lupin ouviu sua respiração. Acreditou mesmo ouvir as batidas de seu coração. E constatou com orgulho que seu coração não estava acelerado, enquanto o coração do outro... Ah! Sim, como ele ouvia aquele coração desordenado, louco, que batia como os dobres de um relógio, nas paredes do peito.

A mão do outro se ergueu...

Um segundo, dois segundos...

Será que ele hesitava? Iria poupar o adversário?

E disse Lupin, no imenso silêncio:

– Ataque! Ataque!

Um grito de raiva... o braço desceu com ímpeto.

Em seguida, um gemido.

O braço. Lupin agarrara o braço no ar, na altura do punho... E, saltando para fora da cama, formidável, irresistível, agarrou o homem pela garganta e o derrubou.

Foi tudo. Não houve luta. Nem poderia. O homem estava no chão, pregado, grampeado por dois rebites de aço, as mãos de Lupin. E não havia homem no mundo, por forte que fosse, que pudesse livrar-se daquele aperto.

Nem uma palavra! Lupin não pronunciou nenhuma das palavras com que de hábito se divertia, com sua verve zombeteira. Não sentia vontade de falar. O instante era solene demais.

Nenhuma alegria vã o comovia, nenhuma exaltação de vitória. No fundo, havia apenas um motivo de pressa, saber quem estava lá... Louis de Malreich, o condenado à morte? Ou outro? Quem?

Correndo o risco de estrangular o homem, apertou-lhe a garganta um pouco mais, e um pouco mais, e mais um pouco ainda.

E sentiu que a força do inimigo, tudo o que lhe restava de força, o abandonava. Os músculos do seu braço relaxaram e ficaram inertes. A mão se abriu e largou o punhal.

Livre para agir, e com a vida do adversário paralisada pela espantosa morsa de suas mãos, ele pegou a lanterna, apoiou o dedo no botão sem apertar e aproximou-a do rosto do homem.

Era só apertar o botão, era só querer, que ele saberia.

Durante um segundo, saboreou seu poder. Uma onda de emoção o invadiu. A visão do seu triunfo o fascinou. Uma vez mais, e de um modo soberbo, heroico, ele era o mestre.

Com um gesto seco, fez-se a luz. O rosto do monstro surgiu.

Lupin soltou um grito de terror.

Dolorès Kesselbach!

A assassina

Aquilo foi, no cérebro de Lupin, como um furacão, um ciclone, onde o estrondo de um trovão, uma borrasca, uma tempestade de elementos em fúria desencadeou-se em tumulto numa noite de caos.

Violentos raios açoitaram na escuridão. E na réstia fulgurante desses raios, aterrorizado, sacudido por tremores, convulsionado de horror, Lupin via e tentava compreender.

Ele não se mexia, agarrado à garganta do inimigo, como se seus dedos tensos não pudessem mais soltar aquele aperto. Além do mais, ainda que agora soubesse, ele não tinha, por assim dizer, a impressão exata de que se tratava de Dolorès. Era ainda o homem de preto, Louis de Malreich, o animal imundo das trevas. E esse animal, ele agora o tinha nas mãos, e não o largaria.

Mas a verdade assaltou-lhe o espírito e a consciência e, vencido, torturado de aflição, ele murmurou:

– Oh! Dolorès... Dolorès...

Imediatamente, viu a desculpa: a loucura. Ela era louca. A irmã de Altenheim, de Isilda, a filha dos últimos Malreich, da mãe demente e do pai alcoólatra, ela mesma era louca. Uma louca estranha, louca com toda a aparência de lucidez, mas louca assim mesmo, desequilibrada, doente, desnaturada, verdadeiramente monstruosa.

Com toda convicção, ele compreendia! Era a loucura do crime. Obcecada por um objetivo para o qual caminhava sem pensar, ela matava, ávida de sangue, inconsciente e diabólica.

Ela matava porque queria alguma coisa, matava para se defender, matava para esconder que havia matado. Mas matava também, e sobretudo, para matar. O assassinato satisfazia nela apetites súbitos e irresistíveis. Em certos momentos da vida, sob certas circunstâncias, diante de determinado ser, transformado de repente em adversário, era preciso que seu braço matasse.

E ela matava, louca de raiva, feroz e freneticamente.

Estranha louca, irresponsável por seus crimes, mas lúcida em sua cegueira! Tão lógica em sua desordem! Tão inteligente em seu absurdo! Quanta habilidade! Que perseverança! Que planos, ao mesmo tempo detestáveis e admiráveis!

E Lupin, numa visão rápida, com uma acuidade prodigiosa, via a longa série de aventuras sangrentas e adivinhava os caminhos misteriosos que Dolorès tinha seguido.

Ele a via obcecada e possuída pelo projeto do marido, projeto que devia conhecer apenas em parte. Ele a via procurando, ela também, aquele Pierre Leduc que o marido perseguia, e procurando-o para casar-se com ele e voltar, rainha, àquele pequeno reino de Veldenz de onde seus antepassados tinham sido cassados ignominiosamente.

E ele a via no Palace-Hôtel, no quarto de seu irmão Altenheim, quando imaginavam que estivesse em Monte Carlo. Ele a via, durante dias, espionando o marido, encostada às paredes na penumbra, discreta e incógnita em seu disfarce de sombras.

E, uma noite, ela encontrou o sr. Kesselbach amarrado e o matou.

E, de manhã, prestes a ser denunciada pelo funcionário do hotel, ela matou.

E, uma hora depois, prestes a ser denunciada por Chapman, ela o levou para o quarto do irmão e o matou.

Tudo isso sem piedade, de modo selvagem, com uma habilidade diabólica.

E, com a mesma habilidade, comunicava-se por telefone com suas duas empregadas, Gertrude e Suzanne, as duas recém-chegadas de Monte Carlo, onde uma delas havia assumido o papel de sua patroa. E Dolorès, de novo em trajes de mulher, tendo-se livrado da peruca loira que a tornava irreconhecível, descia ao térreo para encontrar-se com Gertrude no momento em que esta entrava no hotel, fingindo ela mesma que acabava de chegar, ignorante da tragédia que a aguardava.

Atriz incomparável, fazia o papel da esposa cuja vida fora despedaçada. Era motivo de compaixão. Choravam por ela. Quem teria suspeitado dela?

E agora começava a guerra com ele, Lupin, aquela guerra

bárbara, guerra nunca antes vista, que mantinha alternadamente contra Lenormand e contra o príncipe Sernine, de dia na espreguiçadeira, doente e desfalecida, mas de noite, de pé, correndo pelas ruas, incansável e assustadora.

E fazia planos diabólicos. Gertrude e Suzanne, cúmplices assustadas e disciplinadas, uma e outra servindo-lhe de emissárias, disfarçando-se como ela, talvez, como no dia em que o senhor Steinweg tinha sido levado pelo barão Altenheim, em pleno Palácio de Justiça.

E aquela série de crimes. Gourel afogado. Altenheim, seu irmão, apunhalado. Oh! A luta implacável nas galerias da vila de Glycines, o trabalho invisível do monstro na escuridão, como tudo aquilo agora parecia claro!

E foi ela quem revelou sua máscara de príncipe, foi ela quem o denunciou, quem o pôs na prisão, quem desfez seus planos, gastando milhões para vencer a batalha.

E, depois, os acontecimentos precipitando-se. Suzanne e Gertrude desaparecidas, mortas talvez! Steinweg, assassinado! Isilda, a irmã, assassinada!

– Oh! Ignomínia, horror! – murmurava Lupin, num acesso de repugnância e ódio.

Ele a execrava, a abominável criatura. E quis esmagá-la, destruí-la. E era alucinante ver aqueles dois seres agarrados um ao outro, jazendo imóveis na palidez da aurora que começava a temperar as sombras da noite.

– Dolorès... Dolorès – murmurou, desesperado.

E saltou para trás, ofegando de terror, os olhos esbugalhados. O quê? O que ele tinha? O que era aquela ignóbil impressão de frio que gelava suas mãos?

– Octave! Octave! – exclamou, sem se lembrar da ausência do chofer.

Socorro! Ele precisava de socorro! Alguém que lhe desse conforto e ajuda. Ele estava tremendo de medo. Oh! Aquele frio, um frio mortal que havia sentido. Seria possível?... Então, durante aqueles minutos trágicos, ele tinha, com seus dedos crispados...

Bruscamente, forçou-se a olhar. Dolorès não se mexia.

Ele caiu de joelhos e se debruçou sobre ela.

Ela estava morta.

Por alguns instantes, ficou entorpecido, e sua dor parecia dissolver-se. Ele não sofria mais. Não havia furor, nem raiva, nenhum sentimento além de um abatimento estúpido, a sensação de um homem que recebeu um golpe de clava, e que não sabe se vive ainda, se pensa, ou se não passa de uma marionete de um pesadelo.

Entretanto, sentia que algo de justo acabava de acontecer, e não pensou nem por um instante que ele a havia matado. Não, não foi ele. Estava além dele e de sua vontade. Foi o destino, o destino inflexível quem concluiu aquela obra de equidade, exterminando o animal nocivo.

Lá fora, os pássaros cantavam. A vida despertava sob as velhas árvores que a primavera fazia florir. E Lupin, saindo de seu torpor, sentiu aos poucos uma indefinível e absurda compaixão por aquela mulher miserável – odiosa, por certo, abjeta e vinte vezes criminosa, mas tão jovem ainda, e já morta.

E pensou na tortura que seriam para ela os momentos de lucidez, quando, de volta à razão, a inominável louca contemplava a paisagem sinistra dos seus atos.

– Proteja-me, sou tão infeliz! – ela suplicava. Era contra si própria que pedia que a protegessem, contra seus instintos animais, contra o monstro que habitava nela e que a forçava a matar, sempre a matar.

– Sempre? – pensou Lupin.

E lembrou-se da noite da antevéspera quando, debruçada sobre ele, com o punhal erguido contra o inimigo que, havia meses, a perseguia, contra o incansável inimigo que a havia acuado em todos os seus crimes, e lembrou que, naquela noite, ela não tinha matado. Teria sido fácil, no entanto: o inimigo dormia inerte e impotente. De repente, a luta implacável terminava. Não, ela não tinha matado, dominada, ela também, por sentimentos mais fortes do que a crueldade, por obscuros sentimentos de simpatia e admiração por aquele que, com tanta frequência, a dominara.

Não, naquele dia, ela não matou. E eis que, por uma reviravolta

espantosa do destino, era ele quem a matava.

“Eu matei”, pensava ele, tremendo dos pés à cabeça. “Minhas mãos exterminaram um ser vivo, e esse ser era Dolorès! Dolorès... Dolorès...”

Ele não cessava de repetir seu nome, seu nome doloroso, e não cessava de olhar para ela, triste coisa inanimada, inofensiva agora, pobre pedaço de carne, sem mais consciência do que um punhado de folhas ou um passarinho degolado, à beira de uma estrada.

Como poderia ele não tremer de compaixão, uma vez que, diante dela, era ele o assassino, ele, e que ela não era mais do que uma vítima?

“Dolorès... Dolorès... Dolorès...”

O dia o surpreendeu, sentado ao lado da morta, lembrando-se e pensando, enquanto seus lábios articulavam, de tempos em tempos, as sílabas desoladas, “Dolorès... Dolorès...”

No entanto, era preciso agir, e perdido entre os destroços que eram seus pensamentos, ele não sabia mais em que sentido devia agir, nem por onde começar.

“Primeiro, vamos fechar os olhos dela”, pensou.

Vazios, cheios do nada, aqueles belos olhos dourados guardavam ainda a doçura melancólica que era seu charme. Como era possível que aqueles fossem os olhos do monstro? A contragosto, e mesmo diante da realidade implacável, Lupin ainda era incapaz de fundir em um só personagem aqueles dois seres tão distintos em seu pensamento.

Rapidamente, debruçou-se sobre ela, baixou as longas pálpebras de seda e recobriu com um véu a pobre figura convulsionada.

Então, pareceu-lhe que Dolorès ficava mais distante, e que o homem de preto, dessa vez, estava ali, ao lado dele, em seus trajes sombrios, em seu disfarce de assassino.

Ele ousou tocar nele, e apalpou suas roupas.

Num bolso interno, havia duas carteiras. Pegou uma delas e abriu.

Encontrou primeiro uma carta assinada por Steinweg, o velho alemão.

Nela, leu as seguintes palavras:

“Se eu morrer antes de revelar o terrível segredo, saibam o

seguinte: o assassino de meu amigo Kesselbach é sua mulher, e seu verdadeiro nome é Dolorès de Malreich, irmã de Altenheim e irmã de Isilda.

“As iniciais L e M referem-se a ela. Nunca, na intimidade, Kesselbach chamava sua mulher de Dolorès, que é um nome de dor e luto, mas de Laetitia, que quer dizer alegria. L e M – Laetitia de Malreich – essas eram as iniciais inscritas em todos os presentes dele para ela, por exemplo, na cigarreira encontrada no Palace-Hôtel, e que pertencia à sra. Kesselbach. Ela tinha adquirido, nas viagens, o hábito de fumar.

“Laetitia! – E ela foi de fato a alegria dele durante quatro anos, quatro anos de mentiras e de hipocrisia, em que preparava a morte daquele que a amava com tanta bondade e confiança.

“Talvez, eu devesse ter falado imediatamente. Não tive coragem, em memória de meu velho amigo Kesselbach, de quem ela levava o nome.

“E depois, tive medo... No dia em que a desmascarei, no Palácio de Justiça, li nos olhos dela minha sentença de morte.

“Minha fraqueza será minha salvação?”

“Ele também”, pensou Lupin, “ele também foi morto por ela! Ah, meu Deus, ele sabia coisas demais! As iniciais... o nome Laetitia... o hábito secreto de fumar”.

E lembrou-se, na noite anterior, do cheiro de tabaco no quarto.

E continuou a examinar a primeira carteira.

Havia trechos de cartas, em linguagem cifrada, devolvidas talvez a Dolorès por seus cúmplices, no curso de seus encontros tenebrosos...

Havia também endereços em pedaços de papel, de costureiras e modistas, mas também de pardieiros, de hotéis de terceira... E nomes, também... vinte, trinta nomes, nomes bizarros, Hector, o Açougueiro, Armand de Grenelle, o Doente...

Mas uma foto chamou a atenção de Lupin. Ele olhou. E, imediatamente, como que ejetado por uma mola, largou a carteira e

saiu do quarto, saiu do pavilhão e correu até o parque.

Ele havia reconhecido o retrato de Louis de Malreich, preso na Santé.

E só então, naquele instante, ele se lembrou: a execução deveria acontecer no dia seguinte.

E uma vez que o homem de preto, uma vez que o assassino não era outro senão Dolorès, Louis de Malreich chamava-se de fato Léon Massier, e era inocente.

Inocente? Mas, e as provas encontradas na casa dele, as cartas do imperador, e tudo, tudo o que o acusava inegavelmente, todas aquelas provas irrefutáveis?

Lupin parou um segundo, com o cérebro em brasa.

– Ah! – exclamou ele. – Estou ficando louco, também. Mas, vejamos, tenho que agir... amanhã será o dia da execução... amanhã... amanhã de manhã... ele puxou o relógio.

– Dez horas... De quanto tempo preciso para chegar a Paris? Está bem, estarei lá cedinho, cedinho, eu preciso... E esta noite mesmo vou tomar medidas para impedir... Mas, que medidas? Como provar a inocência dele? Como impedir sua execução? Ah! Não importa! Quando chegar lá, eu vejo. Não me chamo Lupin? Então, vamos...

E partiu correndo, entrou no castelo e gritou:

– Pierre! Vocês viram Pierre Leduc? Ah! Aí está você... Ouça...

E puxou-o à parte, e com voz entrecortada, mas categórica:

– Ouça, Dolorès não está mais aqui... É, uma viagem, urgente. Partiu esta noite, no meu carro... Sim, eu vou também... Fique quieto! Silêncio, um segundo que perdemos, e a coisa pode ser irreparável. Você vai dispensar todos os empregados, sem dar explicações. Aqui está o dinheiro. Daqui a meia hora, este castelo tem que estar vazio. E ninguém deve entrar aqui até eu voltar! Nem você, entendeu, eu proíbo você de entrar aqui... Depois, explico... o motivo é grave. Tome, leve a chave, e me espere no vilarejo...

E de novo, ele correu.

Dez minutos depois, encontrou Octave.

E saltou para dentro do carro.

– Paris – ele disse.

— 2 —

A viagem foi uma verdadeira corrida de morte.

Lupin, julgando que Octave não estava dirigindo suficientemente rápido, assumiu o volante e seguiu em marcha desconcertada e vertiginosa. Nas estradas, pelos vilarejos, nas ruas povoadas das cidades, iam a cem quilômetros por hora. Quem ficava para trás gritava de raiva, mas o bólido já ia longe e desaparecia.

– Patrão – balbuciava Octave, lívido –, vamos ficar por aqui.

– Você, talvez, o carro, talvez, mas eu vou chegar – dizia Lupin.

Ele tinha a sensação de que não era o carro quem o transportava, mas ele quem transportava o carro, quem rasgava o espaço com as próprias forças, com a própria vontade. Então, que milagre poderia fazer com que não chegasse, uma vez que suas forças eram inesgotáveis, e sua vontade não tinha limites?

– Vou chegar porque tenho que chegar – ele repetia.

E pensava no homem que iria morrer se ele não chegasse a tempo para salvá-lo, no misterioso Louis de Malreich, tão desconcertante em seu silêncio obstinado e rosto hermético. E no tumulto da estrada, sob as árvores cujos galhos faziam um ruído de ondas furiosas, em meio ao zunido de suas ideias, ainda assim Lupin se esforçava para estabelecer uma hipótese. E a hipótese tomava forma aos poucos, lógica, inverossímil, é claro, ele pensava, agora que conhecia a terrível verdade sobre Dolorès, e que entrevia todos os recursos e os desígnios odiosos daquele espírito desequilibrado.

“É, foi ela quem bolou toda aquela espantosa intriga contra Malreich. O que ela queria? Casar-se com Pierre Leduc, por quem se fez amar, e tornar-se a soberana do pequeno reino de onde ela tinha sido banida. O objetivo estava acessível, ao alcance de suas mãos. Mas havia um obstáculo... eu, eu, que surgia depois de cada crime, eu, cuja clarividência ela temia, eu, que não desistiria até descobrir o culpado e encontrar as cartas roubadas do imperador...

“Bem! Como eu precisava de um culpado, o culpado seria Louis de Malreich, ou melhor, Léon Massier. Quem é esse Léon Massier? Ela o conhecia antes do seu casamento? Tinham se amado? É provável, mas nunca saberemos. O certo é que ela deve ter ficado impressionada com a semelhança de altura e aparência entre ela e Léon Massier, e que podia acentuar vestindo-se como ele, com roupas pretas e peruca loira. Ela deve ter observado a vida bizarra daquele homem solitário, suas andanças noturnas, seu modo de andar pelas ruas e de despistar quem o poderia estar seguindo. E, a partir dessas observações, e prevendo uma eventualidade, deve ter aconselhado o sr. Kesselbach a riscar dos registros de identidade o nome de Dolorès e substituir pelo nome de Louis, para que as iniciais fossem justamente as de Léon Massier.

“Chegou a hora de agir, ela já urdiu o complô e agora precisa executar. Léon Massier mora na rua Delaizement? Ela manda os cúmplices se estabelecerem na rua paralela. E ela mesma me dá o endereço do maître Dominique e me põe na pista dos sete bandidos, sabendo muito bem que, uma vez na pista, eu iria até o final, ou seja, para além dos sete bandidos, até o chefe deles, até o sujeito que os vigia e dirige, até o homem de preto, até Léon Massier, até Louis de Malreich.

“E, de fato, eu cheguei primeiro nos sete bandidos. E depois, o que acontece? Ou eu sou derrotado, ou nos destruímos mutuamente, que é o que ela devia estar esperando aquela noite, na rua des Vignes. Em qualquer dos casos, Dolorès fica livre de mim.

“Mas, acontece o seguinte: sou eu quem pega os sete bandidos. Dolorès foge da rua des Vignes. Eu a encontro no galpão do Antiquário. Ela me empurra na direção de Léon Massier, ou seja, na direção de Louis de Malreich. Eu encontro com ele as cartas do imperador, *que ela mesma colocou lá*, e entrego ele à justiça, e denuncio a passagem secreta *que ela mesma mandou abrir* entre os dois galpões, e forneço todas as provas *que ela mesma preparou*, e mostro com documentos que ela mesmo fabricou que Léon Massier roubou a identidade de Léon Massier, e que na verdade o nome dele é Louis de Malreich.

“E Louis de Malreich vai morrer.

“E Dolorès de Malreich, finalmente vitoriosa, livre de qualquer suspeita, uma vez que o culpado foi descoberto, livre do seu passado de infâmias e crimes, morto o marido, morto o irmão, a irmã morta, as duas empregadas mortas, morto Steinweg, livre de seus cúmplices, que entreguei todos amarrados nas mãos de Weber, livre ela própria, e por mim, que levei ao cadafalso o inocente que ela pôs no seu lugar, Dolorès, vitoriosa, milionária, amada por Pierre Leduc, Dolorès finalmente reinará.”

– Ah! – exclamou Lupin, fora de si. – Esse homem não vai morrer. Juro pela minha vida, ele não vai morrer.

– Cuidado, patrão – disse Octave, assustado –, estamos chegando... Estamos na periferia, nos subúrbios...

– O que você quer que eu faça?

– Vamos acabar capotando... E a pista está escorregadia, vamos derrapar...

– Azar.

– Cuidado... Ali...

– O quê?

– Um bonde, na curva...

– Ele que pare!

– Freie, patrão.

– Nunca!

– Estamos perdidos...

– Vamos passar.

– Não vamos.

– Vamos.

– Ah! Meu Deus...

Um estrondo, gritos... o carro enganchou no bonde, foi jogado contra uma paliçada, derrubou dez metros de cerca e, finalmente, arrebentou-se em um talude.

– Motorista, você está livre?

Era Lupin, deitado na grama, chamando um táxi. Ele se levantou, viu o carro destruído, viu gente em volta de Octave e saltou para dentro do táxi.

– Para o Ministério do Interior, praça Beauvau... Vinte francos de gorjeta.

E, acomodando-se no fundo do fiacre, continuou:

– Ah! Não, ele não vai morrer! Não, mil vezes não, eu não terei isso na minha consciência! Já basta ter me tornado um brinquedo nas mãos dessa mulher e ter caído nessa farsa feito um colegial... Basta! Chega de erros! Aquele infeliz foi preso por minha causa... condenado à morte, por minha causa, eu mesmo o levei até a beira do cadafalso... mas ele não vai subir! Não vai! Se subir, só me resta meter uma bala na cabeça!

Aproximaram-se de uma barreira aduaneira. Lupin avançou:

– Mais vinte francos, chofer, para não parar.

E gritou diante da barreira:

– A serviço da Sûreté!

Passaram.

– Não freie, por favor! – gritou Lupin. – Mais depressa! Mais depressa! Está com medo de machucar algum velhinho? Atropele. Eu pago.

Em minutos, chegaram ao ministério da praça Beauvau. Lupin atravessou o pátio correndo e subiu os degraus da escadaria de honra. A antessala estava cheia de gente. Escreveu numa folha de papel: “Príncipe Sernine”, e puxando um contínuo de lado, disse:

– Sou eu, Lupin. Está me reconhecendo, não? Eu arranjei este emprego para você, uma boa aposentadoria, hein? Mas você vai me pôr aí dentro agora mesmo. Vá, anuncie meu nome. Só peço isso. O presidente vai agradecer, pode ficar tranquilo... eu também... Mas, depressa, sua besta! Valenglay está me esperando...

Dez segundos depois, Valenglay em pessoa enfiava a cabeça na porta e dizia:

– Mande entrar “o príncipe”.

Lupin avançou, fechou rapidamente a porta e, interrompendo o presidente, disse:

– Não, não fale nada, o senhor não pode me interromper... Para não comprometer nem o senhor nem o imperador... Não... Não é nada disso. Escute. Malreich é inocente. Eu descobri o verdadeiro culpado...

É Dolorès Kesselbach. Ela morreu. O cadáver dela está lá. Tenho provas irrefutáveis. Não há nenhuma dúvida. Foi ela...

Ele se calou. Valenglay não aprecia compreender.

– Vamos, senhor presidente, temos que salvar Malreich... Pense... um erro judiciário!... a cabeça de um inocente!... Dê as ordens... um mandado extraordinário... eu é que sei?... Mas depressa, o tempo urge.

Valenglay olhava atento para ele, depois aproximou-se de uma mesa, pegou um jornal e o estendeu, apontando com o dedo para um artigo.

Lupin bateu os olhos no título e leu:

“A execução do monstro. Hoje de manhã, Louis de Malreich sofreu seu último suplício...”

Ele não prosseguiu. Aturdido, aniquilado, desabou na poltrona com um gemido de desespero.

Por quanto tempo ficou assim? Estava lá fora, e não saberia dizer. Lembrava-se de um longo silêncio, depois via Valenglay debruçado sobre ele, borrifando água fria no seu rosto, lembrava-se sobretudo da voz abafada do presidente, sussurrando:

– Ouça... não precisa falar nada sobre isso, está bem? Inocente, pode ser, não digo que não... Mas para que essas revelações? Um escândalo? Um erro judiciário pode ter consequências graves. Vale a pena? Uma retratação? Para quê? Ele nem foi condenado sob o nome verdadeiro. Foi Malreich o nome que levaram à execração pública, o mesmo nome da culpada... Então?

E, empurrando aos poucos Lupin em direção à porta, disse:

– Vamos... volte para lá... suma com aquele cadáver... E não deixe traços, hein? Nem o menor indício dessa história toda... Conto com você, ouviu?

E Lupin voltou. Voltou como um autômato, porque alguém tinha mandado que ele agisse assim, e porque não tinha mais vontade própria.

Ele esperou horas na estação. Maquinalmente, comeu, comprou a passagem e se instalou num vagão do trem.

Dormiu mal, com a cabeça quente, entre pesadelos e intervalos confusos de vigília, em que tentava entender por que Massier não tinha se defendido.

“Era um louco... com certeza... meio louco... Eles se conheceram no passado... e ela arruinou a vida dele... deixou ele louco... Então, melhor morrer... Defender-se para quê?”

A explicação o satisfazia apenas em parte, e ele prometia a si próprio, mais dia, menos dia, esclarecer aquele enigma e entender exatamente o papel de Massier na vida de Dolorès. Mas aquilo não importava no momento! Uma coisa apenas parecia clara: a loucura de Massier, e ele repetia obstinado:

“Ele era louco... esse Massier com certeza era louco... Aliás, todos os Massier, uma família de loucos...”

Ele delirava, embaralhando os nomes, com o cérebro enfraquecido.

Mas, ao descer na estação de Bruggen, sentiu, com o ar fresco da manhã, que recobrava a consciência. De repente, as coisas tomavam outro aspecto. E ele dizia:

– É! Azar, enfim! Ele tinha que contestar, só isso... Eu não sou responsável por nada... Foi ele quem se suicidou... Ele era só um comparsa nessa aventura... Sucumbiu... eu lamento... Fazer o quê?

A necessidade de agir o premia de novo. E, ainda que ferido, torturado por aquele crime do qual se sabia, apesar de tudo, o autor, ele olhava para o futuro.

“São acidentes de guerra. Não pense mais nisso. Nem tudo está perdido. Ao contrário. Dolorès era um empecilho, pois Pierre Leduc a amava. Dolorès está morta. Então, Pierre Leduc me pertence. E vai se casar com Geneviève, como eu decidi! E vai reinar! E eu serei o mestre! E a Europa, a Europa será minha!”

Ele se animava, já mais tranquilo, subitamente confiante, febril, e gesticulava pela estrada, desferindo golpes com uma espada imaginária, a espada do chefe que quer, comanda e triunfa.

“Lupin, você será rei! Você será rei, Arsène Lupin.”

No vilarejo de Bruggen, pediu informações e ficou sabendo que Pierre Leduc havia almoçado em um albergue, no dia anterior. Depois,

não foi mais visto.

– Como – disse Lupin –, ele não dormiu aqui?

– Não.

– Mas, para onde ele foi depois do almoço?

– Pegou a estrada em direção ao castelo.

Lupin saiu, surpreso. Ele havia aconselhado ao jovem fechar as portas e não voltar mais, depois que os empregados tivessem sido dispensados.

Logo em seguida, obteve a prova de que Pierre o havia desobedecido: o portão estava aberto.

Ele entrou, percorreu o castelo, chamou. Ninguém respondeu.

De repente, lembrou-se do chalé. Quem sabe! Pierre Leduc, sofrendo pela mulher amada e guiado por uma intuição, talvez tivesse procurado por aqueles lados. E o cadáver de Dolorès estava lá!

Preocupado, Lupin pôs-se a correr.

À primeira vista, não parecia haver ninguém no castelo.

– Pierre! Pierre! – gritou ele.

Não ouvindo barulho, entrou no vestíbulo e no quarto que havia ocupado.

E parou, pregado junto à porta.

Acima do cadáver de Dolorès, pendia Pierre Leduc, com uma corda no pescoço, morto.

Impassível, Lupin ficou rígido dos pés à cabeça. Não queria se abandonar a um gesto de desespero. Não queria pronunciar uma só palavra de violência. Depois dos golpes atrozes recebidos do destino, depois dos crimes e da morte de Dolorès, depois da execução de Massier, depois de tantas convulsões e catástrofes, sentia a absoluta necessidade de manter-se senhor de si. Senão, enlouqueceria...

– Imbecil! – disse ele, apontando para Pierre Leduc. – Três vezes imbecil, você não podia esperar? Em menos de dez anos, teríamos recuperado a Alsácia-Lorena.

Para distrair-se, procurava palavras, atitudes, mas as ideias lhe escapavam, e seu cérebro parecia prestes a explodir.

– Ah! Não, não – ele exclamou –, isso não, diabos! Lupin, louco, também! Ah! Não, meu caro! Meta uma bala na cabeça, porque não vejo outro desfecho possível. Mas Lupin gagá, numa cadeira de rodas, isso não! Em grande estilo, meu caro, acabe a vida em grande estilo!

E caminhava batendo os pés e erguendo os joelhos bem alto, como fazem alguns atores quando simulam a loucura. E dizia:

– Você é bravo, meu caro, bravo, os deuses te contemplam. Cabeça para o alto! E estômago, diabos! Couraça! Está tudo ruindo à sua volta!... E daí? É um desastre, nada dá certo, um reino naufraga, eu perco a Europa, o universo evapora?... E daí? Ria, oras! Seja Lupin ou não seja nada... Vamos, ria! Mais alto... Até que enfim... Deus, que engraçado! Dolorès, um cigarro, minha cara!

E agachou zombeteiro, tocou no rosto da morta, vacilou por um instante e caiu, desfalecido.

Uma hora depois, estava se levantando. A crise tinha terminado e, senhor de si, tenso, sério e taciturno, examinava a situação.

Sentia que era chegado o momento de decisões definitivas. Sua vida tinha sido arruinada, em poucos dias, por catástrofes imprevistas, que desabaram umas sobre as outras no momento em que ele

acreditava que a vitória era certa. O que ia fazer? Recomeçar? Reconstruir? Não tinha coragem. E agora?

Durante toda a manhã, caminhou a esmo pelo parque, passeio trágico durante o qual examinou a situação nos menores detalhes e, pouco a pouco, sentiu a ideia de a morte impor-se com rigor inflexível.

Mas, matando-se ou vivendo, havia antes uma série de providências objetivas que ele precisava tomar. E via-as com clareza, com o cérebro já mais sereno.

O relógio da igreja soou o Angelus do meio-dia.

– Mãos à obra – disse –, e nada de erros.

Ele voltou ao chalé, muito calmo, entrou em seu quarto, subiu num banquinho e cortou a corda onde pendia Pierre Leduc.

– Pobre diabo, você tinha que terminar assim, com uma gravata de cânhamo no pescoço. Pena! Você não foi feito para a grandeza... Eu devia ter previsto isso, não deveria ter amarrado minha fortuna a um fazedor de rimas.

Vasculhou nas roupas do jovem e não encontrou nada. Mas, lembrando-se da segunda carteira de Dolorès, pegou-a do bolso onde a havia deixado.

Teve um gesto de surpresa. Na carteira, havia um maço de cartas familiar, e nelas reconheceu imediatamente as várias caligrafias.

– As cartas do imperador! – ele murmurou. – As cartas do velho chanceler!... Todo o maço que eu mesmo fui buscar na casa de Léon Massier e que entreguei ao conde de Waldemar... Como assim?... Será que ela pegou de volta daquele estúpido do Waldemar?

E, de repente, batendo a mão na testa:

– Não, o estúpido sou eu. Estas são as cartas verdadeiras! Que ela guardou para chantagear o imperador, no momento certo. E as outras, as que eu entreguei a ele, são falsas, copiadas por ela, é evidente, ou por algum cúmplice, e que ela deixou ao meu alcance: e eu caí feito um imbecil! Que diabos, quando há mulheres no meio...

Só havia mais um papel na carteira, uma fotografia. Ele olhou. Era a sua.

– Duas fotos... Massier e eu... que ela amava mais, talvez... porque ela me amava... Um amor bizarro, feito de admiração pelo

aventureiro que sou, pelo homem que derrotava sozinho os sete bandidos que ela havia encarregado de me atacar. Estranho amor! Que senti palpar nela no dia em que revelei meus sonhos de grandeza! Foi nesse dia que ela teve a ideia de sacrificar Pierre Leduc e submeter seus sonhos ao meu. Se não fosse o incidente com o espelho, ela teria se rendido. Mas ficou com medo. Eu estava descobrindo a verdade. Para vencer, ela precisava da minha morte, e foi o que ela decidiu.

Várias vezes, ele repetiu, pensativo:

– E, no entanto, ela me amava... Sim, ela me amava, como outras me amaram... outras, cuja infelicidade eu também causei... Puxa! Todas que me amam, morrem... E essa morreu também, estrangulada por mim... Para que viver?

Em voz baixa, repetiu:

– Para que viver? Não é melhor juntar-se a elas, a todas as mulheres que me amaram?... E que morreram por amor: Sonia, Raymonde, Clotilde Destange, a srta. Clarke?...

Ele estendeu os dois cadáveres um ao lado do outro, cobriu-os com um mesmo véu, sentou-se diante de uma mesa e escreveu:

“Triunfei em tudo: e fui vencido. Alcancei meu objetivo e caí. O destino é mais forte do que eu. E quem eu amei não existe mais. Morro também.”

E assinou: *Arsène Lupin*.

Pôs a carta num envelope, que guardou dentro de um frasco e atirou pela janela, na terra mole de um canteiro.

Em seguida, fez no piso de madeira uma pilha com jornais velhos, palha e pedaços de lenha, que buscou na cozinha.

Por cima, derramou querosene.

Depois, acendeu uma vela, que jogou no meio da lenha.

Imediatamente, a chama correu, outras chamas brotaram, rápidas, ardentes, crepitantes.

– Vamos embora – disse Lupin –, o chalé é de madeira: vai queimar feito um fósforo. E, quando vierem do vilarejo, mais o tempo de forçar o portão, de correr até esta extremidade do parque... será tarde demais! Vão encontrar cinzas, dois cadáveres carbonizados e,

aqui perto, numa garrafa, meu bilhete de despedida... Adeus, Lupin! Meu bom povo, enterrem-me sem cerimônia... um carro fúnebre dos pobres... nem flores, nem coroas... uma simples cruz, e este epitáfio:

AQUI JAZ

ARSÈNE LUPIN, O AVENTUREIRO

Ele alcançou o muro da propriedade, escalou-o e, ao voltar-se, viu as chamas turbilhonando em direção ao céu...

Voltou a pé na direção de Paris, errante, com o coração em desespero, curvado perante o destino.

Os camponeses espantavam-se ao ver aquele viajante que pagava refeições de trinta dinheiros com notas de banco.

Três ladrões de estrada o atacaram, uma noite, em plena floresta. Com golpes de bastão, ele os deixou quase mortos no local...

Passou oito dias num hotel. Não sabia aonde ir... O que fazer? A que se agarrar? A vida o estava abandonando. Ele não queria mais viver... não queria mais viver...

– Você!

A sra. Ernemont, no pequeno cômodo da vila de Garches, estava de pé, tremendo, assustada, lívida, com os olhos arregalados e fixos na aparição que surgia à sua frente.

Lupin!... Lupin estava lá!

– Você! – ela disse. – Você!... Mas os jornais disseram que...

Ele sorriu com tristeza.

– Sim, que estou morto.

– Que bom!... Que bom!... – disse ela, com ingenuidade...

– Vai me dizer que, se estou morto, não tenho o que fazer aqui. Acredite, tenho razões importantes, Victoire.

– Como você mudou! – disse ela, com compaixão.

– Umas pequenas decepções... Mas acabou. Ouça, Geneviève está aqui?

Ela saltou sobre ele, subitamente furiosa.

– Você vai deixá-la em paz, não vai? Ah! Mas, dessa vez, não vou sair de perto dela. Ela voltou cansada, pálida, preocupada, e vai custar para recuperar aquele rosto corado. Você vai deixá-la em paz, eu juro.

Ele pôs a mão firme no ombro da velha senhora.

– Eu *quero*... entende... eu *quero* falar com ela.

– Não.

– Eu vou falar com ela.

Ele a sacudiu. Ela se refez e, de braços cruzados, disse:

– Só passando por cima do meu cadáver, ouviu? A menina vai ser feliz aqui, e não em outro lugar... Com todas essas suas ideias de dinheiro e nobreza, você a tornaria infeliz. E isso, não. E o que houve com o seu Pierre Leduc? E com Veldenz? Geneviève, duquesa! Você é louco. Essa não é a vida dela. No fundo, olha, você só pensou em si mesmo. Era o seu poder, a sua fortuna, o que você queria. Com a menina, você não está nem aí. Você ao menos perguntou a ela se ela amava aquele safado do grão-duque? Você ao menos perguntou se ela amava alguém? Não, você foi atrás do que você queria, só isso, correndo o risco de machucar Geneviève, de fazê-la infeliz para o resto da vida. Muito bem! Eu não quero. O que ela precisa é de uma existência simples, honesta, e isso você não pode dar. Então, o que você veio fazer aqui?

Ele pareceu abalado, mas, ainda assim, com a voz baixa e uma grande tristeza, murmurou:

– É impossível que eu não a veja mais. É impossível que eu não fale mais com ela...

– Ela acha que você morreu.

– É isso que eu não quero! Eu quero que ela saiba a verdade. É uma tortura imaginar que ela pense em mim como alguém que não existe mais. Traga ela aqui, Victoire.

Ele falava com voz tão calma, tão desolada, que ela se enterneceu e perguntou:

– Ouça, antes de mais nada, eu quero saber. Depende do que você vai dizer a ela... Seja sincero, meu menino... O que você quer dela, de Geneviève?

Ele disse, sério:

– Quero dizer o seguinte: “Geneviève, eu prometi à sua mãe que daria a você fortuna, poder e uma vida de contos de fadas. Nesse dia, depois de ter alcançado meu objetivo, eu iria pedir um lugarzinho não

muito longe de você. Feliz e rica, você teria esquecido, tenho certeza, teria esquecido quem eu sou, ou melhor, quem eu fui. Infelizmente, o destino é mais forte do que eu. Eu não vim trazer fortuna nem poder. Eu não vim trazer nada. Ao contrário, sou eu quem precisa de você. Geneviève, você pode me ajudar?”

– Em quê? – perguntou a mulher, ansiosa.

– A viver...

– Oh! – disse ela. – Você está assim, meu menino...

– Estou – respondeu simplesmente, sem sofrimento. – Sim, estou assim. Três pessoas acabaram de morrer, e que eu matei, matei com minhas próprias mãos. O fardo dessa lembrança é pesado demais. Estou sozinho. Pela primeira vez na vida, preciso de socorro. Tenho direito de pedir socorro a Geneviève. E o dever dela é me ajudar... Senão...?

– Tudo acabou.

A velha senhora se calou, pálida e trêmula. Ela voltava a sentir todo o afeto por aquele que nutrira com seu leite, em tempos distantes, e que ainda era, apesar de tudo, seu “menino”. E perguntou:

– O que você vai fazer com ela?

– Vamos viajar... Com você, se quiser vir, também...

– Mas você está esquecendo... está esquecendo...

– O quê?

– Seu passado...

– Ela também vai esquecer. E vai entender que não sou mais aquilo, e que não posso mais ser.

– Então, na verdade, o que você quer é compartilhar sua vida com ela, a vida de Lupin?

– A vida do homem que eu serei, do homem que vai trabalhar para que ela seja feliz, para que ela se case com quem ela quiser. Vamos morar em algum lugarzinho no mundo. Vamos lutar juntos, um ao lado do outro. E você sabe do que eu sou capaz...

Ela repetiu lentamente, com os olhos fixos nele:

– Então é isso, você quer compartilhar com ela a vida de Lupin?

Ele hesitou por um segundo, apenas um segundo, e afirmou com clareza:

– Quero, eu quero, é meu direito.

– Você quer que ela abandone todas as crianças a quem se dedicou, toda uma vida de trabalho que ela ama e que é tão importante para ela?

– Sim, eu quero, é o dever dela.

A velha senhora abriu a janela e disse:

– Nesse caso, chame ela.

Geneviève estava no jardim, sentada num banco. Quatro meninas se espremiavam ao redor dela. Outras brincavam e corriam.

Ele a olhou de frente. Via seus olhos sorridentes e sérios. Com uma flor na mão, ela arrancava uma a uma as pétalas e dava explicações às crianças, atentas e curiosas. Depois, perguntava. E cada resposta valia um beijo de recompensa.

Lupin olhou-a demoradamente, com emoção e aflição infinitas. Uma porção enorme de sentimentos desconhecidos despertava nele. Tinha vontade de abraçar aquela bela jovem, de beijá-la, de falar de seu respeito e de seu afeto. Ele agora lembrava a mãe, morta no vilarejo de Aspremont, morta de tristeza...

– Chame ela – repetiu Victoire.

Ele desabou em uma poltrona, murmurando:

– Eu não posso... não posso... não tenho o direito... É impossível... É melhor ela achar que eu morri... É melhor...

Ele chorava, sacudindo em soluços, arrebatado por um desespero imenso, cheio de uma ternura crescente, como flores tardias que morrem no mesmo dia em que brotam.

A velha senhora ajoelhou-se e, com uma voz trêmula, perguntou:

– Ela é sua filha, não é?

– É, é minha filha.

– Oh! Meu menino – disse ela chorando –, meu pobre menino!...

EPÍLOGO

O suicídio

– A cavalo, disse o imperador.

E corrigiu:

– Num asno, aliás – disse ele, vendo o magnífico asno que lhe traziam. – Waldemar, tem certeza de que esse animal é dócil?

– Ponho a mão no fogo por ele, Sire – afirmou o conde.

– Nesse caso, fico tranquilo – disse o imperador, rindo.

E, virando-se para sua escolta oficial:

– Senhores, a cavalo.

Havia lá, na praça principal do vilarejo de Capri, uma multidão vigiada pelos *carabinieri* italianos e, no centro, todos os asnos do país, requisitados para a visita do imperador àquela maravilhosa ilha.

– Waldemar – disse o imperador, tomando a frente da caravana –, por onde começamos?

– Pela vila de Tibère, Sire.

Passaram sob uma porta, depois seguiram por um caminho mal pavimentado que se elevava aos poucos no promontório oriental da ilha.

O imperador estava de mau humor e zombava do colossal conde de Waldemar, cujos pés tocavam no chão, dos dois lados do infeliz asno que estava esmagando.

Quarenta e cinco minutos depois, chegaram ao Saut-de-Tibère, um rochedo prodigioso, de trezentos metros de altura, de onde o tirano lançava suas vítimas ao mar.

O imperador apeou, aproximou-se da balaustrada e lançou um olhar em direção ao abismo. Depois, quis seguir a pé até as ruínas da vila de Tibère, por onde caminhou entre salas e corredores destruídos.

Ele parou um instante.

Dali, tinha-se uma vista magnífica da península de Sorrento e de toda a ilha de Capri. O azul intenso do mar preenchia a curva

admirável do golfo, e odores frescos misturavam-se ao perfume dos limoeiros.

– Sire – disse Waldemar –, a vista é ainda mais bonita da capela do eremita, que fica lá no topo.

– Vamos.

Mas o eremita vinha descendo por uma trilha íngreme. Era um senhor de idade, de andar vacilante e costas curvadas. E segurava um caderno onde os viajantes costumavam anotar suas impressões.

Ele apoiou o caderno em um balcão de pedra.

– O que devo escrever? – perguntou o imperador.

– Seu nome, Sire, a data de sua visita e o que mais quiser.

O imperador pegou a pena que lhe estendeu o eremita e inclinou-se.

– Cuidado, Sire, cuidado!

Gritos de susto e um estrondo, vindo da capela, o imperador se voltou. Viu um enorme rochedo rolando em sua direção.

Nesse instante, foi agarrado pelo eremita e lançado a dez metros de distância.

O rochedo chocou-se contra o balcão de pedra onde estava o imperador, apenas um segundo antes, fazendo-o em pedaços.

Sem a intervenção do eremita, seria o fim do imperador.

Ele estendeu a mão e disse simplesmente:

– Obrigado.

Os oficiais acorreram à sua volta.

– Não foi nada, senhores... Só um susto... mas um belo susto, eu admito... Se não fosse pela intervenção desse valoroso homem...

E, aproximando-se do eremita, perguntou:

– Seu nome, meu amigo?

O eremita estava de capuz. Afastou-se um pouco, e, em voz baixa, de modo a ser ouvido apenas pelo interlocutor, disse:

– O nome de alguém muito feliz por causa de um simples aperto de mãos, Sire.

O imperador estremeceu e recuou. Mas recompondo-se, disse em seguida:

– Senhores – disse aos oficiais –, peço que subam até a capela.

Outras rochas podem rolar, e seria prudente prevenir as autoridades da região. Nos encontraremos em seguida. Quero agradecer a esse valoroso homem.

Ele se afastou, acompanhado do eremita. Quando estavam sozinhos, disse:

– Você? Por quê?

– Precisava falar com o senhor. Se pedisse uma audiência, seria concedida? Prefiri agir diretamente, e pensei em me revelar quando Vossa Majestade estivesse assinando o livro de registros, mas esse acidente estúpido...

– Enfim? – disse o imperador.

– As cartas que Waldemar entregou de minha parte, Sire, são falsas.

O imperador esboçou um gesto de viva contrariedade.

– Falsas? Tem certeza?

– Absoluta, Sire.

– Mas, aquele Malreich...

– Malreich não era o culpado.

– Quem era, então?

– Peço que Vossa Majestade guarde minha resposta em segredo. O verdadeiro culpado era a sra. Kesselbach.

– A mulher de Kesselbach?

– Sim, Sire. Ela está morta. Foi ela quem fez ou mandou fazer as cópias que estão em seu poder. Ela ficou com as cartas verdadeiras.

– Mas onde elas estão? – exclamou o imperador. – Isso é que importa! Preciso encontrá-las a qualquer preço! Essas cartas têm um valor considerável para mim.

– Estão aqui, Sire.

O imperador ficou perplexo por um instante. Olhou para Lupin, olhou para as cartas, ergueu de novo os olhos para Lupin, depois embolsou o maço sem examinar.

Era evidente que aquele homem, mais uma vez, o desconcertava. De onde vinha aquele bandido que, tendo uma arma terrível como aquela, usava-a assim, generosamente, sem impor nenhuma condição? Teria sido tão simples guardar as cartas e usá-las conforme sua

vontade! Não, ele tinha prometido. E agora cumpria sua palavra.

O imperador pensava em todas as coisas impressionantes que aquele homem tinha feito.

E disse:

– Os jornais deram a notícia de sua morte...

– Sim, Sire. Na verdade, estou morto. E a justiça do meu país, contente por se livrar de mim, mandou enterrar os restos incinerados e irreconhecíveis do meu cadáver.

– Então, você está livre?

– Como sempre estive.

– Não tem laços com ninguém?

– Com ninguém.

– Nesse caso...

O imperador hesitou, depois disse com clareza:

– Nesse caso, fique a meu serviço. Ofereço o comando de minha segurança pessoal. Você será o senhor absoluto. Com todos os poderes, inclusive sobre a polícia.

– Não, Sire.

– Por quê não?

– Sou francês.

Houve um silêncio. A resposta não agradou ao imperador. Ele disse:

– Mas, se não tem laços com mais ninguém...

– Esse laço não pode ser desfeito, Sire.

E acrescentou, rindo:

– Estou morto como homem, mas vivo, como francês. Me surpreende que Vossa Majestade não compreenda.

O imperador deu alguns passos para um lado e para o outro. E retomou:

– Mas eu gostaria de ficar quite. Soube que as negociações a respeito do grão-ducado de Veldenz foram rompidas.

– Sim, Sire. Pierre Leduc era um impostor. Ele está morto.

– Que posso fazer por você? Você me devolveu estas cartas... Você me salvou a vida... O que posso fazer?

– Nada, Sire.

– Faz questão, então, que eu fique em dívida?

– Sim, Sire.

O imperador olhou pela última vez para aquele estranho homem que, diante dele, comportava-se como um igual. Depois, inclinou de leve a cabeça e, sem dizer mais nada, afastou-se.

– É! Majestade, deixei-o sem palavras – disse Lupin, seguindo-o com os olhos.

E, filosoficamente, acrescentou:

– Verdade que a revanche foi pouca, eu preferia ter ficado com a Alsácia-Lorena... Mas...

Parou e bateu o pé.

– Diabos, Lupin! Você vai ser sempre o mesmo, até o fim da vida, insuportável e cínico! Aja como um homem sério, caramba! É agora ou nunca, seja um homem sério!

Ele subiu a trilha que levava até a capela e parou no lugar de onde a rocha tinha se soltado.

E riu.

– Foi um belo trabalho, e os oficiais de Sua Majestade não perceberam nada. Mas como poderiam adivinhar que fui eu que preparei aquela rocha e que, no último instante, dei o impulso para ela rolar, seguindo o caminho que tracei entre ela e um imperador de quem eu fazia questão de salvar a vida?

E suspirou:

– Ah! Lupin, como você é complicado! Tudo isso porque jurou que Sua Majestade apertaria as suas mãos! “A mão de um imperador não tem mais do que cinco dedos”, como disse Victor Hugo.

Ele entrou na capela e abriu, com uma chave especial, a porta baixa de uma pequena sacristia.

Sobre um amontoado de palha, jazia um homem, de mãos e pés atados e uma mordaça na boca.

– Muito bem! Meu caro eremita – disse Lupin –, até que foi rápido, não foi? Vinte e quatro horas, no máximo... Mas que belo trabalho fiz por você! Imagine que você acaba de salvar a vida do imperador... É, meu caro. Você é o homem que salvou a vida do imperador. Que sorte. Vão construir uma catedral para você e erguer

uma estátua, até o dia em que descobrirem... Essa gente sabe fazer o mal! Sobretudo a quem deixa o orgulho subir à cabeça. Tome, eremita, pegue suas roupas.

Aturdido, quase morto de fome, o eremita levantou-se titubeando.

Lupin vestiu-se rapidamente e disse:

– Adeus, meu caro. Desculpe a confusão. E ore por mim. Vou precisar. A eternidade está me abrindo as portas. Adeus!

Ele permaneceu por alguns segundos na entrada da capela. Foi o instante solene em que um sujeito hesita, apesar de tudo, diante do terrível desfecho. Mas sua resolução era irrevogável e, sem mais refletir, ele avançou, desceu de novo a ladeira correndo, atravessou a plataforma do Saut-de-Tibère e saltou a balaustrada.

– Lupin, dou três minutos para você se exhibir. Para quê? Você dirá, não tem ninguém aqui... E você não está aqui? Não pode encenar sua última peça para você mesmo? Caramba, o espetáculo vale a pena... Arsène Lupin, peça cômico-heroica em oitenta cenas... Sobe a cortina, na cena da morte... o papel é interpretado por Lupin, em pessoa... Bravo, Lupin!... Ponham a mão no meu coração, senhoras e senhores... setenta pulsações por minuto... E um sorriso nos lábios! Bravo! Lupin! Ah! Que graça, quanta audácia! É! Bem, salte, marquês... Está pronto? É a aventura suprema, meu caro. Você lamenta? Não lamenta? Por quê, meu Deus! Minha vida foi magnífica. Ah! Dolorès! Se você não tivesse aparecido, monstro abominável! E você, Malreich, por que você não falou?... E você, Pierre Leduc... Eis-me aqui!... Meus três mortos, vou me juntar a vocês... Oh! Minha Geneviève, minha cara Geneviève... Ah! Isso, já acabou, velho cão?... Eis-me! Eis-me! Estou chegando...

Ele passou a outra perna, olhou no fundo do abismo para o mar imóvel e sombrio e, erguendo a cabeça, despediu-se:

– Adeus, natureza imortal e bendita! *Moriturus te salutat!* Adeus, tudo o que é belo! Adeus, esplendor das coisas! Adeus, vida!

E lançou beijos em direção ao espaço, ao céu, ao sol... E, cruzando os braços, saltou.

— 2 —

Sidi-bel-Abbes. A caserna da Legião Estrangeira. Perto da sala de reuniões, uma salinha baixa onde um subtenente fuma e lê jornal.

Ao lado dele, perto da janela que se abre para o pátio, dois enormes suboficiais falam em gíria e com sotaque gutural, mesclado de expressões em alemão.

A porta se abriu. Alguém entrou. É um homem magro, de altura mediana, vestido com elegância.

O subtenente levantou-se mal-humorado com o intruso e rosnou:

– Ah! Cadê a guarda de plantão? E você, o que quer?

– Trabalho.

Aquilo foi dito de forma clara, categórica.

Os dois suboficiais deram uma risada tola. O homem olhou atravessado.

– Diz logo, você quer entrar pra Legião Estrangeira? – perguntou o subtenente.

– Quero, mas com uma condição.

– Com uma condição, caramba! Qual?

– Não quero ficar mofando aqui. Tem uma companhia indo para o Marrocos. Quero estar nela.

Um dos suboficiais zombou de novo, dizendo:

– Ô dó dos marroquinos... Olha o almofadinha...

– Silêncio! – exclamou o homem. – Não gosto que zombem de mim.

O tom era seco e autoritário.

O suboficial, um gigante com ar de bruto, respondeu:

– Opa! Ninguém fala assim comigo, não... Senão...

– Senão, o quê?

– Vou te mostrar com quem está falando...

Mas o homem se aproximou, pegou-o pela cintura, deu um impulso e o atirou no pátio, pela janela. Depois, disse para o outro:

– Na sua vez. Cai fora.

O outro saiu.

O homem virou-se para o subtenente e disse:

– Tenente, avise o major que don Luis Perenna, Grande de Espanha e francês de coração, deseja alistar-se na Legião Estrangeira. Vá, meu amigo.

O outro não se mexeu, confuso.

– Vá, meu amigo, e depressa, não tenho tempo a perder.

O subtenente levantou-se, olhou espantado para aquele personagem desconcertante e, o mais educadamente possível, saiu.

Então, Lupin pegou um cigarro, acendeu, e em voz alta, sentando-se no lugar do subtenente, disse:

– Como o mar não me quis, ou melhor, como no último momento eu não quis saber do mar, vamos ver se as balas dos marroquinos terão um pouco mais de compaixão. Seja como for, será tudo mais elegante... Diante do inimigo, Lupin, e pela França!

FIM

A stylized illustration in shades of brown and black. In the background, a large silhouette of Arsène Lupin is shown in profile, wearing a hat and a long coat, with his hand near his face. In the foreground, a smaller silhouette of Herlock Sholmès is shown, wearing a tuxedo and a bow tie, holding a magnifying glass in his right hand and a cane in his left.

Arsène Lupin

contra
Herlock
Sholmès

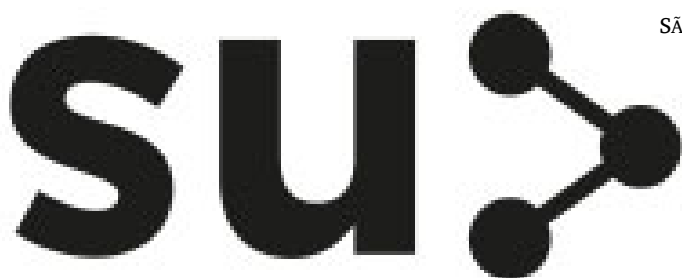
MAURICE
LEBLANC

↵ns



Herlock
Sholmês

SÃO PAULO, 2021



Tradução
OSCAR NESTAREZ

MAURICE
LEBLANC

Arsène Lupin contra Herlock Sholmès

Arsène Lupin Contre Herlock Sholmès by Maurice Leblanc

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda.

editor: Luiz Vasconcelos

coordenação editorial e diagramação: Nair Ferraz

tradução: Oscar Nestarez

preparação: Equipe Novo Século

revisão: Marcela Monteiro

ilustração de capa: Kash Fire

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Leblanc, Maurice, 1864-1941

Arsène Lupin contra Herlock Sholmès / Maurice Leblanc; tradução de Oscar Nestarez – Barueri, SP: Novo Século Editora, 2021.

Título original: *Arsene Lupin Contre Herlock Shomès*

ISBN: 978-65-5561-251-6

1. Ficção francesa I. Título. II. Nestarez, Oscar

21-1724 CDD 843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção francesa



Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Primeiro episódio
A MULHER LOIRA

Capítulo 1

Número 514 – série 23

No dia 8 de dezembro do ano passado, o sr. Gerbois, professor de matemática no Liceu de Versalhes, desenterrou, na bagunça de uma loja de antiguidades, uma pequena escrivaninha de mogno que lhe agradou pela abundância de gavetas.

“É exatamente do que eu preciso para o aniversário de Suzanne”, pensou.

E como ele fazia de tudo, na medida de seus modestos recursos, para agradar a filha, discutiu o preço e pagou a soma de sessenta e cinco francos.

No momento em que ele dava seu endereço para a entrega, um jovem, de maneiras elegantes e que já bisbilhotava aqui e ali, percebeu o móvel e perguntou:

- Quanto é?
- Já foi vendido – respondeu o comerciante.
- Ah!... Para o senhor, talvez?

O sr. Gerbois o saudou e, ainda mais feliz por ter adquirido o móvel cobiçado por um de seus semelhantes, retirou-se.

Mas não tinha percorrido dez passos na rua quando foi alcançado pelo jovem, que, com o chapéu na mão e em um tom de perfeita cortesia, disse-lhe:

– Peço-lhe mil desculpas, cavalheiro... Vou lhe fazer uma pergunta indiscreta... O senhor estava procurando especificamente por essa escrivaninha?

– Não. Eu estava procurando por uma balança em oferta para algumas experiências de física.

- Então, não faz muita questão dela?
- Gosto dela, apenas isso.
- Por que ela é antiga, talvez?
- Porque é prática.
- Neste caso, será que o senhor concordaria em trocá-la por uma

escrivaninha igualmente prática, mas em melhor estado?

- Esta aqui encontra-se em bom estado, e a troca me parece inútil.
- No entanto...

O sr. Gerbois é um homem facilmente irritável e de personalidade suscetível. Ele respondeu secamente:

- Eu lhe suplico, senhor, não insista.

O desconhecido plantou-se à sua frente.

– Ignoro o preço que o senhor pagou, cavalheiro... Mas lhe ofereço o dobro.

- Não.

- O triplo?

– Oh! Paremos por aqui – exclamou o professor, impaciente –, o que me pertence não está à venda.

O rapaz encarou-o fixamente, de uma forma que o sr. Gerbois não iria se esquecer, e a seguir, sem dizer uma palavra, virou-se e se afastou.

Uma hora depois, entregaram o móvel na pequena casa que o professor ocupava na estrada de Viroflay. Ele chamou a filha:

- É para você, Suzanne, se for do seu agrado.

Suzanne era uma linda criatura, expansiva e feliz. Ela se jogou no pescoço do pai e o abraçou com a mesma alegria que teria sentido se ele lhe tivesse dado um presente majestoso.

Na mesma noite, tendo colocado a escrivaninha em seu quarto com o auxílio de Hortense, a empregada, ela limpou as gavetas e arrumou cuidadosamente seus papéis, suas caixas de envelopes, suas correspondências, suas coleções de cartões-postais e algumas lembranças furtivas que conservava com carinho de seu primo Philippe.

Na manhã seguinte, às sete e meia, o sr. Gerbois dirigiu-se ao liceu. Às dez horas, Suzanne, seguindo um hábito cotidiano, esperava-o na saída, e para ele era um grande prazer perceber, na calçada do lado oposto ao portão, sua silhueta graciosa e seu sorriso de criança.

Eles voltaram juntos.

- E sua escrivaninha?

- Simplesmente maravilhosa! Hortense e eu polimos os adereços

em cobre. Agora parecem ouro.

– Então, está contente?

– Se estou contente? Quero dizer que nem sei como pude viver sem ela até hoje.

Atravessaram o jardim que precede a casa. O sr. Gerbois propôs:

– Podemos dar uma olhada nela antes do almoço, que tal?

– Oh! Sim, é uma boa ideia.

Ela subiu antes, mas, ao chegar à porta de seu quarto, soltou um grito de perplexidade.

– O que aconteceu, afinal? – balbuciou o sr. Gerbois.

Por sua vez, ele entrou no quarto. A escrivaninha não estava mais lá.

O que espantou o juiz foi a admirável simplicidade dos meios empregados. Durante a ausência de Suzanne, e enquanto a empregada fazia suas compras, um mensageiro devidamente identificado – vizinhos o viam – havia parado sua carroça em frente ao jardim e tocado a campainha duas vezes. Os vizinhos, ignorando a ausência da empregada, não suspeitaram de nada, de modo que o indivíduo executou seu trabalho na mais absoluta tranquilidade.

Importante destacar: nenhum armário fora arrombado, nenhum relógio de parede, retirado. E mais, o porta-moedas de Suzanne, que ela havia deixado sobre o tampo de mármore da escrivaninha, estava na mesa ao lado com as moedas de ouro que continha. Portanto, o objetivo do roubo estava claramente determinado, o que o tornava ainda mais inexplicável, pois, afinal, qual o motivo de se correr tantos riscos por um butim tão ínfimo?

A única pista que o professor pôde fornecer foi o incidente do dia anterior.

– No mesmo instante, esse rapaz demonstrou, diante da minha recusa, uma intensa contrariedade, e tive a impressão bem clara de que ele se afastou com uma ameaça.

Isso era bem vago. O comerciante foi interrogado. Ele não conhecia nenhum dos dois cavalheiros. Quanto ao móvel, ele o havia

comprado por quarenta francos em Chevreuse, em um leilão decorrente de um falecimento, e acreditava tê-lo revendido por seu valor justo. A investigação que se seguiu não revelou nada mais.

Mas o sr. Gerbois continuou convencido de que sofrera um enorme prejuízo. Uma fortuna devia estar escondida no fundo duplo de uma gaveta e foi ela a razão pela qual o rapaz, conhecendo o esconderijo, havia agido com tal determinação.

– Meu pobre paizinho, o que teríamos feito com essa fortuna? – repetiu Suzanne.

– O quê? Ora, com um tamanho dote, você poderia aspirar aos melhores partidos.

Suzanne, que limitava suas pretensões ao primo Philippe, um partido lamentável, suspirou amargamente. E na pequena casa de Versalhes, a vida continuou, menos feliz, menos despreocupada, escurecida por arrependimentos e decepções.

Dois meses se passaram. E de repente, um depois do outro, os mais graves incidentes, uma série inaudita de coincidências e de catástrofes...!

No dia 1º de fevereiro, às cinco e meia, o sr. Gerbois, que acabava de chegar em casa com um jornal vespertino na mão, sentou-se, colocou seus óculos e começou a ler. Como a política não lhe interessava, virou a página. No mesmo instante, um artigo atraiu sua atenção, intitulado:

“Terceiro sorteio da loteria das Associações da Imprensa. O número 514 – série 23 ganha um milhão...”

O jornal escorregou-lhe dos dedos. As paredes vacilaram ante seus olhos, e seu coração parou de bater. O número 514 – série 23 era o seu número!

Ele o havia comprado por acaso, para fazer um favor a um de seus amigos, porque não acreditava nada nos desígnios do destino, e eis que havia ganhado!

Rapidamente, ele pegou a caderneta. O número 514 – série 23 estava devidamente escrito ali, na primeira folha, para que não se

esquecesse. Mas e o bilhete?

Correu aos saltos até seu gabinete de trabalho para procurar a caixa de envelopes entre os quais havia inserido o precioso bilhete e, logo na entrada, ele estacou, novamente cambaleante e com o coração comprimido: a caixa de envelopes não se encontrava ali, e, coisa terrível, ele se deu conta de que não estava ali fazia semanas! Fazia semanas que deixara de vê-la diante de si nas horas em que corrigia as lições de seus alunos!

Um ruído de passos nos cascalhos do jardim... Ele chamou:

– Suzanne! Suzanne!

Ela veio correndo. Subiu precipitadamente. Ele gaguejou com uma voz estrangulada:

– Suzanne... A caixa... A caixa de envelopes...?

– Qual?

– Aquela do Louvre... Que eu tinha trazido numa quinta-feira... E que estava na ponta dessa mesa.

– Mas você não se lembra, pai? Estávamos juntos quando a guardamos...

– Quando?

– Naquela noite... Você sabe... Na véspera do dia...

– Mas onde...? Responda... Você está me matando...

– Onde...? Na escrivania.

– Na escrivania que foi roubada?

– Sim.

– Na escrivania que foi roubada!

Ele repetiu essas palavras bem baixinho, com uma espécie de pavor. Em seguida, pegou a mão da filha e, num tom ainda mais baixo, disse:

– Ela continha um milhão, minha filha...

– Ah! Pai, por que não me contou? – murmurou ingenuamente.

– Um milhão! – ele repetiu. – Foi o número ganhador da loteria da Imprensa.

A enormidade do desastre os devastou, e, por muito tempo, preservaram um silêncio que não tiveram coragem de quebrar.

Finalmente Suzanne ponderou:

– Mas pai, vão lhe pagar mesmo assim.
– Por quê? Com quais provas?
– Então, são necessárias provas?
– É óbvio!
– E você não tem?
– Sim, tenho uma.
– E então?
– Ela estava na caixa.
– Na caixa que desapareceu?
– Sim. E será outro que vai pegar o dinheiro.
– Mas isso seria abominável! Vejamos, pai, você não pode se opor?

– Sabe-se lá! Sabe-se lá! Esse homem deve ser tão forte! Dispõe de tantos recursos...! Lembre-se... O caso desse móvel...

Ele se levantou com um sobressalto enérgico e, batendo o pé, disse:

– Pois bem, não, não, ele não terá esse milhão, ele não o terá! Por que o teria? Afinal, por mais hábil que seja, ele próprio não pode fazer nada. Se ele se apresentar para receber a quantia, será enjaulado! Ah! Você vai se ver comigo, meu companheiro!

– Então, você tem uma ideia, pai?

– A de defender nossos direitos, até o fim, aconteça o que acontecer! E nós conseguiremos...! O milhão é meu, eu o terei!

Alguns minutos mais tarde, despachou o seguinte telegrama:

“Diretor do Banco Nacional de Hipotecas, bulevar des Capucines, Paris. Sou detentor do número 514 – série 23. Descarte por todas as vias legais qualquer reivindicação de outrem. Gerbois.”

Quase ao mesmo tempo chegava ao Banco de Hipotecas este outro telegrama:

“O número 514 – série 23 está em minha posse. Arsène Lupin.”

Sempre que me empenho a contar qualquer uma das inumeráveis

aventuras de que se compõe a vida de Arsène Lupin, experimento uma verdadeira confusão, pois me parece que a mais banal dessas aventuras é conhecida por todos que me lerão. De fato, não há sequer um gesto de nosso “ladrão nacional”, como tão simpaticamente o apelidaram, que não tenha sido assinalado da forma mais retumbante, não há uma façanha que não tenha sido estudada sob todos os ângulos, um ato que não tenha sido comentado com aquela abundância de detalhes que comumente dedicamos ao relato de ações heroicas.

Quem não conhece, por exemplo, aquela estranha história da “Mulher loira”, com aqueles episódios curiosos que os repórteres intitulavam com grandes caracteres: O número 514 – série 23... O crime da avenida Henri-Martin...! O diamante azul...! Que alvoroço em torno da intervenção do famoso detetive inglês Herlock Sholmès! Que efervescência após cada uma das peripécias que marcaram a luta desses dois grandes artistas! E que agitação nas ruas, no dia em que os jornalheiros vociferavam: “A prisão de Arsène Lupin!”

Minha justificativa é que trago algo de novo: trago a chave do enigma. Ainda há sombras em torno dessas aventuras: eu as dissipo. Reproduzo artigos lidos e relidos, copio antigas entrevistas; mas tudo isso organizo, classifico e submeto à verdade exata. Meu colaborador é Arsène Lupin, cuja complacência para comigo é inesgotável. E o é também, neste caso, o inefável Wilson, amigo e confidente de Sholmès.

Todos se lembram do formidável ataque de risos que acolheu a publicação dos dois telegramas. O próprio nome de Arsène Lupin já era um indício de imprevisibilidade, uma promessa de divertimento para a plateia. E a plateia era o mundo inteiro.

Das buscas imediatamente realizadas pelo Banco de Hipotecas, resultou que o número 514 – série 23 havia sido vendido por intermédio do Crédit Lyonnais, sucursal de Versalhes, ao comandante de artilharia Bessy. Ora, o comandante havia morrido em consequência de uma queda de cavalo. Descobriu-se por colegas com quem ele se confidenciara que, algum tempo antes de sua morte, ele cedera o bilhete a um amigo.

– Esse amigo sou eu – afirmou o sr. Gerbois.
– Prove-o – objetou o diretor do Banco de Hipotecas.
– Quer que eu o prove? É fácil. Vinte pessoas dirão ao senhor que eu mantinha relações assíduas com o comandante e que nos encontrávamos no café da Place D’Armes. Foi lá que um dia, para reconfortá-lo em um momento de dificuldade, adquirei seu bilhete pela soma de vinte francos.

- O senhor tem testemunhas desse negócio?
- Não.
- Nesse caso, em que fundamenta a sua reivindicação?
- Na carta que ele me escreveu a esse respeito.
- Qual carta?
- Uma carta que estava grampeada no bilhete.
- Mostre-a.
- Mas ela se encontrava na escrivaninha roubada!
- Encontre-a.

Arsène Lupin, por sua vez, divulgou-a. Publicada pelo Écho de France – o qual tem a honra de ser seu órgão de imprensa oficial, e do qual ele é, parece, um dos principais acionistas –, uma nota anunciou que ele remetia às mãos do dr. Detinan, seu advogado, a carta que o comandante Bessy lhe havia escrito, a ele pessoalmente.

Foi uma explosão de alegria: Arsène Lupin tinha um advogado! Arsène Lupin, em respeito às regras estabelecidas, designava para o representar um membro do foro!

Toda a imprensa correu para a casa do dr. Detinan, deputado radical influente, homem de alta probidade ao mesmo tempo que de espírito refinado, um pouco cético, frequentemente paradoxal.

O dr. Detinan jamais havia tido o prazer de encontrar Arsène Lupin – o que lamentava vivamente –, mas acabara de receber instruções suas e, bastante lisonjeado por uma escolha pela qual se sentia totalmente honrado, estava determinado a defender vigorosamente o direito de seu cliente. Então, ele abriu o dossiê recentemente constituído e, sem delongas, exibiu a carta do comandante. Ela provava claramente a cessão do bilhete, mas não mencionava o nome do comprador. “Meu caro amigo...”, dizia apenas.

“‘Meu caro amigo’ sou eu”, acrescentava Arsène Lupin em uma nota anexada à carta do comandante. “E a melhor prova é que tenho a carta”.

A nuvem de repórteres foi imediatamente para a casa do sr. Gerbois, que só foi capaz de repetir:

“‘Meu caro amigo’ não é ninguém além de mim. Arsène Lupin roubou a carta do comandante com o bilhete da loteria.”

– Que ele prove – replicou Lupin aos jornalistas.

– Mas se foi ele quem roubou a escrivania! – exclamou o sr. Gerbois diante dos mesmos jornalistas.

E Lupin redarguiu:

– Que ele prove!

E foi um espetáculo delirantemente encantador esse duelo público entre os dois detentores do número 514 – série 23, essas idas e vindas dos repórteres, o sangue frio de Arsène Lupin diante do desespero do pobre sr. Gerbois.

O infeliz, o noticiário estava repleto de suas lamentações! Ele revelava seu infortúnio com uma ingenuidade comovente.

– Entendam, senhores, é o dote de Suzanne que esse usurpador me rouba! A mim, pessoalmente, não me importa, mas a Suzanne! Pensem um momento, um milhão! Dez vezes cem mil francos! Ah! Eu bem sabia que a escrivania continha um tesouro!

Tentaram lhe objetar que seu adversário, ao levar o móvel, ignorava a presença de um bilhete de loteria e que, em todo caso, ninguém podia prever que esse bilhete ganharia o grande prêmio, e ele balbuciou:

– Ora, mas ele sabia...! Se não soubesse, por que se daria ao trabalho de pegar aquele móvel miserável?

– Por razões desconhecidas, mas com certeza não foi para lançar mão de um papel amassado que valia, então, a modesta soma de vinte francos.

– A soma de um milhão! Ele sabia... Ele sabe tudo...! Ah! Vocês não o conhecem, o bandido...! Ele não surruiu nada de vocês!

O diálogo poderia ter durado muito tempo. Mas no décimo segundo dia, o sr. Gerbois recebeu de Arsène Lupin uma missiva que

continha a inscrição “confidencial”. Ele a leu com crescente inquietação:

“Senhor, a plateia se diverte às nossas custas. Não considera que chegou o momento de falarmos sério? Quanto a isso estou, de minha parte, firmemente resolvido.

A situação é clara: possuo um bilhete cujo prêmio não tenho direito a receber, e o senhor tem o direito de receber o prêmio de um bilhete que não possui. Então, nada podemos um sem o outro. Ora, nem o senhor consentiria em me ceder SEU direito, nem eu em lhe ceder MEU bilhete.

O que fazer?

Só vejo uma saída: separemos. Meio milhão para o senhor, meio milhão para mim. Não é justo? E essa sentença de Salomão não satisfaz ao desejo por justiça que reside em cada um de nós?

Solução justa, mas solução imediata. Não é uma oferta que o senhor possa se dar ao luxo de discutir, mas uma necessidade à qual as circunstâncias o obrigam a se dobrar. Dou-lhe três dias para refletir. Na manhã de sexta-feira, quero crer que lerei, nos classificados do Écho de France, uma nota discreta endereçada ao Sr. Ars. Lup. contendo, em termos velados, sua adesão pura e simples ao pacto que lhe proponho. Feito isso, o senhor retomará imediatamente a posse do bilhete e receberá o milhão – estando disposto a me remeter quinhentos mil francos pela via que eu lhe indicarei ulteriormente.

Em caso de recusa, tomei medidas para que o resultado seja idêntico. Mas, além dos incômodos bastante graves que uma tal obstinação lhe causaria, o senhor teria que se submeter a pagar 25 mil francos por tarifas suplementares.

Queira receber, cavalheiro, a expressão de meus mais respeitosos sentimentos.

Arsène Lupin”

Exasperado, o sr. Gerbois cometeu o imenso equívoco de mostrar essa carta e de permitir que fosse copiada. Sua indignação o levava a fazer todas as tolices.

– Nada, ele não terá nada! – exclamava diante do grupo de repórteres. – Dividir aquilo que me pertence? Jamais. Que ele destrua o bilhete, se quiser!

– No entanto, quinhentos mil francos é melhor do que nada.

– Não se trata disso, mas do meu direito, e esse direito eu o farei valer diante dos tribunais.

– Processar Arsène Lupin? Isso seria engraçado.

– Não, o Banco de Hipotecas. Ele deve me entregar o milhão.

– Mediante a apresentação do bilhete, ou ao menos mediante a prova de que o senhor o comprou.

– A prova existe, dado que Arsène Lupin confessa que roubou a escrivadinha.

– A palavra de Arsène Lupin será suficiente para os tribunais?

– Não importa, vou prosseguir.

A opinião pública vibrava. Apostas foram feitas, algumas sustentando que Lupin aniquilaria o senhor Gerbois, outras que ele seria aniquilado por suas próprias ameaças. E todos experimentavam uma espécie de apreensão, tamanho era o desequilíbrio de forças entre os dois adversários, um tão áspero em seu ataque, o outro atordoado como um animal acuado.

Na sexta-feira, esgotou-se a tiragem do Écho de France, e a quinta página, na área dos classificados, foi febrilmente examinada. Não havia uma linha sequer endereçada ao Sr. Ars. Lup. Às injunções de Arsène Lupin, o sr. Gerbois respondeu com silêncio. Era a declaração de guerra.

À noite, soube-se pelos jornais do rapto da srta. Gerbois.

O que nos diverte naquilo que podemos chamar de os espetáculos de Arsène Lupin é o papel eminentemente cômico da polícia. Tudo se passa ao largo dela. Ele fala, ele escreve, ele avisa, ordena, ameaça, executa, como se não existissem nem chefe da Sûreté*, nem agentes, nem comissários, ninguém, enfim, que pudesse retê-lo em seus desígnios. Tudo isso é considerado como nulo e inexistente. O obstáculo não conta.

E no entanto ela se agita, a polícia! Quando se trata de Arsène Lupin, de alto a baixo na hierarquia, todo mundo pega fogo, ferve,

espuma de raiva. É o inimigo que caçoa de você, que lhe provoca, que lhe menospreza, ou pior, que lhe ignora.

O que fazer com um inimigo assim? Às nove e quarenta, segundo o depoimento da empregada, Suzanne deixou a casa. Às dez e cinco, após sair do liceu, seu pai não a viu na calçada onde ela tinha o costume de esperá-lo. Logo, tudo se passara durante o pequeno passeio de vinte minutos que havia conduzido Suzanne de sua casa até o liceu, ou pelo menos aos arredores do liceu.

Dois vizinhos afirmaram ter cruzado com ela a trezentos passos da casa. Uma senhora viu caminhar ao longo da avenida uma moça cujos traços correspondiam aos dela. E depois? Depois, não se sabia.

Investigaram por todos os lados, interrogaram funcionários das estações ferroviárias e do pedágio. Eles não haviam notado nada naquele dia que pudesse se relacionar ao rapto de uma moça. Entretanto, em Ville-d'Avray, um merceeiro declarou ter vendido óleo para um automóvel que chegava de Paris. No assento da frente estava um motorista, e atrás, uma senhora loira – excessivamente loira, destacou a testemunha. Uma hora mais tarde, o automóvel voltava de Versalhes. Um problema no carro obrigou-o a desacelerar, o que permitiu ao merceeiro constatar, ao lado da senhora loira vista anteriormente, a presença de outra mulher, envolta, por sua vez, em xales e véus. Ninguém duvidava de que não fosse Suzanne Gerbois.

Mas, então, era necessário supor que o rapto tivesse ocorrido à luz do dia, em uma rodovia muito movimentada, bem no centro da cidade!

Como? Em qual lugar? Sequer um grito foi ouvido, sequer um movimento suspeito foi observado.

O merceeiro forneceu a descrição do automóvel, uma limusine 24 cavalos da marca Peugeot, de carroceria azul-escura. Por precaução, informaram-se com a diretora da Garagem Central, a sra. Bob Walthour, que se tornou uma especialista em raptos por automóveis. Na manhã de sexta-feira, com efeito, ela havia alugado, por um dia, uma limusine Peugeot a uma senhora loira a quem, inclusive, não viu mais.

– Mas e o motorista?

– Era alguém de nome Ernest, contratado na véspera com base em excelentes credenciais.

– Ele está aqui?

– Não, ele levou o carro e não voltou.

– Não conseguimos encontrar seu rastro?

– Certamente, com as pessoas que o recomendaram. Aqui estão seus nomes.

Dirigiram-se às casas dessas pessoas. Algumas delas não conheciam o tal Ernest.

Assim sendo, qualquer pista seguida para sair das trevas conduzia a outras trevas, a outros enigmas.

O sr. Gerbois não tinha forças para sustentar uma batalha que para ele começava de forma tão desastrosa. Inconsolável após o desaparecimento de sua filha, devastado pelo remorso, ele se rendeu.

Um pequeno anúncio publicado no *Écho de France*, e que todo mundo comentou, comprovou sua submissão pura e simples, sem delongas.

Era a vitória, a guerra encerrada em quatro vezes vinte e quatro horas.

Dois dias depois, o sr. Gerbois atravessava o pátio do Banco de Hipotecas. Levado ao diretor, ele estendeu o número 514 – série 23. O diretor se sobressaltou.

– Ah! O senhor o tem? Devolveram-no?

– Estava perdido, aqui está ele – respondeu o sr. Gerbois.

– No entanto, o senhor pretendia... Havia uma questão.

– Tudo isso não passa de futricas e mentiras.

– Mas, mesmo assim, precisamos de qualquer documento comprobatório.

– A carta do comandante é suficiente?

– Certamente.

– Aqui está ela.

– Perfeito. Queira deixar essas provas conosco. Temos quinze dias para a verificação. Eu avisarei quando o senhor puder se apresentar ao nosso caixa. Daqui até lá, cavalheiro, creio que o senhor tenha total interesse em nada dizer e em encerrar esse caso no mais absoluto

silêncio.

– É a minha intenção.

O sr. Gerbois não falou mais nada, e o diretor tampouco. Mas existem segredos que se revelam sem que qualquer indiscrição tenha sido cometida, e soube-se que Arsène Lupin havia tido a audácia de reenviar ao sr. Gerbois o número 514 – série 23! A novidade foi recebida com admiração estupefata. Decididamente se tratava de um grande jogador aquele que lançava na mesa um trunfo de tamanha importância, o precioso bilhete! Claro, ele fez isso conscientemente e em troca de uma carta que restabelecia o equilíbrio. Mas e se a moça lhe escapasse? E se conseguissem resgatar a refém que ele detinha?

A polícia notou o ponto fraco do inimigo e redobrou os esforços. Arsène Lupin desarmado, desnudado por si próprio, preso nas engrenagens de suas maquinações, sem receber sequer um miserável tostão do cobiçado milhão... De repente, os risos mudaram de lado.

Mas era necessário encontrar Suzanne. E não a encontravam, e ela tampouco escapava!

Que seja, dizia-se, é ponto pacífico, Arsène ganha a primeira rodada. No entanto, o mais difícil ainda está por se fazer! A srta. Gerbois está em suas mãos, concedemos, e ele só a devolverá por quinhentos mil francos. Mas onde e como se dará a troca? Para que essa troca aconteça, será necessário um encontro, e o que impede que o sr. Gerbois avise a polícia e, dessa forma, recupere sua filha e mantenha o dinheiro?

Entrevistaram o professor. Muito abatido, desejando ficar em silêncio, ele permaneceu impenetrável.

– Não tenho nada a dizer, estou na expectativa.

– E a srta. Gerbois?

– As buscas continuam.

– Mas Arsène Lupin escreveu ao senhor?

– Não.

– O senhor confirma isso?

– Não.

– Então, ele escreveu. Quais são suas instruções?

– Não tenho nada a dizer.

Rodearam o dr. Detinan. A mesma discrição.

– O sr. Lupin é meu cliente – respondia ele, afetando gravidade –, vocês compreendem que eu me veja instado à mais absoluta reserva.

Todos esses mistérios irritavam a opinião pública. Evidentemente, planos eram tramados nas sombras. Arsène Lupin dispunha e cerrava as malhas de suas tramas, enquanto a polícia articulava dia e noite uma vigilância em torno do sr. Gerbois. E eram examinados os três únicos desfechos possíveis: a prisão, o triunfo, ou o fracasso ridículo e lamentável.

Mas ocorreu que a curiosidade do público só foi satisfeita de forma parcial, e é aqui, nestas páginas, que, pela primeira vez, a verdade exata se encontra revelada.

Na terça-feira, 12 de março, o sr. Gerbois recebeu, em um envelope de aparência comum, um comunicado do Banco de Hipotecas.

Na quinta, à uma hora, ele pegou o trem para Paris. Às duas horas, as mil notas de mil francos lhe foram entregues.

Enquanto ele as folheava, uma a uma, tremendo – esse dinheiro não era o resgate de Suzanne? –, dois homens conversavam em um veículo estacionado a alguma distância do grande portão. Um desses homens tinha os cabelos grisalhos e uma expressão enérgica que contrastava com suas vestes e seu aspecto de humilde funcionário. Era o inspetor-chefe Ganimard, o implacável inimigo de Lupin. E Ganimard dizia ao sargento Folenfant:

– Isso não vai demorar... Antes de cinco minutos, vamos rever nosso homem. Está tudo preparado?

– Absolutamente.

– Quantos nós somos?

– Oito, dos quais dois de bicicleta.

– E eu, que conto por três. É o suficiente, mas não é demais. Em hipótese alguma Gerbois deve escapar de nós... se não, adeus: ele se encontrará com Lupin no lugar em que terão marcado, trocará a senhorita pelo meio milhão, e será fim de jogo.

– Mas por que, então, o bom homem não vai com a gente? Seria tão simples! E se nós nos metêssemos no jogo, ele ficaria com todo o

milhão.

– Sim, mas ele tem medo. Se tentar enganar o outro, não terá a filha.

– Qual outro?

– Ele.

Ganimard pronunciou essa palavra em um tom grave, um pouco temeroso, como se falasse de um ser sobrenatural cujas garras já sentisse.

– É um tanto curioso – observou judiciosamente o sargento Folenfant – que nos vejamos reduzidos a proteger esse senhor contra ele próprio.

– Com Lupin, o mundo fica do avesso – suspirou Ganimard.

Um minuto se passou.

– Atenção – disse ele.

O sr. Gerbois saía. No fim do bulevar des Capucines, pegou a avenida à esquerda. Ele se afastava lentamente, passando pelas lojas e olhando as vitrines.

– Muito tranquilo, o cliente – dizia Ganimard. – Um indivíduo que carrega um milhão no bolso não tem essa tranquilidade.

– O que resta a ele fazer?

– Oh! Nada, evidentemente... Mas não importa, eu desconfio. Lupin é Lupin.

Nesse momento, o sr. Gerbois se dirigiu a uma banca, escolheu alguns jornais, recebeu o troco, abriu uma das folhas e, com os braços estendidos, avançando em passos curtos, pôs-se a ler. E de repente, com um salto, ele se lançou em um automóvel que estacionou no meio-fio. O motor estava ligado, porque o veículo partiu rapidamente, dobrou a Madeleine e desapareceu.

– Maldito! – gritou Ganimard. – Mais um golpe!

Ele disparou, e outros homens acorreram no mesmo instante, em torno da Madeleine.

Mas ele teve um ataque de riso. Na entrada do bulevar Malesherbes, o automóvel havia parado, enguiçado, e o sr. Gerbois descia dele.

– Rápido, Folenfant... O motorista... Pode ser o tal Ernest.

Folenfant se ocupou do motorista. Ele se chamava Gaston, funcionário da Sociedade dos Táxis; dez minutos antes, um senhor o havia parado e pedido para que esperasse “sob pressão”, perto da banca, até a chegada de um outro senhor.

– E o segundo cliente – perguntou Folenfant –, que endereço ele lhe deu?

– Nenhum endereço... “Bulevar Malesherbes... Avenida de Messine... Gorjeta dupla”... Só isso.

No entanto, enquanto isso, sem perder um minuto, o sr. Gerbois havia entrado no primeiro coche que passava.

– Cocheiro, para o metrô da Concorde.

O professor saiu do metrô na praça do Palais-Royal, correu na direção de outro coche e se fez conduzir até a praça da Bolsa. Segunda viagem de metrô, depois avenida de Villiers, terceiro coche.

– Cocheiro, rua Clapeyron, número 25.

O número 25 da rua Clapeyron separa-se do bulevar dos Batignolles por um prédio que faz o ângulo. Ele subiu ao primeiro andar e tocou a campainha. Um senhor abriu a porta.

– É aqui que reside o dr. Detinan?

– Sou eu mesmo. Sr. Gerbois, decerto.

– Perfeitamente.

– Eu lhe esperava, cavalheiro. Por favor, entre.

Quando o sr. Gerbois adentrou o escritório do advogado, o relógio de parede marcou três horas, e de súbito ele disse:

– É o horário marcado. Ele não está aqui?

– Ainda não.

O sr. Gerbois enxugou a testa, olhou seu relógio, como se não soubesse a hora, e replicou ansiosamente:

– Ele virá?

– O senhor me questiona, cavalheiro, sobre a coisa que mais me desperta curiosidade no mundo. Jamais senti tanta impaciência. Em todo caso, se ele vier, ele arrisca muito, este prédio está bem vigiado já faz quinze dias... Desconfiam de mim.

– E de mim ainda mais. E também não posso afirmar que os agentes que estavam nos meus calcanhares tenham perdido meu

rastro.

– Mas então...

– Não seria, de modo algum, culpa minha – exclamou vivamente o professor –, e não há nada a me censurar. O que eu prometi? Obedecer às ordens dele. E pronto, obedeci cegamente às ordens dele, recebi o dinheiro na hora marcada por ele e vim à sua casa da maneira como ele me orientou. Responsável pelo infortúnio da minha filha, cumpri meus deveres com toda a lealdade. Agora é com ele cumprir os dele.

E acrescentou com a mesma voz ansiosa:

– Ele trará a minha filha, não é?

– Assim espero.

– No entanto... O senhor o viu?

– Eu? Claro que não! Ele apenas me pediu por carta para receber a ambos, que dispensasse meus empregados antes das três horas e que não admitisse ninguém em meu apartamento entre a sua chegada e a sua partida. Se eu não concordasse com essa proposta, ele me pediu para avisá-lo por meio de duas linhas no Écho de France. Mas sinto-me muito feliz por prestar serviço a Arsène Lupin e concordo com tudo.

O sr. Gerbois gemeu:

– Ai de mim! Como vai terminar tudo isso?

Ele retirou do bolso as notas do banco, espalhou-as sobre a mesa e fez dois maços iguais. Em seguida, eles se calaram. De tempos em tempos, o sr. Gerbois apurava o ouvido... Não tinham tocado a campainha?

Com a passagem dos minutos, sua angústia aumentava, e o dr. Detinan também experimentava uma sensação quase dolorosa.

Em dado momento, o advogado perdeu todo o sangue frio. Levantou-se bruscamente.

– Nós não o veremos... Como o senhor o queria...? Seria loucura da parte dele! Que tenha confiança em nós, tudo bem, somos pessoas honestas e incapazes de o trair. Mas o perigo não está apenas aqui.

E o sr. Gerbois, arrasado, as duas mãos sobre as notas, balbuciava:

– Que ele venha, meu Deus, que ele venha! Eu daria tudo isto

para reencontrar Suzanne.

A porta se abriu.

– A metade será suficiente, sr. Gerbois.

Alguém estava na entrada; um homem jovem, vestido com elegância, no qual o sr. Gerbois reconheceu imediatamente o indivíduo que o havia abordado perto da loja de antiguidades, em Versalhes. Saltou na direção dele.

– E Suzanne? Onde está a minha filha?

Arsène Lupin fechou a porta cuidadosamente e, retirando suas luvas com o gesto mais sereno, disse ao advogado:

– Meu caro doutor, eu não saberia como lhe agradecer o suficiente pela gentileza com a qual o senhor consentiu em defender meus direitos. Não me esquecerei disso.

O dr. Detinan murmurou:

– Mas o senhor não tocou a campainha... Não ouvi a porta...

– As campainhas e as portas são coisas que devem funcionar sem que jamais as escutemos. Eis-me aqui mesmo assim, isso é o principal.

– Minha filha! Suzanne! O que fez com ela? – repetiu o professor.

– Meu Deus, cavalheiro – disse Lupin –, como está apressado. Vamos, acalme-se, mais um instante e a senhorita sua filha estará em seus braços.

Ele andou pelo recinto e depois, no tom de um fidalgo que distribui elogios, disse:

– Sr. Gerbois, cumprimento-o pela habilidade com a qual o senhor agiu agora há pouco. Se o automóvel não tivesse sofrido aquela pane absurda, nós estaríamos tranquilamente na Étoile e teríamos poupado ao dr. Detinan o incômodo dessa visita... Enfim! Estava escrito...

Ele percebeu os dois maços de notas e exclamou:

– Ah, perfeito! O milhão está aí... Não vamos perder mais tempo. O senhor me permite?

– Mas – objetou o dr. Detinan, colocando-se em frente à mesa – a srta. Gerbois ainda não chegou.

– E daí?

– E daí que sua presença não é indispensável?

– Entendo! Entendo! Arsène Lupin inspira apenas uma confiança

relativa. Embolsa o meio milhão e não devolve a refém. Ah, meu caro doutor, sou um grande injustiçado! Posto que o destino tenha me conduzido a atos de natureza um pouco... especial, suspeitam de minha boa fé... Eu! Eu, que sou um homem do escrúpulo e da delicadeza! De qualquer forma, meu caro doutor, se o senhor estiver com medo, abra sua janela e grite. Há tranquilamente uma dúzia de agentes na rua.

– O senhor acha?

Arsène Lupin ergueu a cortina.

– Acho que o sr. Gerbois é incapaz de despistar Ganimard... O que eu lhes dizia? Ei-lo, esse corajoso amigo!

– Será possível?! – exclamou o professor. – No entanto, eu juro...

– Que não me traiu...? Não duvido, mas os rapazes são hábeis. Vejam, é Folenfant que observo...! E Gréaume...! E Dieuzy...! Todos os meus bons camaradas, ora!

O dr. Detinan o observava surpreso. Que tranquilidade! Ele ria contente, como se se divertisse com alguma brincadeira de criança, como se nenhum perigo o estivesse ameaçando.

Ainda mais que a visão dos agentes, aquela calma tranquilizou o advogado. Ele se afastou da mesa onde estavam as cédulas do banco.

Um após o outro, Arsène Lupin pegou os dois maços, tirou de cada um deles vinte e cinco notas e estendeu ao dr. Detinan as cinquenta cédulas assim obtidas.

– A parte dos honorários do sr. Gerbois, meu caro doutor, e aquela de Arsène Lupin. Nós lhe devemos muito isso.

– Não me devem nada – respondeu dr. Detinan.

– Como? E todo o incômodo que lhe causamos!

– E todo o prazer que sinto ao me dar esse incômodo!

– Quer dizer, meu caro doutor, que o senhor não quer aceitar nada de Arsène Lupin. Eis o que significa – suspirou ele – ter uma má reputação.

Estendeu os cinquenta mil francos ao professor.

– Cavalheiro, como lembrança de nosso feliz encontro, permita-me lhe devolver isto: será meu presente de núpcias para a srta. Gerbois.

O sr. Gerbois pegou rapidamente as cédulas, mas protestou:

– Minha filha não vai se casar agora.

– Não vai se casar se o senhor se recusar a dar seu consentimento.

Mas está louca para se casar.

– O que o senhor sabe disso?

– Sei que as jovens frequentemente cultivam sonhos sem a autorização de seus pais. Felizmente há gênios bondosos que se chamam Arsène Lupin, e que no fundo das escrivatinhas descobrem os segredos dessas almas encantadoras.

– O senhor não encontrou outra coisa lá? – perguntou o dr. Detinan. – Confesso que estou muito curioso para saber por que esse móvel foi objeto de sua atenção.

– Razão histórica, meu caro doutor. Por mais que, contrariamente à opinião do sr. Gerbois, ele não contivesse nenhum outro tesouro além do bilhete da loteria – e isso eu ignorava –, eu o apreciava e o procurava fazia muito tempo. Essa escrivatinha, em madeira de teixo e mogno, decorada com capitéis de folhas de acanto, foi encontrada na pequena e discreta casa da Boulogne em que morava Marie Walewska e ela traz, em uma das gavetas, a inscrição: “Dedicada a Napoleão 1o, Imperador Francês, pelo seu muito fiel servidor, Mancion”. E, logo acima, estas palavras, gravadas com a ponta de uma faca: “Para ti, Marie”. Depois, Napoleão fez com que a copiassem para a Imperatriz Joséphine – de modo que a escrivatinha que se admirava em Malmaison não era nada além de uma cópia imperfeita daquela que agora faz parte das minhas coleções.

O professor gemeu:

– Ai de mim! Se eu soubesse disso no antiquário, com que urgência não teria lhe dado a escrivatinha!

Arsène Lupin disse, rindo:

– E o senhor, além disso, teria tido a apreciável vantagem de conservar, sozinho, o número 514 – série 23.

– E o senhor não teria sido levado a raptar minha filha, a quem tudo isso deve ter perturbado.

– Tudo isso?

– Esse rapto...

– Mas, meu caro cavalheiro, o senhor está equivocado. A srta. Gerbois não foi raptada.

– Minha filha não foi raptada?

– De modo algum. Quem fala de rapto, fala de violência. Ora, foi por sua própria vontade que ela serviu de refém.

– Por sua própria vontade! – repetiu o sr. Gerbois, confuso.

– E quase a pedido dela! Ora! Uma moça inteligente como a srta. Gerbois que, além de tudo, cultivava no fundo da alma uma paixão inconfessa, teria se recusado a obter seu dote? Ah! Eu lhe juro que foi fácil fazê-la compreender que não havia outra forma de vencer a sua obstinação.

O dr. Detinan se divertia muito. Ele objetou:

– O mais difícil era o senhor se entender com ela. É inadmissível que a srta. Gerbois se tenha deixado abordar.

– Oh! Por mim, não. Eu sequer tive a honra de conhecê-la. Foi uma de minhas amigas que quis conduzir as negociações.

– A mulher loira do automóvel, sem dúvida – interrompeu o dr. Detinan.

– Justamente. Desde a primeira entrevista perto do liceu, tudo já estava acertado. Depois, a srta. Gerbois e sua nova amiga viajaram, visitando a Bélgica e a Holanda, da forma mais agradável e mais instrutiva para uma moça. Quanto ao resto, ela mesma vai lhe explicar...

Tocaram a campainha na porta do vestíbulo, três toques rápidos, depois um isolado e mais um isolado.

– É ela – disse Lupin. – Meu caro doutor, queira por gentileza... – o advogado se precipitou.

Duas jovens entraram. Uma se lançou nos braços do sr. Gerbois. A outra se aproximou de Lupin. Era alta, o busto harmonioso, o rosto muito pálido, e seus cabelos loiros, de um loiro radiante, dividiam-se em dois bandós ondulados e soltos. Vestida de preto, sem qualquer outro adereço além de um colar de jaspes de cinco voltas, ela ostentava, mesmo assim, uma elegância refinada.

Arsène Lupin lhe disse algumas palavras, e depois, cumprimentando a srta. Gerbois, disse:

– Peço-lhe desculpas, senhorita, por todas essas tribulações, mas, apesar disso, espero que não tenha sofrido muito...

– Sofrido! Na verdade, eu teria me divertido muito, se não fosse por meu pobre pai.

– Então, tudo está bem. Beije-o novamente e aproveite a ocasião, que é excelente, para lhe falar sobre seu primo.

– Meu primo... O que isso significa? Não compreendo.

– Mas claro que compreende... Seu primo Philippe... O jovem cujas cartas você guarda com tanto afeto...

Suzanne enrubescceu, perdeu a compostura e, enfim, conforme o conselho de Lupin, lançou-se de novo nos braços de seu pai.

Lupin observava os dois com um olhar enternecido. Como somos recompensados quando fazemos o bem! Espetáculo tocante! Feliz o pai! Feliz a filha! E pensar que essa felicidade é obra sua, Lupin! Esses seres lhe abençoarão mais tarde... Seu nome será piedosamente transmitido a seus netos. Oh! A família! A família!

Dirigiu-se até a janela.

– Nosso bom Ganimard ainda está lá...? Ele amaria assistir a essas encantadoras demonstrações de afeto... Mas não, ele não está mais lá... Não há mais ninguém... Nem ele, nem os outros... Diabo! A situação é grave... Não será nada surpreendente se eles já estiverem sob a porta da cocheira... na portaria, talvez... ou ainda na escada!

O sr. Gerbois deixou escapar um movimento. Agora que sua filha lhe fora restituída, retomava o senso da realidade. A prisão de seu adversário significava, para ele, meio milhão. Instintivamente ele deu um passo adiante... Como por acaso, Lupin se pôs em seu caminho.

– Aonde vai, sr. Gerbois? Defender-me contra eles? Mil vezes amável! Não se preocupe. Aliás, juro que eles estão mais enrolados do que eu.

E ele continuou refletindo:

– No fundo, o que sabem eles? Que o senhor está aqui, e, talvez, que a srta. Gerbois também esteja, porque eles devem tê-la visto chegar com uma senhora desconhecida. Mas eu? Eles nem desconfiam. Como teria eu me infiltrado em um prédio que, hoje de manhã, eles reviraram do porão ao sótão? Não, segundo todas as probabilidades,

eles esperam me pegar em alguma armadilha... Pobres queridos...! A menos que eles adivinhem que a mulher desconhecida foi enviada por mim e que eles não suponham ser ela encarregada de proceder com a troca... e nesse caso se preparam para prendê-la ao sair...

Um toque de campainha soou.

Com um gesto brusco, Lupin imobilizou o sr. Gerbois e, com a voz seca, imperiosa:

– Alto lá, cavalheiro, pense em sua filha e seja sensato, senão junto... Quanto ao senhor, dr. Detinan, tenho sua palavra.

O sr. Gerbois congelou no lugar. O advogado não se moveu.

Sem a menor pressa, Lupin pegou seu chapéu. Um pouco de pó o manchava: ele o esfregou contra a manga da camisa.

– Meu caro doutor, se um dia precisar de mim... Meus melhores votos, srta. Suzanne, e toda a minha cordialidade ao senhor Philippe.

Retirou do bolso um pesado relógio com tampa dupla de ouro.

– Sr. Gerbois, são três e quarenta e dois; às três e quarenta e seis, eu o autorizo a sair desta sala... Nenhum minuto antes do que três e quarenta e seis, não é?

– Mas eles vão entrar na base da força – não pôde deixar de dizer o dr. Detinan.

– E a lei que o senhor esquece, meu caro doutor? Ganimard jamais ousará invadir a residência de um cidadão francês. Nós teríamos tempo de jogar uma bela partida de bridge. Mas perdoem-me, vocês parecem um pouco abalados, todos os três, e não quero abusar...

Ele colocou o relógio sobre a mesa, abriu a porta da sala e, dirigindo-se à mulher loira, perguntou:

– Você está pronta, querida amiga?

Distanciou-se para ela passar, dirigiu um último cumprimento, muito respeitoso, à srta. Gerbois, saiu e fechou a porta atrás de si.

E ouviram-no dizer, no vestíbulo, em voz alta:

– Boa tarde, Ganimard, como vai? Minhas lembranças à sra. Ganimard... Num desses dias, vou aparecer para almoçar... Adeus, Ganimard.

Um outro toque de campainha, brusco, violento, depois toques

repetidos e ruídos de vozes no corredor.

– Três e quarenta e cinco – balbuciou o sr. Gerbois.

Após alguns segundos, dirigiu-se resolutamente para o vestíbulo. Lupin e a mulher loira não estavam mais ali.

– Pai! Não pode! Espere! – exclamou Suzanne.

– Esperar? Você está louca...! Acordos com esse canalha... E o meio milhão...?

Ele abriu.

Ganimard entrou.

– Aquela mulher... Onde está? E Lupin?

– Ele estava aqui... ele está aqui.

Ganimard soltou um grito de triunfo:

– Nós o pegamos... O edifício está cercado.

O dr. Detinan objetou:

– Mas e a escada de serviço?

– A escada de serviço dá para o pátio, e só há uma saída, o portão principal: dez homens o vigiam.

– Mas ele não entrou pelo portão principal... E não vai sair por ali...

– E por onde, então...? – atalhou Ganimard. – Pelos ares?

Ele afastou uma cortina. Um longo corredor surgiu, conduzindo à cozinha. Ganimard o atravessou correndo e constatou que a porta da escada de serviço estava fechada com uma volta dupla. Da janela, chamou um dos agentes:

– Ninguém?

– Ninguém.

– Então – exclamou –, eles estão dentro do apartamento...! Estão escondidos em um dos quartos...! É materialmente impossível que tenham escapado... Ah! Meu pequeno Lupin, você já me venceu, mas, desta vez, será a revanche.

Às sete da noite, o senhor Dudouis, chefe da Sûreté, surpreso por ainda não ter recebido notícias, foi à rua Clapeyron. Ele interrogou os agentes que vigiavam o imóvel, depois subiu até a casa do dr. Detinan, que o levou até o quarto. Lá, percebeu um homem, ou ainda duas pernas que se agitavam sobre o tapete, enquanto o torso, ao qual elas

pertenciam, estava enfiado nas profundezas da chaminé.

– Ei...! Ei...! – uivava uma voz abafada.

E uma voz mais distante, que vinha do alto, respondia:

– Ei...! Ei...!

O senhor Dudouis exclamou, rindo:

– Então, Ganimard, quer dizer que você resolveu bancar o limpador de chaminés?

O inspetor se exumou das entranhas da chaminé. Com o rosto escurecido, as roupas cobertas de fuligem, os olhos brilhando febris, estava irreconhecível.

– Estou procurando por ele – grunhiu.

– Por quem?

– Arsène Lupin... Arsène Lupin e sua amiga.

– Ah, isso! Mas você imagina que eles estejam escondidos na tubulação da chaminé?

Ganimard se levantou, agarrou-se à manga da camisa de seu superior com cinco dedos cor de carbono e disse surda, enfurecidamente:

– Onde quer que eles estejam, chefe? É preciso que estejam em algum lugar. São seres como o senhor e eu, de carne e osso. Essas criaturas não desaparecem virando fumaça.

– Não, mas, mesmo assim, eles fugiram.

– Por onde? Por onde? O prédio está cercado! Tem agentes no telhado.

– E a casa vizinha?

– Não há comunicação com ela.

– Os apartamentos de outros andares?

– Conheço todos os moradores: eles não viram ninguém... Não ouviram ninguém.

– Tem certeza de que conhece todos?

– Todos. O zelador responde por eles. Aliás, por mais precaução, coloquei um homem em cada um desses apartamentos.

– E, no entanto, precisamos capturá-los.

– É o que digo, chefe, é o que digo. Precisamos, e assim será, porque eles estão aqui, os dois... Não podem não estar! Fique

tranquilo, chefe, se não nesta noite, amanhã eu os pegarei... Dormirei aqui...! Dormirei aqui!

De fato dormiu, e no dia seguinte também, e no outro.

Então, quando três dias inteiros e três noites se passaram, ele não apenas não havia encontrado o incapturável Lupin e sua não menos incapturável companheira, como tampouco havia descoberto a menor pista que lhe permitisse estabelecer a mais ínfima hipótese.

E foi por isso que sua primeira opinião não variava.

– Uma vez que não haja nenhum traço de fuga, eles estão aqui!

Pode ser que, no fundo de sua consciência, ele estivesse menos convicto. Mas não queria admitir isso. Não, mil vezes não, um homem e uma mulher não desaparecem como os gênios malvados dos contos infantis. E sem perder o ânimo, ele continuava suas escavações e suas investigações, como se esperasse descobri-los, escondidos em algum refúgio impenetrável, incorporado às pedras do edifício.

* A Sûreté foi um órgão pioneiro de polícia investigativa criado no início do século XIX, na França, e que, por sua atuação, inspirou a criação de instituições como o FBI e a Scotland Yard. (N. do T.)

Capítulo 2

O diamante azul

Na noite de 27 de março, no número 134 da avenida Henri-Martin, no palacete que herdara de seu irmão seis meses antes, o velho general barão d'Hautrec, embaixador em Berlim sob o segundo império, dormia no fundo de uma confortável poltrona, enquanto sua dama de companhia lhe fazia a leitura, e a irmã Auguste aquecia sua cama e preparava a lamparina noturna.

Às onze horas, a religiosa, que, excepcionalmente, deveria voltar ao convento de sua comunidade e passar a noite próxima à madre superiora, avisou à dama de companhia:

- Srta. Antoinette, meu trabalho acabou, vou partir.
- Está bem, minha irmã.
- E, principalmente, não se esqueça de que a cozinheira está de folga e que a senhorita está sozinha na casa, com o criado.
- Não tema pelo sr. barão, eu durmo em um quarto vizinho como combinamos, e deixo a porta aberta.

A religiosa foi embora. Ao final de um instante, Charles, o criado, veio receber as ordens. O barão acordou. Ele próprio respondeu:

- As mesmas ordens de sempre, Charles: verificar se a campainha elétrica funciona bem em seu quarto e, à primeira chamada, descer e correr até o médico.
- Meu general sempre apreensivo.
- Não estou bem... Não estou nada bem. Vamos, srta. Antoinette, onde estávamos em nossa leitura?
- O sr. barão não vai se deitar?
- Não, não, eu me deito muito tarde e, além disso, não preciso de ninguém.

Vinte minutos depois, o velho dormitava novamente, e Antoinette se afastava na ponta dos pés.

Nesse momento, Charles fechava cuidadosamente, como de costume, todas as venezianas do piso térreo.

Na cozinha, fechou o ferrolho da porta que dava para o jardim e, além disso, no vestíbulo prendeu, de um batente ao outro, a corrente de segurança. Depois subiu até sua mansarda, no terceiro andar, deitou-se e dormiu.

Cerca de uma hora havia passado quando, subitamente, ele saltou para fora de sua cama: a campainha ressoava. Ressoou por muito tempo, talvez sete ou oito segundos, e de maneira insistente, ininterrupta.

“Bem”, Charles disse a si mesmo, terminando de acordar, “um novo capricho do barão”.

Enfiou suas roupas, desceu rapidamente a escada, parou diante da porta e, como de costume, bateu. Nenhuma resposta. Entrou.

“Ora”, murmurou, “não há luz... Por que diabos foi apagada?”. E, com voz baixa, chamou:

– Senhorita?

Nenhuma resposta.

– Está aí, senhorita...? O que aconteceu? O sr. barão está doente?

O mesmo silêncio ao redor dele, um silêncio que acabou por impressioná-lo. Deu dois passos adiante: seu pé atingiu uma cadeira e, tocando-a, percebeu que ela estava caída. E, imediatamente, sua mão encontrou pelo chão outros objetos, uma mesinha, um biombo. Inquieto, retornou à parede e, tateando, procurou pelo interruptor. Encontrou-o e o acionou.

No meio do quarto, entre a mesa e o armário de espelho, jazia o corpo de seu patrão, o barão d’Hautrec.

– O quê...! Será possível...? – gaguejou.

Não sabia o que fazer e, sem se mexer, os olhos muito abertos, contemplava as coisas reviradas, as cadeiras tombadas, um grande candelabro de cristal estilhaçado em mil pedaços, o relógio de parede caído no mármore da lareira, todos esses traços que revelavam uma luta terrível e selvagem. O cabo de um estilete de aço cintilava, não muito longe do cadáver. A lâmina gotejava sangue. Ao longo do colchão, pendia um lenço sujo com marcas vermelhas.

Charles gritou de terror; o corpo se esticou em um esforço supremo e, depois, enrolou-se em si mesmo... Dois ou três espasmos e

foi tudo.

Ele se inclinou. Por uma fina ferida no pescoço, o sangue esguichava, salpicando o tapete com manchas escuras. O rosto conservava uma expressão de apavorante loucura.

– Mataram-no – balbuciou –, mataram-no.

E arrepiou-se com a ideia de outro crime provável: a dama de companhia não dormia no quarto vizinho? E o assassino do barão não a teria matado também?

Empurrou a porta; o aposento estava vazio. Concluiu que Antoinette havia sido raptada, ou mesmo que ela saíra antes do crime.

Voltou ao quarto do barão e, os olhos deparando-se com a escrivaninha, percebeu que o móvel não havia sido quebrado.

E mais: viu sobre a mesa, perto do molho de chaves e da carteira que o barão colocava lá toda noite, um punhado de luíses de ouro. Charles pegou a carteira e vasculhou as divisórias. Uma delas continha cédulas. Contou-as; havia treze notas de cem francos.

Então, foi mais forte que ele: instintivamente, mecanicamente, sem que seu pensamento participasse do gesto da mão, pegou as treze cédulas, escondeu-as em sua jaqueta, voou pelas escadas, tirou o ferrolho, soltou a corrente, fechou a porta e fugiu pelo jardim.

Charles era um homem honesto. Mal havia fechado o portão, quando, atingido pelo ar noturno, o rosto resfriado pela chuva, estacou. O crime lhe apareceu sob a mais intensa luz, e ele sentiu um horror súbito.

Um fiacre passava. Ele acenou para o cocheiro.

– Camarada, vá até o posto policial e traga o comissário... A galope! Um homem foi morto.

O cocheiro fustigou seu cavalo. Mas, quando Charles quis entrar na casa, não conseguiu; ele mesmo havia fechado o portão, que não abria por fora.

Por outro lado, era inútil tocar a campainha, porque não havia ninguém no palacete.

Então, ele perambulou ao longo dos jardins que se formam na avenida, do lado de La Muette, uma vibrante borda de arbustos verdes e bem podados. E foi apenas depois de uma hora de espera que pôde

enfim contar ao comissário os detalhes do crime e entregar em suas mãos as treze cédulas.

Enquanto isso, chamaram um chaveiro, o qual, a muito custo, conseguiu abrir o portão do jardim e a porta do vestíbulo. O comissário subiu e, imediatamente após o primeiro relance no local, disse ao criado:

– Ora, o senhor havia me dito que o aposento estava na maior desordem.

Voltou-se. Charles parecia pregado à soleira, hipnotizado: todos os móveis tinham voltado aos seus locais habituais! A mesinha estava entre as duas janelas, as cadeiras estavam de pé e o relógio de parede, no meio da chaminé. Os pedaços do candelabro haviam desaparecido.

Ele balbuciou, boquiaberto de estupor:

– O cadáver... O sr. barão...

– Realmente – exclamou o comissário –, onde se encontra a vítima?

Ele avançou na direção da cama. Sob um grande lençol que afastou, repousava o general barão d’Hautrec, ex-embaixador da França em Berlim. O sobretudo de general o recobria, ornado com a cruz de honra.

O rosto estava calmo. Os olhos, fechados. O criado murmurou:

– Alguém veio.

– Por onde?

– Não sei, mas alguém veio durante a minha ausência... Veja, ali estava, no chão, um punhal muito fino, de aço... E ali, sobre a mesa, um lenço com sangue... Não há mais nada... Levaram tudo... Arrumaram tudo...

– Mas quem?

– O assassino!

– Nós encontramos todas as portas fechadas.

– Porque ele ficou na casa.

– Ele ainda estaria, dado que o senhor não saiu da calçada.

O criado refletiu e pronunciou lentamente:

– Com efeito, com efeito... E não me afastei do portão... No entanto...

– Vejamos, qual foi a última pessoa que o senhor viu perto do barão?

– A srta. Antoinette, a dama de companhia.

– O que foi feito dela?

– Na minha opinião, como sua cama não estava nem desfeita, ela deve ter aproveitado a ausência da irmã Auguste para também sair. Isso não me surpreende nada, porque ela é bonita... Jovem...

– Mas como ela teria saído?

– Pela porta.

– O senhor havia passado o ferrolho e fechado a corrente!

– Bem mais tarde. Nesse momento, ela deve ter deixado o palacete.

– E o crime teria acontecido depois de sua saída?

– Naturalmente.

Vasculharam a casa de cima a baixo, do sótão ao porão; mas o assassino havia fugido. Em qual momento? Ou teria sido ele um cúmplice que julgara adequado voltar à cena do crime e sumir com tudo que poderia comprometê-lo? Tais eram as questões que se impunham à justiça.

Às sete horas chegou o médico legista, às oito, o chefe da Sûreté. Depois, foi a vez do procurador da República e do juiz de investigação. Também havia, apinhando-se no palacete, agentes, inspetores, jornalistas, o sobrinho do barão d'Hautrec e outros membros da família.

Vasculharam, estudaram a posição do cadáver segundo as lembranças de Charles, interrogaram a irmã Auguste assim que ela chegou. Não fizeram nenhuma descoberta. Além de tudo, a irmã Auguste se surpreendeu com o desaparecimento de Antoinette Bréhat. Havia contratado a jovem doze dias antes, mediante excelentes referências, e se recusava a crer que ela pudesse ter abandonado o doente que lhe fora confiado para sair, sozinha, pela noite.

– Ainda mais que, nesse caso – apontou o juiz de investigação –, ela já teria voltado. Voltamos, então, ao mesmo ponto: o que aconteceu com ela?

– Para mim – disse Charles –, ela foi raptada pelo assassino.

A hipótese era plausível e batia com certos indícios. O chefe da Sûreté se pronunciou:

– Raptada? Por Deus, isso me parece improvável.

– Não apenas improvável – disse uma voz –, como está em oposição absoluta aos fatos, aos resultados da investigação, em suma, à própria evidência.

A voz era rude, o tom, brusco, e ninguém se surpreendeu ao reconhecer Ganimard. Apenas a ele podia-se perdoar aquela forma um pouco virulenta de se exprimir.

– Ah, é você, Ganimard? – exclamou o sr. Dudouis –, não o tinha visto.

– Estou aqui há duas horas.

– Então você se interessa por algo que não sejam o bilhete 514 – série 23, o caso da rua Clapeyron, a Mulher loira e Arsène Lupin?

– He-he! – riu zombeteiro o velho inspetor. – Eu não afirmaria que Lupin estivesse alheio ao caso que nos ocupa... Mas deixemos de lado, até segunda ordem, a história do bilhete da loteria e vamos ao que interessa.

Ganimard não é um desses policiais de vasta inteligência, cujos procedimentos fazem escola e cujos nomes ficarão nos anais da justiça. Faltam-lhe os lampejos de genialidade que iluminam os Dupin, os Lecoq e os Sherlock Holmes. Mas ele tem excelentes qualidades medianas, como a observação, a sagacidade, a perseverança e, até mesmo, a intuição. Seu mérito é o de trabalhar com a mais absoluta independência. Nada, a não ser, talvez, a espécie de fascinação nele exercida por Arsène Lupin, nada o perturba nem o influencia.

Seja como for, seu papel, naquela manhã, não careceu de brilho, e sua colaboração foi daquelas que um juiz pode apreciar.

– Em primeiro lugar – começou ele –, eu pediria ao senhor Charles para esclarecer bem esse ponto: todos os objetos que ele viu, na primeira vez, revirados ou quebrados, estavam, na segunda passagem, exatamente em seus lugares habituais?

– Exatamente.

– Então, é evidente que eles só podem ter sido recolocados em seus lugares por uma pessoa que conhecesse o lugar de cada um desses

objetos.

A constatação mexeu com os assistentes. Ganimard continuou:

– Uma outra pergunta, sr. Charles... O senhor foi acordado por uma campainha... Na sua opinião, quem o chamou?

– O sr. barão, ora.

– Que seja, mas em qual momento ele teria tocado?

– Depois da luta... No momento em que morria.

– Impossível, porque o senhor o encontrou prostrado, inerte, em um local a mais de quatro metros do botão da campainha.

– Então, ele tocou durante a luta.

– Impossível, já que o toque na campainha, como o senhor disse, foi regular, contínuo, e durou sete ou oito segundos. Acredita mesmo que o agressor teria dado a ele o luxo de tocá-la assim?

– Então, antes, no momento em que foi atacado.

– Impossível, o senhor nos disse que, entre o toque da campainha e o instante em que chegou ao quarto, transcorreram no máximo três minutos. Então, se ele tivesse tocado antes, teria sido necessário que a luta, o assassinato, a agonia e a fuga houvessem ocorrido nesse curto espaço de três minutos. Repito, é impossível.

– Entretanto, alguém tocou. Se não foi o barão, quem terá sido?

– O assassino.

– Com qual objetivo?

– Ignoro seu objetivo. Mas ao menos o fato de que tocou nos prova que devia saber que a campainha se comunicava com o quarto de um criado. Ora, quem poderia conhecer tal detalhe a não ser uma pessoa da própria casa?

O círculo de suposições se restringia. Com algumas frases rápidas, claras, lógicas, Ganimard colocava a questão em seu verdadeiro terreno, e o pensamento do velho inspetor manifestava-se nitidamente. Soou natural que o juiz de investigação concluísse:

– Em suma, em uma palavra, o senhor suspeita de Antoinette Bréhat.

– Não suspeito dela; acuso-a.

– O senhor a acusa de ser cúmplice?

– Acuso-a de ter assassinado o general barão d'Hautrec.

– Ora, vamos! E que prova...?

– Esse tufo de cabelo que descobri na mão direita da vítima, em sua própria carne, onde a ponta de suas unhas o enfiou.

Mostrou-lhes os fios de cabelo; eram de um loiro radiante, luminoso como fios de ouro, e Charles murmurou:

– São mesmo os fios de cabelo da srta. Antoinette. Não há dúvida sobre isso.

E acrescentou:

– Além disso... há outra coisa... Creio que a faca... aquela que não encontrei na segunda vez... pertencesse a ela... ela a utilizava para cortar as páginas dos livros.

O silêncio foi longo e doloroso, como se o crime se tornasse mais horrível por ter sido cometido por uma mulher. O juiz de investigação discutiu:

– Admitamos, até esclarecimentos maiores serem feitos, que o barão tenha sido morto por Antoinette Bréhat. Ainda seria preciso explicar qual caminho ela utilizou para sair depois do crime, para retornar após a partida do senhor Charles e para, novamente, escapar antes da chegada do comissário. Tem alguma opinião sobre isso, sr. Ganimard?

– Nenhuma.

– E então?

Ganimard pareceu desconcertado. Enfim pronunciou-se, não sem um visível esforço:

– Tudo o que posso dizer é que constato, aqui, o mesmo procedimento do caso do bilhete 514 – série 23, o mesmo fenômeno que poderíamos chamar de faculdade do desaparecimento. Antoinette Bréhat apareceu e desapareceu nesse palacete, tão misteriosamente quanto Arsène Lupin penetrou na casa do dr. Detinan e, de lá, escapou na companhia de uma Mulher loira.

– O que significa que...?

– O que significa que não posso me abster de pensar nessas duas coincidências, no mínimo, bizarras: Antoinette Bréhat foi contratada pela irmã Auguste há doze dias, ou seja, no dia seguinte àquele em que a mulher loira escapou por entre meus dedos. Em segundo lugar,

os fios de cabelo da Mulher loira têm exatamente essa cor violenta, esse cintilar metálico com reflexos de ouro que encontramos nesse tufo.

- De modo que, na sua opinião, Antoinette Bréhat...
- Não é outra pessoa senão a Mulher loira.
- E Lupin, por consequência, maquinou os dois casos?
- Acredito que sim.

Houve um ataque de risos. Era o chefe da Sûreté que se divertia.

– Lupin! Sempre Lupin! Lupin está em tudo, Lupin está em todo lugar!

– Ele está onde está – replicou Ganimard, constrangido.

– Ainda seria preciso que ele tivesse motivos para estar em algum lugar – observou o sr. Dudouis – e, nesse caso, os motivos me parecem obscuros. A escrivanhinha não foi quebrada, nem a carteira foi roubada. Inclusive ainda há ouro sobre a mesa.

– Sim – exclamou Ganimard –, mas e o famoso diamante?

– Qual diamante?

– O diamante azul! O célebre diamante que fazia parte da coroa real da França, que foi dado pelo Duque d'A... para Léonide L... e que, após a morte de Léonide L..., foi comprado pelo barão d'Hautrec em memória da brilhante atriz que ele amara apaixonadamente. É uma das lembranças que um velho parisiense como eu jamais esquece.

– É evidente – disse o juiz de investigação – que, se o diamante azul não for encontrado, tudo se explicará... Mas onde procurá-lo?

– Nos próprios dedos do sr. barão – respondeu Charles. – O diamante azul jamais deixava sua mão direita.

– Eu vi essa mão – afirmou Ganimard, aproximando-se da vítima –, e, como os senhores podem perceber, não há nela nada além de um simples anel de ouro.

– Olhe do lado da palma – prosseguiu o criado.

Ganimard abriu os dedos crispados. O engaste estava voltado para dentro e, no coração desse engaste, resplandecia o diamante azul.

– Maldição – murmurou Ganimard, absolutamente pasmo –, não entendo mais nada.

– E o senhor renuncia, espero, a suspeitar do infeliz Lupin? –

caçou o sr. Dudouis.

Ganimard parou por algum tempo, refletiu e respondeu em um tom sentencioso:

– É justamente quando não compreendo mais nada que suspeito de Arsène Lupin.

Tais foram as primeiras constatações efetuadas pela justiça no dia seguinte a esse estranho crime. Constatações vagas, incoerentes e às quais a sequência da investigação não acrescentou nem coerência, nem certeza. As idas e vindas de Antoinette Bréhat continuaram totalmente inexplicadas, da mesma forma que as da mulher loira, e não se soube quem era a misteriosa criatura de cabelos dourado que matara o barão d'Hautrec e que não pegara de seus dedos o fabuloso diamante da coroa real da França.

E, mais do que tudo, a curiosidade por ela inspirada dava ao crime contornos de grande acontecimento, com o qual se exasperava a opinião pública.

Os herdeiros do barão d'Hautrec só podiam se beneficiar de tal propagação. Eles organizaram na avenida Henri-Martin, no próprio palacete, uma exposição dos móveis e dos objetos que deviam ser vendidos à casa de leilões Drouot. Móveis modernos e de gosto duvidoso, objetos sem valor artístico... Mas, no centro do aposento, sobre um pedestal forrado com veludo grená, protegido por uma redoma de vidro e vigiado por dois agentes, cintilava o anel com o diamante azul.

Diamante magnífico, enorme, de uma pureza incomparável, e daquele azul indefinido que a água clara captura do céu que reflete, daquele azul que adivinhamos na alvura de certos tecidos. Todos o admiravam, extasiavam-se com ele... E olhavam com horror para o aposento da vítima, para o local onde tombara o cadáver, para o piso desprovido de seu tapete ensanguentado e, sobretudo, para as paredes intransponíveis pelas quais tinha passado a criminosa. Verificaram se o mármore da chaminé não se deslocava, se a moldura do espelho não escondia algum mecanismo que a fizesse girar. Imaginavam buracos escavados, entradas de túnel, ligações com os canos de esgoto, com as catacumbas...

A venda do diamante azul aconteceu na casa de leilões Drouot. A multidão sufocava, e a febre dos lances chegou ao ápice da loucura.

Estavam lá as estrelas parisienses que sempre aparecem nas grandes ocasiões, todos aqueles que compram e todos aqueles que querem fazer parecer que podem comprar, os especuladores, os artistas, as damas de todas as classes, dois ministros, um tenor italiano, um rei no exílio que, para consolidar seu crédito, deu-se o luxo de fazer lances até cem mil francos, com bastante ponderação e uma voz vibrante. Cem mil francos! Ele podia oferecê-los sem se comprometer. O tenor italiano arriscou cento e cinquenta, uma atriz da Sociedade de Comédia Francesa, cento e sessenta e cinco.

Quando se chegou a duzentos mil, contudo, os amadores desanimaram. Nos duzentos e cinquenta mil, só restavam dois: Herschmann, o célebre financista, o rei das minas de ouro, e a condessa de Crozon, riquíssima americana cuja coleção de diamantes e de pedras preciosas era famosa.

– Duzentos e sessenta mil... Duzentos e setenta mil... Setenta e cinco... Oitenta... – proferia o comissário, interrogando sucessivamente com o olhar os dois competidores. – Duzentos e oitenta mil para a madame... Alguém dá mais?

– Trezentos mil – murmurou Herschmann.

Silêncio. Todos observaram a condessa de Crozon. De pé, sorrindo, mas com uma palidez que denunciava sua perturbação, ela se apoiou ao encosto da cadeira colocada à sua frente. Na realidade, ela sabia, e toda a audiência também sabia, não havia dúvidas sobre a questão do duelo: logicamente, fatalmente, ele deveria terminar em favor do financista cujos caprichos eram sustentados por uma fortuna de mais de meio bilhão. Mesmo assim, ela se pronunciou:

– Trezentos e cinco mil.

Novo silêncio. Todos se voltaram para o rei das minas, na expectativa do inevitável lance. Era certo que ele viria, alto, brutal, definitivo.

Não veio. Herschmann permaneceu impassível, os olhos fixos em uma folha de papel na sua mão direita, enquanto a outra segurava os pedaços de um envelope rasgado.

– Trezentos e cinco mil – repetia o comissário. – Dou-lhe uma... Dou-lhe duas... Ainda há tempo... Alguém dá mais...? Repito: dou-lhe uma... dou-lhe duas...

Herschmann sequer vacilou. Último silêncio. Foi batido o martelo.

– Quatrocentos mil – exclamou Herschmann com um sobressalto, como se a pancada do martelo o arrancasse do torpor.

Tarde demais. A adjudicação era irrevogável.

Correram ao entorno dele. O que havia acontecido? Por que não falou antes?

Ele se pôs a rir.

– O que aconteceu? Ora essa, não sei dizer. Tive um minuto de distração.

– Será possível?

– Sim, por uma carta que me entregaram.

– E essa carta bastou...

– Para me perturbar, sim, naquele momento.

Ganimard estava lá. Havia assistido ao leilão do anel. Aproximou-se de um dos funcionários:

– Foi você, sem dúvidas, que entregou uma carta ao sr. Herschmann...

– Sim.

– Da parte de quem?

– Da parte de uma senhora.

– Onde ela está?

– Onde ela está...? Veja, senhor, lá... Aquela senhora com um véu espesso sobre o rosto.

– E que está saindo?

– Sim.

Ganimard se precipitou na direção da porta e avistou a mulher, que descia as escadas. Ele correu. Uma multidão o reteve perto da entrada. Ao sair, ele não a encontrou. Retornou para o salão, abordou Herschmann, apresentou-se e perguntou sobre a carta. Herschmann a entregou. Ela continha, escritas a lápis e às pressas, e numa caligrafia que o financista não conhecia, estas palavras simples:

“O diamante azul traz infortúnio. Lembre-se do barão

As tribulações do diamante azul não haviam terminado, e, já conhecida pelo assassinato do barão d'Hautrec e pelos incidentes da casa de leilões Drouot, a peça alcançaria, seis meses depois, a maior celebridade. No verão seguinte, com efeito, foi roubada da condessa de Crozon a preciosa joia que ela tanto penara para conquistar.

Vamos resumir esse curioso caso cujas emocionantes e dramáticas peripécias nos apaixonaram a todos, e sobre o qual, enfim, me é permitido lançar alguma luz.

Na noite de 10 de agosto, os convidados do sr. e da sra. de Crozon estavam reunidos no salão do magnífico castelo que domina a baía do rio Somme. Havia música. A condessa pôs-se ao piano e colocou, sobre um pequeno móvel próximo ao instrumento, suas joias, entre as quais se encontrava o anel do barão d'Hautrec.

Ao cabo de uma hora, o conde se retirou, assim como seus dois primos, os d'Andelle, e a sra. de Réal, uma amiga íntima da condessa de Crozon, que permaneceu sozinha com o sr. Bleichen, cônsul austríaco, e sua esposa.

Eles conversaram, depois a condessa apagou uma grande luminária localizada na mesa do salão. No mesmo momento, o sr. Bleichen apagava duas luminárias do piano. Houve um instante de escuridão, um pouco de inquietação, depois o cônsul acendeu uma vela, e os três foram para seus aposentos. Assim que chegou ao seu, contudo, a condessa se lembrou de suas joias e ordenou à sua camareira que fosse buscá-las. Esta voltou e as colocou sobre a lareira, sem que a patroa as examinasse. Na manhã seguinte, a sra. de Crozon constatou que faltava um anel, o anel do diamante azul.

Ela avisou o marido. A conclusão foi imediata: a camareira estando acima de qualquer suspeita, o culpado não podia ser outro senão o sr. Bleichen.

O conde comunicou o comissário central de Amiens, que abriu um inquérito e, discretamente, organizou um amplo cerco, para que o cônsul austríaco não pudesse nem vender nem despachar o anel para qualquer lugar.

Dia e noite, agentes cercaram o castelo.

Duas semanas se passam sem qualquer incidente. O sr. Bleichen anuncia sua partida. Nesse dia, é prestada uma queixa contra ele. O comissário intervém oficialmente e ordena a revista das bagagens. Em uma pequena bolsa cuja chave está sempre com o cônsul, encontra-se um frasco de pó dentifrício; nesse frasco, o anel!

A sra. Bleichen desmaia. Seu marido é detido.

Todos se lembram do sistema de defesa adotado pelo réu. Ele não é capaz de explicar a presença do anel senão por uma vingança do sr. de Crozon. “O conde é brutal e faz sua esposa infeliz. Tive uma longa conversa com ela e a incentivei vivamente a pedir o divórcio. Sabendo disso, o conde se vingou pegando o anel e, na ocasião de minha partida, inseriu-o na *nécessaire* de toalete.” O conde e a condessa mantiveram rigorosamente a queixa. Entre a explicação que davam e aquela do cônsul, ambas igualmente possíveis, igualmente prováveis, o público só precisava escolher. Nenhum fato novo fez penderem os pratos da balança. Um mês de conversa fiada, de conjecturas e de investigação não resultou em um único elemento de certeza.

Irritados com todo o escândalo, incapazes de produzirem a prova evidente de culpa que teria justificado sua acusação, o sr. e a sra. de Crozon solicitaram que lhes fosse enviado, de Paris, um agente da Sûreté capaz de desenrolar os fios da meada. Enviaram Ganimard.

Durante quatro dias, o velho inspetor-chefe bisbilhotou, fofocou, passeou pelo parque, teve longas conversas com a empregada, com o chofer, os jardineiros, os funcionários das agências de correios nas proximidades, visitou os aposentos ocupados pelo casal Bleichen, pelos primos d’Andelle e pela sra. de Réal. Depois, em uma manhã, desapareceu sem se despedir de seus anfitriões.

Mas, uma semana mais tarde, eles receberam este telegrama:

“Favor virem amanhã, sexta, cinco da tarde, ao Chá Japonês, rua Boissy-d’Anglas. Ganimard.”

Às cinco em ponto daquela sexta, o automóvel do casal estacionou diante do número 9 da rua Boissy-d’Anglas. Sem sequer uma palavra de explicação, o velho inspetor, que os esperava na calçada, conduziu-os ao primeiro andar do Chá Japonês.

Encontraram, em uma das salas, duas pessoas que Ganimard lhes apresentou:

– Sr. Gerbois, professor no Liceu de Versalhes, de quem, devem se lembrar, Arsène Lupin roubou meio milhão. Sr. Léonce d'Hautrec, sobrinho e herdeiro universal do barão d'Hautrec.

As quatro pessoas se sentaram. Uma quinta chegou alguns minutos depois. Era o chefe da Sûreté. O sr. Dudouis parecia estar de péssimo humor. Ele cumprimentou e disse:

– Então, o que há, Ganimard? Recebi, na chefatura, o seu recado telefônico. É algo grave?

– Muito grave, chefe. Dentro de uma hora, as últimas aventuras às quais me dediquei terão seu desfecho aqui. Pareceu-me que sua presença era indispensável.

– Assim como a presença de Dieuzy e de Folenfant, que avistei lá embaixo, perto da porta?

– Sim, chefe.

– E para quê? Trata-se de uma detenção? Que circo! Vamos, Ganimard, estamos escutando.

Ganimard hesitou por alguns instantes, depois pronunciou-se com a evidente intenção de impactar seus ouvintes:

– Antes de tudo, afirmo que o sr. Bleichen não tem nada a ver com o roubo do anel.

– Oh! Oh! – respondeu o sr. Dudouis. – É uma afirmação simples... e muito grave.

E o conde indagou:

– É a essa... descoberta que se resumem seus esforços?

– Não, cavalheiro. Dois dias após o roubo, o acaso de uma excursão de automóveis levou três de seus convidados até a cidade de Crécy. Enquanto duas dessas pessoas iam visitar o famoso campo de batalha, a terceira corria até a agência dos correios e despachava uma pequena caixa amarrada, selada de acordo com as regras e registrada por um valor de cem francos.

O sr. de Crozon objetou:

– Nada que não seja ordinário.

– Talvez lhes pareça menos ordinário que essa pessoa, em vez de

dar seu nome verdadeiro, tenha realizado o envio sob a alcunha de Rousseau, e que o destinatário, um certo sr. Beloux, residente em Paris, tenha se mudado na mesma noite do dia em que recebeu a caixa, isto é, o anel.

– Seria, talvez – indagou o conde –, um de meus primos d’Andelle?

– Não se trata desses cavalheiros.

– Então da sra. de Réal?

– Sim.

A condessa exclamou, estupefata:

– O senhor está acusando minha amiga, a sra. de Réal?

– Uma simples questão, senhora – respondeu Ganimard. – A sra. de Réal estava assistindo ao leilão do diamante azul?

– Sim, mas em seu canto. Não estávamos juntas.

– Ela a incentivou a comprar o anel?

A condessa vasculhou suas memórias.

– Sim... na verdade... creio que tenha sido ela a primeira a me falar dele.

– Anoto sua resposta, senhora. Fica estabelecido que foi a sra. de Réal que lhe falou, pela primeira vez, desse anel e que a estimulou a comprá-lo.

– No entanto... minha amiga é incapaz...

– Perdão, perdão, a sra. de Réal é apenas uma amiga ocasional da senhora, e não uma amiga íntima, como os jornais afirmaram, o que a afastou das suspeitas. A senhora só a conheceu no último inverno. Ora, sinto-me capaz de demonstrar que tudo o que a sra. de Réal lhe contou a respeito dela, sobre seu passado, suas relações, é absolutamente falso, que a sra. Blanche de Réal não existia antes de tê-la conhecido, e que ela não existe mais no presente momento.

– E então?

– Então? – fez Ganimard.

– Sim, toda essa história é muito estranha, mas como ela se aplica ao nosso caso? Se for verdade que a sra. de Réal tenha pegado o anel, o que, de modo algum, está comprovado, por que ela o escondeu no pó de dentifrício do sr. Bleichen? Que diabo! Quando nos damos ao

trabalho de roubar o diamante azul, nós o guardamos. O que o senhor diz disso?

– Eu, nada, mas a sra. de Réal terá algo a dizer.

– Ela existe, então?

– Existe... sem existir. Em poucas palavras, ouçam-me. Há três dias, no jornal que leio diariamente, vi, encabeçando a lista dos estrangeiros em Trouville, “Hotel Beaurivage: sra. de Réal etc”. Compreendam que, naquela mesma noite, eu cheguei a Trouville e interroguei o diretor do Beaurivage. A partir de algumas descrições e indícios que colhi, essa sra. de Réal era exatamente a pessoa por quem eu procurava, mas ela já tinha saído do hotel, deixando, como seu endereço em Paris, o número 3 da rua du Colisée. Anteontem fui a esse endereço e descobri que lá não havia nenhuma sra. de Réal, apenas uma senhora Réal, que morava no segundo andar, exercia o ofício de intermediária de diamantes e que se ausentava com frequência. Ainda na véspera ela havia chegado de viagem. Ontem bati à sua porta e lhe ofereci, sob um falso nome, meus serviços como intermediário de pessoas em situação de adquirir pedras de valor. Hoje nós temos aqui um encontro para o primeiro negócio.

– Ora! O senhor a espera?

– Às cinco e meia.

– E está certo...

– De que é a sra. de Réal do castelo de Crozon? Tenho provas irrefutáveis. Mas... escutem... o sinal de Folenfant...

Um apito soou, e Ganimard se levantou rapidamente.

– Não há tempo a perder. Sr. e sra. de Crozon, queiram passar à sala vizinha. O senhor também, sr. d’Hautrec... e o sr. Gerbois... a porta permanecerá aberta, e, ao primeiro sinal, pedirei que intervenham. Fique, chefe, por favor.

– E se chegarem outras pessoas? – observou o sr. Dudouis.

– Não. Este estabelecimento é novo, e o proprietário, que é um de meus amigos, não deixará subir uma alma viva sequer... a não ser a mulher loira.

– A mulher loira? O que quer dizer?

– Ela mesma, a mulher loira, chefe, a cúmplice e amiga de Arsène

Lupin, a misteriosa mulher loira, contra quem tenho provas certas, mas contra quem quero, além disso, e diante do senhor, reunir os depoimentos de todos aqueles que ela depenou.

Ganimard se inclinou na janela.

– Ela se aproxima... entra... não tem mais como escapar: Folenfant e Dieuzu vigiam a porta... A mulher loira é nossa, chefe!

Quase ao mesmo tempo, uma mulher se deteve na entrada, alta, magra, o rosto muito pálido e os cabelos de um dourado violento.

Uma emoção tal sufocou Ganimard que ele ficou mudo, incapaz de articular qualquer palavra. Ela estava ali, diante dele, à sua disposição!

Que vitória sobre Arsène Lupin! Que revanche! E, ao mesmo tempo, essa vitória lhe pareceu acontecer com tanta facilidade, que se perguntou se a mulher loira não iria escapar de seus dedos graças a algum daqueles milagres costumeiros de Lupin.

Enquanto isso, ela esperava, surpresa com esse silêncio, e olhava ao redor sem dissimular sua inquietude.

“Ela vai partir! Vai desaparecer!”, pensou Ganimard, apavorado.

Bruscamente, colocou-se entre ela e a porta. A mulher se virou e quis sair.

– Não, não – fez ele –, por que quer ir embora?

– Mas, enfim, senhor, não compreendo suas atitudes. Deixe-me...

– Não há motivo algum para que vá embora, senhora, e ocorre bem o contrário para que fique.

– No entanto...

– É inútil. A senhora não vai sair.

Muito pálida, ela tombou em uma cadeira e balbuciou:

– O que quer?

Ganimard havia vencido. Tinha a mulher loira. Senhor de si, falou:

– Apresento-lhe este amigo, do qual lhe falei, e que desejava comprar joias... E, sobretudo, diamantes. A senhora conseguiu arranjar aquilo que me havia prometido?

– Não... não... não sei... não me lembro.

– Mas... pense bem... uma pessoa de seu conhecimento devia lhe

entregar um diamante colorido... “Algo parecido com o diamante azul”, eu disse, rindo, e a senhora me respondeu: “Exatamente, pode ser que eu tenha o que quer.” Lembra-se?

Ela se calou. Uma pequena bolsa que tinha à mão caiu. Pegou-a rapidamente e apertou-a contra si. Seus dedos tremiam um pouco.

– Vamos – disse Ganimard –, vejo que não confia em nós, sra. de Réal, e vou lhe dar o bom exemplo, vou lhe mostrar o que eu, de minha parte, tenho.

Sacou de sua carteira um papel, que desdobrou, e estendeu uma mecha de cabelo.

– Cá estão, primeiramente, alguns fios de cabelo de Antoinette Bréhat, arrancados pelo barão e recolhidos da mão do morto. Visitei a srta. Gerbois; ela reconheceu, positivamente, a cor dos cabelos da mulher loira... da mesma cor que os seus, por sinal... exatamente da mesma cor.

A sra. Réal o observava com um ar estúpido, e, dado que ela realmente não entendesse o sentido de suas palavras, ele continuou:

– E agora, veja aqui dois frascos de perfume, sem rótulo, é verdade, e vazios, mas ainda impregnados pelo odor, o que permitiu que a srta. Gerbois pudesse, ainda nesta manhã, distinguir neles o perfume daquela mulher loira que foi sua companheira de viagem durante duas semanas. Ora, um desses frascos provém do aposento que a sra. de Réal ocupou no castelo de Crozon, e o outro, do quarto que a senhora ocupou no hotel Beaurivage.

– O que está dizendo...? A Mulher loira... O castelo de Crozon...

Sem responder, o inspetor alinhou quatro folhas sobre a mesa.

– Enfim! – disse. – Eis, nestas quatro folhas, uma mostra da escrita de Antoinette Bréhat, uma outra da mulher que escreveu ao barão Herschmann na ocasião do leilão do diamante azul, outra da sra. de Réal, da época de sua estadia em Crozon, e a quarta... da senhora mesma... são o seu nome e o seu endereço, dados pela senhora ao porteiro do hotel Beaurivage, em Trouville. Ora, compare as quatro caligrafias. São idênticas.

– Mas o senhor está louco, cavalheiro! Está louco! O que significa tudo isso?

– Significa, senhora – exclamou Ganimard com grande agitação –, que a Mulher loira, a amiga e cúmplice de Arsène Lupin, não é outra senão a senhora.

Ele empurrou a porta do salão ao lado, apressou-se na direção do sr. Gerbois, agarrou-o pelos ombros e o lançou diante da sra. Réal:

– Sr. Gerbois, reconhece a pessoa que raptou sua filha e que o senhor viu na casa do dr. Detinan?

– Não.

Houve uma espécie de comoção cujo impacto atingiu a todos. Ganimard cambaleou.

– Não...? Será possível... Vejamos, pense bem...

– Já pensei... a senhora é loira como a mulher loira... pálida como ela... mas não se parece nem um pouco com ela.

– Não posso acreditar... um engano assim é inadmissível... sr. d'Hautrec, reconhece Antoinette Bréhat?

– Eu vi Antoinette Bréhat na casa do meu tio... Não é ela.

– E a senhora tampouco é a sra. de Réal – afirmou o conde de Crozon.

Era o golpe de misericórdia. Ganimard ficou aturdido e não mais se moveu, a cabeça baixa, os olhos fugidios. De todas as maquinações, nada restava. O edifício ruía. O sr. Dudouis se levantou.

– A senhora nos desculpe, houve uma confusão lamentável que lhe peço para esquecer. Mas o que não consigo entender é a sua perturbação... Sua atitude bizarra desde que chegou aqui.

– Meu Deus, meu senhor, eu estava com medo... Tem mais de cem mil francos em joias na minha bolsa, e as maneiras de seu amigo não eram muito tranquilizadoras.

– Mas e suas ausências frequentes...?

– Não são o que o meu trabalho exige?

O sr. Dudouis não teve o que responder. Voltou-se para seu subordinado.

– O senhor apurou suas informações com uma leviandade deplorável, Ganimard, e agora mesmo tratou a senhora da forma mais deselegante. O senhor virá se explicar no meu gabinete.

A reunião havia terminado, e o chefe da Sûreté se preparava para

partir quando ocorreu um fato verdadeiramente desconcertante. A sra. Réal se aproximou do inspetor e lhe disse:

– Notei que o senhor se chama sr. Ganimard, ou estou enganada?

– Não.

– Nesse caso, esta carta deve ser para o senhor, e a recebi hoje pela manhã, com o destinatário que o senhor pode ler: “Sr. Ganimard, aos bons cuidados da sra. Réal.” Pensei que fosse uma brincadeira, dado que não conhecia o senhor por tal nome, mas, sem dúvida, esse correspondente desconhecido sabia do nosso encontro.

Por uma singular intuição, Justin Ganimard chegou perto de pegar a carta e destruí-la. Não ousou fazer isso perante seu superior, e rasgou o envelope. A carta continha estas palavras que ele pronunciou com uma voz quase inaudível:

“Era uma vez uma mulher loira, um Lupin e um Ganimard. O malvado Ganimard queria fazer mal à bela mulher loira, e o bom Lupin não desejava isso. Então o bom Lupin, pretendendo que a mulher loira adentrasse a intimidade da condessa de Crozon, fez com que ela utilizasse o nome da sra. de Réal, que é o mesmo nome – ou quase – de uma honesta comerciante cujos cabelos são dourados e o rosto, pálido. E o bom Lupin pensava consigo mesmo: ‘Se o malvado Ganimard um dia souber da pista da mulher loira, quão útil será obrigá-lo a se desviar para a pista da honesta comerciante!’ Sábua precaução e que dá seus frutos. Uma pequena nota enviada ao jornal do malvado Ganimard, um frasco de perfume esquecido voluntariamente pela verdadeira mulher loira no hotel Beaurivage, o nome e o endereço da sra. Réal escritos por essa verdadeira mulher loira nos registros do hotel, e o golpe está aplicado. O que diz disso, Ganimard? Quis lhe contar a aventura em detalhes, sabendo que, com seu senso de humor, o senhor seria o primeiro a rir. De fato, ela é deliciosa, e, de minha parte, confesso ter me divertido à loucura. Ao senhor, portanto, obrigado, caro amigo, e minhas melhores lembranças ao excelente sr. Dudouis. Arsène Lupin.”

– Mas ele sabe tudo! – gemeu Ganimard, que sequer cogitou rir. – Sabe de coisas que eu não disse a ninguém. Como ele podia saber que pedi ao senhor para que viesse, chefe? Como podia saber da minha descoberta do primeiro frasco...? Como podia saber...?

Tremia, arrancava os cabelos, capturado pelo mais trágico desespero. O sr. Dudouis teve pena dele.

– Vamos, Ganimard, console-se, tentaremos fazer melhor numa próxima vez.

E o chefe da Sûreté partiu, acompanhado da sra. Réal.

Dez minutos se passaram. Ganimard lia e relia a carta de Lupin. Em um canto, o sr. e a sra. de Crozon, o sr. d’Hautrec e o sr. Gerbois conversavam animadamente. Enfim, o conde dirigiu-se ao inspetor e lhe disse:

– O resultado de tudo isso, caro senhor, é que não progredimos nada.

– Desculpe-me. A minha investigação estabeleceu que a mulher loira é a heroína indiscutível dessas aventuras, e que Lupin a orienta. É um passo enorme.

– E que não serve para nada. O problema talvez seja até mais obscuro. A mulher loira mata para roubar o diamante azul e não o rouba. Ela o rouba, e é para se desfazer dele em benefício de um outro.

– Não posso fazer nada em relação a isso.

– Certo, mas alguém mais talvez pudesse...

– O que quer dizer?

O conde hesitou, mas a condessa tomou a palavra e foi direto ao ponto:

– É um homem, apenas um depois do senhor, na minha opinião, que seria capaz de combater Lupin e de colocá-lo à sua disposição. Sr. Ganimard, seria desagradável para o senhor solicitarmos a ajuda de Herlock Sholmès?

Ele ficou desconcertado.

– Claro que não... é só que... não compreendo bem...

– Veja bem. Todos esses mistérios me irritam. Quero esclarecê-los. O sr. Gerbois e o sr. d’Hautrec têm a mesma vontade, e estamos de

acordo quanto a procurar pelo célebre detetive inglês.

– Tem razão, senhora – pronunciou o inspetor com uma lealdade que não deixava de ter algum mérito –, tem razão. O velho Ganimard não tem forças para lutar contra Arsène Lupin. Herlock Sholmès conseguirá? Eu o desejo, pois tenho por ele uma grande admiração... no entanto... é pouco provável...

– É pouco provável que ele consiga?

– É a minha opinião. Considero que um duelo entre Herlock Sholmès e Arsène Lupin seja algo previamente definido. O inglês será derrotado.

– Em todo caso, ele pode contar com o senhor?

– Totalmente, senhora. Minha cooperação está assegurada sem reserva alguma.

– O senhor conhece o endereço dele?

– Sim, Parker Street, 219.

Na mesma noite, o sr. e a sra. de Crozon desistiram da queixa contra o cônsul Bleichen, e uma carta coletiva foi enviada a Herlock Sholmès.

Capítulo 3

Herlock Sholmès inaugura as hostilidades

– O que querem os cavalheiros?

– Pode escolher – respondeu Arsène Lupin, a quem esses detalhes culinários pouco interessavam. – Pode escolher, mas nem carne, nem álcool.

O garçom se afastou, desdenhoso.

Exclamei:

– Ora, ainda vegetariano?

– Cada vez mais – afirmou Lupin.

– Por gosto? Por crença? Por hábito?

– Por higiene.

– E nunca abre exceção?

– Oh! Sim... quando transito na sociedade... para não me singularizar.

Nós jantávamos nas cercanias da estação Gare du Nord, no fundo de um pequeno restaurante para o qual Arsène Lupin havia me convocado. Às vezes, ele faz isso; de tempos em tempos, manda, pela manhã, um telegrama para marcar um encontro comigo em algum canto de Paris. Ele se mostra sempre com uma verve inesgotável, feliz da vida, simples e jovial, e sempre com uma anedota imprevista, uma recordação, o relato de uma aventura que eu não conhecia.

Nessa noite, ele me pareceu ainda mais exuberante do que o habitual. Ria e conversava com singular animação e com aquela fina ironia que lhe era tão particular, ironia sem amargura, leve e espontânea. Era um prazer vê-lo assim, e não pude me abster de lhe expressar meu contentamento.

– Ah! Sim – exclamou –, tenho esses dias em que tudo me parece delicioso, em que a vida me preenche como um tesouro infinito que jamais conseguirei esgotar. E, no entanto, Deus sabe que vivo sem economizar!

– Demais, talvez.

– O tesouro é infinito, eu lhe digo! Posso me desgastar e me desperdiçar, depois lançar minhas forças e a minha juventude aos quatro ventos, é esse espaço que abro para as forças mais vivas e mais jovens... e depois, falando a verdade, a minha vida é tão bela... só me bastaria querer, não é mesmo? Tornar-me, de um dia para o outro, lá sei eu... orador, dono de usina, político... pois bem, eu lhe juro, nunca essa ideia me ocorreria! Arsène Lupin sou, Arsène Lupin permaneço. E em vão procuro na história um destino comparável ao meu, mais bem cumprido, mais intenso... Napoleão? Sim, pode ser... mas então o Napoleão do final da carreira imperial, durante a campanha da França, quando a Europa o destruiu, e ele se perguntava, a cada batalha, se aquela não seria a última que travava.

Será que falava sério? Ou brincava? O tom de sua voz se intensificou, e ele continuou:

– Veja, está tudo aí, no perigo! Na impressão ininterrupta do perigo! Respirá-lo como ao ar que respiramos, discerni-lo ao seu redor, bufando, rugindo, observando, aproximando-se... E, em meio à tempestade, ficar calmo... sem vacilar...! Ou você estará perdido... só existe uma sensação que se equivale a isso, a do piloto em uma corrida automobilística! Mas essa corrida dura uma manhã, e essa minha corrida dura a vida inteira!

– Que lirismo! – exclamei. – E quer me fazer acreditar que não há um motivo particular para tamanha animação!

Ele sorriu.

– Muito bem, você é um bom psicólogo. De fato, há outra coisa.

Ele se serviu um grande copo de água gelada, bebeu-a e me disse:

– Você leu o *Le Temps* de hoje?

– Ora, não.

– Herlock Sholmès atravessou a Mancha nesta tarde e chegou perto das seis horas.

– Diabo! E por quê?

– Uma pequena viagem oferecida a ele pelos Crozon, pelo sobrinho d'Hautrec e pelo Gerbois. Eles se encontraram na estação Gare du Nord e, de lá, juntaram-se a Ganimard. Neste momento, estão

os seis juntos.

Jamais, apesar da formidável curiosidade que ele me inspira, permito-me interrogar Arsène Lupin sobre os atos de sua vida privada antes que ele mesmo os tenha abordado. Há, de minha parte, uma questão de discrição sobre a qual nunca transijo. Além do mais, até esse momento, seu nome ainda não havia sido associado, pelo menos não oficialmente, ao assunto do diamante azul. Então, esperei. Ele prosseguiu:

– O *Le Temps* publicou também uma entrevista com o excelente Ganimard, segundo a qual uma certa mulher loira, que seria minha amiga, teria assassinado o barão d’Hautrec e tentado subtrair da sra. de Crozon o famoso anel. E, claro, ele me acusa de ser o organizador desses grandes crimes.

Um ligeiro calafrio me agitou. Seria verdade? Devia eu acreditar que o hábito do roubo, seu estilo de vida, até mesmo a lógica dos acontecimentos, teriam levado esse homem ao crime? Eu o observei. Parecia tão calmo, seus olhos me observavam com tanta franqueza!

Examinei suas mãos: eram modeladas com infinita delicadeza, mãos realmente inofensivas, mãos de artista...

– Ganimard é um alucinado – murmurei.

Ele protestou:

– Não, claro que não, Ganimard tem refinamento... às vezes, tem até inteligência.

– Inteligência!

– Sim, sim. Por exemplo, essa entrevista é um golpe de mestre. Primeiramente, ele anuncia a chegada de seu rival inglês para me deixar alerta e tornar a tarefa do outro mais difícil. Em segundo lugar, ele determina o ponto exato até onde conduziu o caso, para que Sholmès possa ter o benefício de suas próprias descobertas. É uma boa guerra.

– Seja como for, agora você tem dois adversários nos braços; e que adversários!

– Oh! Um deles não conta.

– E o outro?

– Sholmès? Oh! Admito que esse esteja à altura. Mas é justamente

o que me apaixona, e é por isso que você me vê com um humor tão alegre. Para começar, a questão do amor-próprio: julgam não ser exagerado convocar o famoso inglês para acabar comigo. Depois, pense no prazer que deve experimentar um lutador da minha espécie diante da ideia de um duelo contra Herlock Sholmès. Enfim! Serei obrigado a me empenhar profundamente! Porque eu o conheço, aquele bom homem, ele não recuará um único passo.

– Ele é forte.

– Muito forte. Como policial, creio que jamais tenha existido ou exista alguém parecido. Tenho apenas uma vantagem: ele ataca, e eu me defendo. Meu papel é mais fácil. Além disso...

Ele sorriu imperceptivelmente e concluiu a frase:

– Além disso, conheço a forma como ele combate, e ele não conhece a minha. E tenho alguns golpes secretos que lhe darão o que pensar...

Ele tamborilava na mesa com breves golpes do dedo e soltava pequenas frases com um ar radiante.

– Arsène Lupin contra Herlock Sholmès... A França contra a Inglaterra... finalmente Trafalgar será vingada...! Ah! O infeliz... ele sequer imagina que eu esteja preparado... e um Lupin prevenido... – ele se interrompeu subitamente, atingido por um ataque de tosse, e escondeu o rosto com o guardanapo, como alguém que se engasgou.

– Uma migalha de pão? – perguntei. – Beba um pouco de água.

– Não, não é isso – disse com uma voz sufocada.

– Então... o quê?

– Preciso de ar.

– Quer que abram a janela?

– Não, vou sair... rápido, dê-me o paletó e o chapéu, vou zarpar...

– Hein? Mas o que é isso...?

– Esses dois senhores que acabam de entrar... você vê o mais alto... pois bem, ao sair, caminhe à minha esquerda, de modo que ele não consiga me ver.

– Esse que se senta atrás de você?

– O próprio... por razões pessoais, prefiro... lá fora eu lhe explicarei...

– Mas quem é, então?

– Herlock Sholmès.

Ele fez um violento esforço para se controlar, como se tivesse vergonha de sua agitação, largou o guardanapo, engoliu um copo de água e me disse, sorrindo, totalmente recomposto:

– É engraçado, não? Não me abalo facilmente, mas essa visão imprevista...

– O que você teme, dado que ninguém pode reconhecê-lo, depois de todas as suas transformações? Eu mesmo, a cada vez que o encontro, imagino estar diante de um novo indivíduo.

– Ele me reconhecerá – disse Arsène Lupin. – Só me viu uma vez, mas senti como se ele tivesse me visto pela vida inteira, e que ele via não a minha aparência sempre mutável, mas, na verdade, o ser que sou... e depois... e depois... eu não esperava por isso, ora...! Que encontro singular... neste pequeno restaurante...

– E então – eu disse –, vamos embora?

– Não... não...

– O que vai fazer?

– O melhor seria agir com franqueza... de me dirigir a ele...

– Você pensa nisso?

– Claro que penso... além do quê, eu teria a vantagem de interrogá-lo, de saber o que ele sabe... ah! Veja, tenho a impressão de que seus olhos estão na minha nuca, em meus ombros, e de que ele se lembra...

Refletiu. Vislumbrei um sorriso de malícia no canto de seus lábios, depois, creio que obedecendo a um capricho de sua natureza impulsiva ainda mais do que às necessidades da situação, ele se levantou bruscamente, deu meia volta e inclinou-se, muito jovial:

– Mas que coincidência! É realmente muita sorte... permita-me lhe apresentar um de meus amigos...

Por um segundo ou dois, o inglês ficou desconcertado, pois fez um movimento instintivo, pronto para se lançar sobre Arsène Lupin. Este acenou com a cabeça:

– O senhor estaria equivocado... sem contar que o gesto não seria bonito... e realmente inútil!

O inglês se virou para a direita e a esquerda, como se procurasse auxílio.

– Isso também não – disse Lupin. – Aliás, o senhor está certo de que tem autorização para me capturar? Vamos, porte-se como um bom jogador.

Portar-se como bom jogador, na ocasião, não era muito tentador. Mesmo assim, é provável ter sido esse o partido que pareceu melhor ao inglês, porque ele se levantou um pouco e se apresentou friamente:

– O senhor Wilson, meu amigo e colaborador.

– O senhor Arsène Lupin.

O estupor de Wilson provocou gargalhadas. Seus olhos encarquilhados e sua grande boca aberta riscavam dois traços em seu rosto rosado, com a pele reluzente e tensa como uma maçã, ao redor do qual o cabelo escovinha e uma barba curta estavam plantados como feixes de capim, duros e vigorosos.

– Wilson, você não é capaz de esconder o suficiente sua perplexidade diante dos acontecimentos mais naturais desse mundo – brincou Herlock Sholmès com toques de zombaria.

Wilson balbuciou:

– Por que não o detém?

– Você ainda não reparou, Wilson, que esse cavalheiro está entre a porta e eu, e a dois passos da porta. Eu nem teria tempo de mover o mindinho, e ele já estaria lá fora.

– Não seja por isso – disse Lupin.

Deu a volta na mesa e se sentou de modo que o inglês ficasse entre a porta e ele. Era se colocar à disposição de Sholmès.

Wilson olhou o inglês para saber se tinha direito de admirar aquele rompanete de audácia. Sholmès continuou impenetrável. Mas, ao final de um instante, chamou:

– Garçom!

O garçom veio correndo. Sholmès pediu:

– Refrescos, cerveja e uísque.

A paz estava assinada... até segunda ordem. Logo depois, nós quatro nos sentamos à mesma mesa, conversando tranquilamente.

Herlock Sholmès é um homem... como os que encontramos todos

os dias. Com uns cinquenta anos de idade, parece um burguês resoluto que teria passado a vida diante de uma mesa, rodeado por livros de contabilidade. Nada o distingue de um honesto cidadão de Londres, nem suas suíças avermelhadas, nem seu queixo barbeado, nem seu aspecto um tanto pesado – nada, com a exceção de seus olhos terrivelmente agudos, vivos e penetrantes.

Afinal, trata-se de Herlock Sholmès, ou seja, uma espécie de fenômeno de intuição, observação, lucidez e engenhosidade. É como se a natureza tivesse se divertido ao pegar os dois tipos de detetives mais extraordinários que a imaginação produziu, o Dupin, de Edgar Poe, e o Lecoq, de Gaboriau, para criar um terceiro à sua maneira, ainda mais extraordinário e irreal. E, com efeito, nos perguntamos, quando ouvimos os relatos dos casos que o tornaram célebre em todo o universo, perguntamo-nos se ele próprio, esse Herlock Sholmès, não é um personagem lendário, um herói nascido do cérebro de um grande romancista, de um Conan Doyle, por exemplo.

Rapidamente, posto que Arsène Lupin lhe indagava sobre a duração da estadia, ele recolocou a conversa nos trilhos verdadeiros.

– Minha estadia depende do senhor, sr. Lupin.

– Oh! – exclamou o outro rindo. – Se dependesse de mim, eu lhe pediria para que embarcasse novamente em seu pacote nesta noite.

– Esta noite é um pouco cedo, mas espero que dentro de oito ou dez dias...

– O senhor tem tanta pressa assim?

– Tenho muitas coisas em andamento, o assalto ao Banco Anglo-Chinês, o rapto de Lady Eccleston... vejamos, sr. Lupin, acredita que uma semana será suficiente?

– Tranquilamente, caso o senhor trate do duplo caso do diamante azul. É, ademais, o intervalo de tempo de que preciso para tomar minhas precauções, caso a solução dessa dupla ocorrência lhe dê sobre mim vantagens perigosas para a minha segurança.

– Acontece – disse o inglês – que considero efetivamente obter essas vantagens no espaço de oito a dez dias.

– E fazer com que me prendam no décimo primeiro, talvez?

– No décimo, último limite.

Lupin refletiu e, com um aceno de cabeça, disse:

– Difícil... difícil...

– Difícil, sim, mas possível; donde, uma certeza...

– Certeza absoluta – disse Wilson, como se ele próprio houvesse distinguido claramente a extensa sequência de operações que conduziria seu colaborador ao resultado anunciado.

Herlock Sholmès sorriu:

– Wilson, que sabe das coisas, está aqui para confirmá-lo.

E prosseguiu:

– Evidentemente não tenho todos os trunfos nas mãos, posto que se trata de casos já ocorridos vários meses atrás. Faltam-me elementos, os indícios nos quais tenho o costume de sustentar minhas investigações.

– Como as manchas de lama e as cinzas de cigarro – articulou Wilson com ar solene.

– Mas, além das notáveis conclusões do sr. Ganimard, tenho à minha disposição todos os artigos escritos sobre o tema, todos os pontos de vista coletados e, em consequência disso, algumas ideias particulares sobre o caso.

– Algumas opiniões que nos foram sugeridas seja por análise, seja por hipótese – acrescentou Wilson sentenciosamente.

– Seria indiscreto – indagou Arsène Lupin naquele tom respeitoso que empregava ao falar com Sholmès –, seria indiscreto lhe perguntar a opinião geral que chegou a formar?

Realmente era a coisa mais apaixonante ver esses dois homens na presença um do outro, os cotovelos sobre a mesa, debatendo com gravidade e calma, como se tivessem que resolver um problema árduo, ou como se tivessem que chegar a um consenso sobre um ponto de controvérsia. Era também de uma ironia superior, da qual os dois se aproveitavam profundamente, como diletantes e artistas. Wilson, por sua vez, regalava-se.

Herlock encheu lentamente seu cachimbo, acendeu-o e exprimiu-se da seguinte forma:

– Estimo que esse caso seja infinitamente menos complexo do que parece à primeira vista.

– Muito menos, de fato – disse Wilson, eco fiel.

– Digo o caso, porque, para mim, só existe um. A morte do barão d’Hautrec, a história do anel e, não nos esqueçamos, o mistério do número 514 – série 23 são apenas diversas faces daquilo que poderíamos chamar de o enigma da Mulher loira. Ora, a meu ver, trata-se apenas de descobrir o elo que reúne esses três episódios na mesma história, o fato que prova a unidade dos três métodos. Ganimard, cujo julgamento é um pouco superficial, enxerga essa unidade na faculdade do desaparecimento, no poder de ir e vir, permanecendo invisível. Essa intervenção do milagre não me satisfaz.

– E então?

– Então, para mim – anunciou Sholmès com clareza –, a marca dessas três aventuras é o seu desejo manifesto, evidente, ainda que não percebido até aqui, de conduzir o caso até o terreno previamente escolhido pelo senhor. Há, de sua parte, mais do que um plano, uma necessidade, uma condição *sine qua non* para o êxito.

– Poderia entrar em alguns detalhes?

– Facilmente. Por exemplo, desde o começo do seu conflito com o sr. Gerbois, não é evidente que o apartamento do dr. Detinan tenha sido o local escolhido pelo senhor, o local inevitável onde deve ocorrer a reunião? Não há outro que lhe pareça mais seguro, a tal ponto que nele o senhor marcou o encontro, publicamente, poderíamos dizer, entre a Mulher loira e a srta. Gerbois.

– A filha do professor – explicou Wilson.

– Agora, falemos do diamante azul. Teria o senhor tentado se apropriar dele desde que o barão d’Hautrec o detinha? Não. Mas o barão apropriou-se do palacete de seu irmão; seis meses depois, intervenção de Antoinette Bréhat e primeira tentativa. O diamante lhe escapa, e o leilão se organiza com grande estrépito na casa Drouot. Será limpo, esse leilão? Será que o comprador mais rico tem segurança de adquirir a joia? De jeito nenhum. No momento em que o banqueiro Herschmann vai arrematá-lo, uma mulher faz chegar a ele uma carta com ameaças, e é a condessa de Crozon, preparada, influenciada por essa mesma mulher, que adquire o diamante. Ele vai desaparecer imediatamente? Não: os meios lhe faltam. Então, um intervalo. Mas a

condessa se instala em seu castelo. É o que o senhor esperava. O anel desaparece.

– Para reaparecer no pó dentifrício do cônsul Bleichen, bizarra anomalia – objetou Lupin.

– Ora, vamos – exclamou Herlock, batendo na mesa com o punho –, não é a mim que deve contar esses absurdos. Que os imbecis se deixem enganar, tudo bem, mas não a velha raposa que sou.

– O que quer dizer que...

– O que quer dizer...

Sholmès parou por um momento, como se quisesse fracionar seu efeito. Finalmente formulou:

– O diamante azul, que foi descoberto no pó dentifrício, é um diamante falso. O verdadeiro está com o senhor.

Arsène Lupin permaneceu silencioso por um instante e, depois, os olhos fixos no inglês, disse apenas:

– O senhor é um homem rude, cavalheiro.

– Um homem rude, não é? – sublinhou Wilson, pasmo de admiração.

– Sim – afirmou Lupin –, tudo se esclarece, tudo adquire seu verdadeiro sentido. Nenhum dos juízes de investigação, nenhum dos repórteres especiais que se entranharam nesses casos chegou tão longe na direção da verdade. É um milagre da intuição e da lógica.

– Ora! – fez o inglês, lisonjeado com a homenagem de um tal conhecedor. – Bastava refletir.

– Bastava saber refletir, e tão poucos o sabem! Mas agora que o campo das suposições se estreitou e que o terreno foi aplanado...

– Agora, só tenho que descobrir por que as três aventuras tiveram seus desfechos no número 25 da rua Clapeyron, no 134 da avenida Henri-Martin e entre os muros do castelo de Crozon. Todo o caso está aí. O restante só são bobagens e charadas para crianças. Não é sua opinião?

– É minha opinião.

– Neste caso, sr. Lupin, estaria eu equivocado ao repetir que, em dez dias, a minha missão estará cumprida?

– Em dez dias, sim, o senhor conhecerá toda a verdade.

– E o senhor será preso.

– Não.

– Não?

– Para que eu seja preso, é necessário um conjunto de circunstâncias tão improvável, uma série de acasos adversos tão surpreendente, que não admito essa eventualidade.

– Aquilo que não podem nem as circunstâncias nem os acasos adversos, a vontade e a obstinação de um homem poderão, sr. Lupin.

– Desde que a vontade e a obstinação de um outro homem não oponham a esse desígnio um obstáculo invencível, sr. Sholmès.

– Não existe obstáculo invencível, sr. Lupin.

O olhar que trocaram foi profundo, sem provocação de uma ou de outra parte, mas calmo e audaz. Era o entrechoque de duas espadas que iniciam o duelo. Isso soou claro e franco.

– É bom assim – exclamou Lupin. – Eis alguém! Um adversário, mas é o pássaro raro, e é Herlock Sholmès! Vamos nos divertir.

– O senhor não tem medo? – perguntou Wilson.

– Quase, senhor Wilson, e a prova – disse Lupin, levantando-se – é que vou acelerar minha disposição de me retirar... sem a qual eu arriscaria ser capturado na toca. Combinamos, então, dez dias, sr. Sholmès?

– Dez dias. Estamos no domingo. Oito dias depois de quarta-feira, tudo terá acabado.

– E eu estarei atrás das grades?

– Sem a menor dúvida.

– Droga! Eu, tão contente com a minha vida pacata. Sem incômodos, um bom fluxo de negócios, a polícia vivendo o inferno e a impressão reconfortante da simpatia universal que me envolve... Será necessário mudar tudo isso! Enfim, é o outro lado da moeda... depois da bonança, a tempestade... não é mais momento de rir. Adeus...

– Apresse-se – disse Wilson, cheio de solicitude para um indivíduo no qual Sholmès inspirava uma consideração invisível –, não perca um só minuto.

– Nenhum minuto, sr. Wilson, apenas o tempo de lhes dizer o quão feliz estou com esse encontro e o quanto invejo o mestre de ter

um colaborador assim tão precioso como o senhor.

Saudaram-se cortesmente, como, no território de combate, dois adversários que não compartilham ódio algum, mas a quem o destino obriga a se enfrentarem sem piedade. E, pegando-me pelo braço, Lupin me levou para fora.

– O que me diz, meu caro? Eis uma refeição cujos incidentes terão ótimo efeito nas memórias que prepara sobre mim.

Fechou a porta do restaurante e, parando alguns passos adiante, perguntou:

– Você fuma?

– Não, mas você tampouco, me parece.

– Eu tampouco.

Acendeu um cigarro com um fósforo de cera, que agitou várias vezes para apagar. Mas, assim que jogou o cigarro, atravessou correndo a rua e se juntou a dois homens que acabavam de sair das sombras, como se chamados por um sinal. Conversou com eles por alguns minutos na calçada oposta, depois voltou a mim.

– Peça-lhe perdão, esse demônio Sholmès vai me dar trabalho. Mas juro que ele não acabou com Lupin ainda... ah, o canalha, mas ele verá que sou jogo duro... até logo... o inefável Wilson está certo, não tenho um minuto a perder.

Afastou-se rapidamente.

Assim terminou a estranha noite, ao menos a parte da noite com a qual estive envolvido. Porque, nas horas que seguiram, ocorreram outros eventos que as confidências dos demais convivas desse jantar felizmente me permitiram reconstituir em detalhes.

No mesmo instante em que Lupin me deixava, Herlock Sholmès, por sua vez, consultava o relógio e se levantava.

– Vinte para as nove. Às nove preciso encontrar o conde e a condessa na estação.

– A caminho! – exclamou Wilson, engolindo, de uma vez só, dois copos de uísque.

– Wilson, não mexa a cabeça... talvez estejamos sendo seguidos; nesse caso, vamos agir como se não nos importássemos... então, Wilson, dê-me sua opinião: por que Lupin estava no restaurante?

Wilson não pestanejou.

– Para comer.

– Wilson, quanto mais trabalhamos juntos, mais eu percebo a continuidade do seu progresso. Palavra, você está se tornando surpreendente.

Na sombra, Wilson enrubesceu de prazer, e Sholmès continuou:

– Para comer, que seja, mas também muito provavelmente para se assegurar de que vou a Crozon, conforme afirmou Ganimard na entrevista. Irei, então, para não contrariá-lo. Mas como o negócio é ganhar tempo sobre ele, não irei.

– Ah! – disse Wilson, pego de surpresa.

– Você, meu amigo, zarpe por essa rua, pegue um coche, dois, três coches. Volte mais tarde para pegar as malas que deixamos no guarda-volumes e, a galope, vá até o Élysée-Palace.

– E no Élysée-Palace?

– Você pedirá um quarto no qual ficará, no qual dormirá com os punhos cerrados, e esperará as minhas instruções.

Wilson, todo orgulhoso do papel importante que lhe fora designado, partiu. Herlock Sholmès pegou seu bilhete e se dirigiu ao expresso para Amiens, onde o conde e a condessa já estavam acomodados.

Limitou-se a cumprimentá-los, acendeu outro cachimbo e fumou tranquilamente, de pé no corredor.

O trem sacudiu. Ao cabo de dez minutos, ele foi se sentar perto da condessa e lhe disse:

– Está com o anel, senhora?

– Sim.

– Faça a gentileza de me emprestá-lo.

Ele o pegou e examinou.

– Exatamente o que eu pensava, um diamante reconstituído.

– Diamante reconstituído?

– Um novo procedimento que consiste em submeter a poeira de diamante a uma temperatura altíssima, de modo a reduzi-la em fusão... para, depois, reconstituí-la em uma única pedra.

– Como?! Mas meu diamante é verdadeiro.

- O seu, sim, mas este não é o seu.
- Então, onde está o meu?
- Nas mãos de Arsène Lupin.
- E este aqui?
- Este substituiu o seu e foi deslizado no frasco do sr. Bleichen, onde o encontrou.

- Então, ele é falso?

- Absolutamente falso.

Atônita, desorientada, a condessa se calou, enquanto seu marido, incrédulo, virava e revirava a joia de todas as maneiras. Ela acabou balbuciando:

- Será possível? Mas por que não o roubaram pura e simplesmente? E como o pegaram?

- É exatamente isso que vou me empenhar em esclarecer.

- No castelo de Crozon?

- Não, desço em Creil e volto a Paris. É lá que a partida deve ser jogada, entre mim e Arsène Lupin. As investidas valerão em qualquer lugar, mas é preferível que Lupin acredite que eu esteja viajando.

- No entanto...

- O que lhe importa, senhora? O essencial é seu diamante, não?

- Sim.

- Então, fique tranquila. Assumi faz pouco tempo um compromisso muito mais difícil de se cumprir. Palavra de Herlock Sholmès, vou lhe devolver o verdadeiro diamante.

O trem desacelerava. Ele colocou o falso diamante no bolso e abriu a portinhola do vagão. O conde exclamou:

- Mas o senhor está descendo no sentido errado!

- Dessa forma, se Lupin fez com que me vigiassem, vão perder meu rastro. Adeus.

Um funcionário protestou em vão. O inglês se dirigiu ao escritório do chefe da estação. Cinquenta minutos depois, entrava em um trem que o conduziria de volta a Paris um pouco antes da meia-noite.

Lá, ele atravessou correndo a estação, entrou na área de alimentação, saiu por outra porta e se projetou dentro de um fiacre.

- Cocheiro, rua Clapeyron.

Tendo se certificado de que não era seguido, fez o coche parar no começo da rua e se dedicou a um exame minucioso do prédio do dr. Detinan e dos edifícios vizinhos. Com o auxílio de passadas iguais, media algumas distâncias e escrevia notas e algarismos em sua caderneta.

– Cocheiro, avenida Henri-Martin.

Na esquina da avenida com a rua de la Pompe, pagou a corrida, seguiu pela calçada até o número 134 e recomeçou as operações diante do antigo palacete do barão d’Hautrec e dos dois imóveis laterais, medindo a largura das respectivas fachadas e calculando a profundidade dos pequenos jardins que as precedem.

A avenida estava deserta e muito escura sob as quatro fileiras de árvores entre as quais, aqui e ali, um poste a gás parecia lutar inutilmente contra a espessura das trevas. Um deles lançava uma luz pálida sobre uma parte do palacete, e Sholmès viu a tabuleta “Alugase” suspensa na grade, as duas aleias descuidadas que cercavam o pequeno gramado e as amplas janelas vazias da casa desabitada.

– É verdade – disse a si mesmo –, desde a morte do barão, não há locatários... ah! Se eu pudesse entrar e fazer uma primeira visita!

Bastou que a ideia florescesse para ele desejar colocá-la em prática. Mas como? Dado que a altura da grade inviabilizava qualquer tentativa de escalá-la, ele tirou do bolso uma lanterna elétrica e uma chave-mestra da qual nunca se separava. Para seu grande espanto, deu-se conta de que um dos batentes estava entreaberto. Deslizou, então, para o jardim, tendo o cuidado de não fechar o batente. Mas sequer dera três passos, parou: em uma das janelas do segundo andar, havia uma luz se movimentando.

E a luz repassou a uma segunda janela, e a uma terceira, sem que ele pudesse ver outra coisa senão uma silhueta que perfilava nas paredes dos quartos. E, do segundo andar, a luz desceu ao primeiro e, por bastante tempo, perambulou de cômodo em cômodo.

– Diabo, quem é capaz de passear à uma hora da manhã na casa em que o barão d’Hautrec foi assassinado? – indagou-se Herlock, prodigiosamente interessado.

Só havia uma forma de descobrir, e era adentrar ele mesmo a

casa. Não hesitou. Mas, no momento em que cruzava a faixa iluminada pelo poste a gás para chegar aos degraus da entrada, o homem deve tê-lo percebido, porque a luz se apagou subitamente, e Herlock Sholmès não mais o viu.

Suavemente, empurrou a porta da entrada. Estava igualmente aberta. Sem ouvir qualquer ruído, arriscou-se na obscuridade, encontrou o início do corrimão e subiu um andar. E sempre o mesmo silêncio, as mesmas trevas.

Quando chegou ao patamar da escada, entrou em um cômodo e se aproximou da janela que filtrava um pouco a luz noturna. Então viu, do lado de fora, o homem que, tendo descido sem dúvida por outra escada e saído por outra porta, esgueirava-se à esquerda, ao longo dos arbustos que acompanham o muro entre os dois jardins.

– Maldição – exclamou Sholmès –, ele vai escapar!

Disparou pelas escadas e passou pela entrada a fim de lhe bloquear qualquer retirada. Mas não viu ninguém, e levou alguns segundos para distinguir, nas folhas dos arbustos, uma massa mais escura que não estava totalmente imóvel.

O inglês refletiu. Por que o indivíduo não havia tentado fugir quando pôde fazê-lo com tranquilidade? Teria ficado para vigiar, por sua vez, o intruso que havia perturbado sua misteriosa tarefa?

“Em todo caso”, pensou “não é Lupin, Lupin seria mais cuidadoso. É alguém de seu bando.”

Longos minutos se passaram. Herlock não se movia, os olhos fixos no adversário que o espiava. Mas, como esse adversário tampouco se movia, e como o inglês não era um homem dado a mergulhar na apatia, Sholmès verificou se o tambor de seu revólver funcionava, desembainhou seu punhal e caminhou diretamente rumo ao inimigo com a fria audácia e o desdém pelo perigo que o tornam tão admirável.

Um ruído seco; o indivíduo engatilhava seu revólver. Herlock se lançou bruscamente sobre a massa de folhas. O outro não teve tempo de se virar: o inglês já estava sobre ele. Houve uma luta violenta, desesperada, durante a qual Herlock percebeu o esforço do homem para puxar sua faca. Mas Sholmès, estimulado pela ideia de sua vitória

iminente e pelo desejo louco de subjugar, desde o primeiro momento, esse cúmplice de Arsène Lupin, sentia em si forças irresistíveis. Derrubou seu adversário, pressionou-o com todo o seu peso e, imobilizando-o com os cinco dedos agarrados à garganta do infeliz, como as garras de um animal, com a mão livre procurou pela lanterna elétrica, apertou o botão e projetou a luz no rosto de seu prisioneiro.

– Wilson! – gritou, petrificado.

– Herlock Sholmès – balbuciou uma voz estrangulada, cavernosa.

Permaneceram, por muito tempo, um diante do outro sem trocar palavra, ambos exaustos, a mente vazia.

A buzina de um automóvel rasgou o ar. Um vento suave agitou as folhas. E Sholmès não se mexia, os cinco dedos ainda agarrados à garganta de Wilson, que exalava um estertor cada vez mais frágil.

E, de repente, Herlock, invadido pela cólera, soltou seu amigo, apenas para segurá-lo pelos ombros e o sacudir freneticamente.

– O que faz aqui? Responda... O quê...? Por acaso eu lhe disse para se esconder nos arbustos e me espionar?

– Espioná-lo... – gemeu Wilson –, mas não sabia que era você.

– Então o quê? O que faz aqui? Você devia estar deitado.

– Eu me deitei.

– Devia estar dormindo!

– Eu dormi.

– Não devia ter acordado!

– Sua carta...

– Minha carta...?

– Sim, aquela que um mensageiro me entregou de sua parte no hotel...

– De minha parte? Está louco?

– Eu lhe juro.

– Onde está essa carta?

Seu amigo lhe deu uma folha de papel. À claridade de sua lanterna, leu com estupor:

“Wilson, saia da cama e corra até a avenida Henri-Martin. A casa está vazia. Entre, inspecione, elabore uma planta precisa e volte para dormir. Herlock Sholmès.”

– Eu estava medindo os cômodos – disse Wilson – quando percebi uma sombra no jardim. Só uma ideia me passou pela cabeça...

– A de agarrar a sombra... a ideia era excelente... mas veja – disse Sholmès, auxiliando seu companheiro a se levantar e empurrando-o –, na próxima vez, Wilson, quando receber uma carta de minha parte, certifique-se antes de que minha letra não foi imitada.

– Mas, então – disse Wilson, começando a entrever a verdade –, a carta não é sua?

– Ai de mim! Não.

– De quem é?

– De Arsène Lupin.

– Mas com qual objetivo ele a escreveu?

– Ah! Isso não sei dizer, e é justamente o que me inquieta. Por que diabos ele se deu ao trabalho de incomodá-lo? Ainda se se tratasse de mim, eu entenderia, mas trata-se apenas de você. E me pergunto qual interesse...

– Tenho pressa de voltar ao hotel.

– Eu também, Wilson.

Chegavam ao portão. Wilson, que estava na frente, pegou uma barra e puxou.

– Ora – disse –, você o fechou?

– Mas de jeito nenhum, deixei o batente encostado.

– E, no entanto...

Herlock tentou puxar até que, confuso, atirou-se sobre a fechadura. Uma praga escapou-lhe.

– Com mil raios... está fechada! Fechada com chave!

Sacudiu a porta com toda a sua força; depois, compreendendo a inutilidade de seus esforços, deixou tombarem os braços, desencorajado, e falou com uma voz espasmódica:

– Agora entendo tudo, é ele; ele previu que eu desceria em Creil e armou aqui uma bela de uma ratoeirazinha para o caso de eu começar minha investigação nesta mesma noite. Além disso, ele teve a gentileza de me enviar um companheiro de cativeiro. Tudo para me fazer perder um dia e, assim, sem dúvida, provar que eu faria melhor se fosse cuidar da minha própria vida.

– Quer dizer que somos seus prisioneiros.

– Você disse a palavra certa. Herlock Sholmès e Wilson são os prisioneiros de Arsène Lupin. A aventura começa de forma maravilhosa... Mas não, não, não admito...

Uma mão se deteve em seu ombro; a mão de Wilson.

– Lá em cima... olhe lá em cima... uma luz...

De fato, uma das janelas do primeiro andar estava iluminada.

Saíram ambos correndo, cada um por sua escada, e encontraram-se, ao mesmo tempo, na entrada do quarto iluminado. No meio do cômodo, ardia um restante de vela. Ao lado, havia uma cesta e, dessa cesta, emergiam o gargalo de uma garrafa, as coxas de um frango e a metade de um pão.

Sholmès teve um ataque de riso.

– Que maravilha, oferecem-nos uma ceia. Este é o palácio dos encantamentos. Um verdadeiro conto de fadas! Vamos, Wilson, não faça essa expressão de enterro. Tudo isso é muito engraçado.

– Tem certeza de que é muito engraçado? – gemeu Wilson, lúgubre.

– Se tenho certeza? – exclamou Sholmès com uma felicidade um pouco barulhenta demais para ser natural. – Quero dizer que nunca vi nada mais engraçado. É humor de qualidade... que mestre da ironia é esse Arsène Lupin... ele nos engana, mas com tanta graça... eu não trocaria meu lugar nesse banquete nem por todo o ouro do mundo... Wilson, meu velho amigo, você me magoa. Estarei enganado, ou você não tem nada daquela nobreza de espírito que ajuda a suportar o infortúnio? Do que você reclama? A essa altura você podia estar com meu punhal na garganta... ou o seu na minha... porque era exatamente isso que você procurava, mau amigo.

À força de humor e de sarcasmos, ele conseguiu reanimar o pobre Wilson e fazer com que ele engolisse uma coxa de frango e uma taça de vinho. Mas, quando a vela se apagou e tiveram que se estender sobre o assoalho para dormir e aceitar a parede como travesseiro, o lado penoso e ridículo da situação lhes veio à tona. E o sono dos dois foi triste.

Pela manhã, Wilson acordou cheio de câimbras e transido de frio.

Um leve ruído atraiu sua atenção: Herlock Sholmès, de joelhos, curvado, observava com a lupa grãos de poeira e constatava marcas de giz branco, quase apagadas, que formavam algarismos, os quais ele anotava em sua caderneta. Acompanhado por Wilson, a quem esse trabalho interessava em especial, ele estudou cada cômodo e, em dois outros, detectou as mesmas marcas de giz. Notou ainda dois círculos nos painéis de carvalho, uma flecha em um lambril e quatro algarismos em quatro degraus da escada.

Ao final de uma hora, Wilson lhe disse:

– Os algarismos são exatos, não?

– Se são exatos, não tenho ideia – respondeu Herlock, para quem tais descobertas haviam devolvido o bom humor –, em todo caso, significam alguma coisa.

– Alguma coisa bem óbvia – disse Wilson –, representam o número de tacos no assoalho.

– Ah!

– Sim. Quanto aos dois círculos, indicam que os painéis são falsos, como você pode verificar, e a flecha está apontada na direção do elevador de pratos.

Herlock Sholmès o olhou, maravilhado.

– Ah, sim! Mas, meu bom amigo, como sabe de tudo isso? Sua clarividência me deixa quase envergonhado.

– Oh! É bem simples – disse Wilson, inflado de alegria – fui eu quem fez essas marcas ontem à noite, seguindo suas instruções... ou ainda, seguindo aquelas de Lupin, já que a carta que você me endereçou é dele.

Talvez, nesse minuto, Wilson tenha corrido um perigo ainda maior do que durante a luta nos arbustos contra Sholmès. O detetive sentiu uma vontade feroz de estrangulá-lo. Dominando-se, esboçou uma careta que devia ser um sorriso e pronunciou:

– Perfeito, perfeito, eis um trabalho excelente e que nos faz avançar muito. Terá seu admirável espírito de análise e de observação sido exercido em outros pontos? Eu tiraria proveito dos resultados atingidos.

– Por Deus, não, parei aí.

– Que pena! O começo prometia. Mas, já que é assim, só nos resta ir embora.

– Ir embora! Mas como?

– Segundo o modelo habitual da gente honesta que vai embora: pela porta.

– Ela está fechada.

– Vão abri-la.

– Quem?

– Queira chamar aqueles dois *policemen* que perambulam pela avenida, por favor.

– Mas...

– Mas o quê?

– É muito humilhante... O que dirão quando souberem que você, Herlock Sholmès, e eu, Wilson, fomos feito prisioneiros de Arsène Lupin?

– O que você quer, meu caro? Vão morrer de rir – respondeu Herlock, a voz seca, o rosto contraído. – No entanto, não podemos fixar domicílio nesta casa.

– E você não vai tentar nada?

– Nada.

– Mas o homem que nos trouxe a cesta de provisões não atravessou o jardim nem ao chegar, nem ao partir. Então existe outra saída. Vamos procurá-la, e não será necessário recorrer aos agentes.

– Poderosamente sensato. Você apenas se esquece de que, nesse quesito, toda a polícia de Paris está procurando pela saída há seis meses, e eu mesmo, enquanto você dormia, revistei o palacete de cima a baixo. Ah! Meu bom Wilson, Arsène Lupin é um animal que não estamos acostumados a caçar. Ele não deixa rastro algum atrás de si.

Às onze horas, Herlock Sholmès e Wilson foram libertados... e conduzidos ao posto policial mais próximo, onde o comissário, depois de interrogá-los severamente, deixou-os ir com uma afetação totalmente irritante.

– Lamento, cavalheiros, pelo que lhes aconteceu. Haverão de ter uma triste opinião sobre a hospitalidade francesa. Meu Deus, que noite devem ter passado! Ah! Esse Lupin realmente não tem respeito.

Um coche os levou até o Elysée-Palace. Na recepção, Wilson pediu a chave de seu quarto.

Após procurar por um tempo, o funcionário respondeu, muito espantado:

– Mas, senhor, o senhor desocupou esse quarto.

– Eu? Como assim?

– Por meio de sua carta desta manhã, que seu amigo nos entregou.

– Qual amigo?

– O senhor que nos entregou sua carta... Veja, seu cartão de visita ainda está anexado nela. Aqui estão.

Wilson os pegou. De fato, era um de seus cartões de visita e, na carta, era mesmo a sua letra.

– Santo Deus – murmurou – eis outro golpe baixo.

E acrescentou ansiosamente:

– E as bagagens?

– Mas seu amigo as levou.

– Ah...! E você as deu a ele?

– Claro, já que sua carta nos autorizava.

– De fato... de fato...

Os dois saíram sem rumo pela Champs-Élysées, silenciosos e devagar. Um bonito sol de outono clareava a avenida. O ar estava ameno e leve.

Na rotunda, Herlock acendeu seu cachimbo e retomou a caminhada. Wilson exclamou:

– Não o entendo, Sholmès, você está tão calmo. Zombam de você, brincam com você como um gato brinca com um rato... e você não dá uma palavra!

Sholmès parou e disse:

– Wilson, estou pensando em seu cartão de visita.

– E então?

– E então, eis um homem que, prevendo uma possível luta contra nós, procurou por amostras da sua e da minha letra, e que possui, prontinho na carteira, um de seus cartões. Percebe o que isso representa de precaução, de vontade perspicaz, de método de

organização?

– O que quer dizer que...

– O que quer dizer, Wilson, que para combater um inimigo tão formidavelmente preparado, tão maravilhosamente preparado – e para vencê-lo –, é preciso ser... é preciso ser eu. E, mesmo assim, como você vê, Wilson – acrescentou, rindo –, não vencemos no primeiro golpe.

Às seis horas, o Écho de France, em sua edição vespertina, publicou esta nota:

“Nesta manhã, o sr. Thénard, comissário de polícia do 16o arrondissement, libertou os srs. Herlock Sholmès e Wilson, trancafiados sob as artimanhas de Arsène Lupin no palacete do finado barão d’Hautrec, onde passaram uma excelente noite.

Alijados, além disso, de suas malas, abriram uma queixa contra Arsène Lupin.

Arsène Lupin que, desta vez, limitou-se a lhes administrar uma pequena lição, roga para que não o obriguem a medidas mais graves.”

– Bah! – fez Herlock Sholmès, amassando o jornal. – Que molecagem! É a única censura que faço a Lupin... um pouco moleque demais... a opinião pública conta muito para ele... Há um pivete nesse homem.

– Mesmo assim, Herlock, você continua calmo?

– Ainda continuo calmo – replicou Sholmès com um tom que denunciava a mais apavorante cólera. – Qual o sentido de me irritar? ESTOU ABSOLUTAMENTE CONVICTO DE QUE A ÚLTIMA PALAVRA SERÁ MINHA!

Capítulo 4

Alguma luz nas trevas

Por mais sólido que seja o caráter de um homem – e Sholmès é uma dessas criaturas a quem a má sorte dificilmente agarra –, há, entretanto, circunstâncias nas quais mesmo o mais intrépido enfrenta a necessidade de recompor suas forças antes de encarar novamente as vicissitudes de uma batalha.

– Vou me dar folga hoje – disse.

– E eu?

– Você, Wilson, compre roupas e cuecas para recompor nosso guarda-roupas. Enquanto isso, vou repousar.

– Repouse, Sholmès. Eu vigio.

Wilson pronunciou essas duas palavras com toda a solenidade de uma sentinela posicionada nas linhas de frente e, em consequência, exposta aos piores perigos. Seu peito inflou. Seus músculos se retesaram. Com um olhar agudo, escrutou o pequeno quarto do hotel no qual escolheram se instalar.

– Vigie, Wilson. Vou aproveitar para preparar um plano de batalha mais apropriado ao adversário que temos de combater. Veja, Wilson, nós nos enganamos a respeito de Lupin. É preciso retomar as coisas desde o início.

– Ou mesmo antes, se possível. Mas nós temos esse tempo?

– Nove dias, velho camarada! São cinco a mais.

O inglês passou toda a tarde fumando e dormindo. Apenas na manhã seguinte, começou seus trabalhos.

– Estou pronto, Wilson, agora vamos caminhar.

– Caminhemos – exclamou Wilson, cheio de um ardor marcial. – De minha parte, confesso que sinto formigamentos nas pernas.

Sholmès fez três longas entrevistas – primeiramente com o dr. Detinan, cujo apartamento ele analisou nos menores detalhes; com Suzanne Gerbois, a quem ele havia telegrafado para que viesse e a quem interrogou sobre a Mulher loira; e, finalmente, com a irmã

Auguste, reclusa no convento das Visitandinas desde o assassinato do barão d'Hautrec.

A cada visita, Wilson esperava do lado de fora e, a cada vez, perguntava:

– Satisfeito?

– Muito satisfeito.

– Eu tinha certeza, estamos no caminho certo. Caminhemos.

Caminharam muito. Visitaram os dois imóveis que ladeiam o palacete da avenida Henri-Martin, depois foram até a rua Clapeyron e, enquanto examinava a fachada do número 25, Sholmès prosseguiu:

– É evidente que existem passagens secretas entre todos esses edifícios... mas o que não consigo compreender...

No fundo de si, e pela primeira vez, Wilson duvidou da onipotência de seu genial colaborador. Por que falava tanto e agia tão pouco?

– Por quê?! – exclamou Sholmès, respondendo aos pensamentos íntimos de Wilson –, porque, com esse diabólico Lupin, nós trabalhamos no vazio, ao acaso, e que, no lugar de extrair a verdade de fatos precisos, nós devemos retirá-la do próprio cérebro dele para, a seguir, verificarmos se ela se adapta bem aos acontecimentos.

– Mas e as passagens secretas?

– O que têm elas? Mesmo que as descubra, mesmo que conheça aquilo que permitiu a Lupin entrar na casa de seu advogado, ou a pessoa que seguiu a Mulher loira depois do assassinato do barão d'Hautrec, será que terei avançado? Será que isso me daria alguma arma para atacá-lo?

– Ataquemos, mesmo assim – exclamou Wilson.

Mal havia dito essas palavras, recuou soltando um grito. Alguma coisa acabara de cair aos seus pés: um saco de areia cheio até a metade, que poderia tê-los ferido gravemente.

Sholmès ergueu a cabeça e olhou para cima; operários trabalhavam em um andaime preso à sacada do quinto andar.

– Muito bem! Nós estamos com sorte – exclamou –, um passo a mais e teríamos recebido na cabeça o saco de um desses desastrados. Parece até que...

Interrompeu-se, depois saltou na direção da casa, escalou os cinco andares, tocou, irrompeu no apartamento para grande espanto do camareiro, e chegou à sacada. Não havia ninguém ali.

– Os operários que estavam aqui...? – perguntou ao criado.

– Acabaram de sair.

– Por onde?

– Ora, pela escada de serviço.

– Sholmès se inclinou. Viu dois homens que saíam do prédio, suas bicicletas à mão. Subiram nos selins e desapareceram.

– Faz tempo que trabalham nesse andaime?

– Esses aí? Desde esta manhã, apenas. São novos.

Sholmès juntou-se a Wilson.

Retornaram melancolicamente ao hotel, e esse segundo dia se encerrou em um silêncio tristonho.

Na manhã seguinte, programa idêntico. Sentaram-se no mesmo banco da avenida Henri-Martin e foi, para grande desespero de Wilson, que não se divertia nem um pouco, foi uma interminável espera em frente aos três imóveis.

– O que você espera, Sholmès? Que Lupin saia dessas casas?

– Não.

– Que a Mulher loira apareça?

– Não.

– E então?

– Então, espero que um pequeno fato se produza, um fato minúsculo qualquer, que me servirá de ponto de partida.

– E se não se produzir?

– Neste caso, há de se produzir qualquer coisa em mim, uma centelha que colocará fogo na pólvora.

Um único incidente rompeu a monotonia dessa manhã, mas de maneira, acima de tudo, desagradável.

O cavalo de um senhor, que seguia pela aleia equestre situada entre as duas pistas da avenida, desgarrrou-se e chocou-se contra o banco em que eles estavam sentados, de modo que sua anca resvalou no ombro de Sholmès.

– He-he! – escarneceu ele. – Um pouco mais e me teria esmagado

o ombro.

O sujeito tentava controlar seu cavalo. O inglês retirou seu revólver e mirou. Mas Wilson pegou-lhe o braço agitadamente.

– Você está louco, Herlock! Ora... o que é isso...? Você vai matar esse *gentleman*!

– Solte-me, Wilson... solte-me.

Iniciou-se uma luta entre os dois, durante a qual o sujeito dominou sua montaria e a esporeou.

– Agora, pode atirar – exclamou Wilson, triunfante, quando o cavaleiro já estava a alguma distância.

– Ora, seu imbecil três vezes, não compreende que era um cúmplice de Arsène Lupin?

Sholmès tremia de raiva. Wilson, de forma lamentável, balbuciou:

– O que diz? Aquele *gentleman*...?

– Cúmplice de Lupin, assim como os operários que jogaram o saco em nossas cabeças.

– Acha isso possível?

– Possível ou não, havia aí uma forma de adquirir uma prova.

– Matando aquele *gentleman*?

– Abatendo seu cavalo, apenas isso. Se não fosse por você, eu teria um dos cúmplices de Lupin. Entende a sua besteira?

A tarde foi morosa. Não dirigiram uma palavra um ao outro. Às cinco horas, enquanto perambulavam na rua de Clapeyron, tomando o cuidado de permanecerem afastados do prédio, três jovens operários que cantavam e andavam de braços dados chocaram-se contra eles e quiseram continuar o caminho sem se soltarem. Sholmès, que estava de mau humor, resistiu. Houve um empurra-empurra. Sholmès colocou-se em posição de boxeador, desferiu um soco em um peito, um soco em um rosto e derrubou dois dos três jovens que, sem insistirem mais, afastaram-se, assim como seu companheiro.

– Ah! – exclamou o inglês – isso me faz bem... Eu estava realmente muito tenso... excelente trabalho...

Mas, ao perceber Wilson apoiado contra o muro, disse-lhe:

– O que foi? O que tem, velho camarada, você está todo pálido.

O velho camarada mostrou seu braço, que pendia inerte, e

balbuciou:

- Não sei o que tenho... uma dor no braço.
- Uma dor no braço? Forte?
- Sim... sim... no braço direito...

Apesar de todos os esforços, ele não conseguia mexê-lo. Herlock o apalpou, suavemente no início, depois de maneira mais rude, “para ver”, disse, “o grau exato da dor”. O grau exato da dor era tão elevado que, muito inquieto, ele entrou em uma farmácia na vizinhança, onde Wilson viu-se obrigado a desmaiar.

O farmacêutico e seus auxiliares correram. Constatou-se que o braço estava quebrado e, subitamente, tornou-se um caso de cirurgião, operação e casa de saúde. Enquanto isso, despiram o paciente, que, abalado pela dor, pôs-se a uivar.

– Bom... bom... perfeito – dizia Sholmès, que se encarregou de segurar o braço –, um pouco de paciência, meu velho camarada... em cinco ou seis semanas, estará ótimo... Mas eles vão me pagar, os patifes...! Está me ouvindo...? Ele, acima de tudo... porque foi novamente esse maldito Lupin que deu o golpe... ah! Eu lhe juro que se algum dia...

Ele parou bruscamente, soltou o braço, o que causou em Wilson tamanho sobressalto de dor que o infeliz desmaiou de novo... e, batendo na própria testa, disse:

- Wilson, tenho uma ideia... será que por acaso...?

Não se movia, os olhos fixos, e murmurava pequenas conclusões de frases.

– Claro que sim, é isso... tudo se explicaria... procuramos muito longe por aquilo que está ao nosso lado... ah, é claro, eu sabia que bastava refletir... ah, meu bom Wilson, acho que vai ficar contente!

E, deixando para trás o velho camarada, saltou para a rua e correu até o número 25. Acima e à direita da porta, havia uma inscrição em uma das pedras:

“Destange, arquiteto, 1875.” No número 23, a mesma inscrição.

Até aí, nada de incomum. Mas lá, na avenida Henri-Martin, o que lia ele?

Um coche passava.

– Cocheiro, avenida Henri-Martin, número 134, e a galope.

De pé no coche, ele fustigava o cavalo e oferecia gorjetas ao cocheiro. Mais rápido...! Mais rápido ainda!

Que angústia a sua no cruzamento da rua de la Pompe! Teria sido um pedaço da verdade o que ele entrevira?

Sobre uma das pedras do palacete, estavam gravadas estas palavras: “Destange, arquiteto, 1874”.

Sobre os imóveis vizinhos, mesma inscrição: “Destange, arquiteto, 1874”.

O golpe dessas emoções foi tamanho que ele afundou no coche, estremecendo todo de alegria. Enfim, uma vaga luz em meio às trevas! Na grande floresta, onde mil caminhos se cruzavam, eis que ele colhia a primeira marca de uma pista seguida pelo inimigo!

Em uma agência dos correios, pediu uma ligação telefônica para o castelo de Crozon. A própria condessa o atendeu.

– Alô...! É a senhora, madame?

– Senhor Sholmès, certo? Está tudo bem?

– Muito bem, mas, com urgência, queira me dizer... alô... uma palavrinha, apenas...

– Estou escutando.

– O castelo de Crozon foi construído em qual época?

– Ele pegou fogo há trinta anos e foi reconstruído.

– Por quem? E em que ano?

– Está em uma inscrição acima da porta de entrada: “Lucien Destange, arquiteto, 1877.”

– Obrigado, madame, meus cumprimentos.

Partiu, murmurando:

– Destange... Lucien Destange... esse nome não me é estranho.

Tendo notado um gabinete de leitura, consultou um dicionário biográfico moderno e copiou a nota dedicada a “Lucien Destange, nascido em 1840, Grand-Prix de Roma, oficial da Legião de Honra, autor de obras muito apreciadas na arquitetura... etc”.

Então ele foi para a farmácia e, de lá, para a casa de saúde aonde haviam levado Wilson. Em sua cama de tortura, o braço aprisionado em uma tipoia, tiritando de febre, o velho camarada divagava:

– Vitória! Vitória! – exclamou Sholmès. – Tenho a ponta de um fio.

– De qual fio?

– Daquele que me levará à solução! Vou caminhar sobre um terreno sólido, onde haverá digitais, indícios...

– Cinzas de cigarro? – perguntou Wilson, a quem o interesse pela situação reanimava.

– E muitas outras coisas! Imagine você, Wilson, que esclareci o elo misterioso que unia, entre elas, as diferentes aventuras da Mulher loira. Por que as três moradas onde se concluíram essas três aventuras foram escolhidas por Lupin?

– Sim, por quê?

– Porque essas três moradas, Wilson, foram construídas pelo mesmo arquiteto. Fácil de adivinhar, dirá você? Certamente... por isso, ninguém pensou nisso.

– Ninguém exceto você.

– Exceto eu, que agora sei que o mesmo arquiteto, combinando plantas análogas, tornou possível a realização de três atos de aparência miraculosa, mas, na realidade, simples e fáceis.

– Que alegria!

– Já era hora, velho camarada, de começar a perder a paciência... porque já estamos no quarto dia.

– De dez.

– Oh! De agora em diante...

Ele não parava quieto, exuberante e feliz, contrariando seu hábito.

– Não, mas quando penso que, há pouco, na rua, aqueles patifes poderiam ter quebrado meu braço além do seu. Que me diz disso, Wilson?

Wilson se contentou em se arrepiar com essa horrível suposição. E Sholmès prosseguiu:

– Que tiremos proveito dessa lição! Veja, Wilson, nosso grande erro foi ter combatido Lupin com o rosto descoberto e nos oferecermos complacentemente a seus golpes. Menos mal, já que ele só conseguiu lhe atingir...

– E já que me saí com um braço quebrado – gemeu Wilson.

– Quando podíamos os dois estar assim. Mas chega de fanfarronices. À luz do dia e vigiado, fui vencido. Nas sombras e livre para me deslocar, tenho a vantagem, não importa quais sejam as forças do inimigo.

– Ganimard pode ajudá-lo.

– Jamais! No dia em que me for permitido dizer que Arsène Lupin está aqui, que eis seu covil e que assim podemos capturá-lo, irei chamar Ganimard em um dos dois endereços que ele me deu: seu domicílio na rua Pergolèse, ou na taverna suíça, praça de Châtelet. Daqui até lá, ajo sozinho.

Aproximou-se do leito, colocou a mão no ombro de Wilson – no ombro dolorido, naturalmente – e lhe disse, com grande afetação:

– Cuide-se, meu velho camarada. Seu papel agora consiste em ocupar dois ou três homens de Arsène Lupin que, para reencontrar meu traço, vão esperar até que eu venha ter notícias suas. É um papel de confiança.

– Um papel de confiança e lhe agradeço por isso – respondeu Wilson, tocado pela gratidão. – Farei de tudo para cumpri-lo conscienciosamente. Mas, pelo que vejo, você não volta mais?

– Para fazer o quê? – perguntou friamente Sholmès.

– De fato... de fato... estou tão bem quanto possível. Então, um último favor, Herlock: poderia me dar algo para beber?

– Para beber?

– Sim, morro de sede e, com minha febre...

– Mas como não? Agora mesmo...

Remexeu em duas ou três garrafas, percebeu um pacote de tabaco, acendeu seu cachimbo e, de repente, como se sequer tivesse ouvido o pedido de seu amigo, ele se foi, enquanto o olhar do velho camarada implorava por um copo de água inacessível.

– O sr. Destange!

O criado mediu o indivíduo para o qual acabava de abrir a porta da mansão – a magnífica mansão que ficava na esquina da praça Malesherbes com a rua Montchanin – e, diante do aspecto daquele homenzinho de cabelos grisalhos, mal escanhoado, e cuja longa

sobrecasaca escura, de um asseio duvidoso, conformava-se às bizarrices de um corpo que a natureza havia desgraçado de forma singular, respondeu com o desprezo que convinha:

– O sr. Destange está ou não está. Isso depende. O cavalheiro tem um cartão?

O cavalheiro não tinha um cartão, mas, sim, uma carta de apresentação, e o criado a levou para o sr. Destange, que ordenou que trouxessem até ele o recém-chegado.

– É o sr. Stickmann?

– Sim, senhor.

– Meu secretário me avisa que está doente e o envia para continuar a catalogação geral dos livros que ele iniciou sob minha direção, e, mais especialmente, a catalogação dos livros alemães. Você está acostumado a esse tipo de trabalho?

– Sim, senhor, muito acostumado – respondeu o sr. Stickmann com um forte sotaque germânico.

Nessas condições, o acordo foi rapidamente concluído, e o sr. Destange, sem mais delongas, entregou-se ao trabalho com seu novo secretário.

Herlock Sholmès estava no lugar certo.

Para escapar da vigilância de Lupin, e para adentrar a mansão em que Lucien Destange morava com sua filha Clotilde, o ilustre detetive tivera de mergulhar no desconhecido, acumular os estratagemas, atrair, sob os nomes mais variados, as boas graças e as confidências de uma multidão de personagens; em suma, tivera de viver, durante quarenta e oito horas, a vida mais complicada.

Em sua enquete, ele apurou o seguinte: o sr. Destange, de saúde frágil e desejando repouso, havia se aposentado e vivia entre as coleções de livros de arquitetura que reuniu. Nenhum prazer o interessava senão exhibir e manusear os velhos tomos empoeirados.

Quanto à sua filha Clotilde, era vista como excêntrica. Vivia trancada, como seu pai, mas em uma outra parte da mansão, e nunca saía.

“Tudo isso”, maquinava ele, anotando em um registro os títulos dos livros que o sr. Destange lhe ditava, “tudo isso ainda não é

decisivo, mas que passo adiante! É possível que eu ainda não descubra a solução de um desses problemas apaixonantes: o sr. Destange estaria associado a Arsène Lupin? Continuará a vê-lo? Existiriam papéis relativos à construção dos três imóveis? Esses papéis não me forneceriam o endereço de outros imóveis, igualmente traiçoeiros, que Lupin teria reservado para ele e seu bando?”

O sr. Destange, cúmplice de Arsène Lupin! Aquele homem venerável, oficial da Legião de Honra, trabalhando lado a lado com um ladrão; a hipótese inadmissível. Além disso, admitindo-se essa cumplicidade, como o sr. Destange poderia ter previsto, trinta anos antes, as fugas de Arsène Lupin, então, um bebê?

Não importa! O inglês persistia. Com seu prodigioso talento, com aquele instinto que lhe é particular, sentia um mistério que pairava ao redor de si. Percebia-o nas pequenas coisas que não conseguia especificar, mas que intuía desde sua chegada à mansão.

Na manhã do segundo dia, ainda não havia feito nenhuma descoberta interessante. Às duas horas, viu, pela primeira vez, Clotilde Destange, que viera procurar por um livro na biblioteca. Era uma mulher na casa dos trinta anos, morena, de gestos lentos e silenciosos, e cujo rosto guardava a expressão indiferente daqueles que vivem muito dentro de si mesmos. Ela trocou algumas palavras com o sr. Destange e se retirou, sem sequer ter olhado para Sholmès.

A tarde transcorreu monótona. Às cinco horas, o sr. Destange avisou que sairia. Sholmès permaneceu sozinho na galeria circular situada à meia altura da rotunda. O dia se encerrava. Ele também estava prestes a partir quando um crepitar se fez ouvir e, no mesmo instante, o inglês teve a sensação de que havia alguém no cômodo. Longos minutos juntaram-se uns aos outros. E subitamente ele se arrepiou: uma sombra emergia da semiobscuridade, bem perto, na sacada. Seria possível? Há quanto tempo aquele personagem invisível lhe fazia companhia? E de onde havia vindo?

E o homem desceu os degraus e se dirigiu para o lado de um grande armário de carvalho. Escondido atrás dos reposteiros que pendiam da balaustrada da galeria, de joelhos, Sholmès observou, e viu o homem folhear os papéis que estavam no armário. O que

procurava?

E eis que, de um golpe, a porta se abriu, e a srta. Destange entrou bruscamente, dizendo a alguém que a seguia:

– Então, não vai mesmo sair, pai...? Nesse caso, vou acender as luzes... um segundo... não se mexa...

O homem empurrou os batentes do armário e se escondeu na reentrância de uma grande janela cujas cortinas arrastou sobre si. Como a srta. Destange não o viu? Como não o ouviu? Muito calmamente, ela girou o botão da eletricidade e abriu passagem para seu pai. Sentaram-se um perto do outro. Ela pegou um volume que havia levado e se pôs a ler.

– Seu secretário não está mais aqui? – perguntou ao cabo de um instante.

– Não... como percebe...

– Continua satisfeito com ele? – prosseguiu ela, como se ignorasse a doença do verdadeiro secretário e sua substituição por Stickmann.

– Continuo... continuo...

A cabeça do sr. Destange balançava para a esquerda e a direita. Ele adormeceu.

Passou um momento. A jovem lia. Mas uma das cortinas da janela foi afastada, e o homem deslizou pela parede, na direção da porta, movimento que o fez passar por trás de Destange, mas diante de Clotilde, e de tal maneira que Sholmès pôde vê-lo distintamente. Era Arsène Lupin.

O inglês estremeceu de felicidade. Seus cálculos estavam corretos, havia realmente penetrado o coração do misterioso caso, e Lupin se encontrava no lugar previsto.

No entanto, Clotilde não se mexia, ainda que fosse inadmissível que sequer um gesto daquele homem lhe escapasse. E Lupin estava quase na porta e já estendia o braço na direção da maçaneta, quando um objeto caiu de uma mesa, resvalado por suas vestes. O sr. Destange acordou com um sobressalto. Arsène Lupin já estava diante dele, chapéu na mão, sorrindo.

– Maxime Bermond – exclamou o sr. Destange com alegria. – Querido Maxime...! Que bons ventos o trazem?

- A vontade de vê-lo, assim como a srta. Destange.
- Então, voltou de viagem?
- Ontem.
- E fica para o jantar?
- Não, janto no restaurante com amigos.
- Amanhã, então? Clotilde, insista para que ele venha amanhã.

Ah! Esse bom Maxime... eu pensava justamente em você nesses dias.

– É mesmo?

– Sim, eu arrumava meus papéis dos velhos tempos, nesse armário, e encontrei nossa última fatura.

– Qual fatura?

– A da avenida Henri-Martin.

– Como? Você guarda essa papelada! Para quê...?

Instalaram-se os três em uma saleta que se ligava à rotunda por um amplo arco.

“É Lupin?”, perguntou-se Sholmès, invadido por uma dúvida repentina.

Sim, com todas as evidências, era ele, mas também era um outro homem, que se parecia com Lupin em certos aspectos e que, no entanto, preservava uma individualidade distinta, seus traços pessoais, seu olhar, sua cor de cabelo...

De terno, gravata branca, a camisa flexível modelando o torso, ele falava alegremente, contando histórias com as quais o sr. Destange ria de todo o coração e que levavam um sorriso aos lábios de Clotilde. E cada um desses sorrisos parecia uma recompensa procurada por Arsène Lupin, e que ele se regozijava de haver conquistado. Redobrava a espirituosidade e a alegria e, imperceptivelmente, ao som daquela voz feliz e clara, o rosto de Clotilde se animava e perdia a expressão de frieza que o tornava tão pouco simpático.

“Eles se amam”, pensou Sholmès, “mas que diabos pode haver em comum entre Clotilde Destange e Maxime Bermond? Ela sabe que Maxime não é outro senão Arsène Lupin?”

Até as sete horas ele escutou ansiosamente, aproveitando-se até das menores palavras. Depois, com infinitas precauções, desceu e atravessou o lado do cômodo, onde não corria o risco de ser visto da

saleta.

No lado de fora, Sholmès certificou-se de que não havia nem automóvel nem fiacre no ponto, e se afastou, mancando pelo bulevar Malesherbes. Mas, em uma rua adjacente, colocou nas costas o paletó que carregava no braço, amassou seu chapéu, empertigou-se e, assim metamorfoseado, voltou à praça, onde esperou, os olhos fixos na porta da mansão Destange.

Arsène Lupin saiu quase no mesmo instante e, seguindo pelas ruas de Constantinople e de Londres, dirigiu-se rumo ao centro de Paris. A cem passos dele, caminhava Herlock.

Minutos deliciosos para o inglês! Aspirava avidamente o ar, como um bom cão que fareja a pista fresquinha. De fato, era-lhe uma coisa infinitamente agradável seguir seu adversário. Não era mais ele o vigiado, mas Arsène Lupin, o invisível Arsène Lupin. Tinha-o, por assim dizer, atado aos olhos, como se ligado por amarras impossíveis de se romper. E ele se deleitava ao observar, entre os transeuntes, aquela presa que lhe pertencia.

Mas um fenômeno bizarro não tardou a atingi-lo no intervalo que o separava de Arsène Lupin; outras pessoas avançavam na mesma direção, notadamente dois sujeitos grandões de chapéus redondos na calçada à esquerda, dois outros na calçada da direita, de boina e cigarro nos lábios.

Podia apenas ser uma coincidência. Mas Sholmès se espantou ainda mais quando viu que, tendo Lupin adentrado um quiosque de tabaco, os quatro homens pararam – e mais ainda quando retomaram o passo ao mesmo tempo que ele, mas isoladamente, cada um seguindo por si pela Chaussée d’Antin.

“Maldição”, pensou Sholmès, “então ele está sendo seguido!”

Exasperava-o a ideia de que outros estavam na cola de Arsène Lupin, de que outros lhe surrupiavam não a glória -- isso mal o inquietava --, mas o prazer imenso, a ardente volúpia de vencer, sozinho, o mais formidável inimigo que já havia encontrado. No entanto, era impossível que estivesse enganado; os homens tinham aquele ar displicente, o ar natural demais daqueles que, ajustando seus passos aos de outra pessoa, não querem ser notados.

“Será que Ganimard sabe mais do que disse saber?”, murmurou Sholmès. “Será que está de brincadeira comigo?”

Teve vontade de abordar um dos quatro indivíduos para interrogá-lo. Mas, nos arredores do bulevar, a multidão tornando-se mais densa, ele temeu perder o alvo e apertou o passo. Desvencilhou-se no momento em que Lupin subia os degraus do restaurante húngaro, na esquina da rua Helder. A porta estava aberta de uma forma que Sholmès, sentado em um banco do bulevar, do outro lado da rua, viu-o ocupar um lugar em uma mesa luxuosamente posta, ornada de flores, e onde já se encontravam três senhores de terno e duas damas de grande elegância, que o receberam com demonstrações de simpatia.

Herlock procurou, com os olhos, os quatro indivíduos e os percebeu dispersos nos grupos que escutavam a orquestra de ciganos em um café vizinho. Coisa estranha, eles não pareciam ocupar-se de Arsène Lupin, mas muito mais das pessoas que os cercavam.

De repente, um deles tirou do bolso um cigarro e abordou um senhor de sobrecasaca e cartola. O senhor ofereceu seu charuto, e Sholmès teve a impressão de que os dois conversaram, aliás, por mais tempo do que o exigido pelo ato de se acender um cigarro. Finalmente, o senhor subiu os degraus da entrada e espiou a sala do restaurante. Ao avistar Lupin, avançou, conversou por alguns instantes com ele, depois escolheu uma mesa vizinha, e Sholmès constatou que esse senhor era ninguém mais do que o homem a cavalo da avenida Henri-Martin.

Então ele compreendeu. Não apenas Arsène Lupin não era seguido, como aqueles homens faziam parte de seu bando! Aqueles homens cuidavam da sua segurança! Eram seus guarda-costas, seus satélites, sua escolta atenta. Onde quer que o patrão estivesse em perigo, os cúmplices lá estariam, prontos para avisá-lo, prontos para defendê-lo. Cúmplices, os quatro indivíduos! Cúmplice o senhor de sobrecasaca!

Um calafrio percorreu o inglês. Seria possível que ele jamais conseguisse subjugar aquela criatura inacessível? Que potência ilimitada representava uma tal associação, conduzida por um tal

chefe!

Rasgou uma folha de sua caderneta, escreveu a lápis algumas linhas que inseriu em um envelope e disse a um adolescente de uns quinze anos que estava deitado no banco:

– Ei, meu rapaz, tome um coche e leve esta carta à taverna suíça, praça de Châtelet. E rápido...

Deu-lhe uma moeda de cinco francos. O adolescente desapareceu.

Cerca de meia hora se passou. A multidão havia se adensado, e, só às vezes, Sholmès distinguia os acólitos de Lupin. Mas alguém o tocou e lhe disse ao ouvido:

– Ora! O que há, senhor Sholmès?

– É o senhor, sr. Ganimard?

– Sim, recebi seu bilhete na taverna. O que há?

– Ele está lá.

– Como assim?

– Lá... no fundo do restaurante... incline-se para a direita... pode vê-lo?

– Não.

– Está servindo champanhe para a moça ao lado.

– Mas não é ele.

– É ele.

– Pois eu lhe digo... ah, no entanto... de fato, poderia... Ora! O patife, como se parece! – murmurou Ganimard ingenuamente. – E os outros? Cúmplices?

– Não, a moça ao lado é lady Cliveden, a outra é a duquesa de Cleath e, em frente, o embaixador da Espanha em Londres.

Ganimard deu um passo. Herlock o reteve:

– Que imprudência! Você está sozinho.

– Ele também.

– Não, ele tem homens no bulevar que fazem a guarda... sem contar que, no interior do restaurante, aquele senhor...

– Mas eu, quando tiver colocado as mãos no colarinho de Arsène Lupin gritando seu nome, terei toda a sala a meu favor, todos os garçons.

– Eu preferiria alguns agentes.

– Isso é que chamaria a atenção dos amigos de Arsène Lupin... não, veja, sr. Sholmès, não temos escolha.

Ele tinha razão, Sholmès admitiu. Valia mais tentar a aventura e tirar proveito das circunstâncias excepcionais. Apenas recomendou a Ganimard:

– Cuide para que demorem o máximo possível para reconhecê-lo...

E ele próprio se esgueirou atrás de um quiosque de jornais, sem perder de vista Arsène Lupin que, lá dentro, inclinado na direção da moça ao lado, sorria.

O inspetor atravessou a rua, as mãos nos bolsos, como alguém que caminha firme adiante. Mas, assim que chegou à calçada oposta, virou-se rapidamente e, de uma vez só, subiu a escada.

Um apito soou estridente... Ganimard se chocou contra o *maître*, plantado subitamente diante da porta e empurrando-o com indignação, como faria com um intruso cujas vestes equivocadas teriam desonrado o luxo do restaurante. Ganimard vacilou. No mesmo instante, o senhor de sobrecasaca saiu. Tomou o partido do inspetor, e os dois, o *maître* e ele, discutiram violentamente, ambos cercando Ganimard, um retendo-o e outro empurrando-o, e de tal forma que, apesar de todos os seus esforços, apesar de todos os seus protestos furiosos, o infeliz foi escorraçado até o pé da escada.

Uma aglomeração se formou imediatamente. Dois agentes de polícia, atraídos pelo barulho, tentaram separar a multidão, mas uma resistência incompreensível os imobilizou, sem que conseguissem se livrar dos ombros que os pressionavam, das costas que lhes barravam o caminho...

E de repente, como em um passe de mágica, o caminho está livre...! O *maître*, compreendendo seu erro, atrapalha-se com desculpas, o senhor de sobrecasaca renuncia a defender o inspetor, a multidão se dispersa, os agentes passam, Ganimard avança na direção da mesa com os seis convivas... E agora só há cinco. Ele olha ao redor... Nenhuma outra saída além da porta.

– A pessoa que estava neste lugar...? – gritou ele para os cinco convivas estupefatos. – Sim, vocês eram seis... onde está a sexta

pessoa?

– O sr. Destro?

– Ora, não, Arsène Lupin!

Um garçom se aproxima:

– Esse senhor acabou de subir ao mezanino.

Ganimard se precipita. O mezanino é constituído de salas particulares e tem uma espécie de saída especial para o bulevar!

– Vamos, então, procurá-lo, agora – gemeu Ganimard –, ele está longe!

Não estava tão longe; a duzentos metros, no máximo, dentro do ônibus Madeleine-Bastille, que avançava tranquilamente ao pequeno trote de seus três cavalos, atravessando a praça de l'Opéra e indo pelo bulevar des Capucines. No primeiro andar do ônibus, dois grandalhões de chapéu coco estavam alertas. Na parte de cima, no alto da escada, dormitava um velhote: Herlock Sholmès.

Com a cabeça balançando, embalado pelo movimento do veículo, o inglês conversava consigo mesmo:

“Se o meu valente Wilson me visse, como estaria orgulhoso de seu chefe...! Bah...! Foi fácil prever que, ao som do apito, a partida estava perdida e que não havia nada melhor a fazer do que vigiar os arredores do restaurante. Mas, na verdade, a vida não carece de interesse com esse homem diabólico por perto!”

No terminal, Herlock se inclinou, viu Arsène Lupin, que passava diante de seus guarda-costas, e o ouviu murmurar: “Na Étoile”.

“Na Étoile, perfeito, encontro combinado. Estarei lá. Vamos deixá-lo partir nesse fiacre motorizado, e seguiremos de coche os dois comparsas.”

Os dois comparsas saíram a pé, de fato chegaram à Étoile e bateram na porta de uma estreita casa situada no número 40 da rua Chalgrin. Na esquina dessa rua pouco frequentada, Sholmès pôde se esconder à sombra de uma reentrância. Uma das duas janelas do piso térreo se abriu, um homem de chapéu coco fechou as venezianas. Acima delas, o postigo se iluminou.

Passados dez minutos, um senhor veio bater na mesma porta, depois, imediatamente depois, veio um outro. E, por fim, um fiacre

motorizado estacionou, do qual Sholmès viu descenderem duas pessoas: Arsène Lupin e uma senhora envolvida em um casaco e em uma mantilha espessa.

“A Mulher loira, sem dúvida alguma”, ruminou Sholmès, enquanto o fiacre se distanciava. Ele deixou transcorrer um instante, aproximou-se da casa, escalou o peitoril da janela e, erguendo-se nas pontas dos pés, conseguiu, pelo postigo, dar uma espiada no aposento.

Arsène Lupin, apoiado à lareira, falava com animação. De pé, cercando-o, os outros escutavam atentamente. Entre eles, Sholmès reconheceu o senhor de sobrecasaca e acreditou reconhecer o *maître* do restaurante. Quanto à Mulher loira, estava de costas para ele, sentada em uma poltrona.

“Estão conferenciando...”, pensou ele. “Os acontecimentos dessa noite os inquietaram, e eles sentem a necessidade de deliberar. Ah! Capturar todos de uma vez, de um só golpe...!”

Como um dos cúmplices se moveu, ele saltou para o chão e se enfiou na sombra. O senhor de sobrecasaca e o *maître* saíram da casa. Ao mesmo tempo, o primeiro andar se iluminou, alguém puxou as venezianas das janelas. E a obscuridade instalou-se tanto acima quanto abaixo.

“Ela e ele ficaram no térreo”, Herlock disse a si mesmo. “Os dois cúmplices moram no primeiro andar.”

Esperou por uma parte da noite sem se mexer, temendo que Arsène Lupin se fosse durante sua ausência. Às quatro horas, percebendo dois agentes de polícia no outro lado da rua, alcançou-os, explicou-lhes a situação e confiou a eles a vigilância da casa.

Então, dirigiu-se à residência de Ganimard, na rua Pergolèse, e o fez sair da cama.

– Ainda o tenho.

– Arsène Lupin?

– Sim.

– Se o tem como o tinha agora há pouco, é melhor eu voltar para a cama. Em todo caso, passemos no comissariado.

Foram até a rua Mesnil e, de lá, ao domicílio do comissário, sr. Decointre.

Depois, acompanhados de uma meia-dúzia de homens, voltaram à rua Chalgrin.

– Algo novo? – perguntou Sholmès aos dois agentes encarregados.

– Nada.

O dia começava a clarear o céu quando, após dar suas ordens, o comissário tocou e se dirigiu até a cabine da zeladora. Apavorada por essa invasão, tremendo-se toda, a mulher respondeu que não havia locatários no térreo.

– Como assim, não há locatários? – exclamou Ganimard.

– Não, apenas os do primeiro andar, os senhores Leroux... Eles mobiliaram o andar de baixo para parentes da província...

– Um cavalheiro e uma senhora?

– Sim.

– Que vieram ontem à noite com eles?

– Pode ser que sim... eu estava dormindo... no entanto, creio que não, aqui está a chave... Não a pediram...

Com essa chave, o comissário abriu a porta que se encontrava do outro lado do vestíbulo. O apartamento do térreo continha apenas dois cômodos: estavam vazios.

– Impossível! – proferiu Sholmès. – Eu os vi, ela e ele.

O comissário escarneceu:

– Não tenho dúvida, mas não estão mais aqui.

– Subamos ao primeiro andar. Devem estar lá.

– O primeiro andar é habitado pelos senhores Leroux.

– Interrogaremos os senhores Leroux.

Subiram todos pelas escadas, e o comissário tocou a campainha. No segundo toque, um indivíduo, que não era outro senão um dos guarda-costas, apareceu, em mangas de camisa e com ar furioso.

– Ora, o que há? Que alvoroço... Como podem acordar as pessoas assim...

Mas ele parou, confuso:

– Deus me perdoe... será que não estou sonhando? É o sr. Decointre...! E o senhor também, sr. Ganimard? Então, em que posso ajudá-los?

Uma formidável gargalhada soou. Ganimard ria com uma crise de

hilaridade que o curvava em dois e lhe congestionava o rosto.

– É o senhor, Leroux... – gaguejava. – Oh! Como é engraçado... Leroux, cúmplice de Arsène Lupin... Ah! Eu morreria... E seu irmão, Leroux, por onde anda?

– Edmond, está por aí? É o sr. Ganimard que nos faz uma visita...

Um outro indivíduo avançou, e, ao vê-lo, Ganimard riu com força redobrada.

– Será possível! Não tínhamos ideia disso! Ah! Meus amigos, vocês estão em maus lençóis... Quem teria suspeitado! Felizmente, o velho Ganimard vigia e, acima de tudo tem amigos para auxiliá-lo... Amigos que vêm de longe!

E, virando-se para Sholmès, apresentou-os:

– Victor Leroux, inspetor da Sûreté, um dos bons entre os melhores da brigada de ferro... Edmond Leroux, escriturário-chefe do serviço antropométrico...

Capítulo 5

Um rapto

Herlock Sholmès nem piscou. Protestar? Acusar esses dois homens? Era inútil. A menos que tivesse provas, o que não tinha e não queria perder tempo procurando-as, ninguém acreditaria nele.

Todo tenso, os punhos cerrados, só pensava em não revelar, diante de um Ganimard triunfante, sua raiva e sua decepção. Cumprimentou respeitosamente os irmãos Leroux, sustentáculos da sociedade, e se retirou.

No vestíbulo, fez um desvio na direção de uma porta baixa que indicava a entrada da adega, e recolheu uma pequena pedra vermelha: era uma granada.

Do lado de fora, tendo se virado, leu, perto do número 40 do prédio, esta inscrição: “Lucien Destange, arquiteto, 1877”.

A mesma inscrição no número 42.

“Sempre a saída dupla”, pensou. “O 40 e o 42 se comunicavam. Como não pensei nisso? Eu deveria ter ficado com os dois agentes nessa noite”.

Disse aos homens:

– Duas pessoas saíram por essa porta durante a minha ausência, não é? – e indicou a porta do edifício vizinho.

– Sim, um cavalheiro e uma dama.

Ele pegou o braço do inspetor-chefe e o conduziu:

– Sr. Ganimard, o senhor riu bastante para eu me arrepender do pequeno incômodo que lhe causei...

– Oh, decerto não o culpo de nada.

– Ah, é? Mas as melhores piadas duram apenas certo tempo, e sou da opinião de que é preciso terminá-las.

– Compartilho dessa opinião.

– Estamos no sétimo dia. Em três dias, será indispensável que eu esteja em Londres.

– Oh! Oh!

– Estarei lá, meu senhor, e lhe rogo para que esteja pronto na noite de terça para quarta-feira.

– Para mais uma excursão desse gênero? – fez Ganimard, divertindo-se.

– Sim, senhor, do mesmo gênero.

– E que se encerrará...?

– Com a captura de Lupin.

– Acredita nisso?

– Juro pela minha honra, meu senhor.

Sholmès cumprimentou-o e partiu para repousar um pouco no hotel mais próximo. Depois disso, reanimado, confiando em si mesmo, voltou à rua Chalgrin, transferiu dois luíses à mão da zeladora, assegurou-se de que os irmãos Leroux haviam saído, descobriu que a casa pertencia a um certo sr. Harmingeat e, munido de uma vela, desceu para a adega pela pequena porta perto da qual havia encontrado a granada.

Ao pé da escada, recolheu outra de forma idêntica.

“Eu estava certo”, pensou, “é por aqui que se comunicam... vejamos, será que minha gazua abre o compartimento reservado ao locatário do térreo? Sim... perfeito... examinemos essas caixas de vinho. Oh! Oh! Eis aqui lugares em que a poeira foi espalhada... e, no piso, pegadas...”.

Um ruído leve o fez apurar os ouvidos. Rapidamente empurrou a porta, soprou sua vela e se escondeu atrás de uma pilha de caixas vazias. Após alguns segundos, notou que um dos armários de ferro girava lentamente, levando consigo toda a parte da parede à qual estava fixado. A luz de uma lamparina se projetou. Um braço apareceu. Um homem entrou.

Estava encurvado como alguém que procura algo no chão. Com a ponta dos dedos, remexia a poeira e, por várias vezes, ergueu-se e lançou alguma coisa em uma caixa de papelão que segurava com a mão esquerda. A seguir, apagou as marcas de seus passos, bem como as pegadas deixadas por Lupin e pela Mulher loira, e se aproximou do armário.

Soltou um grito rouco e desmoronou. Sholmès havia se lançado

sobre ele. Foi coisa de um minuto, e, da forma mais simples do mundo, o homem se viu estendido no solo, os tornozelos atados e os punhos presos.

O inglês se inclinou.

– Quanto quer para falar...? Para dizer o que sabe?

O homem respondeu com um sorriso de tamanha ironia que Sholmès compreendeu a inutilidade de sua pergunta.

Contentou-se em explorar os bolsos de seu cativo, mas suas investigações não renderam nada além de um molho de chaves, um lenço e a pequena caixa de papelão usada pelo indivíduo, e que continha uma dúzia de granadas parecidas com aquelas que Sholmès havia recolhido. Magro butim!

Além disso, o que faria com aquele homem? Esperaria seus amigos virem socorrê-lo para entregá-los todos à polícia? Para quê? Que vantagem conseguiria contra Lupin?

Hesitava quando o exame da caixa o ajudou a decidir. Continha este endereço: “Léonard, joalheiro, rua de la Paix”.

Resolveu simplesmente abandonar o homem. Empurrou de volta o armário, fechou a adega e saiu da casa. Em uma agência de correio, avisou o sr. Destange, por telegrama, que só poderia ir no dia seguinte. Depois, dirigiu-se ao joalheiro, a quem remeteu as granadas.

– A madame me enviou por causa dessas pedras. Soltaram-se de uma joia que ela comprou aqui.

Sholmès havia acertado. O comerciante respondeu:

– De fato... essa senhora me telefonou. Logo ela mesma passará por aqui.

Foi somente às cinco horas que Sholmès, plantado na calçada, percebeu uma mulher envolta em um véu espesso e cujo aspecto parecia suspeito. Através da vitrine ele a viu depositar no balcão uma antiga joia ornada com granadas.

A mulher partiu imediatamente depois, fez compras a pé, subiu para os lados de Clichy e voltou por uma das ruas que o inglês não conhecia. Ao anoitecer, ele entrou, no rastro dela e sem que a zeladora o avistasse, em um edifício de cinco andares, com dois blocos de apartamentos e, em consequência, inúmeros locatários. No segundo

andar, ela parou e entrou. Dois minutos mais tarde, o inglês tentou a sorte e, uma após a outra, testou com precaução as chaves do molho de que havia se apoderado. A quarta fez girar a fechadura.

Em meio à penumbra que predominava, ele notou cômodos completamente vazios como os de um apartamento inabitado, e dos quais todas as portas estavam abertas. Mas, no final de um corredor, filtrava-se a luz de uma lamparina e, aproximando-se nas pontas dos pés, ele viu, pelo espelho desgastado que separava a sala de um quarto contíguo, a mulher de véu retirando suas roupas e seu chapéu, depositando-os na única cadeira do aposento e vestindo um penhoar de veludo.

Viu-a avançar na direção da lareira e apertar o botão de uma campainha elétrica. E a metade do painel que se estendia à direita da lareira se sacudiu, deslizou no mesmo plano da parede e se insinuou para dentro do painel vizinho.

Quando o vão ficou espaçoso o suficiente, a mulher passou... e desapareceu, carregando a lamparina.

O sistema era simples. Sholmès o utilizou.

Caminhou na escuridão, tateando, mas logo seu rosto esbarrou em coisas suaves. À chama de um fósforo, constatou que se encontrava em um cubículo atulhado de roupas e vestidos que estavam pendendo em cabides. Abriu passagem e parou diante da moldura de uma porta fechada por uma tapeçaria, ou pelo avesso de uma tapeçaria. Quando o fósforo se consumiu, ele percebeu que uma luz era filtrada pela trama esgarçada e surrada do velho tecido.

Então, observou.

A Mulher loira estava ali, diante de seus olhos, ao alcance de sua mão.

Ela apagou a lamparina e acendeu a eletricidade. Pela primeira vez, Sholmès pôde ver seu rosto totalmente iluminado. Estremeceu. A mulher que acabava de encontrar depois de tantos desvios e manobras não era outra senão Clotilde Destange.

Clotilde Destange, a assassina do barão d'Hautrec e a ladra do diamante azul!

Clotilde Destange, a misteriosa amiga de Arsène Lupin!

A Mulher loira, enfim!

“Mas claro, é óbvio”, pensou ele, “não passo de um rematado asno. Só porque a amiga de Lupin é loira e Clotilde, morena, não me ocorreu relacionar as duas mulheres! Como se a Mulher loira pudesse continuar loira depois do assassinato do barão e do roubo do diamante!”

Sholmès via uma parte do cômodo, elegante aposento feminino, ornado de reposteiros claros e bibelôs preciosos. Um divã de mogno se estendia em um piso mais baixo. Clotilde estava sentada nele e permanecia imóvel, a cabeça entre as mãos. E, ao final de um instante, ele percebeu que ela chorava. Grossas lágrimas rolavam por suas feições pálidas, deslizavam na direção da boca e caíam, gota por gota, no veludo de seu carpete. E outras lágrimas as seguiam indefinidamente, como se surgissem de uma fonte inesgotável. E era o espetáculo mais triste aquele desespero aborrecido e resignado que se exprimia pelo lento fluxo de lágrimas.

Mas uma porta se abriu atrás dela. Arsène Lupin entrou.

Olharam-se por muito tempo, sem dizer palavra alguma, depois ele se ajoelhou perto dela, apoiou a cabeça em seu peito e a envolveu com os braços; e havia no gesto com que enlaçava a moça uma ternura profunda, de muita piedade. Eles não se mexeram. Um silêncio suave os unia, e as lágrimas fluíam menos abundantes.

– Queria tanto fazê-la feliz! – murmurou ele.

– Eu sou feliz.

– Não, uma vez que está chorando... suas lágrimas me deixam desolado, Clotilde.

Apesar de tudo, ela se deixou envolver pelo som daquela voz carinhosa, e ela escutava, ávida de esperança e de alegria. Um sorriso amoleceu sua expressão, mas um sorriso ainda tão triste! Ele suplicou-lhe:

– Não fique triste, Clotilde, não deve ficar. Não tem direito a isso.

Ela mostrou-lhe as mãos brancas, delicadas e sinuosas, e disse gravemente:

– Enquanto essas mãos forem minhas mãos, serei triste, Maxime.

– Mas por quê?

– Elas mataram.

Maxime exclamou:

– Cale-se! Não pense nisso... o passado está morto, o passado não conta.

E ele beijou aquelas mãos pálidas, e ela o olhou com um sorriso mais iluminado, como se cada beijo tivesse apagado um pouco da terrível lembrança.

– Precisa me amar, Maxime, precisa, porque nenhuma mulher o amará como eu. Para lhe agradecer, eu agi, ajo ainda, não segundo suas ordens, mas segundo seus desejos secretos. Realizo atos contra os quais todos os meus instintos e toda a minha consciência se revoltam, mas não consigo resistir... tudo o que faço, faço-o mecanicamente, porque lhe será útil, e é o que você quer... e estou pronta para recomeçar amanhã... e sempre.

Ele disse com amargura:

– Ah! Clotilde, por que a envolvi na minha vida aventureira? Eu devia ter permanecido o Maxime Bermond que você amou por cinco anos, e não fazer com que conhecesse... o outro homem que sou.

Ela disse baixinho:

– Amo também esse outro homem, e não me arrependo de nada.

– Sim, você sente falta de sua vida passada, a vida a céu aberto.

– Não sinto falta de nada quando você está aqui! – disse ela apaixonadamente. – Não há mais crime algum quando meus olhos o veem. Que me importa ser infeliz longe de você, e sofrer, e chorar, e sentir horror por tudo o que faço... seu amor apaga tudo... aceito tudo... mas você precisa me amar...!

– Não a amo porque é preciso, Clotilde, mas pela única razão de que a amo.

– Tem certeza disso? – disse ela, confiante.

– Tenho certeza, tanto por mim quanto por você. Acontece apenas que minha existência é violenta e frenética, e nem sempre consigo lhe dedicar o tempo que gostaria.

Ela se inquietou no mesmo instante.

– O que aconteceu? Um perigo novo? Rápido, fale.

– Oh! Nada grave, ainda. No entanto...

– No entanto?

– Bem, ele está no nosso rastro.

– Sholmès?

– Sim. Foi ele que lançou Ganimard no caso do restaurante húngaro. Foi ele que posicionou, nessa noite, os dois agentes na rua Chalgrin. Tenho a prova. Ganimard revistou a casa nessa manhã, e Sholmès o acompanhava. Além disso...

– Além disso?

– Bem, há outra coisa: falta-nos um de nossos homens, Jeanniot.

– O porteiro?

– Sim.

– Mas fui eu que o enviei, essa manhã, à rua Chalgrin, para recolher as granadas que caíram do meu broche.

– Não há dúvidas de que Sholmès o pegou numa armadilha.

– De jeito nenhum. As granadas foram levadas ao joalheiro da rua de la Paix.

– Então, o que aconteceu com ele depois?

– Oh, Maxime, estou com medo.

– Não há o que temer. Mas admito que a situação é muito grave. O que ele sabe? Onde ele se esconde? Sua força está no isolamento. Nada pode traí-lo.

– O que você decidiu fazer?

– Ser o mais prudente possível, Clotilde. Faz tempo que resolvi mudar meu esconderijo e transportá-lo para lá, àquele reduto inviolável que você conhece. A intervenção de Sholmès acelerou as coisas. Quando um homem como ele está seguindo uma pista, devemos admitir que fatalmente ele irá até o fim dessa pista. Então, preparei tudo. Depois de amanhã, quarta-feira, a mudança vai ocorrer. Ao meio-dia, estará terminada. Às duas horas, poderei eu mesmo deixar o local, depois de ter retirado os últimos vestígios do nosso esconderijo, o que não é coisa pequena. Daqui até lá...

– Daqui até lá?

– Não devemos nos ver, e ninguém deve vê-la, Clotilde. Não saia. Não receio nada por mim. Receio tudo desde que se trate de você.

– É impossível que esse inglês chegue até mim.

– Tudo é possível com ele, e eu tomo cuidado. Ontem, quando quase fui surpreendido por seu pai, vasculhava o armário que contém os velhos registros do sr. Destange. Há neles um perigo. Há perigos em todo lugar. Percebo o inimigo que ronda nas sombras e que se aproxima mais e mais. Sinto que ele nos vigia... Que arma suas redes em torno de nós. Essa é uma das intuições que nunca me enganam.

– Nesse caso – ela disse –, parta, Maxime, e não pense mais nas minhas lágrimas. Serei forte, e esperarei que o perigo seja afastado. Adeus, Maxime.

Beijou-o por muito tempo. E foi ela mesma que o empurrou para fora. Sholmès ouviu o som de suas vozes se distanciando.

Corajosamente, muito excitado por aquela mesma necessidade de agir contra tudo e todos que o estimulava desde a véspera, ele adentrou uma antecâmara em cuja extremidade havia uma escada. Mas, no momento em que ia descer, o ruído de uma conversa veio do andar inferior, e ele julgou melhor seguir um corredor circular que o conduziu a outra escada. Ao descê-la, espantou-se ao ver móveis cujas formas e arrumação já conhecia. Uma porta estava entreaberta. Ele penetrou em um grande aposento redondo. Era a biblioteca do sr. Destange.

– Perfeito! Admirável! – murmurou. – Compreendo tudo. A alcova de Clotilde, quero dizer, a Mulher loira, comunica-se com um dos apartamentos da casa vizinha, e esse apartamento vizinho tem sua saída não para a praça Malesherbes, mas para uma rua adjacente, a rua Montchanin, pelo que me lembro... Que maravilha! E está explicado como Clotilde Destange vai encontrar seu amante sempre mantendo a reputação de uma pessoa que nunca sai. E está explicado também como Arsène Lupin apareceu perto de mim, ontem à noite, na galeria: deve haver uma outra comunicação entre o apartamento vizinho e essa biblioteca...

E concluiu:

– Mais uma casa traiçoeira. Mais uma vez, sem dúvida, Destange arquiteto! Agora se trata de aproveitar minha passagem por aqui para verificar o conteúdo do armário... e para me informar sobre as outras casas traiçoeiras.

Sholmès subiu até a galeria e se escondeu atrás dos reposteiros da rampa. Ficou ali até tarde da noite. Um criado veio apagar as lâmpadas elétricas. Uma hora mais tarde, o inglês fez funcionar sua lanterna e se dirigiu ao armário.

Como sabia, o móvel continha os antigos papéis do arquiteto, pastas, orçamentos, livros de contabilidade. Ao fundo, via-se uma série de registros, classificados por ordem de antiguidade.

Pegou alternadamente aqueles dos últimos anos e, no mesmo instante, examinou a página do sumário e, em específico, a letra H. Por fim, tendo encontrado a palavra Harmingeat, acompanhada do número 63, folheou até essa página e leu:

“Harmingeat, 40, rua Chalgrin”.

Seguiam-se detalhes das obras executadas para esse cliente tendo em vista a instalação de uma calefação no imóvel. E, na margem, esta nota: “ver o dossiê M.B.”

– Ah! Agora já sei – disse. – O dossiê M.B. é o de que preciso. Por meio dele, conhecerei o domicílio atual do sr. Lupin.

Foi somente pela manhã que, na segunda metade de um registro, ele descobriu o famoso dossiê.

Continha quinze páginas. Uma reproduzia a página dedicada ao sr. Harmingeat da rua Chalgrin. Uma outra detalhava as obras executadas para o sr. Vatinel, proprietário, 25, rua Clapeyron. Uma outra estava reservada ao barão d’Hautrec, 134, avenida Henri-Martin, uma outra ao castelo de Crozon, e as onze seguintes a diferentes proprietários de Paris.

Sholmès copiou essa lista de onze nomes e onze endereços, depois recolocou as coisas no lugar, abriu uma janela e saltou para a praça deserta, tendo o cuidado de fechar as venezianas.

Em seu quarto de hotel, acendeu o cachimbo com a gravidade que conferia a esse ato e, envolto por nuvens de fumaça, estudou as conclusões que se podia tirar do dossiê M.B., ou melhor dizendo, do dossiê Maxime Bermond, vulgo Arsène Lupin. Às oito horas, enviou a Ganimard este telegrama:

“Passarei sem dúvidas, pela manhã, na rua Pergolèse e lhe entregarei uma pessoa cuja captura é da mais alta importância.

Em todo caso, esteja em casa nesta noite e amanhã quarta-feira até o meio-dia, e tome providências para ter cerca de trinta homens à sua disposição...”

Depois, ele escolheu, no bulevar, um fiacre motorizado cujo motorista lhe agradou pela expressão alegre e pouco inteligente, e se fez conduzir até a praça Malesherbes, a cinquenta passos da mansão Destange.

– Meu rapaz, feche seu veículo – disse ao condutor –, erga a gola de seu abrigo, porque o vento está frio, e espere pacientemente. Em uma hora e meia, ligue seu motor. Assim que eu voltar, tocamos para a rua Pergolèse.

No momento de entrar na mansão, ele teve uma última hesitação. Não seria uma falha ocupar-se assim da Mulher loira enquanto Lupin concluía seus preparativos de partida? E não seria melhor primeiro procurar, com a ajuda da lista de imóveis, o domicílio de seu adversário?

– Bah! – disse a si mesmo. – Quando a Mulher loira for minha prisioneira, terei controle da situação.

E tocou.

O sr. Destange já se encontrava na biblioteca. Trabalhavam por algum tempo, e Sholmès procurava por um pretexto para subir ao quarto de Clotilde quando a jovem entrou, deu bom dia ao pai, sentou-se na saleta e se pôs a escrever.

De onde estava, Sholmès a via, inclinada sobre a mesa e, de tempos em tempos, meditando, a pena no ar e o rosto pensativo. Ele esperou e, depois, pegando um volume, disse ao sr. Destange:

– Aqui está justamente um livro que a srta. Destange me pediu para levar-lhe assim que o encontrasse.

Foi até a saleta e se colocou diante de Clotilde, de modo que seu pai não pudesse vê-lo, e pronunciou:

– Sou o sr. Stickmann, o novo secretário do sr. Destange.

– Ah! – ela disse, sem se incomodar. – Então, meu pai mudou de secretário?

– Sim, senhorita, e eu gostaria de lhe falar.

– Queira se sentar, senhor, já terminei.

Ela acrescentou algumas palavras à carta, assinou-a, fechou no envelope, empurrou os papéis, apertou a campainha de um telefone, comunicou-se com sua costureira, pediu-lhe para apressar a conclusão de um casaco de viagem do qual tinha necessidade urgente e, por fim, virando-se para Sholmès:

– Estou à disposição do senhor. Mas a nossa conversa não poderia se dar na presença de meu pai?

– Não, senhorita, e rogo-lhe até para que não fale alto. É preferível que o sr. Destange não nos escute.

– Por que é preferível?

– Por causa da senhorita.

– Não admito conversas que meu pai não possa ouvir.

– Contudo, é necessário que a senhorita admita esta.

Ergueram ambos os olhos, fixando-se.

E ela disse:

– Fale, senhor.

Continuando de pé, ele começou:

– A senhorita me perdoará se eu me equivocar a respeito de certas questões secundárias. O que asseguro aqui é a exatidão geral dos incidentes que exponho.

– Sem rodeios, por favor. Aos fatos.

Com essa interrupção, lançada bruscamente, ele sentiu que a jovem estava alerta, e prosseguiu:

– Que seja, vou direto ao ponto. Então, há cinco anos, o senhor seu pai teve a oportunidade de conhecer um certo Maxime Bermond, o qual se apresentou como empreiteiro... ou arquiteto, eu não saberia especificar. Ocorre que o sr. Destange sentiu afeto pelo rapaz e, como o estado de sua saúde não lhe permitia mais que se ocupasse dos trabalhos, ele confiou ao sr. Bermond a execução de algumas encomendas que havia aceitado da parte de antigos clientes e que pareciam à altura das aptidões de seu colaborador.

Herlock se interrompeu. Pareceu-lhe que a palidez da jovem havia se acentuado. Entretanto, foi com a maior calma que ela pronunciou:

– Não conheço os fatos que me relata, senhor e, acima de tudo, não vejo como eles podem me interessar.

– Interessam no fato, senhorita, de que o sr. Maxime Bermond na verdade se chama, e sabe tão bem quanto eu, Arsène Lupin.

Ela teve um ataque de riso.

– Não é possível! Arsène Lupin? O sr. Maxime Bermond se chama Arsène Lupin?

– Como tenho a honra de lhe dizer, senhorita, e dado que se recusa a me compreender com meias palavras, acrescentarei que Arsène Lupin encontrou aqui, para a realização de seus projetos, uma amiga, mais do que uma amiga, uma cúmplice cega e... apaixonadamente dedicada.

Ela se levantou e, sem emoção, ou ao menos com tão pouca emoção que Sholmès se impressionou com tal autocontrole, declarou:

– Ignoro a finalidade de sua conduta, cavalheiro, e faço questão de ignorá-la. Suplico-lhe para que não diga mais uma palavra e para que saia daqui.

– Eu jamais tive a intenção de lhe impôr minha presença indefinidamente – respondeu Sholmès, tão calmo quanto ela. – Apenas estou decidido a não sair desta casa sozinho.

– E quem o acompanhará, meu senhor?

– A senhorita!

– Eu?

– Sim, senhorita, sairemos juntos desta mansão, e me seguirá, sem um protesto sequer, sem uma palavra.

O que havia de estranho nessa cena era a calma absoluta dos dois adversários. Em vez de um duelo implacável entre duas vontades poderosas, aquilo parecia, pela atitude de ambos, pelo tom de suas vozes, o debate cortês de duas pessoas que não compartilham da mesma opinião.

Na rotunda, através do grande arco, via-se o sr. Destange, que manuseava seus livros com gestos medidos.

Clotilde sentou-se de novo, erguendo levemente os ombros. Herlock sacou seu relógio.

– São dez e meia. Em cinco minutos, vamos partir.

– Ou?

– Ou vou ter com o sr. Destange e contarei a ele...

– O quê?

– A verdade. Contarei da vida mentirosa de Maxime Bermond, e contarei da vida dupla de sua cúmplice.

– De sua cúmplice?

– Sim, daquela que chamamos de Mulher loira, daquela que foi loira.

– E quais provas você dará a ele?

– Vou levá-lo à rua Chalgrin e mostrarei a ele a passagem que Arsène Lupin, aproveitando-se das obras que administrava, fez abrir por seus homens entre os números 40 e 42, a passagem que serviu a vocês dois, na noite de anteontem.

– E depois?

– Depois, levarei o sr. Destange à casa do dr. Detinan e descenderemos a escada de serviço pela qual a senhorita desceu com Arsène Lupin para escapar de Ganimard. E nós dois procuraremos a comunicação, sem dúvida análoga, que existe com a casa vizinha, casa cuja saída dá para o bulevar dos Batignolles e não para a rua Clapeyron.

– Depois?

– Depois, levarei o sr. Destange ao castelo de Crozon, e para ele será fácil, para ele que conheceu o tipo de obra executada por Arsène Lupin na ocasião da restauração desse castelo, descobrir as passagens secretas que Arsène Lupin fez com que seus homens construíssem. O sr. Destange vai constatar que essas passagens permitiram à Mulher loira introduzir-se, de noite, nos aposentos da condessa e pegar, sobre a lareira, o diamante azul, e depois, duas semanas mais tarde, introduzir-se nos aposentos do conselheiro Bleichen e esconder o diamante no fundo de um frasco... gesto muito bizarro, admito, pequena vingança feminina, talvez, não sei, isso não importa no momento.

– E depois?

– Depois – disse Herlock com uma voz mais grave –, levarei o sr. Destange ao 134 da avenida Henri-Martin, e nós procuraremos como o barão d’Hautrec...

– Cale-se, cale-se... – balbuciou a jovem, com um pavor súbito. –

Eu o proíbo...! Então ousa dizer que sou eu... me acusa...

– Eu a acuso de ter matado o barão d’Hautrec.

– Não, não, isso é uma infâmia.

– A senhorita matou o barão d’Hautrec. Ingressou na casa dele sob o nome de Antoinette Bréhat, com o objetivo de roubar o diamante azul, e o matou.

Novamente ela murmurou, aniquilada, reduzida à súplica:

– Cale-se, cavalheiro, eu lhe rogo. Já que sabe de tantas coisas, deve saber que não assassinei o barão.

– Não disse que o assassinou, senhorita. O barão d’Hautrec sofria daqueles ataques de loucura que apenas a irmã Auguste conseguia controlar. Ela própria me passou esse detalhe. Na ausência dela, ele deve ter se lançado sobre a senhorita, e foi durante a luta, para defender sua vida, que a senhorita o atingiu. Apavorada com tal ato, a senhorita tocou a campainha e fugiu sem sequer tirar do dedo de sua vítima o diamante azul que viera pegar. Um instante depois, a senhorita levou um dos cúmplices de Lupin, empregado na casa vizinha, transportou o barão até sua cama, colocou o aposento em ordem... mas ainda sem ousar pegar o diamante azul. Eis o que aconteceu. Então, repito, a senhorita não assassinou o barão. No entanto, foram as suas mãos que o golpearam.

Ela havia cruzado, sobre o rosto, suas longas mãos refinadas e pálidas, e as manteve por muito tempo assim, imóveis. Por fim, desenlaçando os dedos, revelou uma expressão dolorosa e pronunciou:

– E isso é tudo que tem a intenção de dizer a meu pai?

– Sim, e direi a ele que tenho como testemunhas a srta. Gerbois, que reconhecerá a Mulher loira, a irmã Auguste, que reconhecerá Antoinette Bréhat, a condessa de Crozon, que reconhecerá a sra. de Réal. Eis o que direi a ele.

– O senhor não ousará – disse ela, recobrando o sangue frio diante da ameaça de um perigo imediato.

Ele se levantou e deu um passo na direção da biblioteca. Clotilde o interrompeu:

– Um instante, cavalheiro.

Ela refletiu, senhora de si mesma, agora, e muito calma,

perguntou:

– O senhor é Herlock Sholmès, não?

– Sim.

– O que quer de mim?

– O que quero? Envolvi-me em um duelo contra Arsène Lupin, do qual é necessário que eu saia vencedor. No aguardo de um desfecho que sei que não tardará, imagino que uma refém tão preciosa quanto a senhorita me dará, sobre meu adversário, uma vantagem considerável. Então, siga-me, senhorita, eu lhe entregarei a um de meus amigos. Assim que meu objetivo for atingido, estará livre.

– Isso é tudo?

– É tudo, não faço parte da polícia de seu país e, em consequência, não me sinto no direito... de fazer justiça.

Ela parecia decidida. No entanto, exigiu ainda um momento de trégua. Seus olhos se fecharam, e Sholmès a observou, de repente tão tranquila, quase indiferente aos perigos que a cercavam.

“Será”, pensou o inglês, “que ela sequer imagina estar em perigo? Claro que não, posto que Lupin a protege. Com Lupin, nada pode lhe atingir. Lupin é todo-poderoso, Lupin é infalível”.

– Senhorita – disse ele –, mencionei cinco minutos, e lá se vão mais de trinta.

– Posso subir até meu quarto, cavalheiro, e lá pegar minhas coisas?

– Se assim desejar, senhorita, irei esperá-la na rua Montchanin. Sou um excelente amigo do porteiro Jeanniot.

– Ah! O senhor sabe... – disse ela com evidente temor.

– Sei de muitas coisas.

– Que seja. Vou tocar a campainha, então.

Trouxeram-lhe seu chapéu e seu casaco, e Sholmès lhe disse:

– Precisa dar ao sr. Destange uma razão para explicar a nossa partida, e que essa razão possa justificar sua ausência por alguns dias.

– É inútil. Estarei de volta rapidamente.

Mais uma vez desafiaram-se com o olhar, ambos irônicos e sorridentes.

– Como você confia nele – disse Sholmès.

– Cegamente.

– Tudo o que ele faz está certo, não é? Tudo o que ele quer se realiza. E a senhorita aprova tudo, e está disposta a tudo por ele.

– Eu o amo – disse ela, trêmula de paixão.

– E acredita que ele a salvará?

Ela ergueu os ombros e, avançando na direção de seu pai, abordou-o.

– Vou roubar-lhe o sr. Stickmann. Nós iremos à Biblioteca Nacional.

– Volta para almoçar?

– Talvez... ou melhor, não... mas não se preocupe...

E declarou firmemente a Sholmès:

– Estou à sua disposição, cavalheiro.

– Sem estratagemas?

– De olhos fechados.

– Se tentar escapar, eu telefono, grito, vão detê-la e levá-la para a prisão. Não se esqueça de que há um mandado para a Mulher loira.

– Juro pela minha honra que não farei nada para escapar.

– Acredito na senhorita. Vamos.

Juntos, como ele havia ordenado, os dois deixaram a mansão.

Na praça, o automóvel estava estacionado, virado na direção oposta. Viam-se as costas do motorista e seu boné que cobria quase a gola de seu abrigo. Aproximando-se, Sholmès ouviu o ronco do motor. Abriu a portinhola, pediu a Clotilde para que subisse e sentou-se perto dela.

O veículo disparou bruscamente, chegou aos bulevares marginais, à avenida Hoche, à avenida de la Grande-Armée.

Herlock, pensativo, ruminava seus planos.

“Ganimard está na casa dele... deixo a moça em suas mãos... Conto para ele quem é essa moça? Não, ele a levaria diretamente para a Central, o que atrapalharia tudo. Uma vez sozinho, consultarei a lista do dossiê M.B. e parto para a caça. E nesta noite, ou no mais tardar amanhã, vou encontrar Ganimard conforme combinado, e entrego a ele Arsène Lupin e seu bando...”

Esfregou as mãos, feliz por, enfim, sentir o desfecho ao seu

alcance e por ver que nenhum obstáculo sério o separava dele. E, cedendo a uma necessidade de expansão que contrastava com sua natureza, exclamou:

– Perdoe-me, senhorita, se expresse tanta satisfação. A batalha foi difícil, e o êxito me é particularmente agradável.

– Êxito legítimo, cavalheiro, com o qual tem o direito de se regozijar.

– Agradeço-lhe. Mas que caminho estranho é este! Será que o motorista não ouviu?

Naquele momento, saíam de Paris pela porta de Neuilly. No entanto, que diabo, a rua Pergolèse não ficava fora das fortificações.

Sholmès baixou o vidro.

– Ei, motorista, o senhor se enganou... rua Pergolèse...!

O homem não respondeu. Ele repetiu, elevando a voz:

– Mandei ir à rua Pergolèse.

O homem continuou sem responder.

– Ora! Mas está surdo, meu amigo? Ou está de má vontade... não temos nada o que fazer por aqui... rua Pergolèse! Eu lhe ordeno para voltar o mais rápido possível.

Sempre o mesmo silêncio. O inglês estremeceu de inquietação. Olhou para Clotilde: um sorriso indefinível vincava os lábios da moça.

– Por que está rindo...? – ele resmungou. – Esse incidente não tem relação alguma... não muda em nada as coisas...

– Absolutamente nada – respondeu ela.

De repente, uma ideia o perturbou. Erguendo-se um pouco, ele examinou mais atentamente o homem que se encontrava no assento do motorista. Os ombros eram mais magros, a atitude, mais displicente... Um suor frio o cobriu, suas mãos se crisparam, enquanto a mais terrível convicção se impunha ao seu espírito: aquele homem era Arsène Lupin.

– E então, senhor Sholmès, o que diz de nosso pequeno passeio?

– Delicioso, caro senhor, verdadeiramente delicioso – respondeu Sholmès.

É provável que ele jamais tenha sido obrigado a ir, tanto contra si mesmo quanto para articular essas palavras sem um tremor na voz,

sem nada que pudesse indicar a implosão de todo o seu ser. Mas, no mesmo instante, devido a uma espécie de reação formidável, um fluxo de fúria e de ódio arrebentou os diques, carregou sua vontade, e, com um gesto brusco, sacando sua pistola, ele a apontou para a srta. Destange.

– Pare neste exato minuto, neste segundo, Lupin, ou abro fogo contra a senhorita.

– Recomendo que mire na face se quiser atingir a têmpora – respondeu Lupin sem virar a cabeça.

Clotilde pronunciou:

– Maxime, não vá tão rápido, o asfalto está escorregadio, e sou muito medrosa.

Ela continuava sorrindo, os olhos fixos na pista, que subia e descia diante do veículo.

– Diga-lhe que pare! Diga-lhe que pare logo! – disse a ela Sholmès, doido de raiva. – Vê bem que sou capaz de tudo!

O cano da pistola resvalou nos cachos do cabelo. Ela murmurou:

– Esse Maxime é de uma imprudência! Nessa velocidade, com certeza vamos derrapar.

Sholmès recolocou a arma no bolso e agarrou a maçaneta da porta, prestes a se jogar, apesar do absurdo de uma tal atitude.

Clotilde disse a ele:

– Tome cuidado, cavalheiro, há um automóvel atrás de nós.

Ele se virou. De fato, um veículo os seguia, enorme, de aspecto feroz com sua frente pontiaguda, sua cor de sangue, e os quatro homens revestidos por peles que o ocupavam.

“Ora”, pensou ele, “estou bem vigiado, aguardemos”.

Cruzou os braços sobre o peito, com a submissão orgulhosa daqueles que se inclinam e que esperam quando o destino se volta contra eles. E enquanto atravessavam o Sena e deixavam para trás Suresnes, Rueil, Chatou, permaneceu imóvel, resignado, senhor de sua raiva e sem amargura, desejando apenas descobrir qual milagre foi operado por Arsène Lupin para substituir o motorista. Que o bom rapaz escolhido por ele de manhã no bulevar pudesse ser um cúmplice ali posicionado de antemão, ele não o admitia. No entanto, era óbvio

que Arsène Lupin fora avisado, o que só poderia ter acontecido depois do momento em que ele, Sholmès, ameaçara Clotilde, uma vez que ninguém, antes, suspeitava de seu projeto. Ora, daquele momento em diante, Clotilde e ele não saíram de perto um do outro.

Uma memória o atingiu: a ligação telefônica solicitada pela moça, a conversa com a costureira. E, no mesmo instante, ele compreendeu. Antes mesmo de falar com ela, diante do único anúncio da entrevista que solicitou como novo secretário do sr. Destange, ela havia farejado o perigo, adivinhado o nome e o intuito do visitante e, com frieza, naturalmente, como se, na realidade, cumprisse o ato que parecia cumprir, pediu para que Lupin viesse socorrê-la, sob a fachada de um serviço rotineiro, e servindo-se de fórmulas combinadas entre eles.

Como Arsène Lupin viera, como o automóvel estacionado, cujo motor trepidava, parecera-lhe suspeito, como ele subornara o motorista, tudo isso importava pouco. O que fascinava Sholmès a ponto de apaziguar sua fúria era a evocação desse instante, no qual uma simples mulher, apaixonada, é verdade, domando seus nervos, esmagando seu instinto, imobilizando os traços de seu rosto, subjugando a expressão de seus olhos, havia enganado o velho Herlock Sholmès.

O que fazer contra um homem servido por tais auxiliares, e que, apenas pela ascendência de sua autoridade, insuflava em uma mulher tais provisões de audácia e de energia?

Atravessaram o Sena e subiram a colina de Saint-Germain; mas, a quinhentos metros à frente dessa cidade, o fiacre desacelerou. O outro veículo o alcançou, e ambos pararam. Não havia ninguém nos arredores.

– Senhor Sholmès – disse Lupin –, faça a gentileza de mudar de veículo. O nosso é realmente tão lerdo...!

– Como?! – exclamou Sholmès, apressado, porque não tinha escolha.

– O senhor me permita também lhe emprestar esse casaco, porque iremos muito rápido, e lhe oferecer esses dois sanduíches... Sim, sim, aceite, sabe lá quando vai jantar!

Os quatro homens haviam saído do carro. Um deles se aproximou,

e, como havia tirado os óculos que o disfarçavam, Sholmès reconheceu o senhor de sobrecasaca do restaurante húngaro. Lupin disse a ele:

– Leve de volta esse fiacre para o motorista de quem o aluguei. Ele espera no primeiro depósito de vinhos à direita da rua Legendre. Pague a ele a segunda parcela de mil francos prometida. Ah! Ia me esquecendo, queira dar seus óculos ao sr. Sholmès.

Ele conversou com a srta. Destange, depois instalou-se ao volante e partiu, Sholmès ao seu lado e, atrás dele, um de seus homens.

Lupin não exagerara quando disse que iriam “muito rápido”. Desde o começo, aquela foi uma jornada vertiginosa. O horizonte vinha ao encontro deles como se atraído por uma força misteriosa, e desaparecia no mesmo instante, como se absorvido por um abismo no qual outras coisas, árvores, casas, planícies e florestas, precipitavam-se com a urgência tumultuosa de uma cachoeira que sente a aproximação do precipício.

Sholmès e Lupin não trocaram uma palavra sequer. Acima de suas cabeças, as folhas dos choupos faziam um grande barulho de ondas, bem ritmado pelo espaço regular entre as árvores. E as cidades desapareciam: Mantes, Vernon, Gaillon. De uma colina a outra, de Bon-Secours a Canteleu; Rouen, seus subúrbios, seu porto, seus quilômetros de cais, Rouen não parecia nada além do que a rua de um vilarejo. E vieram Duclair, Caudebec, a região de Caux, que ultrapassaram com as ondulações de seu voo poderoso, e Lillebonne, e Quillebeuf. E eis que se encontraram subitamente às margens do Sena, na extremidade de um pequeno cais, onde havia um iate sóbrio e de linhas robustas, e cuja chaminé lançava volutas de fumaça escura.

O veículo parou. Em duas horas, eles haviam percorrido mais de duzentos quilômetros. Um homem de impermeável azul e quepe com insígnias douradas avançou e cumprimentou.

– Perfeito, capitão! – exclamou Lupin. – Recebeu a mensagem?

– Recebi.

– A Andorinha está pronta?

– A Andorinha está pronta.

– Neste caso, senhor Sholmès...

O inglês olhou ao redor de si, viu um grupo de pessoas na

varanda de um café, e logo um outro mais próximo, então, ao compreender que antes de qualquer intervenção seria agarrado, embarcado e despachado para os fundos do porão, ele atravessou a passarela e seguiu Lupin até a cabine do capitão.

Esta era ampla e meticulosamente limpa. A claridade do verniz dos lambris e o polimento do cobre cintilavam.

Lupin fechou a porta e, sem preâmbulos, quase brutalmente, disse a Sholmès:

– O que sabe, exatamente?

– Tudo.

– Tudo? Especifique.

Não havia mais na entonação de sua voz aquela polidez algo irônica que ele afetava para com o inglês. Era o tom imperioso do senhor acostumado a dar ordens e acostumado a que todos se curvem diante dele, mesmo um Herlock Sholmès.

Mediram-se com o olhar, inimigos agora, inimigos declarados e viscerais. Um pouco nervoso, Lupin prosseguiu:

– Foram várias vezes, cavalheiro, que me deparei com o senhor em meu caminho. Vezes demais, e estou farto de perder meu tempo desfazendo as armadilhas que deixa para mim. Alerto-o de que a minha conduta para consigo dependerá de sua resposta. O que sabe, exatamente?

– Tudo, cavalheiro, repito.

Arsène Lupin se conteve e, com um espasmo, disse:

– Vou lhe dizer, eu, aquilo que sabe. Sabe que, sob o nome de Maxime Bermond, eu... fiz retoques em quinze casas construídas pelo sr. Destange.

– Sim.

– Dessas quinze casas, o senhor conhece quatro.

– Sim.

– E tem a lista das outras onze.

– Sim.

– Pegou a lista na casa do sr. Destange, nesta noite, sem dúvida.

– Sim.

– E como supõe que, entre esses onze imóveis, exista um que eu

fatalmente reservei para mim, para minhas necessidades e as de meus amigos, o senhor atribuiu a Ganimard a tarefa de ir a campo e descobrir meu refúgio.

- Não.
- O que quer dizer?
- Quero dizer que agi sozinho, e que eu mesmo iria a campo.
- Então, não tenho nada a temer, posto que está em minhas mãos.
- Não tem nada a temer, desde que eu esteja em suas mãos.
- Quer dizer que não continuará assim?
- Não.

Arsène Lupin chegou mais perto do inglês e pousou a mão em seu ombro com muita delicadeza:

– Escute, cavalheiro, não estou com disposição para discutir, e o senhor, infelizmente para si, não está em condições de me desafiar. Assim sendo, terminemos com isso.

– Terminemos com isso.

– Vai me dar sua palavra de honra de que não tentará escapar deste barco antes de se encontrar em águas inglesas.

– Dou minha palavra de honra de procurar escapar por todos os meios – respondeu Sholmès, indômito.

– Ora, por favor, contudo, o senhor sabe que só preciso dizer uma palavra para lhe aniquilar. Todos esses homens me obedecem cegamente. A um sinal meu, eles lhe acorrentarão o pescoço...

– As correntes se quebram.

– ...e o lançam do barco a dezesseis quilômetros da costa.

– Sei nadar.

– Boa resposta – exclamou Lupin, rindo. – Deus me perdoe, eu estava com raiva. Desculpe-me, mestre... e vamos concluir. Admite que tomo as medidas necessárias para a minha segurança e a de meus amigos?

– Todas as medidas. Mas elas são inúteis.

– De acordo. No entanto, não me quer mal por eu tomá-las.

– É seu dever. Vamos.

Lupin abriu a porta e chamou o capitão e dois marinheiros. Estes pegaram o inglês e, após revistá-lo, amarraram suas pernas e o

prenderam no beliche do capitão.

– Chega! – ordenou Lupin. – Na verdade, apenas a sua obstinação, cavalheiro, e a gravidade excepcional das circunstâncias para que eu ouse me permitir...

Os marinheiros se retiraram. Lupin disse ao capitão:

– Capitão, um homem da tripulação permanecerá aqui à disposição do sr. Sholmès, e mesmo o senhor o acompanhará o máximo possível. Tenham toda a consideração por ele. Não é um prisioneiro, mas um hóspede. Que horas são em seu relógio, capitão?

– Duas e cinco.

Lupin consultou seu relógio, depois um pêndulo pregado à antepara da cabine.

– Duas e cinco...? Estamos de acordo. De quanto tempo precisa para ir a Southampton?

– Nove horas, sem nos apressarmos.

– Chegarão às onze. Não deve chegar à terra antes da partida do pacote que deixa Southampton à meia-noite e que chega ao Havre às oito da manhã. Você me escuta, certo, capitão? Repito: como seria infinitamente perigoso para todos nós que o cavalheiro voltasse à França neste barco, não pode chegar a Southampton antes de uma da manhã.

– Entendido.

– Eu lhe saúdo, mestre. Até o ano que vem, neste mundo ou no outro.

– Até amanhã.

Alguns minutos mais tarde, Sholmès ouviu o automóvel se distanciando, e no mesmo instante, nas profundezas do Andorinha, o vapor ofegou mais intensamente. O barco zarpava.

Por volta das três, haviam ultrapassado o estuário do Sena e entravam no mar aberto. Nesse momento, estendido no beliche ao qual estava preso, Herlock Sholmès dormia profundamente.

Na manhã seguinte, décimo e último dia da guerra travada pelos dois grandes rivais, o Écho de France publicou esta deliciosa nota:

“Ontem um decreto de expulsão foi expedido por Arsène Lupin contra Herlock Sholmès, detetive inglês. Assinado ao meio-dia, o

decreto foi executado no mesmo dia. À uma hora da manhã, Sholmès foi desembarcado em Southampton.”

Capítulo 6

A segunda prisão de Arsène Lupin

Desde as oito horas, doze veículos de mudança obstruíam a rua Crevaux, entre a avenida do Bois de Boulogne e a avenida Bugeaud. O sr. Félix Davey deixava o apartamento que ocupava no quarto andar do número 8. E o sr. Dubreuil, perito em arte, que havia juntado em um único apartamento o quinto andar do mesmo prédio e o quinto andar dos dois prédios contíguos, expedia no mesmo dia – pura coincidência, dado que esses dois senhores não se conheciam – as coleções de móveis que tantos diletantes estrangeiros o visitavam cotidianamente para conhecer.

Um detalhe que foi notado no bairro, mas do qual só se falou mais tarde, é que nenhum dos doze veículos portava o nome e o endereço da empresa de mudanças, e nenhum dos homens que vieram neles se retardou nos bares da vizinhança. Trabalharam tão bem que às onze horas estava tudo terminado. Não sobrou nada além daqueles amontoados de papéis e de trapos deixados para trás, nos cantos de cômodos vazios.

O sr. Félix Davey, um rapaz elegante, trajado de acordo com a moda mais refinada, mas que à mão tinha uma bengala cujo peso indicava em seu detentor um bíceps pouco ordinário, o sr. Félix saiu tranquilamente e se sentou no banco da aleia transversal que corta a avenida du Bois, diante da rua Pergolèse. Perto dele, uma mulher, trajada como pequena burguesa, lia seu jornal, enquanto uma criança brincava de escavar com uma pá em uma porção de areia.

Ao cabo de um instante, Félix Davey disse à mulher, sem virar a cabeça:

- Ganimard?
- Saiu às nove desta manhã.
- Para onde?
- Para a chefatura de Polícia.
- Sozinho?

– Sozinho.

– Nenhuma mensagem esta noite?

– Nenhuma.

– Continuam confiando em você na casa?

– Continuam. Faço pequenos serviços à sra. Ganimard, e ela me conta tudo o que faz o marido... passamos a manhã juntas.

– Está bem. Até nova ordem, continue a vir para cá diariamente, às onze horas.

Ele se levantou e se dirigiu para o Pavilhão Chinês, perto da porta Dauphine, onde fez uma refeição frugal, com ovos, legumes e frutas. Depois, retornou à rua Crevaux e disse à zeladora:

– Vou dar uma olhada lá em cima, e já lhe devolvo as chaves.

Terminou a inspeção pelo cômodo que lhe servia de gabinete de trabalho. Lá, pegou a ponta de um duto de gás cujo cotovelo era articulado e que pendia ao longo da lareira, retirou o tampo de cobre que o fechava, adaptou um pequeno aparato em forma de corneta e o soprou.

Um suave apito respondeu. Levando o duto à boca, ele murmurou:

– Ninguém, Dubreuil?

– Ninguém.

– Posso subir?

– Sim.

Ele recolocou o duto em seu lugar, dizendo a si mesmo: “Até onde vai o progresso? Em nosso século, abundam pequenas invenções que realmente tornam a vida encantadora e pitoresca. E tão divertida...! Sobretudo quando se sabe jogar com a vida como eu”.

Fez girar uma das molduras de mármore da lareira. A placa de mármore se moveu, e o espelho que a encimava deslizou por ranhuras invisíveis, revelando uma ampla abertura onde repousavam os primeiros degraus de uma escada construída no próprio corpo da chaminé; tudo muito bem executado, em metal cuidadosamente polido e em azulejos de porcelana branca.

Ele subiu. No quinto andar, o mesmo orifício acima da chaminé. O sr. Dubreuil o esperava.

- Terminou na sua casa?
- Terminou.
- Foi tudo levado?
- Inteiramente.
- O pessoal?
- Só ficaram os três seguranças.
- Vamos.

Um depois do outro, subiram pelo mesmo caminho até o andar dos criados, e saíram em uma mansarda onde se encontravam três indivíduos, um dos quais olhava pela janela.

- Nada de novo?
- Nada, patrão.
- A rua está calma?
- Absolutamente.

– Mais dez minutos e parto definitivamente... Vocês partirão também. Daqui até lá, avisem-me de qualquer movimento suspeito na rua.

- Mantenho sempre o dedo na campainha de alarme, patrão.

– Dubreuil, você recomendou aos nossos encarregados da mudança para não tocarem nos fios dessa campainha?

- Com certeza, está funcionando perfeitamente.
- Então, fico tranquilo.

Os dois cavalheiros voltaram ao apartamento de Félix Davey. E este, depois de ter reajustado a moldura de mármore, exclamou alegremente:

– Dubreuil, eu queria ver a expressão daqueles que vão descobrir todos esses admiráveis truques, campainhas de alarme, redes de fios elétricos e de dutos acústicos, passagens invisíveis, tacos que deslizam, escadas ocultas... uma verdadeira maquinaria mágica!

- Que propaganda para Arsène Lupin!

– Uma propaganda que viria bem a calhar. É uma pena deixar uma instalação assim. Devemos recomeçar do zero, Dubreuil... e com um novo modelo, evidentemente, porque jamais podemos nos repetir. Maldito seja Sholmès!

- Ainda não voltou, o Sholmès?

– Como voltaria? De Southampton, há um único pacote, o da meia-noite. Do Havre, um único trem, o das oito horas da manhã, que chega às onze e onze. Posto que ele não pegou o pacote da meia-noite – e não pegou, considerando as instruções objetivas dadas ao capitão –, ele não poderia estar na França antes dessa noite, via Newhaven e Dieppe.

– Isso se conseguir!

– Sholmès jamais abandona a partida. Ele virá, mas tarde demais. Estaremos longe.

– E a srta. Destange?

– Devo encontrá-la em uma hora.

– Na casa dela?

– Oh! Não, ela só voltará à casa dela em alguns dias, depois da tormenta... e quando eu não tiver mais que me preocupar com ela. Mas você, Dubreuil, precisa se apressar. A embarcação de todos os nossos pacotes será longa, e sua presença no cais é necessária.

– Tem certeza de que não somos vigiados?

– Por quem? Eu só temia Sholmès.

Dubreuil se retirou. Félix Davey deu uma última volta, pegou duas ou três cartas rasgadas, depois, percebendo um pedaço de giz, pegou-o, desenhou no papel de parede escuro da sala de jantar uma grande moldura e nela escreveu, como se costuma fazer em uma placa comemorativa:

“AQUI MOROU, DURANTE CINCO ANOS, NO INÍCIO DO SÉCULO XX, ARSÈNE LUPIN, LADRÃO DE CASACA.”

Essa pequena brincadeira pareceu causar-lhe uma viva satisfação. Contemplou-a, assobiando uma melodia alegre, e exclamou:

– Agora que estou acertado com os historiadores das gerações futuras, hora de escapar. Apresses-se, mestre Herlock Sholmès, antes de três minutos eu terei abandonado meu covil, e sua derrota será total... Dois minutos, ainda! Está me fazendo esperar, mestre...! Mais um minuto! Não vem? Então, proclamo a sua ruína e a minha apoteose. Diante disso, eu me safo. Adeus, reino de Arsène Lupin! Não o verei mais. Adeus, cinquenta e cinco cômodos dos seis apartamentos nos

quais eu reinava! Adeus, meu quartinho, meu austero quartinho!

Uma campainha cortou imediatamente seu rompante de lirismo, uma campainha aguda, rápida e estridente, que se interrompeu duas vezes, foi retomada duas vezes e parou. Era a campainha do alarme.

O que acontecia, então? Qual perigo imprevisto? Ganimard? Mas não...

Fez menção de voltar ao seu escritório e fugir. Mas, primeiro, dirigiu-se até a janela. Ninguém na rua. Estaria, então, o inimigo já dentro da casa? Escutou e acreditou ouvir rumores confusos. Sem hesitar, correu até seu gabinete de trabalho e, quando atravessava a soleira, percebeu o ruído de uma chave que tentavam introduzir na porta do vestíbulo.

– Diabo – murmurou –, na pior hora. A casa talvez esteja cercada... a escada de serviço, impossível. Felizmente a lareira...

Empurrou com força a moldura: não se moveu. Fez um esforço mais violento: não se moveu.

No mesmo instante, teve a impressão de que a porta se abria lá embaixo e de que passos ressoavam.

– Maldição – praguejou –, estarei perdido se essa porcaria de mecanismo...

Seus dedos convulsionaram ao redor da moldura. Empurrou com todo o seu peso. Nada se moveu. Nada! Por um azar inacreditável, por uma maldade realmente aterrorizante do destino, o mecanismo, que funcionara havia alguns minutos, não funcionava mais!

Ele insistia e se crispava. O bloco de mármore continuava inerte, imutável. Maldição! Seria admissível que esse obstáculo estúpido lhe barrasse o caminho? Bateu no mármore, golpeou com punhos furiosos, martelou, xingou...

– E então, senhor Lupin, por acaso há alguma coisa que não funciona como gostaria?

Lupin se voltou, tremendo de pavor. Herlock Sholmès estava à sua frente!

Herlock Sholmès! Fitou-o piscando os olhos, como se perturbado por uma visão cruel. Herlock Sholmès em Paris! Herlock Sholmès, que ele havia despachado na véspera rumo à Inglaterra como se fosse um

pacote perigoso, e que se apresentava à sua frente, vitorioso e livre! Ah! Para que aquele milagre impossível tivesse se realizado contra a vontade de Arsène Lupin, era necessária uma convulsão das leis naturais, o triunfo de tudo o que é ilógico e anormal! Herlock Sholmès à sua frente!

E o inglês pronunciou, por sua vez irônico e cheio daquela civilidade desdenhosa com a qual seu adversário o havia tantas vezes atingido:

– Senhor Lupin, aviso-o de que, a partir deste minuto, nunca mais pensarei na noite que me fez passar na mansão do barão d’Hautrec, nem nas desventuras do meu amigo Wilson, nem no meu rapto de automóvel, tampouco na viagem que acabo de fazer, amarrado, por ordens suas, a um beliche pouco confortável. Este minuto apaga tudo. Não me lembro de mais nada. Estou recompensado. Estou magnificamente recompensado.

Lupin manteve o silêncio. O inglês prosseguiu:

– Não é sua opinião?

Parecia insistir como se reivindicasse uma aquiescência, uma espécie de indenização em nome do passado.

Após um instante de reflexão, durante o qual o inglês se sentiu invadido, perscrutado até as áreas mais profundas de sua alma, Lupin declarou:

– Suponho, cavalheiro, que sua conduta atual se ampare em motivos graves?

– Extremamente graves.

– O fato de ter escapado de meu capitão e de meus marujos é apenas um incidente secundário na nossa luta. Mas o fato de estar aqui, diante de mim, sozinho, o senhor entende, sozinho frente a frente com Arsène Lupin, me faz crer que sua revanche é tão completa quanto possível.

– Tão completa quanto possível.

– Este prédio?

– Cercado.

– Os dois prédios vizinhos?

– Cercados.

- O apartamento acima deste?
- Os *três* apartamentos do quinto andar que o sr. Dubreuil ocupava, cercados.
- De modo que...
- De modo que o senhor está preso, sr. Lupin, irremediavelmente preso.

Os mesmos sentimentos que agitaram Sholmès durante seu passeio de automóvel, Lupin provou-os, a mesma fúria concentrada, a mesma revolta – mas também, afinal de contas, a mesma lealdade o curvou diante da força das circunstâncias. Dois homens, igualmente poderosos, deviam aceitar, da mesma forma, a derrota como um mal provisório ao qual devemos nos resignar.

- Estamos quites, cavalheiro – disse Lupin com clareza.

O inglês pareceu radiante com essa confissão. Eles se calaram. Depois, Lupin retomou, já senhor de si e sorrindo:

- E não estou bravo com isso! Estava ficando cansativo ganhar todas as vezes. Bastava-me estender o braço para atingi-lo em cheio no peito. Desta vez, fui atingido. *Touché*, mestre!

E riu abertamente.

- Enfim, vão se divertir. Lupin está na ratoeira. Como sairá dela? Na ratoeira...! Que aventura... Ah, mestre, eu lhe devo uma singular emoção. É isto, a vida!

Apertou as têmporas com os dois punhos fechados, como para comprimir a alegria desordenada que borbulhava nele, e também fazia gestos de uma criança que decididamente se diverte muito além de suas forças.

Por fim, aproximou-se do inglês.

- E agora, o que está esperando?
- O que estou esperando?
- Sim, Ganimard está aqui, com seus homens. Por que ele não entra?
- Pedi para que não entrasse.
- E ele consentiu?
- Só requisitei os serviços dele com a condição expressa de que se deixasse guiar por mim. Além disso, ele crê que o sr. Félix Davey é

apenas um cúmplice de Lupin!

– Então, repito minha pergunta com outra formulação. Por que entrou sozinho?

– Quis primeiro falar com o senhor.

– Ah! Ah! Quer falar comigo.

Essa ideia pareceu agradar singularmente a Lupin. Há aquelas circunstâncias nas quais preferimos de longe as palavras aos atos.

– Senhor Sholmès, lamento não ter uma poltrona para lhe oferecer. Este velho caixote quebrado lhe agrada? Ou ainda o parapeito daquela janela? Tenho certeza de que um copo de cerveja seria bem-vindo... escura ou clara...? Mas sente-se, eu lhe suplico...

– É inútil. Conversemos.

– Estou escutando.

– Serei breve. O objetivo de minha estadia na França não era a sua prisão. Se fui levado a persegui-lo, foi porque nenhum outro meio se apresentava para eu atingir meu verdadeiro objetivo.

– Que era?

– Encontrar o diamante azul!

– O diamante azul!

– Naturalmente, porque aquele que foi descoberto no frasco do cônsul Bleichen não era o verdadeiro.

– De fato. O verdadeiro foi expedido pela Mulher loira, mandei fazer uma cópia exata, e como, então, eu tinha planos para as outras joias da condessa, e como o cônsul Bleichen já era suspeito, a mencionada Mulher loira, para não se tornar suspeita por sua vez, deslizou o diamante falso nas bagagens do mencionado cônsul.

– Enquanto o senhor guardava o verdadeiro.

– Naturalmente.

– Preciso desse diamante.

– Impossível. Mil perdões.

– Eu o prometi à condessa de Crozon. E o terei.

– Como o terá se ele está em minha posse?

– Eu o terei justamente porque está em sua posse.

– Vou dá-lo ao senhor, então?

– Sim.

– Voluntariamente?

– Eu o compro.

Lupin teve um acesso de riso.

– O senhor é realmente de seu país. Trata isso como um negócio.

– É um negócio.

– E o que me oferece?

– A liberdade da srta. Destange.

– Sua liberdade? Que eu saiba, ela não está detida.

– Darei a Ganimard as indicações necessárias. Privada de sua proteção, ela será presa, também.

Lupin gargalhou novamente.

– Caro cavalheiro, o senhor me oferece o que não tem. A srta. Destange está em segurança, e não temo nada. Solicito outra coisa.

O inglês hesitou, visivelmente embaraçado, o rosto levemente enrubescido. Depois, bruscamente, colocou a mão no ombro de seu adversário:

– E se eu lhe propuser...

– Minha liberdade?

– Não... mas, afinal, posso sair desse cômodo, me acertar com o sr. Ganimard...

– E me deixar refletir?

– Sim.

– Ah! Meus Deus, e isso me serviria para quê? Esse mecanismo diabólico não funciona mais – disse Lupin, empurrando com irritação a moldura da lareira.

Abafou um grito de estupefação desta vez, porque – capricho das coisas, retorno inesperado da sorte – o bloco de mármore havia se movimentado sob seus dedos!

Era a saída, a evasão possível. Neste caso, de que serviria se submeter às condições de Sholmès?

Andou de um lado para o outro, como se meditasse na resposta. Depois, por sua vez, colocou a mão no ombro do inglês.

– Pensando bem, sr. Sholmès, acho melhor fazer meus pequenos negócios sozinho.

– No entanto...

– Não, não preciso de ninguém.
– Quando Ganimard o agarrar, será o fim. Não vão deixá-lo escapar.

– Quem sabe!

– Vamos, isso é loucura. Todas as saídas estão ocupadas.

– Resta uma.

– Qual?

– Aquela que escolherei.

– Palavras! Sua detenção pode ser considerada como efetuada.

– Ainda não.

– E então?

– Então, guardo o diamante azul.

Sholmès sacou seu relógio.

– São duas e cinquenta. Às três horas, chamo Ganimard.

– Temos, então, dez minutos para bater papo. Aproveitemos, sr. Sholmès, e, para satisfazer a curiosidade que me devora, conte-me como encontrou meu endereço e meu nome de Félix Davey.

Observando atentamente Lupin, cujo bom humor o inquietava, Sholmès se prestou de bom grado à breve explicação que exaltava seu amor-próprio, e começou:

– Seu endereço? Peguei-o com a Mulher loira.

– Clotilde!

– Ela mesma. Lembra-se... Na manhã de ontem... Quando eu quis levá-la no automóvel, ela telefonou para sua costureira.

– De fato.

– Bem, compreendi posteriormente que a costureira era o senhor. E, no barco, esta noite, graças a um esforço de memória, que talvez seja uma das coisas de que posso me envaidecer, consegui reconstituir os dois últimos algarismos de seu número de telefone... 73. Assim, possuindo a lista de seus imóveis “retocados”, foi-me fácil, no momento de minha chegada a Paris, nesta manhã, às onze horas, procurar e descobrir no catálogo de telefones o nome e o endereço do sr. Félix Davey. Após conhecer o nome e o endereço, solicitei a ajuda do sr. Ganimard.

– Admirável! De primeira categoria! Só me resta me curvar. Mas o

que não compreendo é que o senhor tomou o trem do Havre. Como conseguiu se evadir do *Andorinha*?

– Eu não me evadi.

– No entanto...

– O senhor havia ordenado ao capitão para não chegar a Southampton antes da uma da manhã. Fui desembarcado à meia-noite. Então, pude tomar o pacote do Havre.

– O capitão me traiu assim? É inadmissível.

– Ele não o traiu.

– Então?

– Foi o relógio dele.

– O relógio?

– Sim, o relógio que adiantei em uma hora.

– Como?

– Como adiantamos um relógio, girando o ponteiro. Nós conversávamos, sentados um perto do outro, eu lhe contava histórias que o interessavam... Ora, ele não percebeu nada.

– Bravo, bravo, a jogada foi brilhante, vou guardá-la para mim. Mas e o relógio de parede que estava pendurado na divisória de sua cabine?

– Ah, esse relógio foi mais difícil, porque minhas pernas estavam atadas, mas o marinheiro que me vigiava durante as ausências do capitão se predispôs a dar um empurrãozinho nos ponteiros.

– Ele? Ora! Ele consentiu...?

– Oh! Ele ignorava a importância de seu ato. Eu lhe disse que precisava, a todo custo, pegar o primeiro trem para Londres, e... Ele se deixou convencer...

– Graças a...

– Graças a um pequeno presente... Que o excelente homem, ademais, tem a intenção de lhe entregar lealmente.

– Qual presente?

– Quase nada.

– Ora, diga.

– O diamante azul.

– O diamante azul!

– Sim, o falso, aquele que o senhor substituiu pelo diamante da condessa e que ela confiou a mim...

Foi uma explosão de risos, súbita e tumultuosa. Lupin se pasmava, os olhos molhados de lágrimas.

– Deus, como é engraçado! Meu falso diamante repassado ao marujo! E o relógio do capitão! E os ponteiros do relógio de parede...!

Nunca antes Sholmès sentira assim tão violento o embate entre Lupin e ele. Com seu prodigioso instinto, intuía, sob aquela alegria excessiva, uma formidável concentração de pensamento, como uma compilação de todas as faculdades.

Pouco a pouco, Lupin se aproximou. O inglês recuou e, distraidamente, deslizou os dedos dentro do bolso de sua algibeira.

– São três horas, sr. Lupin.

– Três horas, já? Que pena...! Estávamos nos divertindo tanto...!

– Espero por sua resposta.

– Minha resposta? Meu Deus, como é exigente! Então, é o final da partida que disputamos. E em jogo, a minha liberdade!

– Ou o diamante azul.

– Que seja... jogue primeiro. O que faz o senhor?

– Jogo o rei – disse Sholmès, disparando o revólver.

– E eu, o curinga – respondeu Arsène, projetando o punho na direção do inglês.

Sholmès havia disparado no ar para chamar Ganimard cuja intervenção lhe parecia urgente. Mas o punho de Arsène atingiu em cheio o estômago de Sholmès, que empalideceu e cambaleou. De um salto, Lupin chegou à lareira, e a moldura de mármore já se sacudia... tarde demais! A porta se abriu.

– Entregue-se, Lupin. Senão...

Ganimard, posicionado, sem dúvida, mais perto do que Lupin havia imaginado, Ganimard estava lá, o revólver apontado para ele. E atrás de Ganimard, dez homens, vinte homens se acotovelavam, esses brutamontes sem escrúpulos, que o teriam abatido como um cão ao menor sinal de resistência.

Fez um gesto muito calmo.

– Abaixem as patas! Eu me rendo.

E cruzou os braços no peito.

Houve uma espécie de estupro. No cômodo desguarnecido de seus móveis e de suas cortinas, as palavras de Arsène Lupin se prolongaram como um eco. “Eu me rendo!” Palavras inacreditáveis. Esperavam que ele desaparecesse repentinamente por um alçapão, ou que uma parte da parede desabasse à frente dele e o furtasse mais uma vez a seus agressores. E ele se rendia!

Ganimard avançou e, muito nervoso com toda a gravidade que exigia um tal ato, lentamente, estendeu a mão na direção de seu adversário e teve o prazer infinito de pronunciar:

– Eu o prendo, Lupin.

– *Brrr* – estremeceu Lupin –, o senhor me assusta, meu bom Ganimard. Que expressão lúgubre! Parece que o senhor fala diante do túmulo de um amigo. Vamos, não assumo esses ares de enterro.

– Eu o prendo.

– E isso o choca? Em nome da lei da qual é o fiel executor, Ganimard, inspetor-chefe, prende o malvado Lupin. Momento histórico do qual os senhores captam toda a importância... E é a segunda vez que semelhante fato se produz. Bravo, Ganimard, o senhor irá longe em sua carreira!

E ofereceu os pulsos às algemas de aço...

Foi um acontecimento que se realizou de maneira um pouco solene. Os agentes, apesar de sua corriqueira brusquidão e da aspereza de seu ressentimento contra Lupin, agiam com reserva, espantados com o fato de que lhes fora permitido tocar naquela criatura intangível.

– Meu pobre Lupin – suspirou ele –, o que diriam teus amigos do nobre *faubourg* se o vissem assim humilhado?

Afastou os punhos com o esforço progressivo e contínuo de todos os seus músculos. As veias de sua testa saltaram. Os elos da corrente penetraram sua pele.

– Vamos – disse.

A corrente arrebentou, quebrada.

– Uma outra, camaradas, esta aqui não vale nada.

Puseram-lhe duas. Ele aprovou.

– Até que enfim! Nunca é demais exagerar nas precauções. – Depois, contando os agentes, perguntou:

– Quantos os senhores são, meus amigos? Vinte e cinco? Trinta? É muito... nada mais a fazer. Ah! Se fossem apenas quinze!

Era, de fato, uma atuação, uma atuação de um grande ator que interpreta seu papel por instinto e com verve, com impertinência e leveza. Sholmès o observava, como observamos um belo espetáculo do qual apreciamos todas as belezas e todas as nuances. E, realmente, ele teve a impressão bizarra de que a luta era igual entre esses trinta homens de um lado, sustentados por todo o aparato formidável da justiça, e do outro lado essa criatura solitária, sem armas e acorrentada. Os dois lados se equivaliam.

– E então, mestre – disse Lupin –, eis a sua obra. Graças ao senhor, Lupin vai apodrecer sobre a palha úmida das masmorras. Admite que sua consciência não está absolutamente tranquila e que o remorso o devora?

Sem querer, o inglês ergueu os ombros, como se dissesse “só dependia do senhor...”.

– Jamais! Jamais... – exclamou Lupin. – Dar-lhe o diamante azul? Ah! Não, ele já me custou muito trabalho. Fico com ele. Na ocasião da primeira visita que terei a honra de lhe fazer em Londres, no mês que vem, sem dúvida, vou lhe contar as razões... mas estará em Londres, no mês que vem? Prefere Viena? São Petersburgo?

Sobressaltou-se. No teto, subitamente, soou uma campainha. E não era a campainha de alarme, mas a do telefone cujos fios terminavam em seu escritório, entre as duas janelas, e cujo aparelho não havia sido levado.

O telefone! Ah, quem, então, cairia na armadilha posta por um abominável acaso! Arsène Lupin ensaiou um movimento de raiva na direção do aparelho, como se quisesse quebrá-lo, reduzi-lo a pedacinhos e, assim, sufocar a voz misteriosa que queria falar com ele. Mas Ganimard pegou o fone e se inclinou.

– Alô... alô... o número 648-73... sim, é aqui.

Rapidamente, com autoridade, Sholmès o afastou, pegou os dois receptores e aplicou seu lenço no bocal para tornar mais indistinto o

som da sua voz.

Nesse momento, ergueu os olhos para Lupin. E o olhar que trocaram lhes provou que o mesmo pensamento os havia atingido a ambos, e que ambos previram até as últimas consequências dessa hipótese possível, provável, quase certa: era a Mulher loira que telefonava. Pensava ter telefonado para Félix Davey, ou ainda a Maxime Bermond, e era a Sholmès que ela iria se abrir!

E o inglês falou:

– Alô...! Alô...!

Um silêncio, e depois Sholmès:

– Sim, sou eu, Maxime.

Imediatamente, todo o drama se desenhou, com uma precisão trágica. Lupin, o indomável e zombeteiro Lupin, sequer conseguia esconder sua ansiedade e, com expressão pálida de angústia, esforçava-se para ouvir, para entender. E Sholmès continuou, em resposta à voz misteriosa:

– Alô... Alô... Claro que sim, tudo está terminado, e eu me preparava justamente para encontrá-la, como estava combinado... Onde...? Ora, no lugar em que você está. Não acha que é aí...

Ele hesitou, procurando pelas palavras, depois se interrompeu. Estava claro que tratava de interrogar a jovem sem entregar muito de si mesmo, e que ignorava, em absoluto, onde ela se encontrava. Além disso, a presença de Ganimard parecia incomodá-lo... Ah! Se qualquer milagre pudesse cortar o fio daquela conversa diabólica! Lupin o invocava com todas as suas forças, com todos os seus nervos retesados!

E Sholmès pronunciou:

– Alô...! Alô...! Não me ouve...? Nem eu... muito mal... não consigo distinguir... você escuta? Então, é isso... pensando bem... é melhor você voltar para sua casa... qual perigo? Nenhum... Mas ele está na Inglaterra! Recebi um despacho de Southampton que me confirmou sua chegada.

A ironia dessas palavras! Sholmès as articulou com um bem-estar inexplicável. E acrescentou:

– Assim sendo, não perca tempo, querida amiga, já a encontro.

Desligou o aparelho.

– Sr. Ganimard, peço-lhe três de seus homens.

– É para a Mulher loira, não?

– Sim.

– Sabe quem é e onde está?

– Sim.

– Uau! Bela captura. Com Lupin... a missão está completa.

Folenfant, leve dois homens e acompanhe o cavalheiro.

O inglês se afastou, seguido pelos três agentes.

Estava acabado. A Mulher loira, ela também, cairia no poder de Sholmès. Graças à sua admirável obstinação, graças à cumplicidade de eventos felizes, a batalha se concluía em vitória para ele e, para Lupin, em um desastre irreparável.

– Sr. Sholmès! – o inglês parou.

– Sr. Lupin?

Lupin parecia profundamente abalado com aquele último golpe. Rugas vincavam sua testa. Ele estava exausto e triste. No entanto, reergueu-se com um sobressalto de energia. E, apesar de tudo, alegre, despreocupado, exclamou:

– O senhor há de convir que o destino insiste contra mim. Ainda há pouco, ele me impediu de evadir por esta lareira e me entregou ao senhor. Agora, ele se serve do telefone para lhe presentear com a Mulher loira. Eu me curvo perante suas ordens.

– O que quer dizer?

– Quero dizer que estou pronto para reabrir as negociações.

Sholmès chamou o inspetor de lado e solicitou, em um tom que, aliás, não admitia qualquer réplica, a autorização de trocar algumas palavras com Lupin. Depois, voltou para este. Colóquio supremo! Começou em um tom seco e nervoso:

– O que quer?

– A liberdade da srta. Destange.

– Sabe o preço?

– Sim.

– E o aceita?

– Aceito todas as suas condições.

– Ah...! – disse o inglês, espantado. – Mas... Mas o senhor havia recusado... Por sua...

– Tratava-se de mim, sr. Sholmès. Agora, trata-se de uma mulher... E de uma mulher que amo. Na França, veja o senhor, nós temos ideias muito singulares sobre essas coisas. E não é por que nos chamamos Lupin que agimos de forma diferente... Ao contrário!

Disse isso muito calmamente. Sholmès inclinou a cabeça de forma imperceptível e murmurou:

– E o diamante azul?

– Pegue a minha bengala, ali, no canto da lareira. Agarre com uma mão o castão e, com a outra, gire a argola de ferro que está na outra extremidade do bastão.

Sholmès pegou a bengala e girou a argola e, ao fazê-lo, percebeu que o castão se soltou. No interior desse castão se encontrava uma bola de argamassa. Nessa bola, um diamante.

Examinou-o. Era o diamante azul.

– A srta. Destange está livre, sr. Lupin.

– Livre no futuro assim como no presente? Ela não tem nada a temer do senhor?

– Nem de ninguém.

– Não importa o que acontecer?

– Não importa o que acontecer. Não sei mais seu nome nem seu endereço.

– Obrigado. E até breve. Porque vamos nos reencontrar, não é, sr. Sholmès?

– Não tenho dúvidas.

Houve entre o inglês e Ganimard uma explicação bastante agitada, a qual Sholmès abreviou com certa brusquidão.

– Lamento muito, sr. Ganimard, por não partilhar sua opinião. Mas não tenho tempo para convencê-lo. Parto para a Inglaterra em uma hora.

– Mas... a Mulher loira...?

– Não conheço essa pessoa.

– Ora, um instante atrás...

– É pegar ou largar. Eu já lhe entreguei Lupin. Aqui está o

diamante azul... que o senhor mesmo terá o prazer de devolver à condessa de Crozon. Parece-me que não tem do que se queixar.

– Mas a Mulher loira?

– Encontre-a.

Enfiou o chapéu na cabeça e partiu rapidamente, como alguém que não tem o costume de se retardar quando seus negócios foram resolvidos.

– Boa viagem, mestre – gritou Lupin. – E pode acreditar que jamais me esquecerei das relações cordiais que cultivamos. Minhas lembranças ao sr. Wilson.

Não obteve nenhuma resposta, e brincou:

– É o que chamamos de sair à inglesa. Ah! Esse digno ilhéu não possui aquela flor de cortesia pela qual nos distinguimos. Pense um pouco, Ganimard, na saída que um francês teria realizado em circunstâncias parecidas, sob quais refinamentos de polidez ele teria mascarado seu triunfo...! Mas, Deus me perdoe, Ganimard, o que está fazendo? Ora, vamos, uma revista! Mas não há mais nada, meu pobre amigo, sequer um pedaço de papel. Meus arquivos estão em um lugar seguro.

– Quem sabe? Quem sabe?

Lupin resignou-se. Retido por dois inspetores, cercado por todos os outros, assistiu pacientemente às diversas operações. Mas, ao cabo de vinte minutos, suspirou:

– Vamos, Ganimard, você não termina nunca.

– Então, está com muita pressa?

– Se estou com pressa? Tenho um encontro urgente!

– Na Central?

– Não, na cidade.

– Bah! E que horas?

– Às duas.

– São três.

– Justamente, chegarei atrasado, e não há nada que eu deteste mais do que estar atrasado.

– Pode me dar cinco minutos?

– Nem um a mais.

- Muito amável... vou tratar de...
- Não fale tanto... de novo esse armário? Mas está vazio!
- No entanto, aqui tem algumas cartas.
- Velhas faturas!
- Não, um pacote amarrado com uma fita.
- Uma fita rosa? Oh! Ganimard, não desate, por amor aos céus!
- É de uma mulher?
- Sim.
- Uma mulher da sociedade?
- Da melhor.
- Seu nome?
- Sra. Ganimard.

– Muito engraçado! Muito engraçado! – exclamou o inspetor em um tom ofendido.

Nesse momento, os homens enviados a outros cômodos anunciaram que as revistas não tinham dado resultado algum. Lupin começou a rir.

– Meu Deus, será que esperavam descobrir a lista dos meus camaradas, ou a prova de minhas relações com o imperador da Alemanha? O que precisa procurar, Ganimard, são os pequenos mistérios deste apartamento. Por exemplo, esse tubo de gás é um tubo acústico. Essa lareira contém uma escada. Essa parede é oca. O emaranhado das campainhas! Veja, Ganimard, aperte esse botão...

Ganimard obedeceu.

– Não ouve nada? – interrogou Lupin.

– Não.

– Eu também não. Contudo, o senhor ordenou ao comandante do meu parque aerostático para que prepare o dirigível que, em breve, vai nos levar pelos ares.

– Vamos – disse Ganimard, que havia terminado a inspeção –, chega de besteiras, e a caminho!

Deu alguns passos, os homens o seguiram.

Lupin não se moveu um milímetro sequer. Empurraram-no. Em vão.

– E então – disse Ganimard –, o senhor se recusa a caminhar?

- De modo algum.
- Neste caso...
- Mas isso depende.
- Do quê?
- Do lugar ao qual vão me conduzir.
- À Central, é claro.
- Então, não saio do lugar. Não tenho nada para fazer na Central.
- Mas está louco?
- Não tive a honra de avisá-lo de que tinha um encontro urgente?
- Lupin!

– Ora, Ganimard, a Mulher loira aguarda a minha visita, e o senhor acha que sou grosseiro a ponto de deixá-la nessa inquietação? Seria indigno de um homem galante.

– Escute, Lupin – disse o inspetor, a quem aquela brincadeira começava a irritar –, até aqui tive para com o senhor uma consideração excessiva. Mas há limites. Siga-me.

- Impossível. Tenho um encontro, e comparecerei a esse encontro.
- Pela última vez.
- Im-pos-sí-vel.

Ganimard deu um sinal. Dois homens pegaram Lupin pelos braços. Mas o soltaram no mesmo instante, com um gemido de dor; com as duas mãos, Arsène Lupin enfiara neles duas longas agulhas na carne.

Loucos de raiva, os outros se precipitaram, o ódio enfim desencadeado, ardendo para vingar seus camaradas e a si próprios por tantas afrontas, e bateram, bateram à vontade. Um golpe mais violento o atingiu na têmpora. Ele caiu.

– Se o arrebentarem – rosnou Ganimard, furioso –, terão de se explicar comigo.

Inclinou-se, pronto a prestar socorros. Mas, ao constatar que ele respirava livremente, ordenou que o pegassem pelos pés e pela cabeça, enquanto ele próprio o segurava pelos rins.

– Vamos devagar, por favor... sem trancos... ah, os brutos, eles o teriam matado. Ei! Lupin, como está?

Lupin abria os olhos. Balbuciou:

– Nada elegante, Ganimard... permitiu que me demolissem.

– É culpa sua, maldição... e da sua cabeça-dura... – respondeu Ganimard, desolado. – Está doendo?

Chegaram ao saguão. Lupin gemeu:

– Ganimard... O elevador... Vão me quebrar os ossos...

– Boa ideia, excelente ideia – aprovou Ganimard. – Além do quê, a escada é tão estreita... Não haveria como...

Chamou o elevador. Instalaram Lupin no assento com todo tipo de precaução. Ganimard posicionou-se ao lado dele e disse a seus homens:

– Desçam ao mesmo tempo que nós. Vocês vão me esperar na frente da cabine da zeladora. Entenderam?

Puxou a porta. Mas ela sequer havia se fechado quando gritos irromperam. Com um pulo, o elevador subiu como um balão cujo cabo fora cortado. Uma gargalhada ressoou, sardônica.

– Maldito... – gritou Ganimard, procurando freneticamente no escuro o botão de descida. E, como não o encontrava, exclamou:

– O quinto! Vigiem a porta do quinto!

Em grupos de quatro, os agentes escalaram a escada. Mas produziu-se um fato estranho: o elevador pareceu escavar o teto do último andar, desapareceu aos olhos dos agentes, emergiu subitamente no andar superior, o dos criados, e parou. Três homens à espreita abriram a porta. Dois deles dominaram Ganimard, que, imobilizado, atordoado, não conseguiu se defender. O terceiro homem carregou Lupin.

– Eu o avisei, Ganimard... o rapto de balão... e graças a você! Numa próxima vez, seja menos piedoso. E, acima de tudo, lembre-se de que Arsène Lupin não se deixa apanhar e ser ridicularizado sem bons motivos. Adeus...

A cabine já havia sido fechada, e o elevador, com Ganimard, despachado novamente para os andares inferiores. E tudo aconteceu tão rapidamente que o velho policial alcançou os agentes perto da cabine da zeladora.

Sem se dirigirem uma palavra, eles atravessaram o pátio com toda a pressa e subiram pela escada de serviço, único meio de chegar ao

andar dos criados por onde a fuga ocorreu.

Um longo corredor labiríntico e margeado por pequenos quartos numerados conduzia a uma porta que estava, simplesmente, arrombada. Do outro lado dessa porta, e por consequência em um outro prédio, havia outro corredor, igualmente com ângulos quebrados e ladeado por quartos semelhantes. Ao final, uma escada de serviço. Ganimard a desceu, atravessou um pátio e um vestíbulo, e lançou-se em uma rua, a rua Picot. Então, compreendeu: os dois prédios, construídos em profundidade, tocavam-se, e suas fachadas davam para duas ruas, não exatamente perpendiculares, mas paralelas, e distantes uma da outra por mais de sessenta metros.

Entrou na cabine da zeladora e, mostrando sua carteira, perguntou:

- Quatro homens acabaram de passar por aqui?
- Sim, os dois criados do quarto e do quinto, e dois amigos.
- Quem mora no quarto e no quinto?
- Os senhores Fauvel e seus primos Provost... mudaram-se hoje.

Só restaram esses dois criados... acabaram de partir.

“Ah”, pensou Ganimard, afundando em um sofá da cabine, “que belo golpe deixamos de dar! Todo o bando ocupava esse conjunto de prédios.”

Quarenta minutos mais tarde, dois senhores chegavam de automóvel à estação Gare du Nord e se apressavam até o trem expresso de Calais, seguidos por um carregador que levava suas bagagens.

Um deles tinha o braço em uma tipóia, e seu rosto pálido não oferecia a aparência de boa saúde. O outro parecia feliz.

– Acelere, Wilson, não podemos perder o trem... Ah, Wilson, jamais me esquecerei desses dez dias.

- Eu tampouco.
- Ah, que belas batalhas!
- Soberbas.
- Apenas, aqui e ali, alguns pequenos aborrecimentos...

– Bem pequenos.

– E, finalmente, o triunfo de ponta a ponta. Lupin preso! O diamante azul reconquistado!

– Meu braço, quebrado.

– Quando se trata de tais satisfações, o que importa um braço quebrado!

– Sobretudo o meu.

– Pois é! Lembre-se, Wilson, foi no momento em que você estava no farmacêutico, sofrendo como um herói, que descobri o fio que me conduziu na trevas.

– Que feliz coincidência!

Portinholas se fechavam.

– Para o vagão, por favor. Apressemos-nos, senhores.

O carregador subiu os degraus de um compartimento vazio e depositou as malas no aparador, enquanto Sholmès içava o desafortunado Wilson.

– Mas o que você tem, Wilson? Não para com isso...! Ânimo, velho camarada...

– Não é o ânimo que me falta.

– Então, o quê?

– Só tenho uma mão disponível.

– E daí...? – exclamou alegremente Sholmès. – Chega de conversa furada. Parece que só existe você nesse estado. E os aleijados? Os verdadeiros aleijados? Vamos, não é nada de mais.

Estendeu ao carregador uma moeda de cinquenta cêntimos.

– Ótimo, meu amigo. Aqui, para você.

– Obrigado, sr. Sholmès.

O inglês ergueu os olhos: Arsène Lupin.

– O senhor...! O senhor! – balbuciou, estupefato.

E Wilson gaguejou, brandindo, com sua única mão, gestos de alguém que demonstra um fato:

– O senhor! O senhor! Mas está preso! Sholmès me disse. Quando ele o deixou, Ganimard e seus trinta agentes o cercavam...

Lupin cruzou seus braços e, com um ar indignado, perguntou:

– Então, os senhores supunham que eu os deixaria partir sem

dizer adeus? Depois das excelentes relações de amizade que jamais deixamos de ter uns com os outros! Mas isso seria a derradeira indelicadeza. Por quem me tomam?

O trem apitava.

– Enfim, eu os perdoo... mas têm tudo de que precisam? Fumo, isqueiros... Sim... E os jornais vespertinos? Neles vão encontrar os detalhes de minha prisão, sua última façanha, mestre. E agora, até a próxima, fiquei encantado por tê-los conhecido... Encantado, verdadeiramente...! E se precisarem de mim, ficarei muito feliz...

Saltou para a plataforma e fechou a portinhola.

– Adeus – disse mais uma vez, agitando seu lenço. – Adeus... Vou escrever... Os senhores também, não é? E seu braço quebrado, sr. Wilson? Espero notícias de ambos... Um cartão-postal vez por outra... Para o endereço: Lupin, Paris... É o suficiente... Não é necessário selar... Adeus... Até logo...

Segundo episódio
A LUMINÁRIA JUDAICA

Capítulo 1

Herlock Sholmès e Wilson estavam sentados à direita e à esquerda da grande lareira, os pés estendidos na direção de um confortável fogo de hulha.

O cachimbo de Sholmès, curto, de urze e arrematado de prata, apagou-se. Ele o esvaziou das cinzas, encheu-o novamente, acendeu-o, trouxe para os joelhos as abas de seu robe de chambre e extraiu do cachimbo longas baforadas que se esmerava em lançar para o teto em pequenos anéis de fumaça.

Wilson observava-o. Observava-o como o cão enrodilhado no tapete da sala olha para seu dono, com olhos bem abertos, sem piscar, olhos que não têm outra esperança a não ser corresponder o gesto aguardado. O dono romperia o silêncio? Iria ele revelar o segredo de seus devaneios atuais e admiti-lo no reino da meditação cuja entrada parecia proibida a Wilson?

Sholmès continuava calado. Wilson arriscou:

– Os tempos estão calmos. Nenhum caso para atacarmos.

Sholmès calou-se mais violentamente ainda, mas seus anéis de fumaça estavam cada vez mais bem elaborados, e qualquer outra pessoa que não Wilson teria observado que ele extraía disso aquela profunda satisfação que nos dão os menores deleites de amor-próprio, nos momentos em que o cérebro está completamente esvaziado de pensamentos.

Wilson, desencorajado, levantou-se e se aproximou da janela.

A triste rua se estendia entre as fachadas melancólicas dos prédios, sob um céu escuro do qual caía uma chuva cruel e furiosa. Um *cab* passou, e outro *cab*. Wilson escreveu seus números em uma caderneta. Quem sabe?

– Ora – exclamou –, o carteiro.

O homem entrou, conduzido pelo criado.

– Duas cartas registradas, senhor... poderia fazer o favor de assiná-las?

Sholmès assinou o registro, acompanhou o homem até a porta e

retornou abrindo uma das cartas.

– Você parece muito feliz – notou Wilson ao cabo de um instante.

– Esta carta contém uma proposta bastante interessante. Você, que queria um caso, ei-lo. Leia...

Wilson leu:

“Senhor,

Venho pedir-lhe o socorro de sua experiência. Fui vítima de um roubo importante, e as buscas efetuadas até o momento parecem destinar-se ao fracasso.

Envio-lhe com esta correspondência um certo número de jornais que explicarão o episódio e, se o senhor concordar em assumi-lo, coloco minha mansão à sua disposição e lhe suplico para que preencha no cheque aqui incluso, assinado por mim, a soma que lhe convier fixar para suas despesas de viagem.

Queira por gentileza me telegrafar sua resposta, e receba, senhor, a segurança da minha mais elevada consideração.

Barão Victor d’Imblevalle, rua Murillo, 18.”

– Ora! Ora! – disse Sholmès. – Eis um prenúncio e tanto... Uma pequena viagem a Paris, enfim, por que não? Desde meu famoso duelo com Arsène Lupin, não tive oportunidade de voltar para lá. Não me incomodaria ver a capital do mundo em condições um pouco mais tranquilas.

Rasgou o cheque em quatro partes e, enquanto Wilson, cujo braço não havia voltado à flexibilidade de antigamente, pronunciava palavras amargas contra Paris, abriu o segundo envelope.

No mesmo instante, deixou escapar um gesto de irritação, uma ruga vincou sua testa durante toda a leitura e, amassando o papel, fez dele uma bola que lançou violentamente no assoalho.

– O que foi? O que há? – exclamou Wilson, confuso.

Pegou a bola, desamassou-a e leu com crescente espanto:

“Meu caro mestre,

Conhece a admiração que tenho pelo senhor e o interesse que cultivo por seu renome. Assim sendo, acredite em mim, não se

ocupe do caso para o qual solicitaram sua colaboração. Sua intervenção causaria muito mal, todos os seus esforços só levariam a um resultado lamentável, e o senhor seria obrigado a fazer publicamente a confissão de seu fracasso.

Profundamente desejoso de poupá-lo de tamanha humilhação, eu o exorto, em nome da amizade que nos uniu, a permanecer bem tranquilamente junto à sua lareira.

Minhas boas lembranças ao sr. Wilson, e para o senhor, meu caro mestre, a respeitosa homenagem de seu devotado,
Arsène Lupin.”

– Arsène Lupin... – repetiu Wilson, confuso.

Sholmès começou a surrar a mesa com golpes de punho.

– Ah! Mas ele começa a me irritar, esse animal! Ele caçoa de mim como se eu fosse um moleque! A confissão pública de meu fracasso! Não o obriguei a devolver o diamante azul?

– Ele está com medo – insinuou Wilson.

– Não diga besteiras! Arsène Lupin nunca está com medo, e a prova é que ele me provoca.

– Mas como ele sabe da carta que nos enviou o barão d’Imblevalle?

– E eu lá sei? Você me faz perguntas estúpidas, meu caro!

– Eu pensava... imaginava...

– O quê? Que sou feiticeiro?

– Não, mas já o vi fazer tamanhos prodígios!

– Ninguém faz prodígios... nem eu, nem qualquer outra pessoa. Eu reflito, deduzo, concluo, mas não adivinho. Apenas os imbecis adivinham.

Wilson assumiu a atitude acanhada de um cão que apanhou, e tentou, para não ser um imbecil, não adivinhar por que Sholmès percorria o cômodo com passadas largas e irritadas. Mas, como Sholmès havia chamado seu criado e ordenado sua mala, Wilson acreditou-se no direito, dado que aí havia um fato material, de refletir, de deduzir e de concluir que o mestre partia em viagem.

O mesmo funcionamento de espírito lhe permitiu afirmar, como alguém que não tem medo de errar:

– Herlock, você vai a Paris.

– Possível.

– E vai mais para responder à provocação de Lupin do que para auxiliar o barão d’Imblevalle.

– Possível.

– Herlock, vou acompanhá-lo.

– Ah! Ah, velho amigo – exclamou Sholmès, interrompendo sua caminhada –, não tem medo de que seu braço esquerdo partilhe do mesmo destino do braço direito?

– O que pode me acontecer? Você estará lá.

– Perfeito, então, você é um camarada! E vamos mostrar a esse senhor que talvez tenha se equivocado ao nos desafiar atirando a luva com tamanha ousadia. Rápido, Wilson, e nos encontramos no primeiro trem.

– Sem esperar os jornais de cujo envio o barão o avisou?

– Para quê?

– Despacho um telegrama?

– Inútil, Arsène Lupin saberia da minha chegada. Não quero isso. Desta vez, Wilson, precisamos jogar pesado.

À tarde, os dois amigos embarcaram em Dover. A travessia foi excelente. No trem expresso de Calais a Paris, Sholmès se presenteou com três horas do sono mais profundo, enquanto Wilson fazia a vigilância da porta da cabine e meditava, o olhar vago.

Sholmès despertou alegre e disposto. A perspectiva de um novo duelo com Arsène Lupin o encantava, e ele esfregou as mãos com o ar satisfeito de um homem que se prepara para degustar alegrias abundantes.

– Enfim – exclamou Wilson –, vamos nos exercitar!

E esfregou as mãos com o mesmo ar satisfeito.

Na estação, Sholmès pegou os casacos e, seguido por Wilson, que carregava as malas – cada qual com seu fardo –, deu os bilhetes e saiu alegremente.

– Tempo bonito, Wilson... Sol...! Paris está em festa para nos receber.

– Quanta gente!

– Melhor assim, Wilson! Não corremos o risco de ser notados. Ninguém nos reconhecerá no meio de uma multidão assim!

– Sr. Sholmès, não?

Ele parou, algo estupefato. Quem diabos poderia designá-lo assim pelo nome? Uma mulher estava ao seu lado, uma jovem cuja roupa muito simples sublinhava uma silhueta distinta e cujo bonito rosto tinha uma expressão inquieta e dolorosa.

Ela repetiu:

– É o sr. Sholmès?

Como ele se mantinha calado, mais por perturbação do que por prudência, ela disse uma terceira vez:

– É com o sr. Sholmès que tenho a honra de falar?

– O que quer de mim? – disse ele, um tanto rude, crendo-se em um encontro suspeito.

– Escute-me, cavalheiro, é muito sério, sei que vai para a rua Murillo.

– O que está dizendo?

– Eu sei... Eu sei... Rua Murillo... No número 18. Veja, não faça isso... Não, o senhor não deve ir para lá... Asseguro-lhe que se arrependeria. Se digo isso, não pense que seja por qualquer interesse. É em nome da razão, é com toda a consciência.

Ele tentou se desvencilhar, e ela insistiu:

– Oh, eu lhe suplico, não seja obstinado... Ah! Se eu soubesse como convencê-lo! Olhe bem para mim, no fundo dos meus olhos... Eles são sinceros... Dizem a verdade.

Ela ofereceu seus olhos desesperadamente, aqueles belos olhos sérios e límpidos, nos quais parecia refletir-se a própria alma. Wilson acenou com a cabeça:

– A senhorita parece bem sincera.

– Mas é claro – implorou ela –, e é preciso confiar...

– Eu confio, senhorita – redarguiu Wilson.

– Oh, como fico feliz! E seu amigo também, não é? Eu o sinto... Tenho certeza! Que alegria! Tudo vai se arranjar...! Ah! A boa ideia que tive...! Veja, cavalheiro, há um trem para Calais daqui a vinte minutos... Então, vão tomá-lo... Rápido, sigam-me... O caminho é

desse lado, e os senhores têm apenas o tempo...

Ela tentava levá-lo. Sholmès pegou-a pelo braço e, com uma voz que procurou tornar a mais doce possível, disse:

– Desculpe-me, senhorita, por não ceder à sua vontade, mas jamais abandono um trabalho ao qual me dedico.

– Eu lhe suplico... Eu lhe suplico... Ah, se pudesse compreender!

Ele resistiu e se distanciou rapidamente.

Wilson disse à jovem:

– Tenha boa esperança... Ele irá até o fim do caso... Ainda não há exemplo em que ele tenha fracassado.

E alcançou Sholmès, correndo.

“HERLOCK Sholmès – ARSÈNE LUPIN”

Essas palavras, que se destacavam em grossas letras negras, os atingiram quando deram os primeiros passos. Aproximaram-se; um grupo de homens-sanduíche perambulavam, uns atrás dos outros, carregando pesadas bengalas de ferro com as quais batiam cadenciadamente na calçada e, nas costas, enormes cartazes nos quais se lia:

*“A PARTIDA ENTRE HERLOCK Sholmès E ARSÈNE LUPIN.
CHEGADA DO CAMPEÃO INGLÊS. O GRANDE DETETIVE
ATACA O MISTÉRIO DA RUA MURILLO. LER OS DETALHES
NO ÉCHO DE FRANCE.”*

Wilson balançou a cabeça.

– E então, Herlock, nós, que nos gabávamos de trabalhar incógnitos! Eu não ficaria surpreso se a guarda republicana nos esperasse na rua Murillo e se houvesse uma recepção oficial, com brindes e champagne.

– Quando se mete a engraçadinho, Wilson, você vale por dois – rangeu Sholmès.

Avançou na direção de um daqueles homens com a intenção bem clara de agarrá-lo com suas potentes mãos e reduzi-lo a migalhas, ele e sua tabuleta. A multidão, contudo, agrupava-se ao redor dos cartazes. Brincavam e riam.

Reprimindo um furioso acesso de raiva, disse ao homem:

– Quando o contrataram?

– Nesta manhã.

– E começou sua caminhada...?

– Faz uma hora.

– Mas os cartazes estavam prontos?

– Ah! Claro que sim... quando chegamos à agência nesta manhã, estavam lá.

Ou seja, Arsène Lupin havia previsto que ele, Sholmès, aceitaria a batalha. E mais: a carta escrita por Lupin provava que ele desejava essa batalha, estava em seus planos medir-se, mais uma vez, com seu rival. Por quê? Qual motivo o levava a recomendar a luta?

Herlock teve um segundo de hesitação. Era necessário realmente que Lupin tivesse muita certeza da vitória para demonstrar tamanha insolência. Isso posto, responder assim ao primeiro chamado não seria cair na armadilha?

– Vamos, Wilson. Cocheiro, rua Murillo, 18 – exclamou em um sobressalto de energia.

E, com as veias infladas, os punhos cerrados como se fosse começar uma luta de boxe, saltou para dentro de um coche.

A rua Murillo é ladeada por luxuosas mansões cujas fachadas posteriores têm vista para o parque Monceau. Uma das mais belas entre essas residências eleva-se no número 18, e o barão d’Imblevalle, que nela mora com sua esposa e suas filhas, mobiliou-a da forma mais suntuosa, como artista e milionário que era. Um sofisticado pátio precede o palacete, e dependências de serviço margeiam-no à direita e à esquerda. Na parte de trás, um jardim mistura os ramos de suas árvores com as árvores do parque.

Depois de tocar, os dois ingleses atravessaram o pátio e foram recebidos por um criado que os conduziu a um pequeno salão situado na fachada de trás.

Sentaram-se e com um rápido olhar inspecionaram os objetos preciosos que decoravam aquele cômodo.

– Lindas coisas – murmurou Wilson –, de bom gosto e imaginação... Pode-se deduzir que quem teve o trabalho de encontrar

esses objetos é gente de uma certa idade... Cinquenta anos, talvez...

Não concluiu o pensamento. A porta se abriu, e o sr. d'Imblevalle entrou, seguido por sua esposa. Contrariamente às deduções de Wilson, os dois eram jovens, de aspecto elegante e bastante vivazes nos gestos e nas palavras. Ambos se perderam em agradecimentos.

– É muito gentil de sua parte! Tamanho trabalho! Estamos quase felizes com o aborrecimento que sofremos, porque ele nos proporcionou o prazer...

“Que encantadores são esses franceses!”, pensou Wilson, a quem uma observação profunda jamais assustava.

– Mas tempo é dinheiro... – exclamou o barão. – O seu principalmente, sr. Sholmès. Então, direto ao ponto! O que pensa do caso? Espera conseguir resolvê-lo?

– Para resolvê-lo, preciso antes conhecê-lo.

– Não o conhece?

– Não, e peço para que me explique as coisas nos mínimos detalhes, sem omitir nada. Do que se trata?

– Trata-se de um roubo.

– Em qual dia aconteceu?

– Sábado passado – respondeu o barão –, na noite de sábado para domingo.

– Faz seis dias, então. Agora sou todo ouvidos.

– É preciso dizer, em primeiro lugar, cavalheiro, que minha esposa e eu, conformando-nos ao tipo de vida exigido por nossa situação, saímos pouco. A educação de nossos filhos, algumas recepções, melhorias em nossa casa, eis a nossa existência, e todas as noites, ou quase, se passam aqui, neste cômodo, que é a alcova de minha esposa e onde reunimos alguns objetos de arte. No último sábado, então, por volta das onze horas, apaguei a luz, e minha esposa e eu nos retiramos como de costume para nossos aposentos.

– Que fica...?

– Aqui ao lado, é esta porta que o senhor vê. No dia seguinte, ou seja, domingo, levantei-me cedo. Como Suzanne, minha mulher, ainda dormia, vim para essa alcova o mais silenciosamente possível para não despertá-la. Qual não foi minha surpresa ao constatar que essa janela

estava aberta, enquanto que, na noite anterior, nós a deixáramos fechada!

– Um criado...

– Ninguém entra aqui pela manhã antes que tenhamos chamado. Além disso, sempre tomo a precaução de aferrolhar essa segunda porta, a qual se comunica com a antecâmara. Então, a janela certamente foi aberta por fora. Aliás, tive a prova disso – o segundo vidro da janela da direita, perto do puxador, havia sido retirado.

– E essa janela...?

– Essa janela, como o senhor pode perceber, dá para um pequeno terraço cercado por uma sacada de pedra. Aqui estamos no primeiro andar, e o senhor nota o jardim que se estende atrás do palacete e o portão que o separa do parque Monceau. Assim sendo, é certeza que o homem veio do parque Monceau, saltou o portão com a ajuda de uma escada e subiu até o terraço.

– Certeza, o senhor diz?

– Foram encontrados, de cada lado do portão, na terra fofa dos canteiros, buracos deixados pelos dois suportes da escada, e os mesmos buracos estavam abaixo do terraço. Por fim, há dois leves arranhões na sacada, evidentemente causados pelo contato das hastes.

– O parque Monceau não fica fechado à noite?

– Fechado, não, mas, mesmo assim, no número 14, há um palacete em construção. Seria fácil entrar por lá.

Herlock Sholmès refletiu por alguns instantes e prosseguiu:

– Vamos ao roubo. Então, teria sido cometido no cômodo em que estamos?

– Sim. Ali havia, entre aquela Virgem do século XII e aquele tabernáculo de prata cinzelada, uma pequena luminária judaica. Ela desapareceu.

– E isso é tudo?

– É tudo.

– Ah... e o que chama de luminária judaica?

– São as luminárias de cobre utilizadas antigamente, compostas de uma alça e um recipiente no qual se colocava o óleo. Desse recipiente, saíam dois ou vários bicos destinados às mechas.

– Tudo somado, objetos sem muito valor.
– Sem grande valor, realmente. Mas essa continha um esconderijo onde costumávamos colocar uma magnífica joia antiga, uma quimera de ouro, cravejada de rubis e esmeraldas, e que valia muito.

– Por que esse costume?

– Acredite, cavalheiro, eu não saberia dizer. Talvez pela simples diversão de utilizar um esconderijo desse tipo.

– Ninguém o conhecia?

– Ninguém.

– Com a exceção, evidentemente, do ladrão da quimera... – objetou Sholmès. – Do contrário, ele não teria se dado ao trabalho de roubar a luminária judaica.

– Evidentemente. Mas como ele podia conhecê-lo, dado que foi o acaso que nos revelou o mecanismo secreto dessa luminária?

– O mesmo acaso pôde revelá-lo a qualquer um... Um criado... Um frequentador da casa... Mas continuemos: a justiça foi avisada?

– Sem dúvida. O juiz de investigação fez seu inquérito. Os repórteres policiais ligados a cada um dos grandes jornais fizeram os deles. Mas, como escrevi ao senhor, não parece que o problema tenha alguma chance de ser resolvido.

Sholmès se levantou, foi até a janela, examinou o vidro, o terraço, a sacada, serviu-se de sua lupa para estudar os arranhões na pedra e pediu ao sr. d’Imblevalle para conduzi-lo ao jardim.

Lá fora, Sholmès simplesmente se sentou em uma poltrona de vime e observou o telhado da casa com um olhar pensativo. Depois, caminhou subitamente na direção de dois pequenos caixotes de madeira com os quais foram cobertos, no intuito de conservar as marcas exatas, os buracos deixados ao pé do terraço pelos suportes da escada. Retirou os caixotes, ajoelhou-se no chão e, com as costas curvadas, o nariz a vinte centímetros da terra, esquadrinhou e tirou medidas. Fez a mesma operação ao longo do portão, mas menos detidamente.

Estava terminado.

Os dois homens retornaram à alcova, onde os esperava a sra. d’Imblevalle. Sholmès manteve o silêncio ainda por alguns minutos,

depois pronunciou estas palavras:

– Desde o começo de seu relato, senhor barão, fiquei intrigado pelo aspecto verdadeiramente simples da ocorrência. Utilizar uma escada, cortar um vidro, escolher um objeto e ir embora; não, as coisas não acontecem tão facilmente assim. Tudo isso está claro demais, simples demais.

– De modo que...?

– De modo que o roubo da luminária judaica foi cometido sob a direção de Arsène Lupin...

– Arsène Lupin! – exclamou o barão.

– Mas foi cometido sem seu envolvimento, sem que ninguém entrasse neste palacete... Um doméstico, talvez, que terá descido de sua mansarda até o terraço, por uma calha que percebi do jardim.

– Mas com quais provas...?

– Arsène Lupin não teria saído da alcova com as mãos vazias.

– As mãos vazias... e a luminária?

– Pegar a luminária não o teria impedido de pegar essa caixa de rapé ornada de diamantes, ou aquele colar de velhas opalas. Bastariam dois gestos a mais. Se ele não os pegou, é porque não os viu.

– Mas e as pistas detectadas?

– Comédia! Encenação para desviar as suspeitas.

– Os arranhões na balaustrada?

– Mentira! Foram produzidos com lixa. Veja, aqui estão alguns restos que recolhi.

– As marcas deixadas pelos suportes da escada?

– Piada! Examine os dois buracos retangulares ao pé do terraço e os dois buracos situados perto do portão. Sua forma é semelhante, mas, embora paralelos aqui, não o são lá. Meça a distância que separa cada buraco de seu vizinho, a diferença muda de acordo com o local. Ao pé do terraço, é de 23 centímetros. Ao longo do portão, é de 28 centímetros.

– E o que conclui disso?

– Concluo, uma vez que sua forma é idêntica, que os quatro buracos foram feitos com o auxílio de um único pedaço de madeira convenientemente cortado.

- O melhor argumento seria o próprio pedaço de madeira.
- Aqui está ele – disse Sholmès –, peguei-o no jardim, sob o vaso de um loureiro.

O barão se inclinou. Fazia quarenta minutos que o inglês havia passado pelo batente daquela porta, e não sobrava mais nada de tudo aquilo em que acreditaram com base no próprio testemunho dos fatos aparentes. A realidade, uma outra realidade, surgia, fundada em algo muito mais sólido, o raciocínio de um Herlock Sholmès.

- A acusação que o senhor faz contra nosso pessoal é bem grave, cavalheiro – disse a baronesa. – Nossos criados são antigos serviçais da família, e nenhum deles é capaz de nos trair.

- Se um deles não os traiu, como explicar que essa carta tenha chegado a mim no mesmo dia e pelo mesmo carteiro que aquela que os senhores me escreveram?

Estendeu à baronesa a carta que lhe havia sido endereçada por Arsène Lupin. A sra. d’Imblevalle ficou estupefata.

- Arsène Lupin... como ele soube?

- Não contaram para ninguém de sua carta?

- Para ninguém – disse o barão –, foi uma ideia que tivemos na outra noite, à mesa.

- Diante dos criados?

- Só havia nossas duas filhas. Ou melhor, não... Sophie e Henriette não estavam mais à mesa, não é, Suzanne?

A sra. d’Imblevalle refletiu e afirmou:

- De fato, elas tinham se juntado à senhorita.

- Senhorita? – interrogou Sholmès.

- A governanta, srta. Alice Demun.

- Então, essa pessoa não faz as refeições com os senhores?

- Não, ela é servida à parte, em seu quarto.

Wilson teve uma ideia.

- A carta escrita a meu amigo Herlock Sholmès foi enviada pelo correio.

- Naturalmente.

- Quem a levou?

- Dominique, meu camareiro há vinte anos – respondeu o barão.

– Toda desconfiança nesse sentido seria tempo perdido.

– Jamais perdemos tempo quando procuramos – disse Wilson judiciosamente.

O primeiro inquérito havia terminado. Sholmès pediu permissão para se retirar.

Uma hora mais tarde, no jantar, ele viu Sophie e Henriette, as duas filhas dos d’Imblevalle, duas lindas mocinhas de oito e seis anos. Conversaram pouco. Sholmès respondeu às amabilidades do barão e de sua esposa com um ar tão ranzinza que eles decidiram pelo silêncio. Café foi servido. Sholmès engoliu o conteúdo de sua xícara e se levantou.

Nesse momento, um criado entrou, portando uma mensagem passada por telefone e endereçada ao inglês. Ele abriu e leu:

*“Envio-lhe minha entusiasmada admiração. Os resultados obtidos pelo senhor em tão pouco tempo são esplêndidos. Estou aturdido.
Arsène Lupin”*

Fez um gesto de irritação e mostrou a mensagem ao barão.

– Agora acredita, cavalheiro, que suas paredes têm olhos e ouvidos?

– Não estou compreendendo nada – murmurou o sr. d’Imblevalle, atordoado.

– Eu tampouco. Mas o que compreendo é que, aqui, nenhum movimento ocorre sem que seja percebido por ele. Sequer uma palavra é pronunciada sem que ele a escute.

Naquela noite, Wilson deitou-se com a consciência leve de um homem que cumpriu seu dever e que não tem outra missão a não ser dormir. Também dormiu muito rapidamente, e belos sonhos o visitaram, nos quais perseguia Lupin sozinho e estava para detê-lo com suas próprias mãos, e a sensação dessa perseguição foi tão clara que despertou.

Alguém resvalava em sua cama. Ele alcançou o revólver.

– Mais um gesto, Lupin, e atiro.

– Diabos! Como você é precipitado, velho camarada!

– Como! É você, Sholmès! Precisa de mim?

– Preciso de seus olhos. Levante-se...

Levou-o até a janela.

– Olhe... do outro lado do portão...

– No parque?

– Sim. Não vê nada?

– Não vejo nada.

– Ora, sim, você vê alguma coisa.

– Ah! De fato, uma sombra... Na verdade, duas.

– Não é? Contra o portão... Veja, estão se mexendo. Não percamos tempo.

Às apalpadelas, guiando-se pelo corrimão, desceram a escada e chegaram a um cômodo que dava para a escada do jardim. Através dos vidros da porta, perceberam duas silhuetas no mesmo lugar.

– É curioso – disse Sholmès –, parece que ouço ruídos na casa.

– Na casa? Impossível! Todo mundo está dormindo.

– Mas ouça...

Nesse momento, um suave assobio vibrou vindo do portão, e eles perceberam uma vaga luz que parecia vir do palacete.

– Os d’Imblevalle devem tê-la acendido – murmurou Sholmès. – É o quarto deles, que fica acima de nós.

– Foram eles, sem dúvida, que ouvimos – fez Wilson. – Pode ser que estejam vigiando o portão.

Um segundo assobio, mais discreto ainda.

– Não compreendo, não compreendo – disse Sholmès, irritado.

– Eu tampouco – confessou Wilson.

Sholmès girou a chave da porta, retirou o ferrolho e empurrou suavemente o batente.

Um terceiro assobio, este um pouco mais forte e modulado de outra forma. E acima de suas cabeças, o barulho se intensificou, se precipitou.

– Dá a impressão de vir do terraço da alcova – sussurrou Sholmès.

Ele passou a cabeça pelo vão, mas no mesmo instante recuou, praguejando. Por sua vez, Wilson observou. Bem perto deles, uma escada era posicionada contra a parede, apoiada na sacada do terraço.

– Ora, claro – fez Sholmès –, há alguém na alcova! É isso o que

ouvimos. Rápido, retiremos a escada.

Mas, nesse instante, uma forma deslizou de cima a baixo, a escada foi retirada, e o homem que a carregava correu à toda na direção do portão, no local onde o esperavam seus cúmplices. Com um salto, Sholmès e Wilson foram atrás dele. Alcançaram o homem quando ele colocava a escada contra o portão. Do outro lado, dois disparos foram dados.

– Ferido? – exclamou Sholmès.

– Não – respondeu Wilson.

Este agarrou o torso do homem e tentou imobilizá-lo. Mas o homem se virou, segurou-o com uma mão e com a outra mergulhou uma faca no meio de seu peito. Wilson exalou um suspiro, vacilou e caiu.

– Maldição! – bradou Sholmès. – Se o mataram, eu mato.

Estendeu Wilson sobre a grama e correu para a escada. Tarde demais... o homem a havia subido e, acolhido por seus cúmplices, fugia pelo matagal.

– Wilson, Wilson, não é nada sério, hein? Só um arranhão.

As portas da mansão se abriram bruscamente. Primeiro veio o sr. d’Imblevalle, depois vieram os criados, munidos de velas.

– O quê? O que aconteceu? – gritou o barão. – O sr. Wilson está ferido?

– Nada, só um arranhão – repetiu Sholmès, procurando se enganar. O sangue corria em abundância, e o rosto estava lívido.

O médico, vinte minutos depois, constatou que a ponta da faca havia parado a quatro milímetros do coração.

– Quatro milímetros do coração! Esse Wilson sempre teve sorte – concluiu Sholmès em um tom de inveja.

– Sorte... sorte... – resmungou o médico.

– Ora! Com sua constituição robusta, ele ficará bem...

– Com seis semanas de cama e dois meses de convalescença.

– Não mais do que isso?

– Não, a menos que haja complicações.

– Por que diabos quer que haja complicações?

Completamente tranquilizado, Sholmès juntou-se ao barão na

alcova. Dessa vez, o visitante misterioso não tivera a mesma discrição. Sem pudores, havia passado a mão na caixa de rapé ornada de diamantes, no colar de opalas e, de forma geral, em tudo o que podia caber nos bolsos de um honesto ladrão.

A janela ainda estava aberta, um dos vidros havia sido devidamente retirado, e, ao amanhecer, um inquérito sumário, tendo estabelecido que a escada veio da mansão em construção, indicou o caminho que haviam seguido.

– Em suma – disse o sr. d’Imblevalle, com certa ironia –, é a repetição exata do roubo da luminária judaica.

– Sim, se aceitarmos a primeira versão adotada pela justiça.

– Então, continua a refutá-la? Esse segundo roubo não abala sua opinião sobre o primeiro?

– Ele a confirma, senhor.

– Será possível? O senhor tem a prova irrefutável de que a agressão dessa noite foi cometida por uma pessoa de fora, e continua a sustentar que a luminária judaica foi subtraída por alguém de nosso círculo?

– Por alguém que mora nesta casa.

– Então, como explica...?

– Não explico nada, cavalheiro, constato dois fatos que apenas têm, um com o outro, relações de aparência, julgo-os isoladamente e procuro o elo que os une.

Sua convicção parecia tão profunda, sua forma de agir fundamentada em motivos tão fortes, que o barão se inclinou:

– Que seja. Vamos avisar o comissário...

– Em hipótese alguma! – exclamou vivamente o inglês. – Em hipótese alguma! Só me dirijo a essa gente quando tenho necessidade dela.

– No entanto, os tiros...?

– Não importam!

– Seu amigo...?

– Meu amigo só está ferido... faça com que o médico se cale. Eu, por minha vez, respondo por tudo do lado da justiça.

Dois dias se passaram vazios de incidentes, mas durante os quais

Sholmès perseguiu sua missão com um cuidado minucioso e um amor-próprio exasperado pela lembrança daquela audaciosa agressão, executada diante de seus olhos, a despeito de sua presença, e sem que ele pudesse impedir-lhe o sucesso. Infatigável, revirou a mansão e o jardim, conversou com os criados e fez longas incursões na cozinha e no estábulo. E, embora não colhesse nenhum indício que esclarecesse, não perdeu a coragem.

“Encontrarei”, pensava, “e é aqui que encontrarei. Não se trata, como no caso da Mulher loira, de rumar para a aventura e de atingir, por caminhos que eu ignorava, um objetivo que eu não conhecia. Dessa vez, já estou no terreno da batalha. O inimigo não é mais apenas o incapturável e invisível Lupin, é o cúmplice de carne e osso que vive e se move dentro dos limites deste palacete. O menor detalhe e estou feito”.

Esse detalhe, do qual ele devia tirar tais consequências, e com uma habilidade tão prodigiosa que podemos considerar o caso da luminária judaica como um daqueles nos quais brilha mais vitoriosamente a sua genialidade de policial, esse detalhe, foi o acaso que o forneceu.

Na tarde do terceiro dia, quando entrou em um cômodo situado acima da alcova, e que servia de sala de estudos para as crianças, ele encontrou Henriette, a mais nova das irmãs. Ela procurava sua tesoura.

– Sabe – disse ela a Sholmès –, também faço papéis como aquele que você recebeu naquela noite.

– Naquela noite?

– Sim, no final do jantar. Você recebeu um papel com tiras em cima... Você sabe, um telegrama... Então, eu também os faço.

Ela saiu. Para qualquer outra pessoa, essas palavras não teriam significado algum senão a corriqueira reflexão de uma criança, e o próprio Sholmès as escutou com ouvidos distraídos e continuou sua inspeção. Mas, de repente, ele se pôs a correr atrás da menina cuja última frase o atingiu subitamente. Alcançou-a no alto da escada e lhe disse:

– Então, você também cola tiras sobre papel?

Henriette, muito orgulhosa, declarou:

– Claro, eu recorto as palavras e as colo.

– E quem te ensinou esse joguinho?

– A senhorita... Minha governanta... Já vi ela fazendo isso. Pega palavras dos jornais e cola...

– E o que faz com isso?

– Telegramas, cartas que ela envia.

Herlock Sholmès voltou para a sala de estudos, singularmente intrigado por essa confidência, e esforçando-se para extrair dela as deduções que comportava.

Havia jornais em um pacote acima da lareira. Ele os abriu e viu, com efeito, grupos de palavras ou de linhas que faltavam, regularmente e cuidadosamente retiradas. Mas bastou ler as palavras que precediam ou sucediam para constatar que as palavras ausentes haviam sido cortadas ao acaso com tesouras, por Henriette, é claro. Podia ser que, naquele maço de jornais, houvesse um cortado pela própria senhorita. Mas como assegurar-se disso?

De forma mecânica, Herlock vasculhou os livros escolares empilhados sobre a mesa, depois outros que repousavam sobre as prateleiras de um armário. E, de repente, soltou um grito de alegria. Em um canto desse armário, sob velhos cadernos amontoados, encontrou um álbum para crianças, um alfabeto ornado de imagens e, em uma das páginas desse álbum, um espaço vazio surgiu diante de seus olhos.

Verificou. Era a nomenclatura dos dias da semana. Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira etc. A palavra “sábado” faltava. Ora, o roubo da luminária judaica havia ocorrido na noite de um sábado.

Herlock sentiu aquela leve pressão no coração que sempre lhe anunciava, da forma mais clara, que havia tocado o próprio âmago de uma intriga. Aquele calafrio da verdade, aquela emoção da certeza, nunca o enganava.

Febril e confiante, apressou-se a vasculhar o álbum. Um pouco mais adiante, outra surpresa o aguardava.

Era uma página composta de letras maiúsculas, seguidas por uma linha de algarismos. Nove dessas letras e três desses algarismos

havia sido retirados cuidadosamente. Sholmès os escreveu em sua caderneta, na ordem em que foram cortados, e obteve o seguinte resultado:

CDEHNOPRS-237

– Diabos... – murmurou. – À primeira vista, isso não significa muita coisa. Seria possível, misturando aquelas letras e usando-as todas, formar uma, ou duas, ou três palavras completas?

Sholmès tentou, em vão.

Uma única solução se impunha a ele, que recorria sem cessar ao lápis, e a quem, com o tempo, pareceu ser a verdadeira, tanto por corresponder à lógica dos fatos quanto por estar de acordo com as circunstâncias gerais.

Dado que a página do álbum só comportava uma vez cada uma das letras do alfabeto, era provável, era certo que estava em presença de palavras incompletas e que essas palavras haviam sido completadas por letras retiradas de outras páginas. Nessas condições, e salvo engano, o enigma postava-se assim:

RESPOND.- CH – 237

A primeira palavra estava clara: “RESPOND”, um “E” faltando, porque a letra “E”, já empregada, não estava mais disponível.

Quanto à segunda palavra inacabada, ela formava, sem dúvida, com o número 237, o endereço que fornecia o remetente ao destinatário da carta. Em primeiro lugar, propunha estabelecer o dia no sábado, e pedia uma resposta para o endereço CH.237.

Ou CH.237 era uma senha de caixa-postal, ou as letras “C” e “H” faziam parte de uma palavra incompleta. Sholmès vasculhou o álbum: nenhum outro recorte havia sido efetuado nas páginas seguintes. Era necessário, então, até segunda ordem, ficar com a explicação encontrada.

– É divertido, não? – Henriette havia voltado. Ele respondeu:

– Se é! Mas você não tem outros papéis...? Ou ainda palavras já cortadas que eu possa colar?

– Papéis...? Não... E, depois, a senhorita não ficaria contente.

– A senhorita?

– Sim, ela já me deu uma bronca.

– Por quê?

– Porque eu te disse coisas... E porque ela disse que não devemos nunca contar coisas sobre quem gostamos.

– Você tem toda a razão.

Henriette pareceu radiante com a aprovação, tão radiante que retirou de uma bolsinha de pano, costurada ao seu vestido, alguns trapos, três botões, dois cubos de açúcar e, por fim, um quadrado de papel que estendeu a Sholmès.

– Aqui, eu te dou mesmo assim. Era um número de fiacre, o 8279.

– De onde vem esse número?

– Caiu do porta-moedas delas.

– Quando?

– Domingo, na missa, quando ela pegava uns centavos para a igreja.

– Perfeito. E agora vou te dar a solução para não levar bronca. Não diga à senhorita que você me viu.

Sholmès saiu para procurar o sr. d’Imblevalle e interrogá-lo diretamente sobre a senhorita.

O barão teve um sobressalto.

– Alice Demun! Será que o senhor pensaria...? É impossível.

– Há quanto tempo ela está a seu serviço?

– Apenas um ano, mas não conheço pessoa mais tranquila e na qual eu deposite mais confiança.

– Como é possível que eu ainda não a tenha visto?

– Ela se ausentou por dois dias.

– E agora?

– Desde o retorno, ela quis se instalar à cabeceira de seu amigo. Ela tem todas as qualidades de uma enfermeira... Delicada... Atenciosa... O sr. Wilson parece encantado.

– Ah! – fez Sholmès, que havia negligenciado por completo obter notícias do velho camarada.

Refletiu e perguntou:

– E no domingo de manhã, ela saiu?

– No dia seguinte ao roubo?

– Sim.

O barão chamou sua esposa e lhe perguntou. Ela respondeu:

– A senhorita saiu como de costume para ir à missa das onze horas com as crianças.

– Mas, e antes?

– Antes? Não... Ou melhor... Mas eu estava perturbada por esse roubo...! Contudo, lembro-me de que ela me pediu, na véspera, autorização para sair na manhã do domingo... Para ver uma prima que estava de passagem por Paris, acho. Mas não suponho que o senhor suspeite dela...?

– Certamente que não... No entanto, gostaria de vê-la.

Ele subiu até o quarto de Wilson. Uma mulher, vestida como uma enfermeira, com um longo vestido de tecido cinza, estava inclinada sobre o doente e lhe dava de beber. Quando ela se virou, Sholmès reconheceu a jovem que o havia abordado em frente à estação Gare du Nord.

Não houve, entre eles, a menor explicação. Alice Demun sorriu docemente, seus olhos encantadores e sérios, sem qualquer embaraço. O inglês queria falar, esboçou algumas sílabas e se calou. Então, ela retomou seu trabalho, caminhando pelo quarto tranquilamente sob o olhar espantado de Sholmès, mexeu em frascos, desenrolou e enrolou faixas de gaze e, novamente, dirigiu a ele seu franco sorriso.

Ele deu meia volta, desceu, avistou no pátio o automóvel do sr. d’Imblevalle, instalou-se nele e se fez conduzir até Levallois, ao depósito de coches cujo endereço estava anotado no recibo de fiacre entregue pela criança. O cocheiro Duprêt, que conduzia o 8279 na manhã do domingo, não estava lá, então Sholmès enviou de volta o automóvel e esperou até o horário da troca de turno.

O cocheiro Duprêt contou que, de fato, havia “carregado” uma mulher até as cercanias do parque Monceau, uma jovem vestida de negro, com um buquê de violetas e que parecia muito agitada.

– Ela carregava um pacote?

– Sim, um pacote bastante comprido.

– E o senhor a levou...?

– À avenida des Ternes, na esquina da praça Saint-Ferdinand. Ela permaneceu lá por uns dez minutos e depois voltou ao parque Monceau.

– O senhor reconheceria a casa da avenida des Ternes?

– Óbvio! Quero que o leve até lá?

– Agora mesmo. Antes, leve-me ao número 36 do Quai des Orfèvres.

Na chefatura de Polícia, ele teve a sorte de encontrar imediatamente o inspetor-chefe Ganimard.

– Sr. Ganimard, está livre?

– Se se tratar de Lupin, não.

– Trata-se de Lupin.

– Então, não me movo.

– Como assim! O senhor renuncia...

– Renuncio ao impossível! Estou cansado de uma luta desigual, na qual temos certeza de ficar para trás. É covarde, é absurdo, é tudo o que quiser... Não me importo! Lupin é mais forte do que nós. Em consequência, só nos resta nos curvamos.

– Eu não me curvo.

– Ele fará com que se curve, como fez com os outros.

– Ora, esse é um espetáculo que, com certeza, vai agradar ao senhor!

– Ah! Isso é verdade – disse Ganimard ingenuamente. – E dado que o senhor ainda não apanhou o bastante, vamos lá.

Os dois subiram no fiacre. Sob suas ordens, o cocheiro os deixou um pouco antes da casa e do outro lado da avenida, na frente de um pequeno café em cujo terraço se sentaram, entre loureiros e evônimos.

– Garçom – chamou Sholmès –, traga-me algo para escrever.

Escreveu e chamou novamente o garçom:

– Leve esta carta ao porteiro dessa casa da frente. É evidentemente o homem de boina que está fumando sob a porta da cocheira.

O porteiro veio até eles, e, tendo Ganimard anunciado seu título de inspetor-chefe, Sholmès perguntou se, na manhã do domingo, estivera por ali uma jovem vestida de negro.

– De negro? Sim, por volta das nove horas... a jovem que costuma ir ao segundo andar.

– O senhor a vê com frequência?

– Não, mas, de algum tempo pra cá, tenho visto mais... Na última quinzena, quase todos os dias.

– E desde o domingo?

– Só uma vez... Sem contar hoje.

– Como! Ela veio!

– Ela está lá.

– Ela está lá!

– Faz uns bons dez minutos. O coche a espera na praça Saint-Ferdinand, como de costume. Cruzei com ela na porta.

– E quem é o locatário do segundo?

– Há dois, uma modista, a srta. Langeais, e um cavalheiro que alugou dois cômodos mobiliados faz um mês, sob o nome de Bresson.

– Por que diz “sob o nome”?

– Tenho a impressão de que é um nome falso. Minha mulher cuida da faxina de sua casa, e, bem, ele não tem duas camisas em que as iniciais sejam as mesmas.

– Como ele vive?

– Oh! Quase sempre está fora. Faz três dias que não volta para casa.

– Ele voltou na noite de sábado para domingo?

– Na noite de sábado para domingo? Um momento, deixe-me pensar... Sim, na noite de sábado ele voltou e não saiu mais.

– E que tipo de homem é esse?

– Juro que não saberia dizer. Ele muda tanto! É alto, é baixo, é gordo, é magro... Moreno e loiro. Nem sempre o reconheço.

Ganimard e Sholmès se entreolharam.

– É ele – murmurou o inspetor –, com certeza é ele.

O velho policial realmente sofreu um instante de perturbação que se traduziu por um bocejo e uma crispção de seus dois punhos.

Sholmès também, ainda que mais senhor de si, sentiu um aperto no coração.

– Atenção – disse o porteiro –, ali está a jovem.

A senhorita, de fato, apareceu na soleira da porta e atravessou a praça.

– E ali está o sr. Bresson.

– O sr. Bresson? Qual?

– Aquele que carrega um pacote embaixo do braço.

– Mas ele não acompanha a moça. Ela voltou sozinha para seu coche.

– Ah! Tem isso, eu nunca os vi juntos.

Os dois policiais se levantaram precipitadamente. À luz dos postes, reconheceram a silhueta de Lupin, que se afastava em uma direção oposta à da praça.

– Quem o senhor prefere seguir? – indagou Ganimard.

– Ele, é claro! É a grande caça.

– Então, vou seguir a senhorita – propôs Ganimard.

– Não, não – disse vivamente o inglês, que não queria revelar nada do caso a Ganimard –, a senhorita eu sei onde encontrar... não saia de perto de mim.

À distância, e utilizando o auxílio momentâneo dos passantes e dos quiosques, puseram-se à perseguição de Lupin. Perseguição fácil, aliás, porque ele não se virava e caminhava rapidamente, mancando ligeiramente da perna direita, tão ligeiramente que seria necessário o olho treinado de um especialista para percebê-lo. Ganimard disse:

– Ele parece mancar.

E prosseguiu:

– Ah! Se pudéssemos reunir dois ou três agentes e saltar já sobre o nosso indivíduo! Corremos o risco de perdê-lo.

Mas nenhum agente apareceu antes da Porta des Ternes, e, tendo ultrapassado as muralhas, eles abriram mão de contar com algum auxílio.

– Vamos nos separar – disse Sholmès –, o lugar está deserto.

Era o bulevar Victor-Hugo. Cada um deles foi para um lado da calçada e avançou seguindo a linha das árvores.

Continuaram assim por vinte minutos até o momento em que Lupin virou para a esquerda e margeou o Sena. Lá, viram-no descer até a beira do rio. Ele ficou ali por alguns segundos sem que lhes fosse

possível distinguir seus gestos. Depois, subiu o barranco e voltou por onde viera. Os dois se esconderam entre os pilares de um portão. Lupin passou à frente deles. Não estava mais com o pacote.

E, conforme se afastava, um outro indivíduo saiu de um canto da casa e se esgueirou por entre as árvores.

Sholmès disse em voz baixa:

– Aquele ali também parece segui-lo.

– Sim, tenho a impressão de que o vi enquanto vínhamos para cá.

A caça recomeçou, mais complicada devido à presença do indivíduo. Lupin retomou o caminho, atravessou de novo a Porta des Ternes e voltou ao prédio da praça Saint-Ferdinand.

O porteiro fechava a porta quando Ganimard apareceu.

– O senhor o viu, não?

– Sim, eu desligava o gás da escada quando ele empurrou o ferrolho de sua porta.

– Não há ninguém com ele?

– Ninguém, nenhum criado... Ele nunca come aqui.

– Não existe uma escada de serviço?

– Não.

Ganimard disse a Sholmès:

– O mais fácil é eu me instalar diante da porta de Lupin, enquanto o senhor vai procurar pelo comissário de polícia da rua Demours. Vou escrever um bilhete a ele.

Sholmès objetou:

– E se ele escapar durante esse intervalo?

– Mas se fico aqui...!

– Um contra um, a luta com ele é desigual.

– Não posso, contudo, forçar a entrada em seu domicílio, não tenho o direito, ainda por cima à noite.

Sholmès deu de ombros.

– Quando o senhor tiver prendido Lupin, não vão reclamar das condições da detenção. Além disso, ora! Trata-se, no máximo, de tocar a campainha. Veremos o que acontecerá.

Subiram. Uma porta de dois batentes se oferecia à esquerda do saguão. Ganimard tocou. Nenhum ruído. Tocou de novo. Ninguém.

– Entremos – murmurou Sholmès.

– Sim, vamos.

No entanto, permaneceram imóveis, o ar vacilante. Como quem hesita no momento de cumprir um ato decisivo, eles temiam agir, e parecia-lhes subitamente impossível que Arsène Lupin estivesse ali, tão perto, atrás daquela divisória frágil que um golpe de punho podia tombar. Tanto um como outro o conheciam bem demais, aquele personagem diabólico, para admitir que ele se deixaria capturar assim tão estupidamente. Não, não, mil vezes não, Lupin não estava mais lá. Pelos prédios vizinhos, pelos telhados, por alguma saída convenientemente preparada, ele deve ter fugido e, mais uma vez, é apenas sua sombra que vão agarrar.

Arrepiaram-se. Um barulho imperceptível, vindo do outro lado da porta, havia como que tocado o silêncio. E tiveram a impressão, a certeza, de que, afinal, ele estava ali, separado pela fina divisória de madeira, e de que ele os escutava, que os ouvia.

O que fazer? A situação era trágica. Apesar do sangue frio de velhos policiais calejados, tamanha emoção mexia de tal forma com eles, que imaginavam perceber os batimentos de seus corações.

Com o canto do olho, Ganimard consultou Sholmès. Depois, violentamente, com o punho, estremeceu o batente da porta.

Ruído de passos, agora, um ruído que não mais procurava se dissimular...

Ganimard sacudiu a porta. Com um impulso irresistível, Sholmès, projetando o ombro, derrubou-a, e os dois se lançaram ao ataque.

Pararam imediatamente. Um tiro havia soado no cômodo vizinho. E mais outro, e o barulho de um corpo caindo...

Quando entraram, viram o homem estendido, o rosto contra o mármore da chaminé. Ele teve uma convulsão. O revólver caiu de sua mão.

Ganimard inclinou-se e virou a cabeça do morto. Sangue a cobria, escorrendo por duas grandes feridas, uma na face e outra na têmpora.

– Está irreconhecível – murmurou.

– Claro! – disparou Sholmès. – Não é ele.

– Como sabe? O senhor nem sequer o examinou.

O inglês caçoou:

– Acredita, então, que Arsène Lupin é capaz de se matar?

– Mas nós pensamos tê-lo reconhecido lá fora...

– Pensamos, porque queríamos pensar. Esse homem é nossa obsessão.

– Então, é um de seus cúmplices.

– Os cúmplices de Arsène Lupin não se matam.

– Então, quem é?

Revistaram o cadáver. Em um bolso, Herlock Sholmès encontrou uma carteira vazia, em outro, Ganimard encontrou alguns luíses. Na ceroula, nenhuma etiqueta, assim como nas roupas.

Nos baús – um grande baú e duas malas de viagem –, nada além de pertences pessoais. Na lareira, um punhado de jornais. Ganimard os abriu. Todos falavam do roubo da luminária judaica.

Uma hora depois, quando Ganimard e Sholmès se retiraram, não sabiam nada sobre o singular personagem que tinham encurralado e levado ao suicídio.

Quem era? Por que se matara? Qual elo o ligava ao caso da luminária judaica? Quem o havia seguido durante sua caminhada? Quantas questões, cada uma mais complexa do que as outras... quantos mistérios...

Herlock Sholmès se deitou com péssimo humor. Ao acordar, recebeu um telegrama assim concebido:

“Arsène Lupin tem a honra de lhes participar sua trágica morte na pessoa do senhor Bresson e de convidá-los para assistir às suas exéquias, missa e sepultamento, que ocorrerão às custas do Estado na quinta-feira, 25 de junho.”

Capítulo 2

– Veja, meu velho camarada – dizia Sholmès a Wilson brandindo o telegrama de Arsène Lupin –, o que me exaspera nesta aventura é sentir continuamente pousado em mim o olho desse demoníaco *gentleman*. Nenhum dos meus mais secretos pensamentos escapa a ele. Ajo como um ator cujos passos são todos determinados por uma encenação rigorosa, que anda até certo ponto e diz tal coisa, porque assim quis uma vontade superior. Compreende, Wilson?

Wilson certamente teria compreendido se não tivesse dormido o sono profundo de um homem cuja temperatura varia entre quarenta e quarenta e um graus. Mas, ele escutando ou não, isso não tinha importância alguma para Sholmès, que prosseguiu:

– Preciso recrutar toda a minha energia e colocar em prática todos os meus recursos para não me desencorajar. Por sorte, no meu caso, essas pequenas provocações são o mesmo que alfinetadas a me estimularem. Atenuado o calor da picada, curada a ferida no amor-próprio, finalmente, digo: “divirta-se enquanto consegue, meu bom homem. Cedo ou tarde, o senhor mesmo se trairá.” Porque, afinal, Wilson, não foi Lupin, por meio de sua primeira mensagem e pela reflexão que ela sugeriu à pequena Henriette, não foi ele que me entregou o segredo de sua correspondência com Alice Demun? Esquece-se desse detalhe, velho camarada.

Ele perambulava pelo quarto, com passos barulhentos, arriscando acordar o velho camarada.

– Enfim! Isso não vai tão mal, e, se os caminhos que sigo estão um pouco obscuros, começo a me encontrar neles. Em primeiro lugar, vou me fixar no senhor Bresson. Ganimard e eu nos encontraremos à beira do Sena, no local onde Bresson jogou fora o pacote, e o papel desse senhor nos será revelado. Quanto ao restante, trata-se de uma partida a ser disputada entre Alice Demun e eu. A adversária é de frágil envergadura, há, Wilson? E não acha que, em breve, decifrarei a frase do álbum e o que significam aquelas duas letras isoladas, o “C” e o “H”? Porque está tudo aí, Wilson.

A senhorita entrou no mesmo instante e, percebendo que Sholmès gesticulava, disse-lhe gentilmente:

– Sr. Sholmès, devo repreendê-lo se acordar meu doente. Não é bom que ele seja perturbado. O doutor exige tranquilidade absoluta.

Ele a contemplava sem dizer uma palavra, espantado, como no primeiro dia, por sua calma inexplicável.

– O que tem para me olhar assim, sr. Sholmès? Nada? Ora, sim... Parece sempre ter alguma desconfiança... Qual é? Responda, eu lhe suplico.

Ela o interrogava com todo o seu rosto franco, seus olhos ingênuos, sua boca que sorria e, também, com toda a sua postura, suas mãos unidas, seu busto ligeiramente projetado. E havia tanta candura nela que o inglês sentiu raiva. Aproximou-se e disse em voz baixa:

– Bresson se matou ontem à noite.

Ela repetiu, sem parecer entender:

– Bresson se matou ontem...

Na verdade, nenhuma contração alterou seu rosto, nada que revelasse o esforço da mentira.

– A senhorita foi avisada... – disse ele com irritação. – Caso contrário, teria ao menos vacilado... Ah! A senhorita é mais forte do que eu pensava... Mas por que dissimular?

Ele pegou o álbum de imagens que acabara de colocar em uma mesa vizinha e, abrindo-o na página recortada, perguntou:

– Poderia me dizer em que ordem devemos dispor as letras que faltam aqui, para conhecermos o conteúdo exato do bilhete que a senhorita enviou a Bresson quatro dias antes do roubo da luminária judaica?

– Em que ordem...? Bresson...? O roubo da luminária judaica...? – ela repetia as palavras lentamente, como se para extrair-lhes o sentido.

Ele insistiu.

– Sim. Aqui estão as letras utilizadas... Neste pedaço de papel. O que a senhorita dizia a Bresson?

– As letras utilizadas... O que eu dizia...

De repente, ela explodiu em uma gargalhada.

– Já sei! Compreendo! Sou a cúmplice do roubo! Há um certo sr. Bresson que pegou a luminária judaica e que se matou. E eu, eu sou a amiga desse senhor. Oh! Como é divertido!

– Então, quem a senhorita foi ver ontem à noite, no segundo andar de um prédio na avenida des Ternes?

– Quem? Ora, a minha modista, a srta. Langeais. Será que minha modista e meu amigo, sr. Bresson, não seriam a mesma pessoa?

Apesar de tudo, Sholmès duvidou. Podemos simular, com o intuito de ludibriar o terror, a alegria, a inquietação, todos os sentimentos, mas nunca a indiferença, tampouco o riso feliz e despreocupado.

Ainda assim, ele disse:

– Uma última palavra: por que, naquela noite na estação Gare du Nord, a senhorita me abordou? E por que me pediu para voltar imediatamente sem que me ocupasse desse roubo?

– Ah, é muito curioso, sr. Sholmès – respondeu ela ainda rindo da forma mais natural. – Como punição, não saberá de nada e, além disso, cuidará do doente enquanto vou à farmácia... Uma receita urgente... Eu me vou.

Saiu.

– Fui enrolado – murmurou Sholmès. – Não apenas não consegui nada dela, como ainda me entreguei.

E ele se lembrou do episódio do diamante azul e do interrogatório a que havia submetido Clotilde Destange. Não seria aquela a mesma serenidade que a Mulher loira havia apresentado, e não estaria ele novamente em face de uma dessas criaturas que, protegidas por Arsène Lupin, sob a ação direta de sua influência, mantinham em meio à angústia do perigo a calma mais estarrecedora?

– Sholmès... Sholmès...

Ele se aproximou de Wilson, que o chamava, e inclinou-se na sua direção.

– O que foi, velho camarada? Está sofrendo?

Wilson mexeu os lábios sem conseguir falar. Enfim, depois de muito esforço, balbuciou:

– Não... Sholmès... Não é ela... É impossível que seja ela...

– O que está crocitando aí? Pois lhe digo que é ela, sim! Só diante de uma criatura de Lupin, arrumada e preparada por ele, é que eu perco a cabeça e ajo assim, tão tolamente... Ei-la, agora que conhece toda a história do álbum... Aposto com você que, antes de uma hora, Lupin será avisado. Antes de uma hora? Que digo! Mas agora mesmo! O farmacêutico, a receita urgente... Papo furado!

Esquivou-se rapidamente, desceu a avenida de Messine e avistou a senhorita entrando em uma farmácia. Ela reapareceu dez minutos mais tarde, com frascos e uma garrafa envolvidos em papel branco. Mas, enquanto subia a avenida, ela foi abordada por um homem que a perseguia, a boina na mão e o ar obsequioso, como se pedisse uma ajuda.

Ela parou e deu a ele uma esmola, depois retomou seu caminho.

– Ela falou com ele – disse o inglês a si mesmo.

Mais do que uma certeza, essa foi uma intuição, entretanto forte o suficiente para que ele mudasse de tática. Abandonando a jovem, lançou-se no rastro do falso mendigo.

Chegaram assim, um atrás do outro, à praça Saint-Ferdinand, e o homem vagou por muito tempo ao redor do prédio de Bresson, por vezes erguendo os olhos para as janelas do segundo andar e vigiando pessoas que penetravam na casa.

Ao final de uma hora, subiu na plataforma superior de um bonde que se dirigia para Neuilly. Sholmès também subiu e se sentou atrás do indivíduo, um pouco mais afastado e ao lado de um senhor oculto pelas folhas abertas de seu jornal. Nas fortificações, o jornal abaixou, Sholmès viu Ganimard, e Ganimard lhe disse ao ouvido, designando o indivíduo:

– É o nosso homem de ontem à noite, aquele que seguia Bresson. Faz uma hora que ele perambula na praça.

– Nada de novo a respeito de Bresson? – perguntou Sholmès.

– Sim, uma carta que chegou nesta manhã ao endereço dele.

– Nesta manhã? Então foi colocada no correio ontem, antes que o remetente soubesse da morte de Bresson.

– Precisamente. Ela está nas mãos do juiz de investigação. Mas guardei os termos: “Ele não aceita negociação alguma. Quer tudo,

tanto a primeira coisa quanto aquelas do segundo caso. Se não, ele vai agir.” E nenhuma assinatura – acrescentou Ganimard. Como o senhor vê, essas poucas linhas não nos servirão para muita coisa.

– De modo algum partilho de sua opinião, sr. Ganimard; pelo contrário, essas poucas linhas me parecem muito interessantes.

– E por quê, meu Deus?

– Por razões que me são pessoais – respondeu Sholmès com a franqueza que dispensava a seu colega.

O bonde parou na rua du Château, no terminal. O indivíduo desceu e saiu tranquilamente.

Sholmès o escoltava, e de tão perto, que Ganimard se assustou:

– Se ele se virar, estamos fritos.

– Ele não vai se virar, por enquanto.

– O que o senhor sabe?

– É um cúmplice de Arsène Lupin, e o fato de um cúmplice de Lupin caminhar assim, as mãos nos bolsos, prova em primeiro lugar que ele sabe estar sendo seguido, e em segundo lugar que não teme nada.

– Mas estamos grudados nele!

– Não tanto a ponto de não conseguir escapar de nossas mãos antes de um minuto. Está muito seguro de si.

– Calma! Calma! O senhor só pode estar brincando. Lá na frente, na porta daquele café, estão dois policiais de bicicleta. Se eu decidir chamá-los e abordar o personagem, pergunto-me como ele escapará de nossas mãos.

– O personagem não parece se importar muito com essa eventualidade. Ele mesmo os chama!

– Maldito! – proferiu Ganimard. – Que ousadia!

O indivíduo, de fato, avançou na direção dos dois agentes no momento em que começavam a subir nas bicicletas. Disse-lhes algumas palavras e depois, subitamente, saltou sobre uma terceira bicicleta, que estava apoiada contra o muro do café, e se afastou rapidamente com os dois policiais.

O inglês soltou uma gargalhada.

– Olhe só! Eu não tinha previsto? Um, dois, três, raptado! E por

quem? Por dois de seus colegas, sr. Ganimard. Ah! Sabe das coisas, esse Arsène Lupin! Policiais ciclistas na folha de pagamento! Bem quando eu lhe dizia que nosso personagem estava calmo demais!

– Mas e daí? – gritou Ganimard, incomodado. – O que poderíamos fazer? É bem fácil rir!

– Vamos, vamos, não se zangue. Nós nos vingaremos. No momento, precisamos de reforços.

– Folenfant me espera no final da avenida de Neuilly.

– Ótimo, pegue-o de passagem e venha se encontrar comigo.

Ganimard se afastou enquanto Sholmès seguia os rastros das bicicletas, bem visíveis na poeira da via, posto que duas delas estavam equipadas com pneus estriados. E ele percebeu rápido que aqueles traços o conduziam à beira do Sena e que os três homens tinham virado para o mesmo lado que Bresson, na noite anterior. Chegou, assim, à grade contra a qual ele próprio havia se escondido com Ganimard e, um pouco mais adiante, constatou um emaranhado de linhas estriadas, provando que haviam feito uma parada naquele local. Bem à frente havia uma pequena língua de terreno que apontava para o Sena, e em cuja extremidade estava amarrada uma velha balsa.

Era ali que Bresson devia ter lançado seu pacote, ou ainda, que o deixou cair. Sholmès desceu o barranco e viu que, como o banco descia em uma inclinação bem suave e a água do rio estava baixa, seria fácil encontrar o pacote... a menos que os três homens não tivessem se adiantado.

– Não, não – disse a si mesmo. – Eles não tiveram tempo... quinze minutos, no máximo... E, no entanto, por que passaram por aqui?

Um pescador estava sentado na balsa. Sholmès o indagou:

– O senhor por acaso viu três homens de bicicleta?

O pescador sinalizou que não.

O inglês insistiu:

– Viu sim... três homens... acabaram de parar a dois passos do senhor...

O pescador colocou sua linha embaixo do braço, tirou do bolso uma caderneta, escreveu em uma das folhas, rasgou-a e estendeu-a a Sholmès.

Um grande calafrio sacudiu o inglês. Com um relance, ele havia visto, no meio da página que tinha nas mãos, a sequência de letras cortadas do álbum.

“CDEHNOPRESO-237”

Um sol pesado pendia sobre o rio. O homem havia retomado seu trabalho, protegido sob a vasta aba de um chapéu de palha, sua jaqueta e seu colete empilhados junto de si. Pescava atentamente, enquanto a cortiça de sua linha boiava na água.

Passou-se um minuto, um minuto de solene e terrível silêncio.

”Será ele?”, pensava Sholmès com uma ansiedade quase dolorosa.

E a verdade o atingiu:

“É ele! É ele! Só ele é capaz de ficar assim, sem um tremor de inquietude, sem nada temer quanto ao que vai acontecer... E quem mais saberia dessa história do álbum? Alice o avisou por meio de seu mensageiro.”

De súbito, o inglês percebeu que sua mão, sua própria mão, havia agarrado a coronha de seu revólver e que seus olhos se fixavam nas costas do indivíduo, um pouco abaixo da nuca. Apenas um gesto e todo o drama se encerraria, a vida de estranho aventureiro terminaria miseravelmente.

O pescador não se moveu.

Sholmès pegou nervosamente sua pistola com o desejo desvairado de atirar e acabar com tudo, ao mesmo tempo horrorizado por um ato que afrontava a sua natureza. A morte era certa. Seria o fim.

“Ah”, pensou ele, “que se levante, que se defenda... Do contrário, pior para ele... Mais um segundo... E atiro...”

Mas um ruído de passos o fez virar a cabeça, e ele avistou Ganimard que se aproximava na companhia dos inspetores.

Então, mudando de ideia, tomou impulso e saltou no barco cuja corda se arrebitou com o forte tranco, caiu sobre o homem e aplicou-lhe uma gravata. Rolaram os dois no fundo da embarcação.

– E depois? – exclamou Lupin, debatendo-se. – O que isso prova? Quando um de nós reduzir o outro à impotência, estaremos bem avançados! O senhor não saberá o que fazer comigo, nem eu com o senhor. Ficariamos aqui como dois imbecis...

Os dois remos deslizaram para a água. A balsa ficou à deriva. Exclamações se entrecruzavam ao longo da margem, e Lupin continuou:

– Mas que ideia, cavalheiro! Será que perdeu a noção das coisas...? Tais tolices na sua idade! E um menino crescido como o senhor! Ora, que coisa feia...!

Conseguiu se desvencilhar.

Exasperado, disposto a tudo, Herlock Sholmès colocou a mão no bolso. E rogou uma praga: Lupin havia pegado seu revólver.

Então, ele se lançou de joelhos e tentou pegar um dos remos, a fim de voltar à margem, enquanto Lupin insistia no outro, a fim de avançar para o leito do rio.

– Vai alcançar... Não vai alcançar... – dizia Lupin –, aliás, isso não tem importância alguma... Se o senhor alcançar seu remo, eu o impeço de usá-lo... E o senhor, idem. Mas é assim, na vida nos esforçamos para agir... Sem a menor razão, porque é sempre a sorte que decide... É isso, entendeu?, A sorte... E, bem, ela beneficia o seu velho Lupin... Vitória! A corrente me favorece!

O barco, de fato, começava a se distanciar.

– Cuidado! – gritou Lupin.

Alguém, na margem, apontava um revólver. Ele abaixou a cabeça, um disparo ressoou, um filete de água jorrou perto deles. Lupin teve um ataque de riso.

– Deus me defenda, é o nosso amigo Ganimard...! Mas é muito feio o que está fazendo aí, Ganimard. Só tem o direito de atirar no caso de legítima defesa... Este pobre Arsène o deixa assim tão feroz a ponto de se esquecer de todos os seus deveres...? Ora, e lá vem ele de novo...! Mas, seu infeliz, é meu querido mestre que você vai atingir.

Ele protegeu Sholmès com seu corpo e, de pé na balsa, encarou Ganimard.

– Pois bem! Agora estou tranquilo... Mire aqui, Ganimard, em pleno coração... Mais alto... À esquerda... Errou... Que desastrado... Mais um tiro...! Mas está tremendo, Ganimard... É você que tem o controle, não? E o sangue-frio...! Um, dois, três, fogo...! Errou! Meu Deus, será que o governo lhes dá brinquedos de criança no lugar de

pistolas?

Exibiu, então, um longo revólver, maciço e liso e, sem mirar, atirou. O inspetor levou a mão ao seu chapéu: uma bala o atravessara.

– O que me diz, Ganimard? Ah! Este aqui vem de uma boa fábrica. Saúdem-no, cavalheiros, é o revólver de meu nobre amigo, o mestre Herlock Sholmès!

E, com um movimento do braço, ele lançou a arma exatamente aos pés de Ganimard.

Sholmès não conseguia se abster de sorrir e de admirar. Que transbordamento de vida! Que felicidade jovial e espontânea! E como ele parecia se divertir! Podia-se dizer que a sensação do perigo causava nele uma alegria física e que a existência não tinha, para esse homem extraordinário, outro objetivo a não ser a busca por perigos que ele se divertia em expurgar.

De cada lado do rio, enquanto isso, pessoas se aglomeravam, e Ganimard e seus homens seguiam a embarcação que balançava ao largo, muito suavemente levada pela corrente. Era a captura inevitável, matemática.

– Confesse, mestre – exclamou Lupin, virando-se para o inglês –, que o senhor não cederia seu lugar nem por todo o ouro do Transvaal! É que o senhor está na primeira fileira da plateia! Mas, primeiramente e antes de mais nada, o prólogo... Após o qual saltaremos, de uma vez só, para o quinto ato, a captura ou a fuga de Arsène Lupin. Então, meu caro mestre, tenho uma pergunta para lhe fazer, e lhe suplico, de modo a não haver equívoco, para que me responda com um “sim” ou um “não”. Renuncie a se ocupar desse caso. Ainda há tempo, e posso reparar o mal que o senhor causou. Mais tarde, não poderei mais. Está combinado?

– Não.

O rosto de Lupin se contraiu. Essa obstinação o irritava visivelmente. Retomou:

– Insisto. Pelo senhor mais do que por mim mesmo, insisto, na certeza de que será o primeiro a se arrepender de sua intervenção. Uma última vez: sim ou não?

– Não.

Lupin se colocou de cócoras, retirou uma das tábuas do fundo e, durante alguns minutos, executou um trabalho cuja natureza Sholmès não conseguiu discernir. Depois, levantou-se, sentou-se perto do inglês e falou nos seguintes termos:

– Acredito, mestre, que viemos até a beira deste rio por motivos idênticos: pescar de volta o objeto do qual Bresson se desfez, certo? De minha parte, havia marcado com alguns camaradas e estava bem a ponto – minhas roupas sumárias o indicam – de fazer uma pequena exploração nas profundezas do Sena, quando meus amigos anunciaram sua aproximação. Confesso, aliás, que não fui surpreendido, sendo avisado, de hora em hora, ousou dizer, do progresso de sua busca. É tão fácil. Assim que acontecer, na rua Murillo, qualquer coisa capaz de me interessar, basta um telefonema, e sou avisado! O senhor compreende que, nessas condições...

Parou. A tábua que havia retirado se erguia, agora, e, ao redor, água entrava aos pequenos jorros.

– Diabos, não sei bem o que fiz, mas me parece que há um vazamento no fundo desta velha embarcação. Não está com medo, mestre?

Sholmès deu de ombros. Lupin continuou:

– O senhor compreende que, nessas condições, e sabendo de antemão que o senhor procuraria o combate ainda mais ardentemente se eu me esforçasse a evitá-lo, seria para mim mais agradável me envolver com o senhor em uma disputa cujo desfecho é certo, porque tenho todos os trunfos na mão. E eu quis dar ao nosso reencontro o máximo de visibilidade possível, a fim de que sua derrota fosse universalmente conhecida, e de que uma outra condessa de Crozon ou um outro barão d’Imblevalle não fossem tentados a solicitar seu socorro contra mim. Não veja aí, aliás, meu caro mestre...

Ele se interrompeu novamente e, servindo-se das mãos meio fechadas como uma luneta, observou as margens.

– Maldição! Eles fretaram uma soberba canoa, um verdadeiro navio de guerra, e ei-os remando feito. Em menos de cinco minutos, ocorrerá a abordagem, e estarei perdido. Sr. Sholmès, um conselho: o senhor se lança sobre mim, me amarra e me entrega à justiça de meu

país... Esse plano o agrada...? Desde que, daqui até lá, não tenhamos naufragado e, neste caso, só nos restaria preparar nosso testamento. O que me diz?

Seus olhares se cruzaram. Dessa vez, Sholmès compreendeu a manobra de Lupin: ele havia perfurado o fundo do barco. E a água subia.

Ela atingiu a sola de suas botas. Recobriu seus pés: eles não fizeram movimento algum.

A água passou de seus tornozelos: o inglês pegou sua bolsinha de fumo, enrolou um cigarro e o acendeu.

Lupin prosseguiu:

– E veja em tudo isso, meu caro mestre, apenas a humilde confissão de minha impotência diante do senhor. Inclinar-me perante o senhor implica aceitar as únicas batalhas em que a vitória me seja reservada, a fim de evitar aquelas cujo terreno não escolhi. É reconhecer que Sholmès é o único inimigo que temo, e proclamar minha inquietude enquanto Sholmès não for afastado do meu caminho. Eis, meu caro mestre, o que eu tinha para lhe dizer, dado que o destino me proporciona a honra de uma conversa com o senhor. Só lamento uma coisa: que essa conversa tenha ocorrido enquanto fazemos um escalda-pés...! Situação que carece de solenidade, confesso... Mas o que digo! Um escalda-pés...! Um banho de assento, na verdade!

A água chegava ao banco onde estavam sentados, e a balsa afundava cada vez mais.

Sholmès, imperturbável, o cigarro nos lábios, parecia absorto na contemplação do céu. Por nada no mundo, diante daquele homem cercado de perigos, rodeado pela multidão, rastreado pela matilha de agentes e que, mesmo assim, mantinha seu ótimo humor, por nada no mundo ele consentiria em revelar o mais leve sinal de agitação.

“O quê?!”, os dois pareciam dizer, “esquentar a cabeça por tais futilidades? Não acontece, todos os dias, que pessoas se afoguem em um rio? E são lá incidentes que merecem nossa atenção? E um tagarelava, e o outro devaneava, ambos escondendo sob uma mesma máscara de imprudência o choque formidável de seus orgulhos.

Um minuto a mais e eles afundariam.

– O essencial – pronunciou Lupin – é saber se afundaremos antes ou depois da chegada dos bastiões da justiça. O ponto reside nisso. Pois a questão do naufrágio já nem se discute. Mestre, esta é a hora solene do testamento. Eu lego toda a minha fortuna a Herlock Sholmès, cidadão inglês, desde que... mas, meu Deus, como eles avançam rápido, os bastiões da justiça! Ah, essa gente corajosa! Dá prazer vê-los. Que precisão na remada! Ora, mas é você, sargento Folenfant? A ideia do navio de guerra é excelente. Vou recomendá-lo a seus superiores, sargento Folenfant... É a medalha que deseja? Entendido... São favas contadas. E seu camarada Dieuzy, onde está? Na margem esquerda, não é, no meio de uma centena de indígenas...? De modo que, se eu escapar do naufrágio, serei recolhido à esquerda por Dieuzy e seus indígenas, ou à direita por Ganimard e a população de Neuilly. Incômodo dilema...

Houve um redemoinho. A embarcação virou sobre si mesma, e Sholmès precisou se agarrar ao anel dos remos.

– Mestre – disse Lupin –, eu lhe suplico que tire o paletó. Ficará mais confortável para nadar. Não? O senhor recusa? Então, visto o meu.

Ele colocou o paletó, abotoou-o hermeticamente como o de Sholmès e suspirou:

– Que homem rude o senhor é! E que pena ter se envolvido em um caso... No qual certamente dá a medida de suas habilidades, mas tão inutilmente! Palavra, o senhor desperdiça sua genialidade...

– Sr. Lupin – pronunciou Sholmès, enfim, saindo de seu mutismo –, o senhor fala demais e, frequentemente, peca pelo excesso de confiança e pela leviandade.

– A reprimenda é severa.

– Foi assim que, sem saber, o senhor me entregou, um instante atrás, a informação que eu procurava.

– Como! O senhor procurava por uma informação e não me disse!

– Não preciso de ninguém. Daqui a três horas darei a chave do enigma ao sr. e à sra. d'Imblevalle. Eis a única resposta...

Não concluiu sua frase. A balsa soçobrou de uma vez só, levando

os dois. Emergiu imediatamente depois, revirada, o casco para cima. Ouviram-se fortes gritos nas duas margens, depois um silêncio ansioso e, de repente, novas exclamações: um dos náufragos havia reaparecido.

Era Herlock Sholmès.

Excelente nadador, dirigiu-se com largas braçadas na direção da canoa de Folenfant.

– Força, sr. Sholmès! – gritou o sargento. – Estamos aqui... Não esmoreça... Cuidaremos dele depois... Nós o pegamos, vamos... Mais um pequeno esforço, sr. Sholmès... Pegue a corda...

O inglês agarrou uma corda que estendiam a ele. Mas, enquanto se içava a bordo, uma voz logo atrás o interpelou:

– A chave do enigma, meu caro mestre, oh, sim, o senhor a terá. Surpreende-me que o senhor ainda não a tivesse... E depois? De que servirá isso? É justamente nesse momento que a batalha estará perdida para o senhor...

Montado no casco que ele acabava de escalar enquanto discursava, agora confortavelmente instalado, Arsène Lupin continuava a falar com gestos solenes, como se esperasse convencer seu interlocutor:

– Entenda bem, meu caro mestre, não há nada a se fazer, absolutamente nada... O senhor se encontra na mais deplorável situação para um cavalheiro...

Folenfant o enquadrou.

– Renda-se, Lupin.

– O senhor é muito grosseiro, sargento Folenfant, interrompeu-me no meio de uma frase. Eu dizia...

– Renda-se, Lupin.

– Mas, diabos, sargento Folenfant, só nos rendemos quando estamos em perigo. Ora, não tem a pretensão de crer que eu corro o menor perigo, tem?

– Pela última vez, Lupin, intimo-o a se render.

– Sargento Folenfant, não tem intenção alguma de me matar; no máximo, tenciona me ferir, tamanho é o medo de que eu escape. E se, por acaso, a ferida fosse mortal? Ora, pense nos seus remorsos, infeliz!

Na sua velhice envenenada...!

O disparo soou.

Lupin vacilou, agarrou-se por um instante ao casco, depois o soltou e desapareceu.

Eram exatamente três horas quando esses incidentes ocorreram. E exatamente às seis horas, conforme prometera, Herlock Sholmès, vestindo uma calça curta demais e um paletó justo demais que havia pegado emprestado de um dono de hospedaria de Neuilly, usando uma boina e paramentado com uma camisa de flanela e um cordão de seda na cintura, entrou na alcova da rua Murillo, depois de mandar avisar o sr. e a sra. d'Imblevalle que lhes pedia uma entrevista.

Encontraram-no andando para cá e para lá. E ele lhes pareceu tão cômico em suas roupas bizarras que tiveram que reprimir um forte desejo de rir. O ar pensativo, as costas encurvadas, ele caminhava como um autômato, da janela à porta, e da porta à janela, dando todas as vezes o mesmo número de passos, e virando-se todas as vezes no mesmo sentido.

Parou, pegou um bibelô, examinou-o mecanicamente, depois continuou a caminhar. Por fim, plantando-se diante deles, perguntou:

– A senhorita está aqui?

– Sim, no jardim, com as crianças.

– Sr. barão, como a conversa que teremos será definitiva, eu gostaria que a srta. Demun a acompanhasse.

– Será, realmente...?

– Tenha um pouco de paciência, cavalheiro. A verdade sairá claramente dos fatos que vou expor diante dos senhores, com a maior precisão possível.

– Que seja. Suzanne, poderia...?

A sra. d'Imblevalle se levantou e voltou quase no mesmo instante, acompanhada por Alice Demun. A senhorita, um pouco mais pálida do que o costume, ficou de pé, apoiada contra uma mesa sem sequer perguntar o motivo de ter sido chamada.

Sholmès pareceu não vê-la e, virando-se bruscamente para o sr.

d'Imblevalle, falou em um tom que não admitia réplica:

– Depois de muitos dias de investigação, cavalheiro, e ainda que certos eventos tenham modificado por um instante a minha maneira de ver as coisas, eu repetiria ao senhor o que disse desde a primeira hora: a luminária judaica foi roubada por alguém que habita esta casa.

– O nome do culpado?

– Eu o conheço.

– As provas?

– As que tenho bastarão para confrontá-lo.

– Não basta que ele seja confrontado. Terá ainda que nos devolver...

– A luminária judaica? Está em minha posse.

– O colar de opalas? A caixa de rapé...?

– O colar de opalas, a caixa de rapé, enfim, tudo o que lhes foi roubado da segunda vez está em minha posse.

Sholmès amava esses relances teatrais e essa maneira um algo seca de anunciar suas vitórias.

De fato, o barão e sua esposa pareciam estupefatos, e o consideravam com uma curiosidade silenciosa que era o melhor dos elogios.

Ele retomou, então, nos mínimos detalhes, o relato do que havia feito durante aqueles três dias. Falou sobre a descoberta do álbum, escreveu em uma folha de papel a frase formada pelas letras recortadas, depois contou da expedição de Bresson à beira do Sena e do suicídio do aventureiro e, enfim, da luta que ele, Sholmès, acabava de travar contra Lupin, do naufrágio da balsa e do desaparecimento de Lupin.

Quando terminou, o barão disse em voz baixa:

– Só o que lhe resta é revelar a nós o nome do culpado. Quem, então, o senhor acusa?

– Acuso a pessoa que recortou as letras desse alfabeto e que se comunicou por meio dessas letras com Arsène Lupin.

– Como sabe que o correspondente dessa pessoa é Lupin?

– Pelo próprio Lupin.

Estendeu um pedaço de papel molhado e amassado. Era a página

que Lupin havia arrancado de sua caderneta, na balsa, e na qual escrevera a frase.

– Note – apontou Sholmès com satisfação – que nada o obrigava a me dar essa folha e, em consequência, a se desmascarar. Foi uma simples molecagem de sua parte, e que me esclareceu as coisas.

– Que lhe esclareceu... – disse o barão. – No entanto, não vejo nada...

Sholmès copiou a lápis as letras e os algarismos.

CDEHNOPRSEO-237

– E daí? – perguntou o sr. d’Imblevalle. – É a fórmula que o senhor mesmo acabou de nos mostrar.

– Não. Se o senhor tivesse virado e revirado essa fórmula em todos os sentidos, teria visto, no mesmo instante, como eu vi, que não é igual à primeira.

– No quê, então?

– Ela compreende duas letras a mais, um “E” e um “O”.

– De fato, eu não havia observado...

– Junte essas duas letras ao “C” e ao “H” que ficavam fora da palavra “responda” e vai constatar que a única palavra possível é “ECHO”.

– O que significa...?

– O que significa “Écho de France”, o jornal de Lupin, seu órgão oficial, aquele para o qual ele reserva seus “comunicados”. Responda ao “Écho de France, seção de correspondências, número 237”. Eis a chave do enigma que eu tanto procurava, e que Lupin me forneceu com tamanha boa vontade. Acabo de chegar dos escritórios do Écho de France.

– E encontrou?

– Encontrei toda a história detalhada das relações entre Arsène Lupin e... sua cúmplice.

E Sholmès espalhou sete jornais abertos na quarta página, das quais destacou estas sete linhas:

1º ARS. LUP. Mulher impl. proteç. 540.

2º Espera explicações. A.L.

3º A.L. Sob domin. inimiga. Perdida.

4º Escreva endereço. Farei investigação.

5º A.L. Murillo.

6º 540. Parque três horas. Violetas.

7º 237. Entendido sab. estarei dom. man. Parque.

– E o senhor chama isso uma história detalhada...! – exclamou o sr. d’Imblevalle.

– Meu Deus, sim, e apesar de prestar pouca atenção a ela, o senhor partilhará da minha opinião. De início, uma mulher que assina como 540 implora pela proteção de Arsène Lupin, ao que ele responde com um pedido de explicações. A mulher diz que está sob controle de um inimigo, de Bresson, sem dúvida alguma, e que está perdida se não vierem em seu auxílio. Lupin, que desconfia, que ainda não arrisca se comunicar com essa desconhecida, exige o endereço e propõe uma investigação. A mulher hesita por quatro dias – consulte as datas – e, por fim, sendo pressionada pelas ocorrências, influenciada pelas ameaças de Bresson, ela dá o nome de sua rua, Murillo. No dia seguinte, Arsène Lupin anuncia que estará no parque Monceau às três horas, e pede à sua desconhecida para levar um buquê de violetas como sinal de identificação. Aqui, há uma interrupção de oito dias na correspondência. Arsène Lupin e a mulher não precisam se comunicar pela via do jornal: eles se veem ou escrevem um para o outro diretamente. O plano é urdido para satisfazer as exigências de Bresson, a mulher roubará a luminária judaica. Resta combinar o dia. A mulher, que, por prudência, corresponde-se com o auxílio das palavras recortadas e coladas, decide pelo sábado e adiciona: “responda Écho 237”. Lupin responde que está combinado e que, além disso, estará no parque no domingo de manhã. No domingo de manhã, o roubo aconteceu.

– De fato, tudo se encaixa – aprovou o barão –, e a história está completa.

Sholmès prosseguiu:

– Então, o roubo aconteceu. A mulher sai no domingo de manhã, presta contas do que fez a Lupin e leva a Bresson a luminária judaica.

As coisas se passam, então, conforme Lupin havia previsto. A justiça, ludibriada por uma janela aberta, por quatro buracos na terra e por dois arranhões em uma sacada, admite imediatamente o roubo por arrombamento. A mulher fica tranquila.

– Que seja – fez o barão –, admito essa explicação bastante lógica. Mas o segundo roubo...

– O segundo roubo foi provocado pelo primeiro. Dado que os jornais relataram como a luminária judaica havia desaparecido, alguém teve a ideia de repetir a agressão e de se apossar daquilo que não havia sido levado. E, dessa vez não foi um roubo simulado, mas, sim, um roubo real, com arrombamento, escalada etc.

– Lupin, claro...

– Não, Lupin não age assim tão estupidamente. Lupin não atira nas pessoas por um motivo qualquer.

– Então, quem foi?

– Bresson, sem nenhuma dúvida, e à revelia da mulher que havia extorquido. Foi Bresson que entrou aqui, foi ele que persegui, foi ele que feriu meu pobre Wilson.

– Tem certeza disso?

– Absoluta. Um dos cúmplices de Bresson escreveu a ele ontem, antes de seu suicídio, uma carta que prova que tratativas foram entabuladas entre esse cúmplice e Lupin para a restituição de todos os objetos roubados de sua casa. Lupin exigia tudo, “tanto a primeira coisa (ou seja, a luminária judaica) quanto aquelas do segundo caso”. Além disso, ele vigiava Bresson. Quando este se rendeu ontem à noite na beira do Sena, um dos companheiros de Lupin o seguia ao mesmo tempo que nós.

– O que Bresson ia fazer na beira do Sena?

– Avisado dos progressos da minha investigação...

– Avisado por quem?

– Pela mesma mulher, aquela que temia, justificadamente, que a descoberta da luminária judaica não conduzisse à descoberta de sua aventura... então, Bresson, uma vez avisado, reúne em um só pacote aquilo capaz de comprometê-lo, e o lança em um local onde possa recuperá-lo quando o perigo passar. É na volta que, rastreado por

Ganimard e por mim, e tendo, sem dúvida, outros crimes na consciência, ele perde a cabeça e se mata.

– Mas o que continha o pacote?

– A luminária judaica e seus outros bibelôs.

– Então, não estão em sua posse?

– Imediatamente depois do desaparecimento de Lupin, aproveitei do banho que ele me forçou a tomar para ir até o local escolhido por Bresson, e encontrei, embrulhado em pano e lona encerada, aquilo que lhes foi roubado. Aqui está, sobre esta mesa.

Sem uma palavra, o barão cortou as cordas, rasgou de uma vez só os panos molhados, retirou deles a luminária, puxou um parafuso instalado sob o pé, forçou com as duas mãos o recipiente, desparafusou-o, abriu-o em duas partes iguais e descobriu a quimera de ouro, ornada de rubis e esmeraldas.

Estava intacta.

Havia em toda a cena, tão natural na aparência, e que consistia em uma simples exposição dos fatos, algo que a tornava terrivelmente trágica: era a acusação formal, direta, irrefutável que, a cada palavra, Sholmès lançava contra a senhorita. E também o impressionante silêncio de Alice Demun.

Durante essa longa, essa cruel acumulação de pequenas provas reunidas umas às outras, nem um músculo de seu rosto se movera, nem um lampejo de revolta ou de temor perturbara a serenidade de seu límpido olhar. O que pensava ela? E, sobretudo, o que iria dizer no momento solene em que tivesse que responder, em que tivesse que se defender e quebrar o círculo de ferro no qual Herlock Sholmès a aprisionava tão habilmente?

Esse momento havia chegado, e a jovem se calava.

– Fale! Fale, então! – exclamou o sr. d’Imblevalle.

Ela não falou.

Ele insistiu:

– Uma palavra a justificaria... uma palavra de revolta, e eu acreditarei na senhorita.

Essa palavra, ela não a pronunciou.

O barão atravessou ríspidamente o cômodo, voltou sobre seus

passos, recomeçou, depois, dirigindo-se a Sholmès:

– Bem, cavalheiro! Não posso admitir que isso seja verdade! Há crimes impossíveis! E este está em oposição a tudo o que sei, tudo o que vi ao longo de um ano.

Ele colocou a mão no ombro do inglês.

– Mas o senhor, cavalheiro, tem absoluta e definitiva certeza de não estar enganado?

Sholmès hesitou, como um homem atacado de surpresa e cuja resposta não é imediata. No entanto, sorriu e disse:

– Apenas a pessoa que acuso podia, pela situação dela em sua casa, saber que a luminária judaica continha essa magnífica joia.

– Não quero acreditar – murmurou o barão.

– Pergunte a ela.

Era, de fato, a única coisa que ele não havia tentado, na cega confiança que lhe inspirava a jovem. Contudo, não podia mais se furtar às evidências.

Aproximou-se dela e, olhando em seus olhos, perguntou:

– Foi a senhorita? Foi a senhorita que pegou a joia? Foi a senhorita que se correspondeu com Arsène Lupin e simulou o roubo?

Ela respondeu:

– Fui eu, cavalheiro.

Não abaixou a cabeça. Seu rosto não exprimiu nem vergonha nem embaraço.

– Será possível...! – murmurou o sr. d’Imblevalle. – Eu jamais imaginaria... a senhorita é a última pessoa de quem eu teria suspeitado... como fez isso, infeliz?

Ela disse:

– Fiz o que o sr. Sholmès relatou. Na noite do sábado para o domingo, desci para esta alcova, peguei a luminária e, pela manhã, levei-a... para aquele homem.

– Ora, não – objetou o barão –, o que afirma é inadmissível.

– Inadmissível! Mas por quê?

– Porque pela manhã eu encontrei a porta desta alcova fechada com ferrolho.

Ela ruborizou, perdeu o controle e olhou para Sholmès como se

lhe pedisse um conselho.

Mais do que pela objeção do barão, Sholmès pareceu chocado pelo embaraço de Alice Demun. Então, ela não tinha nada a responder? As confissões que consagravam a explicação que ele, Sholmès, havia fornecido sobre o roubo da luminária judaica mascaravam uma mentira que destruía imediatamente o exame dos fatos?

O barão prosseguiu:

– Esta porta estava fechada. Afirmo que encontrei o ferrolho como o havia colocado na noite anterior. Se a senhorita tivesse passado por ela, como afirma haver feito, teria sido necessário que alguém a recebesse do lado de dentro, isto é, da alcova ou do nosso quarto. Ora, não havia ninguém no interior desses dois cômodos... ninguém senão minha esposa e eu.

Sholmès curvou-se vivamente e cobriu o rosto com as mãos, a fim de mascarar o rubor. Algo como uma luz muito brusca o atingira, e ele se sentia atordoado, incomodado. Tudo se revelava a ele como uma paisagem obscura da qual a noite se afastava subitamente.

Alice Demun era inocente.

Alice Demun era inocente. Havia aí uma verdade óbvia, cega, que era, ao mesmo tempo, a explicação para a espécie de incômodo que ele experimentava desde o primeiro dia em que dirigiu contra a jovem aquela terrível acusação. Via tudo claro, agora. Sabia. Um gesto, e a prova irrefutável se ofereceria a ele no mesmo instante.

Levantou a cabeça e, após alguns segundos, tão naturalmente quanto foi capaz, voltou os olhos para a sra. d’Imblevalle.

Estava pálida, daquela palidez inopinada que nos invade nas horas implacáveis da vida. Suas mãos, que ela esforçava para esconder, tremiam imperceptivelmente.

“Um segundo a mais”, pensou Sholmès, “e ela se trai”.

Colocou-se entre ela e o marido, com o desejo imperioso de afastar o terrível perigo que, por sua culpa, ameaçava aquele homem e aquela mulher. Mas, ao ver o barão, arrepiou-se até o âmagô de seu ser. A mesma revelação súbita cuja claridade o havia atordoado iluminava agora o sr. d’Imblevalle. O mesmo raciocínio se operava no

cérebro do marido. Ele compreendia por sua vez! Ele via!

Desesperadamente, Alice Demun se voltou contra a verdade implacável.

– Tem razão, cavalheiro, eu me enganei... de fato, não entrei por aqui. Passei pelo vestibulo e pelo jardim, e foi com a ajuda de uma escada...

Esforço supremo da devoção... Mas esforço inútil! As palavras soavam falsas. A voz fraquejava, e a doce criatura não tinha mais os olhos límpidos e o amplo ar de sinceridade. Abaixou a cabeça, vencida.

O silêncio foi atroz. A sra. d’Imblevalle esperava, lívida, retesada pela angústia e pelo pavor. O barão parecia ainda se debater, como se não quisesse acreditar no colapso de sua felicidade.

Por fim, balbuciou:

– Fale! Explique-se....!

– Não tenho nada a lhe dizer, meu pobre amigo – disse ela bem baixinho, o rosto contorcido pela dor.

– Então... Senhorita...

– A senhorita me salvou... Por devoção... Por afeição... Ela se incriminou...

– Salvou do quê? De quem?

– Daquele homem.

– Bresson?

– Sim, era a mim que ele dirigia as ameaças... Eu o conheci na casa de uma amiga... E fiz a loucura de escutá-lo... Oh, nada que você não possa perdoar... Entretanto, escrevi duas cartas... As cartas que você verá... Eu as recuperei... Você sabe como. Oh! Tenha piedade de mim... Chorei tanto!

– Você! Você! Suzanne!

Ele ergueu sobre ela os punhos cerrados, pronto para atingi-la, pronto para matá-la. Mas seus braços tombaram, e ele murmurou novamente:

– Você, Suzanne... ! Você...! Será possível...!

Com pequenas frases entrecortadas, ela relatou a comovente e banal aventura, seu despertar aterrorizado diante da infâmia do

personagem, seus remorsos, seu pânico, e também falou da admirável conduta de Alice, a jovem que adivinhara o desespero de sua patroa, arrancara-lhe sua confissão, escrevera a Lupin e organizara aquela história de roubo para salvá-la das garras de Bresson.

– Você, Suzanne, você... – repetia o sr. d’Imblevalle, curvado, horrorizado. – Como pôde...?

Na noite desse mesmo dia, o vapor *Ville-de-Londres*, que faz a travessia entre Calais e Dover, deslizava lentamente sobre a água imóvel. A noite estava escura e calma. Nuvens serenas surgiam acima do barco e, ao redor, suaves véus de espuma o separavam do espaço infinito no qual se espalhava o fulgor da lua e das estrelas.

A maioria dos passageiros havia se recolhido nas cabines e nos salões. Alguns, entretanto, mais intrépidos, passeavam pelo convés ou ainda dormitavam no fundo de grandes cadeiras de balanço e embaixo de grossos cobertores. Viam-se, aqui e ali, brasas acesas de cigarros, e ouvia-se, misturado ao suave sopro da brisa, o murmúrio de vozes que não ousavam elevar-se no grande silêncio solene.

Um dos passageiros, que perambulava com passadas regulares ao longo da amurada, parou perto de uma pessoa estendida sobre um banco, examinou-a e, como essa pessoa se mexia um pouco, disse-lhe:

– Achei que estivesse dormindo, srta. Alice.

– Não, não, sr. Sholmès, não tenho sono. Estou refletindo.

– Sobre o quê? É indiscreto que lhe pergunte?

– Eu pensava sobre a sra. d’Imblevalle. Ela deve estar tão triste! Sua vida está perdida.

– Claro que não, claro que não – disse ele, vivamente. – Seu erro não é daqueles que não se perdoam. O sr. d’Imblevalle se esquecerá dessa falha. Já quando partimos ele a olhava menos duramente.

– Pode ser... Mas o esquecimento vai demorar... E ela está sofrendo.

– Gosta tanto dela?

– Muito. Foi isso que me deu tanta força para sorrir quando eu tremia de dor, para encarar o senhor quando eu queria fugir de seus

olhos.

– E está triste por tê-la deixado?

– Muito triste. Não tenho nem parentes nem amigos... Só tinha ela.

– Fará amigos – disse o inglês, a quem aquela tristeza comovia –, eu lhe prometo... Tenho relações... Muita influência... Asseguro-lhe que não se arrependerá de sua situação.

– Pode ser, mas a sra. d’Imblevalle não estará mais aqui...

Não trocaram mais nenhuma palavra. Herlock Sholmès deu outras duas ou três voltas no convés, depois veio se instalar perto de sua companheira de viagem.

A cortina de bruma se dissipava, e as nuvens pareciam se afastar do céu. Estrelas cintilaram.

Sholmès retirou seu cachimbo do fundo de sua capa, encheu-o e riscou sucessivamente quatro palitos de fósforo, sem conseguir acendê-los. Como não tinha outros, levantou-se e disse a um cavaleiro que se encontrava sentado a poucos passos:

– Teria fogo, por favor?

O cavaleiro abriu uma caixa de fósforos e riscou. Imediatamente uma chama se fez. À luz dela, Sholmès reconheceu Arsène Lupin.

Se o inglês não tivesse esboçado um ligeiro gesto, um imperceptível gesto de recuo, Lupin teria suposto que sua presença a bordo era conhecida de Sholmès, de tão senhor de si que este permaneceu e de tão natural foi a tranquilidade com a qual estendeu a mão a seu adversário.

– Sempre em boa forma, sr. Lupin?

– Bravo! – exclamou Lupin, deixando escapar um grito de admiração diante de tal autocontrole.

– Bravo...? Mas por quê?

– Como, por quê? O senhor me vê reaparecer à sua frente, como um fantasma, depois de ter assistido ao meu naufrágio no Sena e, por orgulho, por um milagre do orgulho que classificarei como totalmente britânico, o senhor não deixa escapar um movimento de estupor, uma palavra de surpresa! Ora, repito, bravo, é admirável!

– Não é admirável. Pela maneira como caiu da balsa, vi muito

bem que caiu voluntariamente e que não havia sido atingido pela bala do sargento.

– E se foi sem saber o que aconteceu comigo?

– O que aconteceu com o senhor? Eu sabia. Quinhentas pessoas estavam nas duas margens, em um espaço de um quilômetro. A partir do momento em que escapou da morte, sua captura era certa.

– No entanto, aqui estou.

– Sr. Lupin, há dois homens no mundo de quem nada pode me surpreender: primeiro eu e o senhor a seguir.

A paz estava selada.

Se Sholmès não havia obtido êxito em suas jornadas contra Arsène Lupin, se Lupin continuava o inimigo excepcional que ele definitivamente devia renunciar a capturar, se no decurso dos acontecimentos ele conservava sempre a superioridade, nem por isso o inglês deixara por menos, tendo, graças à sua tenacidade formidável, recuperado a luminária judaica, assim como reencontrado o diamante azul. Talvez dessa vez o resultado fosse menos brilhante, sobretudo do ponto de vista do público, pois Sholmès foi obrigado a abafar as circunstâncias nas quais a luminária judaica havia sido descoberta e a proclamar que desconhecia o nome do culpado. Mas, de homem para homem, de Lupin para Sholmès, de policial para ladrão, não havia, com toda a justiça, nem vencedor nem vencido. Cada um deles podia reivindicar triunfos iguais.

Conversaram, então, como adversários corteses que depuseram suas armas e que se estimam por seus respectivos valores.

A pedido de Sholmès, Lupin contou sua fuga:

– Se é que podemos chamar aquilo de fuga. Foi tão simples! Meus amigos esperavam, pois havíamos marcado um encontro para pescar de volta a luminária judaica. Assim, depois de ficar por uma boa meia hora sob o casco virado da balsa, aproveitei um instante em que Folenfant e seus homens procuravam por meu cadáver ao longo das margens, e subi de volta no casco revirado. Meus amigos só precisaram me recolher de passagem em sua lancha e fugir diante dos olhos perplexos de quinhentos curiosos, de Ganimard e de Folenfant.

– Que beleza...! – exclamou Sholmès. – Sucesso total...! E agora

tem negócios na Inglaterra?

– Sim, alguns acertos de contas... Mas eu me esquecia... E o sr. d’Imblevalle?

– Sabe de tudo.

– Ah! Meu caro mestre, o que eu lhe disse? Agora o mal é irreparável. Não teria sido melhor me deixar agir do meu jeito? Mais um dia ou dois, e eu recuperaria de Bresson a luminária judaica e os bibelôs e os reenviaria aos d’Imblevalle, e essas duas boas criaturas poderiam viver tranquilamente uma ao lado da outra. Em vez disso...

– Em vez disso – caçoou Sholmès –, embaralhei as cartas e levei a discórdia ao seio de uma família que o senhor protegia.

– Meu Deus, sim, que eu protegia! Será sempre indispensável roubar, enganar e fazer o mal?

– Então, o senhor também faz o bem?

– Quando tenho tempo. E também isso me diverte. Acho extremamente engraçado que, na aventura da qual nos ocupamos, eu seja o gênio bom, que socorre e salva, e o senhor, o gênio mau, que traz o desespero e as lágrimas.

– As lágrimas! As lágrimas! – protestou o inglês.

– Claro! O casal d’Imblevalle foi demolido, e Alice Demun chora.

– Ela não podia mais ficar... Ganimard a teria finalmente surpreendido... E por ela, seria possível chegar à sra. d’Imblevalle.

– Estou totalmente de acordo, mestre, mas de quem é a culpa?

Dois homens passaram na frente deles. Sholmès disse a Lupin, com uma voz cujo timbre parecia ligeiramente alterado:

– Sabe quem são esses *gentlemen*?

– Creio que reconheço o comandante do barco.

– E o outro?

– Ignoro.

– É o sr. Austin Gilett. E o sr. Austin Gilett ocupa, na Inglaterra, uma posição que corresponde àquela do sr. Dudouis, seu chefe da Sûreté.

– Ah, que sorte! Faria a gentileza de me apresentar? O sr. Dudouis é um dos meus bons amigos, e ficarei feliz por poder dizer o mesmo do sr. Austin Gilett.

Os dois *gentlemen* reapareceram.

– E se eu o levasse ao pé da letra, sr. Lupin? – disse Sholmès, levantando-se. Havia agarrado o pulso de Arsène Lupin e o apertava com uma mão de ferro.

– Por que apertar tão forte, mestre? Estou pronto para segui-lo.

Deixava-se, de fato, levar sem a menor resistência. Os dois *gentlemen* se afastavam.

Sholmès apertou o passo. Suas unhas penetravam na carne de Lupin.

– Vamos... Vamos... – proferia ele surdamente, com uma espécie de urgência febril para resolver tudo o mais rápido possível. – Vamos! Mais rápido.

Mas estacou: Alice Demun os seguira.

– O que faz, senhorita? É inútil... Não venha!

Foi Lupin que respondeu:

– Peço-lhe que note, mestre, que a senhorita não vem por sua própria vontade. Aperto o pulso dela com uma energia semelhante à qual o senhor aplica em mim.

– E por quê?

– Como! Mas preciso absolutamente apresentá-la, também. Seu papel na história da luminária judaica é ainda mais importante do que o meu. Cúmplice de Arsène Lupin, cúmplice de Bresson, ela deverá, da mesma forma, contar a aventura da baronesa d’Imbleville, que vai interessar prodigiosamente à justiça... E o senhor terá a sorte de levar sua bem-intencionada intervenção até os últimos limites, generoso Sholmès.

O inglês havia soltado o pulso de seu prisioneiro. Lupin liberou a senhorita.

Ficaram imóveis por alguns instantes, uns diante dos outros. Depois, Sholmès voltou a seu banco e se sentou. Lupin e a jovem retomaram seus lugares.

Um longo silêncio se interpôs. E Lupin disse:

– Veja, mestre, não importa o que façamos, jamais estaremos do mesmo lado. O senhor está de um lado do fosso, e eu, de outro. Podemos nos cumprimentar, apertar as mãos, conversar por um

momento, mas o fosso está sempre aqui. O senhor sempre será Herlock Sholmès, detetive, e eu, Arsène Lupin, ladrão. E sempre Herlock Sholmès obedecerá, mais ou menos espontaneamente, com maior ou menor destreza, a seu instinto de detetive, que é o de perseguir o ladrão e de “enjaulá-lo”, se possível. E sempre Arsène Lupin será condizente com sua alma de ladrão, evitando os punhos do detetive e caçoando dele, se a ocasião permitir. E desta vez, a ocasião permitiu! Ha-ha-ha!

Desatou a rir, uma risada zombeteira, cruel e detestável... Depois, subitamente sério, inclinou-se na direção da jovem.

– Esteja certa, senhorita, que, mesmo reduzido à última extremidade, eu não a teria traído. Arsène Lupin não trai jamais, sobretudo, quem ele ama e admira. E permita-me dizer que amo e admiro a valente e querida criatura que é.

Tirou de sua carteira um cartão de visita, rasgou-o em dois, estendeu uma metade à jovem e, com a mesma voz comovida e respeitosa, disse:

– Se o sr. Sholmès não triunfar em sua iniciativa, senhorita, apresente-se na residência de lady Strongborough – encontrará facilmente seu domicílio atual – e entregue a ela a metade deste cartão, dirigindo-lhe estas duas palavras: “lembrança fiel”. Lady Strongborough lhe será devotada como uma irmã.

– Obrigada – disse a jovem –, irei amanhã mesmo à casa dessa senhora.

– E agora, mestre – exclamou Lupin com o tom satisfeito de um cavalheiro que cumpriu seu dever –, eu lhe desejo boa noite. Temos ainda uma hora de travessia. Vou aproveitá-la.

Estendeu-se e cruzou as mãos atrás da cabeça.

O céu se abriu diante da lua. Ao redor das estrelas e na superfície do mar, sua claridade radiante florescia. Ela flutuava na água, e a imensidão, na qual se dissolviam as últimas nuvens, parecia lhe pertencer.

O desenho da margem se destacou no horizonte escurecido. Passageiros reapareceram. O convés se encheu de gente. O sr. Austin Gilett passou na companhia de dois indivíduos que Sholmès

reconheceu como agentes da polícia inglesa.

Em seu banco, Lupin dormia...

MAURICE
LEBLANC

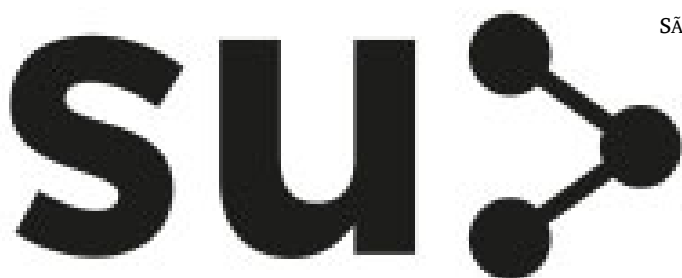
Arsène Lupin

o ladrão de casaca

↵ns



O padrão
de casa



SÃO PAULO, 2021

JULES CLARETTE

Prefácio

DÉBORA ISIDORO

Tradução

**MAURICE
LEBLANC**

Arsène Lupin: o ladrão de casaca

Arsène Lupin, Gentleman Cambrioleur by Maurice Leblanc

Copyright © 2021 by Novo Século Editora Ltda.

EDITOR: Luiz Vasconcelos

COORDENAÇÃO EDITORIAL E DIAGRAMAÇÃO: Nair Ferraz

TRADUÇÃO: Débora Isidoro

PREPARAÇÃO: Ariadne Silva

REVISÃO: Marcela Monteiro

ILUSTRAÇÃO DE CAPA.: Kash Fire

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK: Loope Editora | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Leblanc, Maurice, 1864-1941

Arsène Lupin: o ladrão de casaca / Maurice Leblanc; tradução de Débora Isidoro – Barueri, SP: Novo Século Editora, 2021.

Título original: *Arsène Lupin, Gentleman Cambrioleur*

ISBN: 978-65-5561-251-6

1. Ficção francesa I. Título. II. Isidoro, Débora

21-1723 CDD 843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção francesa



Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107

www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Gentleman – Cambrioleur
(O ladrão de casaca)

Nota do transcritor: *Arsène Lupin: Gentleman-Cambrioleur* é o primeiro livro da série “Extraordinárias Aventuras de Arsène Lupin”, de Maurice Leblanc. Este e-book é baseado na edição de 1907 publicada em Paris por Pierre Lafitte & Cie. Foi criado a partir de textos e digitalizações generosamente disponibilizados por Wikisource, Google Books e Internet Archive.

A Pierre Lafitte.

MEU CARO AMIGO:

Você me direcionou para um caminho pelo qual jamais pensei em me aventurar e no qual encontrei tanto prazer e tanta satisfação literária que me pareceu justo citar seu nome no início deste primeiro volume e afirmar aqui meus sentimentos de afeto e fiel gratidão.

M. L.

PREFÁCIO

– Contem-nos uma história de ladrões, vocês que tão bem as contam...

– Que seja – disse Voltaire (ou outro filósofo do século XVIII, porque a anedota é atribuída a vários desses incomparáveis locutores).

E ele começou:

– Era uma vez um coletor de impostos...

O autor de *As aventuras d'Arsène Lupin*, que sabe contar histórias tão bem, teria começado de outra maneira:

– Era uma vez um ladrão de casaca...

E esse começo paradoxal teria espantado os ouvintes. As aventuras de Arsène Lupin, tão incríveis e cativantes quanto as de Arthur Gordon Pym, fizeram melhor. Não despertaram o interesse apenas de um salão, mas cativaram multidões. Desde o dia em que esse personagem surpreendente fez sua aparição na *Je Sais Tout*, ele assustou, encantou e divertiu centenas de milhares de leitores e, no novo formato de livro, vai entrar de maneira triunfante na biblioteca, depois de ter conquistado a revista.

Essas histórias de detetives e malfeitores da alta sociedade ou da rua exercem, até hoje, uma singular e poderosa atração. Balzac, ao se despedir de madame de Mortsauf, trouxe a dramática existência de um detetive de polícia. Victor Hugo criou Javert, que perseguia Jean Valjean enquanto o outro “inspetor” perseguia Vautrin. E ambos pensavam em Vidocq, aquele estranho lobo que se transformara em cão de guarda, cujos segredos o poeta dos *Miseráveis* e o romancista de Rubempré conseguiram colher. Mais tarde, e em menor medida, sr. Lecoq despertou a curiosidade dos entusiastas do romance judiciário, e sr. Bismarck e sr. Beust, esses dois oponentes, um feroz, o outro espiritual, encontraram antes e depois da batalha de Sadowa o que menos os opunha: as histórias de Gaboriau.

Assim acontece ao escritor que encontra em seu caminho alguém

a partir de quem cria um personagem que, por sua vez, faz a fortuna literária de seu inventor. Feliz daquele que cria do nada um ser que logo parecerá tão vivo quanto os vivos: Delobelle ou Priola! O romancista inglês Conan Doyle popularizou Sherlock Holmes. M. Maurice Leblanc encontrou seu Sherlock Holmes, e acredito que, desde as façanhas do famoso detetive inglês, nenhuma aventura no mundo despertou tanta curiosidade quanto as façanhas desse Arsène Lupin, essa sucessão de histórias que agora se tornou um livro.

O sucesso das histórias de M. Leblanc tem sido, pode-se dizer, avassalador na avaliação mensal onde o leitor, que antes se contentava com as intrigas comuns do romance em série, buscará (significativa evolução) uma literatura que o divirta, mas que ainda seja, no entanto, literatura.

O autor fez sua estreia há doze anos, se não me engano, no antigo Gil Blas, onde seus contos originais, sóbrios e poderosos, o colocaram imediatamente na categoria dos melhores contadores de histórias.

Nascido em Rouen, Normandia, o autor era obviamente da boa linhagem de Flauberts, Maupassants, Albert Sorels (que também era um romancista nas horas vagas). Seu primeiro romance, *Une Femme*, chamou muita atenção, e, desde então, vários estudos psicológicos, como *l'OEuvre de Mort*, uma peça em três atos, aplaudida no Antoine e la Pitié, se juntaram a esses pequenos romances de duzentas linhas nos quais o sr. Maurice Leblanc se destaca.

É preciso ter um dom especial de imaginação para encontrar esses dramas em contos, romances rápidos que guardam a própria substância de volumes inteiros, como vinhetas magistras contêm quadros inteiros. Essas raras qualidades de um criador estavam fadadas a encontrar um quadro maior um dia, e o autor de *Un Femme* logo concentraria nisso, depois de se dispersar em tantas histórias originais.

É aí que ele conhece o delicioso e inesperado Arsène Lupin.

Conhecemos a história desse bandido do século XVIII que roubava as pessoas com os punhos, como Buffon escreveu em sua *Histoire Naturelle*. Arsène Lupin é um sobrinho daquele canalha que amedrontava e, às vezes, sorria para os amedrontados e seduzidos

marquises.

– Você pode comparar – me disse o sr. Marcel L’Heureux ao trazer as provas do trabalho de seu colega e os números que ilustravam as façanhas de Arsène Lupin –, você pode comparar Sherlock Holmes a Lupin e Maurice Leblanc a Conan Doyle. É certo que esses dois escritores têm seus pontos em comum. Mesmo poder de contar a história, mesma habilidade de criar a intriga, mesmo conhecimento do mistério, mesma sequência rigorosa de fatos, mesma sobriedade de meios. Mas que superioridade na escolha dos temas, na qualidade da dramatização! E observe este diferencial: com Sherlock Holmes, cada vez nos deparamos com um novo roubo e um novo crime; aqui, sabemos de antemão que Arsène Lupin é o culpado; sabemos que, quando desvendarmos as emaranhadas tramas da história, estaremos frente a frente com o famoso ladrão de casaca! Havia um obstáculo aqui, é claro. Evitava-se, era até impossível evitar com mais habilidade do que fez Maurice Leblanc. Utilizando processos que os mais informados não distinguem, ele mantém o leitor em suspense até o desfecho de cada aventura. Até a última linha permanecemos com a incerteza, a curiosidade, a angústia, e a reviravolta é sempre inesperada, avassaladora e perturbadora. Na verdade, Arsène Lupin é um modelo, um modelo já lendário e que permanecerá. Uma figura viva, jovem, cheia de alegria, o inesperado, a ironia. Ladrão, vigarista e trapaceiro, o que você quiser, mas que simpático esse bandido! Ele age com uma naturalidade tão bonita! Quanta ironia, quanto charme e quanta inteligência! Ele é uma diletante. É um artista! Observe bem: Arsène Lupin não rouba; ele tem prazer em roubar. Ele escolhe. Se necessário, ele devolve. Ele é nobre e charmoso, cavalheiresco, delicado e, repito, tão simpático, que tudo o que ele faz parece certo, e é alguém que se encontra, apesar de si mesmo, esperando o sucesso de seus empreendimentos, que se alegra, e que parece ter a seu lado a própria moralidade. Tudo isso, repito, porque Lupin é criação de um artista, e porque ao compor um livro em que deu rédea solta à sua imaginação, Maurice Leblanc não se esqueceu de que era antes de tudo, e no sentido pleno do termo, um escritor!

Assim falou M. Marcel L’Heureux, tão bom juiz do assunto, e que

conhece o valor de um romance por ter escrito alguns tão notáveis. E aqui estou eu concordando com ele depois de ter lido essas páginas ironicamente divertidas, nada amorais, apesar do paradoxo que tanto seduz o cavalheiro que rouba seus contemporâneos. Certamente eu não daria um prêmio Montyon a este Lupin tão atraente. Mas teríamos coroado Fra Diavolo por sua virtude, a qual que encantou nossas avós na Opéra-Comique, em uma época distante em que os símbolos de *Ariane et Barbe Bleu* não haviam sido inventados?

E eis que ele se apresenta

A pena vermelha em seu chapéu...

Arsène Lupin é um Fra Diavolo armado não com um bacamarte, mas com um revólver, vestido não com uma jaqueta de veludo romântica, mas com um smoking de corte perfeito, e desejo sucesso mais que centenário ao irresistível salteador que M. Auber fez cantar.

Mas o quê! Não há nada a desejar a Arsène Lupin. Ele entrou vivo na popularidade. E a moda que a revista tão bem começou, o livro vai continuar.

Jules Claretie

A PRISÃO DE ARSÈNE LUPIN

Que estranha viagem! E tinha começado tão bem! De minha parte, nunca fiz outra que se anunciasse sob auspícios mais felizes. O *Provence* é um transatlântico rápido e confortável, comandado pelo mais simpático dos homens. A mais seleta sociedade se encontrava ali reunida. Relacionamentos se formavam, eventos eram planejados. Tínhamos aquela incrível impressão de estarmos isolados do mundo, limitados a nós mesmos como que em uma ilha desconhecida, obrigados, portanto, a nos aproximarmos.

E estávamos nos aproximando...

Já pensou, alguma vez, no que há de original e imprevisto num grupo de seres que, na véspera, não se conheciam e que, por alguns dias, entre o céu infinito e o mar imenso, viverá a vida mais íntima, desafiando juntos a ira do oceano, o ataque terrível das ondas, a maldade das tempestades e a calmaria da água adormecida?

No fundo, é a própria vida vivida numa espécie de atalho trágico, com suas tempestades e sua grandeza, sua monotonia e sua diversidade, e por isso, talvez, se saboreie a experiência com pressa febril e seja ainda mais intenso esse curto percurso cujo fim se pode ver assim que começa.

Mas, há vários anos, algo contribui de forma singular para as emoções da travessia. A pequena ilha flutuante ainda está ligada a esse mundo do qual pensávamos estar livres. Resta um elo que vai se desfazendo aos poucos no meio do oceano e, aos poucos, no meio do oceano, se restabelece. O telégrafo sem fio! Uma chamada de outro universo, cujas notícias recebemos da forma mais misteriosa possível! A imaginação não tem mais o recurso de vislumbrar fios pelos quais a mensagem invisível desliza. O mistério é ainda mais impenetrável, mais poético também, e para explicar este novo milagre, temos que recorrer às asas do vento.

Assim, nas primeiras horas, sentimos que somos seguidos,

escutados, até precedidos por aquela voz distante que, de vez em quando, sussurrava algumas palavras a um dos presentes. Dois amigos falaram comigo. Outros dez ou vinte enviaram através do espaço suas tristes ou alegres despedidas a todos nós.

Porém, no segundo dia, a oitocentos quilômetros da costa francesa, em uma tarde tempestuosa, chegou pelo telégrafo sem fio a seguinte mensagem:

“Arsène Lupin a bordo, primeira classe, cabelos loiros, ferimento no antebraço direito, viajando sozinho com o sobrenome de R...”

Naquele exato momento, o estrondo violento de um trovão desceu do céu escuro. As ondas elétricas foram interrompidas. Não recebemos o restante da mensagem. Conhecíamos apenas a inicial do sobrenome sob o qual Arsène Lupin se escondia.

Se mais notícias houvessem chegado, não duvido de que o segredo teria sido guardado cuidadosamente pelos funcionários responsáveis pelo telégrafo, pelo comissário do navio e pelo capitão. Esse era um daqueles eventos que parecem exigir a mais rigorosa discrição. No mesmo dia, sem que alguém tivesse ideia de como o assunto fora divulgado, todos sabíamos que o famoso Arsène Lupin se escondia entre nós.

Arsène Lupin entre nós! O ladrão ardiloso cujas façanhas eram contadas há meses em todos os jornais! O personagem enigmático com quem o velho Ganimard, nosso melhor policial, havia se envolvido num duelo de morte, cujas aventuras se desenrolavam de forma tão pitoresca! Arsène Lupin, o excêntrico cavalheiro que só age em castelos e salões, e que, uma noite, depois de entrar na residência do barão Schormann, saiu de mãos vazias e deixou seu cartão, onde escreveu a mensagem: “Arsène Lupin, o ladrão de casaca, voltará quando os móveis forem autênticos”. Arsène Lupin, o homem de mil disfarces: já foi motorista, tenor, bookmaker, herdeiro de boa família, adolescente, velho, vendedor de Marselha, médico russo, toureiro espanhol!

De uma coisa sabíamos: Arsène Lupin circulava no cenário relativamente restrito de um transatlântico... o que estou dizendo!

Naquele cantinho onde nos encontrávamos a todo o momento, na sala de jantar, na sala de estar, na sala dos fumantes! Arsène Lupin talvez fosse aquele cavalheiro... ou aquele... meu vizinho da mesa... meu companheiro de cabine...

– E isso vai durar mais cinco dias inteiros! – gritou Miss Nelly Underdown no dia seguinte. – É insuportável! Espero que possamos detê-lo. – E falando comigo: – Diga, sr. d'Andrézy, já que tem um bom relacionamento com o comandante, não sabe de nada?

Gostaria de saber alguma coisa para agradar a srta. Nelly! Ela era uma dessas criaturas magníficas que, onde quer que estejam, ocupam imediatamente o lugar de maior destaque. Sua beleza é tão deslumbrante quanto sua fortuna: têm uma corte, devotos, entusiastas.

Criada em Paris pela mãe francesa, ela ia encontrar o pai, o rico Underdown de Chicago. Uma de suas amigas, Lady Jerland, a acompanhava.

Desde a primeira hora, tentei flertar com ela. Mas, na rápida intimidade da viagem, seu charme imediatamente me perturbou, e me senti um pouco emocionado demais para flertar quando seus grandes olhos negros encontraram os meus. No entanto, ela recebia minha atenção com algum interesse. Ria de minhas piadas e se interessava por minhas anedotas. Uma vaga simpatia parecia responder à minha ansiedade por ela.

Apenas um rival me preocupava, um rapaz muito bonito, elegante, reservado, cujo humor taciturno ela às vezes parecia preferir aos meus modos mais “extrovertidos demais” para o normal de Paris.

Ele fazia parte do grupo de admiradores que cercava a srta. Nelly quando ela me interrogou. Estávamos no convés, sentados em cadeiras de balanço. A tempestade do dia anterior havia clareado o céu. Era um momento delicioso do dia.

– Não sei nada específico, mademoiselle – respondi –, mas é impossível conduzirmos nos meses uma investigação com a mesma eficiência que teria o velho Ganimard, inimigo pessoal de Arsène Lupin?

– Ora! Isso seria ir longe demais!

– Por quê? O problema é tão complicado assim?

- Muito complicado.
- Diz isso, porque esquece os elementos que temos à disposição.
- Que elementos?
- Primeiro, Lupin se autodenomina senhor R...
- Muito vago.
- Segundo, ele viaja sozinho.
- Se acha que esse recurso é suficiente!
- Terceiro, ele é loiro.
- E daí?
- Com esses dados, só precisamos consultar a lista de passageiros e decidir por eliminação.

Eu tinha essa lista no bolso. Peguei o papel e fui deslizando o dedo por ele.

– A primeira coisa que noto é que há apenas treze pessoas cujo sobrenome começa com essa inicial.

– Só treze?

– Na primeira classe, sim. Desses treze senhores R., como se pode ver, nove viajam acompanhados por mulheres, crianças ou criados. Restam quatro personagens solitários: o Marquês de Raverdan...

– Secretário da Embaixada – interrompeu a srta. Nelly. – Eu o conheço.

– Major Rawson...

– É meu tio – alguém disse.

– Sr. Rivolta...

– Aqui – gritou alguém do grupo, um italiano cujo rosto desaparecia sob uma barba negra.

A srta. Nelly começou a rir.

– O senhor não é exatamente loiro.

– Portanto – continuei –, somos levados a concluir que o culpado é o último da lista.

– A quem se refere?

– Refiro-me ao sr. Rozaine. Alguém conhece o sr. Rozaine?

Ficamos em silêncio. Mas a srta. Nelly chamou o jovem taciturno, de quem sua proximidade me atormentava, e disse:

– Então, sr. Rozaine, não vai responder?

Olhamos para ele. Ele era loiro.

Admito, fiquei um pouco chocado. E o silêncio constrangedor que pesava sobre nós me dizia que os outros presentes também sofriam esse tipo de reação. Além do mais, era absurdo, porque nada no comportamento desse cavalheiro justificava que suspeitássemos dele.

– Por que não respondo? – disse ele. – Ora, porque em vista do meu nome, da minha condição de viajante solteiro e da cor do meu cabelo, me fiz a mesma pergunta e cheguei ao mesmo resultado. Portanto, digo que devem me prender.

Ele assumiu uma expressão estranha ao dizer essas palavras. Seus lábios, finos como dois traços inflexíveis, se comprimiram e perderam a cor. Veias vermelhas surgiram nos olhos.

Certamente estava brincando. No entanto, sua fisionomia e a atitude nos impressionaram. A srta. Nelly perguntou ingênua:

– Mas e o ferimento?

– É verdade – disse ele –, falta o ferimento.

Nervoso, ele ergueu a manga e exibiu o braço. Mas imediatamente uma ideia me ocorreu. Olhei para a srta. Nelly: ele havia mostrado o braço esquerdo.

E, por Deus, eu ia anunciar essa observação, quando um incidente desviou nossa atenção. Lady Jerland, amiga da srta. Nelly, se aproximou correndo.

Ela estava nervosa. As pessoas se aglomeraram ao seu redor, e só depois de muito esforço ela conseguiu gaguejar:

– Minhas joias, minhas pérolas! Levaram tudo!

Não, não tinham levado tudo, como soubemos depois. Algo muito mais curioso aconteceu: tinham escolhido!

Removeram da estrela de diamante, do pingente de cabochão de rubi, dos colares e pulseiras não as pedras maiores, mas as melhores, as mais preciosas, aquelas que tinham mais valor e ocupavam menos espaço. As peças sem as pedras ficaram em cima da mesa. Eu as vi, todos nós as vimos, despojadas de suas pedras preciosas como flores cujas belas pétalas brilhantes e coloridas haviam sido arrancadas.

E para realizar esse trabalho, foi necessário, enquanto Lady Jerland estava tomando chá, foi necessário, em plena luz do dia e em

um corredor movimentado, arrombar a porta da cabine, encontrar uma pequena bolsa escondida propositalmente no fundo de uma caixa de chapéu, abri-la e escolher o que levar!

Havia apenas uma opinião entre nós. Só uma opinião entre todos os passageiros quando o roubo se tornou conhecido: fora Arsène Lupin. E de fato, tudo fora feito do seu jeito complicado, misterioso, inconcebível... e lógico, porém, porque se era difícil esconder o volume incômodo que teria resultado de todas as joias, menor seria a dificuldade com as pedras pequenas, as pérolas, esmeraldas e safiras.

E no jantar, isto aconteceu: à direita e à esquerda de Rozaine, as duas cadeiras permaneceram vazias. E à noite, soubemos que ele havia sido convocado pelo comandante.

Sua detenção, que ninguém questionou, foi um verdadeiro alívio. Finalmente estávamos respirando. Naquela noite, fizemos joguinhos. Dançamos. A srta. Nelly, principalmente, exibia uma alegria vertiginosa que me fez ver que, se a atenção de Rozaine era aceitável no início, agora, mal se lembrava dela. Sua graça me conquistou. Por volta da meia-noite, à serena luz da lua, declarei a ela minha devoção com uma emoção que não pareceu incomodá-la.

Mas no dia seguinte, para espanto de todos, soubemos que as acusações não eram suficientes, e Rozaine estava livre.

Filho de um importante comerciante de Bordeaux, ele mostrou documentos perfeitamente válidos. Além disso, não havia em seus braços nenhum ferimento.

– Documentos! Certidão de nascimento! – protestaram os acusadores de Rozaine. – Arsène Lupin mostrará quantos você quiser! E quanto ao ferimento, ou nunca existiu... ou ele apagou as marcas!

Argumentaram que, na hora do roubo, Rozaine passeava no convés, o que foi comprovado. A que os acusadores responderam:

– Um homem do calibre de Arsène Lupin precisa estar presente ao roubo que comete?

E mais, além de qualquer consideração, havia um ponto que a maioria dos céticos não conseguia explicar: quem, exceto Rozaine, viajava sozinho, era loiro e tinha um sobrenome começando com R? Quem a mensagem de telégrafo descrevia, senão Rozaine?

E quando, alguns minutos antes do almoço, Rozaine se aproximou, corajoso, do nosso grupo, a srta. Nelly e Lady Jerland se levantaram e foram embora.

Na verdade, estavam com medo.

Uma hora depois, uma circular manuscrita passou de mão em mão entre os funcionários, marinheiros e passageiros de todas as classes do navio: Sr. Louis Rozaine prometia uma soma de dez mil francos a quem desmascarasse Arsène Lupin ou encontrasse o autor do roubo das pedras no navio.

– E se ninguém vier em meu socorro contra esse bandido – declarou Rozaine ao comandante –, eu mesmo resolverei o assunto com ele.

Rozaine contra Arsène Lupin, ou melhor, para repetir a expressão que foi usada, o próprio Arsène Lupin contra Arsène Lupin, a luta despertava interesse!

Durou dois dias. Rozaine foi visto vagando de um lado para o outro, circulando entre a tripulação, interrogando, investigando. À noite, víamos sua sombra à espreita.

De sua parte, o comandante se desdobrava em energia e atividade. De cima a baixo, em cada canto, o *Provence* foi verificado. Todas as cabines foram revistadas, sem exceção, sob o pretexto muito correto de que os objetos podiam estar escondidos em qualquer lugar, menos nos aposentos do culpado.

– Vamos descobrir alguma coisa em algum momento, não é? – A srta. Nelly me perguntou. – Não importa o quanto ele é capaz de fazer magia, não pode tornar diamantes e pérolas invisíveis.

– Sim – respondi –, ou teríamos que examinar o forro de nossos chapéus, dos casacos e de tudo que vestimos. – E mostrei a ela minha câmara, uma Kodak 9 X 12 com a qual não me cansava de fotografá-las mais diversas atitudes. – Em um dispositivo deste tamanho, há espaço suficiente para todas as joias de Lady Jerland. Fingimos tirar fotos e pronto.

– Mas ouvi dizer que não há ladrão que não deixe alguma pista atrás de si.

– Tem um: Arsène Lupin.

- Por quê?
- Por quê? Porque ele não pensa apenas no roubo que comete, mas em todas as circunstâncias que podem denunciá-lo.
- No começo você estava mais confiante.
- Mas depois o vi em ação.
- Então, o que acha?
- Na minha opinião, estamos perdendo tempo.

E de fato, as investigações não deram em nada, ou pelo menos, em nada que correspondesse ao esforço geral: o relógio do comandante fora roubado.

Furioso, ele redobrou sua dedicação e ficou de olho em Rozaine, com quem teve várias conversas. No dia seguinte, de maneira charmosa e irônica, o relógio foi encontrado entre os colarinhos postigos do imediato.

Tudo isso tinha ares de prodígio e denunciava o jeito debochado de Arsène Lupin, ladrão, sim, mas entusiasta também. Ele trabalhava por gosto e vocação, é claro, mas também por diversão. Dava a impressão de um cavalheiro que se diverte com o que faz e, nos bastidores, ri muito das piadas e situações que imaginou.

Decididamente, ele era um artista em sua área, e quando observei Rozaine, sombrio e obstinado, e pensei no papel duplo que aquele curioso personagem sem dúvida desempenhava, não consegui evitar certa admiração ao falar sobre o assunto ou a respeito.

Porém, na penúltima noite, o oficial de guarda ouviu gemidos na parte mais escura do convés. Ele se aproximou. Um homem estava caído ali, com a cabeça enrolada em um lenço cinza muito grosso, os pulsos amarrados com uma corda fina.

Ele foi libertado de suas amarras. Foi atendido e recebeu cuidados.

Esse homem era Rozaine.

Rozaine fora atacado durante uma de suas expedições, fora dominado e roubado. Um cartão de visita preso às suas roupas por um alfinete tinha as seguintes palavras: “Arsène Lupin aceita com gratidão os dez mil francos de M. Rozaine”.

Na verdade, a carteira roubada continha vinte mil.

Naturalmente, o infeliz foi acusado de ter simulado esse ataque contra si mesmo. Mas, além do fato de que teria sido impossível para ele se amarrar daquela maneira, foi estabelecido que a caligrafia da carta era absolutamente diferente da letra de Rozaine, e parecia, no entanto, pelo contrário, com a de Arsène Lupin, reproduzida em um antigo jornal encontrado a bordo.

Então Rozaine deixou de ser Arsène Lupin. Rozaine era Rozaine, filho de um comerciante de Bordeaux! E a presença de Arsène Lupin se confirmou mais uma vez, e que ato formidável!

Foi assustador. Não ousávamos mais ficar sozinhos na cabine, nem nos aventurávamos sem companhia em lugares muito afastados. Cautelosos, formávamos grupos de pessoas que confiavam umas nas outras. E, novamente, uma desconfiança instintiva dividia os mais íntimos. Isso porque a ameaça não partiu de um indivíduo isolado, vigiado e, portanto, menos perigoso. Arsène Lupin agora era... era todo mundo. Nossa imaginação exacerbada atribuía a ele um poder miraculoso e ilimitado. Devia ser capaz de se disfarçar dos personagens mais inesperados, de ser o respeitável Major Rawson, ou o nobre Marquês de Raverdan, qualquer um, porque não parávamos mais na acusação inicial, podia ser esta ou aquela pessoa conhecida por todos, com esposa, filhos, criados.

As primeiras mensagens do télégrafo não trouxeram notícias. Nada que o comandante nos informasse, pelo menos, e esse silêncio não nos deixava mais tranquilos.

Portanto, o último dia parecia interminável. Vivíamos na expectativa ansiosa de algum infortúnio. Dessa vez, não seria mais um roubo, não seria mais um simples assalto, seria crime, assassinato. Arsène Lupin não se limitaria a esses dois roubos insignificantes. No controle absoluto do navio, com as autoridades reduzidas à impotência, ele só precisava querer, tudo era permitido, ele dispunha dos bens e das vidas.

Foram horas deliciosas para mim, admito, pois ganhei a confiança da srta. Nelly. Impressionada com tantos acontecimentos, de uma natureza já inquieta, ela procurou espontaneamente proteção ao meu lado, uma segurança que tive o prazer de oferecer.

Basicamente, eu estava abençoando Arsène Lupin. Não foi ele quem nos reuniu? Não era graças a ele que eu tinha o direito de ter os sonhos mais doces? Sonhos de amor e sonhos menos românticos, por que não reconhecer? Os Andrézys são de uma boa linhagem de Poitou, mas seu brasão está um tanto encoberto, fosco, e não me parece indigno de um cavalheiro pensar em devolver o brilho perdido ao nome da família.

E esses sonhos, eu sentia, não ofendiam Nelly. Seus olhos sorridentes me permitiam sonhar. A suavidade de sua voz me dizia para ter esperança.

E até o último momento, ficamos perto um do outro, apoiados na amurada, enquanto a costa americana se desenhava diante de nós.

As buscas foram interrompidas. Estávamos esperando. Da primeira classe ao convés cheio de emigrantes, esperávamos o último minuto, quando o enigma insolúvel finalmente seria explicado. Quem era Arsène Lupin? Sob que nome, sob que máscara o famoso Arsène Lupin tinha se escondido?

O minuto supremo chegara. Mesmo que eu viva cem anos, não esquecerei o menor detalhe.

– Como você está pálida, srta. Nelly – disse eu à minha companheira, que se apoiava em meu braço quase sem forças.

– E você! – ela respondeu. – Ah! Você está tão mudado!

– Pense nisso! Este é um momento emocionante, e estou muito feliz por vivê-lo com você, srta. Nelly. Às vezes, tenho a impressão de que a lembrança vai durar...

Ofegante e agitada, ela não me ouvia. A passarela desceu. Mas antes que fôssemos liberados para desembarcar, pessoas embarcaram, funcionários da alfândega, homens de uniforme, mensageiros.

A srta. Nelly gaguejou:

– Se dissessem que Arsène Lupin escapou durante a travessia, eu não ficaria surpresa.

– Talvez ele preferisse a morte à desonra, e mergulhou no Atlântico antes de ser preso.

– Não ria – ela disse, irritada.

De repente, fiquei agitado e, como ela estranhou, eu disse:

- Está vendo aquele homenzinho parado no final da passarela?
- Com um guarda-chuva e um sobretudo verde-oliva?
- É Ganimard.
- Ganimard?

– Sim, o famoso policial, aquele que jurou prender Arsène Lupin com as próprias mãos. Ah! Agora entendo por que não tínhamos nenhuma informação deste lado do oceano. Ganimard estava aqui! E ele prefere que ninguém se meta em seus assuntos.

– Então, Arsène Lupin certamente será pego?

– Quem sabe? Ganimard nunca o viu, ao que parece, exceto disfarçado. A menos que saiba que nome ele está usando...

– Ah! – disse ela com aquela curiosidade um tanto cruel de mulher. – Se eu pudesse assistir à prisão!

– Vamos ter que ser pacientes. Certamente, Arsène Lupin já percebeu a presença de seu inimigo. Vai preferir sair entre os últimos, quando os olhos do velho estiverem cansados.

O desembarque começou. Apoiado em seu guarda-chuva, afetando indiferença, Ganimard não parecia estar prestando atenção à multidão que se aglomerava entre as duas balaustradas. Percebi que um oficial de bordo, parado atrás dele, dava-lhe informações de vez em quando.

Passaram o marquês de Raverdan, o major Rawson, o italiano Rivolta, e outros, e muitos outros... E vi Rozaine se aproximando.

Pobre Rozaine! Não parecia recuperado de suas desventuras!

– Talvez seja assim mesmo – disse a srta. Nelly. – O que você acha?

Acho que seria muito interessante ter Ganimard e Rozaine na mesma fotografia. Pegue minha câmera, estou carregando muitas coisas.

Entreguei a câmera a ela, mas era tarde demais para que a usasse. Rozaine estava passando. O oficial cochichou alguma coisa no ouvido de Ganimard, que deu de ombros, e Rozaine passou.

Mas então, meu Deus, quem era Arsène Lupin?

– Sim – ela disse em voz alta –, quem é?

Restavam apenas umas vinte pessoas. Ela as observava com uma

mistura de medo e confusão, temendo que ele não fosse uma daquelas vinte pessoas.

Eu disse a ela:

– Não podemos esperar mais.

Ela deu um passo à frente. Eu a segui. Mas não tínhamos dado nem dez passos quando Ganimard apareceu em nosso caminho.

– Qual é o problema? – perguntei.

– Um momento, senhor, por que a pressa?

– Estou acompanhando mademoiselle.

– Espere – ele repetiu em um tom mais autoritário.

Olhando para mim, disse enquanto me encarava:

– Arsène Lupin, não é?

Eu comecei a rir.

– Não, Bernard d'Andrézy, simplesmente.

– Bernard d'Andrézy morreu há três anos na Macedônia.

– Se Bernard d'Andrézy tivesse morrido, eu não estaria mais neste mundo. E não morreu. Aqui estão meus documentos.

– Os documentos são dele. Como os conseguiu? Isso é que terei o maior prazer em descobrir.

– Mas você está louco! Arsène Lupin embarcou com o sobrenome de R...

– Sim, mais uma obra sua, uma pista falsa que você plantou. Ah! Você é muito ardiloso, meu camarada. Mas, desta vez, a sorte mudou. Vamos, Lupin, seja um bom perdedor.

Hesitei por um segundo. De repente, ele bateu no meu antebraço direito. Gritei de dor. Ele bateu no ferimento ainda mal cicatrizado de que falava o telegrama.

Tive que me conformar. Olhei para a srta. Nelly. Ela ouvia tudo pálida, cambaleante.

Seu olhar encontrou o meu, depois caiu sobre a câmera que eu tinha dado a ela. Nelly fez um gesto repentino, e tive a impressão, tive certeza de que, de repente, ela entendia tudo. Sim, estavam lá, entre as paredes estreitas da câmara, no oco do pequeno objeto que eu tomara a precaução de colocar em suas mãos antes de Ganimard me abordar, era lá que estavam os vinte mil francos de Rozaine, as

pérolas e os diamantes de Lady Jerland.

Ah! Juro, no momento solene em que Ganimard e dois de seus subordinados me cercaram, tudo era indiferente para mim, a prisão, a hostilidade do povo, tudo, menos uma coisa: a decisão que a srta. Nelly tomaria a respeito do que eu lhe havia confidenciado.

Que eles tivessem contra mim essa prova material e decisiva era algo que eu não temia nem em sonhos, mas e se a srta. Nelly decidisse fornecê-la?

Eu seria traído por ela? Estava perdido? Ela agiria como uma inimiga que não perdoa, ou como uma mulher que tem lembranças e cujo desprezo é suavizado por um pouco de indulgência, um pouco de simpatia involuntária?

Ela passou por mim, eu a cumprimentei sem dizer nada, nem uma palavra. Misturando-se aos outros viajantes, ela caminhou em direção à passarela com minha câmara na mão.

Sem dúvida, pensei, ela não ousaria, não em público. Vai esperar uma hora, algum momento.

Mas, ao chegar no meio da passarela, com um movimento de falsa surpresa, ela a deixou cair na água, entre a parede do cais e a lateral do navio.

E, então, eu a vi ir embora.

Sua linda figura se perdeu na multidão, apareceu novamente e desapareceu. Acabou, acabou para sempre.

Por um momento, fiquei imóvel, triste e, ao mesmo tempo, tomado por uma suave ternura, depois suspirei, para grande espanto de Ganimard:

– Chego a lamentar não ser um homem honesto...

Foi assim que, em uma noite de inverno, Arsène Lupin me contou a história de sua prisão. A sequência de incidentes cuja história um dia escreverei criou laços entre nós... devo chamar de amizade? Sim, atrevo-me a acreditar que Arsène Lupin me honra com alguma amizade, e que é por amizade que ele, às vezes, chega inesperadamente à minha casa, trazendo ao silêncio do meu escritório sua alegria juvenil, o esplendor de sua vida cheia de paixão, seu bom humor de homem para quem o destino nada mais é que favores e

sorrisos.

Descrevê-lo? Como eu poderia? Vi Arsène Lupin vinte vezes, e vinte vezes um ser diferente apareceu para mim... ou melhor, o mesmo ser do qual vinte espelhos teriam me devolvido muitas imagens distorcidas, cada uma com seus olhos particulares, seu formato especial de corpo, seus gestos próprios, sua silhueta e seu caráter.

– Eu mesmo não sei bem quem sou – disse-me ele. – No espelho, não me reconheço mais.

Divertido, certamente, e paradoxal, mas verdadeiro com quem o conhece e ignora seus infinitos recursos, sua paciência, sua arte de maquiador, a prodigiosa habilidade de transformar até as proporções do rosto e alterar até a relação entre suas características.

– Por que eu me definiria? – ele insistiu. – Por que não evitar o perigo de uma personalidade sempre idêntica? Minhas ações me designam suficientemente.

E ele determinou com um toque de orgulho:

– Tanto melhor se nunca puderem dizer com certeza: aqui está Arsène Lupin. O principal é que digam sem medo de errar: Arsène Lupin fez isso.

Estes são alguns dos atos, algumas aventuras que procuro reconstituir, segundo as confidências com as quais ele teve a bondade de me favorecer em algumas noites de inverno, no silêncio do meu gabinete particular de trabalho...

ARSÈNE LUPIN NA PRISÃO

Não há turista que se preze que não conheça as margens do Sena, e que não tenha notado, ao caminhar das ruínas de Jumièges às ruínas de Saint-Wandrille, o estranho e pequeno castelo feudal dos Malaquis, orgulhosamente empoleirado em sua rocha no meio do rio. Uma ponte o conecta à estrada. A base das suas torres escuras se mistura ao granito que a sustenta, um enorme bloco destacado de alguma montanha desconhecida e ali arremessado por alguma convulsão formidável. Por toda parte, as águas calmas do grande rio brincam entre os juncos, e aves agitadas se sacodem na crista úmida dos seixos.

A história do Malaquis é tão dura quanto seu nome, grosseira como sua silhueta. Foram apenas batalhas, cercos, assaltos, saques e massacres. Nas vigílias do território de Caux, as pessoas lembram com tremores os crimes que ali foram cometidos. Lendas misteriosas são contadas. Estamos falando da famosa passagem subterrânea que outrora conduzia à Abadia de Jumièges e ao solar de Agnès Sorel, a bela amiga de Carlos VII.

Nesse antigo covil de heróis e salteadores vive o barão Nathan Cahorn, barão Satã, como já foi chamado na Bolsa de Valores, onde ficou rico um pouco repentinamente. Os senhores de Malaquis, arruinados, tiveram que vender para ele a casa que pertenceu a seus ancestrais por um pedaço de pão. Lá ele instalou suas admiráveis coleções de móveis e pinturas, faiança e madeira entalhada. Ele mora sozinho, com três velhos criados. Ninguém nunca o visita. Ninguém jamais viu a decoração dos cômodos antigos, os três Rubens que ele possui, seus dois Watteaus, sua cadeira Jean Goujon e tantas outras maravilhas obtidas em troca de promissórias dos mais ricos frequentadores das vias públicas.

O barão Satã tem medo. Ele não teme por si mesmo, mas pelos tesouros acumulados com paixão tenaz e a perspicácia de um amador que o mais dedicado marchand não pode se orgulhar de ter induzido

ao erro. Ele ama suas bugigangas. Ele as ama com amargura, como um avaro; com ciúme, como um amante.

Todos os dias, ao pôr do sol, as quatro portas de ferro que controlam as duas extremidades da ponte e a entrada do pátio principal são fechadas e trancadas. Ao menor contato, alarmes elétricos interrompem o silêncio. Do lado do Sena, nada a temer: a rocha é um paredão reto.

No entanto, numa sexta-feira de setembro, o carteiro se apresentou como de costume na cabeça de ponte. E, de acordo com a regra rotineira, era o barão quem entreabria o pesado ferrolho.

Ele examinou o homem minuciosamente, como se já não o conhecesse há anos, aquele rosto bom e alegre e aquele sorriso de camponês, e o homem disse, rindo:

– Ainda sou eu, senhor barão. Não é ninguém que roubou minha blusa e meu boné.

– Nunca se sabe – sussurrou Cahorn.

O carteiro entregou uma pilha de jornais. Depois acrescentou:

– E agora, senhor barão, a novidade.

– Novidade?

– Uma carta... e é registrada.

Isolado, sem um amigo ou qualquer pessoa que se interessasse por ele, o barão nunca recebeu uma carta, e imediatamente aquilo pareceu um mau presságio que o preocupou. Quem seria esse misterioso correspondente que ia reanimá-lo em seu retiro?

– Precisa assinar, senhor barão.

Ele assinou resmungando. Em seguida, pegou a carta, esperou até que o carteiro desaparecesse na curva da estrada e, depois de dar alguns passos para cima e para baixo, encostou-se no parapeito da ponte e abriu o envelope. Dentro dele havia uma folha de papel quadriculado com este título escrito à mão: Prison de la Santé, Paris. Olhou para a assinatura: *Arsène Lupin*. Atordoado, ele leu:

“Senhor barão:

“Há na galeria que une seus dois salões um quadro de Philippe de Champaigne que é muito bem feito e me agrada infinitamente. Seu Rubens também é do meu gosto, assim como seu Watteau

menor. Na sala à direita, noto o aparador Luís XIII, as tapeçarias de Beauvais, a mesa de pedestal Império assinada por Jacob e o aparador renascentista. Na da esquerda, toda a vitrine de joias e miniaturas.

“Por enquanto, ficarei satisfeito com esses objetos que serão, acredito, fáceis de transportar. Portanto, peço que os embale adequadamente e os envie em meu nome (frete pago) para a estação de Batignolles dentro de oito dias... caso contrário, eu mesmo os removerei na noite de quarta-feira, 27 de setembro, para quinta-feira, 28. E, é claro, não ficarei satisfeito apenas com os objetos mencionados acima.

“Desculpo-me pelo pequeno aborrecimento que lhe causo e peço que aceite a expressão dos meus sentimentos de respeitosa consideração.

“ARSÈNE LUPIN.”

“P.S. – Não mande o Watteau maior. Apesar de ter pagado trinta mil francos por ele ao Hôtel de Ventes, é só uma cópia; o original foi queimado sob o Diretório por Barras em uma noite de orgia. Consulte o inédito *Mémoires de Garat*.

“Também não ligo para a corrente Luís XV, cuja autenticidade me parece duvidosa.”

Essa carta perturbou o barão Cahorn. Assinada por qualquer outro já o teria alarmado muito, mas assinada por Arsène Lupin!

Leitor assíduo de jornais, atento a tudo que acontecia no mundo em matéria de furto e crime, tinha plena consciência das façanhas do ladrão infernal. Claro, sabia que Lupin, preso na América por seu inimigo Ganimard, estava, de fato, preso, que o processo estava em andamento – com que dificuldade!

Mas também sabia que tudo se podia esperar dele. Além disso, esse conhecimento exato do castelo, da disposição das pinturas e dos móveis, era uma pista formidável. Quem havia contado a ele coisas que ninguém viu?

O barão levantou a cabeça e contemplou a silhueta feroz do Malaquis, seu pedestal íngreme, as águas profundas que o cercavam, e

deu de ombros. Não, definitivamente não havia perigo. Ninguém no mundo poderia invadir o santuário inviolável de suas coleções.

Ninguém, certo, mas Arsène Lupin? Existem portas, pontes levadiças e paredes para Arsène Lupin? Para que serviriam os obstáculos mais bem imaginados, as precauções mais hábeis, se Arsène Lupin decidisse atingir esse ou aquele objetivo?

Naquela mesma noite, ele escreveu ao promotor público em Rouen, enviou a carta ameaçadora no mesmo envelope e pediu ajuda e proteção.

A resposta não demorou a chegar: o citado Arsène Lupin estava atualmente detido na Santé, vigiado de perto e sem poder escrever, portanto, a carta só poderia ser obra de algum debochado. Tudo apontava nessa direção, lógica e bom senso, bem como a realidade dos fatos. No entanto, e por precaução, um perito foi designado para examinar a caligrafia, e o perito declarou que, apesar de algumas semelhanças, essa letra não era a do detento.

“Apesar de algumas semelhanças”. O barão reteve apenas essas palavras terríveis, nas quais via a confissão de uma dúvida que, por si só, deveria bastar para que a justiça interviesse. Seus temores aumentaram. Ele continuou relendo a carta. “Eu mesmo mandarei fazer a remoção.” E essa data precisa: a noite de quarta-feira, 27, para quinta-feira, 28 de setembro...

Desconfiado e taciturno, não ousava confiar nos empregados, cuja lealdade não considerava imune a todas as provações. No entanto, pela primeira vez em anos, sentiu a necessidade de falar, de procurar algum conselho. Abandonado pela justiça de seu país, ele não esperava mais se defender com os próprios recursos, e estava a ponto de ir a Paris implorar a ajuda de um ex-policial.

Dois dias se passaram. No terceiro, ao ler os jornais, ele vibrou de alegria. *Le Réveil* de Caudebec publicou este artigo:

“É uma satisfação ter dentro de nossos limites há quase três semanas o inspetor Ganimard, um dos veteranos da chefatura de Polícia. O sr. Ganimard, a quem a prisão de Arsène Lupin, seu mais recente feito, conferiu reputação na Europa, está descansando de seu longo esforço, perseguindo salmões e trutas.”

Ganimard! Era essa a ajuda que o barão Cahorn estava procurando! Quem melhor do que o tortuoso e paciente Ganimard para frustrar os planos de Lupin?

O barão não hesitou. Seis quilômetros separam o castelo da pequena cidade de Caudebec. Ele os atravessa com passos animados, como um homem muito empolgado com a esperança da salvação.

Depois de várias tentativas infrutíferas de descobrir o endereço do inspetor, dirigiu-se aos escritórios do *Revival*, que ficavam na frente do pír. Lá ele encontrou o editor do artigo que, aproximando-se da janela, exclamou:

– Ganimard? Mas com certeza você o encontrará ao longo do cais, com a vara de pescar na mão. Foi lá que nos conhecemos e onde acidentalmente li seu nome gravado na vara de pescar. Ali está, daqui você pode ver o velhinho sob as árvores no passeio.

– De sobretudo e chapéu de palha?

– Exatamente! Ah! É um sujeito engraçado, pouco falante e bastante rude.

Cinco minutos depois, o barão se aproximou do famoso Ganimard, se apresentou e tentou começar uma conversa. Sem sucesso, abordou a questão com franqueza e explicou seu caso.

O outro ouviu imóvel, sem perder de vista os peixes que observava, depois virou a cabeça em sua direção, olhou-o de cima a baixo com ar de profunda pena, e disse:

– Senhor, não é costume avisar as pessoas que se quer roubar. Arsène Lupin, em particular, não comete esses erros.

– Mas...

– Senhor, se eu tivesse a menor dúvida, acredite que o prazer de colocar esse querido Lupin dentro da cadeia de novo superaria qualquer outra consideração. Infelizmente, esse rapaz já está atrás das grades.

– Se ele fugir?

– Não há como fugir da Santé.

– Mas ele...

– Nem ele, nem qualquer outra pessoa.

– Mas...

– Bem, se escapar, melhor ainda, eu o pego de novo. Até lá, durma profundamente e não assuste mais esse salmão.

A conversa acabou. O barão voltou para casa um pouco mais tranquilo, depois de ver a despreocupação de Ganimard. Verificou as fechaduras, espiou os empregados, e mais quarenta e oito horas passaram, durante as quais ele quase se convenceu de que, no geral, seus temores eram infundados. Não, definitivamente, como Ganimard havia dito, não avisamos as pessoas que queremos roubar.

A data estava se aproximando. Terça de manhã, véspera do dia 27, nada de especial. Mas, às três horas, um menino apareceu. Trazia um telegrama.

“Não há pacotes na estação Batignolles. Prepare tudo para amanhã à noite.

“ARSÈNE.”

Mais uma vez, o pânico o dominou a ponto de se perguntar se não cederia às exigências de Arsène Lupin.

O barão correu para Caudebec. Ganimard estava pescando no mesmo lugar, sentado em uma cadeira dobrável. Sem dizer sequer uma palavra, ele o telegrama ao inspetor.

– E daí? – perguntou o policial.

– E daí? Mas é amanhã!

– O quê?

– O roubo! O saque de minhas coleções!

Ganimard baixou a vara de pescar, virou-se para ele e, com os braços cruzados sobre o peito, gritou, impaciente:

– Ah! Você imagina que vou cuidar de uma história tão estúpida!

– Quanto quer para passar a noite de 27 para 28 de setembro no castelo?

– Nem um centavo, me deixe em paz.

– Faça seu preço, eu sou rico, extremamente rico.

A brutalidade da oferta desconcertou Ganimard, que continuou mais calmo:

– Estou aqui de licença e não tenho o direito de me intrometer...

– Ninguém vai saber. Prometo, aconteça o que acontecer, vou permanecer calado.

– Oh! Não vai acontecer nada.

– Bem, vamos lá, três mil francos, isso é o suficiente?

O inspetor inalou um rapé, refletiu e disse:

– É. Mas, honestamente, devo dizer que é dinheiro jogado pela janela.

– Não me importo.

– Nesse caso... E afinal, nunca se pode ter certeza, com aquele demônio do Lupin! Ele deve ter uma gangue inteira sob seu comando... Confia em seus empregados?

– Bem que eu queria...

– Então, não vamos contar com eles. Vou mandar um telegrama chamando dois companheiros meus que vão nos dar mais segurança... Agora vá embora, para que não nos vejam juntos. Vejo você amanhã, por volta das nove horas.

No dia seguinte, data marcada por Arsène Lupin, o barão Cahorn pegou seu arsenal, verificou as armas e deu uma volta em torno de Malaguês. Não viu nada de diferente.

À noite, às oito e meia, dispensou os criados. Eles moravam em uma ala em frente à estrada, mas um pouco recuada, no fundo do castelo. Uma vez sozinho, ele lentamente abriu as quatro portas. Depois de um tempo, ouviu passos se aproximando.

Ganimard apresentou seus dois auxiliares, homens altos e robustos, com pescoços de touro e mãos poderosas, e pediu algumas informações. Depois de estudar a disposição das instalações, ele cuidadosamente fechou com barricadas todas as passagens pelas quais alguém poderia entrar nas salas ameaçadas. Inspeccionou as paredes, olhou atrás das tapeçarias e, finalmente, instalou seus agentes na galeria central.

– Não façam nenhuma bobagem, hein? Não estamos aqui para dormir. Ao menor sinal de alarme, abram as janelas do pátio e me chamem. Tenham cuidado também com o lado da água. Dez metros de falésias retas não amedrontam demônios do calibre desse homem. – Ele os trancou, pegou as chaves e disse ao barão: – E agora, ao nosso

posto.

Ele escolheu, para passar a noite, um pequeno cômodo circular entre os dois portões principais, um lugar que antes havia sido a guarita do vigia. Tinha um visor voltado para a ponte, outro para o pátio. Em um canto, era possível ver algo parecido com a abertura de um poço.

– Você me disse, senhor barão, que este poço era a única entrada para as passagens subterrâneas e que, desde que se tem lembrança, está bloqueado?

– Sim.

– Então, a menos que haja outra via ignorada por todos, exceto Arsène Lupin, o que seria um pouco problemático, estamos bem.

Ele enfileirou três cadeiras, espreguiçou-se confortavelmente, acendeu o cachimbo e suspirou:

– Realmente, senhor barão, só a grande vontade de acrescentar um andar à casinha onde pretendo terminar meus dias me faz aceitar uma tarefa tão elementar. Vou contar a história para o amigo Lupin, ele vai se dobrar de tanto rir.

O barão não estava rindo. Com o ouvido atento, questionava o silêncio com crescente preocupação. De vez em quando, se inclinava sobre o poço e olhava ansioso para o buraco aberto.

Onze horas, meia-noite, uma hora.

De repente, ele agarrou o braço de Ganimard, que acordou assustado.

– Ouviu isso?

– Sim.

– O que foi?

– Sou eu roncando!

– Não, escute...

– Ah! Perfeitamente, é o barulho de um automóvel.

– Vamos fazer alguma coisa?

– Bem, é improvável que Lupin use um automóvel como ferramenta para demolir seu castelo. Portanto, senhor barão, em seu lugar, eu dormiria... como terei a honra de fazer novamente. Boa noite.

Fora o único alerta. Ganimard fora capaz de retomar sua soneca interrompida, e o barão ficou ouvindo apenas seu ronco alto e regular.

Ao amanhecer, eles deixaram a cela. Uma grande e serena paz, a paz da manhã à beira da água fresca, envolvia o castelo. Cahorn estava radiante de alegria, Ganimard permanecia em paz, e eles subiram as escadas. Nenhum barulho. Nada suspeito.

– O que eu disse, senhor barão? Basicamente, eu não deveria ter aceitado... Estou com vergonha...

Ele pegou as chaves e abriu a galeria.

Em duas cadeiras, os oficiais dormiam curvados, com os braços pendurados.

– Pelo nome do cão! – grunhiu o inspetor.

No mesmo momento, o barão deu um grito:

– As pinturas! O aparador!

Ele gaguejava sufocado, com a mão estendida para os lugares vazios, para as paredes nuas onde pregos salientes ainda sustentavam barbantes inúteis. O Watteau foi embora! O Rubens, raptado! As tapeçarias, penduradas! As vitrines, esvaziadas de suas joias! E o meu candelabro Luís XVI! E o candelabro do regente! E minha Virgem do século XII!

Ele corria de um lado para o outro, perplexo, desesperado. Lembrava os preços de compra, somava as perdas sofridas, valores acumulados, tudo isso embaralhado em palavras indistintas, em frases inacabadas. Ele pisava forte, tinha espasmos, estava louco de raiva e dor. Parecia um homem arruinado prestes a estourar os miolos.

Se havia algo capaz de consolá-lo, seria ver o espanto de Ganimard. Ao contrário do barão, o inspetor não se mexia. Parecia petrificado e, com um olhar vago, examinava tudo. As janelas? Fechadas. As fechaduras das portas? Intactas. Nenhuma violação no teto. Nenhum buraco no chão. Tudo estava perfeito. Tudo devia ter sido feito de forma metódica, de acordo com um plano inevitável e lógico.

– Arsène Lupin... Arsène Lupin – ele sussurrou, arrasado.

De repente, o inspetor saltou sobre os dois agentes, como se a raiva finalmente o sacudisse, os empurrou furioso e os amaldiçoou.

Eles não acordavam!

– Diabo – disse ele –, será que...

Ele se inclinou sobre cada um deles e os examinou com atenção: estavam dormindo, mas era um sono anormal.

Ele disse ao barão:

– Alguém os pôs para dormir.

– Mas quem?

– Ele, claro! Ou alguém de sua gangue, mas liderado por ele. Tudo tem o jeito dele. A marca é evidente.

– Nesse caso, estou perdido, não há nada a fazer.

– Nada a fazer.

– Mas é abominável, é monstruoso.

– Registre uma ocorrência.

– De que adianta?

– Nossa Senhora! Tente... a justiça tem recursos...

– Justiça! Mas você pode fazer alguma coisa... Olhe tudo, veja se consegue encontrar uma pista, alguma coisa. Você nem se mexe!

– Encontrar pistas de Arsène Lupin! Mas, meu caro senhor, Arsène Lupin nunca deixa nenhum rastro! Não há coincidência com Arsène Lupin! Estou me perguntando se não foi de propósito que ele se deixou prender por mim na América!

– Então, eu tenho que desistir das minhas pinturas, de tudo! Mas foram as pérolas da minha coleção que ele roubou. Eu daria uma fortuna para encontrá-las. Se não podemos fazer nada contra ele, que diga seu preço!

Ganimard o encarou.

– É uma proposta grandiosa. Não vai recuar?

– Não, não, não. Mas por quê?

– Tenho uma ideia.

– Que ideia?

– Falaremos sobre isso se a investigação não der certo... Só aviso, nem uma palavra sobre mim, se quer que eu tenha sucesso. – E acrescentou por entre os dentes: – Porque, inclusive, nem tenho nada do que me gabar.

Os dois agentes, aos poucos, recuperaram a consciência com

aquele olhar atordado de quem está saindo de um sono hipnótico. Abriram os olhos, atônitos, e tentaram entender o que acontecia. Quando Ganimard os interrogou, eles não se lembravam de nada.

– Mas devem ter visto?

– Não.

– Vocês se lembram?

– Não, não.

– E vocês não beberam nada?

Eles pensaram sobre o assunto e um deles respondeu:

– Sim, eu bebi um pouco de água.

– Água daquele jarro?

– Sim.

– Eu também – disse o segundo.

Ganimard cheirou, provou a água. Ela não tinha nenhum gosto especial, nenhum cheiro.

– Vamos lá – disse ele –, estamos perdendo tempo. Não é em cinco minutos que resolvemos os problemas criados por Arsène Lupin. Mas, por Deus! Juro que o pego de novo. Ele vence a batalha. Eu, a guerra!

No mesmo dia, foi apresentada uma queixa de roubo feita pelo barão de Cahorn contra Arsène Lupin, detido na Santé!

O barão se arrependeu dessa queixa muitas vezes, ao ver o Malaquis entregue aos guardas, ao procurador, ao juiz de instrução, aos jornalistas, a todos os curiosos que se metiam onde não deviam estar.

O caso já empolgava a opinião pública. Cercado de condições tão especiais, o nome de Arsène Lupin instigava a imaginação a tal ponto que as histórias mais fantasiosas encheram as colunas dos jornais e convenceram o público.

Mas a carta inicial de Arsène Lupin, publicada pelo *Echo de France* (e ninguém nunca soube quem havia divulgado o texto), aquela carta na qual o barão Cahorn fora descaradamente avisado do que era ameaçado, causou considerável emoção. Explicações fabulosas foram

oferecidas imediatamente. A existência do famoso subterrâneo voltou a ser cogitada. E as investigações foram conduzidas nessa direção.

Eles vasculharam o castelo de cima a baixo. Cada pedra foi posta em dúvida. Estudaram a marcenaria e as lareiras, os caixilhos das janelas e as vigas dos tetos. À luz de tochas, examinaram os porões imensos onde os senhores de Malaquis, um dia, armazenaram munições e provisões. Sondaram as entranhas da rocha. Tudo em vão. Nem o menor vestígio do tal subterrâneo foi descoberto. Não havia passagem secreta.

Tudo bem, respondiam as pessoas por todos os lados, mas móveis e quadros não desaparecem como fantasmas. Eles passam por portas e janelas, e as pessoas que os levam entram e saem por portas e janelas também. Quem são essas pessoas? Como entraram? E como saíram?

A promotoria de Rouen, convencida de sua impotência, solicitou a ajuda de agentes parisienses. M. Dudouis, chefe da Segurança, enviou seus melhores detetives da brigada de ferro. Ele mesmo passou 48 horas no Malaquis. Também não teve sucesso.

Foi então que ele convocou o inspetor Ganimard, cujos serviços tantas vezes havia tido oportunidade de verificar.

Ganimard ouviu as instruções de seu superior em silêncio, depois, balançando a cabeça em sinal de concordância, disse:

– Acho que insistir em vasculhar o castelo é persistir no erro. A solução está em outro lugar.

– Onde?

– Perto de Arsène Lupin.

– Arsène Lupin! Mas supor tal coisa é admitir que isso foi obra dele.

– Eu admito. E mais, tenho certeza.

– Por favor, Ganimard, isso é absurdo. Arsène Lupin está na prisão.

– Arsène Lupin está na prisão, sim. Ele é vigiado, admito. Mas mesmo que ele tivesse algemas nos pés, cordas nos pulsos e uma mordada na boca, eu não mudaria de ideia.

– E por que essa certeza?

– Porque, sozinho, Arsène Lupin é capaz de arquitetar uma

maquinação dessa envergadura, e arquitetá-la de forma que tenha sucesso... como conseguiu.

– Conversa, Ganimard!

– É a realidade. Mas veja, não estamos procurando subterrâneos, pedras que giram em torno de um eixo e outras bobagens desse tipo. Nosso homem não usa esses métodos antiquados, ele é o presente, ou melhor, o futuro.

– E sua conclusão?

– Concluo pedindo sua permissão para passar uma hora com ele.

– Na cela dele?

– Sim. Na viagem de volta da América, iniciamos um excelente relacionamento durante a travessia, e atrevo-me a dizer que ele tem alguma simpatia por quem soube detê-lo. Se ele puder me dar informações sem se comprometer, sei que vai me poupar de uma jornada inútil.

Era pouco mais de meio-dia quando Ganimard foi levado à cela de Arsène Lupin. Deitado na cama, Lupin levantou a cabeça e deixou escapar um grito de alegria.

– Ah! Mas que surpresa. O querido Ganimard, aqui!

– Eu mesmo.

– Desejei muitas coisas neste retiro que escolhi... mas não há nada que tenha desejado com mais paixão do que recebê-lo aqui.

– Muito amável.

– Não, não, eu tenho por você a maior estima.

– É um orgulho saber disso.

– Eu sempre disse: Ganimard é nosso melhor detetive. Quase se pode compará-lo – veja como sou franco! –, quase se pode compará-lo a Sherlock Holmes. Mas, enfim, lamento não ter mais que esse banquinho para oferecer. E nada para beber! Sequer um copo de cerveja! Peço perdão, mas estou aqui de passagem.

Ganimard sentou-se, sorrindo, e o detento continuou satisfeito:

– Meu Deus, como fico feliz por poder olhar para um homem honesto! Já estou farto de todos aqueles espões e delatores que vasculham meus bolsos e minha modesta cela dez vezes por dia para ter certeza de que não estou planejando uma fuga. Droga, a

preocupação que o governo tem comigo!

– E com justa razão.

– Ah, não! Eu ficaria muito feliz se eles me deixassem morar no meu cantinho!

– Sustentado por outras pessoas.

– Não é? Isso seria tão fácil! Mas estou falando demais, dizendo bobagens, e você pode estar com pressa. Vamos, Ganimard! A que devo a honra de sua visita?

– Ao caso Cahorn – disse Ganimard sem rodeios.

– Espere! Só um segundo... É que são tantas coisas! Preciso localizar em minha cabeça o dossiê do caso Cahorn... Ah! Aqui está. Caso Cahorn, castelo Malaquis, Sena Marítimo... Dois Rubens, um Watteau e alguns objetos menores.

– Menores!

– Ah, meu Deus! Tudo lá é medíocre. Existem coisas melhores! Mas basta que você se interesse pelo assunto. Fale, Ganimard.

– Preciso explicar em que pé estamos com a investigação?

– Não é necessário. Li nos jornais hoje de manhã. Vou até me permitir comentar que você não está progredindo com muita rapidez.

– É exatamente por isso que estou recorrendo à sua gentileza.

– Completamente à sua disposição.

– Em primeiro lugar: você conduziu esse negócio?

– De A a Z.

– A carta de aviso? O telegrama?

– Sim, tudo isso. Devo até ter os recibos em algum lugar.

Arsène abriu a gaveta de uma mesinha de madeira branca que, junto com a cama e a escada, compunha toda a mobília da cela, pegou dois pedacinhos de papel e os entregou a Ganimard.

– Ah! Pensei que estivesse aqui vigiado, vim em busca apenas de um simples sim ou um não. Mas você lê os jornais, guarda recibos dos correios...

– Essas pessoas são muito idiotas! Eles descosturam o forro do meu casaco, investigam as solas das minhas botas, examinam as paredes da cela, mas ninguém pensou que Arsène Lupin seria estúpido a ponto de escolher um esconderijo tão fácil. Foi com isso que contei.

Ganimard exclamou com humor:

– Que rapaz engraçado! Você me confunde. Vamos lá, me conte essa aventura.

– Oh! Oh! Está pedindo demais! Contar todos os meus segredos... revelar meus pequenos truques... isso é muito sério.

– Errei em contar com sua colaboração?

– Não, Ganimard, já que insiste...

Arsène Lupin deu duas ou três voltas na cela, andando de um lado para o outro, depois parou:

– O que você acha da carta que mandei ao barão?

– Acho que você queria se divertir, impressionar um pouco a plateia.

– Ah! Impressionar a plateia! Bem, garanto, Ganimard, que pensei que você fosse mais forte. Como se perdesse tempo com essas infantilidades, eu, Arsène Lupin! Eu teria escrito aquela carta, se pudesse roubar o barão sem escrever para ele? Entenda, você e os outros, que esta carta é o ponto de partida essencial, a mola que colocou toda a máquina em movimento. Vejamos, vamos do começo, e vamos rever juntos, se quiser, o planejamento do roubo ao Malaquis.

– Estou ouvindo.

– Muito bem, suponhamos um castelo estritamente fechado e protegido, como o do barão Cahorn. Vou desistir do jogo e abrir mão dos tesouros que quero, só porque o castelo onde estão é inacessível?

– É claro que não.

– Vou tentar o ataque como antigamente, à frente de uma tropa de aventureiros?

– Infantil!

– Devo entrar sorrateiramente?

– Impossível.

– Tem um jeito, o único, na minha opinião, e é ser convidado pelo dono do tal castelo.

– A abordagem é original.

– E como é fácil! Suponha que, um dia, o referido proprietário receba uma carta avisando que um famoso ladrão, chamado Arsène Lupin, está conspirando contra ele. O que ele faz?

– Leva a carta à polícia.

– Que vai rir dele vai rir dele, já que Lupin está na prisão. Então, em pânico, o homem está preparado para pedir ajuda ao primeiro que aparecer, não é verdade?

– Sem dúvida nenhuma.

– E se, por acaso, ele lê em um jornal de quinta categoria que um famoso policial está passando férias na cidade vizinha...

– Ele vai procurar esse policial.

– Foi você quem disse. Do outro lado, vamos pensar que, antecipando-se a essa atitude inevitável, Arsène Lupin pediu a um de seus amigos mais habilidosos que se estabelecesse em Caudebec, entrasse em contato com um editor do Réveil, jornal do qual o barão é assinante, e insinuasse que ele era o tal policial, o que aconteceria?

– O editor anunciaria no Réveil a presença do tal policial em Caudebec.

– Perfeito, e haveria duas possibilidades: ou o peixe, ou melhor, Cahorn, não morde a isca e nada acontece, ou, e esta é a hipótese mais provável, ele reage como se espera, todo agitado. E é assim que Cahorn acaba indo pedir a ajuda de um dos meus amigos contra mim!

– Cada vez mais original.

Claro, o falso policial primeiro se recusa a ajudá-lo. Chega o telegrama de Arsène Lupin. Apavorado, o barão volta a implorar ao meu amigo e oferece dinheiro por sua ajuda. Meu amigo aceita, leva dois companheiros do nosso bando, que, à noite, enquanto Cahorn é vigiado por seu protetor, tiram pela janela alguns objetos e os transportam, com o auxílio de cordas, para um barquinho a remo fretado para esse propósito. É tão simples quanto Lupin.

– E é maravilhoso – grita Ganimard –, a ousadia do plano e a engenhosidade dos detalhes são dignas de louvor. Mas não consigo pensar em um policial suficientemente famoso para ter atraído o barão dessa maneira.

– Existe um, só um.

– Quem?

– É dos mais ilustres, o inimigo pessoal de Arsène Lupin, inspetor Ganimard.

– EU!

– Você mesmo, Ganimard. E aí está a melhor parte: se você for até lá e o barão decidir falar, você vai acabar descobrindo que seu dever é prender a si mesmo, como me prendeu na América. Ah! A vingança é engraçada: eu fiz Ganimard prender Ganimard!

Arsène Lupin riu com vontade. O inspetor, bastante aborrecido, mordeu o lábio. A piada não parecia tão engraçada para ele.

A chegada de um guarda deu a ele um tempo para se recuperar. O homem trouxe a refeição que Arsène Lupin, como um favor especial, comprava do restaurante vizinho. Depois de colocar a bandeja sobre a mesa, ele saiu. Arsène sentou-se, partiu o pão, comeu dois ou três pedaços e continuou:

– Mas não se preocupe, meu caro Ganimard, você não vai até lá. Vou dizer uma coisa que vai causar surpresa: o caso Cahorn está prestes a ser arquivado.

– O quê?

– Vai ser arquivado – repetiu.

– Ora, vamos, acabei de conversar com o chefe da Segurança.

– E daí? O sr. Dudouis sabe mais do que eu sobre meus assuntos? Você vai descobrir que Ganimard, ou melhor, o falso Ganimard estabeleceu uma relação muito boa com o barão. Ele, e este é o principal motivo para que não tenha revelado seu envolvimento à polícia, confiou-lhe a delicada missão de tratar de negócios comigo e, neste momento, por uma certa quantia, é provável que o barão tenha recuperado suas queridas bugigangas. Em troca, ele vai retirar a queixa. Portanto, não há mais roubo. Então, a promotoria terá que desistir...

Ganimard olhou espantado para o detento.

– E como sabe de tudo isso?

– Acabei de receber o telegrama que estava esperando.

– Você acabou de receber um telegrama?

– Agora mesmo, querido amigo. Por educação, não quis ler na sua presença. Mas se me permitir...

– Está brincando comigo, Lupin.

– Por favor, meu caro amigo, quebre delicadamente a casca deste

ovo cozido. Vai ver que não estou zombando de você.

Ganimard obedeceu mecanicamente e quebrou o ovo com a lâmina de uma faca. Um grito de surpresa escapou de seu peito. A casca vazia continha um pedaço de papel azul. Orientado por Arsène, ele o desdobrou. Era um telegrama, ou melhor, parte de um telegrama do qual as informações postais haviam sido arrancadas. Ele leu:

“Acordo concluído. Cem mil balas entregues. Tudo certo.”

– Cem mil balas? – ele disse.

– Sim, cem mil francos! Não é muito, mas os tempos são difíceis... E tenho despesas muito pesadas! Se soubesse como é meu orçamento... um orçamento de cidade grande!

Ganimard se levantou. O mau humor havia se dissipado. Ele refletiu por alguns segundos, pensou no caso todo, procurando onde estaria o ponto fraco. Em seguida, disse com tom de franca admiração:

– Felizmente, não existem dezenas como você, caso contrário, teríamos que fechar as portas.

Arsène Lupin assumiu um ar modesto e respondeu:

– Bobagem! É bom se divertir, ocupar o tempo livre... até porque o golpe só teria sucesso se eu estivesse na prisão.

– Como? – exclamou Ganimard. – O julgamento, sua defesa, a investigação, tudo isso não é suficiente para ocupar seu tempo?

– Não, porque decidi não comparecer ao meu julgamento.

– Oh! Oh!

Arsène Lupin repetiu, tranquilo:

– Não vou comparecer ao meu julgamento.

– Francamente!

– Ah! Meu caro, acha que vou apodrecer na palha úmida? Está me insultando. Arsène Lupin só fica na prisão o tempo que quiser, e nem mais um minuto.

– Talvez fosse mais seguro não ter entrado nela – o inspetor respondeu com ironia.

– Ah! Está rindo? Lembra que teve a honra de me prender? Saiba, meu respeitável amigo, que ninguém, você ou outra pessoa qualquer, teria conseguido me pegar, se um interesse muito maior não tivesse

me ocupado naquele momento crítico.

– Você me surpreende.

– Uma mulher olhava para mim, Ganimard, e eu a amava. Entende tudo que envolve ser visto por uma mulher que você ama? O resto não tinha importância para mim, juro. E é por isso que estou aqui.

– Há muito tempo, diga-se de passagem.

– Eu queria esquecer primeiro. Não ria: a aventura foi encantadora, e ainda tenho boas lembranças dela... E sou um pouco neurastênico! A vida é tão agitada hoje em dia! Em alguns momentos, é preciso recorrer ao que chamo de tratamento de isolamento. Este lugar é inigualável para terapias como essa. É o que se pode chamar de cura da Santé em todos os sentidos.

– Arsène Lupin, está debochando de mim.

– Ganimard, hoje é sexta-feira. Na próxima quarta-feira, vou fumar um charuto na sua casa, na rua Pergolèse, às quatro da tarde.

– Arsène Lupin, estarei esperando por você.

Eles apertaram as mãos como dois bons e dignos amigos, e o velho policial saiu pela porta.

– Ganimard!

Ele se virou.

– O que foi?

– Ganimard, você esqueceu o relógio.

– Meu relógio?

– Sim, ficou perdido no meu bolso.

Ele o devolveu se desculpando.

– Perdão... é um mau hábito... Mas isso não é desculpa, o fato de terem tirado o meu não significa que posso tirar o seu. Principalmente, porque tenho aqui outro do qual não posso reclamar e que atende plenamente às minhas necessidades.

Ele tirou da gaveta um grande relógio de ouro adornado por uma corrente pesada.

– E de onde saiu esse? – perguntou Ganimard.

Arsène Lupin examinou as iniciais com uma atitude casual.

– B... Quem pode ser? Ah! Sim, eu me lembro, Jules

Bouvier, meu juiz de instrução, um homem encantador...

A FUGA DE ARSÈNE LUPIN

Quando Arsène Lupin terminou sua refeição, tirou do bolso um belo charuto com anilha de ouro e o examinava relaxado, quando a porta da cela se abriu. Ele só teve tempo de jogar o charuto na gaveta e se afastar da mesa. O guarda entrou, era hora do passeio.

– Estava esperando por você, meu caro amigo – disse Lupin, ainda de bom humor.

Eles saíram. Mal tinham desaparecido além da esquina do corredor, e dois homens entraram na cela e começaram a revistá-la com atenção. Um era o inspetor Dieuzy, o outro, o inspetor Folenfant.

Queriam acabar com isso. Não havia dúvida: Arsène Lupin recebia informações do mundo exterior e se comunicava com parceiros. Na véspera, o *Grand Journal* havia publicado a seguinte mensagem endereçada a seu colaborador jurídico:

“Senhor:

Em um artigo publicado recentemente, vocês falaram de mim em termos que nada pode justificar. Qualquer dia antes do início do meu julgamento, irei procurá-lo para pedir explicações.

Atenciosamente,

ARSÈNE LUPIN.”

A caligrafia era realmente de Arsène Lupin. Então, ele enviava cartas. E recebia algumas. E certamente estava preparando essa fuga, anunciada de forma tão arrogante.

A situação se tornava insuportável. De acordo com o juiz de instrução, o próprio chefe da Segurança, M. Dudouis, dirigiu-se à Secretaria da Santé para explicar ao diretor da prisão as providências que deveriam ser tomadas. E, assim que chegou, ele enviou dois de seus homens à cela do prisioneiro.

Eles levantaram cada uma das lajes, desmontaram a cama, fizeram tudo que é costume fazer nesses casos e, no fim, não

encontraram nada. Estavam quase encerrando a revista, quando o diretor chegou correndo e disse:

– A gaveta... olhem a gaveta da mesa. Quando entrei, tive a impressão de que ele a estava fechando.

Eles olharam, e Dieuzy exclamou:

– Por Deus, desta vez pegamos o homem.

Folenfant o deteve.

– Devagar, meu rapaz, o chefe fará o inventário.

– Sim, mas aquele charuto de luxo...

– Deixe o Havana aí e vá avisar o chefe.

Dois minutos depois, M. Dudouis estudava o conteúdo da gaveta. A primeira coisa que encontrou foi uma coleção de artigos sobre Arsène Lupin recortados do *Argus de la Presse*, depois uma bolsinha de tabaco, um cachimbo, um papel do tipo casca de cebola e, finalmente, dois livros.

Ele olhou os títulos. Um era *Os heróis* de Carlyle, edição em inglês, e um Elzévir encantador, em encadernação contemporânea, de *Manual de Epiteto*, tradução alemã publicada em Leiden em 1634. Depois de folhear os dois livros, ele descobriu que todas as páginas estavam marcadas, sublinhadas, anotadas. Eram sinais convencionais ou marcas que sugeriam o interesse fervoroso pelos livros?

– Vamos ver tudo isso em detalhes – disse M. Dudouis.

Ele examinou a bolsa de tabaco, o cachimbo. Depois, pegou o famoso charuto com a anilha de ouro.

– Nosso amigo gosta do que é bom – exclamou –, um Henri Clet!

Com o gesto mecânico de um fumante, ele o aproximou do ouvido e apertou. E imediatamente, reagiu com surpresa. O charuto havia cedido entre seus dedos. Ele o examinou com mais cuidado e logo percebeu um fragmento branco entre as folhas de tabaco. E delicadamente, usando um alfinete, tirou do charuto um rolo de papel muito fino, quase do tamanho de um palito de dente. Era um bilhete. Ele o desenrolou e leu a mensagem escrita com uma caligrafia feminina:

“A cesta foi trocada. Oito em cada dez foram modificadas. Ao pressionar com o pé mais próximo do exterior, a placa se solta de

cima para baixo. De doze a dezesseis todos os dias, o HP vai esperar. Mas onde? Resposta imediata. Não se preocupe, seu amigo está cuidando de você.”

M. Dudouis pensou por um momento e disse:

– É bem claro... a cesta... as oito caixas... De doze a dezesseis, ou seja, do meio-dia às quatro da tarde...

– Mas esse H-P... quem vai esperar?

– H-P, nesse caso, deve ser referência a um carro, H-P, *horse power*, cavalos de potência, não é assim que se mede a força de um motor em linguagem esportiva? Um vinte e quatro HP é um automóvel de vinte e quatro cavalos.

Ele se levantou e perguntou:

– O detento estava terminando o almoço?

– Sim.

– E como ele ainda não leu esta mensagem, como mostra a condição do charuto, é provável que tenha acabado de recebê-la.

– Como?

– Na comida, no meio do pão ou da batata, quem sabe?

– Impossível, ele só teve permissão para comprar comida fora, porque queríamos pegá-lo, e não encontramos nada.

– Esta noite vamos procurar a resposta de Lupin. Por enquanto, mantenha-o fora da cela. Vou levar isso ao juiz de instrução. Se ele aceitar minha sugestão, fotografamos a carta imediatamente e, em uma hora, você vai poder colocá-la de volta na gaveta junto com os outros objetos, dentro de um charuto idêntico. O detento não deve desconfiar de nada.

Curioso, M. Dudouis voltou à Santé naquela noite acompanhado pelo inspetor Dieuzy. Em um canto, sobre o aquecedor, havia três pratos.

– Ele comeu?

– Sim – respondeu o diretor.

– Dieuzy, por favor, corte esse macarrão em pedaços bem pequenos e abra aquele pão... Nada?

– Não, chefe.

M. Dudouis examinou os pratos, o garfo, a colher, finalmente a

faca, uma faca regular, comum de lâmina arredondada. Ele girou o cabo para a esquerda, depois para a direita. À direita, o cabo se soltou. A faca era oca e servia de recipiente para uma folha de papel.

– Ah! – ele disse – Isso não é muito inteligente para um homem como Arsène. Mas não vamos perder tempo. Você, Dieuzy, vai fazer uma investigação nesse restaurante.

Depois ele leu:

“Estou nas suas mãos, o H-P vai seguir de longe, todos os dias. Estarei na frente. Vejo você em breve, querido e admirável amigo.”

– Finalmente – exclamou M. Dudouis, esfregando as mãos – acho que estamos no caminho certo. Uma pequena ajuda nossa, e a fuga será bem-sucedida... pelo menos o suficiente para nos permitir pegar os cúmplices.

– E se Arsène Lupin escapar? – protestou o diretor.

– Vamos empregar o número necessário de homens. Se, no entanto, ele demonstrar muita habilidade nisso... puxa, que pena para ele! Quanto ao bando, se o chefe se recusa a falar, os outros falarão.

E, de fato, ele não falava muito, esse Arsène Lupin. Durante meses, M. Jules Bouvier, o juiz de instrução, tentou sem sucesso. Os interrogatórios foram reduzidos a conversas irrelevantes entre o juiz e o advogado, Maître Danval, um dos grandes nomes da Ordem dos Advogados que, aliás, sabia tanto do arguido agora quanto no início, quando pegou o caso.

De vez em quando, por educação, Arsène Lupin cedia:

– Mas, senhor juiz, estamos de acordo: o roubo do Crédit Lyonnais, o roubo da rua de Babylone, a questão das notas falsas, o caso das apólices de seguro, o roubo dos castelos d’Armesnil, de Gouret, Imblevain, des Groseillers, Malaquis, tudo isso é obra desse seu servo.

– Então, poderia me explicar...

Inútil, admito tudo, tudo e até dez vezes mais do que imagina.

Cansado da guerra, o juiz suspendeu esses tediosos interrogatórios. Depois de saber dos dois bilhetes interceptados, ele os devolveu. E, regularmente, ao meio-dia, Arsène Lupin era levado da Secretaria da Santé para o Tribunal no carro da prisão, com mais alguns presidiários. Retornavam lá pelas três ou quatro horas.

No entanto, uma tarde, o retorno ocorreu em condições especiais. Como os outros prisioneiros da Santé ainda não haviam sido interrogados, decidiram levar Arsène Lupin de volta antes dos outros. Ele entrou na viatura sozinho.

Esses carros de prisão, comumente chamados de “cestos”, são divididos no sentido do comprimento por um corredor central, a partir do qual se abrem dez caixas, cinco à direita e cinco à esquerda. Cada uma dessas caixas comporta um detento, e cinco prisioneiros, portanto, sentam-se bem perto uns dos outros, separados por divisórias paralelas. Um guarda no fundo da viatura vigia o corredor.

Arsène foi conduzido para a terceira caixa à direita, e a viatura partiu. Ele percebeu que estavam saindo do Quai de l’Horloge e passando em frente ao Palais de Justice. Depois, quando se aproximavam do meio da Ponte Saint-Michel, ele apoiou o pé mais próximo do exterior, ou seja, o pé direito, como sempre fazia, sobre a chapa que fechava sua caixa. Imediatamente, alguma coisa estalou, e a placa de metal se moveu imperceptivelmente. Dava para ver que estava posicionado entre as duas rodas.

Ele esperou, manteve-se alerta. O carro subiu o Boulevard Saint-Michel. No cruzamento de Saint-Germain, eles pararam. O cavalo que puxava uma carroça tinha caído. O tráfego foi interrompido, e rapidamente formou-se um congestionamento de táxis e ônibus.

Arsène Lupin passou a cabeça pela abertura. Outro carro da penitenciária parou ao lado da viatura em que estava. Ele afastou completamente a placa de metal, apoiou o pé em uma das rodas e saltou para o chão.

Um cocheiro o viu, desatou a rir e tentou avisar os outros. Mas sua voz se perdeu em meio ao barulho dos outros veículos, que voltavam a passar. Além disso, Arsène Lupin já estava longe.

Ele deu alguns passos correndo; mas na calçada do lado esquerdo

ele virou, olhou em volta, como se sentisse a direção do vento sem saber ao certo para qual caminho seguir. Depois, decidido, enfiou as mãos nos bolsos e, com o ar despreocupado de quem está só dando um passeio, continuou subindo o bulevar.

O tempo era agradável, um clima alegre e leve de outono. Os cafés estavam lotados. Ele se sentou no terraço de um deles.

Pediu uma cerveja e um maço de cigarros. Esvaziou o copo em pequenos goles, fumou um cigarro em silêncio e acendeu outro. Finalmente, levantou-se e pediu para o garçom ir chamar o gerente.

O gerente veio, e Arsène falou em voz alta, o suficiente para ser ouvido por todos:

– Lamento, senhor, esqueci a carteira. Talvez meu nome seja conhecido o bastante para me conceder crédito por alguns dias: Arsène Lupin.

O gerente olhou para ele pensando que era brincadeira. Mas Arsène repetiu:

– Lupin, detido na Santé, atualmente em fuga. Ouso acreditar que este nome inspira total confiança.

E foi embora gargalhando, sem que o outro tivesse alguma reação.

Ele atravessou a rua Soufflot e seguiu pela rua Saint-Jacques. Continuou caminhando tranquilamente, parando diante das vitrines e fumando cigarros. No Boulevard de Port-Royal, ele se orientou, pediu informações e seguiu em linha reta para a Rua de la Santé. As paredes altas e sombrias da prisão logo surgiram diante dele. Depois de contornar o prédio, ele abordou o guarda que estava na entrada e tirou o chapéu:

– Esta é a prisão Santé?

– Sim.

– Eu gostaria de voltar para a minha cela. A viatura me deixou na rua, e não queria abusar...

O guarda resmungou:

– Escute aqui, homem, siga seu caminho, e rápido.

– Desculpe, mas meu caminho passa por esta porta. E se impedir Arsène Lupin de atravessá-la, pode acabar pagando caro, meu amigo.

– Arsène Lupin! O que está dizendo?

– Lamento não ter um cartão – disse Arsène, fingindo procurar nos bolsos.

O guarda o olhou de cima a baixo com ar perplexo. Depois, sem dizer nenhuma palavra, como que a contragosto, tocou uma campainha. A porta de ferro se abriu.

Poucos minutos depois, o diretor correu para o escritório gesticulando, tomado por uma raiva violenta. Arsène sorriu.

– Francamente, diretor, não brinque muito comigo. Como? Tomam providências para que eu seja transportado sozinho, encenam um pequeno tumulto e imaginam que vou correr ao encontro dos meus amigos. E os vinte oficiais de segurança que nos acompanharam a pé, em táxis e bicicletas? Não, o que eles teriam feito comigo? Eu não teria conseguido sair vivo. Diga-me, diretor, por acaso era com isso que contavam?

Ele deu de ombros e acrescentou:

– Por favor, diretor, não perca seu tempo comigo. No dia em que eu quiser fugir, não vou precisar de ninguém.

Dois dias depois, o *Echo de France*, que tinha se tornado o relator oficial das façanhas de Arsène Lupin – dizia-se que Lupin era um de seus principais patrocinadores –, o *Echo de France* publicou essa tentativa de fuga com todos os detalhes. O texto das mensagens trocadas entre o detento e sua amiga misteriosa, os meios empregados para a manutenção dessa correspondência, a cumplicidade da polícia, o passeio no Boulevard Saint-Michel, o incidente no café Soufflot, tudo foi revelado. Soubemos que a pesquisa do inspetor Dieuzy com os garçons do restaurante não havia dado resultados. E ficamos sabendo também de uma coisa surpreendente, que mostrava a infinita variedade de recursos à disposição desse homem: a viatura da detenção em que ele fora transportado era totalmente equipada, seus cúmplices a haviam colocado no lugar de um dos seis carros que normalmente compõem a frota do serviço prisional.

Ninguém duvidava da fuga iminente de Arsène Lupin. Ele mesmo a anunciava em termos categóricos, como provou sua resposta a M. Bouvier no dia seguinte ao incidente. O juiz debochava de seu

fracasso, e ele o encarou e disse com tom frio:

– Escute bem, senhor, e acredite em mim: essa tentativa fazia parte do meu plano de fuga.

– Não entendi – zombou o juiz.

– Não precisa entender.

E como o juiz voltasse às perguntas de sempre durante esse interrogatório, que foi divulgado nas colunas do *Echo de France*, ele reclamou, cansado:

Meu Deus, meu Deus, de novo isso! Todas essas perguntas não têm a menor importância!

– Como assim, não têm importância?

– Não têm, já que não vou ao meu julgamento.

– Você não vai...

– Não vou, é uma obsessão, uma decisão irrevogável. Nada vai me fazer mudar de ideia.

Tamanha certeza, as inexplicáveis indiscrições cometidas todos os dias, tudo isso incomodava e desconcertava a justiça. Havia segredos que apenas Arsène Lupin conhecia, e cuja revelação só poderia vir dele. Mas com que propósito ele os revelaria? E como?

Arsène Lupin foi transferido de cela. Uma noite, ele desceu a escada. De sua parte, o juiz concluiu a investigação e encaminhou o caso para o promotor.

Fez-se o silêncio. Foram dois meses. Arsène passava o tempo deitado na cama, quase sempre olhando para a parede. Essa mudança de cela parecia tê-lo deprimido. Ele se recusava a conversar com o advogado. Mal trocava uma ou outra palavra com os carcereiros.

Na quinzena anterior ao julgamento, foi como se revivesse. Ele reclamou de falta de ar. Era levado ao pátio bem cedo por dois homens.

A curiosidade pública, entretanto, não diminuiu. Todos os dias esperávamos pela notícia da fuga. Quase a desejávamos, porque o personagem agradava à multidão com sua verve, sua alegria, sua diversidade, seu gênio inventivo e o mistério que cercava sua vida. Arsène Lupin tinha que escapar. Era inevitável, fatal. Ficamos até surpresos por estar demorando tanto. Todas as manhãs, o Chefe de

Polícia perguntava ao seu secretário:

- E então, ele ainda não foi embora?
- Não, senhor.
- Então, irá amanhã.

E, na véspera do julgamento, um senhor apareceu na redação do *Grand Journal*, perguntou pelo colaborador jurídico, jogou seu cartão na cara dele e saiu rapidamente. No cartão, havia as seguintes palavras: “Arsène Lupin sempre cumpre suas promessas”.

Foi nessas condições que começou o julgamento.

O público era enorme. Não havia quem não quisesse ver o famoso Arsène Lupin e saborear de antemão, a forma como ele assumiria o comando. Advogados e magistrados, cronistas e socialites, artistas e damas, toda Paris se espremia nos bancos da plateia.

Chovia, fazia um dia escuro lá fora, e foi difícil ver Arsène Lupin quando os guardas o apresentaram. Porém, o porte pesado, a maneira como se deixou cair em seu banco, a imobilidade indiferente e passiva não combinavam com ele. Várias vezes, o advogado – um dos assistentes de M. Danval, que achou indigno o papel a que fora reduzido –, várias vezes, o advogado falou com ele. Ele acenava com a cabeça e permanecia em silêncio.

O escrivão leu a acusação, depois o juiz disse:

– Acusado, levante-se. Seu nome, primeiro nome, idade e profissão?

Não houve resposta, e ele repetiu:

– Seu nome? Estou perguntando seu nome.

Uma voz grossa e cansada disse:

– Baudru, Désiré.

Houve sussurros. Mas o juiz insistiu:

– Baudru, Désiré? Ah! Bem, um novo personagem! Como se trata do oitavo nome que você assume, e que é, sem dúvida, tão imaginário quanto os outros, ficaremos, se não se importa, com o de Arsène Lupin, pelo qual você é mais conhecido.

O juiz olhou suas anotações e continuou:

– Porque, apesar de todas as pesquisas, não foi possível reconstituir sua identidade. Você representa um caso bastante original em nossa sociedade moderna, o de não ter passado. Não sabemos quem você é, de onde vem, onde passou sua infância, enfim, nada. Surgiu de repente, há três anos, não sabemos exatamente de que cenário, para, se revelar Arsène Lupin, isto é, um bizarro composto de inteligência e perversidade, imoralidade e generosidade. Os dados que temos sobre você antes desse período são mais uma suposição. É provável que o homem chamado Rostat, que trabalhou, oito anos atrás, ao lado do mágico Dickson, fosse ninguém menos que Arsène Lupin. É provável que o estudante russo que frequentou, há seis anos, o laboratório do Doutor Altier, no hospital Saint-Louis, e que muitas vezes surpreendeu o professor pela engenhosidade de suas hipóteses sobre bacteriologia e pela ousadia de suas experiências em doenças de pele, fosse ninguém menos que Arsène Lupin. Arsène Lupin também era o professor de luta livre japonesa que se estabeleceu em Paris muito antes de se ouvir falar em jiu-jítsu. Arsène Lupin, acreditamos, foi o ciclista que ganhou o Grande Prêmio da Exposição, recebeu seus dez mil francos e nunca mais reapareceu. Talvez Arsène Lupin também tenha sido aquele homem que salvou tantas pessoas pela janelinha do Bazar de la Charité... e as roubou.

E, depois de uma pausa, o juiz concluiu:

– Foi assim que passou esse tempo, que parece ter sido apenas uma preparação meticulosa para a luta que empreendeu contra a sociedade, em um aprendizado metódico que levou sua força, energia e habilidade ao ponto mais alto. Você aceita a exatidão desses fatos?

Durante esse discurso, o acusado alternava o peso de uma perna para a outra, com as costas curvadas e os braços inertes. Sob a iluminação mais intensa, notamos sua extrema magreza, as bochechas encovadas, as maçãs do rosto estranhamente salientes, o rosto cor de terra, marmorizado por pequenas manchas vermelhas e emoldurado por uma barba irregular e rala. A prisão o envelheceu e o definhou consideravelmente. Já não se reconhecia a silhueta elegante e o rosto jovem cujo retrato simpático os jornais tantas vezes publicaram.

Era como se ele não tivesse ouvido a pergunta. Duas vezes ela foi

repetida. Então, ele levantou a cabeça, pareceu pensar e, fazendo um esforço violento, murmurou:

– Baudru, Désiré.

O juiz riu.

– Não estou entendendo esse sistema de defesa que você adotou, Arsène Lupin. Se quer se fazer de bobo e irresponsável, fique à vontade. Quanto a mim, vou direto ao ponto, sem me preocupar com suas fantasias.

E ele começou a falar sobre os detalhes das acusações de furtos, trapanças e falsificações contra Lupin. Às vezes, questionava o acusado. Ele grunhia ou não respondia.

Começou o desfile de testemunhas. Houve vários depoimentos insignificantes, outros mais graves, todos com a característica comum de se contradizerem. Uma obscuridade inquietante cercava os procedimentos, mas o inspetor-chefe, Ganimard, foi apresentado e despertou interesse.

Desde o início, porém, o velho policial causou certa decepção. Ele parecia, não intimidado – tinha visto muitos outros –, mas preocupado, desconfortável. Várias vezes olhou para o acusado com visível embaraço. No entanto, com as duas mãos apoiadas na barra diante dele, relatou os incidentes em que estivera envolvido, a perseguição pela Europa, a chegada à América. E ouvíamos com atenção, como ouvíamos as histórias das aventuras mais emocionantes. Mas no final, ao mencionar suas conversas com Arsène Lupin, ele parou duas vezes, distraído e indeciso.

Estava claro que outro pensamento o assombrava. O juiz disse a ele:

Se não estiver bem, é melhor interromper seu testemunho.

Não, não, é só...

Calado, olhou demoradamente para o réu, atento, depois disse:

– Peço licença para examinar o acusado mais de perto. Há um mistério aqui que preciso esclarecer.

Aproximou-se, olhou para ele com atenção ainda maior, depois voltou à cadeira. E então, com tom um tanto solene, disse:

– Sr. Presidente, posso dizer que o homem que está aqui na minha

frente não é Arsène Lupin.

Um intenso silêncio seguiu essas palavras. O presidente, surpreso a princípio, exclamou:

– Ah! O que está dizendo? Isso é loucura.

O inspetor afirmou, tranquilo:

– À primeira vista, talvez haja alguma semelhança, e de fato existe, admito, mas basta um segundo de atenção. O nariz, a boca, o cabelo, a cor da pele... bem, é isso: não é Arsène Lupin. E os olhos! Ele já teve esses olhos de alcoólatra?

– Um minuto, um minuto, vamos explicar. O que pretende a testemunha?

– É o que sei! Ele desapareceu e deixou em seu lugar um pobre diabo que iríamos condenar como se fosse ele... A menos que seja um cúmplice.

Gritos, risadas e exclamações eram ouvidos de todos os lados da sala, provocados por aquela reviravolta inesperada. O juiz-presidente convocou o juiz de instrução, o diretor da Santé e os guardas e suspendeu a audiência.

Na retomada da sessão, M. Bouvier e o diretor, colocados na presença do acusado, declararam que havia entre Arsène Lupin e aquele homem apenas uma vaga semelhança de traços.

– Mas então – gritou o juiz –, quem é este homem? De onde surgiu? Como está nas mãos da justiça?

Os dois guardas da Santé se apresentaram. Em uma contradição impressionante, reconheceram o detento que supervisionaram em turnos! O juiz respirou fundo.

Mas um dos guardas continuou:

– Sim, sim, acho que é ele.

– Como assim, você acha?

– Senhor, eu mal o vi. Eu o supervisionava à noite, e, por dois meses, ele sempre esteve virado para a parede.

– Mas e antes desses dois meses?

– Ah! Antes, ele não ocupava a cela 24.

O diretor da prisão esclareceu esse ponto:

– Mudamos o detento de cela depois da tentativa de fuga.

- Mas você, Diretor, o viu nesses dois meses?
- Não foi necessário... ele estava quieto.
- E este homem não é o detento que lhe foi entregue?
- Não.
- Então, quem é ele?
- Não sei dizer.
- Estamos, portanto, diante de uma substituição que teria ocorrido há dois meses. Como você explica isso?
- É impossível.
- Então?

Em desespero, o juiz olhou para o réu e perguntou com tom envolvente:

– O réu poderia me explicar como e desde quando está nas mãos da justiça?

Pode-se dizer que o tom benevolente do juiz desarmou a desconfiança ou estimulou a compreensão do homem. Ele tentou responder. Finalmente, interrogado com habilidade e delicadeza, conseguiu coordenar algumas frases, das quais se extraiu que: dois meses antes, ele fora levado para a Delegacia. Passou uma noite e uma manhã lá. Com setenta e cinco centavos no bolso, fora libertado. Mas, quando estava atravessando o pátio, dois guardas o pegaram pelo braço e o conduziram até o carro da prisão. Desde então, ele está morando na cela 24, nada infeliz... as pessoas se alimentam bem... as pessoas dormem bem... Então, ele não reclamou...

Tudo parecia provável. Em meio a risos e grande entusiasmo, o juiz encaminhou o assunto para outra sessão para uma investigação mais aprofundada.

A investigação apurou imediatamente este fato, registrado no prontuário da prisão: oito semanas antes, um homem chamado Baudru Desiré havia dormido na Delegacia. Liberado no dia seguinte, deixou o local às duas da tarde. Porém, naquele dia, às duas horas, interrogado pela última vez, Arsène Lupin deixou a vara de instrução e foi levado no carro da prisão.

Os guardas cometeram um erro? Enganados pela semelhança, teriam eles mesmos, em um momento de desatenção, substituído o prisioneiro por esse homem? Um erro como esse insinuaria uma displicência que seu histórico de serviço não nos permitia supor.

A troca foi combinada com antecedência? Além de o layout das instalações tornar essa hipótese quase impossível, teria sido necessário, nesse caso, que Baudru fosse cúmplice e que tivesse sido preso com o propósito específico de ocupar o lugar de Arsène Lupin. Mas então, por que milagre esse plano, baseado apenas em uma série de coincidências incríveis, encontros fortuitos e erros fabulosos, teve sucesso?

Désiré Baudru foi encaminhado ao serviço de antropometria: não havia registros que correspondessem à sua descrição. Além disso, seus vestígios foram facilmente encontrados. Ele era conhecido em Courbevoie, Asnières, Levallois. Vivia de esmolas e dormia em uma daquelas cabanas de catadores de lixo que se amontoavam perto da estação de Ternes. Durante um ano, entretanto, ele havia desaparecido.

Fora contratado por Arsène Lupin? Nada levava a crer nessa possibilidade. E quando isso começou a parecer possível, também não se soube mais sobre a fuga do prisioneiro. O mistério persistiu. Das vinte hipóteses com que tentaram explicá-lo, nenhuma era satisfatória. A fuga, por si só, não estava em dúvida, uma fuga incompreensível, impressionante, na qual o público, assim como o sistema de justiça, sentiam o esforço de uma longa preparação, de um conjunto de atitudes maravilhosamente entrelaçadas, e cujo desfecho justificava a previsão orgulhosa de Arsène Lupin: “Não vou comparecer ao meu julgamento”.

Depois de um mês de minuciosa pesquisa, o enigma ainda mantinha seu caráter indecifrável. No entanto, não era possível manter preso, por tempo indeterminado, esse pobre diabo do Baudru. Seu julgamento teria sido ridículo: que acusações havia contra ele? A libertação foi assinada pelo juiz de instrução. Mas o chefe de segurança decidiu mantê-lo sob vigilância ativa.

A ideia veio de Ganimard. Na opinião dele, não havia

cumplicidade nem acaso. Baudru era um instrumento que Arsène Lupin tocava com sua habilidade extraordinária. Com Baudru livre, e por meio dele, seria possível chegar a Arsène Lupin ou, pelo menos, a alguém de sua gangue.

Os inspetores Folenfant e Dieuzy foram associados a Ganimard e, em uma manhã de janeiro de tempo nublado, as portas da prisão se abriram para Baudru Désiré.

De início, ele parecia um tanto constrangido e caminhava como um homem que não sabe muito bem o que fazer com seu tempo. Seguiu pela rua de la Santé e pela rua Saint-Jacques. Diante de um brechó, tirou o paletó e o colete, vendeu o colete por alguns centavos e, vestido novamente com o paletó, foi embora.

Ele atravessou o Sena. No Châtelet, tentou entrar em um ônibus, mas não havia espaço. O controlador o aconselhou a pegar uma senha, e ele entrou na sala de espera.

Naquele momento, Ganimard chamou seus dois homens e, sem perder de vista a sede da rodoviária, disse apressado:

– Pare um carro... não, dois, é mais seguro. Um de vocês vem comigo, e vamos seguir o homem.

Os dois obedeceram. Baudru, no entanto, não apareceu. Ganimard entrou: não havia ninguém na sala.

– Eu sou um idiota – ele resmungou –, esqueci a segunda saída.

A rodoviária tinha um corredor interno que se estendia até a rua Saint-Martin. Ganimard correu. Chegou bem a tempo de ver Baudru no ônibus Batignolles-Jardin des Plantes, que virou na esquina da rua de Rivoli. Ele correu e alcançou o ônibus. Mas tinha perdido seus dois agentes. Era o único a continuar a perseguição.

Furioso, estava prestes a segurá-lo pelo colarinho sem perder mais tempo. Não foi com premeditação e astúcia engenhosa que o sujeito o separou de seus auxiliares?

Ele olhou para Baudru. Ele cochilava no banco, a cabeça balançando para frente e para trás. A boca estava entreaberta, o rosto tinha uma incrível expressão de estupidez. Não, aquele não era um oponente capaz de derrotar o velho Ganimard. O acaso o havia ajudado, só isso.

No cruzamento da Galeries com a Lafayette, o homem desceu do ônibus e pegou o bonde Muette. Seguiu pela Boulevard Haussmann e Avenida Victor-Hugo. Baudru só desembarcou na frente da estação de Muette. E com um andar indiferente, mergulhou no Bois de Boulogne.

Foi de uma calçada a outra, voltou sobre os próprios passos, afastou-se. O que estava procurando? Tinha um objetivo?

Depois de uma hora nesse carrossel, ele parecia exausto. Na verdade, ao avistar um banco, ele se sentou. O local, que não ficava muito longe de Auteuil, às margens de um pequeno lago escondido entre as árvores, estava absolutamente deserto. Meia hora se passou. Impaciente, Ganimard resolveu tentar conversar.

Ele se aproximou e sentou ao lado de Baudru. Acendeu um cigarro, traçou círculos na areia com a ponta da bengala e disse:

– Não está muito quente.

Silêncio. E, de repente, nesse silêncio, ecoou uma gargalhada, mas uma gargalhada alegre e feliz, a gargalhada de uma criança que explode em risadas e que não consegue parar de rir. Ganimard sentia o cabelo arrepiar, ficar em pé. Aquela risada, aquela risada infernal que ele conhecia tão bem!

Com um gesto repentino, ele agarrou o homem pelas lapelas do paletó e olhou para ele de frente, de um jeito violento, ainda mais intenso do que tinha olhado para ele no Tribunal e, na verdade, não era mais o homem que viu lá. Era o homem, mas, ao mesmo tempo, era o outro, o verdadeiro.

Ajudado por uma vontade cúmplice, ele redescobriu a vida fulgurante em seus olhos, completou a máscara emaciada, viu a verdadeira carne sob a epiderme danificada, a boca verdadeira atrás do sorriso que a deformava. E eram os olhos do outro, a boca do outro, era principalmente sua expressão penetrante, viva, debochada, espiritual, tão límpida e tão jovem!

– Arsène Lupin, Arsène Lupin – ele gaguejou.

E, de repente, tomado de raiva, apertou-lhe a garganta e tentou derrubá-lo. Apesar de seus cinquenta anos, ele ainda era excepcionalmente vigoroso, enquanto seu oponente parecia estar em péssimas condições. E que golpe de mestre seria, se conseguisse levá-

lo de volta!

A luta foi rápida. Arsène Lupin mal se defendeu e, tão rápido quanto atacou, Ganimard o soltou. Seu braço direito estava inerte, entorpecido.

– Se tivesse aprendido jiu-jítsu no Quai des Orfèvres – Lupin disse –, saberia que esse movimento é chamado de *udi-shi-ghi* em japonês. – E acrescentou friamente: – Mais um segundo, e eu quebraria seu braço, e você teria o que merece. Como você, velho amigo a quem estimo, diante de quem revelo espontaneamente meu disfarce, abusa da minha confiança? Está errado... bem, e então, qual é o problema?

Ganimard ficou em silêncio. Essa fuga pela qual se considerava responsável... Não fora ele quem, por seu testemunho sensacional, enganara a justiça? Essa fuga parecia ser a vergonha de sua carreira. Uma lágrima rolou por seu bigode cinza.

– Por Deus, Ganimard, não se preocupe: se não tivesse falado, eu teria providenciado para que outra pessoa falasse. Veja bem, eu não poderia admitir que condenassem Baudru Désiré.

– Então – sussurrou Ganimard –, era você quem estava lá? É você quem está aqui!

– Eu, sempre eu, só eu.

– É possível?

– Oh! Você não precisa ser um feiticeiro. Basta, como disse esse bravo juiz, preparar-se durante doze anos para estar pronto para todas as eventualidades.

– Mas seu rosto? Os olhos?

– Você sabe que se trabalhei dezoito meses em Saint-Louis com o doutor Altier, não foi por amor à arte. Achei que aquele que um dia teria a honra de ser chamado de Arsène Lupin deveria dominar as leis comuns de aparência e identidade. A aparência? Nós a modificamos à vontade. Essa injeção hipodérmica de parafina causa bolhas na pele exatamente onde você deseja. O ácido pirogálico o transforma em um moicano. O suco da celidônia cria crostas e tumores do mais satisfatório efeito. Um processo químico atua no crescimento da barba e do cabelo, outro, no som da sua voz. Acrescente a isso dois meses de dieta na cela 24, exercícios mil vezes repetidos para abrir minha boca

de acordo com esse sorriso torto, manter a cabeça nessa inclinação e as costas encurvadas. Finalmente, cinco gotas de atropina nos olhos para torná-los abatidos e indescritíveis, e pronto.

– Eu não entendo que os guardas...

– A metamorfose foi gradual. Eles não poderiam notar a evolução diária.

– Mas Baudru Désiré?

– Baudru existe. Ele é um pobre homem inocente que conheci no ano passado e que, realmente, tem comigo uma pequena semelhança de traços. Antecipando uma prisão sempre possível, eu o mantive em segurança e me dediquei a discernir, desde o início, os pontos de divergência que nos distinguiam, a fim de atenuá-los tanto quanto possível. Meus amigos o fizeram passar uma noite na delegacia, de modo que ele saiu mais ou menos na mesma hora que eu, e foi fácil ver a coincidência. Pois, observe, tivemos que plantar vestígios de sua passagem, ou a justiça teria se perguntado quem eu era. Ao oferecer ao tribunal esse excelente Baudru, era inevitável que a justiça pulasse sobre ele e que, apesar das dificuldades intransponíveis de uma substituição, preferisse acreditar na troca a confessar sua ignorância.

– Sim, sim, de fato – sussurrou Ganimard.

– E então – disse Arsène Lupin –, eu tinha em mãos um trunfo formidável, uma carta que mantive à mão desde o início: a expectativa de todos em relação à minha fuga. E aqui está o erro grosseiro em que você e os outros caíram, nesse jogo fascinante em que a justiça e eu tínhamos nos envolvido e cuja aposta era minha liberdade: você presumiu, mais uma vez, que eu agia para me exibir, que estava intoxicado por meu sucesso, como um menino bobo. Eu, Arsène Lupin, que fraqueza! E como no caso Cahorn, você não pensou: “Enquanto Arsène Lupin gritar dos telhados que vai fugir, é porque tem motivos para isso”. Mas entenda que, para fugir... sem fugir, era preciso acreditar de antemão na fuga, era uma questão de fé, uma convicção absoluta, uma verdade ofuscante como o sol. E foi assim, por minha vontade. Arsène Lupin escaparia, Arsène Lupin não compareceria ao julgamento. E quando você se levantasse para dizer: “este homem não é Arsène Lupin”, seria natural que todos acreditassem imediatamente

que eu não era Arsène Lupin. Se apenas uma pessoa duvidasse, se uma só perguntasse: “E se for Arsène Lupin?”, nesse minuto eu estaria perdido. Bastaria alguém olhar para mim, não com a ideia de que eu não era Arsène Lupin, como você e os outros faziam, mas com a ideia de que eu poderia ser Arsène Lupin, e apesar de todas as minhas precauções, eu seria reconhecido. Ninguém poderia ter essa ideia simples, era impossível do ponto de vista da lógica e da psicologia. – E, de repente, ele segurou a mão de Ganimard. – Vamos, Ganimard, admita, oito dias depois do nosso encontro na prisão de La Santé, você me esperou às quatro horas em sua casa, como eu havia sugerido.

– E quanto à viatura da prisão? Ganimard perguntou, evitando responder.

– Blefe! Foram meus amigos que arrumaram e substituíram a viatura por aquele carro velho e surrado e quiseram fazer uma tentativa. Mas eu sabia que seria impraticável, sem uma combinação de circunstâncias excepcionais. Só achei útil executar essa tentativa de fuga e dar a ela maior publicidade. Uma primeira fuga ousada e combinada deu à segunda o valor de uma fuga garantida com antecedência.

– Mas o charuto...

– Preparado por mim, como a faca.

– E os bilhetes?

– Escritos por mim.

– E a correspondente misteriosa?

– Ela e eu somos um só. Treinei todas as caligrafias.

Ganimard pensou por um momento e argumentou:

– Como é possível que no departamento de antropometria, quando pegamos o cartão de Baudru, não notamos que as características coincidiam com as de Arsène Lupin?

– O arquivo de Arsène Lupin não existe.

– Mentira!

– Ou é falso, pelo menos. Essa é uma questão que tenho estudado muito. O sistema Bertillon inclui, primeiro, caracterização visual – e você pode ver que ela não é infalível – e, depois, caracterização por medidas, medidas da cabeça, dedos, orelhas e assim por diante. Não

há nada a fazer.

– Então?

– Então tivemos que pagar. Antes mesmo do meu retorno da América, um dos funcionários do serviço aceitou dinheiro para inserir uma medida falsa no início do meu prontuário. Isso é suficiente para que todo o sistema se desvie e faça uma carta indicar uma direção completamente diferente daquela que deveria sugerir. O arquivo de Baudru, portanto, não precisava coincidir com o arquivo de Arsène Lupin.

Houve outro silêncio, depois Ganimard perguntou:

– E agora, o que vai fazer?

– Agora – Lupin respondeu –, vou descansar, fazer uma dieta reforçada e, aos poucos, voltar a ser eu mesmo. É muito bom ser Baudru ou outra pessoa, mudar sua personalidade como se fosse uma roupa e escolher sua aparência, sua voz, seu visual, sua caligrafia. Mas acontece que não nos reconhecemos mais em tudo isso, o que é muito triste. Atualmente estou vivendo o que deve ter sentido o homem que perdeu sua sombra. Eu vou me procurar... e me encontrar.

Ele andou de um lado para o outro. Um pouco de escuridão se misturou à luz do dia. Ele parou na frente de Ganimard.

– Não temos mais nada a dizer um ao outro, eu acho?

– Sim – respondeu o inspetor –, gostaria de saber se vai revelar a verdade sobre sua fuga... O erro que cometi...

– Ah, ninguém jamais saberá que foi Arsène Lupin quem foi libertado. Tenho muito interesse em acumular ao meu redor as névoas mais misteriosas, para não deixar escapar esse caráter quase milagroso. Sendo assim, não tenha medo, meu bom amigo, e adeus. Vou jantar na cidade esta noite e só tenho tempo para me vestir.

– Pensei que quisesse descansar!

– Ai! Existem obrigações mundanas que não podem ser evitadas. O descanso começará amanhã.

– E onde vai jantar?

– Na Embaixada Britânica.

O VIAJANTE MISTERIOSO

No dia anterior, eu enviara meu automóvel para Rouen pela estrada. Viajaria até lá de trem e, de lá, iria ver amigos que moram nas margens do Sena.

Agora, em Paris, poucos minutos antes da partida, sete cavalheiros invadiram meu compartimento; cinco fumavam. Por mais curta que fosse a jornada, a perspectiva de passar esse tempo com esse tipo de companhia era desagradável para mim, especialmente porque viajávamos em um vagão antigo, sem corredor. Peguei, então, meu sobretudo, meus jornais, meu guia e mudei para um dos compartimentos vizinhos.

Havia uma senhora lá. Quando me viu, ela fez um gesto de contrariedade que não me escapou e se inclinou para um cavalheiro que estava em pé no degrau, seu marido, sem dúvida, e que a acompanhara até a estação. O cavalheiro olhou para mim, e o exame provavelmente acabou me favorecendo, pois ele falou em voz baixa com a esposa, sorrindo, com jeito de quem tranquiliza uma criança que tem medo. Ela sorriu e me lançou um olhar amigável, como se, de repente, entendesse que eu era um daqueles homens galantes com quem uma mulher pode ficar trancada por duas horas em uma caixinha de seis metros quadrados, sem nada para temer.

O marido disse a ela:

– Espero que entenda, querida, mas tenho um compromisso urgente e não posso mais esperar.

Ele a beijou afetosamente e foi embora. A esposa mandou beijinhos discretos pela janela e acenou com o lenço.

O apito soou. O trem partiu.

Naquele exato momento, e apesar dos protestos dos funcionários, a porta se abriu e um homem surgiu em nosso compartimento. Minha companheira de viagem, que estava de pé e arrumando suas coisas no compartimento de bagagens, soltou um grito de terror e caiu no

banco.

Não sou covarde, longe disso, mas reconheço que essas aparições de última hora são sempre incômodas. Parecem ambíguas, não são naturais. Tem que haver algo por trás, ou então...

Mas a aparência e a atitude do recém-chegado atenuaram a má impressão causada pelo gesto. A correção, a elegância, a gravata de bom gosto, as luvas limpas, o rosto enérgico... Mas, espere, onde diabos eu tinha visto aquele rosto? Porque não havia dúvida, eu já o tinha visto. Ou melhor, para ser mais preciso, tinha aquele tipo de lembrança de um retrato observado várias vezes, cujo modelo nunca fora visto. E, ao mesmo tempo, sentia que era inútil qualquer esforço para recuperar a lembrança, porque ela era inconsistente e vaga.

Mas, ao olhar para a senhora, fiquei surpreso com sua palidez e com a transformação de suas feições. Ela olhava para o vizinho – eles estavam sentados do mesmo lado – com uma expressão de verdadeiro pavor, e eu percebi que uma de suas mãos trêmulas deslizava na direção de uma pequena bolsa de viagem em cima do banco, a uns vinte centímetros de seus joelhos. Ela finalmente alcançou a bolsa e, nervosa, a puxou para perto.

Nossos olhos se encontraram, e li em seu rosto tão grande inquietação e ansiedade, que não pude deixar de comentar:

– Não está bem, madame? Quer que eu abra esta janela?

Sem responder, ela apontou para o indivíduo com um gesto de medo. Sorri como o marido dela, dei de ombros e expliquei por sinais que ela não tinha nada a temer, que eu estava ali e, além disso, aquele cavalheiro parecia bastante inofensivo.

Naquele momento, ele olhou para nós, primeiro um, depois o outro, nos estudou da cabeça aos pés, depois, se ajeitou em seu canto e ficou quieto.

Houve um silêncio, mas a senhora, como se tivesse reunido todas as energias para realizar algum ato desesperado, disse-me com uma voz quase imperceptível:

– Você sabe que ele está no nosso trem?

– Quem?

– É ele... ele... garanto a você.

- Ele quem?
- Arsène Lupin!

Ela não tirava os olhos do viajante e foi para ele, e não para mim, que pronunciou as sílabas desse nome perturbador.

O homem puxou o chapéu até o nariz. Para esconder sua confusão, ou estava se ajeitando para dormir?

Respondi:

– Arsène Lupin foi condenado ontem, à revelia, a vinte anos de trabalhos forçados. Portanto, é improvável que cometesse a imprudência de aparecer em público hoje. Além disso, os jornais não noticiaram que ele estava na Turquia neste inverno, depois de sua famosa fuga da Santé?

– Ele está neste trem – repetiu a senhora, cuja intenção de ser ouvida por nosso companheiro era cada vez mais evidente –, meu marido é vice-diretor do serviço penitenciário, e foi o próprio comissário da estação que nos contou que eles estavam procurando Arsène Lupin.

– Não é motivo...

– Nós o encontramos no saguão. Ele comprou uma passagem de primeira classe para Rouen.

– Seria fácil pegá-lo.

– Ele desapareceu. O fiscal na entrada das salas de espera não o viu, mas supunha-se que ele tivesse passado pelas plataformas dos trens para os subúrbios e embarcado no expresso que partiria dez minutos depois de nós.

– Nesse caso, já deve ter sido pego.

– E se, no último momento, ele saltasse daquele trem e viesse para cá, para o nosso trem... como é provável... como é certo?

– Nesse caso, é aqui que vai ser capturado. Porque os funcionários e agentes não deixariam de notar a mudança de um trem para outro e, quando chegarmos em Rouen, eles o pegarão.

– Nunca! Ele encontrará uma maneira de escapar novamente.

– Nesse caso, desejo a ele uma boa viagem.

– Mas até então, tudo o que ele pode fazer...

– O quê?

– E eu sei? Espera-se tudo!

Ela estava muito agitada, e, de fato, a situação justificava, em certa medida, essa excitação nervosa. Quase sem querer, disse a ela:

– Existem coincidências curiosas, sim... mas não se preocupe. Mesmo que Arsène Lupin esteja em um desses vagões, vai ficar onde está, evitando arrumar mais problemas, não vai pensar em nada que não seja evitar o perigo que o cerca.

Minhas palavras não a acalmaram. No entanto, ela ficou em silêncio, provavelmente com receio de ser indiscreta.

Abri meu jornal e li as notícias sobre o julgamento de Arsène Lupin. Como não havia nada que já não fosse sabido, só dei uma lida por cima. Além disso, estava cansado, tinha dormido mal, sentia as pálpebras pesadas e a cabeça caindo.

– O senhor não vai dormir!

A mulher arrancou os jornais de minhas mãos e me olhou indignada.

– É claro que não – respondi –, nem estou com vontade.

– Seria o cúmulo da imprudência – ela disse.

– O cúmulo – repeti.

E lutei com determinação, apegando-me à paisagem e às nuvens que traçavam linhas no céu. E logo tudo perdeu a nitidez, a imagem da inquieta senhora e o cavalheiro cochilando desapareceu de minha cabeça, e fui invadido pelo grande e profundo silêncio do sono.

Sonhos inconsistentes e comuns logo o animaram, e neles um homem que desempenhava o papel e usava o nome de Arsène Lupin tinha certo destaque. Ele se movia ao longe, carregava nas costas objetos preciosos, atravessava paredes e derrubava castelos.

Mas a silhueta desse indivíduo, que aliás não era mais Arsène Lupin, foi ficando mais clara. Ele vinha em minha direção, ficava cada vez maior, pulou no vagão com uma agilidade incrível e caiu bem em cima do meu peito.

Uma dor aguda... um grito lancinante... Eu acordei. O homem, o outro passageiro, apertava meu pescoço e mantinha um joelho sobre meu peito.

Vi tudo isso muito vagamente, pois meus olhos estavam injetados.

Também vi a senhora se debatendo em um canto, dominada por um ataque de nervos. Nem tentei resistir. Além do mais, nem teria forças: minhas têmporas zumbiam, eu estava sufocando... Gemia... Mais um minuto... e seria a asfixia.

O homem deve ter sentido isso. Ele afrouxou a mão em meu pescoço. Sem se afastar, com a mão direita, esticou uma corda na qual havia preparado um nó de correr e, com um gesto brusco, amarrou meus pulsos. Em um instante, fui amarrado, amordaçado, imobilizado.

E ele fez esse trabalho da maneira mais natural do mundo, com uma facilidade que revelava o conhecimento de um mestre, de um profissional do furto e do crime. Nem uma palavra, nem um movimento agitado. Frieza e ousadia. E lá estava eu, no banco, amarrado como uma múmia, eu, Arsène Lupin!

Na verdade, era motivo de riso. E, apesar da gravidade das circunstâncias, não deixei de perceber como a situação era irônica e interessante. Arsène Lupin dominado como um novato! Roubado como uma criatura comum – pois, é claro, o bandido pegou minha bolsa e a carteira! Arsène Lupin, dessa vez vítima, enganado, derrotado... Que aventura!

Restava a senhora. Ele nem deu muita atenção a ela. Contentou-se em pegar a bolsinha caída no chão e tirar dela as joias, carteira e enfeites de ouro e prata ali guardados. A senhora abriu um olho, estremeceu de pavor, tirou os anéis e entregou-os ao homem como se quisesse poupá-lo de qualquer esforço desnecessário. Ele pegou os anéis e a encarou: ela desmaiou.

Então, ainda calado e quieto, sem olhar para nós novamente, ele voltou ao seu assento, acendeu um cigarro e examinou minuciosamente os tesouros conquistados, uma avaliação que o deixou muito satisfeito, aparentemente.

Eu estava bem menos satisfeito. Não me refiro aos doze mil francos de que fui indevidamente privado: aceitava essa inconveniência temporariamente e esperava recuperá-los o mais rápido possível, assim como os papéis muito importantes em meu portfólio: planos, orçamentos, endereços, listas de correspondentes, cartas comprometedoras. Mas, no momento, uma preocupação mais

imediate e mais séria me incomodava:

O que aconteceria?

Como podemos imaginar, não deixei de notar a confusão provocada por minha passagem pela estação Saint-Lazare. Convidado para ir à casa de amigos que visitava com o nome falso de Guillaume Berlat, e para os quais minha semelhança com Arsène Lupin era motivo de piadas carinhosas, não consegui me recompor como desejava, e minha presença foi anunciada. Além disso, foi visto um homem, Arsène Lupin, sem dúvida, correndo do trem metropolitano para o expresso. Portanto, inevitavelmente, fatalmente, o comissário de polícia de Rouen, avisado por telegrama e com a ajuda de um número considerável de agentes, estaria esperando o trem, interrogaria os passageiros suspeitos e faria uma revista caprichada nos vagões.

Tudo isso eu previa, e não estava muito aflito, pois tinha certeza de que a polícia de Rouen não seria mais perspicaz que a de Paris, e eu poderia passar despercebido – não bastaria mostrar de passagem o cartão de deputado com o qual já havia conquistado a confiança do fiscal da Saint-Lazare? Mas as coisas mudaram! Eu não estava livre. Não poderia tentar um dos meus golpes habituais. Em um dos vagões, o superintendente encontraria o chamado Arsène Lupin, deixado ali com os pés e as mãos amarrados, manso como um cordeiro, totalmente pronto. Ele só teria que recebê-lo, como se recebe uma encomenda enviada em seu nome para a estação, um peso de caça ou uma cesta de frutas e verduras.

E o que eu poderia fazer para evitar esse desfecho infeliz, preso naquelas cordas?

Seguíamos em alta velocidade em direção a Rouen, a única e próxima estação; passamos voando por Vernon, Saint-Pierre.

Outra questão me intrigava, um problema no qual eu tinha menos interesse direto, mas cuja solução provocava minha curiosidade profissional. Quais eram as intenções do meu companheiro?

Se eu estivesse sozinho, teria tempo para desembarcar tranquilamente em Rouen. Mas e a senhora? Assim que a porta se abrisse, ela, que no momento era tão sábia e humilde, gritaria, faria

escândalo, pediria socorro!

Era isso que me intrigava! Por que ele não a conteve como fez comigo, se assim teria tido tempo para desaparecer antes que alguém notasse seu crime duplo?

Ele ainda fumava, os olhos fixos no espaço que uma chuva hesitante começava a atravessar com grandes linhas inclinadas. Houve um instante, porém, em que ele se virou, pegou meu guia ferroviário e o consultou.

A mulher tentava continuar desmaiada para tranquilizar o inimigo. Mas os acessos de tosse provocados pela fumaça a desmentiam.

Quanto a mim, estava bem pouco à vontade e muito tenso. E estava pensando... fazendo combinações...

Pont-de-l'Arche, Oissel... O trem avançava depressa, alegre, embriagado de velocidade.

Saint-Étienne... Naquele momento, o homem se levantou e deu dois passos em nossa direção, e a senhora rapidamente reagiu com um novo grito e um desmaio de verdade.

O que ele pretendia? Ele abaixou o vidro do nosso lado. A chuva caía forte e, com um gesto, ele manifestou o aborrecimento por não ter um guarda-chuva nem sobretudo. Ele olhou para o bagageiro: a sombrinha da senhora estava lá. Ele a pegou. Também pegou meu sobretudo e o vestiu.

Estávamos atravessando o Sena. Ele dobrou a bainha da calça, se abaixou e levantou a trava externa.

Ia pular nos trilhos? Naquela velocidade, certamente morreria. Íamos em direção ao túnel sob a Côte Sainte-Catherine. O homem abriu a portinha e, com o pé, testou o primeiro degrau. Que loucura! Escuridão, fumaça, barulho, tudo fazia a tentativa parecer algo fantástico. Mas, de repente, o trem diminuiu a velocidade, os freios Westinghouse se opuseram ao movimento das rodas. Em um minuto a composição alcançou sua velocidade normal, e continuou reduzindo. Certamente havia obras de manutenção naquele trecho do túnel, talvez já há alguns dias, o que exigia que os trens passassem devagar, e o homem sabia disso.

Assim, só precisou apoiar o outro pé no degrau, descer e se afastar tranquilamente, não sem antes puxar a portinha para baixo e fechá-la.

Mal tinha desaparecido, quando a luz do dia tornou a fumaça mais clara. Saímos do túnel em um vale. Mais um túnel, e estaríamos em Rouen.

Imediatamente, a senhora recuperou os sentidos, e a primeira coisa que fez foi lamentar a perda das joias. Eu implorava com meus olhos. Ela entendeu e me libertou da mordaca que estava me sufocando. Também quis me desamarrar, mas não deixei.

– Não, não, a polícia tem que ver a cena como está. Quero que descubram quem é esse canalha.

– E se eu tocar a campainha de emergência?

– Tarde demais, devia ter pensado nisso quando ele me atacou.

– Mas ele teria me matado! Ah! Senhor, eu disse que ele estava neste trem! Eu o reconheci imediatamente pelo retrato. E lá vai ele com minhas joias.

– Vamos encontrá-lo, não se preocupe.

– Encontrar Arsène Lupin! Nunca.

– Depende da senhora. Escute. Quando chegarmos, abra a porta e grite, faça muito barulho. Agentes e funcionários responderão. Então, conte a eles o que viu, a agressão que sofri e a fuga de Arsène Lupin. Descreva-o, chapéu mole, um guarda-chuva – o seu – e um sobretudo cinza com cinto.

– O seu – ela disse.

– Meu? De jeito nenhum, dele. Eu não trouxe nenhum.

– Tive a impressão de que ele também não tinha um casaco quando subiu a escada.

– Sim, sim... a menos que fosse um casaco deixado no bagageiro. Enfim, ele o vestia quando saiu, e isso é o que importa... um sobretudo cinza com cinto, lembre-se disso... Ah! Ia esquecendo... diga seu nome logo de cara. O cargo de seu marido vai provocar esforços de todas essas pessoas.

Estávamos chegando. Ela já se inclinava para a porta. Acrescentei com tom um pouco forte, quase imperioso, de modo que minhas

palavras ficassem bem gravadas em seu cérebro.

– Diga também meu nome, Guillaume Berlat. Se for necessário, diga que me conhece... Isso vai ganhar tempo... temos que agilizar a investigação inicial... o importante é que persigam Arsène Lupin... suas joias... Não vai se enganar, vai? Guillaume Berlat, amigo de seu marido.

– Entendi... Guillaume Berlat.

Ela já estava gritando e gesticulando. O trem não havia parado completamente quando um cavaleiro embarcou, seguido por vários homens. A hora crucial se aproximava.

Ofegante, a mulher exclamou:

– Arsène Lupin... ele nos atacou... roubou minhas joias... Eu sou madame Renaud... meu marido é vice-diretor de serviços prisionais... Ah! Aí está justamente meu irmão, Georges Ardelle, diretor do Crédit Rouennais... deve saber...

Ela beijou um rapaz que acabara de se juntar ao grupo e, depois que o superintendente o cumprimentou, continuou em prantos:

– Sim, Arsène Lupin... enquanto o senhor dormia, ele o agarrou pela garganta... Senhor Berlat, um amigo de meu marido.

O comissário perguntou:

– Mas onde está Arsène Lupin?

– Saltou do trem no túnel sob o Sena.

– Tem certeza de que era ele?

– Se tenho certeza! Eu o reconheci perfeitamente. Na verdade, o vimos na estação ferroviária de Saint-Lazare. Ele usava um chapéu mole...

– Não... era um chapéu de feltro como esse – corrigiu o superintendente, apontando para o meu chapéu.

– Um chapéu macio, já disse – repetiu madame Renaud –, e um sobretudo cinza com cinto.

– Verdade – murmurou o superintendente –, o telegrama menciona esse sobretudo cinza com cinto e gola de veludo preto.

– Exatamente, gola de veludo preto – madame Renaud concordou, triunfante.

Respirei aliviado. Ah! Que brava e excelente amiga eu tinha ali!

Os agentes me desamarraram. Mordi o lábio com força até fazer sangrar. Curvado, com o lenço sobre a boca, como convém a um sujeito que passou muito tempo em uma posição incômoda e traz no rosto o rastro de sangue da mordaça, disse ao superintendente com voz fraca:

– Senhor, foi Arsène Lupin, não há dúvida... Podemos alcançá-lo com diligência... Acho que posso ajudar...

O vagão que seria periciado pela justiça foi desatrelado do trem. A composição seguiu para Le Havre. Atravessamos a multidão de curiosos na plataforma e fomos levados ao escritório do chefe da estação.

Nesse momento, hesitei. Eu poderia usar um pretexto qualquer e fugir, pegar meu carro e ir embora. Era perigoso esperar. Se acontecesse alguma coisa, se chegasse um telegrama de Paris, eu estaria perdido.

Sim, mas e meu ladrão? Sozinho em uma região que não conhecia muito bem, eu não tinha muita esperança de encontrá-lo.

“Ah! Vamos tentar”, disse a mim mesmo, “e vamos ficar. O jogo é difícil de vencer, mas muito divertido de jogar! E o prêmio compensa”.

E quando pediram para repetirmos nossos depoimentos, exclamei:

– Senhor Comissário, Arsène Lupin está escapando. Meu carro está estacionado no pátio. Se fizesse o favor de vir comigo, poderíamos tentar...

O comissário sorriu com astúcia:

– A ideia não é ruim... tanto que já está em execução.

– Ah!

– Sim, senhor, dois dos meus agentes partiram de bicicleta... já faz algum tempo.

– Mas para onde?

– Para a saída do túnel. Lá eles coletarão pistas, depoimentos, e seguirão o rastro de Arsène Lupin.

Dei de ombros.

– Seus dois agentes não vão conseguir nenhuma pista ou depoimento.

– É mesmo?

– Arsène Lupin tem certeza de que ninguém o viu saindo do túnel.

Deve ter seguido pela primeira estrada, e de lá...

– E de lá, Rouen, onde vamos pegá-lo.

– Ele não vai para Rouen.

– Então vai ficar nos arredores, onde será ainda mais certo...

– Ele não estará lá.

– Oh! Oh! E onde ele vai se esconder?

Peguei meu relógio.

– No momento, Arsène Lupin está no entorno da estação Darnétal.

Às dez e cinquenta, ou seja, dentro de vinte e dois minutos, ele tomará o trem que vai de Rouen, Gare du Nord, a Amiens.

– Acha mesmo? E como sabe disso?

– Oh! É muito simples. Arsène Lupin consultou meu guia ferroviário quando estávamos no vagão. Por quê? Não muito longe de onde ele desapareceu, tem outra linha, uma estação nessa linha e um trem que passa nessa estação? Não. De minha parte, também consultei o indicador. Ele me informou.

– Na verdade, senhor – disse o superintendente –, sua dedução é maravilhosa. Que habilidade!

Levado por minha convicção, cometi um erro ao mostrar tanta habilidade. Ele me olhava espantado, e tive a impressão de que estava desconfiado. Não muito, porque as fotos distribuídas por todos os lados eram muito imperfeitas, mostravam um Arsène Lupin muito diferente daquele que agora estava na frente dele, por isso não me reconheceria. Mesmo assim, estava confuso e preocupado.

Houve um momento de silêncio. Algo ambíguo e incerto nos impedia de falar. Senti num arrepio. A sorte se voltaria contra mim? Eu me controlei e ri.

– Meu Deus, nada favorece mais sua capacidade de compreensão do que perder a carteira e querer recuperá-la. E acredito que, se me ceder dois de seus agentes, eles e eu talvez possamos...

– Oh! Por favor, comissário! – exclamou madame Renaud. – Escute senhor Berlat.

A intervenção de minha excelente amiga foi decisiva.

Pronunciado por ela, esposa de uma figura influente, esse nome Berlat se tornava realmente meu e me dava uma identidade acima de qualquer suspeita. O comissário se levantou:

– Eu ficaria muito feliz, senhor Berlat, acredite, se pudesse testemunhar seu sucesso. A prisão de Arsène Lupin me interessa tanto quanto ao senhor.

Ele me acompanhou até o carro. Dois agentes, que ele me apresentou como Honoré Massol e Gaston Delivet, ocuparam seus lugares. Eu sentei ao volante. Meu mecânico girou a manivela. Alguns segundos depois, saímos da estação. Eu estava salvo.

Ah! Admito que, enquanto dirigia pelos bulevares que cercam a velha cidade normanda, avançando com a potência do meu Moreau-Lepton de trinta e cinco cavalos, sentia um certo orgulho. O motor rugia harmoniosamente. À direita e à esquerda, as árvores iam ficando para trás. E agora que estava livre, fora de perigo, só precisava resolver meus pequenos negócios pessoais com a ajuda de dois honestos representantes da segurança pública. Arsène Lupin ia em busca de Arsène Lupin!

Modestos defensores da ordem social, Delivet Gaston e Massol Honoré, como foi importante a ajuda que me deram! O que eu teria feito sem vocês? Sem vocês, em quantos cruzamentos teria escolhido o caminho errado! Sem vocês, um Arsène Lupin estaria perdido, e o outro teria escapado!

Mas as coisas não tinham acabado. Longe disso. Primeiro eu precisava encontrar o sujeito e, imediatamente, recuperar os papéis que ele havia roubado de mim. A qualquer preço, meus dois ajudantes não poderiam meter o nariz naqueles documentos, menos ainda se apropriarem deles. Usá-los e atuar sozinho, longe deles, era isso que eu queria, e não seria fácil.

Chegamos a Darnétal três minutos depois da passagem do trem. É verdade que tive o consolo de saber que um sujeito de sobretudo cinza com cinto e gola de veludo preto havia embarcado em um vagão de segunda classe com uma passagem para Amiens. Definitivamente, minha estreia como policial era promissora.

Delivet me disse:

– Esse trem é expresso, só vai parar em Montérol-Buchy daqui a dezenove minutos. Se não chegarmos lá antes de Arsène Lupin, ele pode seguir para ou Clères, e depois para Dieppe ou Paris.

– Qual é a distância até Montolier?

– Vinte e três quilômetros.

– Vinte e três quilômetros em dezenove minutos... Vamos chegar lá antes dele.

Essa era a fase emocionante! Nunca meu fiel Moreau-Lepton respondeu à minha impaciência com mais ardor e regularidade. Era como se eu comunicasse minha vontade a ele diretamente, sem o auxílio de alavancas e instrumentos. Ele compartilhava dos meus desejos. Aprovava minha teimosia. Entendia minha hostilidade contra esse canalha do Arsène Lupin. O enganador! O traidor! Eu o derrotaria? Ele jogaria novamente com a autoridade, com essa autoridade que eu personificava?

– Para a direita! – gritou Delivet. – Para a esquerda! Em frente!

Estávamos voando baixo. As placas eram como animais assustados que sumiam quando nos aproximávamos.

E, de repente, em uma curva da estrada, uma coluna de fumaça, o Express du Nord.

Durante um quilômetro, a luta foi equilibrada, progredimos lado a lado, uma luta desigual cujo desfecho era certo. No final, nós o vencemos por 20 corpos.

Em três segundos, chegamos à plataforma, na área da segunda classe. As portas se abriram. Algumas pessoas desembarcavam. Nada do meu ladrão. Inspecionamos os vagões. Nada de Arsène Lupin.

– Maldito! – gritei, – Eles devem ter me reconhecido no carro quando ficamos lado a lado e pulou.

O condutor confirmou minha hipótese. Tinha visto um homem rolando pelo barranco a duzentos metros da estação.

– Ali, ali... tem alguém atravessando a passagem de nível.

Corri, seguido pelos dois ajudantes, ou melhor, seguido por um deles, porque o outro, Massol, era um corredor excepcional e já se afastava em alta velocidade. Em alguns momentos, a distância que o

separava do fugitivo diminuiu de maneira impressionante. O homem o viu, atravessou uma cerca viva e correu para um morro e subiu. Nós o vimos se afastar ainda mais: ele entrava em um pequeno bosque.

Quando chegamos ao bosque, Massol nos esperava. Tinha decidido não se aventurar mais por medo de perder-nos de vista.

– Parabéns, meu caro amigo – disse a ele. – Depois dessa corrida, nosso homem deve estar sem fôlego. Temos essa vantagem.

Examinei os arredores, enquanto pensava nos meios para realizar sozinho a prisão do fugitivo e recuperar o que era meu, o que a justiça, sem dúvida, só teria tolerado depois de muitas investigações desagradáveis. Então, voltei para perto dos meus companheiros.

– Bem, é fácil. Você, Massol, vai pela esquerda. Você, Delivet, pela direita. De seus lugares, vigiem toda a parte de trás do bosque, e ele só vai poder sair sem ser visto, se vier por essa trilha, onde eu estarei. Se ele não sair, eu entro e o empurro para um ou outro. Vocês só precisam esperar. Ah! Esqueci: em caso de emergência, um tiro.

Massol e Delivet se separaram. Assim que eles se afastaram, entrei no bosque tomando todo o cuidado para não ser visto nem ouvido. Eram áreas de vegetação densa, preparadas para a caça e cortadas por trilhas muito estreitas, onde só se podia andar inclinado, como em um túnel de árvores.

Um deles terminava em uma clareira onde a grama molhada era marcada por pegadas. Eu as segui, tomando o cuidado de me locomover protegido pelo mato. Elas me levaram até o sopé de um pequeno morro em cujo cume havia uma cabana em ruínas.

“Ele deve estar aqui”, pensei. “É um observatório bem escolhido.”

Fui me esgueirando para perto da cabana. Um ruído baixo me avisou de sua presença, e, de fato, por uma abertura, eu o vi de costas.

Dois saltos, e eu estava em cima dele. Ele tentou apontar a arma que estava em sua mão. Não dei a ele tempo para isso, o joguei no chão, de modo que seus dois braços ficaram presos embaixo do corpo, torcidos, e apoiei o joelho sobre seu peito.

– Escute, meu querido – cochichei em seu ouvido. – Eu sou Arsène Lupin. Você vai me devolver agora, e de bom grado, minha carteira e a bolsa da senhora... em troca, tiro você das mãos da polícia e o

coloco entre meus amigos. Só quero ouvir uma palavra: sim ou não?

– Sim – ele sussurrou.

– Melhor assim. Seu golpe, hoje cedo, foi muito bem dado. Vamos nos dar muito bem.

Levantei-me. Ele enfiou a mão no bolso, tirou uma grande faca e tentou me acertar com ela.

– Imbecil! – gritei.

Com uma das mãos, me defendi do ataque. Com a outra, acertei um golpe violento em sua carótida. Ele caiu nocauteado.

Encontrei os papéis e o dinheiro na minha carteira. Por curiosidade, peguei a dele. Em um envelope endereçado a ele, li seu nome: Pierre Onfrey.

Eu vacilei. Pierre Onfrey, o assassino da rua Lafontaine, em Auteuil! Pierre Onfrey, aquele que matou a sra. Delbois e suas duas filhas. Inclinei-me sobre ele. Sim, foi aquele rosto que, no vagão de trem, tinha despertado em mim a lembrança de traços vistos anteriormente.

Mas o tempo estava passando. Coloquei no envelope duas notas de duzentos francos e um cartão e estas palavras: “Arsène Lupin para seus bons colegas Honoré Massol e Gaston Delivet, como um sinal de gratidão”. Deixei tudo bem à vista no meio da sala. Ao lado, a bolsa de madame Renaud. Não poderia devolvê-la à excelente amiga que me salvou? Confesso, porém, que tirei dela tudo que era interessante, deixando apenas um pente de tartaruga, um batom Dorin vermelho e um porta-moedas vazio. Que diabos! Negócio é negócio. E sério, o marido dela exercia uma profissão tão vergonhosa!

Restava o homem. Ele estava começando a se mexer. O que eu devia fazer? Não estava em posição para salvá-lo, nem para condená-lo.

Peguei suas armas e dei um tiro para o alto.

“Os outros dois virão”, pensei, “eles que resolvam! As coisas serão como quiser o destino.”

E saí dali correndo.

Vinte minutos depois, uma trilha secundária que eu tinha notado durante a perseguição me levou de volta ao carro.

Às quatro horas, telegrafei para meus amigos em Rouen, informando que um imprevisto me obrigava a adiar a visita. Cá entre nós, receio que, levando em conta o que eles já devem saber sobre mim, terei que adiar esse encontro indefinidamente. Que cruel desilusão deve ser para eles!

Às seis horas, voltei a Paris por Isle-Adam, Enghien e Porte Bineau.

Os jornais noturnos informaram que Pierre Onfrey finalmente tinha sido preso.

No dia seguinte – não se deve menosprezar as vantagens de uma propaganda inteligente –, o *Echo de France* publicou esta matéria sensacional:

“Ontem, perto de Buchy, depois de vários incidentes, Arsène Lupin prendeu Pierre Onfrey. O assassino da rua Lafontaine acabara de cometer um assalto na linha de Paris para Le Havre, e a vítima era a sra. Renaud, esposa do vice-diretor dos serviços penitenciários. Arsène Lupin devolveu à sra. Renaud a bolsa que continha suas joias e, generosamente, recompensou os dois agentes de segurança que o ajudaram nessa dramática detenção.”

O COLAR DA RAINHA

Duas ou três vezes por ano, em ocasiões importantes como os bailes da Embaixada da Áustria, ou as festas de Lady Billingsstone, a Condessa de Dreux-Soubise enfeitava o pescoço branco com o “Colar da Rainha”.

Era realmente o famoso, o lendário colar que Böhmer e Bassenge, joalheiros da coroa, destinaram ao Du Barry, que o cardeal de Rohan-Soubise decidiu oferecer a Maria Antonieta, rainha da França, e que a aventureira Jeanne de Valois, condessa de La Motte, desmontou em uma noite de fevereiro de 1785 com a ajuda do marido e cúmplice, Rétaux de Villette.

Para dizer a verdade, apenas a estrutura era autêntica. Rétaux de Villette a guardou, enquanto la Motte e a esposa espalharam as pedras removidas brutalmente, as pedras admiráveis escolhidas com tanto cuidado por Böhmer. Mais tarde, na Itália, ele a vendeu a Gaston de Dreux-Soubise, sobrinho e herdeiro do cardeal, salvo por ele da ruína durante a estrondosa falência da Rohan-Guéménée, e que, em memória do tio, comprou os poucos diamantes que ainda restavam com o joalheiro inglês Jefferys, completou o conjunto com outros de muito menor valor, mas de formato e tamanho semelhantes, e conseguiu reconstruir a maravilhosa gargantilha tal qual era ao sair das mãos de Böhmer e Bassenge.

Por quase um século, os Dreux-Soubise se orgulharam da joia histórica. Várias circunstâncias haviam diminuído suas fortunas de maneira notável, mas eles preferiram reduzir os custos domésticos a se desfazer da relíquia real e preciosa. O conde atual, em especial, a valorizava como se valoriza a casa paterna. Para garantir sua segurança, ele alugou um cofre no Crédit Lyonnais para guardá-lo. Ele mesmo ia buscá-lo no fim do dia, se a esposa quisesse usá-lo, e ele mesmo o levava de volta no dia seguinte.

Naquela noite, na recepção do Palácio de Castela, a condessa fez

um tremendo sucesso, e o rei Christian, o homenageado pela festa, notou sua magnífica beleza. Joias cobriam o pescoço gracioso. As mil facetas dos diamantes brilhavam e cintilavam como chamas na claridade das luzes. Ninguém além dela, ao que parecia, poderia ostentar com tanta facilidade e nobreza o peso de tal adorno.

Foi um triunfo duplo que o conde de Dreux saboreou intensamente e aplaudiu quando voltaram ao quarto do antigo palacete no Faubourg Saint-Germain. Estava orgulhoso da esposa, e talvez igualmente da joia que conferia prestígio à sua casa por quatro gerações. E sua esposa sentia, com tudo isso, uma vaidade meio infantil, mas que era a marca de seu caráter altivo.

Com algum pesar, ela tirou o colar do pescoço e o entregou ao marido, que o examinou com admiração, como se não o conhecesse. Em seguida, ele o guardou de volta no estojo de couro vermelho com o brasão do Cardeal e se dirigiu a um compartimento anexo, uma espécie de alcova completamente isolada do dormitório, e cuja única entrada ficava ao pé da cama deles. Como das outras vezes, ele o deixou sobre uma prateleira bastante alta, escondido entre caixas de chapéus e pilhas de roupas. Depois, fechou a porta e se despiu.

Pela manhã, ele se levantou por volta das nove horas com a intenção de ir, antes do almoço, ao Credit Lyonnais. Ele se vestiu, bebeu uma xícara de café e foi ao estábulo. Lá deu algumas ordens. Um dos cavalos o preocupava. Ele o fez andar e trotar no pátio. Depois, voltou para a casa e procurou a esposa.

Ela não havia saído do quarto e estava arrumando o cabelo com a ajuda de uma criada. Ela perguntou:

- Vai sair?
- Sim... tenho aquele compromisso...
- Ah! É verdade... é mais prudente...

Ele entrou na pequena alcova. Mas, depois de alguns segundos, ainda sem dar nenhum sinal de alarme, perguntou:

- Você pegou, querida?

Ela respondeu:

- Como? De jeito nenhum, não peguei nada.
- Mexeu aqui?

– Não. Nem abri essa porta.

Ele voltou ao quarto e, alterado, gaguejou em um tom quase inaudível:

– Não mexeu...? Não foi você...? Então...

Ela se aproximou, e os dois procuraram aflitos, jogando as caixas no chão e derrubando as pilhas de roupa suja. E o conde repetia:

– É inútil... tudo que fazemos é inútil... É aqui, neste lugar, nesta prateleira que o guardo.

– Pode ter se enganado.

– Estava ali, naquela prateleira, não em outra.

Eles acenderam uma vela, porque o gabinete estava bem escuro, e retiraram toda a roupa e todos os objetos que cobriam a caixa. E quando não havia mais nada no armário, tiveram que reconhecer, com desespero, que o famoso “Colar da Rainha” havia sumido.

De natureza determinada, a condessa não perdeu tempo se lamentando em vão e informou o comissário senhor Valorbe, cujo espírito sagaz e clarividência eles já tiveram oportunidade de testemunhar. Ele foi informado de todos os detalhes e imediatamente perguntou:

– Tem certeza, senhor le Comte, de que ninguém conseguiu atravessar seu quarto à noite?

– Certeza absoluta. Tenho o sono muito leve. E mais: a porta deste quarto estava trancada. Tive que remover o ferrolho hoje cedo, quando minha esposa chamou a criada.

– E não há nenhuma outra passagem por onde se possa entrar no gabinete?

– Não.

– Não tem janela?

– Tem, mas está travada.

– Eu gostaria de verificar...

Velas foram acesas, e senhor Valorbe percebeu imediatamente que a janela só estava bloqueada até a metade de sua altura por um baú que, aliás, não chegava a bloquear os caixilhos.

– Mas encosta neles – disse o sr. de Dreux – o suficiente para não ser possível tirá-lo do lugar sem fazer muito barulho.

- E para onde dá esta janela?
- Para um pequeno pátio interno.
- E ainda tem um andar acima de nós?

– Dois, mas, no andar dos criados, o pátio é cercado por uma grade de malha fina. É por isso que temos tão pouca luz do dia.

Além disso, quando empurramos a arca para o lado, notamos que a janela estava fechada, o que não aconteceria, se alguém tivesse entrado por ela.

– A menos – o conde apontou – que alguém tenha saído de nosso quarto.

– Nesse caso, você não teria encontrado a porta com o ferrolho abaixado.

O comissário pensou por um momento, depois olhou para a condessa:

– Alguém da criadagem sabia, senhora, que pretendia usar esse colar na noite passada?

– Decerto não fiz segredo. Mas ninguém sabia que o mantínhamos trancado no gabinete.

– Ninguém?

– Ninguém... a menos que...

– Por favor, senhora, seja clara. Este é um ponto dos mais importantes.

Ela se dirigiu ao marido:

– Eu estava pensando em Henriette.

– Henriette? Ela é como os outros, também não sabe nada disso.

– Tem certeza?

– Quem é essa mulher, senhora? – perguntou senhor Valorbe.

– Uma amiga de convento que brigou com a família para se casar com um homem da classe trabalhadora. Quando o marido dela morreu, eu a abriguei aqui com o filho e mobiliei um apartamento para eles aqui no palacete. – E acrescentou com algum constrangimento: – Ela me presta alguns serviços. Tem mãos muito habilidosas.

– Em que andar ela mora?

– Neste mesmo, não muito longe de nós... no final do corredor...

E estou aqui pensando... a janela da cozinha dela...

– Abre para este pátio, não é?

– Sim, bem na nossa frente.

Um silêncio breve seguiu essa declaração.

Em seguida, senhor Valorbe pediu para falar com Henriette.

Eles a encontraram costurando, enquanto seu filho Raoul, uma criança de seis ou sete anos, lia a seu lado. Muito espantado com o apartamento miserável que havia sido preparado para ela e que era composto apenas por uma sala sem lareira e uma saleta que servia de cozinha, o comissário a interrogou. Ela se mostrou aborrecida ao saber do roubo. Na noite anterior, ela mesma vestira a condessa e colocara a joia em seu pescoço.

– Meu Deus! – exclamou. – Quem iria pensar em uma coisa dessas?

– E você não tem ideia? Não duvida de ninguém? É possível que o culpado tenha passado pelo seu quarto.

Ela riu com vontade, incapaz de imaginar que poderia ser objeto de alguma suspeita:

– Mas eu não saí do meu quarto! Nunca saio. Então não vê?

Ela abriu a janela do cubículo.

– Veja, daqui até o outro lado são três metros.

– Mas quem disse que estamos considerando a hipótese de o ladrão ter vindo de lá?

– Mas... o colar não estava no gabinete?

– Como você sabe?

– Senhora, sempre soube que guardavam o colar lá à noite... sempre conversaram na minha frente...

Seu rosto, ainda jovem, mas marcado pela dor, revelava muita gentileza e resignação. No entanto, quando o silêncio se prolongou, surgiu nele repentinamente uma expressão de angústia, como se um perigo a ameaçasse. Ela puxou o filho para perto. A criança segurou sua mão e a beijou com ternura.

– Não imagino – disse o sr. de Dreux ao comissário quando eles ficaram sozinhos –, não creio que esteja desconfiando dela. Eu respondo por ela. A mulher é a personificação da honestidade.

– Oh! Estou totalmente de acordo com o senhor – afirmou senhor Valorbe. – No máximo, considere uma cumplicidade inconsciente. Mas reconheço que essa hipótese deve ser abandonada... especialmente porque não resolve o problema que enfrentamos.

O comissário não insistiu mais na investigação, a qual o juiz de instrução retomou e concluiu nos dias seguintes. Interrogaram os criados, verificaram o estado da fechadura, fizeram testes e experiências de fechamento e abertura da janela do gabinete, examinaram o pátio de cima a baixo... Tudo em vão. A fechadura estava intacta. A janela não podia ter sido aberta ou fechada pelo lado de fora.

Mais especificamente, a investigação se concentrou em Henriette, pois, apesar de tudo, sempre voltavam a essa hipótese. Eles vasculharam sua vida minuciosamente e descobriram que, durante três anos, ela havia saído do palacete apenas quatro vezes, e as quatro vezes para cumprir tarefas que poderiam ser confirmadas. Na verdade, ela fazia as vezes de criada doméstica e costureira de madame de Dreux, que a tratava com um rigor que todas as criadas confirmaram em depoimentos sigilosos.

– Além do mais – disse o juiz de instrução, que, depois de uma semana, chegou às mesmas conclusões do comissário –, supondo que descobríssemos o culpado, e não estamos nem perto disso, não saberíamos mais do que sabemos agora sobre como o roubo foi cometido. Estamos impedidos à direita e à esquerda por dois obstáculos: uma porta e uma janela fechadas. É um mistério duplo! Como a pessoa entrou e como, o que é muito mais complicado, conseguiu sair deixando para trás uma porta trancada e uma janela fechada?

Depois de quatro meses de investigações, a hipótese secreta do juiz era esta: o senhor e a senhora de Dreux, pressionados pelas necessidades financeiras, que, na verdade, eram bem grandes, venderam o Colar da Rainha. E com isso, ele encerrou o caso.

O roubo da joia preciosa foi um duro golpe para os Dreux-Soubise, que ostentaram essas cicatrizes por muito tempo. Agora que não tinham mais o tesouro para servir de garantia para crédito, eles se

viram assediados por credores mais exigentes e financiadores menos favoráveis. Tiveram que economizar, alienar, hipotecar. Resumindo, essa teria sido sua ruína, se duas grandes heranças de parentes distantes não os tivessem salvado.

Eles também sofreram um golpe no orgulho, como se tivessem perdido grande parte da nobreza. E, estranhamente, foi a ex-amiga do colégio interno que a condessa atacou. Ela sentia um rancor verdadeiro contra ela e a acusava abertamente. A princípio, a relegou ao andar dos criados, depois foi posta para fora da noite para o dia.

E a vida seguiu sem eventos notáveis. Eles viajaram muito.

Apenas um fato é digno de nota naquele período. Poucos meses depois da partida de Henriette, a condessa recebeu dela uma carta que a encheu de espanto:

“Senhora:

“Não sei como agradecer. Porque foi a senhora, pois não, quem mandou isso para mim? Só pode ter sido. Ninguém mais sabe sobre eu ter me retirado para este pequeno vilarejo. Se eu estiver errada, peço que me desculpe e, pelo menos, guarde a expressão de minha gratidão por sua gentileza no passado...”

O que significava aquilo? As gentilezas da condessa para com ela, fossem no passado ou no presente, eram só um amontoado de injustiças. Por que toda essa gratidão?

Convocada a se explicar, ela respondeu que havia recebido pelo correio, em envelope não registrado e sem carimbos, duas notas de mil francos. O envelope, que ela anexou à resposta, tinha um selo de Paris e seu endereço escrito com uma caligrafia visivelmente alterada para fins de disfarce.

De onde saíram aqueles dois mil francos? Quem os enviou? A Justiça queria investigar. Mas que pistas poderia seguir, se estava completamente no escuro?

E o mesmo fato se repetiu doze meses depois. E uma terceira vez; e uma quarta vez; e todos os anos durante seis anos, com uma diferença: no quinto e no sexto anos o valor dobrou, o que permitiu que Henriette, que havia adoecido de repente, tivesse os cuidados

médicos adequados.

Outra diferença: depois que o correio reteve uma das cartas por falta de carimbo, as duas últimas foram enviadas de acordo com o regulamento, a primeira de Saint-Germain, a outra de Suresnes. O remetente assinou Anquety na primeira carta, depois Péchard. Os endereços nos envelopes não existiam.

Depois de seis anos, Henriette morreu. O enigma permanecia sem solução.

Todos esses acontecimentos são conhecidos. O caso mobilizou a opinião pública, e era estranho que o destino desse colar, depois de ter agitado a França no final do século XVIII, ainda despertasse tanta emoção um século depois. Mas o que estou prestes a contar é ignorado por todos, exceto pelos principais interessados e por algumas pessoas a quem o conde pediu sigilo absoluto. Como é provável que algum dia essas pessoas acabem falando, não tenho receio de rasgar o véu e assim revelar, junto com a solução do enigma, a explicação da carta publicada pelos jornais na manhã de antes de ontem, uma carta extraordinária que acrescentou, se é que é possível, um pouco mais de sombra e mistério à obscuridade desse drama.

Faz cinco dias. Entre os convidados que almoçavam na casa do sr. de Dreux-Soubise estavam suas duas sobrinhas e uma prima e, entre os homens, o presidente de Essaville, o deputado Bochas, o cavaleiro Floriani, que o conde conhecera na Sicília, e o general marquês de Rouzières, um velho amigo do grupo.

Depois da refeição, as mulheres serviram café, e os homens puderam fumar um cigarro, desde que não saíssem da sala. Todos conversavam. Uma das moças se divertia fingindo ler cartas e fazer adivinhações. Depois, passaram a falar de crimes famosos. E foi nesse contexto que o sr. de Rouzières, que nunca perdia uma oportunidade de provocar o conde, recordou a aventura do colar, assunto ao qual o sr. de Dreux tinha verdadeiro horror.

Todos imediatamente deram sua opinião. Cada um lembrou a história à sua maneira. E, é claro, todas as hipóteses se contradiziam,

todas igualmente inadmissíveis.

– E o senhor – perguntou a condessa ao cavaleiro Floriani –, qual é sua opinião?

– Oh! Não tenho opinião, madame.

Todos protestaram. Esse mesmo cavaleiro acabara de narrar, de maneira brilhante, várias aventuras em que se envolvera com o pai, magistrado de Palermo, e nas quais tinha demonstrado interesse e boa capacidade de julgamento nessas questões.

– Reconheço – disse ele – que tive sucesso em questões das quais pessoas mais inteligentes desistiram. Mas daí a me considerar um Sherlock Holmes... Além do mais, mal conheço a história.

Os presentes olharam para o dono da casa. Relutante, ele teve que resumir os fatos. O cavaleiro ouviu, refletiu, fez algumas perguntas e disse em voz baixa:

– É engraçado... à primeira vista, não parece tão difícil de esclarecer.

O conde deu de ombros. Mas as outras pessoas se reuniram em torno do cavaleiro, e ele retomou o discurso com um tom um tanto dogmático:

– De maneira geral, para identificar o autor de um crime ou furto, é necessário determinar como o crime ou furto foi cometido, ou, pelo menos, como poderia ter sido cometido. No caso em discussão, nada é mais simples, a meu ver, porque nos deparamos, não com várias hipóteses, mas com uma certeza, uma única e rigorosa certeza, que se coloca da seguinte maneira: o indivíduo só poderia ter entrado pela porta do quarto ou pela janela do gabinete. No entanto, não se abre uma porta trancada pelo lado de fora. Então, ele entrou pela janela.

– Estava fechada e continuava fechada quando olhamos – declarou senhor de Dreux, sem hesitar.

– Para isso – Floriani continuou, como se não tivesse sido interrompido –, bastava instalar uma ponte, tábua ou escada entre a varanda da cozinha e o peitoril da janela, e assim que a caixa....

– Mas já disse que a janela estava fechada! – o conde interferiu, impaciente.

Dessa vez, Floriani teve que responder. E respondeu com a maior

tranquilidade, como um homem que não se perturba com uma objeção tão insignificante.

– Acredito que estava, sim, mas não tem um vitrô?

– Como sabe disso?

– Em primeiro lugar, eles são quase uma regra nas construções dessa época. E só pode ser isso, caso contrário, o roubo é inexplicável.

– Sim, existe um vitrô, mas estava fechado, como a janela. Nós nem prestamos atenção nisso.

– O que foi um erro. Porque se tivessem sido cuidadosos, teriam visto que, evidentemente, ele foi aberto.

– E como?

– Suponho que, como todos os outros, ele é movimentado por meio de uma corrente de ferro com um anel na extremidade inferior?

– Sim.

– E esse anel fica entre a janela e o baú?

– Sim, mas não entendo...

– É isso. Através de uma abertura entre os ladrilhos, é possível, usando uma ferramenta qualquer, introduzir uma barra de ferro munida de um gancho, encaixar o gancho no anel, puxar e abrir o vitrô.

O conde debochou:

– Perfeito! Perfeito! Você explica tudo com facilidade! Só se esquece de uma coisa, caro senhor: não há nenhuma abertura entre os ladrilhos.

– Tem uma abertura.

– Francamente! Nós teríamos visto isso.

– Para ver, vocês teriam que ter olhado, e não olharam. A abertura existe, é simplesmente impossível que ela não exista, ao longo dos ladrilhos, no reboco, no sentido vertical, claro...

O conde se levantou. Parecia muito agitado. Ele andou de um lado para o outro na sala, duas ou três vezes, com passos nervosos, depois se aproximou de Floriani e disse:

– Nada foi alterado lá desde aquele dia... ninguém colocou os pés naquele gabinete.

– Nesse caso, senhor, fique à vontade para verificar se minha

explicação está de acordo com a realidade.

– Não está de acordo com nenhum dos fatos apurados pela justiça. Você não viu nada, não sabe nada e está indo contra tudo o que vimos e tudo o que sabemos.

Floriani parecia não notar a irritação do conde e disse com um sorriso:

– Meu Deus, senhor, estou tentando ver com clareza, isso é tudo. Se estou errado, prove que estou errado.

– Sem mais delongas... aviso que essa sua confiança não vai...

O sr. de Dreux resmungou mais algumas palavras e, de repente, dirigiu-se à porta e saiu.

Nenhuma palavra foi dita. Todos ficaram esperando ansiosos, como se realmente alguma parte da verdade estivesse para ser revelada. E o silêncio transmitia uma extrema gravidade.

Finalmente, o conde apareceu na porta. Estava pálido e muito agitado. Ele disse aos amigos com voz trêmula:

– Peço que me desculpem... As revelações de senhor foram tão inesperadas... Eu nunca teria imaginado...

Sua esposa perguntou, aflita:

– Fale... por favor... qual é o problema?

Ele gaguejou:

– A abertura existe... no local indicado... entre os ladrilhos...

Com um movimento brusco, ele agarrou o braço do cavaleiro e exigiu com autoridade:

– E agora, senhor, continue... reconheço que está certo sobre o que falou até agora, mas... não acabou... responda... o que acha que aconteceu?

Floriani se afastou lentamente e, depois de um momento, disse:

– Bem, na minha opinião, o que aconteceu foi isto: O indivíduo, sabendo que madame de Dreux iria ao baile com o colar, improvisou a ponte em sua ausência. Pela janela, ele o observou e viu onde escondeu a joia. Assim que o senhor saiu, ele usou a abertura e puxou o anel.

– Certo, mas a distância é muito grande para que ele alcançasse a trave da janela através do vitrô.

- Se ele não conseguiu abrir, então entrou pelo próprio vitrô.
- Impossível; não existe um homem magro o suficiente para entrar por ali.
- Então, não é um homem.
- Como assim?
- Claro. Se a passagem é estreita demais para um homem, deve ser uma criança.
- Uma criança!
- Você não me disse que sua amiga Henriette tinha um filho?
- De fato... um filho chamado Raoul.
- É muito provável que tenha sido esse Raoul o autor do roubo.
- Que provas tem disso?
- Que provas! Não faltam provas. Veja, por exemplo...

Ele ficou em silêncio, pensou por alguns segundos. Depois continuou:

– Veja, por exemplo, a ponte, não dá para acreditar que a criança a trouxe de fora e a posicionou sem ninguém notar. O menino deve ter usado o que estava disponível. No cubículo onde Henriette cozinhava, não havia prateleiras suspensas na parede para acomodar as panelas?

– Duas, se não me engano.

– Precisamos verificar se essas tábuas estão realmente fixadas às ripas de madeira que as sustentam. Caso contrário, poderíamos pensar que a criança as removeu e depois uniu uma à outra. E como havia um fogão, talvez possamos encontrar o gancho do forno que ele usou para abrir o vitrô.

Sem dizer uma palavra, o conde saiu da sala, e dessa vez, os outros nem sentiram aquela pequena ansiedade do inusitado que sentiram da primeira vez. Eles sabiam, sabiam sem nenhuma dúvida, que as previsões de Floriani estavam corretas. Esse homem transmitia uma impressão de certeza tão absoluta, que era ouvido, não como alguém que deduzia fatos sucessivos, mas como alguém que relatava fatos que podiam ser comprovados sucessivamente.

E ninguém se surpreendeu quando, ao voltar, o conde declarou:

- Foi a criança, mesmo, tudo comprova.
- Verificou as tábuas... o gancho?

– Eu vi... as tábuas foram removidas... o gancho ainda está lá.

Mas madame de Dreux-Soubise exclamou:

– Foi ele... Você quer dizer que foi a mãe dele. Henriette é a única culpada. Ela induziu o filho...

– Não – disse o cavaleiro –, a mãe não tem nada a ver com isso.

– Por favor! Eles viviam no mesmo quarto, a criança não poderia ter agido sem o conhecimento de Henriette.

– Eles moravam no mesmo quarto, mas tudo acontecia no quarto ao lado, e à noite, enquanto a mãe dormia.

– E quanto ao colar? – perguntou o conde. – Teria sido encontrado entre as coisas da criança.

– De jeito nenhum! Ele sempre saía. Na manhã em que o senhor o pegou na frente de sua escrivaninha, ele voltava da escola, e talvez a justiça, em vez de esgotar seus recursos investigando a mãe inocente, tivesse obtido melhores resultados, procurando embaixo da carteira do menino, entre seus livros de escola.

– Muito bem, mas esses dois mil francos que Henriette recebia todos os anos, esse dinheiro não é a melhor prova de sua cumplicidade?

– Se fosse cúmplice, ela teria agradecido por esse dinheiro? Além disso, ela não era vigiada? Enquanto isso, a criança estava livre, sem nenhuma dificuldade que a impedisse de correr até a cidade vizinha, falar com qualquer receptor e dar a ele um diamante, dois diamantes, se fosse o caso, por um valor baixo... a única condição era que o dinheiro fosse enviado de Paris, e assim, a transação poderia se repetir no ano seguinte.

Uma inquietação indefinível oprimia os Dreux-Soubises e seus convidados. Havia realmente no tom de Floriani, em sua atitude, algo mais do que aquela certeza que, desde o início, incomodava tanto o conde. Havia algo que sugeria ironia, e era uma ironia que parecia mais hostil do que simpática e amigável, como teria sido apropriado.

O conde forçou uma risada.

– Tudo isso é de um brilhantismo que me encanta, meus cumprimentos. Que imaginação brilhante!

– Não, não! – exclamou Floriani com um ar mais sério. – Não é

imaginação. Refiro-me a circunstâncias que aconteceram exatamente como as descrevi.

– O que sabe?

– O que o senhor mesmo me contou. Imagino a vida da mãe e do filho, ali, naquele pequeno vilarejo, a mãe que adoece, os truques e as invenções do pequenino para vender as joias e salvar a mãe, ou pelo menos suavizar seus últimos momentos. O mal vence. Ela morre. Os anos passam. A criança cresce, torna-se homem. E então – e desta vez estou disposto a admitir que dou asas à minha imaginação –, vamos supor que esse homem sinta a necessidade de voltar aos lugares onde viveu sua infância, revê-los, encontrar aqueles que suspeitaram de sua mãe, que a acusaram... Conseguem imaginar como seria interessante e comovente que esse encontro ocorresse na velha casa onde todo o drama aconteceu?

Suas palavras ecoaram por alguns segundos no silêncio tenso, e no rosto de Senhor e Senhora de Dreux via-se um esforço desesperado para compreender a angústia de compreensão. O conde sussurrou:

– Quem é o senhor?

– Eu? Sou o cavaleiro Floriani que o senhor conheceu em Palermo e que teve a gentileza de convidá-lo várias vezes para sua casa.

– Então, o que essa história significa?

– Oh! Absolutamente nada! É só uma simples brincadeira. Tento imaginar a alegria que o filho de Henriette, se é que ele ainda existe, sentiria ao dizer a vocês que ele era o único culpado, e que fez tudo aquilo, porque sua mãe estava infeliz, depois de ter perdido o lugar de... empregada na casa onde vivia, e porque a criança sofria ao ver a mãe infeliz.

Ele falava com emoção contida, meio inclinado em direção à condessa. Não podia restar nenhuma dúvida. Cavaleiro Floriani não era outro senão o filho de Henriette. Tudo em sua atitude, em suas palavras, o identificava. Além disso, não era sua intenção óbvia, seu desejo, ser reconhecido?

O conde hesitou. Como reagir diante de alguém tão ousado? Delatar? Fazer um escândalo? Desmascarar aquele que o roubou no passado? Mas foi há tanto tempo! E quem poderia admitir essa

história absurda de uma criança culpada de um roubo? Não, era melhor aceitar a situação, fingir que não compreendia seu verdadeiro significado. E o conde, aproximando-se de Floriani, exclamou animado:

– Muito engraçado, muito curioso o seu romance. Juro, estou fascinado. Mas, na sua opinião, o que aconteceu com esse bom rapaz, esse modelo de filho? Suponho que ele não tenha parado por aí.

– Oh! claro que não.

– Claro! Depois de um começo como esse! Apoderar-se do Colar da Rainha aos seis anos, o famoso colar que Maria Antonieta cobiçava!

– E apoderar-se dele – observou Floriani, entrando no jogo do conde – sem nenhum incômodo, sem que ninguém tivesse a ideia de examinar a condição dos ladrilhos ou percebesse que o peitoril da janela estava limpo demais onde ele o limpou para apagar os rastros de sua passagem na poeira espessa... Admita que havia ali algo interessante o bastante para virar a cabeça de um garoto daquela idade. Então, é fácil assim? Era só querer, estender a mão e pegar? Ah, ele quis...

– E estendeu a mão.

– As duas mãos – o cavaleiro confirmou rindo.

Todos estavam impressionados. Que mistério escondia a vida desse homem chamado Floriani? Que extraordinária devia ter sido a existência desse aventureiro, um ladrão brilhante aos seis anos de idade e que, hoje, pelo requinte de um diletante em busca de emoção, ou no máximo para satisfazer seu ressentimento, ia enfrentar sua vítima na casa dela com ousadia, loucura e, ainda assim, com toda a correção de uma galante visita.

Ele se levantou e se dirigiu à condessa para se despedir. Ela recuou. Ele sorriu.

– Oh! Senhora, está com medo! Então, será que levei minha pequena comédia longe demais?

Ela se controlou e respondeu com a mesma desinibição debochada:

– De maneira nenhuma, senhor. Pelo contrário, a anedota desse bom filho me interessou muito, e fico feliz que meu colar tenha tido

um destino tão brilhante. Mas não acha que o filho dessa... mulher, essa Henriette, seguiu, sobretudo, sua vocação?

Ele estremeceu, sentindo a ofensa velada, e respondeu:

– Tenho certeza disso, e essa vocação precisava ser séria para que a criança não se deixasse dissuadir.

– Como assim?

– Bem, como sabe, a maioria das pedras era falsa. Os únicos poucos diamantes verdadeiros eram os que foram comprados do joalheiro inglês, os outros foram vendidos, um a um, de acordo com as duras necessidades da vida.

– Ainda era o Colar da Rainha, senhor – retrucou a condessa com altivez –, e isso, me parece, é o que o filho de Henriette não conseguiu entender.

– Ele deve ter entendido, madame, que, falso ou verdadeiro, o colar era, acima de tudo, um objeto para exibição, um emblema.

M. de Dreux fez menção de reagir. A esposa se antecipou.

– Senhor – disse ela –, se o homem a quem se refere tem um pingão de vergonha...

Ela fez uma pausa, intimidada pelo olhar calmo de Floriani.

Ele repetiu:

– Se esse homem tem um pingão de vergonha...

Ela sentiu que não ganharia nada falando com ele dessa maneira e, apesar de si mesma, apesar da raiva e da indignação, do tremor provocado pela humilhação, disse com tom quase polido:

– Senhor, diz a lenda que Rétaux de Villette, quando tinha o Colar da Rainha nas mãos e removeu dele todos os diamantes com Jeanne de Valois, não se atreveu a tocar na estrutura. Ele entendia que os diamantes eram apenas o ornamento, apenas o acessório, mas que a estrutura era a obra essencial, a criação do artista, e ele respeitou isso. Acha que esse homem também teve esse entendimento?

– Não tenho dúvidas de que a estrutura ainda existe. A criança a respeitou.

– Bem, senhor, se por acaso o conhecer, diga a ele que conserva injustamente uma dessas relíquias que são propriedade e orgulho de certas famílias, e que as pedras foram removidas sem que o Colar da

Rainha deixasse de ser propriedade da casa Dreux-Soubise. É nosso como nosso nome, como nossa honra.

O cavaleiro respondeu simplesmente:

– Direi a ele, madame.

Ele se curvou diante dela, curvou-se para o conde, curvou-se para cada um dos convidados, depois saiu.

Quatro dias depois, madame de Dreux encontrou na mesa de seu quarto uma caixa de couro vermelho com o brasão do cardeal. Ela a abriu. Era o Colar da Rainha.

Mas como tudo na vida de um homem preocupado com a unidade e a lógica deve operar para o mesmo fim – e um pouco de publicidade não faz mal a ninguém –, no dia seguinte o *Echo de France* publicou estas linhas sensacionais:

“O Colar da Rainha, a famosa joia histórica, anteriormente roubada da família Dreux-Soubise, foi encontrado por Arsène Lupin. Arsène Lupin se apressou em devolvê-lo aos legítimos proprietários. Só podemos aplaudir esse gesto delicado de atenção e cavalheirismo.”

O SETE DE COPAS

Uma pergunta se impõe, e ela me é feita com frequência: como conheci Arsène Lupin?

Ninguém duvida de que o conheço. Os detalhes que coleciono sobre esse homem intrigante, os fatos irrefutáveis que exponho, as novas provas que trago, a interpretação que dou a certas atitudes das quais se viu apenas as manifestações externas, sem se aprofundar em suas razões secretas ou em seu mecanismo invisível, tudo isso prova, senão uma intimidade, que a própria existência de Lupin tornaria impossível, ao menos uma relação de amizade e confidências constantes.

Mas como o conheci? De onde vem o privilégio de conhecer sua história? Por que eu e não outro?

A resposta é simples: só o acaso comandou uma escolha que nada tem a ver com meu mérito. Foi o acaso que me colocou no caminho dele. Foi por acaso que me envolvi em uma de suas aventuras mais estranhas e misteriosas e, finalmente, por acaso fui ator de um drama do qual ele foi o maravilhoso diretor, um drama obscuro e complexo, com tantas voltas e reviravoltas que fico até um pouco constrangido na hora de contar essa história.

O primeiro ato se passa naquela famosa noite de 22 para 23 de junho, sobre a qual tanto falamos. E, de minha parte, vou logo dizendo, atribuo meu comportamento bastante incomum naquela ocasião ao estado de espírito muito especial em que me encontrava ao voltar para casa. Jantara com amigos no restaurante Cascade e, durante toda a noite, enquanto fumávamos e a orquestra cigana tocava valsas melancólicas, só conversamos sobre crimes e furtos, intrigas assustadoras e sombrias. Essa é sempre uma maneira inadequada de se preparar para dormir.

Os Saint-Martins foram embora. Jean Daspry, o encantador e despreocupado Daspry que, seis meses depois, seria tão tragicamente

morto na fronteira com o Marrocos, Jean Daspry e eu voltamos a pé na noite escura e quente. Quando chegamos em frente ao pequeno palacete em que morei durante um ano em Neuilly, no Boulevard Maillot, ele me disse:

– Você nunca tem medo?

– Que ideia!

– Senhor, esta residência é tão isolada! Sem vizinhos... terrenos baldios... Francamente, não sou nenhum covarde, no entanto...

– Ora, você está brincando!

– De jeito nenhum! Os Saint-Martins me impressionaram com aquelas histórias de bandidos.

Ele se despediu com um aperto de mão e partiu. Peguei minha chave e abri a porta.

– Veja só! – resmunguei. – Antoine se esqueceu de acender uma vela para mim.

E, de repente, lembrei: Antoine não estava em casa, eu havia dado folga a ele.

Imediatamente, a escuridão e o silêncio me incomodaram. Subi tateando no escuro até meu quarto, o mais rápido possível, e assim que entrei, contrariando um hábito, girei a chave e tranquei a porta.

A chama da vela me devolveu o equilíbrio. Mesmo assim, tive o cuidado de tirar meu revólver da caixa, um revólver grande e de longo alcance, e o deixei ao lado da cama. Essa precaução me deu segurança. Fui para a cama e, como de costume, antes de dormir, peguei de cima do criado-mudo o livro que todas as noites estava ali me esperando.

E tive uma grande surpresa. No lugar do abridor de cartas que usei para marcar a página lida no dia anterior, havia agora um envelope lacrado com cinco selos de cera vermelha. Eu o peguei, nervoso. No destinatário havia meu nome e endereço e, na linha de baixo, a palavra “Urgente”.

Uma carta! Uma carta endereçada a mim! Quem poderia ter posto o envelope ali? Um pouco aflito, rasguei o envelope e li:

“A partir do momento em que você abrir esta carta, aconteça o que acontecer, independentemente do que ouvir, não se mexa, não

faça nenhum movimento, não grite. Caso contrário, você estará perdido.”

Também não sou covarde e, tanto quanto qualquer outro, sei enfrentar o perigo real ou rir dos perigos inventados que assustam nossa imaginação. Mas, repito, eu me encontrava em estado de ânimo incomum, mais fácil de impressionar, com os nervos à flor da pele. Além disso, não havia algo de perturbador e inexplicável em tudo isso, algo que teria abalado até os mais corajosos?

Meus dedos tensos seguravam a folha de papel, e meus olhos releram as frases ameaçadoras: “Não faça um gesto... não grite... do contrário, você estará perdido...”! Eu pensei: “Isso é uma piada, uma brincadeira boba”.

Estava a ponto de dar risada, queria mesmo rir alto. Quem me impediria? Que medo era esse que me apertava a garganta?

Poderia apagar a vela, pelo menos. Não, não poderia. “Nenhum movimento, ou você estará perdido”, estava escrito.

Mas por que lutar contra esse tipo de autossugestão, muitas vezes mais convincente do que os fatos mais precisos? Era só fechar os olhos. E eu fechei os meus.

Ao mesmo tempo, um ruído interrompeu o silêncio, seguido de estalos. E tive a impressão de que os barulhos vinham de um cômodo adjacente onde eu havia montado meu escritório, e do qual estava separado apenas pela antessala.

A proximidade do perigo real me deixou muito agitado, e achei que ia me levantar, pegar minha arma e correr para esse aposento. Mas não me levantei: à minha frente, uma das cortinas da janela à esquerda havia se movido.

Não havia nenhuma possibilidade de dúvida: a cortina tinha se mexido. E ainda estava se mexendo! E eu vi, ah! Eu vi nitidamente entre as cortinas e a janela, naquele espaço muito estreito, uma silhueta humana cujo volume modificava o caimento do tecido.

E a criatura também me via, eu tinha certeza de que quem estava ali me via através da malha muito larga do tecido. Então, entendi tudo. Enquanto os outros carregavam o produto do roubo, sua missão era me manter longe da cena. Levantar? Pegar uma arma?

Impossível... ele estava lá! Ao menor gesto, ao menor grito, eu estaria perdido.

Um baque violento sacudiu a casa, seguidos de pequenas pancadas agrupadas em duas ou três, como de um martelo batendo em pregos e ricocheteando. Ou foi o que imaginei, pelo menos, na confusão do meu cérebro. E outros ruídos se atropelavam, um verdadeiro alvoroço que provava que os invasores não temiam sem interrompidos e agiam com total segurança.

E estavam certos: não me mexi. Era covardia? Não, era imobilidade, incapacidade total de mexer sequer um dos meus membros. Sabedoria também, porque, afinal, por que lutar? Além daquele homem, havia mais dez que atenderiam ao seu chamado. Eu arriscaria minha vida para salvar algumas tapeçarias e bugigangas?

E essa tortura durou a noite toda. Tortura insuportável, terrível angústia! O barulho havia parado, mas fiquei esperando que começasse de novo. E o homem! O homem que me observava, a arma na mão! Meu olhar assustado nunca se desviava dele. E meu coração batia acelerado! E o suor escorria da minha testa e por todo o meu corpo!

E, de repente, um bem-estar inexplicável me invadiu: a carruagem do leiteiro, cujo ruído das rodas eu conhecia bem, passava no bulevar e, ao mesmo tempo, tive a impressão de que o amanhecer se esgueirava entre as venezianas fechadas, trazendo um pouco da luz do dia lá fora para se misturar às sombras.

E a luz do dia entrou no quarto. E outros carros passavam. E todos os fantasmas da noite desapareceram.

Então, estiquei um braço para fora da cama, devagar e com intenção. Do outro lado, nada se mexeu. Marquei com os olhos o local onde havia uma dobra na cortina, o ponto preciso para onde devia apontar, contei com precisão todos os movimentos que teria que executar e, rapidamente, peguei meu revólver e atirei.

Pulei da cama com um grito de libertação e puxei a cortina. O tecido estava perfurado, a janela também. Quanto ao homem, não consegui atingi-lo... simplesmente porque não havia ninguém ali.

Ninguém! Então, durante a noite inteira, fiquei hipnotizado por

uma dobra da cortina! E durante todo aquele tempo, os bandidos... Furioso, tomado por um impulso que nada teria freado, girei a chave na fechadura, abri a porta, atravessei a antessala, abri outra porta e entrei correndo no cômodo.

Mas o choque me fez parar além da soleira, ofegante, atordoado, ainda mais espantado do que eu havia ficado com a ausência do homem: nada havia desaparecido. Todas as coisas que presumi terem sido roubadas, móveis, quadros, veludos e sedas, todas essas coisas estavam em seus lugares!

Espetáculo incompreensível! Eu não podia acreditar no que via! Ainda assim, o barulho, os ruídos de movimento... Andei pela sala, examinei as paredes, fiz um inventário de todos os objetos que conhecia tão bem. Não faltava nada! E o que mais me deixava perplexo era que nada sugeria a passagem dos criminosos por ali, nenhuma pista, nenhuma cadeira movida, nenhum vestígio de passos.

– Ora, ora – disse a mim mesmo, segurando a cabeça entre as mãos –, mas não sou idiota! Eu ouvi!

Centímetro por centímetro, com os procedimentos de investigação mais cuidadosos, examinei a sala. Foi em vão. Ou melhor... mas será que posso interpretar isso como uma descoberta? Debaixo de um pequeno tapete persa no chão, encontrei uma carta, uma carta de baralho. Era um sete de copas, como todos os sete de copas nos jogos de cartas, mas que me chamava a atenção por um detalhe bastante curioso. A ponta de cada uma das sete marcas vermelhas em forma de coração tinha sido perfurada, um buraco redondo e regular que podia ter sido feito por um buril.

Isso era tudo. Uma cara de baralho e um bilhete encontrado em um livro. Nada além disso. Bastava para afirmar que eu não tinha sido vítima de um sonho?

Durante todo o dia, continuei minhas pesquisas na sala de estar. Era uma sala grande, desproporcional ao tamanho reduzido da casa e à decoração que atestava o gosto bizarro do homem que a projetou. O assoalho era formado por um mosaico de pedrinhas multicoloridas que

formavam grandes desenhos simétricos. O mesmo mosaico cobria as paredes, dispostos em painéis, formando alegorias de Pompeia, composições bizantinas, afrescos da Idade Média. Um Baco cavalgava um barril. Um imperador de coroa dourada, com uma barba cheia de flores, segurava uma espada na mão direita.

No alto, como que em um ateliê, destacava-se a única e grande janela. Essa janela sempre ficava aberta à noite, e era provável que os homens tivessem passado por ela usando uma escada. Mas, novamente, também não havia nisso nenhuma certeza. Os pés da escada deveriam ter deixado marcas no chão batido do pátio: não havia nenhum sinal. A grama do terreno em torno da casa deveria ter sido pisada recentemente: não foi.

Confesso que nem me passava pela cabeça a ideia de ir à polícia, tal a incoerência e o absurdo dos fatos que teria que relatar. Eles teriam rido de mim. Mas, no dia seguinte, era meu dia de cronista no Gil Blas, onde eu escrevia na época. Obcecado pela minha aventura, contei-a por inteiro.

O artigo não passou despercebido, mas notei que dificilmente era levado a sério, e que era considerado mais uma fantasia do que uma história real. Os Saint-Martins debocharam de mim. Daspry, porém, a quem não faltava uma certa habilidade nesses assuntos, veio me ver, pediu explicações sobre o tema e o estudou... sem sucesso, aliás.

No entanto, em uma das manhãs seguintes, o sino do portão tocou e Antoine veio me avisar que um cavalheiro queria falar comigo. Ele não quis se identificar. Permiti que ele entrasse.

Era um homem de cerca de quarenta anos, moreno, com uma expressão enérgica, e cujas roupas limpas, mas velhas, indicavam uma preocupação com a elegância que contrastava com seus modos um tanto vulgares.

Sem preâmbulos, ele me disse com uma voz rouca, com um jeito de falar que, para mim, confirmava a situação social do indivíduo:

– Senhor, durante uma viagem, em um café, o Gil Blas me chamou a atenção. Li seu artigo. Ele me interessou... muito.

– Obrigado.

– E eu vim.

– Ah!

– Sim, vim para falar com o senhor. Todos os fatos que relatou são corretos?

– Absolutamente corretos.

– Nenhum deles foi inventado pelo senhor?

– Nenhum.

– Nesse caso, talvez eu tenha algumas informações para lhe dar.

– Estou ouvindo.

– Não.

– Como não?

– Antes de falar, preciso verificar se todos os detalhes são corretos.

– E para fazer essa verificação...?

– Preciso ficar sozinho nesta sala.

Olhei para ele sem esconder a surpresa.

– Não consigo entender muito bem...

– Tive esta ideia ao ler seu artigo. Certos detalhes sugerem uma coincidência verdadeiramente extraordinária com outra aventura de que tomei conhecimento por acaso. Se eu estiver errado, é melhor que não fale nada. E a única maneira de descobrir é ficar sozinho...

O que havia por trás daquela proposta? Mais tarde lembrei que, enquanto falava, o homem tinha uma expressão preocupada, uma fisionomia ansiosa. Mas na época, embora um pouco surpreso, não vi nada de particularmente anormal em seu pedido. E a curiosidade me incentivou!

Eu respondi:

– Entendo. De quanto tempo precisa?

– Oh! Três minutos, não mais que isso. Em três minutos voltaremos a conversar.

Saí da sala. Lá embaixo, peguei meu relógio. Um minuto se passou. Dois minutos... por que me sentia oprimido? Por que aqueles momentos pareciam mais solenes para mim do que outros?

Dois minutos e meio... Dois minutos e três quartos... E, de repente, um tiro.

Rápido, subi a escada e entrei na sala. Um grito de horror me

escapou.

O homem estava caído no meio da sala, deitado sobre o lado esquerdo. Sangue e fragmentos do cérebro escorriam de seu crânio. Perto de sua mão havia uma arma fumegante.

Uma convulsão agitou seu corpo, e isso foi tudo.

Mas, mais do que aquela cena apavorante, alguma coisa me atingiu, algo que me fez decidir não pedir socorro imediatamente, nem me ajoelhar a seu lado para ver se ele ainda respirava. Perto dele, no chão, havia um sete de copas!

Peguei a carta. As sete pontas dos sete corações vermelhos haviam sido perfuradas...

O comissário de polícia de Neuilly chegou meia hora mais tarde, depois o médico legista, depois o chefe da Sûreté*, M. Dudouis. Tive o cuidado de não tocar no cadáver. Nada poderia interferir na perícia inicial.

Foi tudo muito breve, ainda mais breve, porque, de início, nada ou muito pouco foi descoberto. Não havia nenhum documento nos bolsos do morto, nenhum nome nas roupas, nenhuma inicial no lenço. Resumindo, não havia nenhuma pista que ajudasse a estabelecer sua identidade. E a sala continuava como antes. Os móveis não foram deslocados, os objetos continuavam em seus lugares. No entanto, aquele homem não tinha vindo à minha casa com a única intenção de se matar, nem porque a considerava minha casa mais adequada do que qualquer outra para seu suicídio! Tinha que haver um motivo para esse ato de desespero, e esse motivo devia ter resultado em um fato novo, por ele observado durante os três minutos que passou sozinho.

Que fato? O que ele viu? O que o surpreendeu? Que segredo terrível havia descoberto? Nenhuma suposição era possível.

Mas, no último momento, ocorreu um incidente que nos pareceu de considerável interesse. Quando dois policiais se abaixaram para levantar o cadáver e colocá-lo em uma maca, perceberam que a mão esquerda, até então fechada e crispada, havia relaxado o suficiente

para deixar cair um cartão de visita amassado.

No cartão estava escrito: Georges Andermatt, rua de Berry, 37.

O que isso significava? Georges Andermatt era um grande banqueiro parisiense, fundador e presidente do Comptoir des Métaux, o banco que deu tanto ímpeto às indústrias metalúrgicas da França. Tinha boa situação financeira, era dono de um vagão de correspondência, carros e um estábulo de corrida. Suas reuniões eram bem frequentadas, e a sra. Andermatt era citada por sua graça e beleza.

– É esse o nome do homem morto? – sussurrei.

O chefe da segurança se inclinou para frente.

– Não é ele. O sr. Andermatt é um homem pálido, um tanto grisalho.

– Mas então, por que esse cartão?

– Tem telefone, senhor?

– Sim, no corredor. Venha comigo.

Ele consultou a lista telefônica e pediu uma ligação para 415.21.

– Senhor Andermatt está? Por favor, diga a ele que senhor Dudouis solicita que ele venha depressa ao 102 da Boulevard Maillot. É urgente.

Vinte minutos depois, o sr. Andermatt saiu do carro. Explicaram a ele os motivos pelos quais sua interferência era requisitada e, a seguir, o levaram até onde estava o cadáver.

Por um segundo, a emoção contraiu seu rosto, depois ele disse em voz baixa, como que para si mesmo:

– Etienne Varin.

– O senhor o conhecia?

– Não... Ou melhor, sim... mas só de vista. O irmão...

– Ele tem um irmão?

– Sim, Alfred Varin... O irmão dele uma vez me procurou... não lembro mais por quê...

– Onde ele mora?

– Os dois irmãos moravam juntos... rua de Provence, eu acho.

– E o senhor não imagina o motivo que pode ter levado esse homem ao suicídio?

- Não, de jeito nenhum.
- Mas esse cartão na mão dele? É seu, tem seu endereço!
- Não estou entendendo nada. É evidente que não passa de uma coincidência que a investigação acabará esclarecendo.

De qualquer forma, era uma curiosa coincidência, pensei, e senti que todos tínhamos a mesma impressão.

A impressão que, no dia seguinte, vi nos jornais e em todos os amigos com quem conversei sobre o ocorrido. Em meio aos mistérios que complicavam a história, depois da dupla descoberta, tão desconcertante, desse sete de corações perfurados sete vezes, depois de dois acontecimentos tão enigmáticos dos quais minha casa fora palco, esse cartão de visitas finalmente parecia prometer algum esclarecimento. Por meio dele chegaríamos à verdade.

Mas, ao contrário das previsões, Andermatt não deu nenhuma pista.

– Eu disse o que sabia – ele repetia. – O que mais querem? Eu sou o maior surpreso com essa descoberta do cartão, e espero, como todos, que esse ponto seja esclarecido.

Mas não foi. A investigação descobriu que os irmãos Varin, que eram suíços, levavam uma vida bem agitada sob nomes falsos, circulando por ambientes mal frequentados e ligados a uma grande quadrilha internacional procurada pela polícia, após uma série de assaltos nos quais a sua participação só foi descoberta mais tarde. No número 24 da rua de Provence, onde os irmãos Varin haviam, de fato, morado seis anos antes, ninguém sabia o que tinha acontecido com eles.

Confesso que, de minha parte, esse caso me parecia tão confuso que eu quase não acreditava na possibilidade de uma solução, e tentei não pensar mais nisso. Mas diferente de mim, Jean Daspry, com quem eu encontrava frequentemente naquela época, ficava mais apaixonado pela história a cada dia.

Foi ele quem me apontou este artigo de jornal estrangeiro que toda a imprensa reproduziu e comentou:

“Na presença do imperador, e em local sobre o qual guardaremos segredo até o último minuto, serão realizados os primeiros testes de

um submarino que deve revolucionar as condições futuras da guerra naval. Uma indiscrição revelou-nos seu nome: *O Sete de Copas*.”

O Sete de Copas! Causalidade? Ou havia uma relação entre o nome desse submarino e os incidentes que estamos discutindo? Mas que tipo de relação? O que estava acontecendo aqui não podia se relacionar com o que estava acontecendo lá.

– Quem sabe? – Daspry comentou comigo. – Os efeitos mais díspares geralmente provêm de uma única causa.

Dois dias depois, outra notícia era publicada:

“Afirma-se que o projeto do *Sete de Copas*, o submarino cujas experiências ocorrerão em breve, foi executado por engenheiros franceses. Esses engenheiros, depois de pedirem o apoio de seus compatriotas em vão, recorreram ao Almirantado Inglês, sem melhores resultados. Damos esta notícia com reserva.”

Não me atrevo a insistir muito em fatos de natureza extremamente delicada e que provocaram, como todo mundo lembra, tão grande comoção. Porém, passado todo o risco de complicações, preciso falar sobre o artigo do *Echo de France* que tanto alarde fez na época e que sugeriu para o caso do *Sete de Copas*, como foi chamado, algumas explicações... confusas.

Aqui está a matéria como foi publicada, com a assinatura de Salvador:

O caso Sete de Copas. Uma ponta do véu foi levantada.

“Seremos breves. Dez anos atrás, um jovem engenheiro de minas, Louis Lacombe, ansioso para dedicar seu tempo e sua fortuna aos estudos que fazia, pediu demissão e alugou, no número 102, Boulevard Maillot, uma pequena casa que um conde italiano havia recentemente construído e decorado. Por intermédio de duas pessoas, os irmãos Varin, de Lausanne, que o ajudavam em seus experimentos, um como auxiliar e o outro buscando patrocinadores, ele entrou em contato com H. Georges Andermatt, que tinha acabado de

fundar o banco Comptoir des Métaux.

“Depois de várias conversas, ele conseguiu despertar seu interesse por um projeto de submarino no qual estava trabalhando, e ficou claro que, assim que a invenção fosse finalizada, o sr. Andermatt usaria sua influência para assegurar uma série de testes junto ao Ministério da Marinha.

“Durante dois anos, Louis Lacombe frequentou assiduamente a casa de Andermatt e informou o banqueiro sobre as melhorias que fazia em seu projeto, até o dia em que, satisfeito com o trabalho, depois de ter encontrado a fórmula definitiva que procurava, pediu ao sr. Andermatt para começar a campanha.

“Naquele dia, Louis Lacombe jantou com a família Andermatt. Ele saiu de lá por volta das onze e meia da noite. Não foi mais visto desde então.

“Ao reler os jornais da época, vemos que a família do jovem procurou as autoridades, que se preocuparam. Mas não se chegou a nada de concreto, e a conclusão foi que Louis Lacombe, um rapaz diferente e cheio de fantasias, tinha viajado sem avisar ninguém.

“Vamos aceitar essa hipótese... implausível. Mas resta uma pergunta de importância capital para o nosso país: o que aconteceu com os planos do submarino? Louis Lacombe os levou com ele? Foram destruídos?

“De acordo com a investigação muito séria que realizamos, parece que esses planos existem. Os irmãos Varin os tinham em mãos. Como? Essa é uma resposta que não temos, nem sabemos por que eles não tentaram vendê-los antes. Temiam ser interrogados sobre como se apoderaram dos planos? De qualquer maneira, esse temor foi superado, e podemos afirmar com segurança: os planos de Louis Lacombe são propriedade de uma potência estrangeira, e podemos publicar a correspondência trocada sobre o assunto entre os irmãos Varin e o representante dessa potência. Atualmente, *O Sete de Copas*, criado por Louis Lacombe, é produzido por

nossos vizinhos.

“A realidade vai confirmar as previsões otimistas dos envolvidos nessa traição? Temos razões para acreditar no contrário, e queremos crer que os acontecimentos não nos decepcionarão.”

E um pós-escrito acrescentava:

“Notícia de última hora. Estávamos certos em nossas expectativas. Informações particulares nos permitem anunciar que os testes do *Sete de Copas* não foram satisfatórios. É bem provável que os planos entregues pelos irmãos Varin não incluíssem o último documento levado por Louis Lacombe ao senhor Andermatt na noite de seu desaparecimento, documento essencial para a compreensão total do projeto, uma espécie de resumo que inclui as conclusões, avaliações e mensurações finais contidas nos demais artigos. Sem esse documento, os planos são incompletos; assim como, sem os planos, o documento é inútil.

“Então ainda há tempo para agir e recuperar o que é nosso. Para essa tarefa tão difícil, contamos muito com a ajuda de M. Andermatt. Ele vai explicar o comportamento insólito que teve desde o início. Revelará não só por que não contou o que sabia na época do suicídio de Etienne Varin, mas também por que nunca anunciou o desaparecimento dos papéis dos quais tinha conhecimento. E vai explicar por que, durante seis anos, pagou agentes para manter os irmãos Varin sob vigilância.

“O que esperamos dele são atitudes, não palavras. Senão...”

A ameaça era brutal. Mas por quê? Que meios de intimidação Salvator, o... autor anônimo do artigo, tinha contra o sr. Andermatt?

Um enxame de repórteres procurou o banqueiro, e, em dez entrevistas, ele demonstrou o desdém com que reagia ao aviso. Em seguida, o correspondente do *Echo de France* respondeu com estas três

linhas:

“Querendo ou não, gostando ou não, o sr. Andermatt já é colaborador no trabalho que estamos realizando.”

No dia em que essa nota de poucas linhas foi publicada, Daspry e eu jantamos juntos. À noite, com os jornais espalhados sobre minha mesa, discutimos o assunto e o examinamos em todos os seus aspectos com aquela irritação que é comum a quem caminha às tateando pelas sombras, sempre se deparando com os mesmos obstáculos.

E, de repente, sem que meu criado me tivesse avisado, sem que a campainha tocasse, a porta se abriu e uma senhora entrou coberta por um véu espesso.

Eu me levantei imediatamente e me aproximei da desconhecida. Ela me disse:

- O senhor mora aqui?
- Sim, senhora, mas confesso...
- O portão da rua não estava fechado – ela explicou.
- Mas e a porta da frente?

Ela não respondeu, e deduzi que devia haver entrada pela escada dos fundos. Conhecia o caminho?

Houve um silêncio um tanto constrangedor. Ela olhou para Daspry. Apesar de tudo, como faria em circunstâncias normais, eu o apresentei. Depois, pedi a ela para sentar e explicar o motivo de sua visita.

Ela tirou o véu, e vi que era morena, com um rosto comum e, embora não muito bonita, charmosa, pelo menos, um encanto que eu atribuía, principalmente, a seus olhos que eram sérios e sofridos.

Ela disse com simplicidade:

- Eu sou a sra. Andermatt.
- Madame Andermatt! – repeti, cada vez mais surpreso.

Mais um período de silêncio. Depois, ela prosseguiu com tom calmo e uma atitude mais tranquila:

- Vim para falar deste caso... você sabe. Pensei que poderia me

dar algumas informações...

– Meu Deus, senhora, não sei nada além do que publicam os jornais. Especifique como posso ajudá-la.

– Não sei... não sei...

Só então tive a intuição de que sua calma era artificial e que, sob a aparência de segurança, havia uma grande confusão. E ficamos em silêncio, ambos constrangidos.

Mas Daspry, que a observava o tempo todo, aproximou-se e disse:

– Permite que eu faça algumas perguntas, madame?

– Oh, sim! Pergunte, e eu responderei.

– Responderá... quaisquer que sejam essas perguntas?

– Sejam quais forem.

Ele refletiu e disse:

– A senhora conheceu Louis Lacombe?

– Sim, por intermédio de meu marido.

– Quando foi a última vez que o viu?

– Na noite em que ele jantou conosco.

– E naquela noite, nada a fez pensar que talvez não o visse novamente?

– Não. Ele realmente havia mencionado uma viagem à Rússia, mas de maneira muito vaga!

– Então, havia planos para vê-lo de novo?

– Dois dias depois, em um jantar.

– E como a senhora explica esse desaparecimento?

– Não tento explicar.

– E o sr. Andermatt?

– Não sei.

– No entanto...

– Não me pergunte sobre isso.

– O artigo do *Echo de France* parece dizer...

– O que ele parece sugerir é que os irmãos Varin não desconheciam esse desaparecimento.

– Essa é sua opinião?

– Sim.

– Em que se baseia sua convicção?

– Quando saiu de nossa casa, Louis Lacombe levava uma pasta que continha todos os papéis relativos ao seu projeto. Dois dias depois, houve uma conversa entre meu marido e um dos irmãos Varin, o que está vivo, e nela meu marido obteve a prova de que esses papéis estavam nas mãos dos dois irmãos.

– E ele não os denunciou?

– Não.

– Por quê?

– Porque na pasta havia algo diferente dos papéis de Louis Lacombe.

– O quê?

Ela hesitou, ameaçou responder, mas acabou se calando. Daspry continuou:

– Então, esse é o motivo pelo qual seu marido, sem avisar a polícia, mandou vigiar os dois irmãos. Ele esperava recuperar os papéis e aquela... coisa comprometedora com a qual os dois irmãos o estavam chantageando.

– Uma coisa que dizia respeito a ele... e a mim.

– Ah! Também à senhora?

– Principalmente a mim.

Ela pronunciou essas três palavras com um tom vazio. Daspry a observou, deu alguns passos pela sala e voltou ao lugar:

– A senhora escreveu para Louis Lacombe?

– Claro... meu marido se relacionava...

– Além dessas cartas oficiais, a senhora não escreveu... outras cartas para Louis Lacombe? Peço que me perdoe pela insistência, mas é essencial que eu saiba toda a verdade. Escreveu alguma outra carta?

Toda corada, ela sussurrou:

– Sim.

– E eram essas cartas que os irmãos Varin tinham em mãos?

– Sim.

– Então, o sr. Andermatt sabe disso?

– Ele não viu as cartas, mas Alfred Varin contou a ele sobre elas, ameaçando publicá-las se meu marido agisse contra eles. Meu marido teve medo... e recuou do escândalo.

– E fez tudo o que podia para pegar essas cartas das mãos deles.

– Ele fez tudo o que estava ao seu alcance... pelo menos imagino que sim, porque, depois dessa última conversa com Alfred Varin e das poucas e duras palavras com que ele me informou sobre essa conversa, não há mais, entre meu marido e eu, nenhuma intimidade, nenhuma confiança. Vivemos como dois estranhos.

– Nesse caso, se não tem nada a perder, do que tem medo?

– Embora agora me trate com indiferença, sou a pessoa que ele amava, que ele poderia voltar a amar e a quem, tenho certeza – sussurrou com voz firme –, ele ainda amaria, se não tivesse posto as mãos naquelas malditas cartas...

– O quê? Então, ele conseguiu! Mas os dois irmãos continuaram com as ameaças?

– Sim, e até se gabavam de ter um esconderijo seguro, aparentemente.

– Então...?

– Tenho todos os motivos para pensar que meu marido encontrou esse esconderijo.

– Ora! E onde ele ficava?

– Aqui.

Tive um sobressalto.

– Aqui?

– Sim, e sempre suspeitei disso. Louis Lacombe, muito engenhoso, apaixonado por mecânica, ocupava o tempo livre fazendo baús e fechaduras. Os irmãos Varin devem ter encontrado um desses esconderijos e, mais tarde, decidido usá-lo para esconder as cartas... e outras coisas, sem dúvida.

– Mas eles não moravam aqui – protestei.

– Até sua chegada, há quatro meses, esta casa estava desocupada. Portanto, é provável que tenham voltado aqui e imaginado que sua presença não os incomodaria no dia em que precisassem pegar todos os papéis. Mas eles não contavam com meu marido que, na noite de 22 para 23 de junho, arrombou o cofre, pegou... o que estava procurando e deixou seu cartão para anunciar aos dois irmãos que não precisava mais temê-los e que as posições estavam mudando. Dois dias

depois, alertado pelo artigo no Gil Blas, Étienne Varin entrou apressado em sua casa, ficou sozinho nesta sala, encontrou o cofre vazio... e se matou.

Depois de um momento, Daspry perguntou:

– Isso é apenas uma dedução, não é? O sr. Andermatt não lhe contou nada?

– Não.

– Acha que a atitude dele mudou? Teve a impressão de que ele não estava mais tenso, preocupado?

– Não.

– E a senhora acha que seria assim, se ele tivesse encontrado as cartas? Em minha opinião, ele não as tem. Não acredito que foi ele quem entrou aqui.

– Mas quem foi, então?

– O personagem misterioso que comanda esse negócio, que segura todos os fios e o manipula para alcançar um objetivo que só imaginamos em meio a tantas complicações, o personagem misterioso cuja ação visível e onipotente sentimos desde o início. Ele e seus amigos entraram nesta casa na noite de 22 de junho, ele encontrou o esconderijo, ele deixou o cartão do sr. Andermatt, ele guardou a correspondência e os indícios de traição dos irmãos Varin.

– Quem é ele? – interrompi impaciente.

– O correspondente do *Echo de France*, claro, esse Salvator! Isso não é extremamente óbvio? Seu artigo não fornece detalhes que só o homem que descobriu os segredos dos dois irmãos pode saber?

– Nesse caso – gaguejou madame Andermatt amedrontada –, ele também tem minhas cartas e é ele quem, por sua vez, ameaça meu marido! O que fazer, meu Deus!

– Escreva para ele – Daspry declarou de maneira direta –, confie nele sem rodeios; conte a ele tudo o que sabe e tudo o que pode descobrir.

– O que diz?

– Seu interesse é o mesmo que o dele. Não há dúvida de que ele age contra o sobrevivente dos dois irmãos. Não é contra M. Andermatt que ele procura se armar, mas contra Alfred Varin. Ajude-o.

– Como?

– Seu marido tem esse documento que completa e possibilita a implementação dos planos de Louis Lacombe?

– Sim.

– Informe Salvator. Se for necessário, tente obter esse documento para ele. Resumindo, estabeleça uma correspondência com ele. O que a senhora tem a perder?

O conselho era ousado, perigoso, inclusive, à primeira vista, mas a sra. Andermatt tinha poucas opções. Como disse Daspry, o que tinha a perder? Se o desconhecido fosse um inimigo, isso não pioraria as coisas. Se era um estranho em busca de um objetivo particular, devia atribuir a essas cartas apenas uma importância secundária.

De qualquer forma, era uma ideia que surgia, e a sra. Andermatt, em seu desânimo, ficou muito feliz em concordar com ela. Ela nos agradeceu com entusiasmo e prometeu nos manter informados.

Dois dias depois, na verdade, ela nos enviou este bilhete que recebeu em resposta:

“As cartas não estavam lá. Mas eu as pegarei, não se preocupe. Eu cuido de tudo. S.”

Peguei o papel. Era a caligrafia do bilhete que foi deixado entre as páginas do meu livro de cabeceira na noite de 22 de junho.

Daspry estava certo, portanto, Salvator era o grande organizador de todo esse caso.

Na verdade, começávamos a vislumbrar alguma coisa em meio às trevas que nos cercavam, e alguns pontos eram esclarecidos por uma luz inesperada. Mas muitos outros permaneciam obscuros, como a descoberta dos dois setes de copas! De minha parte, sempre voltava a isso, talvez mais intrigado do que era necessário por aquelas duas cartas cujas sete pequenas figuras perfuradas eu tinha visto em circunstâncias tão perturbadoras. Que papel desempenhavam no drama? Que importância deveríamos atribuir a elas? Que conclusão deveríamos tirar do fato de o submarino, construído de acordo com os planos de LL, ter o nome de *Sete de Copas*?

Daspry pouco se importou com as duas cartas, debruçando-se inteiramente sobre outro problema cuja solução lhe parecia mais urgente para ele: procurar incansavelmente o famoso esconderijo.

– E quem sabe – disse ele – não encontro as cartas que Salvator não encontrou lá... talvez inadvertidamente. Não acredito que os irmãos Varin tenham retirado de um lugar que supunham inacessível a arma cujo valor inestimável eles conheciam.

E ele procurava. Logo, o grande salão não tinha mais segredos, e ele estendeu as investigações a todos os outros cômodos da casa: examinou o interior e o exterior, examinou as pedras e os tijolos das paredes, ergueu as lajotas do telhado.

Um dia, ele chegou com uma picareta e uma pá, me deu a pá, ficou com a picareta e, apontando para o terreno, disse:

– Vamos.

Eu o segui sem entusiasmo. Ele dividiu o terreno em várias seções, as quais inspecionou sucessivamente. Mas, em um canto formado pelos muros de duas propriedades vizinhas, uma pilha de tijolos e pedras, coberta de espinheiros e mato, chamou sua atenção. Ele a atacou.

Tive que ajudá-lo. Durante uma hora, embaixo de sol, fizemos um esforço desnecessário. Mas quando encontramos terra embaixo das pedras, a picareta de Daspry entrou em ação e expôs alguns ossos, um esqueleto sobre o qual restavam ainda pedaços de tecido em decomposição.

E, de repente, senti-me empalidecer. Vi uma pequena placa de ferro retangular afundada na terra, e nela pensei ter visto manchas vermelhas. Eu me abaixei. Era isso: a placa tinha as dimensões de uma carta de baralho, e as manchas vermelhas, um vermelho desbotado e apagado em alguns pontos, eram sete e dispostas como os desenhos de um sete de copas, todos com uma perfuração na extremidade.

– Escute, Daspry, estou farto de tudo isso. Se ainda acha que é interessante, vá em frente. Não lhe faço mais companhia.

Fora a emoção? Fora o cansaço de um trabalho realizado sob um sol muito forte? A verdade é que saí de lá cambaleando e tive que ir para a cama, onde passei quarenta e oito horas com febre,

atormentado por esqueletos que dançavam e jogavam corações sangrentos um na cabeça do outro.

Daspry foi leal a mim. Todos os dias me visitava e passava três ou quatro horas, na verdade, no salão, bisbilhotando, batendo e martelando.

– As cartas estão aqui, neste cômodo – ele vinha e me dizia de vez em quando –, elas estão aqui. Ponho minha mão no fogo.

– Deixe-me em paz – eu dizia horrorizado.

Na manhã do terceiro dia, levantei-me ainda muito fraco, mas curado. Um almoço nutritivo me confortou. Mas um telegrama entregue por volta das cinco da tarde contribuiu mais do que tudo para a minha recuperação completa, por isso minha curiosidade foi, novamente e apesar de tudo, aguçada.

A mensagem era a seguinte:

“Senhor:

O drama, cujo primeiro ato aconteceu na noite de 22 para 23 de junho, está chegando ao fim. A própria força das coisas exige que eu traga os dois protagonistas deste drama na presença um do outro e que este confronto aconteça em sua casa. Ficaria imensamente grato se me emprestasse sua casa na noite de hoje. Seria bom se seu servo estivesse ausente entre nove e onze horas, e seria melhor ainda se o senhor também fizesse a gentileza de deixar o campo livre para os adversários. Como percebeu, na noite de 22 para 23 de junho, todos os seus pertences foram preservados. De minha parte, consideraria uma ofensa se desconfiasse, sequer por um momento, da absoluta discrição deste que assina

Seu devoto,

“‘SALVATOR’.”

Havia na correspondência um tom cortês de ironia, e no pedido que continha, uma fantasia tão bonita que me encantava. Era deliciosamente casual, e meu correspondente parecia certo de que eu concordaria com tudo! Por nada no mundo eu teria desejado

desapontá-lo, ou responder à sua confiança com ingratidão.

Às oito horas, quando Daspry chegou, meu criado, a quem eu havia oferecido um ingresso para o teatro, tinha acabado de sair. Mostrei o telegrama a Daspry.

– E então? – ele perguntou.

– Bem, vou deixar o portão do jardim aberto para que possam entrar.

– Vai deixar a casa?

– De jeito nenhum!

– Mas ele pede...

– Ele me pede discrição. Serei discreto. Mas quero ver o que vai acontecer.

Daspry riu.

– Você está certo, e eu também vou ficar. Tenho a impressão de que não ficaremos entediados.

A campainha o interrompeu.

– Já? – ele sussurrou. Estão vinte minutos adiantados! Impossível.

Do corredor, puxei a corda que abria o portão. A silhueta de uma mulher atravessou o jardim: sra. Andermatt.

Ela parecia aborrecida e quase sufocava quando gaguejou:

– Meu marido... ele vem vindo... tem um compromisso... vão entregar as cartas a ele...

– Como você sabe? – indaguei.

– Por acaso. Meu marido recebeu uma mensagem durante o jantar.

– Um telegrama?

– Um recado deixado por telefone. O criado me entregou por engano. Meu marido pegou o papel imediatamente, mas era tarde demais... Eu tinha lido.

– A senhora leu...

– Era mais ou menos assim: “Às nove horas desta noite, esteja no Boulevard Maillot com os documentos relacionados ao caso. Em troca, as cartas”. Depois do jantar, eu subi para o meu quarto e saí em seguida.

– Sem o conhecimento do sr. Andermatt?

– Sim.

Daspry olhou para mim.

– O que acha?

– O mesmo que está pensando, que o sr. Andermatt é um dos adversários convocados.

– Por quem? E com que propósito?

– Isso é exatamente o que vamos descobrir.

Eu os conduzi ao salão.

Se nos apertássemos, poderíamos passar os três sob o console da lareira e nos esconder atrás da cortina de veludo. Nós nos acomodamos. A sra. Andermatt sentou-se entre nós dois. Víamos a sala inteira pela fresta entre as cortinas.

Eram nove horas. Poucos minutos depois, o portão do jardim rangeu nas dobradiças.

Admito que não deixei de sentir uma certa ansiedade e que voltei a ficar muito agitado. Estava prestes a conhecer a solução do enigma!

A aventura desconcertante, cujas etapas se desenrolavam diante de mim havia semanas, finalmente teria significado, e a batalha seria travada diante dos meus olhos.

Daspry segurou a mão da sra. Andermatt e sussurrou:

– Acima de tudo, não faça nenhum movimento! O que quer que você ouça ou veja, permaneça imóvel.

Alguém entrou. E eu reconheci imediatamente Alfred Varin pela grande semelhança com seu irmão, Étienne. O mesmo andar pesado, o mesmo rosto coberto pela barba.

Ele entrou com o ar preocupado de um homem acostumado a temer as armadilhas ao seu redor, alguém que as fareja e evita. Varreu a sala com os olhos, e tive a impressão de que aquela lareira escondida por uma cortina de veludo o incomodou. Ele deu três passos em nossa direção. Mas uma ideia, sem dúvida mais imperiosa, o distraiu, pois se virou para a parede, parou diante do mosaico do velho rei com a barba enfeitada por flores, a espada flamejante, e o examinou demoradamente, subindo em uma cadeira para acompanhar com um dedo o contorno dos ombros e do rosto, apalpar partes da imagem.

Mas, de repente, ele saltou da cadeira e se afastou da parede.

Passos ecoaram. O sr. Andermatt surgiu na soleira.

O banqueiro deu um grito de surpresa.

– Você! Você! Você telefonou para mim?

– EU? De jeito nenhum – protestou Varin com uma voz enfraquecida que me lembrou de seu irmão. – Foi a sua carta que me trouxe aqui.

– Minha carta!

– Uma carta assinada por você, na qual me oferece...

– Eu não escrevi para você.

– Não escreveu para mim!

Varin instintivamente se pôs em guarda, não contra o banqueiro, mas contra o inimigo desconhecido que o havia atraído para essa armadilha. Novamente, seus olhos se voltaram para o nosso lado, e, rapidamente, dirigiu-se à porta.

O sr. Andermatt o impediu de passar.

– O que está fazendo, Varin?

– Essa trama aqui não me agrada. Vou embora. Boa noite.

– Um momento!

– Por favor, sr. Andermatt, não insista, não temos nada a dizer um ao outro.

– Temos muito a dizer um ao outro, e a oportunidade é muito boa...

– Deixe-me passar.

– Não, não, não, você não vai passar.

Varin recuou, intimidado pela atitude decidida do banqueiro, e murmurou:

– Então seja breve, vamos conversar e acabar logo com isso!

Uma coisa me surpreendeu, e não tive dúvidas de que meus dois companheiros também se decepcionaram. Por que Salvator não estava presente? Não fazia parte de seus planos intervir? O mero confronto entre o banqueiro e Varin era suficiente para ele? Fiquei muito perturbado. Diante de sua ausência, esse duelo, tramado e desejado por ele, assumia o aspecto trágico dos acontecimentos provocados e controlados pela ordem rigorosa do destino, e a força que opunha esses dois homens era ainda mais impressionante por se encontrar

longe deles.

Depois de um momento, o sr. Andermatt abordou Varin e, cara a cara, disse:

– Agora que esses anos se passaram, e você não tem mais nada a temer, responda-me francamente, Varin. O que aconteceu com Louis Lacombe?

– E faz essa pergunta a mim? Como se eu pudesse saber o que aconteceu com ele!

– Você sabe! Você sabe! Você e seu irmão se aproximaram dele, moravam com ele, quase, aqui mesmo, nesta casa. Tinham conhecimento de todo o trabalho dele, de todos os projetos. E na última noite, Varin, quando levei Louis Lacombe até a porta de minha casa, vi dois vultos escondidos nas sombras. Posso jurar que vi.

– Jurar que viu o quê?

– Você e seu irmão, Varin.

– Prove.

– A melhor prova é que, dois dias depois, vocês mesmos me mostraram os papéis e os planos que haviam tirado da pasta de Lacombe e quiseram vendê-los para mim. Como estavam de posse desses papéis?

– Já disse, senhor Andermatt, encontramos os papéis na mesa de Louis Lacombe na manhã seguinte, depois que ele desapareceu.

– Isso não é verdade.

– Prove.

– A justiça poderia provar.

– Por que não foi ao tribunal?

– Por quê? Ah! Por que...

Ele ficou em silêncio, sério. E o outro continuou:

– Veja, sr. Andermatt, se tivesse a menor certeza, nossa pequena ameaça não o teria impedido...

– Que ameaça? As cartas? Acha mesmo que acreditei por um momento...?

– Se você não acreditou nessas cartas, por que me ofereceu dinheiro para reavê-las? E por que, desde então, está atrás de mim e de meu irmão, nos caçando como se fôssemos bichos?

– Para recuperar os planos que eram importantes para mim.
– Francamente! Era pelas cartas. Assim que pegasse as cartas, nos denunciaria. Mais depressa do que eu as teria divulgado!

Ele caiu na gargalhada, e parou de rir de repente.

– Bem, é o bastante. Por mais que repitamos as mesmas palavras, não chegaremos a um acordo. Portanto, vamos deixar tudo como está.

– Não vamos, não – disse o banqueiro –, e já que mencionou as cartas, não vai sair daqui antes de entregá-las a mim.

– Vou sair.

– Não, não.

– Ouça, sr. Andermatt, eu o aconselho...

– Você não vai sair.

– Isso é o que veremos – disse Varin, e havia em seu tom tanta raiva, que madame Andermatt abafou um gritinho.

Ele deve ter ouvido, pois quis forçar passagem. O sr. Andermatt o empurrou com violência. Então, o vi enfiando a mão no bolso da jaqueta.

– Pela última vez!

– Primeiro as cartas.

Varin sacou um revólver e apontou para o sr. Andermatt:

– Sim ou não?

O banqueiro se abaixou instintivamente.

Um tiro explodiu. A arma caiu.

Fiquei perplexo. O tiro partiu de perto de mim! E foi Daspry quem, com um tiro de pistola, arrancou a arma da mão de Alfred Varin!

Pulando com agilidade entre os dois adversários, ele encarou Varin e disse, debochado:

– Você tem sorte, meu amigo, muita sorte. Apontei para a mão e acertei o revólver.

Ambos o encaravam imóveis, confusos. Ele disse ao banqueiro:

– Vai me desculpar, senhor, por me intrometer em coisas que não me dizem respeito. Mas, na verdade, está conduzindo o jogo como um trapalhão. Eu assumo a banca.

Virando-se para o outro, disse:

– Agora nós dois, camarada. E sem rodeios, por favor. O naipe é copas, e eu jogo o sete.

E posicionou, bem perto de seu nariz, a placa de ferro com os sete pontos vermelhos.

Nunca tinha visto tamanha comoção. Lívido, de olhos arregalados, com os traços contorcidos, o homem parecia hipnotizado pela imagem diante de si.

– Quem é você? – ele gaguejou.

– Já disse, alguém que se mete no que não é da conta... mas que cuida bem de tudo.

– O que quer?

– Tudo que você trouxe.

– Eu não trouxe nada.

– Não teria vindo, se não tivesse nada. Hoje de manhã recebeu uma mensagem dizendo para estar aqui às nove horas e trazer todos os papéis que têm. Você está aqui. Onde estão os papéis?

Havia na voz de Daspry e em seu comportamento uma autoridade que me confundia, uma maneira de agir totalmente diferente daquela do homem tão casual e gentil. Absolutamente dominado, Varin apontou para um de seus bolsos.

– Os papéis estão aqui.

– Estão todos aí?

– Sim.

– Todos os papéis que você encontrou na pasta de Louis Lacombe e vendeu ao major von Lieben?

– Sim.

– É cópia ou original?

– Original.

– Quanto você quer?

– Cem mil.

Daspry riu.

– Você é louco. O major deu apenas vinte mil. Vinte mil jogados fora, pois os testes falharam.

– Não sabíamos como usar os planos.

– Os planos estão incompletos.

- Então, por que está me perguntando?
- Preciso deles. Dou cinco mil francos. Nem um centavo a mais.
- Dez mil. Nem um centavo a menos.
- Fechado.

Daspry olhou para o sr. Andermatt.

- Por favor, assine o cheque, senhor.
- Mas... é que eu não...
- Seu talão? Aqui está.

Perplexo, o sr. Andermatt tocou o talão que Daspry lhe entregava.

- É meu, mesmo... Como pode ser?

– Sem conversa desnecessária, por favor, caro senhor, só precisa assinar.

O banqueiro pegou sua caneta e assinou um cheque. Varin estendeu a mão.

– Vá com calma – disse Daspry –, ainda não acabou. – E, dirigindo-se para o banqueiro, continuou: – Não havia também uma história de cartas que o senhor queria?

- Sim, um maço de cartas.
- Onde elas estão, Varin?
- Não as tenho.
- Onde estão, Varin?
- Não sei. Foi meu irmão quem cuidou disso.
- Elas estão escondidas aqui nesta sala.
- Nesse caso, você sabe onde estão.
- Como saberia?
- Ora, não visitou o esconderijo? Parece ser tão experiente...

quanto Salvator.

- As cartas não estão no esconderijo.
- Estão lá.
- Abra.

Varin olhou para ele desconfiado. Daspry e Salvator eram a mesma pessoa, como tudo parecia sugerir? Nesse caso, não estaria correndo nenhum risco ao mostrar um esconderijo já conhecido. Senão, seria inútil...

- Abra – Daspry repetiu.

– Não tenho o sete de copas.

– Aqui está – disse Daspry, oferecendo a placa de ferro.

Varin recuou, apavorado:

– Não... não... eu não quero...

– Esqueça...

Daspry se dirigiu ao velho monarca com a barba florida, subiu em uma cadeira e cobriu a parte inferior da espada com o sete de copas, contra o punho, de modo que as bordas do retângulo se sobrepussem exatamente aos dois gumes da espada. Munido de um buril, ele introduziu a extremidade em cada um dos sete orifícios feitos na extremidade dos sete corações, pressionando sete pedras de mosaico. Quando a sétima pedrinha foi pressionada, ouviu-se um estalo e o busto do rei girou, revelando uma grande abertura que parecia um cofre revestido de ferro com duas prateleiras de aço.

– Veja, Varin, o cofre está vazio.

– Certamente... Meu irmão deve ter retirado as cartas.

Daspry olhou para o homem e disse:

– Não se faça de esperto comigo. Existe outro esconderijo. Onde?

– Não existe mais nenhum.

– Está querendo dinheiro? Quanto?

– Dez mil.

– Sr. Andermatt, essas cartas valem dez mil francos para o senhor?

– Sim – disse o banqueiro em voz alta.

Varin fechou o cofre, pegou o sete de copas com visível relutância e o posicionou sobre a espada, exatamente no mesmo lugar de antes. Um por um, pressionou os sete pontos nas extremidades dos corações. Houve um segundo estalo, mas dessa vez, surpreendentemente, só uma parte do cofre girou, revelando outro menor embutido na largura da porta que fechava o cofre maior.

O maço de cartas estava lá, amarrado com um barbante e lacrado. Varin o entregou a Daspry. Ele perguntou:

– O cheque está pronto, sr. Andermatt?

– Sim.

– E você também tem o último documento que pegou de Louis

Lacombe, o que completa o projeto do submarino?

– Sim.

A troca foi feita. Daspry guardou o documento e o cheque e entregou o pacote ao sr. Andermatt.

– Aí está o que queria, senhor.

O banqueiro hesitou por um momento, como se tivesse medo de tocar nas malditas páginas que tanto havia procurado. Então, com um gesto nervoso, ele pegou as cartas.

Ouvi um gemido perto de mim. Segurei a mão da sra. Andermatt: estava gelada.

E Daspry disse ao banqueiro:

– Creio que nossa conversa acabou, senhor. Oh! Não precisa agradecer, por favor. Foi o acaso que me fez ser útil ao senhor.

M. Andermatt retirou-se, levando as cartas escritas pela esposa para Louis Lacombe.

– Que maravilha – Daspry gritou satisfeito –, tudo está dando certo. Só temos que encerrar nosso caso, camarada. Tem os papéis?

– Estão ali.

Daspry os pegou, examinou cuidadosamente e guardou no bolso.

– Perfeito, cumpriu com sua palavra.

– Mas...

– Mas o quê?

– Os dois cheques...? O dinheiro...?

– É muita ousadia, meu bom homem. Como se atreve a reclamar?

– Reclamo o pagamento de uma dívida.

– Quer dizer que lhe devemos alguma coisa pelos papéis que roubou?

Mas o homem parecia fora de si. Tremia de raiva e tinha os olhos injetados de sangue.

– O dinheiro... os vinte mil... – balbuciou.

– Impossível... eles já têm uma finalidade.

– O dinheiro...!

– Vamos lá, seja razoável, deixe esse punhal no lugar dele. – E agarrou seu braço com tanta brutalidade, que o fez gritar de dor. – Vá embora, camarada, o ar vai lhe fazer bem. Quer companhia?

Atravessamos o terreno, e eu mostro a você um monte de tijolos embaixo dos quais...

– Não é verdade! Isso não é verdade!

– Claro que é. Essa placa com os sete furos veio de lá. Estava sempre com Louis Lacombe, lembra? Você e seu irmão a enterraram com o cadáver... e com outras coisas que serão de grande interesse para a justiça.

Varin cobriu o rosto com as mãos, estava furioso. Depois disse:

– É. Estou encrencado. Vamos parar de falar sobre isso. Uma palavra no entanto... uma palavra... gostaria de saber...

– Estou escutando.

– Havia uma maleta naquele cofre, no maior dos dois?

– Sim.

– Quando você veio aqui na noite de 22 para 23 de junho, ela estava lá?

– Sim.

– E nela havia...?

– Tudo que os irmãos Varin guardaram lá, uma bela coleção de joias, diamantes e pérolas, tudo roubado pelos dois irmãos.

– E você a pegou?

– Ora! Pense no que faria, em meu lugar.

– Então... meu irmão se matou quando descobriu que a maleta tinha sumido?

– É provável. O desaparecimento das cartas que vocês trocavam com o major von Lieben não teria bastado. Mas o desaparecimento da maleta... Era só isso que queria me perguntar?

– Qual é mesmo o seu nome?

– Pergunta como se pretendesse se vingar.

– A sorte muda. Hoje você é o mais forte. Amanhã...

– Será você.

– É o que espero. Seu nome?

– Arsène Lupin.

– Arsène Lupin!

O homem cambaleou e ficou atordoado como se tivesse sido atingido por uma clava. Era como se essas duas palavras o privassem

de toda esperança. Daspry riu.

– Ah! Pensou que um sr. Durand ou Dupont poderia ter montado este grande negócio? Vamos, não poderia ter acontecido com menos que um Arsène Lupin. E agora que está informado, meu rapaz, vá e prepare sua vingança. Arsène Lupin estará esperando por você.

E o empurrou para fora sem dizer mais nada.

– Daspry, Daspry – gritei, ainda o chamando, apesar de tudo, pelo nome com que o conheci.

Afastei a cortina de veludo.

Ele veio correndo.

– O quê? O que é isso?

– A sra. Andermatt não está bem.

Ele se apressou, a fez respirar saís e, enquanto a socorria, me perguntou:

– O que aconteceu?

– As cartas... as cartas para Louis Lacombe que você deu ao marido dela!

Ele deu um tapa na testa.

– Ela acredita que fiz isso! Mas sim, afinal, por que não acreditaria? Como sou tolo!

A sra. Andermatt, reanimada, ouvia com atenção. Ele tirou da carteira um pequeno pacote igual ao que o sr. Andermatt levava ao sair.

– Aqui estão suas cartas, senhora, as verdadeiras.

– Mas... as outras?

– As outras são como estas, mas copiadas e adaptadas por mim ontem à noite. Seu marido vai ficar ainda mais feliz quando as ler, porque não vai suspeitar da troca, já que tudo aconteceu diante dos olhos dele.

– Mas a letra...

– Não existe caligrafia inimitável.

Ela agradeceu com as mesmas palavras de gratidão que teria dito a um homem de seu círculo, e compreendi que ela não devia ter

escutado o fim da conversa entre Varin e Arsène Lupin.

Olhei para ele meio constrangido, sem saber o que dizer a àquele velho amigo que se revelava de maneira tão imprevista. Lupin! Era Lupin! Meu companheiro de clube era Lupin! Eu estava incrédulo. Mas ele continuava muito à vontade:

– Pode se despedir de Jean Daspry.

– Ah!

– Sim, Jean Daspry vai viajar. Vai para o Marrocos. É bem possível que encontre um fim digno por lá. Até reconheço que vai com essa intenção.

– Mas Arsène Lupin fica aqui?

– Ah, mais do que nunca. Arsène Lupin ainda está no início da carreira e conta com...

Uma curiosidade irresistível me jogou sobre ele, e o puxei para longe de madame Andermatt:

– Então, acabou descobrindo o segundo esconderijo, o lugar onde estava o maço de cartas?

– Não foi nada fácil! Foi ontem à tarde, enquanto você estava na cama. E, no entanto, só Deus sabe como era fácil! Mas as coisas mais simples são aquelas em que se pensa por último.

Ele me mostrou o sete de copas e continuou:

– Adivinhei que para abrir o grande baú, era preciso pressionar esta placa contra a espada do homem do mosaico...

– Como pensou nisso?

– Foi fácil. Soube por minhas fontes quando vim aqui na noite de 22 de junho...

– Depois de ter me deixado...

– Sim, e depois de ter escolhido assuntos específicos para deixá-lo nervoso e impressionável o suficiente para me deixar agir como quisesse, sem sair de sua cama.

– O raciocínio estava correto.

– Então, eu soube, ao vir aqui, que havia uma maleta no cofre, e que o cofre tinha uma fechadura secreta, e que o sete de copas era a chave, a senha dessa fechadura. Era apenas uma questão de encaixar esse sete de copas em um lugar reservado para ele. Só precisei de uma

hora para encontrar esse lugar.

– Uma hora!

– Observe o homem formado pelo mosaico.

– O velho monarca?

– Ele é a representação exata do rei de copas de todos os jogos de baralho, Carlos Magno.

– É verdade... Mas por que o sete de copas às vezes abre o cofre grande e, às vezes, o pequeno? E por que você abriu apenas o cofre grande primeiro?

– Por quê? Bem, porque sempre posicionava meu sete de copas na mesma direção. Ontem notei que, ao virá-lo, isto é, ao colocar o sétimo furo, o do meio, para cima, e não para baixo, o arranjo dos sete furos mudaria.

– É claro!

– Nitidamente claro, mas alguém tinha que pensar nisso.

– Outra coisa: você não conhecia a história das cartas antes de a senhora Andermatt...

– Falar sobre o assunto em minha presença? Não. Além da maleta, encontrei no cofre apenas a correspondência dos dois irmãos, as cartas que me colocaram no caminho para desvendar a traição deles.

– Resumindo, foi por acaso que acabou reconstruindo a história dos dois irmãos e, depois, procurando os projetos e os documentos do submarino?

– Por acaso.

– Mas com que propósito você pesquisou...?

Daspry me interrompeu, rindo:

– Meu Deus! Quanto interesse por esse caso!

– Isso me fascina.

– Bem, mais tarde, depois que eu levar a sra. Andermatt até a casa dela e enviar ao *Echo de France* o bilhete que vou escrever, voltarei e falaremos sobre os detalhes.

Ele se sentou e escreveu uma daquelas pequenas notas incisivas em que se divertia com a fantasia do personagem. Quem não se lembra da comoção que causou no mundo todo?

“Arsène Lupin solucionou o enigma que Salvator propôs

recentemente. De posse de todos os documentos e planos originais do engenheiro Louis Lacombe, ele os enviou às mãos do Ministro da Marinha. Na ocasião, abriu um canal de contribuições para oferecer ao governo da França o primeiro submarino construído de acordo com esses planos. E ele mesmo encabeça essa lista de doações com vinte mil francos.”

– Os vinte mil francos dos cheques do sr. Andermatt? – perguntei quando ele me deu o jornal para ler.

– Exatamente. Era justo que Varin se redimisse em parte por sua traição.

E foi assim que conheci Arsène Lupin. Foi assim que soube que Jean Daspry, camarada de clube, de círculo social, não era outro senão Arsène Lupin, o ladrão de casaca. Foi assim que forjei agradáveis laços de amizade com o nosso grande homem e, aos poucos, graças à confiança com que ele me honra, tornei-me seu humilde biógrafo muito fiel e grato.

* Em países francófonos, nome costumeiramente dado à organização civil policial. (N. do T.)

O COFRE DE MADAME IMBERT

Às três da manhã, ainda havia meia dúzia de carros em frente a um dos pequenos ateliês de pintura que compõem o único lado do Boulevard Berthier. A porta desse ateliê se abriu. Um grupo de convidados, homens e mulheres, saiu. Quatro carros seguiram da direita para a esquerda, e só restaram dois cavalheiros, que se separaram na esquina da avenida com a rua de Courcelles, onde morava um deles. O outro resolveu voltar para Porte-Maillot.

Ele, portanto, atravessou a avenida de Villiers e seguiu pela calçada em frente às fortificações. Naquela linda noite clara e fria de inverno, era um prazer dar uma caminhada. O ar era puro. O som dos passos era nítido.

Mas depois de alguns minutos, ele teve a desagradável impressão de estar sendo seguido. Na verdade, quando olhou para trás, viu a sombra de um homem se esgueirando entre as árvores. Não era covarde, mas apressou o passo para chegar o mais rápido possível à barreira alfandegária do Ternes. Mas o homem começou a correr. Muito apreensivo, ele achou mais seguro enfrentá-lo e tirar a arma do bolso.

Não teve tempo para isso. O homem o atacou com violência e, imediatamente, começou uma luta na avenida deserta, uma luta corpo a corpo em que ele logo sentiu que estava em desvantagem. Lutando, pediu socorro e foi derrubado sobre as pedras, enforcado e silenciado com um lenço que o adversário enfiou em sua boca. Seus olhos se fecharam, os ouvidos zumbiam, e ele estava prestes a desmaiar quando, de repente, a mão em sua garganta afrouxou, e o homem que o sufocava saiu de cima dele para se defender de um ataque inesperado.

Um golpe de bengala no pulso, um pontapé no tornozelo... o homem deu dois gemidos de dor e fugiu, mancando e xingando.

Sem se dignar a persegui-lo, o recém-chegado se abaixou e

perguntou:

– Está ferido, senhor?

Não estava ferido, mas muito tonto e incapaz de ficar de pé. Felizmente, um funcionário da barreira ouviu os gritos e se aproximou correndo. Um carro foi requisitado. O cavalheiro embarcou acompanhado de seu salvador e foi levado para casa na avenida de la Grande-Armée.

Diante da porta, completamente recuperado, ele se desmanchou em agradecimentos.

– Eu lhe devo minha vida, senhor, por favor, acredite que não vou me esquecer disso. Não quero assustar minha esposa agora, mas quero que ela mesma reitere ainda hoje minha gratidão.

Ele o convidou para jantar e se apresentou como Ludovic Imbert. Depois acrescentou:

– Gostaria de saber a quem devo a honra...

– Certamente – respondeu o outro. E se apresentou: – Arsène Lupin.

Na época, Arsène Lupin não tinha a fama conferida pelo caso Cahorn, por sua fuga da Santé e por tantos outros feitos retumbantes. Ainda nem se chamava Arsène Lupin. Esse nome, para o qual o futuro reservava tanto brilho, foi criado especialmente para designar o salvador do sr. Imbert, e pode-se dizer que foi nesse caso que ele teve seu batismo de fogo. Pronto para a batalha, é verdade, completamente armado, mas sem recursos, sem a autoridade conferida pelo sucesso, Arsène Lupin era apenas um aprendiz em uma profissão da qual logo se tornaria mestre.

Então, que alegria quando acordou e se lembrou do convite para aquela noite! Finalmente alcançava o objetivo! Finalmente realizava um trabalho digno de sua força e talento! Os milhões dos Imbert, que prêmio magnífico para um apetite como o dele!

Ele se vestiu com capricho com uma sobrecasaca puída, calças puídas, um chapéu de seda um tanto desbotado, punhos e golas puídas, tudo muito limpo, mas cheirando a pobreza. No lugar da

gravata, uma fita preta presa com um diamante falso. E, assim vestido, desceu a escada do apartamento que ocupava em Montmartre. No terceiro andar, sem parar, bateu com a ponta da bengala em uma porta fechada. Fora do prédio, seguiu pelas alamedas secundárias. Um bonde estava passando. Ele embarcou, e alguém que o seguia, o inquilino do terceiro andar, sentou-se a seu lado.

Depois de um momento, o homem disse:

– Então, chefe?

– Então, está arranjado.

– Como?

– Vou jantar lá.

– Jantar!

– Pensou que eu ocupava dias tão preciosos quanto os meus por nada? Salvei o sr. Ludovic Imbert da morte certa em suas mãos. O sr. Ludovic Imbert é um homem grato. E me convidou para jantar.

Um silêncio, e o outro se aventurou:

– Quer dizer que não vai desistir?

– Rapaz, se planejei o ataque de ontem à noite, se estava na rua às três da manhã para dar uma bengalada no seu braço e um chute na sua canela, correndo o risco de machucar meu único amigo, é claro que não vou desistir agora do prêmio por um plano tão bem pensado.

– Mas os boatos que correm sobre essa fortuna...

– Que corram! Estou envolvido nisso há seis meses, seis meses perguntando, estudando, armando minhas redes, interrogando os empregados, agiotas e agentes financeiros, seis meses que vivo atrás do marido e da esposa. Portanto, sei o que esperar. Se vem do velho Brawford, como dizem, ou se a fonte é outra, o certo é que a fortuna existe. E se existe, vai ser minha.

– Puxa, cem milhões!

– Vamos pensar em dez, ou mesmo cinco, o que for! Há grandes maços de títulos no cofre. Mais cedo ou mais tarde, eu pego a chave.

O bonde parou na Place de l'Etoile. O homem sussurrou:

– Então é isso, por agora?

– No momento, não há nada a fazer. Eu mando notícias. Temos tempo.

Cinco minutos depois, Arsène Lupin subia a suntuosa escadaria da Mansão Imbert, e logo Ludovic o apresentava à esposa. Gervaise era uma boa senhora, muito rechonchuda, muito faladora. Ela deu as boas-vindas a Lupin.

– Quis reunir apenas a família para homenagear nosso salvador – disse ela.

E, desde o início, trataram “nosso salvador” como um amigo de velhos tempos. Durante a sobremesa, a privacidade era total, e os segredos fluíam bem. Arsène contou sua vida, a vida do pai, um magistrado honesto, as tristezas da infância, as dificuldades do presente. Gervaise, por sua vez, falou de sua juventude, do casamento, da bondade do velho Brawford, dos cem milhões que havia herdado, dos obstáculos que atrasavam a posse da herança, dos empréstimos que teve que contrair a juros exorbitantes, das brigas intermináveis com os sobrinhos de Brawford! Dos confiscos! Enfim, tudo!

– Pense bem, sr. Lupin, os títulos estão lá, na sala ao lado, no escritório do meu marido, e se pegarmos um só papel, perdemos tudo! Eles estão lá, em nosso cofre, e não podemos tocá-los!

Um leve estremecimento sacudiu o sr. Lupin com a sugestão de tamanha proximidade. E ele teve a nítida sensação de que sr. Lupin nunca teria estatura moral suficiente para compartilhar dos escrúpulos da boa senhora.

– Ah, então estão aqui – ele comentou com a boca seca.

– Sim, estão.

Relações iniciadas dessa maneira só poderiam se estreitar. Ao ser delicadamente interpelado, Arsène Lupin confessou sua miséria, sua angústia. O pobre rapaz foi imediatamente nomeado secretário particular do casal, com um salário de cento e cinquenta francos mensais. Ele continuaria morando em sua casa, mas viria todos os dias para receber as ordens de serviço, e, para maior comodidade, um dos quartos do segundo andar foi colocado à sua disposição como escritório.

Ele poderia escolher qual. Seria uma excelente coincidência se eu olhasse bem em cima da mesa de Ludovic?

Arsène não demorou a perceber que seu trabalho como secretário era moleza. Em dois meses, teve apenas quatro cartas comuns para escrever e só foi chamado uma vez ao escritório do chefe, o que significava que só conseguiu olhar oficialmente para o cofre uma vez. Além disso, ele compreendeu que o ocupante desse cargo não era considerado digno de aparecer ao lado do deputado Anquety, ou de Grouvel, o Presidente da Ordem dos Advogados, porque não era convidado para as famosas recepções sociais.

Ele não reclamava, preferia manter seu modesto cantinho à sombra e continuar afastado, feliz e livre. Além disso, não estava perdendo tempo. Primeiro fez uma série de visitas clandestinas ao escritório de Ludovic e se dedicou a estudar o cofre, que, no entanto, permanecia hermeticamente fechado. Era um enorme bloco de ferro fundido e aço, com uma aparência ameaçadora, e contra o qual nem limas, martelos ou alicates faziam efeito.

Arsène Lupin não era teimoso.

– Onde a força falha, a astúcia tem sucesso – disse a si mesmo. – O principal era ficar de olhos e ouvidos atentos ao local.

Ele tomou as medidas necessárias para isso e, após cuidadosa e meticulosa vistoria no chão de seu quarto, introduziu um tubo de chumbo que terminava no teto do escritório, entre duas canaletas da cornija. Através desse cano, mistura de tubo acústico e telescópio, esperava ver e ouvir tudo.

A partir de então, ele vivia de bruços no chão. E, de fato, sempre via os Imberts conversando na frente do cofre, examinando registros e analisando pastas. Quando giravam sucessivamente os quatro botões que controlavam a fechadura, ele tentava descobrir a combinação contando o número de cliques produzidos pelos movimentos. Ele observava suas ações, observava suas palavras. O que eles faziam com a chave? Eles a mantinham escondida?

Um dia, depois de vê-los sair do escritório sem fechar o cofre, ele desceu a escada. E entrou decidido. Eles voltaram.

– Oh, me desculpem – disse –, me enganei de porta.

Mas Gervaise correu e o segurou:

– Entre, sr. Lupin, entre, por acaso não está em casa aqui?

Queremos uma sugestão. Que títulos devemos vender? Os internacionais, ou os do governo?

– Mas e a disputa? – Lupin reagiu surpreso.

– Oh, nem todos foram embargados!

Ela puxou a porta do cofre. Nas prateleiras havia pastas fechadas por correias. Ela pegou uma. O marido protestou.

Não, não, Gervaise, seria tolice vender papéis estrangeiros. Vão valorizar... enquanto os do estado chegaram ao valor máximo. O que acha, meu caro amigo?

O querido amigo não sabia o que dizer, porém aconselhou o sacrifício dos papéis nacionais. Ela, então, pegou outra pasta e dela, ao acaso, tirou uma folha. Era um título de 3% de mil, trezentos e setenta e quatro francos. Ludovic o guardou no bolso. À tarde, acompanhado de seu secretário, mandou vender esse título por um corretor da bolsa e recebeu 46 mil francos.

Apesar do que Gervaise tinha dito, Arsène Lupin não se sentia em casa. Ao contrário, sua situação na casa dos Imbert o intrigava. Em várias ocasiões, percebeu que os servos não sabiam seu nome. Eles o chamavam de senhor. Ludovic sempre se referia a ele desta maneira: “Vá avisar senhor... senhor chegou?” Por que esse tratamento impessoal?

Além disso, depois do entusiasmo inicial, os Imbert quase não falavam com ele e, embora o tratassem com o respeito devido a um benfeitor, nunca se importavam com ele! Era como se o considerassem um esquisitão que não gostava de ser importunado e, por isso, respeitassem seu isolamento como se esse isolamento fosse uma regra por ele decretada, um capricho de sua parte. Uma vez, ao passar pelo corredor, ouviu Gervaise dizer a dois senhores:

– Ele é um selvagem!

Pois muito que bem, pensou, sou um selvagem. E desistindo de entender as peculiaridades dessas pessoas, prosseguiu com a execução do plano. Agora tinha certeza de que não poderia confiar no acaso ou na imprudência de Gervaise, que nunca se separava da chave do cofre e que, inclusive, nunca guardava com ela essa chave sem antes ter embaralhado as letras do segredo da fechadura. Portanto, tinha que

agir.

Um detalhe precipitou as coisas, uma violenta campanha contra os Imberts, posta em prática por alguns jornais. Eles eram acusados de fraude. Arsène Lupin testemunhou os altos e baixos do drama, a turbulência na casa, e entendeu que, se demorasse mais, acabaria perdendo tudo.

Por cinco dias consecutivos, em vez de sair por volta das seis horas como costumava fazer, ele ficou trancado no quarto. Os Imbert acreditavam que tinha ido para casa, mas ele estava lá, deitado no chão e vigiando o escritório de Ludovic.

Nas cinco ocasiões, sem que ocorresse a circunstância favorável que esperava, ele saiu no meio da noite pela portinhola de acesso ao pátio. Tinha uma chave dessa porta.

Mas, no sexto dia, ele soube que os Imberts reagiram às insinuações maldosas de seus inimigos, propondo a abertura e uma auditoria do cofre.

– Vai ser hoje à noite – Lupin pensou.

E, de fato, depois do jantar, Ludovic se acomodou em seu escritório. Gervaise juntou-se a ele. Os dois começaram a folhear os documentos do cofre.

Uma hora se passou, depois outra. Ele ouviu os criados indo para a cama. Agora não havia ninguém no primeiro andar. Meia-noite. Os Imberts continuavam trabalhando.

– Vamos – Lupin sussurrou.

Ele abriu a janela. Dava para o pátio que, em uma noite sem lua e sem estrelas, estava escuro. Tirou do armário uma corda com nós que prendeu no parapeito da varanda, passou por cima da mureta e desceu lentamente, se apoiando em uma calha, até a janela de baixo. Era a do escritório, e o véu espesso das cortinas de lã obscurecia a sala. De pé na varanda, ele permaneceu imóvel por um momento, com os ouvidos apurados e os olhos atentos.

Silencioso, ele empurrou levemente as vidraças da janela. Se ninguém as tivesse verificado, elas cederiam ao esforço, pois durante a tarde ele as havia destrancado.

As vidraças cederam. Então, com infinita precaução, ele as abriu

ainda mais. Assim que conseguiu introduzir a cabeça na abertura, ele parou. Um pouco de luz se infiltrava entre as cortinas: ele viu Gervaise e Ludovic sentados ao lado do cofre.

Falavam pouco, apenas algumas palavras raras e em voz baixa, absortos no trabalho. Arsène calculou a distância que o separava deles, projetou os movimentos exatos que teria que fazer para dominá-los e imobilizá-los, um após o outro, antes que tivessem tempo de pedir socorro, e estava prestes a correr, quando Gervaise disse:

- A sala ficou fria de repente! Vou me deitar. Você vem?
- Gostaria de terminar primeiro.
- Terminar! Mas vai demorar a noite toda.
- Não, uma hora, no máximo.

Ela se retirou. Vinte minutos, trinta minutos se passaram. Arsène abriu um pouco mais a janela. As vidraças cederam. Ele empurrou novamente. Ludovic virou-se e, ao ver as cortinas balançando com o vento, levantou-se para fechar a janela...

Não houve um grito, nem mesmo uma ameaça de luta. Com alguns gestos precisos e sem causar nenhuma lesão, Arsène o imobilizou, enrolou a cortina em sua cabeça, amarrou-a de tal forma que Ludovic não conseguiu nem ver o rosto do agressor.

Então, rapidamente, ele se dirigiu ao cofre, pegou duas pastas, colocou-as embaixo do braço, saiu do escritório, desceu a escada, atravessou o pátio e abriu a porta dos fundos. Um carro estacionava na rua.

– Pegue isto aqui primeiro – ele disse ao motorista – e venha comigo.

E voltou para o escritório. Em duas viagens eles esvaziaram o cofre. Em seguida, Arsène foi até seu quarto, retirou a corda e apagou todos os vestígios de sua passagem. Estava concluído.

Algumas horas depois, Arsène Lupin começava a analisar as pastas com a ajuda do companheiro. Não se decepcionou ao constatar que a fortuna dos Imberts não era tão grande quanto diziam, pois já o havia previsto isso. Os milhões não chegavam a centenas, nem mesmo a dezenas. Mas o total ainda representava uma quantia muito respeitável, e os títulos eram excelentes, títulos de ferrovias, da

prefeitura de Paris, fundos estatais, de Suez, de minas do Norte, etc.

Ele se declarou satisfeito.

– Certamente – disse –, vamos perder muito valor na hora de negociar. Encontraremos dificuldades e teremos que aceitar um preço baixo. Apesar de tudo, esse valor vai me permitir viver como quero... e realizar alguns sonhos muito importantes.

– E o resto dos papéis?

– Pode queimar, meu caro. Essas pilhas de papéis ficavam bem no cofre. Para nós, não têm utilidade. Quanto aos títulos, vamos trancá-los bem guardados no armário da cozinha e esperar o momento certo.

No dia seguinte, Arsène não tinha motivos para voltar à casa dos Imbert. Mas, ao ler os jornais, ele se deparou com uma notícia inesperada: Ludovic e Gervaise tinham desaparecido.

O cofre foi aberto com grande solenidade. Os magistrados encontraram lá o que Arsène Lupin havia deixado... bem pouco.

Esses são os fatos, e agora vem a explicação dada por Arsène Lupin a alguns deles. Eu mesmo ouvi a história no dia em que ele fez algumas confidências.

Naquele dia, ele estava em meu escritório andando de um lado para o outro, com uma expressão um tanto agitada que eu não reconhecia.

– No fim, essa era sua melhor chance? – perguntei.

Sem me responder diretamente, ele disse:

– Existem alguns segredos impenetráveis nessa história. Depois de toda a explicação que lhe dei, ainda restam muitos mistérios! Por que fugiram? Por que não aproveitaram a ajuda que eu dava a eles involuntariamente? Seria muito fácil alegar que os cem milhões estavam no cofre, e que deixaram de estar, porque foram roubados!

– Eles perderam a cabeça.

– Sim, é isso, perderam a cabeça... Por outro lado...

– O quê?

– Não, nada.

O que significava aquela relutância? Ele não dizia tudo, era óbvio,

e o que não dizia, detestaria dizer. Fiquei intrigado. Tinha que ser algo muito sério, para fazer um homem como ele hesitar.

Fiz perguntas aleatórias.

– Você não os viu mais?

– Não.

– E não senti nenhum remorso por essas duas pessoas infelizes?

– Eu! – ele exclamou, assustado.

A reação me deixou surpreso. Tinha tocado em uma questão incômoda? Eu insisti:

– É claro. Sem você, eles poderiam ter enfrentado o perigo... ou fugido com os bolsos cheios, pelo menos.

– Remorso, é isso que acha que sinto?

– Minha nossa!

Ele bateu com a mão sobre a mesa.

– Então, na sua opinião, eu deveria estar com remorso?

– Remorso, arrependimento, não sei, algum sentimento...

– Algum sentimento pelas pessoas...

– Pessoas de quem você roubou uma fortuna.

– Que fortuna?

– Bem... esses dois ou três maços de títulos...

– Esses dois ou três maços de títulos! Roubei os títulos deles, não foi? Parte da herança deles? Essa é minha culpa? É esse o meu crime? Mas, que diabo, meu caro, então não percebeu que esses títulos eram falsos? Ouviu o que eu disse? FALSOS!

Eu o encarei incrédulo.

– Falsos, esses quatro ou cinco milhões?

– Falsos – ele gritou, enraivecido –, todos falsos! Os títulos da prefeitura de Paris, os fundos do Estado, só papel, nada além de papel! Nem um centavo, não ganhei um único centavo com isso! E você me pergunta se tenho remorso? São eles quem deveriam ter! Eles me enganaram como se eu fosse um idiota qualquer! Trataram-me como o último de seus tolos, e o mais imbecil!

A raiva que o dominava era real, composta por ressentimento e orgulho ferido.

– A verdade é que estive nas mãos deles o tempo todo, desde o

início! Sabe qual foi meu papel nessa história, ou melhor, o papel que eles me fizeram desempenhar? O de André Brawford! Sim, meu caro, e não vi nada! Só percebi depois, através dos jornais e comparando alguns detalhes. Enquanto eu posava de benfeitor, o cavalheiro que arriscou a vida para tirar o sujeito das mãos de um agressor selvagem, eles me fizeram passar por um dos Brawfords! Não é admirável? O esquisitão que ocupava o quarto no segundo andar, o selvagem que eles mostravam de longe, esse era Brawford, e eu era Brawford! E graças a mim, graças à confiança que inspirei com o nome de Brawford, os banqueiros emprestaram, e os advogados convenceram seus clientes a emprestar! Ah, que bela aula para um iniciante! Ah! Juro, aprendi bem a lição!

Ele parou de repente, segurou meu braço e me disse com um tom irritado, no qual era fácil perceber nuances de ironia e admiração:

– Meu caro, no momento, Gervaise Imbert me deve mil e quinhentos francos!

Pela primeira vez, não consegui conter o riso. Era uma atitude bem-humorada, verdadeiramente superior. E ele mesmo teve um acesso de riso.

– Sim, meu caro, mil e quinhentos francos! Não apenas não recebi só um centavo, como ela me pediu mil e quinhentos francos emprestados! Tudo que economizei desde a juventude! E sabe para quê? Para os pobres! Estou dizendo, para ajudar supostos miseráveis que ela amparava sem o conhecimento de Ludovic! E eu caí nessa! Não é engraçado demais? Arsène Lupin se desfaz de mil e quinhentos francos, e se desfaz deles pela boa senhora de quem roubou quatro milhões em títulos falsos! E de que combinações, esforço e truques brilhantes precisei para alcançar esse belo resultado! Foi a única vez na vida em que alguém me enganou. E francamente, fui enganado em grande estilo, um prejuízo memorável...

A PÉROLA NEGRA

O toque da campainha acordou a zeladora do número 9 na avenida Hoche. Ela puxou a corda, resmungando:

– Achei que todos estivessem em casa. São três horas, pelo menos!

O marido respondeu baixinho:

– Talvez seja para o médico.

De fato, uma voz perguntou:

– Doutor Harel... em qual andar?

– Terceiro, lado esquerdo. Mas o médico não atende à noite.

– Vai ter que atender.

O cavalheiro atravessou o saguão, subiu um andar, dois andares e, sem parar no andar do Dr. Harel, continuou até o quinto. Lá ele experimentou duas chaves. Uma operava a fechadura, a outra, a trava de segurança.

– Maravilha – sussurrou. – O trabalho é bem simples. Mas antes de agir, tenho que garantir a segurança. Vamos ver... já tive tempo de tocar a campainha do médico e ser dispensado por ele? Ainda não... um pouco de paciência...

Depois de uns dez minutos, ele desceu a escada e bateu no vidro da cabine da zeladora, resmungando contra o médico. A mulher abriu a porta, ele saiu e a deixou fechar com força. No entanto, a porta não fechou, porque o homem colocou rapidamente um pedaço de ferro no vão da fechadura no batente, impedindo o encaixe do ferrolho.

Depois voltou tranquilamente, sem ser notado pela zeladora e seu marido. Em caso de alarme, sua segurança estava garantida.

Calmo, ele subiu os cinco andares. Na antessala, à luz de uma lanterna elétrica, colocou o sobretudo e o chapéu sobre uma das cadeiras, sentou-se em outra e cobriu os sapatos com grossas sapatilhas de feltro.

– Ufa! Pronto... e com que facilidade! Eu me pergunto por que nem todo mundo escolhe o confortável ofício de ladrão. Com um

pouco de habilidade e capricho, nada pode ser mais charmoso. É um trabalho tranquilo... um trabalho de pai... muito conveniente até... chega a ser tedioso.

Ele desdobrou a planta detalhada do apartamento.

– Vamos começar nos orientando. Aqui, vejo o retângulo do corredor onde estou. Do lado da rua, a sala de estar, o boudoir e a sala de jantar. Não preciso perder tempo aí, parece que a condessa tem um gosto deplorável... não tem nem uma bugiganga mais valiosa! Então, direto ao ponto. Ah! Aqui está o desenho de um corredor, do corredor que leva aos quartos. Na marca dos três metros, devo encontrar a porta do closet que se comunica com o quarto da condessa.

Ele dobrou a planta, apagou a lanterna e caminhou pelo corredor contando:

– Um metro... dois metros... três metros... Aqui está a porta... Tudo funcionando bem, meu Deus! Um simples ferrolho, um pequeno ferrolho, me separa do quarto e, além do mais, sei que essa trave está a um metro do chão... Então, com uma pequena incisão ao redor da fechadura, me livro disso...

Ele tirou do bolso os instrumentos necessários, mas uma ideia o deteve.

– E se, por acaso, essa fechadura não foi acionada? Não custa tentar...

Ele girou a maçaneta. A porta se abriu.

– Meu bravo Lupin, a sorte está ao seu lado, com toda certeza. E agora? Você conhece o layout dos locais onde vai agir, conhece o lugar onde a condessa esconde a pérola negra. Consequentemente, para se apoderar da pérola negra, tudo depende de ficar mais quieto que o silêncio, mais invisível que a noite.

Arsène Lupin demorou meia hora para abrir a segunda porta, que era de vidro e dava para o quarto. Mas trabalhou com tamanha precaução que, caso a condessa não estivesse dormindo, nenhum rangido suspeito a perturbaria.

De acordo com seu plano, só tinha que contornar uma poltrona. Isso o levaria a uma cadeira, depois a uma mesinha que ficava perto da cama. Sobre a mesa havia uma caixa de papel de cartas e, fechada

nessa caixa, a pérola negra.

Ele se esticou no tapete e seguiu os contornos da poltrona. Do outro lado, parou para controlar os batimentos cardíacos. Apesar de não sentir medo, não conseguia vencer essa angústia que se experimenta em um silêncio excessivo. E ficou espantado com isso, pois, afinal, havia vivido minutos mais solenes sem emoção. Nenhum perigo o ameaçava. Então, por que o coração batia descompassado? Era essa mulher adormecida que o impressionava, essa vida tão perto dele?

Ele ouviu e pensou poder ver o ritmo de uma respiração. Acalmou-se como se aquela fosse uma presença amigável.

Então, com pequenos gestos imperceptíveis, estendeu a mão para a cadeira e rastejou até a mesa, Tateando a sombra de seu braço estendido. A mão direita encontrou uma das pernas da mesa.

Finalmente! Tudo o que precisava fazer era se levantar, pegar a pérola e ir embora. Ótimo, pois o seu coração começava a pular de novo no peito como um animal aterrorizado, pulsando tão forte que ele achava impossível a condessa não acordar.

Ele o acalmou com uma força de vontade prodigiosa, mas, ao tentar se levantar, a mão esquerda encontrou no tapete um objeto que ele imediatamente reconheceu como um abajur, um abajur virado; e imediatamente outro objeto se apresentou, um relógio, um daqueles pequenos relógios de viagem que ficam em um estojo de couro.

O que era isso? O que estava acontecendo? Ele não entendia. Esse abajur... o relógio... por que os objetos não estavam em seus devidos lugares? Ah! O que estava acontecendo em meio às sombras assustadoras?

E, de repente, um grito escapou de seu peito. Ele havia tocado... oh! Que coisa estranha e indescritível! Mas não, não, o medo prejudicava seu raciocínio. Vinte segundos, trinta segundos, ele continuava imóvel, apavorado, com o suor escorrendo das têmporas. E os dedos guardavam a sensação do contato.

Com um esforço determinado, estendeu a mão novamente. Tocou mais uma vez naquilo, naquela coisa estranha e indescritível. E a sentiu. Exigiu que a mão sentisse e percebesse. Era cabelo, um rosto...

e aquele rosto estava frio, quase gelado.

Por mais aterrorizante que seja a realidade, um homem como Arsène Lupin a domina assim que a vê. Rapidamente, ele acendeu a lanterna. Havia uma mulher deitada diante dele, coberta de sangue. Ferimentos horríveis desfiguravam o pescoço e ombros. Ele se abaixou e a examinou. Estava morta.

– Morta, morta – repetiu com espanto.

E olhava para aqueles olhos parados, para o sorriso malicioso daquela boca, para aquela carne lívida e para aquele sangue, todo aquele sangue que havia se espalhado no tapete e agora endurecia, espesso e escuro.

Ele se levantou, acionou o interruptor, a sala se encheu de luz e ele pôde ver todos os sinais de uma luta violenta. A cama estava toda desarrumada, com cobertores e lençóis rasgados. No chão, o abajur e o relógio, cujos ponteiros marcavam onze e vinte, e mais adiante uma cadeira tombada e sangue por toda parte, poças de sangue.

– E a pérola negra? – ele sussurrou.

A caixa de papéis de carta estava em seu lugar. Ele a abriu rapidamente. O estojo estava lá dentro. Mas estava vazio.

– Maldição – ele resmungou –, você se gabou da própria sorte cedo demais, meu amigo Arsène Lupin. A condessa assassinada, a pérola negra perdida... a situação não é nada boa! Vamos, ou ainda vai correr o risco de se ver acusado de pesadas responsabilidades.

Mas ele não saiu do lugar.

– Fugir? Sim, outro correria. Mas Arsène Lupin? Não há nada melhor a fazer? Vejamos, vamos colocar as coisas em ordem. Afinal, sua consciência está limpa... Suponha que você seja um chefe de polícia e tenha que fazer uma investigação... Sim, mas para isso teria que ter um cérebro mais limpo. E o meu está em péssimo estado!

Ele caiu em uma poltrona, apertou os punhos cerrados contra a testa quente.

O caso da Avenida Hoche é um dos que mais nos intrigam nos últimos tempos, e eu certamente não o teria contado se a participação

de Arsène Lupin não o tivesse esclarecido de maneira muito especial. Poucos desconfiam dessa participação. Em todo caso, ninguém conhece a verdade exata e curiosa.

Quem não conhecia, mesmo que só de vê-la no Bois, Léontine Zalti, a ex-cantora, esposa e viúva do conde de Andillot, a Zalti cujo luxo deslumbrou Paris há cerca de vinte anos, a Zalti, condessa de Andillot, a quem seu diamante e os adornos de pérolas deram fama na Europa? Dizia-se que carregava nas costas os cofres de vários bancos e as minas de ouro de várias empresas australianas. Os grandes joalheiros trabalharam para os Zalti como costumam servir reis e rainhas.

E quem não se lembra da catástrofe que trouxe toda essa riqueza? Bancos e minas de ouro, o abismo devorou tudo. Da maravilhosa coleção distribuída pelo leiloeiro, restou apenas a famosa pérola negra. A Pérola Negra! Ou seja, uma fortuna, se ela quisesse passá-la adiante.

Ela não quis. Preferia cortar custos, viver em um apartamento simples com sua camareira, a cozinheira e um criado, em vez de vender a joia de valor inestimável. Havia um motivo que ela não tinha receio de confessar: a pérola negra fora presente do imperador! E quase arruinada, reduzida à existência mais medíocre, ela permanecia fiel à companheira de dias melhores.

– Enquanto for viva – dizia –, não me desfarei dela.

Durante o dia, ela a usava no pescoço. À noite, a guardava em um lugar conhecido apenas por si mesma.

Todos esses fatos lembrados pelos jornais estimularam a curiosidade e, por incrível que pareça, mas fácil de compreender para quem tem a chave do enigma, foi justamente a prisão do suposto assassino que complicou a história e prolongou o mistério. Dois dias depois, de fato, os jornais publicaram as seguintes notícias:

“Fomos informados sobre a prisão de Victor Danègre, criado da condessa de Andillot. As acusações contra ele são avassaladoras. Na manga do casaco de seu uniforme, que o senhor Dudouis, chefe da Sûreté, encontrou em seu sótão, entre o estrado da cama e o colchão, havia manchas de

sangue. Além disso, faltava no colete um botão forrado de tecido. Mas esse botão foi encontrado logo no início das buscas, embaixo da cama da vítima.

“É provável que depois do jantar, Danègre, em vez de voltar ao sótão, tenha se esgueirado para o closet e, pela porta de vidro, tenha visto a condessa guardando a pérola negra.

“Devemos dizer que, até o momento, nenhuma evidência surgiu para sustentar essa suposição. De qualquer maneira, outro ponto permanece obscuro. Às sete da manhã, Danègre foi à tabacaria no Boulevard de Courcelles: primeiro o porteiro, depois a tabacaria, testemunharam essa movimentação. Por outro lado, a cozinheira da condessa e a sua camareira, que dormem no final do corredor, afirmaram que às oito horas, ao se levantarem, a porta da antessala e a da cozinha estavam trancadas. Há vinte anos a serviço da condessa, essas duas pessoas estão acima de qualquer suspeita. Portanto, nos perguntamos como Danègre conseguiu sair do apartamento. Ele tinha feito outra chave? A investigação vai esclarecer esses diferentes pontos.”

A investigação não esclareceu absolutamente nada, pelo contrário. Soubemos que Victor Danègre era um perigoso reincidente, um alcoólatra e libertino, a quem não custava muito esfaquear alguém. Mas o assunto em si parecia, à medida que era estudado, cercar-se de uma escuridão mais densa e de contradições mais inexplicáveis.

Em primeiro lugar, uma jovem de Sinclèves, prima e única herdeira da vítima, declarou que a condessa, um mês antes de sua morte, havia lhe contado em carta como escondia a pérola negra. Um dia depois de receber a correspondência, ela percebeu que a carta havia desaparecido. Quem a roubara?

Por sua vez, os zeladores contaram que abriram a porta para um indivíduo que procurava o Dr. Harel. O médico foi intimado. Ninguém havia tocado a campainha de seu apartamento. Então, quem era aquele indivíduo? Um cúmplice?

Essa hipótese do cúmplice foi adotada pela imprensa e pelo

público. Ganimard, o velho inspetor-chefe Ganimard, a defendeu, não sem razão.

– Lupin está no meio disso – ele disse ao juiz.

– Bah! – respondeu o magistrado –, você o vê em todos os lugares, esse seu Lupin.

– Eu o vejo em todos os lugares, porque ele está em todos os lugares.

– Em vez disso, reconheça que o vê sempre que algo não está muito claro para você. Além disso, neste caso, repare no seguinte: o crime foi cometido às 23h20, como atesta o relógio, e a visita noturna, denunciada pelos zeladores, só aconteceu às três da manhã.

A justiça frequentemente acata e segue o direcionamento dessas convicções, o que significa que os eventos são forçados a se encaixar na explicação inicial que foi dada. Os deploráveis antecedentes de Victor Danègre, reincidente, bêbado e depravado, influenciaram o juiz, e embora nenhuma nova circunstância surgisse para corroborar as duas ou três pistas descobertas no início, nada o demovia dessa convicção. Ele concluiu a fase de instrução. Algumas semanas depois, os debates começaram.

Eram tímidos e lânguidos. O juiz-presidente os conduzia sem ardor. O promotor público atacava com mansidão. Nessas condições, o advogado de Danègre fez um bom jogo, mostrou as lacunas e as inconsistências da acusação. Não existia nenhuma evidência física. Quem fez a cópia da chave, a chave indispensável, sem a qual Danègre não teria podido fechar a porta e trancá-la com duas voltas da fechadura depois de sair do apartamento? Quem viu essa chave e o que aconteceu com ela? Quem viu a faca do assassino e o que aconteceu com ela?

– E de qualquer maneira – concluiu o advogado –, prove que foi o meu cliente quem matou. Prove que o autor do furto e do crime não é aquele personagem misterioso que invadiu a casa às três da manhã. O relógio marcava onze horas, você vai me dizer? E daí? Não podemos acertar os ponteiros do relógio na hora que for mais conveniente?

Victor Danègre foi absolvido.

Ele foi libertado da prisão em uma noite de sexta-feira, magro, deprimido depois de seis meses em uma cela. Os interrogatórios, a solidão, os debates no julgamento, as deliberações do júri, tudo isso o encheu de um terror doentio. À noite, pesadelos terríveis e visões da força o assombravam. Ele tremia de febre e terror.

Com o nome de Anatole Dufour, alugou um pequeno quarto nas alturas de Montmartre e vivia de serviços aleatórios, se mexendo de um lado para o outro.

Vida lamentável! Três vezes contratado por três empregadores diferentes, que o reconheceram na última hora e o demitiram.

Muitas vezes ele percebeu, ou pensou ter percebido, que homens o seguiam, homens da polícia, não tinha dúvidas, que não desistiram de induzi-lo a cair em alguma armadilha. E, de antemão, sentiu o aperto rude da mão que o agarrava pelo colarinho.

Uma noite, quando jantava em um restaurante da região, alguém se sentou diante dele. Era um homem de seus quarenta anos, vestido com uma sobrecasaca preta que não parecia muito limpa. Ele pediu uma sopa, legumes e uma garrafa de vinho.

E depois de tomar a sopa, olhou para Danègre e o encarou por um longo tempo.

Danègre ficou pálido. Com certeza, aquele indivíduo era um dos que o seguiam há semanas. O que poderia querer? Danègre tentou se levantar. Não conseguiu. Suas pernas tremiam sob o peso do corpo.

O homem serviu-se de uma taça de vinho e encheu a taça de Danègre.

– Um brinde, amigo?

Victor gaguejou:

– Sim... sim... à sua saúde, amigo.

– À sua saúde, Victor Danègre.

O outro pulou, sobressaltado.

– Eu... eu... mas não... eu juro...

– O que vai jurar? Que você não é ele? O criado da condessa?

– Que criado? Meu nome é Dufour. Pergunte ao dono do restaurante.

– Dufour, Anatole, sim, para o proprietário, mas Danègre para a

justiça, Victor Danègre.

– Não é verdade! Não é verdade! Mentiram para você.

O recém-chegado tirou um cartão do bolso e entregou-lhe. Victor leu: “Grimaudan, ex-inspetor da Sûreté. Informações confidenciais.” Ele se encolheu.

– Você é da polícia?

– Não sou mais, mas gostava do trabalho e decidi continuar de um jeito mais... lucrativo. De vez em quando, descobrimos negócios que são minas de ouro... como o seu.

– O meu?

– Sim, o seu é um caso excepcional, se quiser colaborar.

– E se eu não quiser?

– Não tem escolha. Você está em uma situação em que não pode se recusar a nada.

Uma apreensão surda invadiu Victor Danègre. Ele perguntou:

– O que quer de mim? Fale.

– Muito bem – respondeu o outro homem –, vamos acabar logo com isso. Resumindo, é o seguinte: fui enviado pela srta. de Sinclèves.

– Sinclèves?

– A herdeira da condessa de Andillot.

– E daí?

– Bem, a srta. Sinclèves me pediu para recuperar a pérola negra que está em seu poder.

– A Pérola Negra?

– Aquela que você roubou.

– Mas eu não a tenho!

– É claro que tem.

– Se a tivesse, eu seria o assassino.

– Você é o assassino.

Danègre tentou rir.

– Felizmente, meu bom senhor, o Tribunal de Justiça não pensou dessa maneira. Fui absolvido por unanimidade, todos os jurados me consideraram inocente. E quando se tem a consciência limpa e a confiança de doze pessoas boas...

O ex-inspetor agarrou seu braço.

– Sem frases de efeito, meu rapaz. Escute com muita atenção e pense bem no que vou dizer, vai valer a pena. Danègre, três semanas antes do crime, você roubou do cozinheiro a chave que abre a porta dos fundos, e você fez uma chave semelhante em Outard, o chaveiro que funciona no número 244 da rua Oberkampf.

– Não é verdade, não é verdade – grunhiu Victor –, ninguém viu essa chave... ela não existe.

– Aqui está a chave.

Depois de um silêncio, Grimaudan continuou:

– Você matou a condessa com um canivete comprado no Republic Bazaar no mesmo dia em que mandou fazer a cópia da chave. A lâmina é triangular e oca com uma ranhura.

– Mentira, está fazendo suposições ao acaso. Ninguém viu a faca.

– Aqui está.

Victor Danègre recuou. O ex-inspetor continuou:

– Há manchas cor de ferrugem nela. Preciso explicar a procedência dessas manchas?

– E daí? Você tem uma chave e uma faca... Quem pode dizer que um dia me pertenceram?

– Primeiro o chaveiro, depois o funcionário de quem você comprou a faca. Já refresquei a memória deles. Frente a frente, certamente o reconhecerão.

Ele falava com um tom ríspido e duro, com uma precisão aterrorizante. Danègre estremeceu de medo. Nem o juiz, nem o presidente da Corte, nem o promotor tinham se aproximado tanto da história real, visto, com tanta clareza, coisas que ele próprio já não enxergava com essa nitidez.

No entanto, ele ainda tentou fingir indiferença.

– Se essas são as provas que tem...

– Tenho mais uma. Depois do crime, você saiu por onde havia entrado. Mas, no meio do closet repleto de vestidos, teve que se apoiar à parede para não cair, porque perdeu o equilíbrio.

– Como sabe? – Victor gaguejou. – Ninguém poderia saber.

– Ah, a justiça, nenhum daqueles cavalheiros pensou em acender uma vela e examinar as paredes. Mas se tivessem feito essa

investigação, teriam visto, no gesso branco, uma marca vermelha muito fraca, mas nítida o suficiente para encontrarmos nela a impressão digital do polegar sujo de sangue, que você encostou na parede. Deve saber que, na antropometria, esse é um dos principais meios de identificação.

Victor Danègre estava pálido. Gotas de suor escorriam de sua testa e pingavam na mesa. Ele olhou para aquele homem estranho, com olhar insano, que falava de seu crime, como se o tivesse testemunhado sem ser visto.

Indefeso, derrotado, ele abaixou a cabeça. Havia lutado contra todos durante meses. Contra esse homem, sentia que não havia nada a fazer.

– Se eu entregar a pérola para você – ele murmurou –, quanto vai me dar?

– Nada.

– Como? Só pode estar brincando! Eu entrego um objeto que vale uma fortuna e não recebo nada?

– É a vida.

O desgraçado estremeceu. Grimaudan acrescentou com tom quase gentil:

– Vamos, Danègre, essa pérola não tem valor para você. Não pode vendê-la. Para que conservá-la?

– Sempre há receptadores... mais cedo ou mais tarde, por qualquer preço...

– Mais cedo ou mais tarde será tarde demais.

– Por quê?

– Por quê? Ora, porque a justiça terá posto as mãos em você, e, desta vez, com as provas que tenho para fornecer, a faca, a chave, a digital do polegar, enfim, você estará arruinado, meu bom homem.

Victor segurou a cabeça com as duas mãos e pensou. Sentia-se perdido, de fato, irreparavelmente perdido e, ao mesmo tempo, muito cansado, tomado por uma necessidade imensa de descansar e desistir de tudo.

Ele sussurrou:

– Quando precisa dela?

– Esta noite, antes da uma hora.

– Ou então...

– Ou então vou mandar para a promotoria pública essa carta em que a srta. de Sinclèvres o denuncia.

Danègre serviu-se de duas taças de vinho, que bebeu em rápida sucessão, depois se levantou.

– Pague a conta e vamos logo... Já estou farto dessa porcaria.

A noite havia chegado. Os dois homens desceram a rua Lepic e seguiram por transversais na direção do Star. Caminhavam em silêncio, Victor, muito cansado e com as costas curvadas.

No Parc Monceau, ele disse:

– É ao lado do prédio...

– É claro! Você só saiu antes de ser preso para ir à tabacaria.

– Chegamos – Danègre anunciou sem emoção na voz.

Eles caminharam ao longo do portão do jardim e atravessaram a rua em cuja esquina ficava a tabacaria. Danègre deu mais alguns passos e parou. Suas pernas tremiam. Ele se deixou cair sentado em um banco.

– Vamos em frente – disse seu acompanhante.

– É aqui.

– Aqui! O que está dizendo?

– Bem ali, na nossa frente.

– Na nossa frente! Danègre, sugiro que não...

– Repito que está ali.

– Onde?

– Entre duas pedras de calçamento.

– Quais?

– Procure.

– Quais? – repetiu Grimaudan.

Victor não respondeu.

– Ah! perfeito, quer me fazer de idiota.

– Não... mas... vou morrer na miséria.

– Está hesitando? Pois bem, serei generoso. De quanto precisa?

– O suficiente para comprar uma passagem de terceira classe para a América.

- Negócio fechado.
- E cem francos para as despesas.
- Dou duzentos. Agora fale.
- Conte as pedras do calçamento, à direita do bueiro. Está entre a décima segunda e a décima terceira.
- Perto da calçada?
- Sim, na sarjeta.

Grimaudan olhou em volta. Os bondes passavam, as pessoas passavam. Mas ora! Quem poderia suspeitar?

Ele abriu o canivete e enfiou a lâmina entre a décima segunda e a décima terceira pedras do pavimento.

- E se não estiver aqui?
- Se ninguém me viu abaixar e enterrá-la, ainda está aí.

Seria possível? A pérola negra enterrada na lama da sarjeta, à disposição do primeiro que chegasse! A pérola negra... uma fortuna!

- Em que profundidade?
- Dez centímetros, mais ou menos.

Ele cavou a areia molhada. A ponta do canivete encontrou um obstáculo. Com os dedos, ele alargou o buraco.

E viu a pérola negra.

– Aqui estão seus duzentos francos. Vou mandar sua passagem para a América.

No dia seguinte, o *Echo de France* publicou este pequeno artigo, que foi reproduzido por jornais de todo o mundo:

“Desde ontem, a famosa pérola negra está nas mãos de Arsène Lupin, que a tirou do assassino da Condessa de Andillot. Em pouco tempo, reproduções dessa joia preciosa serão exibidas em Londres, São Petersburgo, Calcutá, Buenos Aires e Nova York.

Arsène Lupin aguarda as propostas que seus agentes terão para fazer a ele.”

- E é assim que o crime é sempre punido e a virtude,

recompensada – concluiu Arsène Lupin, quando me contou os detalhes do caso.

– E foi assim que, disfarçado de Grimaudan, ex-inspetor da Sûreté, você foi escolhido pelo destino para tirar do criminoso o produto de seu crime.

– Exatamente. E admito que esta é uma das aventuras de que mais me orgulho. Os quarenta minutos que passei no apartamento da condessa, depois de constatar sua morte, estão entre os mais incríveis e intensos de minha vida. Em quarenta minutos, envolvido na mais insólita situação, reconstituí o crime e tive certeza, com a ajuda de algumas pistas, de que o culpado só poderia ser um criado da condessa. Por fim, entendi que, para que eu pegasse a pérola, esse criado teria que ser preso, e deixei o botão do colete, mas que não deveria haver contra ele nenhuma prova irrefutável de sua culpa. Peguei a faca abandonada no tapete, tirei a chave esquecida da fechadura, tranquei a porta com duas voltas da chave e limpei as impressões digitais na parede do closet. Na minha opinião, esse foi um daqueles lances de...

– De gênio – interferi.

– De gênio, se quiser, e que não teria passado pela cabeça de qualquer um. Antever em um segundo os dois lados do problema – uma prisão e uma absolvição – usar o formidável aparato de justiça para desequilibrar meu alvo, deixá-lo atordoado, enfim, colocá-lo em uma situação que o faria, depois de libertado, cair na armadilha um tanto grosseira que armei para ele!

– Um pouco? Muito, porque ele não corria perigo.

– Ah, nenhum mesmo, porque toda absolvição é definitiva.

– Coitado...

– Coitado... Victor Danègre! Esqueceu que ele é um assassino? Teria feito qualquer coisa, as maiores imoralidades, para conservar a pérola negra. Ele sobreviveu, pense assim, Danègre está vivo!

– E a pérola negra é sua.

Ele a tirou de um dos compartimentos secretos de sua carteira, examinou-a, acariciou-a com os dedos e com um olhar emocionado e suspirou:

– Que marajá bobo e vaidoso vai ser dono deste tesouro? A qual bilionário americano estará destinada a pequena peça de beleza e luxo que adornava o pescoço branco de Léontine Zalti, condessa de Andillot?

HERLOCK SHOLMÈS CHEGA TARDE DEMAIS

– É estranha essa sua semelhança com Arsène Lupin, Vermont!

– O senhor o conhece?

– Oh! Como todo mundo, por fotografias, nenhuma igual às outras, mas cada uma delas provocando a impressão de uma fisionomia idêntica... que é a sua, realmente.

Horace Vermont parecia bastante incomodado.

– Não é, meu caro Devanne! E o senhor não é o primeiro a me dizer isso, pode acreditar.

– Devo dizer – insistiu Devanne – que, se você não me tivesse sido recomendado por meu primo d’Estevan e não fosse o famoso pintor cujas belas paisagens marinhas eu admiro, talvez tivesse informado a polícia de sua presença em Dieppe.

A piada foi recebida com risadas generalizadas. Estavam ali, na grande sala de jantar do castelo de Thibermesnil, além de Vermont, o abade Gélis, pároco da aldeia, e uma dezena de oficiais cujos regimentos faziam manobras na região, e que aceitaram o convite do banqueiro Georges Devanne e de sua mãe. Um deles exclamou:

– Mas Arsène Lupin não foi visto no litoral depois do famoso assalto ao trem de Paris a Le Havre?

– Isso mesmo, três meses atrás, e na semana seguinte conheci nosso excelente Vermont no cassino, e desde então, ele tem me honrado com a gentileza de algumas visitas, um preparativo para a visita mais séria que me fará um dia desses... ou melhor, uma noite dessas!

Todos riram de novo e foram para a velha sala da guarda, uma sala ampla e de pé direito alto que ocupava toda a parte inferior da torre Guillaume, e onde Georges Devanne reunia a riqueza incomparável acumulada ao longo dos séculos pelos senhores de Thibermesnil. Baús, arcas e candelabros decoravam o aposento.

Tapeçarias magníficas enfeitavam as paredes de pedra. Os recuos das quatro janelas eram profundos, equipados com bancos, e as vidraças terminavam em vitrais pontiagudos emoldurados em chumbo. Entre a porta e a janela à esquerda, havia uma estante monumental de estilo renascentista, em cujo frontão letras douradas formavam a palavra “Thibermesnil” e, embaixo dela, o orgulhoso lema da família: “Faça o que quiser”.

E enquanto eles acendiam charutos, Devanne continuou:

– Peço apenas que se apresse, Vermont, pois esta é a última noite de que dispõe.

– E por quê? – perguntou o pintor, que tratava do tema com bom humor.

Devanne estava prestes a responder, quando a mãe fez um sinal para ele. Mas a animação do grupo e o desejo de entreter os convidados prevaleceram.

– Ora! – ele resmungou – Posso falar agora. Não há mais motivo para temer a indiscrição.

Os convidados sentaram-se à sua volta tomados por grande curiosidade, e ele disse com o ar satisfeito de quem anuncia uma grande novidade:

– Amanhã, às quatro da tarde, Herlock Sholmès, o grande policial inglês para quem não há mistério, Herlock Sholmès, o mais extraordinário decifrador de enigmas que já vimos, o personagem prodigioso que parece ter sido criado pela imaginação de um romancista, Herlock Sholmès será meu convidado.

Todos reagiram com espanto. Herlock Sholmès em Thibermesnil. Então era sério? Arsène Lupin estava mesmo naquela área?

Arsène Lupin e sua gangue não estão longe. Sem levar em conta o caso do barão Cahorn, a quem atribuir os roubos de Montigny, Gruchet, Crasville, senão ao nosso ladrão nacional? Agora é minha vez.

– E você foi avisado, como o barão Cahorn?

– A mesma coisa não funciona duas vezes.

– Então?

– Então... então aqui está.

Ele se levantou e apontou para um pequeno espaço vazio em uma das prateleiras da estante, entre dois enormes in-fólios.

– Havia um livro ali, um livro do século XVI chamado *Crônica de Thibermesnil*, que contava a história do castelo desde sua construção pelo duque Rollo sobre os alicerces de uma fortaleza feudal. Eram três placas gravadas. Uma era uma visão panorâmica da propriedade, a segunda era a planta dos edifícios, e a terceira, e aqui chamo sua atenção para isto, era o diagrama de uma passagem subterrânea que começa na primeira linha das muralhas e termina aqui, exatamente aqui, nesta sala onde estamos. No entanto, esse livro está desaparecido desde o mês passado.

– Puxa – disse Velmont –, isso é um mau sinal. Porém, não é suficiente para motivar a intervenção de Herlock Sholmès.

– Certamente não seria, se não houvesse outro fato que confere todo significado ao que acabo de relatar. Havia uma cópia dessa *Crônica* na Biblioteca Nacional, e essas duas cópias diferiam em certos detalhes sobre o subterrâneo, como no estabelecimento de um perfil e uma escala e várias anotações, não impressas, mas escritas à mão em tinta mais ou menos apagada. Eu conhecia essas peculiaridades e sabia que o layout final só poderia ser reconstruído por meio de uma comparação cuidadosa dos dois mapas. Porém, no dia seguinte ao do desaparecimento do meu exemplar, o da Biblioteca Nacional foi solicitado por um leitor, que o levou embora sem que fosse possível determinar as condições em que o furto fora realizado.

A declaração provocou reações de espanto.

– Agora o assunto está ficando sério.

– Além disso, nessa época – disse Devanne –, a polícia estava ocupada e houve uma investigação dupla, que, aliás, não produziu resultados.

– Como todas das quais Arsène Lupin é o objeto.

– Exatamente. Foi então que me ocorreu pedir ajuda a Herlock Sholmès, que respondeu que tinha o maior desejo de entrar em contato com Arsène Lupin.

– Que glória para Arsène Lupin! – disse Velmont. – Mas se nosso ladrão nacional, como você o chama, não tiver planos para

Thibermesnil, Herlock Sholmès ficará aqui sem fazer nada?

– Tem outra coisa pela qual ele vai se interessar muito, a descoberta do subterrâneo.

– Como assim, já não disse que uma das entradas dava para o campo, e a outra para esta sala?

– Onde? Em que parte da sala? A linha que representa o subterrâneo nos mapas termina, de um lado, em um pequeno círculo marcado por estas duas letras maiúsculas “T. G.”, o que provavelmente significa Tour Guillaume. Mas a torre é redonda, e quem poderia determinar onde começa o contorno do desenho no círculo?

Devanne acendeu um segundo charuto e serviu-se de uma taça de licor. Eles o pressionavam com perguntas. Ele sorria, feliz com o interesse despertado. Finalmente disse:

– O segredo se perdeu. Ninguém no mundo o conhece. Diz a lenda que os senhores poderosos o repassavam de pai para filho no leito de morte, até o dia em que Geoffroy, o último com esse nome, teve sua cabeça decepada no cadafalso, no 7 de termidor ano II, seu décimo nono de vida.

– Mas depois de um século, ninguém procurou?

– Sim, mas em vão. Eu mesmo, quando comprei o castelo do sobrinho-neto do Convencional Leribourg, mandei fazer escavações. Com que propósito? Não esqueça que esta torre rodeada de água está ligada ao castelo por um só ponto, o que significa que a passagem subterrânea deve passar por baixo do fosso. A planta da Biblioteca Nacional mostra também uma série de quatro escadas com quarenta e oito degraus, o que sugere uma profundidade de mais de dez metros. E a escala, anexada à outra planta, determina a distância em duzentos metros. Na verdade, todo o problema está aqui, entre este piso, este teto e estas paredes. Bem, admito que hesito em demoli-los.

– E não temos nenhuma pista?

– Nenhuma.

O Padre Gélis se manifestou:

– Sr. Devanne, temos que mencionar duas citações.

– Oh! – Devanne exclamou rindo. – Senhor le Curé é um

pesquisador de arquivos, um grande leitor de memórias, e tudo o que diz respeito a Thibermesnil o fascina. Mas a explicação a que ele se refere só serve para confundir as coisas.

– De novo isso?

– E o senhor persiste?

– Veementemente.

– Pois bem, saibam que, de acordo com as leituras dele, dois reis da França encontraram a resposta para o enigma.

– Dois reis da França!

– Henrique IV e Louis XVI.

– Reis singulares. E como senhor l’Abbé sabe disso?

– Oh, é muito simples – continuou Devanne. – Um dia antes da Batalha de Arques, o Rei Henrique IV veio jantar e dormir neste castelo. Às onze horas da noite, Luísa de Tancarville, a dama mais bonita da Normandia, foi-lhe apresentada clandestinamente graças à cumplicidade do duque Edgard, que, naquela ocasião, revelou o segredo de família. Henrique IV, mais tarde, contou esse segredo a seu ministro Sully, que relata a anedota em seu *Royales Economies d’État*, sem acrescentar nenhum comentário além desta frase incompreensível: “A hélice gira no ar, roda e se move, a asa se abre e encontramos Deus”.

Houve um silêncio, e Velmont brincou:

– Não explica muita coisa.

– Não é? Senhor le Curé quis que Sully escrevesse a chave do enigma dessa maneira, sem revelar o segredo aos escribas a quem ele ditou suas memórias.

– É uma possibilidade engenhosa.

– De fato, mas o que é essa hélice que gira, e essa roda que se move, e essa asa que se abre?

– E o que Deus tem a ver com a história?

– Que mistério!

Velmont continuou:

– E esse bom Luís XVI, foi também para receber a visita de uma senhora que mandou abrir o subterrâneo?

– Não sei. Tudo o que se pode dizer é que Luís XVI esteve

hospedado em Thibermesnil em 1784, e que o famoso armário de ferro, encontrado no Louvre depois do relato de Gamain, continha um papel com estas palavras escritas por ele: “Thibermesnil: 2-6-12”.

Horace Velmont começou a rir:

– Vitória! Cada vez mais as trevas se dissipam. Duas vezes seis são doze.

– Ria o quanto quisesse, senhor – disse o abade –, o fato é que essas duas citações contêm a solução e que, um dia ou outro, haverá alguém que saiba interpretá-las.

– Herlock Sholmès, decerto – disse Devanne. – A menos que Arsène Lupin chegue antes dele. O que acha, Velmont?

– Velmont se levantou, colocou a mão no ombro de Devanne e declarou:

– Acredito que nos dados fornecidos em seu livro e no da Biblioteca faltavam informações da maior importância, as quais o senhor fez a gentileza de fornecer. Obrigado.

– O que quer dizer?

– Quero dizer que agora, com a hélice girando, a roda se movendo, as asas se abrindo e duas vezes seis perfazendo doze, só preciso entrar em ação.

– Sem perder um minuto.

– Sem perder um segundo! Não espera que eu roube seu castelo ainda esta noite, antes da chegada de Herlock Sholmès?

– De fato, não tem muito tempo. Precisa de transporte?

– Para Dieppe?

– Para Dieppe. Aproveito para trazer o sr. e a sra. D’Androl e uma jovem amiga deles, o grupo chega no trem da meia-noite.

E, dirigindo-se aos oficiais, Devanne acrescentou:

– Além disso, vamos todos nos encontrar aqui amanhã para o almoço, não é, senhores? Conto com vocês, porque este castelo será cercado e tomado de assalto por seus regimentos às onze em ponto.

O convite foi aceito, todos se despediram; um momento depois, o carro levava Devanne e Velmont pela estrada para Dieppe. Devanne deixou o pintor em frente ao cassino e seguiu para a estação.

À meia-noite, seus amigos desceram do trem. À meia-noite e

meia, o automóvel passava pelos portões de Thibermesnil. À uma hora, após um jantar leve servido na sala, todos se recolheram. Gradualmente, todas as luzes se apagaram. O grande silêncio da noite envolveu o castelo.

Mas a lua venceu a barreira das nuvens que a encobriam e atravessou duas janelas da sala de estar com sua luz branca. Durou apenas um momento. Muito rapidamente, a lua se escondeu atrás da cortina das colinas. E veio a escuridão. O silêncio aumentou com as sombras mais densas. De vez em quando, ouvia-se, em meio à quietude, o rangido dos móveis, ou o farfalhar dos juncos no fosso que lavava as velhas paredes com sua água verde.

O relógio marcava uma cadeia infinita de segundos. Ele anunciou duas horas. E novamente os segundos se sucediam apressados e monótonos na pesada paz da noite. O relógio marcou três horas.

E, de repente, alguma coisa estalou, um ruído parecido com o sinal da cancela anunciando a passagem de um trem. E um fino raio de luz cruzou a sala de um lado para o outro, como uma flecha que deixava um rastro cintilante. Brotava do veio central de uma pilastra à qual se apoiava, do lado direito, o frontão da estante. Iluminou, primeiro, o painel à frente, desenhando um círculo tremeluzente, depois, girou em torno desse ponto como um olhar preocupado examinando as sombras, depois desceu e subiu, enquanto parte da estante girava sobre seu eixo e revelava uma grande abertura em forma de arco.

Um homem entrou carregando uma lanterna elétrica. Mais dois homens surgiram trazendo um rolo de cordas e várias ferramentas. O primeiro inspecionou a sala, ouviu com atenção e disse:

– Chamem os outros.

Oito homens passaram pelo túnel, sujeitos enormes de expressão cheia de energia. E a mudança começou.

Foi rápido. Arsène Lupin ia de um móvel a outro, examinava-o e, dependendo do tamanho ou do valor artístico, ignorava ou ordenava:

– Levem!

E o objeto era removido, tragado pela boca escancarada do túnel, levado para as entranhas da terra.

E assim foram retiradas seis poltronas e seis cadeiras Luís XV, tapeçarias Aubusson e candelabros Gouthière, dois Fragonards, e um Nattier, um busto de Houdon e estatuetas. Às vezes, Lupin se demorava na frente de um baú magnífico ou de uma pintura soberba e suspirava:

– Muito pesado, e aquele... muito grande... que pena!

E continuava sua experiência.

Em quarenta minutos, a sala de estar estava “limpa”, para usar a expressão de Arsène. E tudo foi feito com uma organização admirável, sem nenhum ruído, como se todos os objetos que aqueles homens transportavam tivessem sido envoltos em algodão grosso.

Ele, então, disse ao último homem que saía levando um relógio de pêndulo Boulle:

– Não precisam voltar. Carreguem o caminhão e sigam para o sítio do Roquefort.

– Mas e você, chefe?

– Deixem a motocicleta.

Assim que o homem saiu, ele empurrou o lado móvel da biblioteca de volta ao seu lugar e, depois de remover os vestígios da movimentação e apagar as pegadas, ele levantou um alçapão e entrou em uma galeria que fazia a ligação entre a torre e o castelo. No meio desse corredor havia uma vitrine, principal motivação para Arsène Lupin insistir em suas investigações.

Nela havia maravilhas, uma coleção única de relógios, caixas de rapé, anéis, gargantilhas, miniaturas das melhores obras. Com um alicate, ele forçou a fechadura, e foi um prazer inenarrável se apossar daquelas joias de ouro e prata, daquelas pequenas obras de uma arte tão preciosa e tão delicada.

Ele tinha pendurado a tiracolo uma grande bolsa de lona, especialmente preparada para acondicionar as preciosidades. Ele a encheu. E também encheu os bolsos do paletó, da calça e do colete. E estava puxando com o braço esquerdo uma pilha daquelas retículas de pérolas tão valorizadas por nossos ancestrais e pelas quais a moda

atual era tão apaixonada, quando ouviu um barulhinho.

Ele aguçou os ouvidos: não estava enganado, o ruído ficava mais claro.

E, de repente, ele lembrou: no fim da galeria, uma escada interna levava a um apartamento, antes vazio, mas que, desde aquela noite, era ocupado pela jovem que Devanne fora buscar em Dieppe com seus amigos, os Androl.

Com um gesto rápido, ele apagou a lanterna. Mal havia alcançado o recuo de uma janela, quando, no topo da escada, a porta se abriu e uma luz pálida invadiu a galeria.

Teve a sensação – pois meio escondido atrás de uma cortina não conseguia ver nada – de que uma pessoa descia os primeiros degraus com passos cautelosos. Esperava que ela não fosse mais longe. Mas ela continuou e deu vários passos para o interior da galeria. De repente, deu um gritinho. Sem dúvida, tinha visto a vitrine quebrada e quase vazia.

Pelo cheiro, ele adivinhou a presença de uma mulher. Suas roupas quase roçavam na cortina que o escondia, e ele teve a sensação de ouvir o coração daquela mulher batendo, e achava que ela também sentia a presença de alguém às suas costas, nas sombras, ao alcance da mão... Disse a si mesmo: “Ela está com medo... vai embora... é impossível não ir”. Ela não foi. A vela, que antes tremia em sua mão, ficou firme. Ela se virou, hesitou por um momento, pareceu ouvir o silêncio amedrontador e, de repente, puxou a cortina.

Eles se encararam.

Arsène sussurrou abalado:

– Você... você... senhorita.

Era a srta. Nelly.

Srta. Nelly! A passageira do transatlântico, aquela que misturou seus sonhos aos de um rapaz durante aquela travessia inesquecível, aquela que testemunhou sua prisão e que, em vez de o trair, teve o belo gesto de atirar ao mar a máquina fotográfica onde ele havia escondido as joias e o dinheiro... Srta. Nelly! A querida e sorridente criatura cuja imagem tantas vezes entristeceu ou alegrou suas longas horas na prisão!

O acaso que os colocava na presença um do outro, naquele castelo e àquela hora da noite, era tão prodigioso, que eles não se mexeram e não proferiram uma palavra, espantados, hipnotizados pela fantástica aparição que um representava para o outro.

Cambaleando, abalada com a emoção, a srta. Nelly teve que se sentar.

Ele permaneceu parado diante dela. E aos poucos, nos intermináveis segundos que se seguiram, foi tomando consciência da impressão que devia dar naquele momento, com a sacola carregada de bugigangas e os bolsos cheios. Uma grande confusão o invadiu, e ele corou ao se encontrar ali, naquela postura feia de ladrão pego em flagrante. Para ela, agora, o que quer que acontecesse, era ele o ladrão que punha a mão nos bolsos dos outros, que arrombava portas e entrava furtivamente.

Um dos relógios rolou pelo tapete, depois outro. E outras coisas iam escorregando de seus braços, objetos que ele não conseguia segurar. Então, tomando uma decisão repentina, ele deixou alguns itens caírem na poltrona, esvaziou os bolsos e soltou a bolsa.

Sentia-se mais confortável na frente de Nelly, e deu um passo na direção da jovem com a intenção de falar com ela. Mas ela se retraiu, levantou-se rapidamente, como se estivesse apavorada e correu para a sala. A porta se fechou e ele a seguiu. Lá estava ela aturdida, tremendo, olhando com terror para a imensa sala saqueada.

Ele disse imediatamente:

– Amanhã, às três horas, tudo estará de volta ao lugar. Os móveis serão devolvidos.

Ela não respondeu, e ele repetiu:

– Amanhã, às três horas, estou assumindo um compromisso. Nada no mundo poderá me impedir de cumprir essa promessa... Amanhã, às três horas...

Um longo silêncio pairou sobre os dois. Arsène não ousava interrompê-lo, e a emoção da jovem lhe causava uma dor real. Lentamente, sem dizer uma palavra sequer, ele se afastou.

E pensou:

“Deixe-a ir! Deixe que fique à vontade para ir! Que ela não tenha

medo de mim!”

Mas, de repente, ela gaguejou:

– Ouço passos... alguém se aproxima...

Ele a encarou espantado. Ela parecia oprimida pelo perigo que se aproximava.

– Não consigo ouvir nada – disse ele –, e mesmo que ouvisse...

– O quê? Mas precisa fugir... fuja, depressa...

– Fugir... por quê?

– Porque precisa... precisa... fuja...

De repente, ela correu para a entrada da galeria e ouviu atenta. Não, não havia ninguém. O barulho vinha de fora? Ela esperou um segundo, depois, mais tranquila, se virou.

Arsène Lupin havia desaparecido.

No exato momento em que Devanne percebeu a pilhagem de seu castelo, disse a si mesmo: foi Vermont quem fez o trabalho, e Vermont não é outro senão Arsène Lupin. Tudo se explicava assim, e nada era explicado de outra maneira. Era uma ideia rasa, era improvável que Vermont não fosse Vermont, isto é, o famoso pintor, o companheiro de círculo social de seu primo d’Estevan. E quando o sargento da polícia se apresentou imediatamente ao ser informado, Devanne nem pensou em contar a ele essa suposição absurda.

Durante toda a manhã houve intensa movimentação em Thibermesnil. Os guardas, a polícia campestre, o comissário de polícia de Dieppe, os habitantes da aldeia, todos se agitavam pelos corredores, ou no parque, ou em volta do castelo. A aproximação das tropas em manobra e o estalar dos canhões se somavam ao cenário pitoresco.

A primeira verificação não forneceu pistas. Como as janelas não foram quebradas, nem as portas foram arrombadas, a retirada dos objetos só podia ter sido feita pela passagem secreta. Porém, no tapete, não havia nenhum rastro de passos, nenhum sinal incomum nas paredes.

Só uma coisa, inesperada, denotava claramente a veia teatral de

Arsène Lupin: o famoso *Chronique* do século XVI havia retornado ao seu lugar de antes e, ao lado dele, havia um livro semelhante, que não era outro senão a cópia roubada da Biblioteca Nacional.

Às onze horas os oficiais chegaram. Devanne cumprimentou-os com alegria – qualquer que fosse o aborrecimento provocado pela perda de tais tesouros artísticos, sua fortuna permitia suportá-lo sem mau humor. Seus amigos, os Androl e Nelly, desceram a escada.

Pelas apresentações feitas, percebemos que faltava um convidado, Horace Vermont. Ele não viria?

Sua ausência teria despertado as suspeitas de Georges Devanne. Mas ao meio-dia em ponto, ele entrou. Devanne exclamou:

– Tudo na hora certa! Você veio!

– E não deveria ter vindo?

– Sim, mas poderia ter faltado... depois de uma noite tão agitada! Já deve saber das novidades.

– Que novidades?

– Você roubou o castelo.

– Francamente!

– É como digo. Mas antes, ofereça seu braço à srta. Underdown, vamos almoçar... Senhorita, permita-me...

Ele parou ao ver a confusão no rosto da jovem. Então, de repente, lembrou-se:

– Ah, é verdade, a senhorita viajou com Arsène Lupin uma vez... antes de ele ser preso... A semelhança é surpreendente, não é?

Ela não respondeu. Diante dela, Vermont sorria. Ele se curvou, e a jovem aceitou seu braço. Ele a conduziu até seu lugar à mesa e sentou-se à sua frente.

Durante o almoço, o assunto foi Arsène Lupin, os móveis roubados, o subsolo, Herlock Sholmès. Só no final da refeição, quando outros assuntos eram discutidos, Vermont entrou na conversa. Ele era divertido e sério, eloquente e espirituoso. E tudo o que dizia parecia ter o propósito de impressionar a moça. Muito distraída, ela parecia nem ouvir.

O café foi servido no terraço com vista para o pátio principal e o jardim francês, na fachada principal. No meio do gramado, o

regimento começou a tocar, e a multidão de camponeses e soldados lotou as alamedas do parque.

No entanto, Nelly lembrou-se da promessa de Arsène Lupin: “Às três horas tudo estará lá, é meu compromisso”.

Às três horas! E os ponteiros do grande relógio que adornava a ala direita marcavam duas e quarenta. Ela olhava para eles o tempo todo, apesar de si mesma. E também olhava para Vermont, que se embalava tranquilamente em uma confortável cadeira de balanço.

Duas e cinquenta... duas e cinquenta e cinco... uma mistura de impaciência e angústia tomava conta da jovem. Seria possível a realização do milagre, e na hora marcada, quando o castelo, o pátio e o campo estavam cheios de gente, enquanto, naquele exato momento, o procurador e o juiz de instrução continuavam com a investigação?

E ainda... ainda assim, Arsène Lupin havia prometido com tanta solenidade! Será como ele disse, pensou ela, impressionada com tudo o que havia naquele homem, a energia, a autoridade e a certeza. E já não lhe parecia um milagre, mas um acontecimento natural que deveria acontecer por força das circunstâncias.

Por um segundo, seus olhares se encontraram. Ela corou e olhou para o outro lado.

Três horas... A primeira batida aconteceu, a segunda batida, a terceira... Horace Vermont tirou o relógio do bolso, olhou para ele e o guardou novamente. Alguns segundos se passaram. E agora a multidão se afastava pelo gramado, abrindo passagem a duas carroças que acabavam de atravessar o portão do parque, ambas atreladas a dois cavalos. Eram aquelas carroças que acompanham os regimentos e transportam os cantis para os oficiais e as malas para os soldados. Elas pararam na frente dos degraus. Um contramestre saltou de um dos assentos e perguntou pelo sr. Devanne.

Devanne se levantou correndo e desceu a escada. Embaixo das lonas, cuidadosamente arrumados e bem embrulhados, ele viu seus móveis, as pinturas, as obras de arte.

Às perguntas feitas a ele, o contramestre respondeu, mostrando a ordem que havia recebido do ajudante de plantão, e que o ajudante havia anexado, pela manhã, à lista de ordens do dia. De acordo com o

documento, a segunda companhia do quarto batalhão deveria garantir que os objetos e móveis deixados na estrada de Halleux, na floresta d'Arques, fossem levados às três horas para o sr. Georges Devanne, dono do castelo de Thibermesnil. Assinado: Coronel Beauvel.

– Na estrada – acrescentou o sargento –, encontramos tudo pronto, enfileirado sobre a grama e sob a vigilância... dos transeuntes. Achei estranho, mas o que fazer? A ordem era categórica.

Um dos oficiais examinou a assinatura: imitada com perfeição, mas falsa.

A música havia parado de tocar, as carroças eram esvaziadas, os móveis eram devolvidos aos lugares.

Em meio à comoção, Nelly ficou sozinha no fim da varanda. Estava séria e preocupada, agitada por pensamentos confusos que não tentava formular. De repente, ela viu Vermont se aproximando. Queria avistá-lo, mas o ângulo da balaustrada que delimitava a varanda a cercava de dois lados, e uma fileira de grandes caixas de arbustos, laranjeiras, loendros e bambus não lhe deixava outra passagem além daquela por onde o jovem se aproximava. Ela não se mexeu. Um raio de sol tremeluziu em seus cabelos dourados, agitou-se nas frágeis folhas de um bambu. Alguém disse baixinho:

– Cumpri a promessa que fiz ontem à noite.

Arsène Lupin estava perto dela, e não havia mais ninguém ali.

Ele repetiu, com atitude hesitante, a voz tímida:

– Cumpri a promessa que fiz ontem à noite.

Esperava uma palavra de gratidão, ao menos um gesto que demonstrasse o interesse dela pelo ato. Ela ficou em silêncio.

Esse desprezo irritava Arsène Lupin e, ao mesmo tempo, dava a ele uma ideia profunda de tudo o que o separava de Nelly, agora que ela sabia a verdade. Gostaria de se explicar, pedir desculpas, mostrar sua vida no que tinha de ousado e grandioso. Mas as palavras o incomodavam antes que as dissesse, e ele sentiu o absurdo e a insolência de qualquer explicação. Então murmurou com tristeza, inundado por uma enxurrada de lembranças:

– Como o passado é distante! Você se lembra das longas horas na Pont de la Provence? Ah! Como hoje, você segurava uma rosa na mão,

uma rosa pálida assim... Eu a pedi... Foi como se não me ouvisse... Mas depois que se afastou, encontrei a rosa... provavelmente esquecida... e a guardei.

Ela ainda não respondia. Parecia muito distante. Ele continuou:

– Em respeito àquelas horas, não pense no que sabe. Que o passado se junte ao presente! Que não seja eu quem você viu naquela noite, mas o outro, o de outrora, e deixe seus olhos olharem para mim, mesmo que por um segundo, como olharam antes. Por favor... Não sou ainda o mesmo?

Ela ergueu os olhos e o encarou. Então, sem dizer uma palavra, tocou o anel que ele usava no dedo indicador. Só se via a base, mas o engaste, virado para baixo, sustentava um rubi maravilhoso.

Arsène Lupin corou. O anel pertencia a Georges Devanne.

Ele sorriu com amargura.

– Tem razão. O que foi, sempre será. Arsène Lupin é e só pode ser Arsène Lupin, e entre você e ele não pode haver sequer uma recordação. Perdoe-me. Eu deveria ter entendido que minha simples presença perto de você seria um ultraje.

Ele recuou para junto da balaustrada com o chapéu na mão. Nelly passou por ele. Ele se sentiu tentado a contê-la, a implorar. A ousadia o abandonou, e ele a seguiu com os olhos, como no dia distante em que ela cruzara a passarela do cais de Nova York. Ela subiu a escada para a porta. Por mais um momento, sua silhueta esguia destacou-se entre os mármoreos do salão. Depois ele não a viu mais.

Uma nuvem encobriu o sol. Arsène Lupin observou, imóvel, os rastros de passos impressos na terra. De repente, ele se assustou: na caixa de bambu, contra a qual Nelly se apoiara, jazia a rosa, a rosa pálida que ele não ousara pedir... Também esquecida, sem dúvida? Mas esquecida de propósito ou por distração?

Ele a pegou com paixão. Pétalas se soltaram da flor, e ele as recolheu como se fossem relíquias...

– Vamos – disse para si mesmo –, não tem mais nada para fazer aqui. Pense em sua segurança. Especialmente porque, se Herlock Sholmès se envolver nisso, as coisas podem se complicar.

O parque estava deserto. Porém, perto do pavilhão de acesso à entrada, havia um grupo de policiais. Ele entrou no matagal, escalou o muro que cercava a propriedade e pegou uma trilha para chegar à estação mais próxima, um caminho que serpenteava pelos campos. Estava andando há menos de dez minutos, quando o caminho se estreitou, espremido entre dois barrancos, e alguém entrou nesse corredor, caminhando em sentido oposto.

Era um homem de cerca de cinquenta anos, talvez, bastante forte, com o rosto barbeado e roupas que sugeriam sua origem estrangeira. Ele carregava uma pesada bengala em uma das mãos e uma bolsa a tiracolo.

Eles se cruzaram. O estranho disse com um sotaque inglês quase imperceptível:

- Com licença, senhor... esta é a estrada para o castelo?
- Siga em frente, senhor, e vire à esquerda assim que se deparar com um muro. Esperam ansiosamente por sua chegada.
- Ah!
- Sim, ontem à noite meu amigo Devanne nos contou sobre sua visita.
- Pior para M. Devanne, se ele falou demais.
- E estou feliz por ser o primeiro a cumprimentá-lo. Herlock Sholmès não tem admirador mais fervoroso que eu.

Havia em sua voz um tom imperceptível de ironia da qual ele imediatamente se arrependeu, pois Herlock Sholmès o estudou da cabeça aos pés com um olhar tão envolvente e perspicaz, ao mesmo tempo que Arsène Lupin teve a impressão de ser desmascarado, detido, registrado por esse olhar, com mais exatidão e mais essencialmente do que jamais havia sido por qualquer câmera.

“A foto foi tirada”, ele pensou. Não preciso mais me disfarçar com esse homem. Será que... ele me reconheceu?

Passos ecoaram, e eles ouviram o som de cavalos avançando em meio ao tilintar dos arreios. Eram os policiais. Os dois homens tiveram que se encostar ao barranco, na grama alta, para escapar do atropelamento. Como os policiais se seguiam a certa distância, demoraram um pouco a passar. E Lupin pensou:

“Tudo depende disto: será que ele me reconheceu? Nesse caso, há uma boa chance de ele abusar da situação. O problema é angustiante”.

Quando o último cavaleiro passou por eles, Herlock Sholmès endireitou-se e, sem dizer nada, limpou, com as mãos, a vestimenta empoeirada. A alça da bolsa ficou enroscada em um galho de espinheiro. Arsène Lupin o ajudou. Eles se estudaram mais uma vez. E, se alguém os tivesse surpreendido naquele momento, teria tido uma visão impressionante do primeiro encontro desses dois homens tão únicos, tão poderosos, ambos verdadeiramente superiores e destinados inevitavelmente por suas aptidões especiais a colidirem como duas forças iguais que a ordem das coisas empurrava uma contra a outra através do espaço.

Então, o inglês disse:

– Obrigado senhor.

– Ao seu dispor – Lupin respondeu.

Eles se afastaram. Lupin seguiu em direção à estação, Herlock Sholmès continuou andando para o castelo.

O juiz de instrução e o promotor público haviam partido depois de investigações infrutíferas, e Herlock Sholmès era esperado com uma curiosidade justificada por sua grande reputação. Ficaram um pouco desapontados com sua aparência de bom burguês, a qual era profundamente diferente da imagem que faziam dele. Ele nada tinha do herói de um romance, do personagem enigmático e diabólico que a ideia de Herlock Sholmès evocava nas pessoas. Devanne, no entanto, exclamou com exuberância:

– Finalmente, Mestre, chegou! Que felicidade! Faz tanto tempo que esperava... Quase fico feliz com tudo o que aconteceu, pois me dá o prazer de encontrá-lo. Mas, por falar nisso, como chegou aqui?

– De trem!

– Que pena! Mandeí meu carro para o cais.

– Para uma recepção oficial, não é? Com bateria e música! Excelente maneira de facilitar meu trabalho – resmungou o inglês.

Esse tom nada convidativo desconcertou Devanne, que, tentando brincar, continuou:

– Felizmente, o trabalho é mais fácil do que descrevi na carta.

- E por quê?
- Porque o roubo aconteceu ontem à noite.
- Se não tivesse anunciado minha visita, senhor, é provável que o roubo não tivesse ocorrido na noite passada.
- E quando?
- Amanhã ou outro dia.
- E se fosse assim?
- Lupin teria sido capturado.
- E minha mobília?
- Não teria sido levada.
- Minha mobília está aqui.
- Aqui?
- Tudo foi trazido de volta às três horas.
- Por Lupin?
- Por duas carroças militares.

Herlock Sholmès pôs o chapéu na cabeça com um gesto brusco e ajeitou a bolsa, e Devanne exclamou:

- O que está fazendo?
- Indo embora.
- Por quê?
- Sua mobília está aqui, Arsène Lupin está longe. Meu papel aqui acabou.

– Mas preciso de sua ajuda, caro senhor. O que aconteceu ontem pode se repetir amanhã, já que não sabemos o mais importante, como Arsène Lupin entrou, como saiu e por que, poucas horas depois, devolveu tudo.

– Ah! Você não sabe...

A ideia de um segredo a ser desvendado acalmou Herlock Sholmès.

– Muito bem, vamos descobrir. Mas rápido, pois não? E, tanto quanto possível, sozinho.

A frase designava claramente os assistentes. Devanne entendeu e conduziu o inglês à sala de estar. Com tom seco, em frases que pareciam ter sido ensaiadas antecipadamente e com grande parcimônia, Sholmès fez perguntas sobre a noite anterior, sobre os

convidados que estavam lá, sobre os frequentadores do castelo. Em seguida, examinou os dois volumes do *Chronique*, comparou os mapas do subterrâneo, pediu para ouvir as citações que o Padre Gélis havia mencionado e perguntou:

– Foi ontem que você mencionou essas duas citações pela primeira vez?

– Sim, ontem.

– Nunca as tinha mencionado na presença do sr. Horace Velmont?

– Nunca.

– Pois bem. Preciso do seu automóvel. Saio em uma hora.

– Em uma hora!

– Arsène Lupin demorou menos que isso para resolver o enigma que o senhor propôs a ele.

– Eu propus?

– Sim, é claro! Arsène Lupin e Velmont são a mesma pessoa.

– Eu suspeitei... ah! O patife!

– Ontem à noite, o senhor forneceu a Lupin os elementos concretos que faltavam e que ele vinha buscando há semanas. E, no decorrer da noite, Lupin encontrou tempo para entender tudo, reunir sua gangue e roubar o senhor. Minha intenção é ser igualmente rápido.

Ele andava de um lado ao outro da sala, pensando, depois se sentou, cruzou as longas pernas e fechou os olhos.

Devanne esperou, bastante envergonhado.

“Ele está dormindo? Ele está pensando?”

De qualquer maneira, ele aproveitou para sair e dar as ordens. Quando voltou, ele o viu ao pé da escada da galeria, ajoelhado, examinando o tapete.

– O que foi?

– Veja... ali... aquelas manchas de vela...

– Sim, de fato, e são recentes.

– E também vejo algumas no alto da escada, e outras perto dessa vitrine que Arsène Lupin arrombou e da qual tirou os objetos que foram deixados naquela poltrona.

– E sua conclusão?

– Nenhuma. Todos esses fatos explicariam, sem dúvida, a devolução dos objetos. Mas esse é um lado da questão que não tenho tempo para examinar. O principal é o layout do subsolo.

– Ainda espera...

– Não espero, eu sei. Não tem uma capela a duzentos ou trezentos metros do castelo?

– Uma capela em ruínas onde se encontra o túmulo do duque Rollo.

– Mande seu motorista esperar por nós perto dessa capela.

– Meu motorista ainda não voltou. Vai me avisar... Mas, pelo que vejo, o senhor calcula que o subterrâneo leva à capela. Em que evidências...

Herlock Sholmès o interrompeu:

– Peço, senhor, que providencie uma escada e uma lanterna.

– Ah! Precisa de uma lanterna e uma escada?

– Parece que sim, já que estou pedindo.

Devanne, um tanto surpreso com essa lógica áspera, tocou a sineta. Os dois objetos foram providenciados.

As ordens se sucediam com o rigor e a precisão de comandos militares.

– Posicione a escada contra a estante, à esquerda da palavra Thibermesnil...

Devanne colocou a escada no local indicado, e o inglês continuou:

– Mais para a esquerda... para a direita... Pare! Suba... Isso... Todas as letras dessa palavra estão em relevo, não estão?

– Sim.

– Vamos começar pelo H. Ela gira para um lado ou para o outro?

Devanne pegou a letra H e exclamou:

– Sim, de fato! À direita e um quarto de círculo! Quem contou?

Sem responder, Herlock Sholmès continuou:

– Consegue alcançar a letra R de onde está? Isso... Balance-a algumas vezes, como faria com uma maçaneta ao testar uma porta.

Devanne sacudiu a letra R. Para seu espanto, havia um gatilho dentro dela.

– Perfeito – disse Herlock Sholmès. – Agora é só empurrar a

escada para o outro lado, ou seja, para o final da palavra Thibermesnil. Bom... E agora, se não me engano, e se as coisas estiverem acontecendo como deveriam, a letra L pode ser aberta como uma janela.

Com certa solenidade, Devanne agarrou a letra L e a puxou. A letra L se abriu, mas Devanne caiu da escada, pois toda a parte da estante entre a primeira e a última letra da palavra girou sobre o próprio eixo e descobriu a abertura para o subterrâneo.

Herlock Sholmès perguntou, apreensivo:

– O senhor se machucou?

– Não, não – disse Devanne ao se levantar. – Não estou ferido, só perplexo, reconheço... essas letras que se mexem... esse subterrâneo escancarado...

– Então? Não é tudo perfeitamente coerente com a citação de Sully?

– Como, senhor?

– Ora! O H gira, o R se move e o L se abre... e foi isso que permitiu que Henrique IV recebesse a srta. De Tancarville em um horário incomum.

– Mas e Luís XVI? – Devanne perguntou, pasmo.

– Louis XVI foi um grande ferreiro e um serralheiro habilidoso. Eu li o *Tratado sobre fechaduras de segredo*, atribuído a ele. Thibermesnil se comportava como um bom anfitrião para mostrar a seu mestre essa obra-prima da mecânica. Só para constar, o rei escreveu: 2-6-12, ou seja, H. R. L., a segunda, a sexta e a décima segunda letras da palavra.

– Ah! Perfeito, estou começando a entender... Mesmo assim... Entendo como saímos desta sala, mas não consigo entender como Lupin entrou nela. Porque, repare, ele veio de fora.

Herlock Sholmès acendeu a lanterna e deu alguns passos pelo túnel.

– Veja, todo o mecanismo é aparente do lado de cá, como as molas de um relógio, e todas as letras estão de cabeça para baixo. Lupin só precisou acioná-las deste lado da estante.

– Como prova...?

– Provar? Veja essa poça de óleo. Lupin havia até previsto que as

engrenagens precisariam ser lubrificadas – disse Herlock Sholmès sem esconder a admiração.

- Mas então, ele conhecia a outra saída?
- Como eu a conheço. Venha comigo.
- Ao subsolo?
- Está com medo?
- Não, mas tem certeza de que conhece o caminho?
- De olhos fechados.

Eles desceram doze degraus primeiro, depois mais doze, e duas vezes mais doze. Em seguida, percorreram um longo corredor cujas paredes de tijolos tinham marcas de restaurações sucessivas e alguns escorridos. O chão estava úmido.

– Estamos passando embaixo do fosso – comentou Devanne nada tranquilo.

O corredor terminava em uma escada de doze degraus, seguida por mais três lances de doze degraus, que eles subiram com dificuldade até emergirem em uma pequena cavidade escavada na rocha. O caminho não continuava.

– Diabo – resmungou Herlock Sholmès –, nada além de paredes nuas, isso está ficando constrangedor.

– Devíamos voltar – Devanne murmurou –, porque, afinal, não vejo necessidade de prosseguir. Já foi esclarecedor.

Mas, depois de olhar para cima, o inglês deu um suspiro de alívio: sobre eles, repetia-se o mesmo mecanismo da entrada. Ele só teve que manusear as três letras. Um bloco de granito se soltou. Do outro lado, estava a lápide do Duque Rollo, onde havia uma inscrição com as doze letras de “Thibermesnil” em relevo. E eles entraram na pequena capela em ruínas que o inglês havia mencionado.

– “E encontramos Deus”, ou seja, chegamos à capela – disse ele, relatando o fim da citação.

– Não é possível – exclamou Devanne, confuso com a clarividência e a vivacidade de Herlock Sholmès. – Será que essa simples indicação foi suficiente para o senhor?

– Bah! – disse o inglês. – Eu nem precisava dela. No exemplar da Biblioteca Nacional, a linha termina à esquerda, sabe, com um círculo,

e à direita, o senhor não sabia, com uma pequena cruz, mas tão apagada que só dá para ver... com uma lupa. Essa cruz obviamente significa a capela onde estamos.

O pobre Devanne não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– É algo inédito, milagroso e, no entanto, simples a ponto de ser infantil! Como nunca ninguém resolveu esse mistério?

– Porque ninguém jamais juntou os três ou quatro elementos necessários, ou seja, os dois livros e as citações... Ninguém, exceto Arsène Lupin e eu.

– Mas eu também – protestou Devanne –, e o padre Gélis... Ambos sabíamos tanto quanto o senhor, e mesmo assim...

Sholmès sorriu.

– Sr. Devanne, nem todo mundo é capaz de decifrar enigmas.

– Mas eu estou procurando a resposta há dez anos. E você, em dez minutos...

– Bah! O hábito...

Eles saíram da capela, e o inglês exclamou:

– Veja ali, um carro esperando!

– Mas é o meu!

– Seu? Mas pensei que o motorista não tivesse voltado.

– De fato... e eu me pergunto...

Eles se aproximaram do carro, e Devanne perguntou ao motorista:

– Edward, quem o mandou aqui?

– Ora – respondeu o homem –, foi o sr. Velmont.

– Sr. Velmont? Então, você o encontrou?

– Perto da estação, e ele me disse para vir à capela.

– Vir à capela! Mas por quê?

– Para esperar lá pelo senhor... e seu amigo.

Devanne e Herlock Sholmès se entreolharam. Devanne disse:

– Ele entendeu que o enigma seria uma brincadeira para você. A homenagem é delicada.

Um sorriso de contentamento distendeu os lábios finos do detetive. A homenagem o agradou. Ele acenou com a cabeça e disse:

– É um homem singular. Constatei assim que o vi.

– Então o viu?

– Nós nos encontramos há pouco.

– E o senhor sabia que era Horace Velmont, quero dizer, Arsène Lupin?

– Não, mas não demorei a adivinhar... por causa de alguma ironia da parte dele.

– E o deixou escapar?

– Pois então... e teria tido todo apoio. Cinco policiais passavam por lá.

– Mas por Deus! Que oportunidade única deixou de aproveitar!

– Exatamente, senhor – disse o inglês com altivez –, quando se trata de um oponente como Arsène Lupin, Herlock Sholmès não aproveita as oportunidades... ele as cria.

Mas o tempo passava e, como Lupin teve a encantadora delicadeza de mandar o automóvel, era preciso aproveitá-lo sem demora. Devanne e Herlock Sholmès acomodaram-se na parte de trás da confortável limusine. Edward girou a manivela, e eles partiram. Campos repletos de árvores ficavam para trás. As suaves ondulações da região de Caux se estendiam diante deles. De repente, os olhos de Devanne recaíram sobre um pequeno pacote colocado em um dos compartimentos de armazenamento.

– O que é isso? Um pacote! E para quem? Ora, mas é para o senhor.

– Para mim?

– Está escrito: “Para o sr. Herlock Sholmès, de Arsène Lupin”.

O inglês pegou o pacote, desamarrou a fita e abriu o papel. Dentro dele encontrou um relógio.

– Ora! – disse ele, acompanhando a exclamação com um gesto de raiva.

– Um relógio – disse Devanne –, por acaso é...?

O inglês não respondeu.

– Mas é o seu relógio! Arsène Lupin devolveu seu relógio! Mas se ele o mandou de volta, é porque o pegou... Ele pegou o seu relógio! Ah! Essa é boa, o relógio de Herlock Sholmès roubado por Arsène Lupin! Deus, que engraçado! Não, é verdade... me desculpe, mas é mais forte do que eu.

Ele riu com vontade, incapaz de se conter. E quando terminou de rir, afirmou com convicção:

– Ah, ele é realmente um homem singular.

O inglês permaneceu em silêncio. Até Dieppe, não disse uma palavra, não desviou os olhos do horizonte. Seu silêncio era terrível, insondável, mais violento que a raiva mais feroz. No cais, tendo já superado a raiva, ele disse simplesmente, mas com um tom que transmitia toda a vontade e toda a energia do personagem:

– Sim, é um homem singular, um homem em quem eu gostaria de pôr esta mão que agora estendo, senhor Devanne. E acho que Arsène Lupin e Herlock Sholmès vão se encontrar novamente um dia desses... Sim, o mundo é muito pequeno para que não voltem a se encontrar, e quando isso acontecer...

FIM



Celso Maduro Coelho

Os artifícios de
**MAURICE
LEBLANC**

↵ns

os artifícios de
**MAURICE
LEBLANC**

maurice leblanc

(1864-1941) nasceu em Rouen, Normandia. Passou a maior parte de sua vida na França, onde teve contato com autores consagrados como Gustave Flaubert e Guy de Maupassant. Chegou a escrever romances e novelas, mas conquistou grande visibilidade com o personagem Arsène Lupin, passando a dedicar-se exclusivamente às aventuras de seu herói. Por conta do sucesso da série de histórias de Lupin, publicadas inicialmente no periódico *Je Sais Tout*, as aventuras de seu personagem passaram a ser editadas e reunidas em volumes e, logo, ganharam importantes adaptações para o cinema, o teatro e a TV.

Data de nascimento
Local de nascimento
Período de atividade
Obra mais conhecida
Prêmios recebidos

Arsène Lupin 1907

Arsène Lupin 1908

1913



Os artifícios de **Maurice Leblanc**

por Celso Maduro Coelho



CELSO MADURO COELHO é doutor em letras pela PUC-Rio, onde produziu pesquisas e artigos acadêmicos sobre literatura policial, com ênfase na obra do autor brasileiro Rubem Fonseca. Em Itanhandu, MG, sua cidade de origem, desenvolveu diversos trabalhos na área do patrimônio cultural a partir de seus estudos a respeito da revista modernista *Electrica*, realizados durante o seu pós-doutorado na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), no Rio de Janeiro. Também dirigiu encenações teatrais públicas em seu município. Atualmente, depois de lecionar no ensino superior, dedica-se exclusivamente à leitura, à pintura e à escrita crítica e literária, produzindo artigos, narrativas e poemas.

O

francês Marie Émile Maurice Leblanc (1864-1941) escreveu, sob

encomenda, a primeira aventura do charmoso e astuto cavalheiro Arsène Lupin, o ladrão de casaca, para o número seis da revista mensal *Je Sais Tout*, de julho de 1905. O autor, que havia obtido algum reconhecimento da crítica no início de sua carreira literária, era considerado apenas mais um contista freelancer no meio cultural parisiense, em decorrência de suas participações na imprensa, como no jornal diário e literário *Gil Blas*. A proposta do editor da *Je Sais Tout*, Pierre Lafitte, consistia em lançar uma série policial com um personagem semelhante ao detetive Sherlock Holmes, do escocês Sir Arthur Conan Doyle, e com a intenção de conquistar algum sucesso de público. Leblanc superou as expectativas, deu nova inflexão à sua obra e, até o final da vida, dedicou-se a criar histórias para Arsène Lupin, consolidando o protagonismo do anti-herói no gênero policial em 23 livros de narrativas curtas e longas.

O conto, intitulado “A prisão de Arsène Lupin”, foi o responsável por inaugurar a sequência na *Je Sais Tout*, para a qual o autor contribuiria, com alguns intervalos, até maio de 1909, totalizando 24 episódios durante 35 meses. Essa produção inicial viria a compor, com alguma modificação em seu conteúdo e em sua ordem cronológica, três coletâneas em livro: *Arsène Lupin, o ladrão de casaca*, de 1907, com nove contos; *Arsène Lupin contra Herlock Sholmès*, de 1908, com duas novelas, compostas respectivamente por seis e dois capítulos; e *A agulha oca*, de 1909, um romance de sete capítulos. No ano seguinte, a editora de Pierre Lafitte lança o quarto volume da série, denominado *813: a dupla vida de Arsène Lupin*. Integram o livro um romance composto de duas partes: a narrativa homônima e “Os três crimes de Arsène Lupin”. Os episódios, contudo, foram publicados originalmente no diário *Le Journal*, entre março e maio de 1910. Posteriormente, na edição de 1917, o título genérico foi reduzido para *813* e manteve-se a divisão em duas partes, sendo que a primeira passou a se chamar apenas “A dupla vida de Arsène Lupin”.

Na *Je Sais Tout*

Nos três episódios iniciais da série na revista *Je Sais Tout*, “A detenção de Arsène Lupin”, “Arsène Lupin na prisão” e “A evasão de Arsène Lupin”, Leblanc caracteriza gradativamente o protagonista em casos autônomos, interligados entre si pela prisão do protagonista e vivenciados em sequência, nos quais a polícia e o inspetor Ganimard são enganados. Aliás, até o leitor é trapaceado pelo narrador, que lhe oferece informações e pistas falsas. A cronologia estrita, contudo, é abandonada após “O viajante misterioso”, o quarto episódio, dando lugar a histórias fechadas, de um capítulo ou mais, desenroladas em momentos diversos da vida do personagem. Com esse ajuste, as narrativas tornam-se mais versáteis e elaboradas, mostrando enredos e enigmas mais complexos; as características psicológicas e sociais do personagem são aprofundadas; e o narrador é retratado como confidente.

Assim, em “O colar da rainha”, o quinto episódio, a gênese da personalidade criminosa e galante de Arsène Raoul Lupin, seu nome completo, é revelada retroativamente, por meio da narração do primeiro furto do menino de seis anos Raoul. Os dois últimos contos se encerram com as notícias da solução dos mistérios publicadas no jornal fictício “Echos de Paris”, pelo qual as proezas passam a ser divulgadas de forma suspeita e sistemática na imprensa, o que deixa ver um pouco do contexto profissional do próprio autor. Por sua vez, em “O cofre-forte da Sra. Imbert”, o sexto episódio, também retrospectivo, assistimos a um golpe fracassado do ladrão, que admite que foi ludibriado em grande estilo no começo da carreira, quando ainda não era famoso. Durante esse conto, começa a ser trabalhado o caráter do narrador enquanto personagem, o qual ganhará melhor definição mais tarde.

Entre o plágio e a farsa

Antes, porém, em “Sherlock Holmes chega tarde”, o sétimo episódio da série na *Je Sais Tout*, é retomada brevemente a sequência linear interrompida após “O viajante misterioso”. Durante o confronto entre o herói britânico e o anti-herói francês é possível identificar uma proximidade entre a personalidade do criador Maurice Leblanc e aquela da criatura Arsène Lupin. Isso fica evidente quando esse escritor se apropria de Sherlock Holmes, da mesma maneira que seu protagonista bate a carteira do famoso detetive, o que ridiculariza não só o personagem plagiado, mas o autor escocês, devido à duplicação do gesto de infração e pelo reconhecimento público da manobra ficcional. Em última análise, a impressão que se tem é de que Leblanc bateu a carteira de Doyle, embarcando no seu sucesso editorial. Todavia, não prejudicou o colega de profissão e acabou acrescentando-lhe um pouco de fama. De certa forma, agiu em consonância com a ética do ladrão de casaca, que costumava ser gentil com suas vítimas.



Arsène Lupin contre Herlock Sholmès, peça de Victor Darlay e Henry de Gorsse, 1910

Essas particularidades ficcionais do episódio, cujo título por si só já enfatizava a ineficiência do herói britânico e denunciava o plágio, não passaram despercebidas de Doyle e provocaram a fúria do escritor escocês de língua inglesa, que buscou salvaguardar seus direitos autorais. A solução encontrada por Leblanc, com a ironia que lhe era peculiar, foi criar um divertido trocadilho, produzindo o anagrama não muito discreto “Herlock Sholmès”. Por esse caminho ousado, tortuoso e criativo, Sherlock Holmes, o modelo ficcional a ser seguido, surge como um grande arqu-inimigo, para dar notabilidade a Arsène Lupin, como se observa nas seguintes passagens de “Herlock Sholmès chega tarde”:

– Amanhã, às quatro da tarde, Herlock Sholmès, o grande policial inglês para quem não há mistério, Herlock Sholmès, o mais extraordinário decifrador de enigmas que já vimos, o personagem prodigioso que parece ter sido criado pela imaginação de um romancista, Herlock Sholmès será meu convidado. (LEBLANC, 2021, p. 223)

E, se alguém os tivesse surpreendido naquele momento, teria tido uma visão impressionante do primeiro encontro desses dois homens tão únicos, tão poderosos, ambos verdadeiramente superiores e destinados inevitavelmente por suas aptidões especiais a colidirem como duas forças iguais que a ordem das coisas empurrava uma contra a outra através do espaço. (LEBLANC, 2021, p. 243-244)

Apesar dos elogios ao famoso detetive, a ironia de Leblanc é explicitada por Arsène Lupin quando encontra Herlock Sholmès:

– E estou feliz por ser o primeiro a cumprimentá-lo. Herlock Sholmès não tem admirador mais fervoroso que eu.

Havia em sua voz um tom imperceptível de ironia da qual ele imediatamente se arrependeu, pois Herlock Sholmès o estudou da cabeça aos pés. (LEBLANC, 2021, p. 242)

De acordo com Emma Bielecki (2014, s/p.), no artigo “Arsène Lupin: rewriting history” (tradução literal, “Arsène Lupin: história reescrita”), o personagem Herlock Sholmès de Leblanc conserva a mente brilhante, mas não apresenta as características marginais do original, como o uso de drogas, o esteticismo, o cultivo da sensação e o desejo flamante. A ausência da boemia, do traje refinado, do cuidado com a aparência pessoal e da excentricidade tira-lhe o glamour de homem marginal do *fin-de-siècle*, para ser mais um indistinguível cidadão honesto, como nas seguintes passagens do episódio “Herlock Sholmès chega tarde”:

Era um homem de uns cinquenta anos, talvez, bastante forte, com o rosto barbeado e roupas que sugeriam sua origem estrangeira. Ele carregava uma pesada bengala e uma das mãos em uma bolsa a tiracolo. (LEBLANC, 2021, p. 242)

O juiz de instrução e o procurador haviam partido depois de investigações infrutíferas, e Herlock Sholmès era esperado com uma curiosidade justificada por sua grande reputação. Ficaram um pouco desapontados com sua aparência de bom burguês, que era profundamente diferente da imagem que tinham dele. Ele nada tinha do herói de um romance, do personagem enigmático e diabólico que a ideia de Herlock Sholmès evoca nas pessoas. (LEBLANC, 2021, p. 244)

Dessa maneira, o ladrão de casaca assume isoladamente a posição de dândi da Belle Époque na obra de Leblanc, por meio do seu cavalheirismo anarquista, pois questiona a ordem social na qual está inserido de maneira elegante, licenciosa e bem-humorada. Essa caracterização já é perceptível em “A detenção de Arsène Lupin”, em que o protagonista é apresentado como um cidadão do mundo, viajando em um luxuoso transatlântico em direção à América, ou seja, como um homem cosmopolita e em trânsito, conforme afirma Bielecki (2014, s/p). Também nesse sentido, vale citar a descrição do espírito do protagonista, disfarçado sob o nome materno de família, nas primeiras linhas do romance *La Demoiselle Aux Yeux Verts* (A moça dos olhos verdes), publicado originalmente no diário *Le Journal*, em dezembro de 1926 e janeiro de 1927:

Raoul de Limésy flânait sur les boulevards, allègrement, ainsi qu'un homme heureux qui n'a qu'à regarder pour jouir la vie, de ses spectacles charmants, et de la gaieté légère qu'offre Paris en certains jours lumineux d'avril. (LEBLANC, 2013, s/p)

Raoul de Limésy passeava pelas avenidas, alegremente, como um homem satisfeito que só precisa olhar para desfrutar a vida, seus encantadores espetáculos e a leve alegria que Paris oferece em certos dias claros de abril. (tradução nossa)

Especificamente em “Herlock Sholmès chega tarde”, Arsène Lupin é apresentado como um ladrão nacional por sua futura vítima, que chama o famoso detetive inglês

para enfrentá-lo. Na verdade, todos esses conflitos são criados por Leblanc: autoral, entre os escritores; ficcional, entre os personagens; e metropolitano, entre Paris e Londres, pois esta é descrita como uma cidade melancólica e triste em oposição à alegria da outra – todos eles fomentam a tradicional rivalidade política entre franceses e ingleses, bem como se nutrem dela. Além disso, a mobilização desse conjunto contribuiu para criar uma polêmica internacional na literatura policial, a qual segue até os dias atuais, dividindo os leitores contemporâneos mais aficionados entre *lupiniennes* e *holmesianos*.

Ainda na *Je Sais Tout*

Retomando a sequência na *Je Sais Tout*, em “A pérola negra”, o oitavo episódio, ocorre mais um confronto entre vilões e o encontro do protagonista com seu biógrafo no gabinete de trabalho deste último ao final do conto. Já em “O sete de copas”, o nono e último episódio de apenas um capítulo na *Je Sais Tout*, o qual vem antecedido pela primeira narrativa longa da série, é narrada a breve convivência do jovem ladrão de casaca com o confidente e futuro escritor de suas aventuras. O primeiro aparece sob o disfarce do jornalista Jean Daspry, que escreve no “Le Journal” sob o pseudônimo de Salvator. O segundo é um personagem anônimo e, ao mesmo tempo, uma espécie de alter ego de Maurice Leblanc. E, como este autor, que já escrevera para o *Gil Blas*, é colaborador desse mesmo diário literário. Logo, um e outro são colegas de profissão. Todavia, somente durante a resolução do caso policial o narrador faz o reconhecimento da identidade de Arsène Lupin.

Nessa construção literária, o narrador, obedecendo parcialmente a uma característica da literatura de enigma, é um amigo menos inteligente do protagonista. Todavia, devido à vida de foragido da polícia de Arsène Lupin, a amizade entre os dois não se torna tão íntima e termina se restringindo a aparições e momentos de confidência que lhe faz o criminoso no gabinete de trabalho de seu biógrafo, pois este não pode acompanhá-lo em novas aventuras. Sob outra perspectiva, vale lembrar que o narrador, enquanto alter ego do escritor francês, é também comparado a um grande mestre da lógica, da ironia e da farsa, ou seja, ao próprio Maurice Leblanc, por meio da sua representação no texto. No entanto, esse personagem-narrador que mal aparece no primeiro episódio da versão original na *Je Sais Tout*, mas é enriquecido nessa passagem da edição em livro, pode se descolar, conforme as circunstâncias ficcionais, da construção de seu caráter e se dissolver nas brumas da onisciência.

Na imprensa parisiense: *Éditions Lafitte, Le Journal* e outros

Na publicação da primeira coletânea, *Arsène Lupin, o ladrão de casaca*, Leblanc altera a sequência dos últimos quatro contos, com destaque para a antecipação de “O sete de copas” e para o avanço de “Herlock Sholmès chega tarde”, que é colocado estrategicamente no final. O primeiro movimento favorece a caracterização menos tardia do narrador e confidente, colocando-a logo após a apresentação da origem criminosa do protagonista, quando se aprofunda a personalidade do menino Raoul e do jovem Arsène Lupin, disfarçado de cavalheiro Floriani, em “O colar da rainha”. O segundo prepara o leitor para as aventuras do livro seguinte: *Arsène Lupin contra Herlock Sholmès*, em que o bem-humorado ladrão de casaca enfrenta, por mais duas vezes, o circunspecto e antipático detetive Herlock Sholmès, em vez de um excêntrico e carismático Sherlock Holmes. Essa segunda coletânea é constituída pelas duas histórias intercaladas pelo episódio “O sete de copas” na *Je Sais Tout*: “A dama loura” e a “A lâmpada judaica”, que recebem algumas modificações, especialmente nos epílogos. Em ambas, Leblanc intensifica a rivalidade entre o famoso detetive inglês e o ladrão nacional francês. Como última narrativa na revista mensal, aparecem os sete capítulos de *A agulha oca* com uma breve participação de Herlock Sholmès ao final do romance. A terceira coletânea também apresenta pequenas alterações em relação ao original.



Uma das primeiras edições de *Les trois crimes d'Arsene Lupin*, pela Éditions Pierre Lafitte, 1910

Em 1910, a série policial estreia no diário *Le Journal* com “813: a dupla história de Arsène Lupin”, seguida da publicação de “Os três crimes de Arsène Lupin”, as quais compõem a primeira e a segunda parte do mesmo romance. Essa quarta coletânea é considerada a obra mais sombria de Leblanc, pois apresenta em seu enredo três mortes violentas, a grande ambição do vilão Arsène Lupin em conquistar a Europa e o inimigo poderoso e invisível L.M. Nesse contexto, não é difícil ao leitor associar o protagonista à figura de Napoleão, já referida em outros momentos em função das alusões históricas a pretexto da rivalidade com a Inglaterra. Porém, desde o “O sete de copas”, também um caso de espionagem, outra nação rival, a Alemanha, insinua-se em meios aos planos do vilão francês, ganhando significado especial durante a Primeira Guerra Mundial, o que, inclusive, leva Leblanc a realizar modificações na reedição de *813*, em 1917.

As histórias dessa quarta coletânea, cheias de reviravoltas, costumam ser comparadas às narrativas de Agatha Christie. Nesse sentido, antecipa em solo francês alguns elementos de ruptura com a tradição literária policial inglesa, perpetrados pela dama do crime. Esta autora sucessivamente desconstrói em suas histórias policiais os rígidos parâmetros da literatura de enigma, tais como: a) é preciso ter um assassinato; b) o assassino é uma pessoa apenas; c) ele não pode ser o detetive, nem o narrador; d) o detetive não deve ser da polícia; e) o narrador não pode falsear pistas impedindo sua reinterpretação pelo leitor; f) a intuição pode colaborar, mas a solução do mistério deve atender à lógica dedutiva, científica e até

mesmo positivista; dentre outros. A não observância dessas características permite compreender o caminho marginal da proposta de Leblanc e a diferenciação da sua proposta em relação ao gênero policial inglês. Torna-se evidente que a divergência não trata apenas da “profissão” do protagonista, mas dos recursos usados na decifração do enigma e da maneira de os narrar, deixando ver o confronto entre a fleuma e a impassividade inglesas diante da verve e vivacidade francesas.

Apesar do grande sucesso de público obtido, já nas primeiras publicações, com as aventuras de Arsène Lupin, Maurice Leblanc não teve o reconhecimento da crítica, que, à época, considerava as obras policiais uma subliteratura voltada ao entretenimento e sem maiores pretensões. Esse fato frustrou as expectativas do escritor, que havia, até 1905, se dedicado a produzir uma literatura em conformidade com a tradição literária francesa, inspirado em dois autores normandos da sua região natal, Gustave Flaubert e Guy de Maupassant, mas também nas últimas correntes do realismo francês. São obras desse período, tendo algumas recebido boa acolhida dos críticos: *Des Couples* (Os casais), romance de 1890, dedicado ao mestre Maupassant; *Une Femme* (Uma mulher), romance de 1893, que chegou a ser comparado a Flaubert; *Contes du Gil Blas* (Contos de *Gil Blas*), coletânea apreciada de narrativas curtas e publicadas no periódico homônimo entre 1892 a 1904; e *L'Enthousiasme* (O entusiasmo), romance autobiográfico de 1901. Com a persistência do impasse autoral entre alta e baixa literaturas, Leblanc parece querer se livrar de Arsène Lupin já em *813*, mas o personagem apenas simula a sua morte e chega ao Marrocos alistado na Legião Estrangeira, com sua fama de exército de mercenários e criminosos. Todavia, o criador mata a criatura mais tarde, em outras narrativas, mas a ressuscita em seguida, assim como Doyle, para se dedicar aos seus romances históricos, também o fez ao seu detetive Sherlock Holmes, juntamente com o vilão James Moriarty, em “O problema final”, trazendo-o de volta à vida em “A aventura da casa vazia”, depois de oito anos de ausência do público, a pedido e sob protestos dos seus leitores.

Paralela à cronologia da obra policial de Leblanc que segue de 1905 até 1941, com uma publicação póstuma em 2012, existe a temporalidade da vida de Arsène Lupin. Ainda que não seja possível evitar algumas falhas de continuidade na reconstituição da historiografia do personagem, os aficionados procuram compreender sua trajetória no tempo, bem como a utilização dos diversos disfarces em diferentes episódios. O site *Tout Arsène Lupin* (2021) classifica o percurso do ladrão de casaca assim: a) a infância de Raoul, de 1874 a 1896; b) o período anarquista, de 1897 a 1914; c) o período patriota, de 1914 a 1919; d) o período burguês, de 1920 a 1929; e) a retratação de Arsène Lupin, de 1929 até 1941. A infância e o anarquismo estão relacionados ao período de paz da Belle Époque, depois da Guerra Franco-Prussiana, terminada em 1871, enquanto o período patriota é vivenciado durante a Primeira Guerra Mundial. Durante o momento burguês, o protagonista não deixa de agir conforme seu bom coração, roubando, mas evitando causar maiores danos ou mortes. Por sua vez, em 1933, durante o período da retratação do protagonista, Leblanc escreve o artigo “Qui est Arsène Lupin?”, para deleite do leitor.

Um nome e várias faces

O título do primeiro livro da série na versão francesa, que interferiu em passagens dos originais, era *Arsène Lupin Gentleman Cambrioleur*, assim mesmo, sem vírgula e sem hífen, ao menos na capa, como ainda se preserva em algumas edições. A tradução literal, *Arsène Lupin cavalheiro ladrão*, sugere que os nomes próprios do personagem se estendem pelos nomes comuns do epíteto, numa espécie de transformação dos substantivos e das substâncias, culminando com a revelação do disfarce cavalheiresco do ladrão. Essa metamorfose dos elementos é acentuada pelo fato de, em francês, “Arsène” ser sinônimo de “arsênio” ou “arsênico”, um veneno e remédio na farmacologia, e de “Lupin” designar “tremoço”, uma haste florida, cujas sementes são uma espécie de feijão e a base de certos pratos da culinária, o que promove a contaminação dos nomes próprios por seus significados comuns. Em português, teríamos algo como “Arsênio Tremoço” se articulando com “cavalheiro ladrão” à maneira de uma dobradiça principal. Já os substantivos próprios e comuns se desdobram em palavras com características aparentemente opostas. O conjunto mostra a capacidade de o personagem apresentar as faces mais diversas ao público-leitor, conforme são articuladas suas peripécias e construídos seus disfarces, como nessas descrições camaleônicas no primeiro conto:

Arsène Lupin, o homem de mil disfarces: já foi motorista, tenor, bookmaker, herdeiro de boa família, adolescente, velho, vendedor de Marselha, médico russo, toureiro espanhol! (LEBLANC, 2021, p. 19)



Descrevê-lo? Como eu poderia? Vi Arsène Lupin vinte vezes, e vinte vezes um ser diferente apareceu para mim... ou melhor, o mesmo ser do qual vinte espelhos teriam me devolvido muitas imagens distorcidas, cada uma com seus olhos particulares, seu formato especial de corpo, seus gestos próprios, sua silhueta e seu caráter. (LEBLANC, 2021, p. 35)

Esse aspecto multifacetário de Arsène Lupin é observável também quando se considera as duas pessoas reais e contemporâneas a Leblanc, nas quais o autor se inspirou para construir a personalidade do seu protagonista: o ladrão Alexandre Jacob, mais conhecido como Marius Jacob, e o cavalheiro Arsène Lopin. O primeiro era um anarquista ilegalista, nascido em uma família de trabalhadores de Marselha e considerado um criminoso habilidoso, inteligente e de bom humor, que costumava tratar bem suas vítimas. Seu julgamento chegou às manchetes dos jornais franceses em 1905. O segundo era um conselheiro municipal de Paris e reclamou do afrontoso uso de seu nome na ficção policial, o que levou Leblanc a mudar sutilmente a grafia de “Lopin” para “Lupin”, retrabalhando a sua complexa significação. O objetivo do escritor, que tinha simpatias para com o anarquismo, era ironizar a aristocracia francesa. Por isso, associou num mesmo personagem a imagem de uma autoridade, no caso um político tradicional de casaca, e a figura de um anarquista e criminoso. Todavia, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o anarquismo de Arsène Lupin

é substituído por um forte patriotismo, o que o aproxima das instituições legais. Depois do confronto armado, o protagonista também perde um pouco da criminalidade, tornando-se cada vez mais um colaborador da polícia.

Os modelos reais e ficcionais, contudo, não se limitam o ladrão Marius Jacob, ao cavalheiro Arsène Lopin, de certa forma ao jornalista Maurice Leblanc e ao famoso detetive inglês Sherlock Holmes. No que se refere a este último, é possível afirmar que Arsène Lupin não é uma cópia do original. Seria mais apropriado dizer que se trata de um simulacro, pois é cópia de outra cópia. Ainda que ele desenvolva o raciocínio lógico e dedutivo a partir de provas e pistas para desvendar o mistério à maneira do modelo original britânico, aproxima-se mais do cavalheiro e ladrão Arthur J. Raffles, um personagem parodiado de Sherlock Holmes e criado pelo escritor inglês E. W. Hornung, cunhado de Conan Doyle. Por meio desse artifício, Leblanc produz um distanciamento bem-humorado em relação ao modelo inicial. O procedimento funciona também como um jogo de espelhos bastante complexo, pois apresenta, propositadamente e, muitas vezes, bem à vista do leitor, diversos traços de outros escritores e seus personagens, os quais o autor não titubeia em falsear, citando e deturpando descaradamente os originais.

Esses rastros – ora estranhos para uns, ora familiares para outros – simulam na obra policial do autor francês o que ocorre em “A carta roubada”, publicada em 1844 pelo criador desse gênero, o estadunidense Edgar Allan Poe. Nesse conto, o objeto do furto é deixado exposto pelo ladrão e chantagista, com a finalidade de despistar o delegado de polícia, que busca com certa resistência a ajuda do detetive dileitante C. Auguste Dupin (C. de “Chevalier”, Cavaleiro da Legião de Honra da França). Ao final, o protagonista, cuja semelhança com o nome Lupin não é mera coincidência, identifica a correspondência no escritório do ministro criminoso, porque, por meio de seu método, é capaz de ler os sinais presentes na superfície do papel. Leblanc, em sua escrita, e Arsène Lupin, com seus disfarces, acentuam visivelmente o procedimento do vilão de “A carta roubada”, à medida que um e outro mostram outras faces para se ocultarem, mas também ocultam a própria para se mostrarem.

Nessa perspectiva, além de Poe e Dupin, Doyle e Holmes, Hornung e Raffles, outros autores e personagens da ficção policial e não policial surgem nas linhas do texto. Nesse sentido, a tradição crítica costuma remeter a várias fontes de inspiração. Da literatura folhetinesca francesa do século XIX, são mencionados literalmente pelo narrador de Leblanc em *Os dentes do tigre* (1920) o vaidoso Porthos e o inteligente D'Artagnan, dentre os três mosqueteiros de Alexandre Dumas, bem como o misterioso Monte Cristo do mesmo autor. De modo menos direto, devido às reviravoltas das histórias de Arsène Lupin, é comum aproximar esse protagonista do trapaceiro Rocambole, de Pierre-Alexis, o Visconde Ponson du Terrail. No contexto literário de meados do século XIX, o uso da repetição, do gancho e de outras técnicas já haviam conquistado sua importância. Isso ocorreu porque, a partir de 1836, os jornais, que passaram a ser vendidos de forma avulsa, começaram a angariar leitores por meio dos romances-folhetim publicados em fascículos. Essa influência desse mercado refletiu posteriormente na literatura policial, produzida em episódios para a imprensa. E tanto o editor da *Je Sais Tout*, Pierre Lafitte, quanto o

próprio Maurice Leblanc sabiam desses aspectos estratégicos de uma série romanesca.

A presença da literatura policial é percebida também por meio de autores franceses. Costuma-se citar o agente policial Monsieur Lecoq, um detetive analítico com raciocínio matemático e científico, criado por Émile Gaboriau. O personagem, inclusive, é tido como uma das inspirações do Sherlock Holmes de Conan Doyle, pois é mais vivaz e menos cerebral do que o Auguste Dupin de Edgar Allan Poe. Outro paradigma seria o repórter e dublê de detetive Rouletabille, de Gastoun Lerouv. Essa condição profissional coloca o personagem fora do círculo da polícia, conforme a preferência da literatura de enigma. Também pode ter servido de referência a Leblanc, se considerarmos que Arsène Lupin exerceu o jornalismo por algum tempo. Entretanto, um perfil ainda mais próximo do protagonista é aquele do ladrão cavalheiro Arthur Lebeau, criado por Octave Mirbeau, em *Os 21 dias de um neurastênico*, um romance que quebrava com a verossimilhança das narrativas realistas.

Existem outras possíveis referências literárias, como as *Memórias de Vidocq*, além de várias alusões à história da França nas narrativas policiais de Leblanc, que procura reescrever os acontecimentos nacionais do seu país (BIELECKI, 2014). Todavia, não se quer com essa enumeração fazer um levantamento de fonte e influência, até porque a criação literária se alimenta tanto da leitura dos livros quanto da leitura do mundo, procedendo a uma transfiguração dos elementos originais. Ao contrário, o objetivo é mostrar a capacidade de Leblanc em reelaborar suas leituras, ainda que o faça deixando ver, propositadamente, o conjunto multifacetado que compõe suas histórias policiais e a personalidade visível, volúvel e sedutora de Arsène Lupin. Nesse sentido, para se entender a produção literária de Maurice, são válidas as palavras do personagem-escritor de Rubem Fonseca ([1975] 1993, p. 174) em “Intestino grosso”, do livro *Feliz ano novo*:

Não estou dando conselhos. Mesmo porque o sujeito pode tentar escrever a Comédie humaine aplicando à sua ficção as leis da natureza ou a Metamorfose, rompendo essas mesmas leis, mas cedo ou tarde ele acabará escrevendo o seu livro, dele. Cedo ou tarde acabará sujando as mãos também, se persistir.

Se considerarmos a persistência do jovem escritor Maurice Leblanc na imprensa parisiense da Belle Époque, parece que em determinado momento ele sujou as mãos com Arsène Lupin e criou um personagem que o seguiria para o resto da vida, sempre lhe buscando para contar a última aventura. Desde então, sua escrita não abandonou a companhia dos mestres tutelares Flaubert e Maupassant, seus conhecidos da Normandia, nem deixou de ter a presença de autores contemporâneos, com os quais convivia no meio cultural da capital francesa, tampouco se esquivou das suas leituras dos folhetins de Dumas e Terrail, ainda que, por puro engenho e meio a contragosto, tenha se filiado a um novo gênero da literatura, o qual foi criado por Poe, um poeta estadunidense maldito, e elevado por Doyle a grande sucesso popular na Inglaterra, mas desvalorizado pela crítica.

Tradições e rupturas

Passado mais de um século, as narrativas policiais se popularizaram, ganhando as telas do cinema, os quadrinhos nas revistas, as séries nas TVs e nos streamings. As linhas mestras do gênero, muitas vezes, colocam a tradição francesa em segundo plano, dando destaque às tradições inglesa e norte-americana. Para a maioria dos teóricos, a partir dos três contos inaugurais de Poe, “Os assassinatos na Rue Morgue” (1841), “O mistério de Marie Rogêt” (1842) e “A carta roubada” (1844), surgiram as duas principais variantes do gênero: a literatura de enigma e a literatura *noir*. A primeira é visível nos três textos seminais, enquanto a segunda estaria presente apenas potencialmente. Essa última seria desenvolvida pelo estadunidense Dashiell Hammett, que criaria uma tradição dentro do gênero policial a partir da publicação de *O falcão maltês* (1930).

A diferença básica é que na literatura de enigma ocorre um crime, e o detetive busca reconstituir os fatos, de maneira lógica, dedutiva e científica, o que valoriza o respeito à verossimilhança e coloca o detetive praticamente invulnerável. Como se observa, tem-se duas histórias: a do assassinato, oculta; e a da investigação, visível. Na literatura *noir*, o importante é o desenrolar dos acontecimentos no presente da narrativa, seja o planejamento da ação criminosa, o próprio crime ou a investigação, o que torna as cenas mais violentas e deixa o detetive vulnerável. Uma das grandes vantagens da linha estadunidense é que o detetive se torna um personagem mais complexo do que aqueles da literatura de enigma. Ele, inclusive, pode assumir o lugar de suspeito da polícia, de próxima vítima e até mesmo de vilão.

Ora, se considerarmos os ladrões franceses do gênero policial, em especial Arsène Lupin, já possuíamos um protagonista mais aberto à complexidade humana, pois trazia consigo o raciocínio lógico menos rígido, a vulnerabilidade, a condição de procurado da polícia, a possibilidade de ser atacado por outro criminoso e, também, o charme sedutor em relação às mulheres, bem como a inviabilidade do aprofundamento do relacionamento amoroso, à semelhança da literatura *noir*. Além disso, a dupla história da literatura de enigma é muitas vezes atenuada pela condição de vilão de Arsène Lupin, mostrando ao leitor ações como planejamentos de crime e fugas espetaculares. Parece que a única característica evitada por Maurice Leblanc é a violência. Todavia, a ausência desse elemento não o impediu de popularizar o protagonismo do vilão no gênero policial, afirmando o sentido próprio da tradição francesa.

Referências

- BIELECKI, Emma. Arsène Lupin: rewriting history. In: KIMYONGÜR, Angela; WIGELSWORTH, Amy (Org.). *Rewriting wrongs: French crime fiction and the palimpsest*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2014, p. 47-61.
- FONSECA, Rubem. *Feliz ano novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- LEBLANC, Maurice. Trad. Débora Isidoro. *Arsène Lupin, o ladrão de casaca*. Barueri: Novo Século, 2021.
- LEBLANC, Maurice. *La Demoiselle Aux Yeux Verts*. Paris: Ink Book, 2013.
- TOUT *Arsène Lupin*. Disponível em: <http://arsenelupingc.free.fr/>. Acesso em: 6 mar. 2021.

EDITOR: Luiz Vasconcelos

EDIÇÃO DE TEXTO E DE ARTE: Nair Ferraz

ILUSTRAÇÕES (P. 23): Kash Fire

CRÉDITOS DE IMAGENS (P. 12 E 18): gallica.bnf.fr / Biblioteca Nacional da França

REVISÃO: João Paulo Putini

As ilustrações que compõem este box foram produzidas por **Kash Fyre** – ilustrador, designer gráfico, quadrinista e publicitário paulista que, baseando-se em técnicas de alto contraste e minimalismo, dá uma atmosfera de dualidade, mistério para esse projeto, com um toque especial do surrealismo de Escher.

Compartilhando propósitos e conectando pessoas

Visite nosso site e fique por dentro dos nossos lançamentos:

www.gruponovoseculo.com.br

oInco
séc
ovo

 [facebook/novoseculoeditora](https://facebook.com/novoseculoeditora)

 [@novoseculoeditora](https://www.instagram.com/novoseculoeditora)

 [@NovoSeculo](https://twitter.com/NovoSeculo)

 [novo século editora](https://www.youtube.com/novo_sculo_editora)

gruponovoseculo.com.br

ns

O DONO DO TEMPO

PARTE I



RENATA VENTURA

A ARMA ESCARLATE
LIVRO 3

O Dono do Tempo

Ventura, Renata

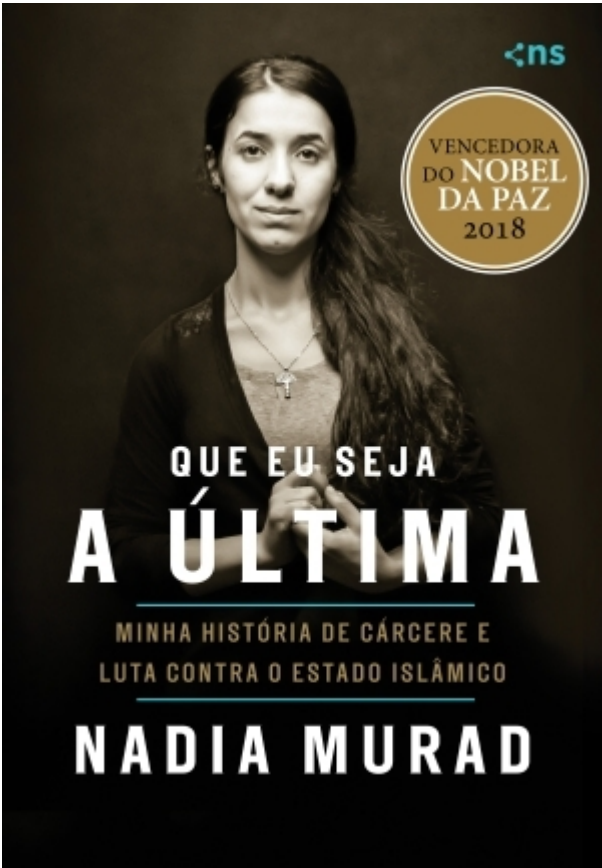
9788542815726

512 páginas

[Compre agora e leia](#)

Palavras têm poder. Elas podem reerguer uma pessoa ou atingi-la com a força de mil feitiços. Em seu terceiro ano como bruxo, Hugo terá de aprender, de uma vez por todas, que sua varinha vermelha não é sua maior arma, nem a que mais machuca. Após um dos anos mais conturbados na história da comunidade bruxa brasileira, 1999 começa derrubando a porta com todos os cruéis efeitos do ano anterior, e enquanto um dos amigos de Hugo lida com as duras consequências do heroísmo de seus atos, outro precisará muito de sua ajuda. Alguém a quem Hugo feriu mais do que a todos, com suas palavras irrefletidas. Movido pelo remorso e pelo profundo desejo de salvar alguém que tanto admira, Hugo terá de fazer uma perigosa jornada pelo interior da gigantesca floresta amazônica, numa corrida contra o tempo para consertar o inconsertável, porque, como diz a inscrição em tantos relógios antigos pelo mundo... Todas as horas ferem. A última mata. "Hugo tem um potencial tão grande para se tornar uma pessoa boa, que nós comemoramos sempre que ele acerta e nos entristecemos toda vez que ele falha, tornando-o muito real para nós." "The Guardian" "Uma história fascinante! A riqueza, a trama, o desfecho... Eu quase tive um ataque!" Caco Cardassi, canal Caldeirão Furado "Um dos livros mais corajosos e importantes que já li. Se eu já tinha 'A Arma Escarlate' e 'A Comissão Chapeleira' como meus livros favoritos, eles ganharam um peso ainda maior com 'O Dono do Tempo'. É uma saga que todos deveriam ter como livros de cabeceira." David Ernando, "Paralelismo"

[Compre agora e leia](#)

The book cover features a portrait of Nadia Murad, a woman with long dark hair, wearing a dark cardigan over a light-colored top and a necklace with a cross pendant. Her hands are clasped in front of her. The background is dark. In the top right corner, there is a teal logo with the letters 'ns'. Below it is a gold circular seal with text. The title 'QUE EU SEJA A ÚLTIMA' is in large white letters, with 'A ÚLTIMA' being significantly larger. Below the title is a subtitle in smaller white letters. At the bottom, the author's name 'NADIA MURAD' is in large white letters.

ns

VENCEDORA
DO NOBEL
DA PAZ
2018

QUE EU SEJA
A ÚLTIMA

MINHA HISTÓRIA DE CÁRCERE E
LUTA CONTRA O ESTADO ISLÂMICO

NADIA MURAD

Que eu seja a última

Murad, Nadia

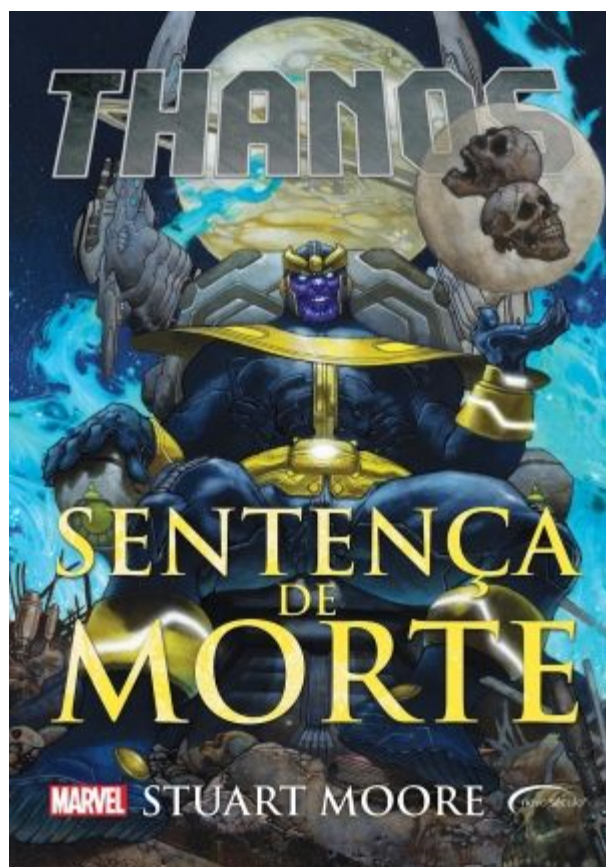
9788542815689

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nestas intimistas memórias de sobrevivência, uma ex-prisioneira do Estado Islâmico conta a sua angustiante, mas inspiradora história. Em 15 de agosto de 2014, quando Nadia tinha apenas 21 anos de idade, sua vida terminou. Os terroristas do Estado Islâmico massacraram o povo de sua aldeia, executando os homens que se recusaram a se converter ao Islã, e as senhoras idosas demais para se tornarem escravas sexuais. Seis dos irmãos de Nadia foram mortos, e pouco depois, também a sua mãe. Os corpos foram jogados em valas comuns. Nadia foi transportada à força a Mossul e, junto com milhares de outras moças iazidis, vendida como escrava pelo Estado Islâmico. Nadia fora mantida em cativeiro por vários terroristas, e passou a ser continuamente estuprada e espancada. Contudo, ela conseguiu fugir pelas ruas de Mossul, encontrando guarida no lar de uma família muçulmana sunita, cujo filho mais velho arriscou a vida para contrabandeá-la a um local seguro. Hoje, a história de Nadia — como testemunha das atrocidades do Estado Islâmico, sobrevivente de estupro, refugiada, iazidi — forçou o mundo a prestar atenção ao genocídio em andamento no Iraque. É um chamado à ação, um testemunho à vontade humana de sobreviver e uma carta de amor a um país perdido, uma comunidade frágil e uma família destruída pela guerra.

[Compre agora e leia](#)



THANOS

MOORE ,STUART

9788542813920

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

UM ROMANCE INÉDITO ESTRELANDO O MAIOR VILÃO DA MARVEL!É uma luta antiga: Thanos conquista as Joias do Infinito, Thanos perde as Joias do Infinito. O mundo é, então, reconstruído. Desta vez, no entanto, a Morte perdeu a paciência com o poderoso Titã Louco. É hora de mudança.A Morte está cansada de esperar. Essa incessante busca de Thanos pelas Joias do Infinito sempre o definiu. Mas quando os heróis da Marvel o derrotam mais uma vez, a Morte, amada de Thanos, concede-lhe uma última chance. Desprovido de seus poderes e de sua velha pele, Thanos embarca num itinerário cósmico para reafirmar seu poder sobre si mesmo e sobre o Multiverso. "Thanos: Sentença de morte" é uma história original que explora os aspectos mais profundos de um dos personagens mais poderosos do Universo Marvel. Thanos tem em suas mãos a chance de se tornar algo completamente diferente. Ele manterá suas ilusões de grandeza, ou seria este um novo caminho para um deus perdido? Confira neste 19º livro da Série Marvel, trazida a você com exclusividade pela Novo Século.

[Compre agora e leia](#)

MAURICE
LEBLANC

Arsène Lupin

o ladrão de casaca

↵ns



Arsène Lupin: o ladrão de casaca

Leblanc, Maurice

9786555612523

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste primeiro livro de uma série de aventuras, conhecemos Arsène Lupin, o ladrão astuto e elegante que encantou milhares de entusiastas da literatura policial. Desde sua primeira aparição no periódico Je Sais Tout, em 1905, com o conto "A prisão de Arsène Lupin", sua personalidade irreverente se firmou, cativando gerações de leitores. Nos primeiros episódios, Leblanc mantém a todos em suspense com histórias autônomas, mas interligadas entre si pela prisão de Lupin, que, com suas notáveis habilidades, não cansa de zombar da polícia e do inspetor Ganimard. Logo em seguida, inesperadas aventuras, que se desenrolam em momentos diversos da vida de Lupin, como o roubo de um lendário colar da rainha e o assalto a um cofre-forte, guardam enigmas cada vez mais complexos, capazes de despertar a todo instante a curiosidade do leitor. Prepare-se para ser trapaceado por Arsène Lupin!

[Compre agora e leia](#)

Edgar
Allan
Poe

Auguste
DUPIN

O primeiro
detetive

ns

Auguste Dupin

Poe, Edgar Allan

9788542816235

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

UMA EDIÇÃO DE LUXO DA OBRA QUE INSPIROU SHERLOCK HOLMES, AGATHA CHRISTIE E OS DETETIVES MODERNOS Décadas antes do icônico Sherlock Holmes fascinar os leitores com sua astúcia e inteligência, Edgar Allan Poe – a mente por trás de grandes obras da literatura mundial, bem como da gênese do conto da maneira que conhecemos – escreveu "Os assassinatos da Rua Morgue". Nesse conto, somos apresentados ao peculiar monsieur C. Auguste Dupin, criminologista notável por sua inteligência durante a investigação de misteriosos casos de assassinato. E é claro que Poe estava, mais uma vez, fazendo história: Dupin foi o primeiro detetive da literatura, naquela que é considerada a primeira história do gênero a ser publicada. O trabalho do autor foi responsável por influenciar não só a criação de Arthur Conan Doyle como toda história policial, desde aquelas escritas no século 19 até as que são lançadas atualmente. Agora, esse legado ganha um tributo nesta edição, que reúne "Os assassinatos da Rua Morgue", "O mistério de Marie Rogêt" e "A carta furtada", ou seja, a trilogia completa protagonizada pelo detetive de Poe – Auguste Dupin, o primeiro detetive.

[Compre agora e leia](#)